



minha pequena Mulher

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON
KEL COSTA



minha
pequena
Mulher

KEL COSTA

Copyright © 2020 Kel Costa

Capa: Dri Harada

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

1ª edição - 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Arthur Salazar é um advogado quarentão que leva seu trabalho muito a sério, vive quase exclusivamente para isso e não dedica muito tempo da sua vida para relacionamentos amorosos. Alguém que gosta de ouvir música enquanto toma um vinho na tranquilidade de seu apartamento. Um homem de coração enorme, marcado por uma perda que jamais vai esquecer.

Marina Leão é órfã e irmã caçula do melhor amigo de Arthur, que morreu num acidente de carro e virou o mundo deles de cabeça para baixo. Ela era a "garotinha dos olhos" dos dois, a princesa do trio, por quem eles dariam a própria vida. Quando Felipe morreu, o advogado não viu outra solução a não ser deixar a pré-adolescente ir morar com a tia no Rio de Janeiro, mas alguns anos depois, quando ela se torna maior de idade e começa a demonstrar atitudes que ele desaprova, Arthur percebe que a decisão de afastá-la não foi a melhor.

Os dois não poderiam ser mais diferentes. Ele, recluso, sério, fechado. Um homem perspicaz, de convicções firmes, sócio de uma das maiores firmas de advocacia de São Paulo. Ela, jovem demais, frequentadora dos bailes

funks do Rio de Janeiro, digital influencer e amante da exposição de imagem.

Voltando atrás na decisão de mantê-la afastada, Arthur traz Marina de volta para ser criada sob seus cuidados. Ela tenta ignorar seu coração, mas a proximidade entre eles e a reconquista da intimidade torna a convivência pacífica extremamente difícil. O homem durão que lida facilmente com criminosos todos os dias está prestes a sofrer nas mãos de uma morena que sabe bem os poderes que possui.

Conteúdo para maiores de 18 anos, pois possui cenas eróticas.

A história aborda temas como bulimia e transtornos alimentares, podendo acionar gatilhos em pessoas sensíveis ao assunto.



Capítulo 1

Arthur
2016

Tomei o restante da dose de uísque enquanto observava sem nenhum traço de empolgação a loira de cabelos cacheados tirar o sutiã e jogar na direção de um grupo de jovens que deviam gastar mais tempo batendo punheta do que respirando. Baixei a cabeça, cansado, sentindo o efeito leve da bebida que apenas degustei e me levantei de uma vez por todas. Eu nem sabia por que tinha ido ali. Não era o momento.

Fechei o botão do paletó e me dirigi à saída daquele inferninho de luxo. Não sabia o que faria com ele, nem o queria. Não agora. A *Caixa Preta* era projeto do Felipe, não meu. Minha participação sempre foi somente financeira e, claro, desfrutava do espaço quando sentia vontade. Agora eu precisava pensar em Marina, era isso que devia estar fazendo e não olhando os peitos de uma dançarina qualquer. Nina era o único traço que restara de Felipe, de qualquer Leão na minha vida, e eu faria tudo por ela.

Assim que entrei no carro, conferi o aplicativo no celular para me certificar de que não havia nenhuma *blitz* pelo caminho, pois não podia correr o risco de ser parado para assoprar o bafômetro. Joguei o aparelho no banco ao lado e pressionei o botão de partida, dirigindo com pressa para o Itaim Bibi. Entrei no edifício onde já era bastante conhecido e usei minha chave para abrir a porta, algo que eu provavelmente faria pela última vez. Nossa amizade e parceria era assim, Felipe e eu tínhamos passe livre na vida um do outro porque éramos como irmãos, mesmo que não dividíssemos o mesmo sangue.

— Quem é? — Ouvi Marta gritar assim que fechei a porta e ela saiu da cozinha.

A senhora de cinquenta e cinco anos era tia da Marina e do Felipe e tinha vindo para São Paulo por conta de tudo que aconteceu. Ela deu um sorriso triste ao me ver e eu me aproximei, abraçando-a e beijando sua cabeça.

— Onde ela está? — perguntei, recebendo como resposta um dedo apontado indicando o corredor. — Vou dar uma palavrinha com ela. Vocês duas jantaram?

— Fiz uma salada e um franguinho, mas a Nina nem tocou na comida, Arthurzinho. — Marta suspirou com os ombros caídos. — Eu nunca a vi tão triste. Nem... antes.

Arthurzinho. Eu tinha quase quarenta anos, possuía o dobro da altura dela, mas sempre era chamado desse jeito

pelas pessoas mais velhas que me conheciam há algum tempo. Achava engraçado e fofo, não me importava.

Assenti para Marta, preocupado, porque sabia o quanto estava sendo doloroso para Marina. Se eu me sentia como se tivessem arrancado parte de mim, ela com certeza estava pior; Felipe era seu mundo.

— Vou falar com ela.

A tia ficou cabisbaixa, provavelmente se sentindo impotente por não poder fazer nada para mudar a situação e eu entendia bem desse sentimento.

Caminhei pelo corredor estreito do apartamento e parei diante da segunda porta. Não estava fechada, apenas encostada, então só precisei empurrar um pouco para olhar seu interior. O quarto de Marina era todo rosa, bem de menininha, como ela amava. Quando os dois irmãos se mudaram para cá, ele se apertou financeiramente para poder criar o mundo perfeito e encantado que ela queria.

Esfreguei o rosto para evitar me emocionar e bati na madeira para avisar que estava ali. Encontrei Marina deitada de bruços na cama com almofadas de pelúcia rosa, vestida com seu pijama de unicórnio, também de pelúcia, com o ar condicionado potente ligado.

— Nina... — chamei ao me sentar na beira do colchão e pousar a mão em suas costas.

Ela não respondeu, apenas virou o rosto de lado e me encarou. Meu coração se despedaçou ao ver os olhos castanhos intensos, inchados, o olhar de esgotamento.

No segundo seguinte o corpo de um metro e sessenta estava grudado e encolhido junto ao meu, com seus braços felpudos agarrados à minha cintura e os enormes cabelos espalhados em meu peito.

— Não chore, Uni... Vai ficar tudo bem.

Nem eu mesmo acreditei naquela minha promessa. Marina tinha acabado de perder o irmão, a pessoa que ela mais amava no mundo, e só tinha quinze anos.

— Ele não pode ter ido embora, príncipe. — Ela soluçou. — O Lipe prometeu que nunca me abandonaria.

— Felipe não a abandonou, ele estará para sempre ao seu lado. — Alisei seu cabelo, sentindo seu corpo tremer com o choro. — A diferença é que você não vai vê-lo mais. Eu sei que dói, Nina, mas você precisa ser forte.

Ela levantou a cabeça e me soltou para poder enxugar o rosto inundado pelas lágrimas. Ajudei, passando meu polegar por um dos seus olhos enquanto Marina fungava e tentava controlar o choro.

— Não quero ser forte.

— Mas precisa — insisti. — Eu sempre estarei aqui para você. Sabe disso, não é? Independente da distância, quero que me ligue a qualquer hora se precisar de mim.

— Eu não quero ir. Não me deixa ir, príncipe. Por favor... — Seus dedos finos agarraram a lapela do meu paletó quando me olhou com desespero. — Não quero perder você também.

Não era difícil apenas para ela. Eu também estava sentindo. Pra caralho. Felipe Leão era o melhor amigo que tive na vida, desde os meus dez anos, quando meu pai faleceu e eu me mudei com minha avó para o Rio das Pedras, uma comunidade do Rio de Janeiro. Tínhamos a mesma idade e não havia nada que fizéssemos separados.

Felipe e eu crescemos juntos como irmãos e quando ele não dormia na minha casa, eu dormia na casa dele. Estudávamos no mesmo colégio, na mesma turma. Nossas casas eram coladas muro com muro e nossas famílias se davam bem. No caso, minha avó era muito querida em toda a comunidade e os pais de Felipe eram pessoas incríveis.

O único momento em que nos separamos, foi depois de nos formarmos no colégio. Eu parei minha vida e mergulhei nos estudos durante quase um ano, até conseguir aprovação numa faculdade federal no curso de Direito. Felipe não quis ir para a universidade. Ele era muito bonito e exótico, adorava cuidar do corpo e se exhibir, então começou a modelar.

Marina nasceu quando tínhamos vinte e um anos e pegou todos nós de surpresa. Os pais dele, que tiveram Felipe ainda muito novos, estavam felizes por embarcarem naquela aventura toda de novo e meu amigo estava radiante por ter uma irmã. Nina foi mimada, amada, criada como a princesinha da família.

Com a dificuldade financeira sempre à espreita e tendo que me virar para dar conta das necessidades de uma faculdade, eu me formei e dei a sorte de ser indicado por um professor para trabalhar na firma de um amigo dele. Com o passar do tempo, consegui tomar as rédeas da minha vida, equilibrar as coisas em casa e economizar o possível. Ganhei experiência, clientes, e fiz meu nome na cidade.

Depois de um certo tempo, deixei a comunidade para trás e me mudei com minha avó para o bairro de Botafogo. Dois anos depois, os pais de Felipe e Marina foram assassinados durante um assalto a carro. Era o primeiro automóvel deles, que conseguiram comprar com muito esforço, e numa noite em que voltavam de uma festa, dois assaltantes os abordaram numa saída da Linha Amarela. Uma situação rotineira no Rio de Janeiro.

Eles tinham uma tia por parte de mãe que morava na comunidade e não era muito próxima da família, sequer tinha condições de se sustentar, quem dirá colocar mais

duas bocas para dentro de casa. Felipe não ganhava com seus bicos como modelo o suficiente para dar conta de morar sozinho com Marina, portanto, eu os levei para meu lar, um apartamento de dois quartos, onde a menina dividia a cama com minha avó e Felipe dormia no sofá.

Não foi um período fácil na nossa vida. Felipe precisou desistir da carreira que não dava retorno e arranhou emprego de vendedor em um *shopping*, enquanto Marina ajudava minha avó a fazer salgadinhos para vender quando chegava da escola. Eu tinha trinta anos quando minha avó faleceu por pneumonia. Foi um baque na minha vida, uma perda que não esperei, pois ela se foi com setenta e seis anos. Quem me segurou foram Felipe e Marina, que não permitiram que eu afundasse numa depressão e me mostraram que também eram minha família.

Dois anos depois, eu estava numa posição privilegiada em minha carreira. Ganhei certo *status* na área de crimes de colarinho branco por ser muito bom no que fazia. Pude me mudar mais uma vez, levando a nós três para um apartamento maior no Flamengo. Até que recebi um convite de uma das maiores firmas com atuação em Direito Criminal no Brasil e aceitei o emprego em São Paulo. Felipe e Mari vieram comigo e até que ele conseguisse dinheiro para custear uma vida com sua irmã,

os dois continuaram morando em minha casa. Eu não tinha primos, tios, nenhum parente vivo, aqueles dois eram a família que construí com o tempo, e com a morte de Felipe, ela tinha se tornado a pessoa mais importante da minha vida.

— Nina... Não posso ficar com você.

Ela bateu com força em meu peito e se levantou da cama com fúria, virando-se e apontando o dedo para mim.

— Pode sim! Não minta! — choramingou. — Você é Arthur Bittencourt Salazar.

— É só um nome, Marina.

Ela soluçou alto e se jogou aos meus pés, agarrando minhas pernas e levantando o rosto.

— Por favor, príncipe.

— Você é menor de idade, Nina. Sinto muito, estou de mãos atadas, sua tia é sua guardiã legal.

Não era só isso. Claro que eu podia me esforçar, mexer na papelada, conversar com Marta e manter Marina sob meus cuidados aqui em São Paulo. Eu amava Marina, sempre me senti muito responsável por ela, mas seria egoísmo mantê-la comigo. Minha vida era agitada, meu trabalho me consumia muito, e eu simplesmente não tinha tempo para criar uma adolescente. Provavelmente, sequer tinha maturidade para isso, era muito mais

responsabilidade do que eu jamais tive. No Rio, ela teria a tia e os primos, por mais que não fossem muito próximos.

O olhar de pura mágoa que ela me lançou doeu quase tanto quanto perder meu grande amigo. Marina se sentou no tapete e baixou a cabeça, fazendo o quarto cair em silêncio. Eu me inclinei e segurei seu rosto para obrigá-la a me olhar, mas pude notar o quanto a estava decepcionando.

— Não vou desaparecer da sua vida, Uni — falei. — Vamos passar os Natais juntos, posso ir a qualquer momento lá e você pode passar as férias aqui. Temos celulares, vou continuar recebendo todos os memes que você envia.

— Não quero voltar para o Rio.

— É provisório, sabe disso. Quando crescer e quiser retornar à São Paulo, eu estarei esperando.

Marina ergueu os olhos na direção do teto e ficou desse jeito até conseguir controlar as lágrimas. Então, secou o rosto e se levantou, voltando a se sentar e puxando uma almofada para o colo.

— Marta disse que você não jantou. Pode fazer isso por mim?

Ela me olhou com uma expressão de enjoo.

— Não consigo.

— Coma alguma fruta pelo menos — pedi. — Você precisa se alimentar.

— Me leva então no McDonalds. — Ela adorava se entupir de *fastfood*. — Eu comeria um sanduíche.

Assenti, me levantando e dando a mão para ela. Sabia que Marina era perfeitamente capaz de sair de casa vestida de unicórnio, então nem me dei ao trabalho de esperar que trocasse de roupa. Avisei Marta que a levaria para comer alguma coisa e esperei por ela no corredor do prédio.

Nina não fez questão de disfarçar as olheiras que estampavam seu rosto e eu acreditava que minha cara não estivesse tão diferente. Felipe falecera num acidente de moto há nove dias e não havia um sequer que eu não tivesse chorado.

— O cheiro dele *tá* aqui — disse ela enquanto colocava o cinto no banco do carona e me fazia arrepiar. — O perfume dele...

— Tem uma camisa dele ali atrás.

Ela se virou no mesmo instante e se esticou sobre o apoio de braço central até que conseguiu puxar a roupa e a levou ao rosto. Felipe tinha trocado de camisa no meu carro um dia antes do acidente ao pegar carona comigo para irmos até a *Caixa Preta*.

Ao perceber que ela estava prestes a iniciar o choro mais uma vez, puxei rápido a peça de roupa e a joguei para trás, atraindo seu olhar fulminante.

— Já pensou no que vai pedir? — mudei de assunto.

— Não vou acompanhá-la, quero apenas um *sundae*.

— Eu escolho na hora.

Concordei e dirigi o restante do percurso em silêncio, notando que ela não estava tão disposta a conversar. Marina passou o tempo todo com a cabeça encostada no vidro da janela, os olhos observadores mirando o exterior.

Quando chegamos, parei o carro no estacionamento e peguei minha carteira. Ia perguntar o que queria que eu comprasse, mas Marina abriu a porta e desceu antes de mim. Não me surpreendia ela caminhar a passos firmes para o interior do restaurante, vestida de unicórnio colorido, o capuz de orelhas rosas e um enorme chifre cobrindo a cabeça.

Eu a segui para dentro e ignorei os olhares curiosos sobre nós, ou melhor, sobre ela. Paramos na fila para fazer o pedido e não consegui prestar atenção ao que me dizia, pois dois moleques não tiravam os olhos de cima da garota. Respirei fundo para me controlar, porque ficava puto quando isso acontecia. Marina chamava atenção, tinha um rosto bonito demais e um jeitinho charmoso, mas

porra! A garota estava dentro de um pijama largo de pelúcia. Qual era o problema daqueles dois idiotas?

— Príncipe! — ela me chamou alto demais, atraindo mais olhares. Um unicórnio me chamando daquele jeito.

— O quê? — perguntei, chegando ao caixa e abrindo a carteira. — Escolheu?

Ela arregalou aqueles olhos escuros e os revirou de forma pedante antes de se direcionar ao funcionário do caixa e listar seu pedido. Enquanto isso, eu observava os moleques pelo espelho da pilastra ao meu lado. Eles estavam secando a bunda de Marina. Cruzei os braços e me virei na direção deles, encarando-os de um jeito que eu sabia que o aviso estava sendo dado.

— O que você *tá* fazendo? — perguntou ela, sussurrando, mas logo cutucou meu braço. — Príncipe, qual *sundae* você vai querer?

— Não quero nada.

— Mas você tinha...

— Nada, Marina — eu a interrompi.

Utilizei minha visão periférica para entregar meu cartão de crédito ao funcionário e deixei que ela digitasse a senha que já havia decorado.

Os moleques riram quando perceberam que estavam sendo afrontados e cogitei ir até a mesa deles, mas Marina me puxou pelo paletó e beliscou minha mão.

— Quer parar de nos fazer passar vergonha? — pediu baixinho. — Você meio que está parecendo um lunático.

Nós andamos para o lado e paramos no balcão de espera para retirar os pedidos. Lancei um olhar para ela, que tinha as bochechas vermelhas e puxava ainda mais o capuz sobre a cabeça.

— Estou só resolvendo um problema.

— Fingindo que quer arrancar as tripas daqueles garotos? — Sorri, porque eu poderia facilmente fazer aquilo. — Não é nada que eu já não esteja acostumada.

Aumentei meu sorriso propositalmente para fazer jus ao lunático que ela tinha acabado de me chamar e me inclinei, aproximando meu rosto do unicórnio envergonhado.

— Penso que quanto mais louco e desequilibrado eu parecer, mais rápido vou espantar esses moleques. — Toquei a ponta do nariz arrebitado. — É um desrespeito. Eu poderia ser seu pai e eles estavam olhando como se você fosse um pedaço de carne.

— Não poderia não!

Ela fez cara de nojo e pegou o pacote com o pedido, abraçando-o e marchando na minha frente rumo ao estacionamento.

— Claro que poderia, Marina — falei, seguindo-a e dando mais uma encarada nos moleques antes de sair. — Sou vinte e um anos mais velho, querida. Tem um monte de garoto por aí sendo pai aos quinze anos, muito antes de mim.

Destravei o carro quando Marina se aproximou e ela virou o rosto para trás, parando de andar.

— Eu nunca tive vontade de beijar meu pai na boca.

Senti a cor deixar meu rosto moreno quando sorriu e se virou novamente, dando a volta no carro e abrindo a porta do carona.

Não responda, Arthur. Não entre nesse assunto bizarro.

Inspirei profundamente e abri minha porta, sentando-me bem quieto e segurando o volante com as duas mãos. Mas que merda tinha acabado de acontecer?

— Ouviu o que eu disse? — perguntou, abrindo o pacote e tirando seu sanduíche lá de dentro.

— Sim.

Marina mordeu o pão com hambúrguer e me encarou, mastigando daquele jeito próprio dela, que fazia parecer que qualquer comida era a melhor do mundo.

— E? — insistiu. — Não vai dizer nada?

Confesso que fui pego de surpresa, não esperava uma confissão daquele nível. Nunca olhei para Nina com

interesse sexual, e nunca passou pela minha cabeça que ela sentisse qualquer coisa por mim. Como eualaria aquilo sem magoar uma menina doce como ela?

— Nooooossa, príncipe! — Riu ao meu lado, de boca cheia, e usou a mão cheia de gordura para apertar minha bochecha. — Eu estava brincando, você é velho! Precisa ver a sua cara, achei que fosse infartar.

Respirei com muito alívio e dei a partida no carro, olhando-a de esguelha e estalando a língua a fim de quebrar a tensão no ar.

— Só estava pensando na melhor forma de dar um fora em você sem partir seu coração — comentei em tom de brincadeira, mas ciente de que era a mais pura verdade. — Não queria magoá-la, principalmente quando está toda suja de molho e *catchup*.

Ela abaixou o quebra-sol do carro para se olhar no espelho e sorriu, mas não me adiantei com o que faria a seguir. Marina espirrou mais *catchup* no hambúrguer e deu uma mordida desajeitada, sujando-se ainda mais e pulando em cima de mim. Quando estalou um beijo na minha bochecha, pude sentir imediatamente o contato do condimento com a minha pele.

— Porra, Marina!

Limpei meu rosto enquanto o unicórnio se ajeitava no banco e esticava os pés sobre o painel. Fingi estar com

raiva, mas no fundo, sentia-me feliz e aliviado por tê-la feito sorrir um pouco. Sabia que as próximas semanas e os primeiros meses não seriam nada fáceis para a garota.



Capítulo 2

Arthur
2018

Por quantas mudanças uma pessoa é capaz de passar em um ano? Eu me fiz essa pergunta enquanto esperava Marina se aproximar de mim no portão de desembarque. Ela tinha vindo passar o Natal comigo, pois era uma tradição nossa, e não podia estar mais diferente da menina que era da última vez em que a vi. Para começar, tinha feito luzes naquele cabelo lindo que ela tinha, então não sabia dizer se Marina agora era loira ou morena. O comprimento também estava menor, na altura dos ombros, e as roupas de menininha deram lugar a algo mais descolado e moderno.

— Oi, príncipe! — Ela se pendurou no meu pescoço quando soltou a mala gigante. — Estava morrendo de saudade!

— Somos dois então — respondi, beijando sua cabeça e recuando para olhá-la melhor. — Você está muito bonita, Uni.

— Emagreci dez quilos! — disse com orgulho, como se a perda de peso tivesse responsabilidade direta à sua beleza. — E estou de dieta eterna, óbvio.

— Jura? Nada de brigadeiro, então?

Os olhos cor de chocolate se arregalaram e aproveitei para pegar sua mala *pink*, guiando-a para a saída do aeroporto.

— Vou abrir exceção porque é Natal, mas faço o máximo possível para passar bem longe dessas porcarias. E você, como está? Ainda mora no mesmo lugar, né? Sinto falta daquela piscina, mas vou aproveitá-la ao máximo esses dias.

— A piscina está ótima, continua no mesmo lugar.

Eu morava num condomínio de um único prédio relativamente de luxo e que não possuía nenhuma família com crianças menores de doze anos, o que era uma verdadeira dádiva. Não que eu não gostasse de criança, pelo contrário, eu amava, mas passei algum tempo morando num lugar onde meu apartamento ficava bem em cima do parquinho, ou seja, criei certo trauma de gritaria e brincadeiras. Como trabalhava muito, tudo o que queria ao chegar ao final de semana era descansar, relaxar, sem muito barulho à minha volta. Foi pensando nisso que comprei meu atual apartamento no décimo segundo andar,

o mais longe possível das áreas comuns, vivendo numa extrema paz de espírito perto das nuvens.

Coloquei a bagagem de Nina no porta-malas e saímos rumo à minha casa. Ela logo esticou as pernas sobre o painel como gostava de fazer e ligou o som em uma rádio que tocava *funk*.

— É isso que a senhorita anda escutando atualmente? — perguntei, com meus tímpanos sendo incomodados. Eu era carioca, mas nunca fui muito fã daquele gênero musical.

— Não seja chato, eu gosto de ouvir — ela respondeu, virando o rosto e sorrindo para mim antes de me mostrar a língua.

— Meu unicórnio... Você está cada dia mais linda, Uni. — Apertei a bochecha dela, que fez uma careta e recuou. — Então, e os namoradinhos? Me diz logo quais os nomes das pestes com quem terei que gastar meu réu primário.

— Não tem nenhum, príncipe. — Encolheu os ombros, com o rosto virado para a janela. — Eu não namoro.

— Por que não quer, né? Pois tenho certeza que os pivetes ficam babando em cima de você — falei, pensativo, querendo quebrar a cara de alguém. — O que é péssimo e

não estou dizendo que deva namorar, pode ficar solteira até os trinta anos. Seria o ideal.

Foi a minha vez de encolher os ombros quando ela me encarou como se eu fosse um louco e revirou os olhos.

— Eu disse que não *namoro*, mas não significa que não dou beijo na boca.

— *Tsc.* — Respirei fundo e usei uma das mãos para coçar meus olhos que de repente começaram a arder. — Marina, preciso falar uma coisa. Não esperava ter essa conversa agora, mas talvez seja necessário. Quando seu irmão ainda era vivo, ele desabafou comigo sobre o medo de ter que sentar para explicar certos assuntos a você quando crescesse. E eu acho que como ele não está mais entre nós, eu devo encarar essa responsabilidade e...

— Ai meu Deus! — Ela calou minha boca com as duas mãos, ajoelhada no banco e sem cinto, o que me deixou desesperado. — Cala a boca, não acredito que você *tá* tentando falar sobre sexo comigo.

Alguém deveria falar, não? Felipe uma vez me procurou, preocupado, e sentou na minha cadeira do escritório, enquanto me olhava e esperava uma resposta minha.

— *O que exatamente você quer que eu diga? — questionei, largando minha caneta que usava para assinar*

alguns documentos. — Não sou eu que irei me sentar com Marina e contar a história da sementinha sendo regada. O irmão é você, boa sorte com isso.

— Ela dá mais ouvidos ao príncipe encantado do que a mim — alfinetou, fazendo menção à forma como Nina me chamava.

— Felipe, se eu me sentar com uma menina de treze anos para explicar como os bebês são gerados, ela nunca mais vai olhar na minha cara. Não fode. Não tenho essa responsabilidade. É um assunto constrangedor demais.

Eu não tinha mesmo nenhuma obrigação de ter aquela conversa, mas como Felipe não estava mais vivo, senti que era a hora de alguém zelar por Marina e encarar esse momento constrangedor. Balancei a cabeça e usei minha mão para afastá-la e jogar seu corpo pequeno de volta ao banco.

— Senta direito, Nina! — pedi, vendo-a afivelar o cinto enquanto cobria o rosto com as mãos.

— Que vergonha alheia, meu Deus!

— Sinto muito se acha vergonhoso, mas não penso assim — falei, voltando a atenção para a estrada. — É um assunto importante, Uni. Sobre prevenção, principalmente, sobre escolher bem, saber o que está fazendo...

— Mas eu sou virgem... Por que estamos falando sobre isso?

O peso que eu senti sair do meu peito foi enorme e pude respirar aliviado com a declaração feita. Por isso, olhei para ela e sorri, feliz.

— Você achou que eu já tivesse feito sexo? — Recebi um soco no braço. — Fique sabendo que estou me guardando para o homem da minha vida.

Que ele só apareça depois dos trinta, amém.

— Boa garota.

Entre nós sempre foi assim, leve, natural, eu falava, ela falava e nenhum mal entendido se estendia por muito tempo em nosso caminho. Era fácil lidar com Marina, por mais que a nossa diferença de idade fosse enorme e ela não passasse de uma adolescente. O unicórnio sempre foi um doce de pessoa e eu amava esse jeitinho dela.

Até que neste Natal a dinâmica entre nós começou a mudar, já na primeira noite em casa. Era um vinte e três de dezembro chuvoso e como estava tudo organizado para a ceia do dia seguinte, não tinha nada que precisássemos fazer na rua. De tarde, logo que chegamos do aeroporto, Marina desceu e passou o resto do dia na piscina do prédio. Só subiu quando o tempo começou a mudar e a chuva caiu. Ela avisou que ia lavar o cabelo e ficou trancada no quarto pela maior parte da noite.

Na minha rotina corrida, eu gostava de chegar do trabalho, tomar banho, vestir apenas uma cueca, me esticar no sofá e ouvir um pouco de *jazz* enquanto bebia uma dose de uísque ou abria uma nova garrafa de vinho. Quando me sentia finalmente relaxado, só então preparava algo para comer e assistia um pouco de televisão. Não fiz nada muito diferente disso, apenas vesti um pijama de tecido porque não poderia andar de cueca com a menina em casa, e fui descansar no sofá.

Não sabia dizer por quanto tempo permaneci daquele jeito, talvez tenha até adormecido porque só me dei conta de abrir os olhos quando senti um cheiro gostoso vindo da cozinha.

— Marina? — chamei, imaginando que ela estivesse cozinhando e fui prontamente respondido por uma aparição da garota vestindo um *baby-doll* nada inocente.

— Eu! — No rosto, aquele sorriso de menina boba de sempre, com uma colher de pau na mão. — Estou fazendo brigadeiro. Você prometeu que faria, mas estava aí no sofá, roncando.

E então ela se virou para voltar à cozinha, exibindo quase metade da bunda de fora. Marina não era um mulherão, ainda estava desenvolvendo corpo, mas já possuía algumas curvas que ficavam provocativas demais numa roupa branca como aquela, com um *short* aberto nas

laterais quase mostrando a calcinha. De repente, eu me vi sentindo uma saudade enorme do pijama de unicórnio, da minha Uni fofinha que achei que nunca fosse crescer.

— Espero que esteja bom, eu acabei arriscando, seu brigadeiro é infinitamente melhor que o meu — disse ela ao reaparecer novamente, dessa vez com uma travessa e uma colher. — Tem tanto tempo que eu não sei o que é leite condensado...

Como eu ainda estava sonolento e em choque desde sua primeira aparição, não consegui raciocinar rápido antes que Nina se sentasse de lado em minhas pernas e me oferecesse o doce.

— Prova e diz se *tá* bom.

Ela nem me deu chance nenhuma quando encostou a colher na minha boca e me fez engolir o brigadeiro que pegava fogo. Recuei o corpo, jogando-me de costas no encosto do sofá e me abanando com as mãos.

— Está um pouquinho quente, mas gostoso — falei.
— Só que você me fez queimar a língua.

— Desculpa — pediu, comendo um pouquinho da ponta da colher.

Toquei em seu cotovelo na intenção de fazer com que se levantasse, pois aquilo não estava certo e eu não me sentia à vontade em ter a menina no meu colo.

— Marina...

— Príncipe, você acha que sou bonita? — perguntou, permanecendo sentada, interrompendo minha linha de raciocínio. — Tem um garoto, não que eu goste dele nem nada, mas é da minha turma de amigos. Ele me chama de gatinha, fica dando em cima de mim, mas enquanto isso, vive chamando uma amiga minha de gostosa. O que faz alguém ser gostosa ou não para os homens?

Que porra de pergunta era aquela? Eu realmente não estava preparado para essa Marina, a nova versão. Pensei em não responder, simplesmente me levantar e fingir que não era um assunto importante. Era o que eu deveria ter feito, mas lá estava ela, com aqueles olhos grandes e expressivos que eu amava, esperando que eu lhe desse algo em troca da confissão.

— Sempre foi bonita, Uni — falei, sorrindo. — Gostosa é um termo pejorativo, há tantas formas ruins de usá-lo... Talvez seu amigo tenha sentimentos diferentes por vocês duas, mais respeito por uma do que por outra, não sei. É muito complexo avaliar sem conhecer os envolvidos e a convivência.

— Você nunca chamou nenhuma mulher de gostosa?

— Em situações pontuais. — *Como na cama*, pensei. — Existem formas e formas de incluir essa palavra numa frase.

Existiam mesmo muitas maneiras de enxergar uma mulher como gostosa e nem sempre tinha a ver com o corpo. Por exemplo, eu achava extremamente gostosa a mulher acordando ao natural ao meu lado na cama, nua, enroscada em mim, com aquela cara de quem gozou a noite toda, descabelada. Aquela mulher que senta no meu pau e rebola sensualmente enquanto os seios balançam na minha cara: gostosa. A mulher que geme baixinho no meu ouvido enquanto goza: duplamente gostosa.

— Eu sou gostosa?

Voltei minha atenção para Marina, ciente de que tudo que eu pensava precisava continuar apenas em minha mente. De forma alguma eualaria aquelas coisas para uma menina de dezessete anos.

— Você ainda não é uma mulher, Nina. Está se transformando e seu corpo também. Tenho certeza que muito em breve um monte de idiota vai jogar cantadas vulgares para você.

Ela sorriu e eu tirei a colher de sua mão, mergulhando o talher na travessa e comendo mais um pouco do brigadeiro. Ainda estava engolindo o doce quando Marina se inclinou e roçou os lábios nos meus. Foi muito rápido e eu agi imediatamente ao perceber o que aconteceria, mas infelizmente, ao levantar assustado acabei jogando-a no chão.

— Caralho, Marina! — repreendi a menina, sentindo meu coração martelar com a adrenalina causada pelo susto. — Que merda foi essa?

Antes que eu tivesse a oportunidade de ajudá-la, ela se levantou sozinha e saiu correndo para o quarto. Respirei fundo para não esganá-la e peguei o pote de brigadeiro do chão, junto com a colher. Gastei alguns minutos limpando o doce que caiu no piso e fiz tudo com muita calma, para me dar tempo e dar tempo a ela, sabia que estaria sem graça.

De qualquer forma, o acontecimento não podia passar em branco. Não sabia o que acontecia na cabeça de Nina, mas precisava pensar em todas as hipóteses e, se eu não me posicionasse, daria margem para outras investidas como aquela.

Quando bati na porta do quarto uma hora mais tarde, tentei girar a maçaneta e descobri que estava trancada. Apoiei as mãos na madeira e respirei fundo.

— Marina, abra a porta e vamos conversar — pedi, sendo respondido com silêncio. — Nina, eu só tenho a você e você a mim. Não vamos ficar assim, abra a porta. Não estou julgando, só quero conversar.

Eu sabia que ela me atenderia porque nunca ficávamos brigados por muito tempo. E quando a porta se abriu, encontrei meu pequeno unicórnio vestido a caráter,

de pé diante de mim com o capuz cobrindo a cabeça. Por que adolescentes oscilam tanto de humor e personalidade?

— Uni está de volta? — perguntei, querendo descontrair, e ela se pendurou no meu pescoço, obrigando-me a me curvar.

— Desculpa, príncipe. Desculpa, desculpa — pediu, com o rosto escondido. — Sei que foi idiotice. Eu nem gosto daquela roupa, é desconfortável pra dormir. A Juliana que me mandou trazer quando viu sua foto no meu celular, pois a ideia era tentar ser *sexy*.

Soltei Marina ao me aproximar da cama dela e a coloquei sentada, mas mantendo algum espaço entre nós.

— Sua amiga mandou você me seduzir? Por que ela faria isso?

— Porque mostrei suas fotos para elas — respondeu como se falasse o óbvio. — Ficaram muito animadas, até demais para o meu gosto.

— Elas sabem a minha idade? — Quando assentiu em confirmação, a preocupação tomou conta de mim. — Marina, você tem dezessete anos. Eu espero, do fundo do coração, que não fique dando em cima de homens tão mais velhos assim. Se suas amigas fazem isso, não entre nessa com elas.

— Mas eu não dou em cima de homens mais velhos. O máximo que já fiquei foi com um garoto de vinte e um.

Foi minha vez de sentar ou desmaiaria em choque.

— Vinte e um? — Apoiei o rosto nas mãos, pensando que adoraria que Felipe estivesse aqui no meu lugar. — Ele sabia que você é menor de idade?

— Relaxa, não rolou nada além de uns beijos. E não quero falar sobre isso.

Não sabia o que dizer, como lidar com aquela situação, e percebi que realmente tinha tomado a decisão certa ao deixar que Marta levasse Marina para o Rio de Janeiro, pois eu não saberia lidar com todas as mudanças que ocorriam na puberdade.

Sendo assim, na intenção de acabar com aquela conversa absurda e constrangedora, eu me levantei e respirei fundo antes de olhar para ela.

— Vamos esquecer o que houve, mas prometa não fazer mais isso, Nina.

— Tudo bem, mas só pra você não ficar com a consciência pesada, saiba que eu já beijei amigos meus.

— Não temos *este* tipo de amizade — decretei, passando a mão pela cabeça dela e me afastando. — E não sou eu quem deveria ficar com o peso na consciência.



Capítulo 3

Marina
2018

Eu sempre me sentia quebrada no que dizia respeito a homens na minha vida. Cresci tendo duas grandes referências muito presentes, meu irmão Felipe que era o centro do meu mundo e outra de alguém que se considerava como um irmão para mim, o Arthur. Perdi meu pai muito cedo, ainda criança, mas sempre me senti completa com o amor deles dois pois sabia quão forte era o sentimento que nutriam por mim. Nunca me faltou amor e atenção e, muito por causa de Arthur, também nunca faltou nada essencial para vivermos. Porém, em algum momento enquanto eu crescia, Arthur foi tomando um outro espaço em meu peito, um que eu nem sabia ainda que existia e pouco entendia. Comecei a enxergá-lo como a pessoa mais necessária para ter ao meu lado, alguém com quem eu me via passando o resto da vida, que era o único amigo homem que eu tinha, e que poderia ser muito mais do que isso.

O fato de Arthur me considerar uma criança e irmãzinha dele se somava à questão da diferença de idade e pronto, meu caso era um caso perdido. Eram os meus dezessete anos contra os trinta e oito dele e os ponteiros do relógio nunca iam parar de girar. Não importava que eu tivesse passado o último ano pensando nele e no que estava fazendo, imaginando se também pensava em mim. Não importava que eu tivesse contado as horas para chegar em São Paulo só para passar quatro dias sozinha com ele, como se fôssemos novamente a família que éramos quando Lipe estava vivo.

Depois que nós três nos mudamos para São Paulo, nossa tradição era passarmos juntos, sem interferência de amigos ou mulheres, e minhas noites natalinas sempre eram mágicas. Os dois se viraram na cozinha para preparar a melhor ceia do mundo e eu era a responsável por montar a árvore todos os anos. Mesmo quando Lipe e eu nos mudamos para o apartamento que ele podia pagar, toda noite de Natal, assim como quase todos os outros dias, a gente passava na casa de Arthur. Ele sempre me dava os presentes que eu mais desejava, nunca enrolava para comprar independente de quanto custasse.

Quando ganhei meu patins aos quatorze anos, Felipe estava bêbado demais e ficou jogado no sofá o resto da noite, mas o príncipe desceu comigo para a garagem do

prédio e ficou me segurando enquanto eu arriscava meus primeiros passos. Ele nem sonhava em imaginar o friozinho que eu sentia na barriga toda vez que segurava meu braço ou tocava minha cintura para me fazer equilibrar. Sabia que era muito errado ficar alimentando esse sentimento por alguém que me conhecia desde bebê, mas não conseguia evitar.

Arthur não sentia o mesmo por mim, mesmo depois de todos esses anos. Depois do beijo malsucedido que eu tinha acabado de tentar dar, senti que as coisas entre nós nunca mudariam. O balde de água fria sobre a minha cabeça veio no dia seguinte, no vinte e quatro de dezembro daquele ano de 2018, na noite em que coloquei meu melhor vestido e passei quase duas horas arrumando cabelo e maquiagem, para chegar na sala e encontrar uma mulher que nunca tinha visto antes.

— Oi! Você deve ser a famosa Marina! — A morena de olhos puxados e cabelo quase da mesma cor natural do meu se levantou e veio até mim, esticando a mão. — Sou a Renata. O Arthur fala muito de você e do Felipe.

— Hum. — Dei um sorriso forçado, procurando-o com os olhos enquanto apertava a mão da mulher. — É um prazer.

Fui surpreendida por trás com um braço sobre meus ombros e o corpo forte me pressionando, até que senti um

beijo ser depositado na minha cabeça. Era a marca registrada do Arthur.

— Vejo que já se conheceram. Marina, a Renata e eu estamos nos...

— Sou a namorada dele — a mulher se adiantou, abrindo-se num sorriso enorme para o homem. — Quando ele disse que você passaria o Natal conosco, decidi comprar um presente e espero ter acertado.

Ela nos deu as costas para ir até a árvore de Natal montada perto da varanda e foi nesse instante que Arthur me virou de frente para ele, segurando em meus ombros, e sorriu todo feliz.

— Você está linda, Uni — disse o homem maravilhoso e impecável usando uma calça preta e pulôver cinza.

Eu amava unicórnios. Amava tanto que quando era criança jurava ser um e sonhava em encontrar outros como eu. Portanto, quando Arthur começou a dizer que eu era seu unicórnio e passou a me chamar de Uni, eu não liguei. Pelo contrário, meu coração galopava no peito quando ouvia o apelido em sua voz.

Só que eu cresci, tinha dezessete anos, não me considerava mais um unicórnio. Toda vez que ele me chamava assim, eu estremecia de pavor por pensar que nunca me enxergaria como nada além de uma criança.

— Também tenho um presente pra você — disse ao me soltar.

Eu não sabia como estava minha expressão, mas torci para que não estivesse transparecendo meu enorme desgosto. Tudo tinha dado errado. Eu não ficaria esses dias a sós com Arthur. Ele estava namorando uma mulher muito mais velha que eu, tinha perdido minha chance.

— Arthur me contou sobre seus gostos, então... — Renata estendeu um embrulho quadrado e eu o peguei, agradecendo num murmúrio.

Naquele dia descobri que era muito forte, porque minha vontade de chorar era enorme e mesmo assim, ali estava eu, fingindo estar tudo bem e abrindo presentes com o casal apaixonado.

Não fiquei surpresa quando puxei uma almofada de unicórnio de dentro da caixa e Renata parecia exultante. Pior que ela não tinha culpa alguma de eu ser louca pelo namorado dela e estava sendo simpática comigo, então me vi obrigada a colocar um sorriso no rosto e agradecer mais uma vez. No entanto, quando Arthur colocou uma caixa pequena na palma da minha mão, minha garganta travou. Tive medo que fosse algo muito especial e não conseguisse segurar o choro, então apenas o abracei e sorri.

— Posso abrir mais tarde? — perguntei, me soltando e indo até o quarto para guardar a caixa bem longe dos meus olhos.

Claro que ele concordou, Arthur não era o tipo de pessoa que me pressionava para fazer nada e nem se importava com coisinhas bobas como os meus dramas internos. Ele nem devia imaginar que eu estava me fragmentando por dentro enquanto mantinha o sorriso no rosto.

De forma superficial, a noite foi tolerável, jantamos uma comida excelente, conversamos amenidades e precisei falar um pouco sobre mim quando Renata fez questão de saber sobre minha vida. Tudo como deveria ser e como as regras de etiqueta e convivência mandavam. Aquelas poucas horas sobrando entre os namorados foram o bastante para eu perceber que Arthur não fazia a menor ideia do que eu sentia por ele, pois se manteve relaxado o tempo todo, sem evitar trocar carinhos com Renata na minha frente. Era um casal, simples assim. Maduro, com vida sexual ativa, que parecia se conhecer bem e tinha a intimidade que nós dois nunca teríamos.

Fui dormir triste, como se tivesse perdido uma parte de mim, quase a mesma sensação de ter perdido meu irmão. Podia parecer exagero por eu ser muito nova, podia ser visto como algo feio por ele ser tão mais velho, mas o

que sentia por Arthur era genuíno, um amor que eu provavelmente nunca superaria, mesmo que viesse a amar outro homem. Ele seria sempre a minha pessoa especial.

Mais tarde, quando me preparei para dormir com meu pijama de unicórnio, tentando me agarrar desesperadamente às lembranças da minha infância, sentei-me com as costas contra a cabeceira da cama e abracei o travesseiro, deixando as lágrimas saírem. Que falta eu sentia do meu irmão, muito mais do que dos meus pais, pois foi basicamente o Lipe que me criou. Ele era o cara mais feliz do mundo, sempre de bem com a vida, sempre com um sorriso no rosto, e nunca me permitia chorar por muito tempo. No nosso último Natal juntos, eu pedi dinheiro para o Arthur e montei um álbum com nossas fotos, todas que encontrei, em várias épocas das nossas vidas. Eu o deixava embaixo da minha cama na casa de minha tia e toda noite antes de dormir, ficava vendo algumas fotografias e relembando aqueles bons momentos.

Enxuguei o rosto quando ouvi as batidas na porta e mandei que entrasse, sabendo que se tratava de Arthur. Ele franziu a testa ao me olhar, não consegui esconder que estava chorando.

— Ah, Nina... — O príncipe se sentou na beira da cama e pegou minha mão. — Sei que é difícil, imagino que

esteja com saudade do Felipe.

Assenti, pressionando os lábios e me esforçando para não chorar mais.

— Também não é fácil para mim, principalmente porque estou sem os dois agora. Perdi meu melhor amigo e me afastei da minha garotinha.

— Não sou uma garotinha... — murmurei, sem graça por ele me enxergar como criança ainda. Eu tinha colocado o meu vestido mais sensual aquela noite.

— Aos meus olhos, você sempre será. — Arthur me puxou com força para seus braços e eu me deixei levar porque amava estar ali em contato com ele. Ele beijou minha cabeça e quando levantei o rosto, seus lábios tocaram minha testa. — Feliz Natal, meu amor.

Eu murmurei de volta, triste porque ele estava desfazendo nosso abraço e se levantando para ir dormir com a namorada. Sua ausência em mim foi difícil de suportar e antes de conseguir pegar no sono, ainda chorei mais um pouco no travesseiro.

A ansiedade que me consumia para chegar em São Paulo e passar o feriado com ele era a mesma que me fazia contar os segundos para embarcar de novo para o Rio de Janeiro. Eu não aproveitei aqueles dias, fui apenas uma pessoa fingida, que sorria quando queria chorar e que desempenhava um papel esperado por todos.

No aeroporto, quando nos despedimos, ele me abraçou e me beijou na testa, daquele seu jeito protetor. Ergui o rosto com a esperança de enxergar qualquer fagulha nos olhos azuis, qualquer coisa que mostrasse que meus sentimentos eram correspondidos, talvez não na mesma proporção, mas que havia algo lá.

— Não me disse o que achou do presente que dei — disse Arthur, com seu olhar avaliador. — Não gostou?

Na noite de Natal, depois que foi embora do meu quarto, abri a caixinha que tinha sido embrulhada num papel rosa metálico. Encontrei lá dentro um colar com uma corrente muito delicada e um pingente de unicórnio cravejado com diamantes e cristais coloridos. Era lindo, mas o que me fez cair no choro foi a frase que tinha sido gravada atrás do pingente.

“minha pequena mulher”

No fundo da caixa havia um bilhete singelo, com poucas linhas escritas, mas que deixou meu coração ainda mais apertado.

“Para que você saiba que estará sempre marcada em minha vida e poderá contar comigo para qualquer coisa. Seja sempre essa menina que emite tanta luz e possui

brilho próprio, pois se tornará a mulher incrível que eu imagino. Seja feliz, Uni.

Feliz Natal.

*Com amor,
Seu príncipe.”*

Eu não fazia ideia se Arthur tinha noção do que aquelas palavras eram capazes de fazer comigo, mas me vi destruída por saber que ele encarava tudo de forma tão inocente, que não imaginava que o bilhete me desestabilizaria e seria capaz de me deixar ainda mais apaixonada por ele.

Controlei a vontade de chorar quando mencionou o presente e respirei fundo, colocando um sorriso no rosto.

— Eu amei — falei, porque era mesmo verdade, o pingente era lindo. — Você acertou em cheio. Fiquei triste por não ter comprado nada pra você nem pra... Renata. Se tivesse me contado sobre ela, poderia ter pensado em algo.

— Não se preocupe com isso. Eu não sabia se ela ficaria com a gente ou se viajaria. — Ele sorriu, segurando as laterais do meu rosto. O momento perfeito para me dar um beijo, mas eu não estava em meus sonhos delirantes. — Não estou namorando a Renata, ela só disse aquilo para afirmar suas intenções e vontades, mais uma vez.

Estamos nos conhecendo ainda, mas eu realmente falo muito de você e ela quis bajular meu unicórnio para ganhar pontos comigo.

— Você a ama? — perguntei, querendo me estapear. Por que puxar aquele assunto no portão de embarque do aeroporto? Para sofrer ainda mais?

Arthur recuou a cabeça para trás e esticou um lado dos lábios como se estivesse fazendo uma careta.

— Amor é muito forte para o que tenho com ela. Digamos que eu goste da companhia da Renata e quando você crescer, vai entender melhor disso tudo.

— Gosta do sexo — respondi, revirando os olhos e me soltando dele. — Eu tenho dezessete anos, Arthur, não dez.

Num impulso para encerrar logo aquela tortura, fiquei nas pontas dos pés e me pendurei no pescoço dele como adorava fazer. Arthur era tão mais alto que eu, com um metro e noventa e um centímetros, que quando eu fazia isso e ele se esticava naturalmente, eu ficava pendurada.

Senti seu braço apoiar minhas costas e afundei meu rosto no pescoço dele pela última vez para guardar o cheiro de seu perfume.

— Boa viagem, Nina. Avise quando desembarcar e mande o *print* com a placa do *Uber*.

— Adeus, príncipe — falei quando meus pés tocaram o chão e ajeitei a bolsa no ombro.

— Adeus é muito tempo.

Se dependesse de mim, seria mesmo. Não pretendia ver Arthur novamente porque precisava parar de sofrer, precisava deixar aquela minha referência de homem para trás e viver minha própria vida de erros e acertos.



Capítulo 4

Arthur
Dias atuais - 2020

Não conseguia compartilhar da felicidade do meu sócio, que brindava com outros de nossos amigos o seu copo de uísque, e conversava sobre o último grande caso que vencemos. Tinha tudo para ser uma noite de comemoração e depois eu sairia dali para a cama de alguma bela mulher, se não fossem as preocupações que rondavam minha mente há dias. Tudo por causa de Marina Leão e seu silêncio incômodo.

Tinha perdido o jeito de lidar com a garota e não sabia mais como resgatar o contato que possuíamos. Aquele Natal em minha casa há dois anos havia sido a última vez em que realmente nos falamos direito, pois dali em diante Marina parecia ter se tornado uma pessoa mais distante e arredia. Eu já não conseguia manter nosso contato diário e sentia que se afastava cada vez mais. Aos poucos, minhas mensagens deixaram de ser respondidas na hora que ela as recebia e as ligações que costumava

fazer para meu celular, quando estava a caminho do colégio, ficaram menos frequentes.

Depois de alguns meses, a única forma que me sobrou de acompanhar sua vida era pelo *Instagram* e, de repente, até mesmo isso ela me tirou. Nina tinha se tornado uma menina que compartilhava tudo de sua rotina na rede social e como estava crescendo em velocidade máxima, aquela coisa toda de exposição era o ápice da vida dela. Um dia, quase bati o carro ao rolar a linha de tempo do meu perfil e ver a foto mais recente que postara, vestindo um *body* transparente, que quase mostrava os mamilos. Confesso que perdi a razão ao mandar várias mensagens irritadas pedindo que ela deletasse aquela foto absurda, mas na hora não consegui pensar racionalmente. A explosão resultou no bloqueio definitivo de minha conta em seu perfil e as notícias de Marina pararam de chegar.

Na época, minha relação com Renata se intensificou e eu precisava me dividir em dois. Decidi então dar espaço, deixá-la viver e ser livre para cometer as burradas que todo adolescente precisa fazer para aprender na prática. Tomaria conta de longe, mantendo a ajuda financeira e recebendo informações através da tia. Até que no último Natal eu me convidei para passar com ela no Rio de Janeiro e recebi como resposta que ela viajaria para a casa

de praia da família de uma amiga. A mesma coisa aconteceu depois, no Carnaval.

No início pensei que fosse somente uma fase, afinal, eu me lembrava muito bem dos meus atos impulsivos na época dos meus dezoito, dezenove anos. O auge da juventude que se misturava às sensações que a maioridade nos trazia. Decidi dar espaço e parar de encher o saco, pois ela me procuraria no tempo certo. Marina não era Felipe. Eu não podia obrigá-la a me manter em sua vida, ela estava crescendo, se transformando em mulher, com ideias próprias e personalidade diferente da do irmão, até da minha. Ter sido o melhor amigo de Felipe não significava que eu seria o de Marina e precisava aceitar que, talvez, a diferença enorme de idade não tornava nossa amizade mais tão atrativa para ela.

Meu aniversário, dia dez de janeiro, passou sem que a menina fizesse nenhum contato e mesmo meses depois, quase às vésperas do aniversário dela, minha chateação deu lugar à preocupação. Decidi meter a mão na massa e ir diretamente até o Rio de Janeiro, tinha cansado de receber somente as poucas notícias que Marta me dava.

— Arthur, está tudo bem? — perguntou Bruno, o sócio majoritário da *Master Associados*. Eles ainda estavam bebendo em comemoração enquanto eu bolava

planos mirabolantes na minha mente. — Que cara azeda é essa?

— Pensando em alguns problemas que tenho para resolver — respondi, sorrindo e bebendo meu uísque. — Vou precisar tirar dois dias dessa semana para dar um pulo no Rio.

— Ainda não conseguiu falar com Marina?

Neguei. Bruno sabia de tudo que vinha acontecendo nos últimos anos. Podia dizer que hoje, ele era meu único e melhor amigo, mesmo que o lugar de Felipe nunca fosse ocupado. O advogado estalou a língua e inclinou o rosto com um sorrisinho sacana que não me agradou.

— A garota só está curtindo a vida, deixa ela. Fizemos muita loucura quando tínhamos a mesma idade.

Esse era o xis da questão. Quais loucuras Marina estaria fazendo? Ela sabia se cuidar o bastante para isso? Morria de medo de acordar um dia com uma ligação do hospital ou da cadeia, as duas hipóteses eram apavorantes.

Bruno colocou o charuto de lado e passou o braço pelo meu ombro, encostando o copo no meu e me encarando.

— Sabe que estou brincando — falou. — É melhor mesmo ir atrás dela se for para tirar esse peso dos seus

ombros, porque há dias você está com essa aparência de esgotamento e eu sei que tudo tem ligação com o Rio.

Assenti, concordando com o que ele tinha acabado de dizer. Eu estava mesmo mentalmente esgotado porque não conseguia simplesmente deixar a preocupação de lado. Marina cresceu ao meu redor e por mais que eu nunca tivesse sido guardião legal dela, acompanhei sua vida até a morte de Felipe e sempre tive essa necessidade de protegê-la muito afluída em mim.

Como estavam todos ali comemorando um momento bem diferente do meu, não entrei em mais detalhes para não ter que ficar falando de problemas e estragar a noite. Apenas arquitetei minha ida para a cidade maravilhosa, mesmo sem saber exatamente o que faria quando chegasse lá. Só sabia que precisava conversar com Marina, ver se ela estava bem, se me odiava muito ou pouco e se necessitava de alguma coisa.

Cheguei em casa pouco depois das onze da noite e mal fechei a porta, meu celular tocou. Era Renata, com quem eu morei por um ano e meio e que não aceitava o término da relação. Ela era uma boa pessoa, alguém que aprendi a gostar e querer por perto, mas talvez tudo entre nós tenha acontecido rápido demais e acabamos atropelando algumas etapas pelo caminho. Mal tínhamos começado a namorar e ela se convidou para morarmos

juntos, o que acabei aceitando pelo simples fato de que era uma boa companhia. Renata também esteve presente em minha vida justamente no momento em que Marina se afastou, e minha carência foi grande demais, de forma que coloquei toda minha atenção e dedicação no que havia entre nós. O problema é que nunca existiu amor nessa relação, pelo menos não de minha parte, e os dias e meses foram se arrastando até culminarem num fracasso total.

Não estava disposto a falar com ela naquela noite, portanto, deixei a ligação cair na caixa postal. Quando voltou a insistir, acabei atendendo.

— Oi.

— *Você é mais simpático quando quer transar* — falou outra voz que não era de Renata e me dei conta de que atendi sem olhar o nome na tela, com a certeza de que era novamente minha ex.

— Meu dia foi cansativo, Juliana. Não estou disposto essa noite.

— *Não nos vemos há quase duas semanas, Arthur. Algo me diz que você não está esse tempo todo sem sexo, então...*

Passei o telefone de uma orelha para a outra enquanto afrouxava a gravata e tirava o paletó.

— Quer saber se tenho transado com outras mulheres? — perguntei e não esperei por resposta. —

Sabe que sim, Juliana. Não temos exclusividade e eu nunca iludi ninguém quanto a isso.

Era uma mentira, na verdade. Meus últimos dias foram intensos no trabalho devido a um grande escândalo envolvendo um cliente nosso e não tive tempo de pensar em qualquer coisa a não ser dormir nas poucas horas em que passei em casa. Tínhamos saído para comemorar justamente por esse caso, mas ainda sentia que precisaria de algumas noites tranquilas para me restabelecer.

— *Será que em algum momento você vai querer exclusividade?*

Ouvi um suspiro ao fundo e me sentei na cama. Eu odiava quando chegava a esse ponto, de ser cobrado para dar algo que eu não sentia vontade de dar. Depois de Renata, não estava buscando nem focando em ter uma relação tão cedo.

— Preciso desligar, Juliana. Caso queira seguir com essa ideia nova, avise-me para tirar seu número da minha agenda.

— *Vai se foder, Arthur! Você é um grosso!*

Ela desligou na minha cara e cheguei a me questionar sobre suas últimas palavras. Para ser sincero, eu me achava até bastante cavalheiro, salvo em casos em que a pessoa conseguia me tirar do sério, pois nunca fui alguém que media palavras ou omitia minhas impressões.

Não forçava para ser um solteirão calhorda que come todas as mulheres da cidade, minha cama nem tinha mais a mesma rotatividade do Arthur de trinta anos. Se conhecesse alguém e me apaixonasse, não hesitaria em ficar com a pessoa, porém, não estava procurando nada. Tinha certeza que nunca iludi Juliana ou qualquer outra mulher, mesmo assim, elas se apegavam e começavam a sonhar com uma vida a dois.

Mexi no aparelho, deslizando pela agenda telefônica e optando por deletar o número dela. Em seguida, entrei no *Whatsapp* e abri a conversa com Marina, observando que minhas últimas mensagens continuavam aparecendo como se não tivessem sido entregues. O que essa pirracenta tinha feito, afinal?



Era pouco mais de dez da noite quando toquei a campainha da casa de Marta no dia seguinte e esperei que me atendesse. Pelo horário avançado, era de se esperar que Marina estivesse em casa, mas assim que a senhora abriu a porta e me viu na sua frente, ficou pálida.

— Arthur?

— Boa noite, Marta. — Sorri, estranhando a expressão de pânico. — Quanto tempo. Como vai?

— Bem...

— Pode chamar Marina, por favor?

A mulher se deu conta de onde estávamos e deu um passo para trás, abrindo espaço para que eu entrasse em sua casa. Avistei sua filha mais nova no sofá assistindo televisão e acenei para ela.

— A Marina... — Marta segurou o rosto com a mão direita e suspirou. — Ela não está.

— Viajou de novo?

— Não, ela não fez nenhuma outra viagem depois do Carnaval. Só que hoje ela saiu. — A mulher cruzou os braços e desviou os olhos dos meus. — Ai Arthurzinho, tem sido bem difícil lidar com a Marina. Ela não me obedece muito e é maior de idade, não há muito o que eu possa fazer.

Eu não poderia culpá-la. Marta era mãe solteira e já cuidava de dois filhos quando recebeu a responsabilidade de olhar por Marina também. Era professora e trabalhava em duas escolas diferentes para sustentar a casa. Eu mandava dinheiro todo mês para que ela repassasse para Marina e Marta nunca pegou um centavo sequer dessa quantia.

— Por favor, não se sinta culpada. Imagino que sua sobrinha não esteja facilitando. Para mim, também não tem

sido fácil lidar com ela — confessei, tocando seu ombro para tranquilizá-la. — Sabe onde ela está?

— No baile, provavelmente.

— Baile?

— *Funk*.

Ah, não.

Por um segundo, parei até de respirar com o choque que recebi. Marina num baile *funk*? Marina? A garota que se vestia de unicórnio? Marta puxou uma cadeira e indicou que eu sentasse, coisa que fiz de imediato para não passar mal de pé.

— As amigadas que Marina arranjou não são das melhores, Arthur. É tudo má influência, tenho medo até que se droguem. Faço perguntas, cobro algumas explicações, mas ela é sempre tão arredia...

Drogas?

— Por que nunca me disse isso? — perguntei, sentindo que meu tom de voz aumentou alguns decibéis. — Já tinha percebido que Marina anda meio rebelde, mas daí a se meter com coisas ilícitas é bem diferente. Bem preocupante, Marta.

Foi impossível evitar que imagens da menina surgissem em minha mente. Marina com cigarro na mão, rodeada de bebida... Marina enrolando um baseado. Meu

Deus. Senti a náusea me consumir e rezei para que as coisas não estivessem mais graves do que isso.

— Qual o endereço dessa merda de baile? — perguntei, levantando-me e pegando o celular para anotar.

— Eu não sei — disse Marta, olhando para mim com uma expressão de quem implorava por perdão. — Marina não me dá tantos detalhes, ela só avisa que está saindo. E sinceramente, com essa aparência, você nem chegaria vivo nos bailes que ela costuma frequentar. O Rio de Janeiro não é o mesmo da sua infância.

Inspirei e fiz uma autoavaliação. Tirei meu *Rolex* do pulso e o deixei sobre a mesa de Marta, enquanto percebia que não deveria ter vestido um terno *Hugo Boss* justo naquele momento. Mesmo assim, eu até arriscaria, afinal, cresci nessa cidade e sabia como as coisas funcionavam, só que não fazia ideia de onde Marina estava.

Mais fundo do poço do que isso, impossível. Respirei fundo e olhei o relógio. Era cedo para os padrões de um baile *funk*. Apesar de ser uma terça-feira e pessoas normais precisarem acordar cedo para trabalhar e estudar, eu imaginava que a diversão não fosse terminar antes de uma da manhã.

— Vou sair para comer alguma coisa e volto para cá em seguida. Se Marina retornar antes de mim, não fale nada, apenas me avise.

— Quando ela sai, nunca volta antes da meia-noite.
Claro que não, mas eu esperaria.



Estava conferindo um processo pelo celular quando um carro parou lá na entrada da rua para alguém descer. Eu não teria acreditado que era mesmo Marina se não tivesse visto com meus próprios olhos. Numa madrugada em plena quarta-feira, ela vestia um *short* que mal cobria a virilha e um desses *tops* da moda que quase deixam os seios aparecendo por baixo.

Sua nova versão me deixou momentaneamente em choque porque não era somente o problema das roupas. Marina estava muito diferente, o corpo havia mudado de forma drástica, ela parecia outra pessoa, até o rosto tinha afinado.

— Oi — murmurou quando se aproximou e eu me levantei, ainda atônito.

— Oi Nina...

Eu me preparei para escutar discursos rebeldes, xingamentos ou qualquer outro ato impulsionado por sua ira, mas o que recebi foi um abraço quando Marina se jogou em cima de mim e encostou o rosto em meu peito.

Abracei-a de volta, com alívio transbordando dentro de mim e torcendo o nariz para aquele perfume forte e doce, misturado ao odor de suor e álcool.

— Você veio me ver? — ela perguntou ao erguer o rosto. Os olhos castanhos estavam ainda mais escuros devido a enorme quantidade de rímel, delineador e sombra preta, além do batom vermelho que deixava sua boca ainda maior. Não era a menina que eu esperava encontrar.

— O que você acha, Marina? Vim saber por que está me excluindo e se afastando de mim.

Ela me soltou e recuou um passo, baixando os olhos e colocando os cabelos escuros atrás das orelhas. Aquelas madeixas estavam ainda mais compridas do que eu lembrava, chegavam quase à bunda.

— Imaginei que você não fosse aprovar algumas mudanças na minha vida.

Mudanças. Somente um cego não veria como ela estava diferente. E estava muito certa em achar que eu não aprovaria, mas não chegaria a lugar nenhum se começasse a discutir ali.

— Gostando ou não, eu não mando em você — expliquei, recebendo seu olhar atento. — Você me deixou de lado, mas sempre acreditei que nossa amizade fosse muito maior do que um novo estilo de roupa ou gosto musical.

Ela revirou os olhos e cruzou os braços.

— Minha tia disse que eu estava no baile — constatou o óbvio. — Ela vive pegando no meu pé.

Olhei o relógio e a rua deserta, sabendo que não podia me estender muito.

— Escuta, Nina, vou para meu hotel e volto aqui amanhã de manhã, pois precisamos conversar. Só fiquei esperando até agora para me certificar de que chegaria bem. Vim para passar seu aniversário aqui, com você. Se quiser, é claro.

— Posso ir junto? — perguntou ela, se pendurando no meu pescoço. — Por favor, por favor. Não aguento mais dividir o quarto com a Bruna. Queria saber como é acordar num hotel chique e pedir serviço de quarto.

Pensei nas vantagens de ter Marina sob minhas rédeas curtas pelo menos pelas próximas horas e achei ótimo que ela quisesse passar mais tempo comigo. Ainda estava surpreso por não ter sido rechaçado.

— Pegue suas coisas, esperarei aqui fora.

Ela puxou meu pescoço com seu peso e beijou meu rosto antes de me largar e sair correndo para dentro de casa.

Aproveitei para chamar o *Uber* e mandei uma mensagem para o celular de Marta, de forma que ela visse quando acordasse e não se preocupasse ao não encontrar

Marina em casa. Quando a menina voltou com uma mochila a tiracolo e vestindo a mesma roupa, eu tirei a bolsa de seu ombro e apontei para o caminho por onde veio.

— Troque de roupa — pedi. — Vista algo... normal.

— Qual o problema com a minha roupa? — Ela encarou o próprio corpo e eu também. O *short* se agarrava a uma cintura muito fina e se apertava na virilha, deixando as coxas saradas em evidência, além da barriga definida toda de fora e o *top* que mostraria os seios se ela levantasse os braços. Senti medo ao imaginá-la andando sozinha com aquela roupa num mundo onde os homens estavam cada vez mais escrotos. — Não acredito que você se tornou esse tipo de homem!

Avistei a chegada do carro que pedi e olhei firme para Marina, que estava de braços cruzados e olhar pedante no rosto.

— Pode usar o que quiser, mas não na hora de entrar num hotel no meio da madrugada, comigo, quase seminua. Sabe o que vão pensar, não sabe?

— Que você se deu bem esta noite?

Deixei claro que não estava achando graça como ela e Nina revirou os olhos, mas não aceitou trocar de roupa. Abri a porta para que entrasse no carro e me sentei ao seu

lado, confirmando com o motorista o endereço do hotel em Ipanema.



Capítulo 5

Marina

Algumas horas antes...

Balançava o traseiro ao som de Anitta quando Rafael me passou uma cerveja compartilhada. Encostei minha boca no gargalo e ignorei a forma como encarou a minha bunda sem disfarçar. Não era nada que chegava a me causar incômodo, já estava acostumada com os olhares masculinos indiscretíssimos e, sinceramente, até sentia que fazia bem para o ego. Afinal, eu suava muito na academia para deixá-la dura e empinada daquele jeito, então, de alguma forma era bom saber que meus esforços estavam sendo reconhecidos.

— O Rafa quer te pegar! — Camila, uma das meninas da nossa turma de amigos, cochichou no meu ouvido, passando o braço pelo meu pescoço e me desequilibrando junto com ela. — E o MauMau também!

— Só lamento por eles — respondi, segurando-a pelos ombros para se controlar. — Você sabe que estou

tentando ser uma nova Marina. Uma que não fica mais com os amigos.

— Lá vem você com esse cu doce...

Revirei os olhos como sempre fazia quando alguém da turma falava desse jeito comigo, só porque eu não comprava todas as ideias deles. Ganhei essa fama de fresca e doceira por minhas atitudes controversas, mesmo que para mim, elas fizessem sentido. Eu gostava de festejar, de me divertir com meus amigos, gostava de me sentir livre. Essa liberdade refletia demais nos meus relacionamentos com as pessoas com quem eu convivía e por diversas vezes, acabei me envolvendo com pessoas do nosso círculo de amizades. Só que ao mesmo tempo em que ficava com quem queria, também tentava me preservar. Não conseguia simplesmente me entregar de cabeça numa relação e, por isso, eu só colecionava amassos superficiais. Era como se eu sempre esperasse por aquelas borboletas no estômago e tudo que alguns garotos conseguiam me fazer sentir, era enjoo.

Comecei a me impor a regra de não ficar mais com amigos meus porque acabei perdendo alguns por causa disso. E agora todos diziam que eu tinha mudado e estava fingindo ser santa.

Eu a soltei e me virei para fazer o quadradinho de quatro conforme o refrão da música se aproximava,

sentindo MauMau se aproximar por trás e passar o braço pela minha barriga. Rebolamos até o chão e fiquei ali quicando por alguns segundos antes de me reerguer com ele.

— Você tá *top* hoje, Mari! — ele gritou no meu ouvido para que eu escutasse bem. — Que tal fechar comigo no final da noite?

Fechar com ele, no nosso dialeto, significava terminarmos a noite juntos, de preferência em alguma cama. Coisa que em momento algum passou pela minha mente.

Ainda de costas e sem parar de dançar, balancei a cabeça em negativa e, só para deixar bem claro, também agitei o dedo indicador.

— Qual é, Marina... Você vai gostar, eu prometo. Serei carinhoso... Vai ser a melhor noite da sua vida, princesa.

— Sem chance, MauMau.

Sabendo que ele ia insistir mais um pouco, decidi dar uma volta pelo galpão lotado e aproveitar para ir ao banheiro. Não avisei a nenhuma menina porque não queria que fossem atrás de mim para tentarem fazer minha cabeça a respeito de Rafa ou Maurício. Então, atravessei a pista sozinha e me dirigi aos fundos, onde ficavam os

banheiros do baile, mas alguém segurou meu braço e eu me virei para ver quem era.

— Você é um espetáculo, morena! — Já tinha visto aquele garoto outras vezes nos bailes e o achava bem interessante. — *Tô te filmando* desde cedo, achei que não fosse passar aqui.

Encolhi os ombros e joguei meus cabelos para trás, sabendo o efeito que o gesto causava.

— E por que não foi atrás de mim? Parece que você *tava* dormindo no ponto então.

Ele sorriu e tocou minha cintura com as duas mãos antes de me puxar e me grudar em seu corpo. Estava de boné, mas dava para ver os olhos negros brilhantes e o sorriso branquíssimo que contrastava com a pele escura. Passei minha mão em seu braço e o senti contrair os músculos.

— Qual seu nome? — perguntei.

— Vitor e o seu?

— Marina.

Nem tive tempo de tentar descobrir mais nada sobre Vitor antes que ele me beijasse e me esmagasse contra seu corpo. A pegada dele era forte, do tipo que até nos fazer perder o equilíbrio, mas apesar da força física bem óbvia, senti falta de algo mais, uma química instantânea que eu sempre procurava por aí. Sem isso, parecia que eu

estava simplesmente treinando beijos com minha própria mão.

Vitor alisou minha cintura e começou a descer os dedos ágeis até meu *short*, enquanto sua língua agitada e áspera demais travava um embate com a minha. Quando percebi que ele queria ir mais além, empurrando-me de encontro à parede, afastei o rosto e escapei pela lateral.

— Desculpe, mas não vai dar pra continuar. Preciso ir, meus amigos estão me esperando. Foi bom te conhecer, viu? — falei, vendo que Vitor ainda não tinha compreendido o fora. — Até mais!

— Não faz isso, novinha. Que vacilo hein...

O diabo era muito gato, mas na prática, parecia totalmente sem sal e beijava de forma muito estranha. Preferia perder meu tempo dançando até meus joelhos falharem.

Mandeí um tchauzinho para ele, dei uma corridinha até banheiro e na volta passei pelo lado oposto onde Vitor estava. Encontrei Camila aos beijos com o Rafael e fui dançar perto da Juliana, que era a única que pensava parecido comigo sobre essa coisa de ficar com amigos. Gritamos quando *Combachy* começou a tocar e passamos a interpretar nossas coreografias na rodinha feita pelos rapazes. O suor escorria pela minha barriga enquanto

empinava a bunda e rebolava de um jeito perigoso — para os homens.

Quando começou a próxima música, MauMau atrapalhou a brincadeira ao enrolar o meu cabelo na mão e me puxar para beijar minha boca. Empurrei meu amigo com raiva e ele continuou sorrindo, enroscando o braço em minha cintura. Com seu peso e sua força, fomos parar contra a parede, ele de costas, me posicionando entre suas pernas.

— Pare de me maltratar assim, Mari — pediu, sedutor. — São só uns beijos...

— Não, Mau. — Virei o rosto quando ele roçou a boca na minha e olhei em volta. — Olha só, eu prometo pensar nisso, mas não hoje. Vamos só curtir a noite.

— Se me beijar eu paro de encher o saco. Só um beijo. — Ele fez um biquinho com os lábios e o filho da mãe era charmoso, tinha o cabelo loiro, olhos escuros, um rosto quadrado de boca bonita. — Tô doido pra sentir seu gosto, princesa. Você nos maltrata com esse jeito de dançar.

Para encerrar aquilo de uma vez por todas e também porque não seria nenhum sacrifício dar um beijo no garoto que todas sempre queriam pegar, segurei o rosto de MauMau e grudei nossos lábios rapidamente, na intenção de dar somente um selinho.

Ele me apertou entre os braços e me puxou para junto de seu corpo enquanto enfiava a língua na minha boca tão urgente como se precisasse apagar algum incêndio. Eu até teria continuado se MauMau não tivesse segurado minha mão com força e a levado até sua calça, para mostrar que estava excitado. Não me sentia à vontade para um contato daquele tipo com ele, portanto, pisei no seu pé e me afastei depressa, ignorando suas reclamações.

— Volta aqui, Mari, me desculpa, vai...

— Perdeu sua chance — reclamei, com meu dedo em riste na direção dele. — Se eu quisesse segurar seu pau, eu mesma teria feito isso, babacão!

Por que os homens tinham que ser tão idiotas e sempre pensavam apenas em satisfazer a vontade da cabeça de baixo?

Eu me aproximei de Camila e avisei que estava indo embora, pois viemos juntas e sabia que ela ia querer aproveitar o meu *Uber*. Levamos alguns minutos para nos despedir de todos e, ainda ignorando MauMau que agora fingia que nada tinha acontecido e estava bebendo com os rapazes, nós saímos do baile no início da madrugada.

A casa da minha tia ficava numa rua estreita demais onde nenhum carro conseguia passar, portanto, eu sempre precisava descer na esquina dela. Quando o motorista

parou para eu descer, minha amiga Camila, que já estava mais do que bêbada, quase se pendurou em cima de mim para grudar o rosto no vidro da janela.

— Quem é *aquilo*?

Ela desceria por último, alguns quilômetros mais adiante. Dei a minha parte em dinheiro para o motorista e a beijei no rosto antes de sair do carro. Quando bati a porta e me virei de frente, entendi a que Camila estava se referindo. Sentado no meio-fio a uns cinco metros de distância, estava Arthur Salazar.

Permaneci imóvel pelos primeiros segundos, tentando assimilar o que estava acontecendo. Por que Arthur estava na casa da minha tia? E como era possível ele ter ficado mais bonito ainda, mesmo mais velho?

Meu coração traiçoeiro pareceu esquecer os motivos para termos fugido dele durante esses últimos anos e simplesmente começou a acelerar dentro do peito.

— Oi — murmurei, sem saber o que mais dizer. Perdi meu rumo no instante em que nos encaramos.

— Oi Nina...

Arthur era muito objetivo e eu sabia que não havia a menor possibilidade de ele estar uma hora daquela na porta de casa se não tivesse vindo à cidade exclusivamente por minha causa. Vários sentimentos povoaram a minha mente, culpa, felicidade, tristeza,

ansiedade... Ele estava tão... Arthur! Eu não o via há dois anos e podia jurar que tinha ficado ainda mais impressionante.

Fiz a coisa mais sensata que passou pela minha cabeça. Tentei afastá-lo da minha vida e tirá-lo dos meus pensamentos para não sofrer, mas eu o amava como a pessoa que era e com o significado enorme que ele tinha na minha história. De forma alguma, eu o trataria mal ou seria nada além de quem sempre fui perto dele. Portanto, me atirei em seus braços e grudei o nariz no tecido cheiroso de sua roupa, como se estivesse de volta ao meu lar.



Capítulo 6

Arthur

Dentro do carro, Marina digitava freneticamente no *Whatsapp* e logo em seguida abriu o *Instagram* para conferir as curtidas em uma foto que provavelmente foi tirada mais cedo. Ela posava com a mesma roupa que estava usando, além de um boné preto e uma garrafa de cerveja na mão.

— Coisas assim que você estava evitando que eu visse? — perguntei e ela desligou a tela do aparelho.

— Você não reagiria bem.

— Alguma vez eu agi assim com você?

— Não antes, mas agora eu mudei — murmurou baixo, quase como se não quisesse mesmo falar. — Eu cresci, Arthur. Faço coisas diferentes, me visto diferente, meu corpo está diferente.

Flagrei o babaca do motorista lançando olhares indiscretos para Marina pelo espelho retrovisor e devolvi o

gesto com minha famosa cara feia até que ele se tocou e parou.

Recostei-me ao banco e suspirei. A roupa era a última coisa com a qual eu me importava, estava mais preocupado com drogas e bebidas. Porém, não queria tocar num assunto tão delicado dentro do carro, com um estranho tomando conta da nossa conversa. Apenas passei o braço sobre os ombros dela e a puxei, sentindo sua cabeça encostar em mim.

Marina se encolheu de encontro ao meu corpo e puxou a mochila para o colo numa tentativa de esconder as pernas nuas. Caímos em silêncio até que senti ela cochilar durante o percurso da zona oeste até a zona sul. Mantive-me alerta, observando a paisagem do Rio de Janeiro e notando algumas mudanças em locais que conhecia tão bem. Ao pararmos na porta do *Fasano*, precisei acordá-la e peguei sua mochila ao descer do carro. Marina estava sonolenta e parou ao meu lado na recepção, se encostando em mim.

— Bom dia — cumprimentei o recepcionista que parecia entediado no meio da madrugada, mas acordou rapidinho ao notar Nina. — Minha sobrinha vai se hospedar comigo e gostaria de ver se é possível trocar de suíte para alguma que possua duas camas. Tenho apenas uma mala

pequena lá no quarto, está fechada e arrumada, basta que busquem para mim.

— Bom dia, senhor. Qual sua suíte?

Entreguei minha chave e esperei que o rapaz olhasse no sistema, fazendo a troca rapidamente e me indicando outro andar. Escutei que levariam minha bagagem para a nova suíte e subi com a menina, que não parava de bocejar pelo caminho.

— Quanto você bebeu?

— Não sei... — Ela encolheu os ombros e se virou para se olhar no espelho. Arregalou os olhos e passou os dedos sob eles, limpando um pouco de delineador borrado. — A gente compra as bebidas e vai compartilhando. Não estou bêbada.

Quando o elevador parou no nosso andar, Nina saiu aos pulos como se tivesse recuperado toda a energia num estalar de dedos. Eu a segui até o quarto e deixei que entrasse primeiro. Marina se jogou na cama mais perto da varanda e ficou ali, de olhos fechados, braços e pernas abertas.

— Que delícia! — disse ela, rolando de bruços e agarrando um travesseiro. — Parece que estou nas nuvens.

O *short* enfiado na bunda e com uma parte da popa aparecendo me obrigou a desviar o olhar. Estava prestes a

fechar a porta quando um funcionário apareceu com minha mala e aproveitou para dar uma conferida no interior do quarto. Bati a porta na cara dele e a tranquei, finalmente me sentindo em paz.

— Vou tomar um banho! — Marina decidiu, pulando da cama e abrindo a mochila. — Será que tem roupão aqui? Daqueles felpudos? Quero tirar *selfie* de roupão!

Mal pisquei e passou como um foguete por mim, com uma energia que até poderia me deixar com inveja. Aproveitei o momento para abrir minha mala e separar a roupa que usaria para dormir, assim como pegar minha *necessaire* com meus produtos de higiene; tomaria banho tão logo Marina saísse do banheiro.

Quando terminei todo o meu processo, avistei o cardápio do restaurante, lembrando que Nina podia estar com fome. Peguei o menu, pensando no que escolher, mas ela estava tão diferente que não quis arriscar fazer um pedido por minha própria conta e a menina não comer. Caminhei na direção do banheiro para tentar falar com ela através da porta, mas estaquei ao encontrar a mesma escancarada.

Marina estava sentada sobre a bancada de mármore, de costas para o espelho que tomava conta da parede. Com o celular na mão, ela tirava *selfies* em poses sensuais

vestindo apenas o *short* preto. Tinha tirado o *top* e usava o braço esquerdo para esconder ambos os seios.

— Que merda você está fazendo da vida? — questionei, pensando se entrava ali e jogava o aparelho na privada ou contava até dez e me acalmava.

— Ahhh! — Ela não esperava pela minha interrupção e gritou ao saltar da bancada, apertando ainda mais o braço contra o corpo. — Sai daqui, Arthur!

Acabei recuando quando correu na direção da porta, meio atônito e preocupado com o que vi, sentando-me na beira da minha cama e ligando a televisão para tentar me distrair um pouco. Até onde eu tinha conhecimento, ela sempre foi uma menina alegre e comunicativa, mas era dona de uma certa timidez. Quando tinha se tornado tão extrovertida e desinibida? Será que tinha entrado nessa onda de mandar nudes? Não conseguia imaginar aquela garotinha tirando foto sem roupa e enviando para algum *playboy* idiota.

Desistindo de pedir comida porque tudo o que eu queria era que ela dormisse o quanto antes, abri o frigobar e puxei uma miniatura de *Red Label* para dar uma relaxada. Precisava organizar minha mente e me preparar para uma conversa séria no dia seguinte, pois queria voltar para São Paulo com a sensação de ter resolvido minha

situação com ela e colocado um pouco de juízo em sua cabeça.

Estava me levantando para jogar a garrafa vazia no lixo quando Marina saiu do banheiro enrolada no roupão branco e caminhou apressada para a cama. Não nos falamos porque fui logo tomar meu banho e depois de trancar a porta por dentro, notei a bagunça que tinha deixado para trás. Dobrei seu *short* num canto da bancada e peguei do chão a calcinha — fio-dental ainda por cima — de renda, colocando-a junto com o *short*.

Não me demorei muito no banho, mas foi tempo suficiente para Marina ter se trocado e ela agora estava sentada no meio de sua cama, fazendo tranças no cabelo. Usava uma camisa de uma banda asiática dessas que os jovens de hoje adoravam e um *short* mais comportado do que o anterior. O celular estava sobre uma das coxas e ela estava assistindo *stories* no *Instagram*. Notei o sorriso alcançar seus lábios assim que me viu e correu os olhos pelo meu corpo.

— Você é mesmo muito velho — zombou, gargalhando. — Até pra viajar usa pijama?

— É só uma calça e uma camisa.

— Um pijama. Eu sei que é, porque você tem uma coleção deles.

Eu me sentei na cama que sobrou, de frente para ela. Tinha tanto que precisávamos conversar e parecia que havia um abismo entre nós dois. Apesar do breve momento de descontração, Nina voltou a atenção para o celular e não tirou mais os olhos dali até que o quarto caísse num silêncio profundo.

— Por que me afastou da sua vida? Não diga que tem a ver com corpo e roupas, Nina, porque eu já venho sentindo essa sua distância há bem mais de um ano. Acho que a última vez que conseguimos interagir direito foi no último Natal que passou em São Paulo.

Marina largou o celular perto do travesseiro e se virou também de frente para mim, sentada igual Buda, como amava fazer desde criança. Antes que começasse a falar, suas bochechas ganharam a coloração avermelhada e ela suspirou.

— Eu era apaixonada por você, príncipe — declarou de forma bem direta. — E quando percebi que você nem fazia ideia do que eu sentia, que só me enxergava como uma criança, decidi que precisava te esquecer o mais rápido possível.

Em minha mente surgiu a lembrança do dia em que ela me disse que nunca beijaria a boca do pai, quando eu insinuei que tinha idade para ser minha filha. Lembrava perfeitamente a sensação de pavor que me consumiu

naquele momento, era a mesma que eu sentia agora enquanto encarava uma Marina com um sorriso sem graça no rosto sem maquiagem.

— Talvez tenha confundido os sentimentos, Nina. Não acho que você tinha idade para saber o que era realmente paixão.

— Diminuir a importância disso não vai mudar nada — rebateu, endurecendo a expressão. — Só eu sei o que sentia, ok?

— Nina... — Apoiei o rosto nas mãos ao abaixar a cabeça e esfreguei meus olhos cansados. Estava bem tarde, eu tive um dia conturbado, precisava dormir e agora essa bomba sendo jogada no meu colo. — Não sei o que dizer nesse exato instante, mas nunca, em todo o tempo que você existe, passou pela minha cabeça magoá-la ou machucá-la deliberadamente. Nós tínhamos intimidade para você vir falar comigo, lidaríamos com isso da melhor forma possível, mas se afastar não foi inteligente.

— Você já se apaixonou, Arthur?

Ergui novamente a cabeça e a encarei. Marina estava prendendo o lábio inferior com os dentes, não de um jeito sensual, mas da forma como tinha mania de fazer quando ficava apreensiva.

— Paixão é uma palavra forte demais para mim. Você sabe que sempre priorizei minha carreira, mas já...

gostei muito de algumas mulheres.

— O que eu sentia não dava pra resolver com conversa, eu estava no auge da minha adolescência, numa erupção de hormônios. Só enxergava Arthur, Arthur e Arthur diante de mim. — Ela suspirou e tapou o rosto. — Uma amiga que estuda Psicologia acha que essa minha obsessão por um homem tão mais velho é um tipo de carência, uma necessidade de suprir a ausência de um pai.

— É possível — concordei. — Você era muito nova quando seus pais faleceram.

Ela assentiu, cabisbaixa, mas logo se empertigou e abriu bem os braços, sorrindo e iluminando o quarto com aqueles olhos cheios de brilho.

— Enfim, eu superei! Sofri bastante, mas consegui parar de escrever seu nome em todas as páginas dos meus cadernos e ler nossos horóscopos todos os dias. — Marina sorriu bem largo e de um jeito forçado enquanto fechava os olhos e inclinava a cabeça para trás. Tive um déjà-vu porque era isso que ela sempre fazia quando falava algo engraçado e ficava sem graça ao mesmo tempo. — Você ter começado a namorar e casar logo depois ajudou bastante a me fazer perceber a realidade.

— Mas eu não me casei. — Ri com a sua expressão chocada ao abrir os olhos. — De verdade, só fomos morar juntos.

— Dá no mesmo, Arthur.

— Legalmente, não dá não, mas entendo seu ponto de vista. Porém, como soube que estávamos juntos, se não estava falando comigo direito?

Marina arregalou os olhos e abriu mais um sorriso.

— Eu bloqueei você, mas tinha meus meios de tomar conta da sua vida.

Levantei-me para pegar uma água no frigobar sem conseguir controlar a risada que escapou. Aquela Marina afrontosa e direta não estava nos meus planos.

— Quer uma? — perguntei apontando para a água e ela confirmou. — Então quer dizer que temos aqui uma perseguidora? É bom saber disso pois agora vou me precaver melhor.

Ela pegou a garrafinha que ofereci e aproveitei para dar uma olhada pela porta em vidro da varanda, com medo de que a manhã estivesse muito próxima. Precisava de pelo menos umas quatro horas de sono.

— Minha dúvida é, se você diz ter superado essa paixãoite, por que continuou afastada?

— Não sei, acho que acostumei com minha nova rotina. Eu sinto saudade de você, óbvio, mas me mantenho ocupada e tenho feito um monte de coisa. — Eu me virei no instante em que Marina dava de ombros. — Também

não acho que sua atual condição precise de uma pirralha metida na sua vida.

— Condição?

— Seu casamento — respondeu, balançando a cabeça e me mostrando a língua. — Apesar de você jurar que não está casado.

Decidi apagar a luz do quarto já que as luminárias sobre o painel das camas ainda estavam acesas e me dirigi à minha, querendo finalizar a conversa e dormir.

— Não estamos mais juntos, Nina. E mesmo que estivéssemos, você sempre foi minha prioridade antes de qualquer mulher. Amanhã terminamos essa conversa, ok?

— Não estou com sono...

Ajeitei-me nos travesseiros e me cobri só até a cintura porque estava um calor infernal na cidade e eu queria aproveitar o ar-condicionado.

— Tem uma academia aqui no hotel se quiser gastar toda essa energia — murmurei, fechando os olhos e me permitindo desligar de todos os problemas.



Capítulo 7

Marina

Era óbvio que eu não perderia a chance de tirar fotos na piscina de um dos mais famosos hotéis de luxo do Rio, portanto, assim que acordei, puxei minha mochila para o banheiro e me tranquei lá dentro para vestir o biquíni. Aproveitei que Arthur ainda estava desmaiado na cama e fiz tudo sem pressa, voltando para o quarto enrolada no roupão e ainda o encontrando desacordado.

Sentei-me na cama e o observei, já que não tinha muito o que fazer. Ele estava mais velho, com algumas rugas a mais nos cantinhos dos olhos, mas continuava bonito pra caralho. Arthur Salazar nunca foi aquele homem de feições delicadas e perfeitinhas como os príncipes encantados. Não, esse era o papel do meu irmão Felipe, tão moreno quanto eu, de olhos castanhos esverdeados iguais aos do meu pai, rosto quadrado e traços de modelo. Arthur tinha mais cara de homem carrancudo, sério demais, rígido e bruto, do tipo que dá somente um olhar na

sua direção e você cai morta na mesma hora. Seus olhos eram muito azuis e seu rosto fino acompanhava sua elegância. O nariz era grande, afilado e másculo, harmonizava demais com seu maxilar e as sobrancelhas grossas e escuras. O bigode e o cavanhaque perfeitos já eram sua marca registrada e eu amava quando os pelos estavam crescendo e os sentia rasparem em minha pele quando ele beijava meu rosto.

Dei um tapinha no rosto para voltar à realidade. Não era mais uma boba apaixonada. Isso eu não menti. Talvez tenha apenas ocultado informações, como, por exemplo, o fato de que ainda o considerava um puro tesão e adoraria escalar aquele corpo e montá-lo como se fosse um touro.

— Arthur! — chamei, jogando meu travesseiro sobre ele. — Acorda, príncipe encantado!

Ali estava o diabo me tentando o juízo quando ele se esfregou nos lençóis e abriu os olhos de felino na minha direção.

— Bom dia — murmurou, passeando o olhar pelo quarto para voltar a me encarar. — Que horas são?

— Quase dez.

Ele voltou a fechar os olhos e se espreguiçou lentamente, até que se virou de lado e esfregou o rosto sonolento.

— Preciso de um pouco de privacidade para me levantar, Nina.

Imaginei que estivesse se referindo àquele papinho de ereção matinal e resisti à vontade de mirar o local em questão. Fui para a varanda, me corroendo por não poder dar uma espiadinha e conferir se era tudo o que eu imaginava. Respirei o cheiro característico de maresia e virei o rosto na direção do sol delicioso que queimava no céu. Quando escutei o barulho da descarga, voltei para dentro do quarto e me sentei numa poltrona, esticando meus pés na cama à frente.

— Por acaso marcou algum compromisso para hoje?
— perguntei para um Arthur ainda letárgico. — Se sim, queria saber se você se importa de eu ficar por aqui. Pensei em curtir um pouco a piscina do hotel.

Ele abriu o frigobar e pegou uma garrafa d'água, abrindo-a e bebendo vários goles antes de se virar para mim.

— Meu compromisso aqui na cidade é você, Marina. Vim passar seu aniversário contigo.

Estremeci ao imaginar Arthur todo sério na minha comemoração, junto com meus amigos. Não seria nada bom.

— Meus amigos farão uma festa surpresa pra mim amanhã — confessei.

— Pelo visto não é surpresa — disse ele, arqueando uma sobrancelha. — Não vou atrapalhar sua comemoração, se quiser podemos almoçar amanhã ou, sei lá, você escolhe o programa.

Eu me levantei e me aproximei, dando um tapinha no abdômen dele, que ainda continuava bem duro.

— Eu quero que você vá na festa, príncipe. Só saiba que vai tocar muito, muito *funk*.

— Vai ter algum adulto?

— Ué, todos nós! — Controlei a vontade de dar uma boa revirada de olhos. — Estou fazendo dezenove anos, Arthur! Não tente me tratar como criança.

Ele sorriu e estalou a língua, sentando-se na beira da cama e massageando os ombros.

— Você colocou silicone e chama atenção por onde passa. Já entendi que não é mais meu unicórnio.

Toquei meus seios por cima do roupão, muito orgulhosa e satisfeita com eles. Juntei dinheiro por quase um ano para poder pagar a cirurgia e tive um pós-operatório terrível já que não era rica e não podia passar o tempo todo de repouso sendo paparicada. Eu amava o resultado!

— Então, tem uma coisa que você precisa saber. — Parei na frente de Arthur e cruzei meus braços. — Eu sou *influencer digital*, sabe o que é isso?

— Sou mais velho que você, Nina, mas ainda vivo no mesmo universo — respondeu, sorrindo.

— Mas não sou famosa nem nada, quer dizer, até sou, para os meus cem mil seguidores.

— Cem mil? — Arthur se surpreendeu, arregalando os olhos e alisando a nuca. — Uau... Isso é muito. Certo?

Encolhi os ombros.

— Não é não, ainda sou pequena e estou começando, mas já consigo ganhar algum dinheiro posando de vez em quando pra alguma marca ou divulgando produtos no meu *Instagram*. E... — pigarreei, porque era a parte chata pra contar a ele — trabalho com meu corpo, minha imagem, me exponho bastante. Por isso bloqueei você, porque meu perfil é voltado para gerar conteúdo para meus seguidores, entende? Você se irritou com uma única foto que postei lá no início da minha carreira e...

— Carreira? — Ele inclinou a cabeça e franziu a testa. — E a faculdade?

— Está trancada — confessei.

O Arthur nunca conseguiu esconder muito bem quando ficava puto com alguma coisa. Uma vez, quando eu e meu irmão morávamos com ele na zona sul aqui do Rio, eu ainda era muito novinha e usei um dos seus trabalhos de faculdade para desenhar unicórnios e treinar

os formatos mais diversos. Ele não brigou comigo quando descobriu, disse que não se importava, mas o olhar dele foi o suficiente para me fazer sair correndo para o quarto, em prantos.

Ele estava me lançando esse mesmo olhar agora, enquanto seu olho esquerdo tremia.

— Não abandonei a faculdade, príncipe — avisei, segurando o rosto dele entre as mãos para o homem não ter um treco e cair duro ali na minha frente. — Só tranquei porque não tenho mais certeza se é esse curso que quero fazer e olha, eu só tenho dezenove anos, vai dar tudo certo. Você pode tentar não brigar comigo na véspera do meu aniversário?

Sustentei o olhar dele por muito tempo, eu não era mais a garotinha bobinha que ficaria nervosa por qualquer coisa. Arthur, por fim, afastou minhas mãos de seu rosto e se levantou em toda a sua glória.

— Não pense que essa conversa não irá acontecer antes do meu retorno à São Paulo. Vou dar tempo para que prepare sua defesa.

— Sim, senhor advogado. Agora podemos ir pra piscina?

Ele vestiu um *short* bem de tiozão e eu me mantive com o roupão, que usei para tirar foto no elevador, sensualizando para o espelho e tentando ao máximo

manter o Dr. Salazar fora da imagem. Não podia negar que estava me divertindo em ver como ele parecia incomodado com toda a minha exposição.

— Quantas fotos você tira por dia? — perguntou quando chegamos ao terraço onde ficava a área da piscina.

Ignorei porque estava ocupada observando tudo ao nosso redor. Era lindo, bem decorado, extremamente chique e a paisagem, esplêndida. Como estava acostumada com a rotina que levava, demorou apenas alguns segundos para que eu decidisse os melhores ângulos para fotografar, mas para isso, precisaria de ajuda.

— Tira minhas fotos? — pedi, estendendo meu celular para ele. — Normalmente eu peço para amigos ou se estiver sozinha, arranjo alguém.

No terraço havia mais um casal que provavelmente era gringo e dois homens que aparentavam a idade de Arthur, mas nenhum estava usando especificamente a piscina.

— Você vai me fazer bater cinquenta fotos para escolher uma, não é? — Ele riu, mexendo no meu celular e balançando a cabeça. — Já entendi porque insistiu tanto pela minha companhia.

— E já que está aqui, pode até fazer um *storie* em vídeo — falei, apoiando minha mão no ombro dele para

mexer no telefone que segurava. — Clica aqui e filma meus movimentos, é só ficar parado, deixa que eu me mexo.

— Eu sei fazer um *storie*, Marina. Não precisa me ensinar.

Sorri e pisquei, andando para a frente dele e me posicionando de costas para a piscina. O sol estava fortíssimo e era preciso cerrar um pouco os olhos porque eu estava contra ele, mas ergui a mão e dei o comando para que Arthur começasse a gravar.

Rodopiei nas pontas dos pés, segurando o cordão felpudo, e quando virei novamente de frente, fingi gargalhar com os lábios entreabertos e desfiz o nó, soltando a peça e deixando o roupão cair aos meus pés. Mas o vídeo deve ter ficado uma merda porque Arthur baixou a mão e virou a câmera na direção do chão.

— Puta que pariu, Marina — praguejou, se aproximando e olhando para trás, na direção dos outros homens. — Ficou maluca?

Olhei para meu corpo, com medo que algo tivesse saído do lugar, mas estava tudo normal.

— O que foi?

Arthur se abaixou para pegar o roupão e o encostou contra meu corpo, tentando me cobrir.

— Você está praticamente nua!

— É um biquíni, exatamente igual ao que você encontra nas praias — respondi, querendo gritar, mas evitando fazer um escândalo. — E é exatamente por causa dessa reação que está bloqueado no meu perfil. Tá vendo só?

— Nina, o biquíni é minúsculo — ele sussurrou ao se curvar para aproximar o rosto e eu enxerguei sofrimento no seu olhar. — Não estamos a sós...

— Ah, se fosse só você então tudo bem? Não tem problema você olhar?

Empurrei o peito dele e tirei o celular de sua mão, virando de costas e caminhando para a piscina. Sentei-me na borda e conferi o vídeo que ficou uma droga, não daria para ser postado. Minha vontade era sair dali, trocar de roupa e ir embora pra minha casa, mas decidi esfriar a cabeça e aproveitar um pouco do sol.

Arthur

Marina não viu que o pouco tempo que fiquei com o celular dela na mão, aproveitei para desbloquear meu perfil. Dessa forma, enquanto ela me ignorava dentro da piscina, eu me atualizava em tudo que tinha perdido esses

anos. E caralho, ela não estava mentindo quando disse que trabalhava com o corpo.

Eram dezenas e mais dezenas de fotos sensuais com *lingerie* e biquíni, algumas poses me chocavam só de olhar pela tela de um celular. Era difícil até mesmo para mim, que a conhecia desde bebê, permanecer indiferente diante daquelas imagens. Como aquela menina tinha se transformado nessa pessoa que olhava para a câmera como se estivesse fazendo sexo com ela? Quanta transformação ela me fez perder em sua vida?

Sentindo o sol esquentar cada vez mais minha pele, deixei o celular um pouco de lado e suspirei, deitado numa das espreguiçadeiras enquanto tomava conta dela. O casal tinha ido embora, mas os dois homens continuavam ali e tinham até se aproximado da piscina. De jeito nenhum eu a deixaria sozinha com eles.

Marina estava sentada num degrau largo submerso há mais de dez minutos, sem se mexer, apenas olhando para a frente, na direção da praia. Parecia estar chateada e me dizia claramente isso com sua postura corporal.

Observei os homens que conversavam mas não tiravam os olhos da piscina e cocei a cabeça. Talvez eu tenha reagido mal mesmo, mas fui pego totalmente de surpresa. Já tinha visto Marina na noite anterior vestida com aquela roupa que mostrava demais, mas não era o

mesmo que vê-la de biquíni. O corpo dela estava... extravagante, quase um atentado ao pudor por si só. Não era fácil programar o cérebro de um dia para o outro para que ele não pensasse asneiras só em olhar para ela. Por Deus, tratava-se de Marina Leão e eu a peguei no colo quando nasceu!

Quando o homem loiro com cara de gringo se levantou e indicou que entraria na piscina, eu me adiantei e mergulhei de cabeça, provavelmente jogando água em cima dele. Nadei em braçadas até onde ela estava e sorri ao me aproximar.

— Eu venho em paz — avisei, notando pelo meu campo de visão periférico que o cara desistiu de entrar. — Podemos conversar? — Ela assentiu em silêncio.

Sentei-me ao lado dela no degrau e peguei em sua mão delicada, notando as unhas grandes. Entrelacei nossos dedos e a aproximei de meus lábios, deixando um beijo ali na sua palma.

— Nina, escuta, vim para tentar consertar o que estava ruim entre nós, pra recuperar nossa relação. Não quero mandar na sua vida nem criticá-la, só quero que volte a permitir que eu participe dela. Você é muito importante para mim, pode me chamar de velho, de cafona, sei lá, tanto faz, mas eu a vi nascer, crescer, te acompanhei durante todos esses anos. E aí quando você passa pelas

mudanças mais drásticas na sua vida, me expulsa dela, não me deixa acompanhar seus passos, então tudo isso é novo pra mim. Não mando em você, não posso dar opinião no que veste ou como age, prometo que vou me policiar mais daqui pra frente. Eu só não estava preparado para dar adeus à Marina menina e encontrar a Marina mulherão.

Ela sorriu e me estendeu o dedo mindinho, no qual eu enganchei o meu para fazermos as pazes.

— Eu não sou, sabe? — comentou, num sussurro, mexendo as pontas dos dedos na água cristalina.

— Não é o quê?

— Mulherão — ela respondeu, encolhendo os ombros. — É só um personagem que encarno para as redes sociais, mas na vida real não consigo ser tão assim. Eu tenho um corpo bonito e me esforço para isso, mas, sei lá, acho que é minha única qualidade.

— Não é verdade. — Agachei-me diante dela e apoiei minhas mãos em seus joelhos. — Nina, você vai fazer dezenove anos amanhã. Tem um mundo de descobertas e autoconhecimento pela frente, isso que viveu até agora foi só o pontapé inicial. Pode fazer poses sensuais, usar maquiagem de mulher fatal, mas isso aqui — cutuquei o dedo na altura do seu esterno, um pouco acima daquelas bolas que quase saltavam pelas cortininhas do biquíni — não muda. Eu conheço muito bem

a essência de Marina Leão e digo que é impossível sua única qualidade ser seu corpo.

Surpreendentemente, ela se jogou em cima de mim e enroscou os braços no meu pescoço. Nossa plateia não parecia muito feliz. *Isso mesmo, seus babacas, não tem nada aqui que seja para o nível de vocês.*

— Senti falta dos seus sermões — murmurou, o corpo sacudindo com uma risada. — Nunca consigo ficar muito tempo com raiva de você.

Beijei seu rosto e me afastei para pegar o celular que estava na borda da piscina. Entreguei-o para ela e movi minhas sobrancelhas mesmo sabendo que ficava ridículo fazendo esse gesto.

— Vamos lá, me diga como quer a foto enquanto eu aproveito para matar aqueles dois idiotas ali de inveja.

Marina abriu um sorriso lindo de dentes perfeitos e ficou animada, devolvendo-me o aparelho e se posicionando no degrau mais alto. O biquíni fatal era vermelho, daquele modelo clássico de lacinho, mas a forma como ela usava, com as laterais puxadas para cima na cintura, deixava uma marca antiga de outra calcinha à mostra, o que tornava tudo excepcionalmente... como posso dizer? contei até três e preferi não pensar em nada além de clicar as fotos.



Capítulo 8

Arthur

— Por que terminou com a Renata? — Marina perguntou enquanto terminava de comer a sobremesa, lambendo a colher sem se dar conta do quanto ela fazia aquele gesto soar pornográfico, obrigando-me a respirar fundo e encarar meu guardanapo.

Meu Deus, era muito errado imaginar qualquer outra coisa no lugar do talher. *Mude o foco, Arthur.* Engoli em seco e dobrei o tecido branco em três meticulosos quadradinhos para ganhar tempo antes de levantar meus olhos novamente.

Tínhamos ido almoçar num restaurante na orla de Ipanema e eu podia dizer que depois de termos nos acertado na piscina, o dia se tornou muito agradável. Conseguia enxergar ali a Marina que conheci, apesar de obviamente, encontrar novas nuances. Ainda era uma ótima menina, leve, descontraída, sem um pinga de maldade. Até mesmo o efeito que causou no garçom

quando se curvou para pegar o guardanapo que caiu no chão e deu a ele uma bela visão dos seus seios foi completamente despropositado. O homem ficou tão sem graça quando percebeu que eu observava sua indiscrição que não voltou mais para atender nossa mesa, recebemos um novo garçom. Marina parecia não perceber que causava estrago onde passava, igual a um furacão.

— Não estávamos mais funcionando como casal — respondi ao finalmente voltar a olhá-la, encolhendo os ombros. — Não há um motivo específico. Só achamos que era melhor nos separarmos antes que o respeito acabasse.

— Então... Você está solteiro.

Confirmei, apenas sorrindo e olhando rapidamente ao nosso redor. Desde que cheguei ao Rio de Janeiro nem tive tempo de reparar nas mulheres e caramba, se tinha uma coisa que adorava, eram as cariocas.

— Preciso avisá-lo que todas as minhas amigas vão dar em cima de você na festa, mas eu o proíbo de ficar com qualquer uma delas. Não que eu ainda goste de você — ela se explicou, largando a colher e erguendo as mãos —, mas seria estranho ver qualquer uma delas te agarrando.

Marina sugou o suco pelo canudo até esvaziar completamente o copo e fazer aquele barulhinho irritante, enquanto me encarava com os olhos castanhos fatais.

— Suas amigas de dezenove anos? — Ri, usando o guardanapo pela última vez antes de colocá-lo na mesa. — Não tenho interesse em meninas novinhas, Nina.

— Não fique desdenhando, ok? Você nem imagina como a artilharia é pesada. Depois não diga que eu não avisei.

— Onde será a festa?

— Na casa de uma amiga minha, que mora na Taquara. Na verdade, eles não sabem que eu sei, então temos que fingir tudo. — Acenei para o garçom trazer a conta sem tirar os olhos dela. — A ideia é ela me chamar até lá com a desculpa de que vamos sair pra algum lugar que ainda não foi combinado. Quer chegar comigo ou prefere me encontrar na festa?

— Eu tenho cara de quem a deixaria ir sozinha? — Recebi a conta e entreguei meu cartão para o garçom. — Vou alugar um carro, pegar você em casa, deixar em casa, voltar para o hotel e na sexta de manhã embarcarei para São Paulo.

A expressão de Marina murchou como cera derretida quando mencionei minha partida e eu também não gostava disso, mas não tinha o que fazer. Minha ida até o Rio de Janeiro foi excepcionalmente para vê-la e saber se estava bem, descobrir como estavam as coisas entre nós.

— Não vai nem passar o final de semana aqui?

— Não posso, Nina. Tenho uma audiência na sexta à tarde. — Eu me levantei e segurei sua cadeira para que fizesse o mesmo. — Mas como a senhorita trancou a faculdade, não vejo empecilho algum para que me visite.

— Vou te visitar então! É só me dizer quando posso ir.

Ela se enroscou no meu braço como uma gata manhosa e me senti um pouco desconfortável com alguns olhares de pessoas que claramente me julgavam por estar na companhia de alguém tão nova. Precisaria ignorar essa sensação se pretendia retomar nosso contato, já que não havia o que fazer. Por mais que tivesse com um corpo bem desenvolvido, sem maquiagem e salto alto Marina não conseguia esconder a idade que tinha.

— *Sugar daddy* — sussurrou ela quando saímos do restaurante e paramos na calçada.

— O quê?

Seus dedos soltaram meu braço e ela se postou à minha frente, com as mãos na cintura e uma daquelas sobrancelhas delineadas bem arqueada.

— Arthur, você vive em que realidade? — perguntou e riu. — Não sabe o que é um *sugar daddy*?

Deveria saber? Busquei na memória qualquer informação que eu tivesse a respeito daquelas palavras, mas não encontrei nada.

— A tradução literal eu sei, papai de açúcar.

Ela riu, não, ela gargalhou, chamando a atenção de quem passava naquele momento perto de nós, precisou até apoiar as mãos nos joelhos para se equilibrar. Estava quase pegando a merda do celular no bolso para jogar o termo no *Google* e descobrir do que se tratava, quando Marina segurou novamente meu braço e me puxou para caminharmos.

— Vamos à aula rápida. Um homem que se intitula *sugar daddy*, geralmente, é um cara mais velho, maduro, que já possui certo *status* financeiro, ou seja, é rico. Ele procura mulheres muito mais novas e bonitas, com determinados objetivos. Então, há uma troca mútua. Enquanto ele desfruta da companhia de alguém como ela, ela usufrui dos benefícios que ele tem a oferecer.

Precisaram inventar um novo termo para isso? Depois de ouvir tal explicação eu me dei conta de que estava mesmo ficando velho e desatualizado.

— Na minha época, chamávamos isso aí que você acabou de descrever de outra coisa — comentei, sentindo-me azedo por ver Marina falar com tanta propriedade sobre o assunto.

Ela apertou meu braço e ergueu o rosto para me encarar, revirando os olhos.

— Não tem nada a ver com prostituição, se é o que está pensando. Existe mesmo um relacionamento entre o *sugar daddy* e a *sugar baby*.

— Entendi. — Parei de andar quando atravessamos o sinal para chegar ao calçadão da praia e a fiz olhar para mim. — Nina, não me diga que você já se envolveu com essas coisas e...

— Não — disse ao me interromper. — Não vou mentir, já passou *sim* pela minha cabeça, mas não é tão simples. E eu não quero realmente me envolver com alguém dessa forma. Quero que exista sentimentos antes de mais nada.

Tirei-a do caminho de algumas pessoas que estavam correndo no calçadão e paramos perto de um quiosque lotado de banhistas.

— Por que me chamou de *sugar daddy*?

— Porque você é a personificação de um — disse, sorrindo e apontando para mim. — Pelo menos, é o que eu esperaria encontrar se me cadastrasse num desses sites.

— Eu não sou tão velho assim para precisar pagar por companhia. Acho que dou conta da situação por mais uns vinte anos.

— Você não entendeu o espírito da coisa. Dizer que se enquadra no perfil de *sugar daddy* não é exatamente uma crítica, Arthur.

— Entendi sim. — Voltamos a caminhar, sem pressa, na direção do hotel. — Na minha humilde opinião, o homem que precisa lançar mão de todo esse aparato é alguém que não consegue levar uma mulher jovem e gostosa para a cama por conta própria. É por isso que precisa apelar para os recursos financeiros e sociais.

Marina me assustou, pulando na minha frente e quase me fazendo passar por cima dela, sorrindo largamente e apontando o dedo indicador bem próximo do meu rosto.

— Olha o que você falou! — chiou, batendo palmas. — Te peguei!

Lancei um olhar rápido ao nosso redor, tentando entender o que tinha acontecido e a que se referia. Como ela estava vestindo um *short* que mais parecia uma calcinha e uma regata de alças muito finas — sem sutiã, para minha irritação —, seu bronzeado em dia com aquela cor caramelo reluzente aliado aos seios siliconados chamavam atenção demais do público masculino. Marina seria a causadora das minhas futuras enxaquecas.

— Não entendi, Uni...

— Você me chamou de gostosa! — Ela sorriu e piscou toda sensual. — Sabia que uma hora não ia conseguir controlar a língua.

— Tenho certeza absoluta que isso não aconteceu — respondi, sem cair na dela. Qual era a dessa necessidade constante em idolatrar o corpo, afinal?

— Você disse sim, sobre levar uma mulher jovem e gostosa para a cama.

Suspirei e puxei-a pela mão para que voltássemos à nossa caminhada. O Rio de Janeiro continuava com seu calor infernal e eu não estava vestido para ficar na praia. Tinha colocado o único *jeans* que trouxe na pequena mala e uma camisa social branca, que apesar dos três botões que mantive abertos e dos punhos arregaçados, ainda me fazia morrer de calor. Era fato: já tinha me acostumado o suficiente com São Paulo para me considerar paulista.

— Não estava me referindo a você, Marina. Até porque eu a quero bem longe dessa loucura de *sugar daddy*.

Andávamos agora lado a lado e pela minha visão periférica senti que ela se retraiu um pouco, enfiando as mãos nos bolsos e encolhendo os ombros. Lancei um olhar para Nina e notei sua cabeça virada na direção do mar, de forma que não podia ver seu rosto. Para descontrair, parei de caminhar e segurei-a pelo braço, pigarreando.

— Vamos continuar discutindo sobre isso a tarde toda ou podemos ir comprar seu presente de aniversário? O que prefere?

— Qual presente? — Ela me olhou, interessada. — Sou eu que vou escolher?

— Como não sabia o que esperar de você e imaginei que estivesse muito mudada, achei melhor esperar chegar e te encontrar para resolver isso. — Puxei a carteira do bolso e tirei de um dos compartimentos meu cartão de crédito. — Quer dar um pulo no *shopping*?

Marina abriu a boca e arrancou o cartão da minha mão, grudando-o junto ao peito e girando nos calcanhares com uma felicidade absurda.

— Não acredito! — Ela se pendurou no meu pescoço e beijou meu rosto enquanto dava pulinhos no mesmo lugar. — Amei! Amei! Mas calma... — Quando me soltou, ajeitou os cabelos que voavam ao vento e ficou séria. — Pensei em comprar uma roupa para usar amanhã, mas talvez seja mais inteligente deixar para ver algo que eu realmente esteja precisando, né? Acho que um celular novo vai ser mais útil.

Sorri ao ver que ela não tinha perdido o jeitinho que eu amava e alisei seu cabelo, puxando-a para beijá-la na testa e abraçá-la pelos ombros.

— Estou te levando ao *shopping*, Nina. Hoje você vai comprar tudo que quiser.

Eu a guiei até a beira da calçada e parei o primeiro táxi que passou por nós, dando como destino o *Shopping*

Leblon e ouvindo dezenas de agradecimentos vindos de uma Marina empolgada demais.



Capítulo 9

Marina

Eu amava comemorar meu aniversário e todo cinco de março era sagrado pra mim, independente do que eu faria. Mas dessa vez estava tão nervosa que acabei vomitando todo o pudim de leite condensado que tia Marta fez para cantarmos parabéns depois do almoço. Na minha crise de ansiedade pela presença de Arthur na festa, acabei comendo mais do que devia e pronto, deu no que deu.

Parei diante do espelho pequeno do único banheiro da casa e respirei fundo uma, duas, três vezes, depois de escovar os dentes. Retoquei o batom nude e passei mais uma camada de rímel antes de apagar a luz. Arthur já tinha mandado mensagem avisando que estava lá na esquina com o carro alugado.

Segurando a alça da minha bolsa nova e o celular na mão, caminhei sem pressa até lá. Tinha comprado essa saia de couro maravilhosa para usar na festa e tinha

amado que ela me deixava ainda mais magra. Arthur não tinha visto quando a experimentei, então amei testemunhar a expressão no rosto dele quando me aproximei e joguei os cabelos para o lado.

— Uau — disse, depois de correr os olhos pelo meu corpo e eu dar uma voltinha. — Você estava preocupada por gastar demais o meu dinheiro, mas esse *look* deve ter sido bem barato... Considerando a quantidade de pano que ele não tem.

Cruzei os braços na frente dele. Não acreditava que tinha esperado por algo mais impactante e Arthur estava ali, reclamando do tamanho da minha roupa.

— Não vou agradecer nem nada, porque a gente só agradece elogios. E não encontrei nenhum no seu discurso.

Arthur inclinou um lado dos lábios para cima e me puxou pelas mãos, envolvendo minha cintura com seus braços fortes e me apertando dentro deles.

— Parabéns, Nina. Saiba que estou sempre torcendo pela sua felicidade e seu sucesso. Como o dia é todo seu, prometo não fazer você passar vergonha na frente dos seus amigos.

Deixei a risada sair ao inclinar a cabeça para trás e encarar aquele homem. A vontade de tascar um beijo em sua boca estava bem ali rondando minha mente, mas eu já

tive minha cota de rejeição por Arthur. Isso me fez espremer um lábio no outro para manter o controle e toquei no peito dele.

— Eu nem acredito que você não está de terno, isso é um verdadeiro milagre divino — zombei, mas logo revirei os olhos. — Mas... você tinha dito que sairia hoje para comprar algo que pudesse usar esta noite. Desistiu?

— E comprei — revelou, abrindo os braços para se mostrar.

Arthur estava de camisa polo branca para dentro da calça *jeans* escura e ainda usava um cinto clássico, que combinava com os sapatos da mesma cor de caramelo. Meus amigos provavelmente estariam de tênis coloridos, regatas bem despojadas e com um boné completando o *look*. Ele destoaria como uma raposa no galinheiro.

— Minha nossa senhora, você é muito engomadinho, príncipe.

— E a senhorita está mostrando demais — disse, abrindo a porta do carro para mim —, mas eu não posso fazer nada. Posso?

Entendi a indireta e passei meus dedos de um lado ao outro dos meus lábios, indicando que não reclamaria mais da roupa escolhida por ele.

Precisei dar um pulinho para subir no carro alto demais para minha saia muito justa e montei no banco,

ouvindo sua risada discreta quando tomou o lugar do motorista e se virou para mim.

— Sobre a falta de elogios... — Ele piscou. — É óbvio que você está linda, mas aos meus olhos, sempre foi.

— Tudo bem, não posso ficar brava com você... — Sorri, encolhendo os ombros. — Essa saia custou quase trezentos reais.

Ele estalou a língua e balançou a cabeça como se não se importasse e achasse apenas graça em saber o quanto tinha perdido de grana numa única tarde. Então, deu um tapinha na minha coxa da forma despretensiosa como sempre agia, mas meu corpo inteiro gelou com aquele toque.

— Esta noite quem manda é você. Passe-me o endereço da festa.



Precisava fingir que de nada sabia sobre a surpresa, portanto, quando Arthur estacionou na calçada em frente à casa da Ana Paula, eu parei por uns segundos antes de apertar a campainha. Respirei fundo para incorporar a personagem e toquei, esperando ser atendida.

Minha amiga loira de cabelos cacheados atendeu dois minutos depois, toda sorridente para mim e chocada

com Arthur. Ana era a riquinha da turma, a única de nós que morava fora de uma comunidade e que tinha vida de classe média. Eu a conheci na faculdade e acabei inserindo-a no meu grupo de amigos, mas ela sempre destoava e vivia uma realidade diferente de todos nós. Nem mesmo os bailes ela frequentava porque os pais morreriam se descobrissem.

— Parabéns, amiga! — ela gritou exageradamente e me esmagou num abraço. — Que bom que você chegou. Vamos um pouco lá dentro porque preciso que me ajude a escolher os sapatos. — Então, me soltou e se virou para Arthur. — Se você for o motorista do *Uber*, gostaria muito de pegar o seu cartão.

— Sou Arthur, amigo de Marina — disse ele, se apresentando e esticando a mão por cima do meu ombro. — É um prazer.

Aninha apertou a mão dele, incrédula, lançando um olhar para mim.

— Você nunca me falou de nenhum amigo... assim.

— Não, não falei. — Sorri, já preparada para a reação de todo mundo. — E aí, vamos entrar ou não?

Ela concordou, mas o olhar que me lançou quando nos deixou entrar no jardim, foi o suficiente para eu saber que não escaparia de um futuro interrogatório e que precisaria colocá-la a par da situação. Eu nunca tinha

falado de Arthur para nenhum dos meus amigos mais recentes, da minha galera a única que sabia sobre ele era Juliana, pois éramos amigas desde que fui morar com minha tia. Como minha intenção era esquecer o homem de uma vez por todas, não faria sentido tocar sempre no nome dele.

Nós passamos pela pequena piscina que enfeitava o quintal e ao pisarmos na varanda, Ana Paula soltou uma risada estridente e exagerada, aumentando o tom de voz:

— Vou ser bem rápida, mas pode me esperar aqui na sala, Nina — disse, abrindo a porta da casa.

Como disfarçava mal. Se eu já não soubesse da surpresa, teria descoberto agora. Mas tudo foi revelado para mim quando eu estava dentro do ônibus com Camila na semana passada e ela estava mexendo no *Whatsapp*. Eu não era do tipo fofoqueira de tomar conta de tudo, mas meus olhos sem querer bateram na tela do celular, coisa corriqueira, bem no momento em que chegou uma mensagem num grupo que ela participava. O nome do grupo era o mais óbvio possível: Festa Surpresa da Nina.

Precisei prender o riso e fingir que não tinha visto nada, então corri para mexer no meu próprio aparelho e cantarolar uma música qualquer que me veio na cabeça.

— SURPRESA!!!

Ouvi as vozes gritando ao mesmo tempo assim que a luz da sala foi acesa e levei a mão ao peito, bem digna de receber uma estatueta do Oscar.

— Não acredito! — gritei e, em seguida, tapei o rosto. Então gritei mais um pouco: — Vocês não valem nada!!

E aí foi aquela coisa de toda festa surpresa: um burburinho, a agitação total, as pessoas vindo ao mesmo tempo para cima da aniversariante, alguém apitando uma corneta, outro alguém perguntando onde está a cerveja e a música começando a tocar do nada, no último volume, quase estourando tímpanos alheios.

Nos primeiros minutos eu acabei esquecendo da presença de Arthur porque fui envolvida pela roda de amigos que queriam dar os parabéns todos ao mesmo tempo. Tive que abrir um presente ou outro — geralmente das meninas, homem nunca dava presente — e me sentia atônita quando a multidão foi se dispersando aos poucos.

Quando MauMau agarrou minha cintura, jogou meu corpo para trás e me beijou na boca, precisei virar o rosto para escapar e, pela minha visão periférica, vi um Arthur com expressão dura, braços cruzados, fuzilando meu amigo, enquanto Ana Paula tagarelava sem parar ao lado dele. Empurrei Maurício e estreitei meus olhos em sua direção quando me soltei de suas garras.

— Não começa com essa merda — pedi, irritada por ter sido atacada assim. — Tô falando sério, MauMau, eu não quero brigar contigo no meu aniversário.

Ele sorriu como o bom cachorro que era e chegou mais perto, deslizando o dedo indicador pelo meu queixo. Precisei me controlar para não quebrar aquele osso fino com uma unha na ponta.

— Até o final da noite, nós dois vamos aproveitar aquele quarto vazio lá no terraço. — Ele mordeu o lábio e me devorou com os olhos. — Dezenove anos, princesa. Tá na hora de perder o cabaço de uma vez por todas.

Por que isso incomodava tanto as outras pessoas? Estava cansada de todo mundo querer dar palpite no que eu fazia ou deixava de fazer. Empurrei ele com raiva ao sentir meus olhos arderem com as lágrimas que queriam sair.

— Só se for o teu quando eu enfiar um cabo de vassoura no teu cu.

MauMau gargalhou e minha vontade de tirar aquele sorriso babaca do rosto dele cresceu forte em mim, cheguei a levantar a mão, mas então senti um toque quente no meio das minhas costas e um corpo sólido encostar no meu.

— Quem é o menino, Nina? Amiguinho seu? — O braço de Arthur se apoiou em meus ombros e ele desceu a

mão pelo meu braço, esfregando minha pele. — Arthur Bittencourt Salazar, criminalista, amigo de Marina. E você?

A mão livre ele manteve esticada na direção de MauMau, que o único título que possuía deveria ser o de maconheiro do bairro.

— MauMau — disse o outro, passando a mão no queixo, cheio de marra.

— É um nome? De verdade?

Ele encarou Arthur por alguns segundos antes de se virar de costas, mas não sem antes me lançar um olhar afrontoso dos pés à cabeça. Tinha dias que MauMau estava especialmente insuportável e hoje parecia ser um desses dias.

— Tudo bem por aqui? — Arthur perguntou quando ele se afastou e me apertou contra o corpo. — Você está gelada.

— Uhum, tudo. Foi só... um desentendimento.

Ele parecia querer dizer alguma coisa, mas fomos bruscamente interrompidos quando Camila praticamente se jogou sobre Arthur, toda sorridente, e escorregadia com as duas mãos alisando o peitoral dele.

— Eu vi você! Eu vi! — disse ela, empolgada demais, toda dada. — Vi naquela noite na casa da Nina. *Tão* se pegando nééé? — Então, Camila se inclinou na minha direção e fingiu sussurrar: — Ele tem cara de rico!

— Ele é — respondi sem me preocupar, pois sabia que ela estava falando alto o suficiente para Arthur escutar.

— Marina e eu somos amigos de longa data, apesar de, pelo que tudo indica, ela nunca ter falado de mim. — Ele sorriu e esticou a mão. — Arthur, prazer.

Camila arregalou os olhos e sua expressão me indicava que já tinha virado algumas latinhas de cerveja enquanto esperava minha chegada. Ela era a mais cachaceira entre as meninas, tinha uma esponja no lugar do fígado.

— Você é de verdade? — perguntou e gargalhou, se pendurando no pescoço do *meu* príncipe e dando a ele uma visão privilegiada do decote dela. — Se são só amigos, então eu posso te pegar, te lambar, te chupar, te comer.

— Espero que isso seja apenas a letra de uma música — disse ele, naquele tom de voz firme, controlado, bem coisa de advogado.

— Ok! — Enlacei a cintura dela e a desgrudei de Arthur, que estava estático no meio da sala. — Cami, venha cá!

Decidi levá-la para a varanda, que era onde a festa realmente parecia acontecer. Havia no máximo umas trinta pessoas na minha comemoração e todas estavam concentradas naquele espaço, que era também onde

tinham colocado a mesa com o som e o isopor abarrotado de bebida.

— Marina do céu, quem é esse homem? Eu quero pegar, deixa eu pegar. — Ela parou na minha frente e levou um dedo aos lábios. — Eu prometo ser uma boa amiga e tirar as melhores fotos pra você.

— Ele não é meu para eu autorizar qualquer coisa, Cami.

— Então por que você me tirou de cima dele? — Ela fez um beicinho como se estivesse sendo muito contrariada por bobagem.

— Justamente porque você estava em cima do homem que parecia querer fugir. — Numa olhada rápida na direção da sala, vi Arthur encostado numa parede, olhando o celular, sem perceber que mais uma amiga minha estava se aproximando para dar o bote. — Ele... é *gay*.

Quase caí de cara no chão quando Juliana se apoiou nos meus ombros, chegando por trás de mim, e me fez desequilibrar. Ela abraçou a mim e a Camila e enfiou o rosto entre nós duas.

— Quem é *gay*?

— O amigo que a Nina trouxe — confidenciou Camila. — Super *gay*.

Juliana abriu e fechou a boca, em choque, olhando na direção dele.

— Mas que bosta hein! Eu estava só esperando a vaca da Fernanda sair de cima dele para ir dar meu bote...

— Vamos dar o bote em quem? — perguntou Ana Paula, se aproximando com uma cerveja na mão.

— No amigo da Nina — Juliana explicou, mas balançou a cabeça. — Pode tirar o cavalinho da chuva, o cara é *gay*.

— Super *gay* — Camila, mais uma vez, frisou.

— Meu Deus! Bem que eu o vi dar umas encaradas no MauMau!

Quis sair de fininho e procurar algum buraco para me enfiar ao notar que minha mentira estava ganhando proporções desastrosas. Agora não podia voltar a trás, só precisava rezar para que isso não chegasse aos ouvidos do próprio Arthur ou ele seria bem capaz de me dar umas chineladas.

Decidi que o melhor era sair de perto do grupinho enquanto o assunto em questão era aquele do meu interesse e fui buscar uma cerveja. Peguei duas latinhas e entrei na sala para oferecer uma a Arthur, que ainda estava sendo incomodado por Fernanda.

— Aqui, príncipe. — Estendi a mão e minha amiga me olhou com interesse.

— Príncipe?

— Não vou beber, Nina — disse ele, recusando. — Estou dirigindo e você estará dentro do carro.

— Tem certeza? — questionei, ignorando o olhar de Fernanda. — Acho que a única outra bebida que deve ter é água... e mesmo assim só dentro da geladeira da Ana.

— Não se preocupe comigo. — Ele piscou. — Vá curtir sua festa... E leve sua amiga.

Não queria que ele ficasse sozinho ali dentro, mas alguém finalmente colocou funk pra tocar e meu cérebro parou de funcionar perfeitamente. Fernanda saiu correndo lá pra fora e eu não sabia se saía ou ficava com Arthur.

— Venha pra varanda — pedi.

*“Vou te falar os 4 primeiros passos
Que acontecem aí dentro do teu quarto
Cheio de tesão, doidinha pra te dar
Devagarinho eu vou te hipnotizar
1, então rebolo o meu bumbum
2, não deixo nada pra depois
3, faço tu esquecer tua ex
4, é a melhor posição que eu faço”*

Nem esperei ele responder pra começar a dançar porque eu não estava morta nem era santa. Ignorei que Arthur estivesse bem atrás de mim e me agachei pra fazer

uma das coisas que eu fazia de melhor. Dancei só o início da música para ele, pois Juliana logo entrou correndo e pegou minha mão, me puxando lá pra fora.

— Acorda, Nina! Pra que vai ficar rebolando pra homem *gay*? — perguntou ela, me jogando entre as outras meninas. — Tu já foi mais esperta mana, olha lá o MauMau dando umas olhadas pra Ana Paula.

— Não quero nada com o MauMau.

Joguei meus cabelos para frente do ombro direito e rebolei sensualmente de frente para Camila, que me acompanhava na descida até o chão. Eu só queria poder curtir meu aniversário em paz, com meus amigos e, de preferência, com o velho ranzinza que prestava atenção a tudo de longe, com os olhos cravados em mim.



Capítulo 10

Arthur

Devo confessar que na minha época de adolescente eu dancei muito *funk*. Felipe e eu tínhamos uma vida noturna agitada enquanto as responsabilidades da vida não nos alcançavam com todas as suas garras. Porém, o tipo de letra que tocava nas festas e bailes que eu frequentava era muito diferente do que fazia sucesso hoje em dia.

Eu estava, digamos, horrorizado. Não imaginava que os *funks* falavam de forma tão escrachada de paus, bocetas e posições sexuais. Eram letras agressivas e vulgares, o que me deixou bastante incomodado ao ver Marina descer até o chão e fazer pose de quem estava cavalgando um homem, enquanto a música falava sobre xerecas — isso mesmo, ouvi essa palavra várias vezes.

Por cima da camisa, levei a mão ao peito e esfreguei a região onde meu coração batia acelerado. Estava novo demais para infartar, mas podia acontecer a qualquer

momento desde que me tornei um baú de preocupações por causa de Marina Leão.

De repente, uma garota que parecia ainda mais nova que a própria aniversariante parou na minha frente, virou de costas para mim e começou a balançar a bunda, empinando tanto que sua calcinha estava toda de fora. Respirei fundo, contei até dez e dei alguns passos para o lado até me desvencilhar dela, pensando que talvez fosse o momento mais apropriado para procurar a cozinha daquela casa e tomar uma água.

Pedi licença, mas nem acho que ela conseguiu me escutar por cima do som tão alto e fui me aventurar pela casa, encontrando facilmente a cozinha. Eu não tinha o costume de meter a mão em coisas que não eram minhas, principalmente quando se tratava da casa de outras pessoas, mas no meio de todos aqueles jovens enlouquecidos, não parecia ter ninguém que fosse se importar. E a propósito, onde estavam os pais daquela menina?

— Posso te mostrar o restante da casa se quiser — falou a voz atrás de mim e fechei a geladeira com a garrafa na mão. — Lembra de mim?

Ao me virar, dei de cara com a tal da Ana Paula, moradora da residência. Ela usava um vestido de *glitter*

preto, tomara-que-caia, tão curto que conseguia ser pior que a saia de Marina.

— Agradeço, sua casa é muito aconchegante, mas já encontrei o que queria — respondi, balançando a garrafa na minha mão. — Onde posso pegar um copo?

— Você pode pegar muitas coisas aqui.

— Um copo é o suficiente.

Ela sorriu, desafiadora, jogando os cabelos loiros para trás. Então me deu as costas e foi até o armário da parede oposta, inclinando o tronco para frente até quase ficar de quatro com o traseiro virado para mim. Fui presenteado com a visão da calcinha fio-dental branca e uma bunda da mesma cor, numa tentativa frustrada de me seduzir... ou sei lá o que mais se passava na cabeça dessas meninas.

— Opa, errei de porta — disse ela, ajeitando-se para abrir o armário que ficava no alto. — Agora sim.

Peguei o copo que ela me ofereceu e o enchi com água gelada, devolvendo a garrafa à geladeira e pensando na melhor rota de fuga daquela cozinha.

— É Arthur, certo? — perguntou a menina, vindo atrás de mim e puxando minha camisa. Eu me virei de frente e ela se esfregou em minha barriga, puxando a barra da blusa para fora do cinto. — Arthur, Arthur, devo avisar que adoro um desafio.

Como se já não estivesse sendo descarada o suficiente, Ana Paula meteu a mão no meu pau por cima do *jeans* e eu torci para que ela não se enganasse com o volume que encontraria, que fazia parte dele ao natural.

— Ora ora... Que pacote...

— Não tenho interesse em crianças, meu anjo — declarei, soando até um pouco ríspido e retirando as mãos dela de cima de mim. — Vá dançar com suas amigas.

Tomei a água de uma só vez, estava com a garganta seca e sabia que precisaria ter muito jogo de cintura naquela noite. Não precisei de muito tempo para entender que aquelas garotas ainda estavam no ápice da ebulição de hormônios e tinham entrado numa fase de autoafirmação.

Para me distrair um pouco e fugir das investidas, aproveitei para pegar os presentes que Marina ganhou e os levei até o carro para deixá-los guardados. Respirei um pouco de ar puro do lado de fora, conferi meu celular e minha caixa de e-mail, só para ganhar tempo. Festas desse tipo costumavam durar quantas horas, afinal? Não tinha nem uma hora que chegamos e eu já me sentia emocionalmente esgotado.

Depois de passar três músicas quase idênticas — elas tinham em comum mandar a mulher sentar, sentar, sentar — encostado no carro, resolvi retornar ao

purgatório. Para meu desespero, assim que coloquei o pé no quintal, vi dois garotos deitados no chão, de barriga para cima, e algumas meninas rebolando em cima deles. Marina era uma delas, com aquela calcinha que foi vendida como saia, já embolada na altura da virilha, mostrando a porra toda para o idiota.

Consegui, a muito custo, controlar a vontade de ir até lá e arrancá-la daquela putaria. Era o que devia fazer, mas sabia que a menina não me perdoaria pelo vexame na frente dos amigos. Bem feito para mim, claro, tinha mais que sofrer mesmo. De quem tinha sido a brilhante ideia de mandar Marina Leão para vir morar com a tia no Rio de Janeiro?

Nunca na minha vida eu quis tanto ser fumante, para me preocupar com um possível câncer de pulmão e não com Nina agachando sobre um garoto.

Respirei fundo e me aproximei, desistindo de me esconder dentro da casa; ficaria bem ali fora, na varanda, no meio deles, para tomar conta da merda toda. Puxei uma cadeira daquelas de ferro e me sentei perto do isopor, pois aí também poderia tomar conta de quantas cervejas Nina beberia. Esfreguei minhas têmporas porque, infelizmente, a bebida ficava bem do lado da mesinha quadrada onde tinham colocado uma pequena caixa de som e um moleque com aqueles alargadores grotescos nas orelhas ficava

mexendo o tempo todo, se achando DJ. Pelo menos agora ele tinha colocado um *funk* que não falava de bundas e sim de rabos. Era uma mudança e tanto. Ou não. Tinha acabado de ouvir a palavra gozar na letra. Que baixaria.

Os minutos se passaram lentamente, pareciam se arrastar e eu me vi numa tortura eterna naquela festa, tendo que sentir o cheiro insuportável de maconha. Enxotei mais umas duas meninas que chegaram para puxar papo daquele jeitinho nada discreto de dar em cima de mim e, por fim, já tinha esvaziado uma garrafa d'água da geladeira da anfitriã.

Em determinado momento, quando Marina se aproximou para pegar mais uma cerveja, eu a chamei e ela me encarou, toda suada e descabelada.

— Vem aqui rapidinho — pedi, segurando-a pela mão. — Senta aqui, Nina.

Coloquei-a de lado em meu colo e peguei a latinha que ela ainda não tinha aberto.

— O que fooooooi?

— Já contei cinco latas dessa — comentei. — Das que eu vi você pegar. Por que não vamos lá dentro e você bebe um pouco de água?

— Só bebi duas, príncipe. — Ela fez o número dois com os dedos e riu.

— Sim, duas cervejas nos últimos quarenta minutos. Estou prestando bastante atenção.

— Eu não tô bêbada, se é isso que *cê tá* pensando.

— Sei que não — disse, desgrudando alguns fios de cabelo castanho do pescoço suado. — Por enquanto.

Marina era uma caixinha de surpresas e me pegou desprevenido ao se inclinar para o lado e deitar o corpo em cima de mim. Sua cabeça recostou em meu peito e precisei recuar um pouco meu rosto para olhá-la melhor de cima.

— Esse é um booom lugar pra descansar os pés — falou, alegrinha demais, balançando as pernas e exibindo os dedos delicados num sapato que parecia machucar bastante. — Príncipe, preciso contar um babado, mas *cê* não pode brigar comigo.

Eu estava mais preocupado com o fato de que naquela posição largada no meu colo, a bunda de Marina estava à disposição do mundo e a calcinha devia estar dando um tremendo *show*. Tentei puxar a saia dela para baixo, mas couro é a porra de um tecido filho da puta que é ruim de malemolência.

— Espalhei por aí que *cê* é gay — disse ela, de olhos fechados.

— Nina, sente-se direito, por favor.

— Gay! — Ela tapou o rosto e riu. — Inventei que *tu* pega homem. Eu sei, pode me matar.

— Por enquanto eu só quero que você se recomponha e ajeite a roupa. Pode ser? — pedi novamente, afastando o cabelo que ocultava uma parte do rosto dela e vendo-a erguer os olhos. — É muito difícil para mim ver você nessa situação, toda destrambelhada. Seu peito está quase escapando do *top* e sua bunda está de fora.

Respirei com certo alívio quando ela endireitou o corpo e voltou a se sentar, arrumando os cabelos e ajeitando o sutiã preto que era tudo, menos uma roupa apropriada para usar em público.

— Sinto muito se eu sempre te decepciono — murmurou, olhando séria para mim, com uma expressão de choro que eu conhecia bem.

— Nunca me decepcionou, Uni. Você pensa isso porque não está mais acostumada a ouvir essas coisas. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha e passei meu polegar por sua bochecha. — Eu errei em tê-la mandado para cá, mas não dá para voltar atrás. Agora, só quero retornar para casa com a esperança de que você vai saber se cuidar. Pode parecer exagero meu, mas não é. Você se tornou uma estatística a partir do momento em que nasceu mulher e eu sinto medo de não poder estar perto para ajudá-la a todo instante. Você é nova demais, Nina, é uma menina. Usa roupas sensuais, anda com garotos que

eu não curti, sai à noite e volta de madrugada... E é tão bonita, mas tão bonita, que é um alvo em potencial.

— Vou me cuidar. Prometo. — Ela deu um sorriso meio murcho e virou o rosto na direção de onde algumas pessoas ainda dançavam. — E meus amigos... Eles parecem, mas não são de nada. Sabe aquele ditado de que cão que ladra e não morde?

— Seus amigos são homens.

— E daí?

Sorri. Ela era linda e fofa demais, mesmo se achando a mulher mais madura do mundo. Segurei seu rosto com firmeza e o puxei para mim, dando um beijo na testa suada e abraçando seu corpo, sem me importar se ela estava toda torta e ia mostrar a porra da bunda ou não.

— E daí que homem não é uma espécie confiável. Não confie em nenhum.

— Você é a exceção? — perguntou ela, num fio de voz, com o rosto espremido entre meus braços, talvez achando que estivesse segura.

Levei em consideração o almoço do dia anterior, quando Marina lambeu uma simples colher e eu imaginei merdas muito grandes com aquele gesto.

— Não, eu não sou — declarei.



Era por volta de meia-noite quando decidi ir para o carro. Estava jogando a toalha, não aguentava mais ficar um minuto sequer ouvindo aquele mesmo estilo musical de fazer qualquer ser humano com um mínimo de bom gosto querer estourar os miolos. Também não queria mais ver Marina rebolando a bunda naquela saia minúscula de um jeito perturbador, que me fez questionar minha própria moral, principalmente quando fiquei na mira do traseiro.

Depois de espantar todas as garotas que chegaram em mim, mesmo que Marina tenha mentido sobre minha orientação sexual, não havia muito mais o que fazer além de observar aquele bando de criatura imatura e cheia de hormônio se esfregando umas nas outras. E por mais que as outras meninas dançassem bem e fossem bonitas, Marina estava em outro nível. Eu me vi sendo obrigado a sair de perto quando ela empinou a bunda e levou as mãos ao chão, mostrando tudo que ainda tinha para ser mostrado. Não me perdoaria se ficasse de pau duro por vê-la dançar.

Reclinei o banco do carro, com o ar-condicionado ligado e os vidros fechados para não ter que ser torturado pelo som. Cheguei até a fechar os olhos, poderia tirar um cochilo até a hora que Marina decidisse ir embora. Nem me importava mais com o estômago reclamando, já que na

porra da festa não tinha comida — nem bolo. Eles só se importavam em beber.

Acho que estava sonhando, ou quase, quando meu celular tocou no bolso e vi o número de Marina na tela. Atendi rápido, rezando para ser o momento de darmos o fora daquele lugar.

— *Onde cê tá?*

— Estou no carro — falei, animado.

— *Príncipe, preciso de uma ajudinha, por favor* — eu a ouvi sussurrar de um jeito estranho, como se estivesse com medo, o que fez meu coração gelar. — *Eu tô no terceiro andar, tem um quarto aqui em cima, tô trancada no banheiro. Vem me buscar!*

— Como assim, Marina? Você está bem? — perguntei, já saindo do carro e entrando na casa.

Passei pelo jardim onde vi um casal se agarrando e quase transando e na varanda algumas pessoas ainda dançavam. Adentrei a sala com pressa e corri na direção da escada com o coração a mil.

— *Por favor... Não faz estardalhaço...*

O que ela queria dizer com aquilo? Mas que merda, será que eu não tinha um dia de sossego?

Subi de dois em dois degraus e cheguei ofegante no terceiro andar. Tive tempo de guardar o celular no bolso da

calça antes de ver o tal do MauMau, pelado, batendo aos socos numa porta fechada.

— Porra, Marina, saia já dessa merda de banheiro!
— gritou ele, com o pau ereto.

— Aconselho a se afastar o máximo possível dessa porta — avisei ao me aproximar.

— Não fode, cara! Essa filha da puta tá me provocando há semanas e agora resolveu correr.

O infeliz era fortinho, marrento, mas devia chegar na altura dos meus ombros no máximo. De qualquer forma, ele podia ser até lutador de MMA, mas não tinha ideia do que eu seria capaz de fazer para proteger Marina.

Fechei a mão na garganta do miserável e o empurrei contra a parede, aproximando meu rosto do dele.

— Se eu tocar em você do jeito que desejo, você sairá daqui num carro de funerária e eu, no da polícia. Portanto, sugiro que suma da minha frente enquanto tem oportunidade. E tenha certeza que dependendo do que Marina me disser, irei caçar você.

Quando o soltei, com meu coração extremamente disparado, o desgraçado ainda cuspiu no chão e se afastou para vestir a roupa. Dei tempo para que ele sumisse de uma vez e controlei meu nervosismo antes de bater na porta do banheiro.

— Nina, sou eu — avisei.

Ela abriu só uma pequena fresta, o suficiente para me dar uma espiada e talvez se certificar de que o garoto não estava ali. Seu rosto choroso era tudo que eu conseguia ver e a maquiagem estava toda borrada.

— Tô só de calcinha.

Uma frase simples e que mexia tanto comigo. Minha pequena menina estava só de calcinha, sozinha num quarto com um babaca agressivo. Resgatei a saia e o *top* caídos no chão ao lado da cama e entreguei pela fresta da porta. Aguardei, esperando que se vestisse e saísse dali, mas os minutos se passaram e nada aconteceu. Bati na porta, preocupado.

— Marina, fale comigo.

O silêncio me atingiu em cheio e meu coração se apertou com várias ideias passando por minha mente. Bati duas vezes na madeira, esperando a resposta dela e como não respondeu, chutei o balde. Que se foda. Melhor invadir o banheiro mesmo que ela ainda estivesse pelada do que não saber o que se passava ali dentro.

Testei a maçaneta, ela não tinha trancado por dentro como antes. Respirei fundo e dei mais uma batida antes de abrir.

— Estou entrando — avisei, mas estaquei ao escancarar a porta.

Marina estava encolhida com as costas contra uma parede e o rosto enfiado nos joelhos enquanto abraçava as pernas. A roupa que eu tinha passado para ela estava no chão, não tinha sido vestida.

Fechei a porta e passei a chave por dentro, ajoelhando-me de frente para Marina e beijando sua cabeça, sentindo-a tremer com o choro.

— Qual o nome do MauMau? — perguntei, baixinho em seu ouvido. — Preciso que me diga isso, Nina.

— Ma-Maurício.

— Sobrenome?

— Rodrigues. — Ela levantou o rosto, encarando-me com os olhos vermelhos. — Por quê?

Peguei a saia e o *top*, colocando a roupa aos seus pés e alisei seu queixo.

— Preciso que você se vista ou eu mesmo farei isso. — Beije sua testa e grudei a minha na dela. — Vou fazer uma ligação e me virar de costas, posso contar que você vai nos ajudar?

Marina enxugou os olhos e assentiu, então eu me levantei e puxei meu celular, ligando para a única pessoa que me ajudaria de qualquer forma e sem questionar.

— *Espero que você esteja precisando que eu o tire da cadeira para me ligar numa hora ingrata dessas. Porra, Arthur, são duas da manhã!*

— Na verdade, quero que coloque alguém na cadeia — respondi. — Bruno, levante da cama e use seus contatos para achar um juiz ou promotor e faça esse favor para mim. Vou mandar por mensagem o endereço de uma festa, o alvo é Maurício Rodrigues.

— *O quê?* — Pelo barulho do outro lado da linha, ele provavelmente estava levantando e sussurrando alguma coisa para a esposa. — *Arthur, está falando sério? Meus contatos são os mesmos que os seus.*

— Tenho outros problemas para lidar.

— *Ok... Certo. Eu...* — Bruno suspirou e o áudio chiou em meu ouvido. — *Prisão em flagrante por qual alegação?*

Nos poucos segundos em que fiquei cara a cara com Maurício, pude notar o olhar e as pupilas diferenciadas, que somente com maconha não ficariam daquele jeito.

— Pode colocar uso de entorpecentes, talvez até tráfico, pelo tipinho que é. Mas inclua tentativa de estupro como motivo principal.

— *Arthur...* — disse meu amigo, mas logo ficou em silêncio por alguns segundos.

— Obrigado, Bruno. Nos falamos amanhã.

Desliguei e digitei rapidamente o endereço da amiga de Marina e guardei o celular no bolso traseiro. Quando me virei para Marina, ela já tinha colocado a roupa e estava

sentada sobre a tampa do vaso sanitário, o rosto virado para baixo. Só então me dei conta de que estava descalça, então voltei ao quarto para pegar suas sandálias.

— Me leva embora — pediu, baixinho.

— Vou levar, mas antes, precisamos calçar esses pés. — Agachado, ajudei-a com as fivelas e me levantei, erguendo-a comigo. — Antes de sairmos, preciso saber se o garoto abusou de você, para pensar se vale a pena deixar para a polícia ou se o mato agora.

— Ele só... — ela fungou e se escorou em mim, obrigando-me a passar um braço ao redor de sua cintura para suportá-la — tocou nos meus peitos.

— Motivo suficiente para espancá-lo — respondi, sentindo meu sangue ferver. Estava entre proteger e tirar Marina dali ou quebrar os ossos do infeliz.

Ela levantou o rosto para me olhar, sua pele estava suja com a maquiagem borrada pelo choro e tentei limpar um dos olhos com o polegar, mas só espalhou ainda mais o rímel. Seus dedos finos apertavam a corrente da bolsa e seu corpo inteiro refletia seu estado de nervos.

— Conto tudo no carro, só quero sair daqui, príncipe...

Beijei o topo de sua cabeça e a apertei entre meus braços, querendo protegê-la de tudo e todos.

Assenti e entrelacei nossos dedos, puxando-a pela escada e me mantendo sempre à frente enquanto passávamos pelos outros andares e depois pela varanda, onde a festa acontecia de fato. Notei quando algumas garotas pareciam surpresas em vê-la daquele jeito e comentavam alguma coisa umas com as outras. Mas eram tão amigas, que nenhuma se aproximou para tentar entender o que tinha acontecido.

O tal do MauMau estava num canto, fumando, ao lado de dois outros imbecis, e nos olhou com decepção quando passamos. Parei de andar e encarei o filho da puta, com uma vontade enorme de ir até ele. No entanto, cresci e aprendi que as coisas não podem ser resolvidas na violência, isso só traria mais estresse à Marina e minha prioridade era seu bem-estar.

Puxei-a de encontro ao meu corpo e passei meu braço pelos ombros dela para sairmos de uma vez daquela casa. Não dei tempo para que pensasse e já a enfiei dentro do carro assim que o destravei. Graças a Deus tinha decidido alugar, seria péssimo com toda essa situação ainda ter que ficar aguardando a chegada de um *Uber* ou táxi.

Um apito no meu celular me fez pegar o aparelho e li a mensagem que me deixou aliviado, enviada por Bruno.

“Resolvido. Equipe a caminho do endereço. Quero charutos de qualidade na minha mesa assim que possível. E claro, preciso saber que merda aconteceu.”

— Amanhã vai ser o assunto mais comentado de todos — Marina murmurou enquanto eu dirigia.

— Algum deles estava em seu lugar? — perguntei e ela negou. — Você acha que gostariam de estar no seu lugar? — Outra negação. — É só isso que precisa saber.

Nina se curvou e deitou a cabeça em meu ombro e deixei que ficasse assim, nem impliquei com o fato de ter esquecido o cinto de segurança. Permaneci em silêncio, de forma que ela fechou os olhos, e esperei que relaxasse um pouco antes de podermos conversar.



Capítulo 11

Arthur

Marina tinha tirado as sandálias e estava sentada como Buda no banco, parecia um pouco tonta, além de constrangida demais. Alisei seu cabelo e sorri quando ela virou o rosto para me olhar. Peguei sua mão e a levei aos lábios.

— Acho que... vou... vomitar.

Devido ao horário, as ruas estavam tranquilas o bastante para que eu subisse em cima da calçada e ela pudesse abrir a porta correndo, dobrando o corpo e colocando tudo para fora. Saí do carro e dei a volta, aproximando-me e enrolando os cabelos grossos em meu pulso enquanto ela permanecia naquela pose inconveniente.

— Vomite o que for preciso — falei, usando a mão livre para esfregar suas costas. — Vai fazer bem.

O corpo moreno estremeceu segundos antes de um novo jato respingar no meu sapato e ela ergueu a cabeça,

levando as mãos trêmulas para limpar a boca.

— Desculpa.

— Não faça isso. — Abaixei suas mãos e tirei minha camisa, usando-a para limpar seu queixo sujo. — Está se sentindo melhor?

Ela assentiu.

— Queria uma Coca. Tô com gosto de bosta na boca.

— Fico impressionado de ver a *lady* que você se tornou — zombei, jogando minha camisa novinha no banco de trás e dando a volta para entrar no carro. — Vamos procurar uma Coca. E uma comida para encher nossos estômagos porque eu não tenho mais idade para fazer jejum.

Coloquei o automóvel em movimento e parei no primeiro posto de gasolina que encontrei aberto, enquanto Marina permanecia em silêncio. Entrei na loja, saí com um cupcake, uma latinha do refrigerante favorito dela e dois sanduíches daqueles feitos no micro-ondas mesmo. Antes de comermos, coloquei o bolinho em cima do painel do carro e cantei parabéns para uma Marina encabulada.

— Não temos vela, mas acho que dá para fazer algum pedido — comentei, pegando o doce e colocando na palma da minha mão. — Quer tentar?

Com uma expressão de quem precisava muito de horas de sono, Marina me encarou com os ombros caídos e fechou os olhos por uns segundos.

— Pedi. — Ela abriu os olhos marejados. — Mas sei que não vai se realizar.

— Nossa, quanto otimismo — brinquei, partindo o cupcake ao meio e entregando um pedaço a ela. — Você passa muito tempo da sua vida com pessoas fracassadas, precisa mudar esse cenário. Tem uma frase de um palestrante, Jim Rohn, que diz que você é a média das cinco pessoas com quem mais convive. Não quero dizer para levar isso ao pé da letra, mas tenha em mente que seu círculo de amizades influencia diretamente na sua vida. E não estou me referindo a classe social, sim a caráter.

Marina engoliu o bolinho e puxou o embrulho do sanduíche enquanto prestava atenção no que eu dizia.

— Sei que você gosta dessas pessoas, mas essa festa me deixou muito preocupado. Eu teria feito uma orgia com todas as suas amigas se fosse do meu interesse. E aí penso, será que Marina teria agido da mesma forma que elas se não fosse eu a pessoa em questão? O cheiro de maconha era fortíssimo, vi vários ali puxando baseado, e tenho certeza que alguns estavam consumindo outras substâncias ilícitas.

— Bala — disse ela e assenti. — Nunca usei, prometo.

Dei um tempo a ela e me calei um pouco, deixando que comesse e bebesse e me ocupei de fazer o mesmo. Meu estômago já possuía um buraco profundo porque na minha grande inocência, minha última refeição tinha sido uma salada de frutas às quatro horas da tarde.

Depois de quinze minutos e dois arrotos, Marina já parecia outra pessoa.

— Quer conversar? — perguntei, ligando o carro para sair do posto, em direção ao endereço de sua tia. — Você não é obrigada a me contar nada, Nina, estou... tentando trabalhar isso na minha cabeça, de que não me deve satisfação. Mas se precisar desabafar, saiba que estou ouvindo. Eu só queria que você me garantisse que o Maurício não fez nada além de tocar seus seios, para que eu possa tentar dormir em paz depois. Tocar você sem consentimento já é péssimo, mas há outras coisas piores que eu acho que ele possa ter feito.

— É complicado.

— Ótimo! Se é complicado, significa que há muito a ser dito — respondi, piscando para ela. — A vida é assim, complexa, de altos e baixos, com várias nuances, nem sempre ela será um mar calmo, mas é quando

sobrevivemos às ressacas que aprendemos e evoluímos. E desabafar faz bem.

Achei engraçada a cara que fez quando abriu e fechou a boca, balançando a cabeça ao sorrir.

— Um dia falarei coisas bonitas assim.

— Tenho vinte e um anos de vantagem na sua frente — brinquei.

Ela estava claramente mais sóbria, leve e sorridente, o que eu considerava uma evolução para o final daquela noite. Não poderia levá-la para meu hotel pois meu voo era muito cedo, mas não queria deixar Marina em casa e ir embora enquanto ela ainda estivesse mal.

— Eu não *tava* encontrando você em lugar nenhum da festa e até achei que tivesse ido embora — ela começou a contar. — Aí Ana Paula me disse que você tinha ido lá pra cima e que tinha pedido pra me avisar. Aí fui atrás.

Cheguei à conclusão de que toda a situação possa ter sido armada, pois eu estava completamente sóbrio e me lembrava de ter cruzado o caminho de Ana Paula quando decidi ir para o carro. Mais uma vez ela deu em cima de mim e a dispensei, passando pelo portão logo em seguida.

— Não te encontrei lá no terraço, óbvio, aí sentei um pouco na cama porque meus pés estavam me matando. E

aproveitei pra tirar um cochilo. Acho que apaguei, porque só lembro de estar sendo tocada e quando abri os olhos, o MauMau *tava* com a boca nos meus peitos. Fiquei puta, mas tô acostumada com as investidas dele, só não esperava que ele estivesse pelado. Aí surtei, dei uma joelhada no material dele e corri pro banheiro.

Respirei fundo, bem fundo mesmo, porque o sangue ainda estava quente e a vontade de bater em alguém não tinha passado.

— Não sou medrosa, príncipe, mas tive medo só hoje. Talvez eu tenha exagerado e...

— Pare — interrompi. Olhei para ela e só balancei a cabeça. — Não.

Os ombros de Nina se moveram quando puxou o ar com força e descansou a cabeça no encosto do banco. Ela ficou em silêncio por um tempo, até que voltou a falar quando já estávamos perto de sua casa.

— Sobre o que aconteceu... — murmurou. — O motivo pro MauMau fazer isso... É que eu ainda sou virgem. Sei que parece absurdo e...

— Não é absurdo coisa nenhuma.

Duas toneladas de cimento foram tiradas de cima do meu coração ao ouvir aquela confissão. Virgem! Nenhum filho da puta comeu meu unicórnio. Graças a Deus. Menos uma coisa para me preocupar.

— Sua opinião não pode ser levada em conta, porque se dependesse de você eu usaria um cinto de castidade.

— Óbvio que sim, mas a lei não permite.

Ela me deu um soco na perna, que até doeu um pouquinho, mas valia a pena por vê-la se divertir.

— Mas eu não sou santa, sabe?

— Prefiro a primeira parte da história... — Ri, levando um tapa no ombro. — Tudo bem, continue. Espero que não me arrependa de ouvir esse relato. O que significa não ser santa? Se tem relação com as reboladas que você dá na cara dos garotos, isso eu já percebi.

— Eu fico com as pessoas, beijo na boca, dou amassos... Já fiz sexo oral uma vez e...

— Ah, Marina, não sei se quero ouvir isso. — Afastei o rosto como se pudesse ser privado da desgraça. — Não quero esse tipo de detalhe.

— Qual o problema em eu ter colocado um pênis na boca? Eu nem gostei tanto, era um pouco... feio. Mas já fiz o mesmo com xoxota e achei bem melhor.

Meu pé grudou no acelerador por vontade própria e quase batemos no carro da frente que estava parado no sinal. Precisei frear bruscamente e parar o veículo, soltando o volante para tocar meu peito. Sentia-me prestes a infartar. Sentia meu coração bater na palma da mão e

minha visão escurecer enquanto Marina ria. Mas o pior não era isso. Depois de uma noite inteira de muito autocontrole, sendo torturado com imagens realistas e bundas com vida própria, aquela conversa foi a gota d'água. Eu não era de ferro, principalmente quando se tratava de imagens de duas mulheres juntas. Meu pau se animou dentro da calça sem que eu conseguisse controlá-lo. Estava excitado com Marina ao meu lado, caralho.

— Nossa, príncipe, não quero que você morra por isso. — Ela beijou meu rosto e riu. — É tão chocante assim? Cá entre nós, chupar mulher é muito mais fácil que chupar homem. Eu vejo uns pênis nos vídeos que são mais grossos que latinha de refrigerante e fico pensando o que isso deve fazer com a nossa mandíbula.

— Vídeos? Que vídeos? Onde você fica vendo vídeo de homem nu?

— Ué, a gente vive mandando vídeos no nosso grupo de *Whatsapp*.

— De homens pelados? — Sentia-me suar de tensão.

— De sexo. O home pelado é consequência, né?

Ao longe, ouvi algumas buzinas e talvez fosse devido ao fato de estarmos com o carro parado no meio da rua. Mas tudo que eu conseguia fazer era encarar Marina e sentir a pulsação nas minhas duas cabeças.

— Seu olho tá tremendo. Não quero ser a causadora do seu AVC. — Ela tocou meu peito, com um vinco no meio da testa, preocupada. — Você não reage muito bem a algumas notícias, né príncipe?

— Sente-se direito — pedi, virando o rosto, olhando o sinal aberto e buzinando de volta para mais um carro que nos ultrapassou.

Como eu estava sem camisa, o toque de Nina piorou minha situação. Sua mão quente contra minha pele levou um estímulo direto à toda a extensão do meu pau e precisei travar os dentes para não deixar um gemido escapar. Por sorte, o interior do carro estava muito escuro para que ela notasse alguma coisa.

— Credo, seu coração está mesmo acelerado.

Voltei a dirigir devagar e procurei me controlar, dominar minha respiração, ao mesmo tempo em que esticava meu braço e a obrigava a se ajeitar no banco.

— Fique quieta — ordenei e respirei fundo mais uma vez. — Tudo bem, Nina, você é livre, é solteira, já é adulta. Não vou enlouquecer com isso, só... foi um choque. Então... me conta, você é bissexual?

Já que tínhamos entrado no assunto sexo, eu ainda preferia que ela me contasse sobre suas experiências com outras garotas do que voltasse a falar sobre o órgão sexual masculino.

— Não sei se posso me considerar bi. Já fiquei com uma mulher, mas eu gosto mais da pegada do homem, do beijo. A questão do sexo oral é que nesse dia a gente estava em trio, ela era minha amiga e ele, namorado dela. Os dois queriam experimentar isso e eu aceitei... Só que ela era linda, foi fácil, mas o cara era meio estranho, sabe? Não senti tesão por ele. O pênis dele realmente era muito feio, tinha pele em excesso e tudo bem, eu sei que nem todo mundo é circuncidado, mas também não precisa ser assim, né? O negócio não vinha pra fora com facilidade. Depois eles perceberam que eu não *tava* no clima e desistiram de levar a coisa adiante.

Acho que em meus quarenta anos eu nunca me senti tão mal, tão constrangido e desconfortável como naquele momento. Ouvir Marina falar de forma tão despretensiosa sobre paus e bocetas estava acabando comigo. Não tinha me preparado para testemunhar as descobertas dela sobre sexo.

— Você *tá* odiando isso, né? — Ela suspirou e vi que se ajeitou no banco. — Desculpa, vou parar. Vou retomar a explicação sobre a virgindade. Então, eu já fiz algumas coisas, só não transei. E eu sou a única das minhas amigas que ainda não faz sexo, então a pressão é enorme. Só que assim, eu não *tô* com pressa, sabe? E não é porque tenho aquele pensamento de que preciso casar

virgem ou que estou me guardando para o príncipe encantado.

— Você não se sente pronta — comentei e estiquei a mão para apertar o joelho dela. — E está tudo bem assim, Nina. Não precisa se deixar levar por pressão de amigos.

— Na verdade, eu me sinto pronta sim. Só não quero fazer porque não senti vontade ainda. Eu nunca namorei e os caras com quem fico não me instigaram a esse ponto. Quero que minha primeira vez seja com alguém por quem eu sinta muito tesão, sabe? Já cansei de ouvir de amigas que a primeira vez é sempre uma merda, que dói, que é sem graça e tal...

Aproveitei que paramos num semáforo vermelho e me curvei no banco, apoiando o braço para encará-la.

— Então, não quero que entenda isso como um estímulo para sair transando e desistir de esperar o momento ideal. Mas... sim, a primeira vez geralmente é mesmo uma merda.

— Mesmo com muito tesão envolvido?

Lá estava o coração acelerando de novo e o sangue sendo bombeado para minhas partes baixas. Mas que maldição do caralho!

— É um conjunto de fatores, Nina. Às vezes, por mais que haja tesão, de nada adianta se o homem não souber guiar o momento e aí a dor extrema vai acabar com

tudo. Ou então pode nem doer tanto, mas o casal simplesmente não se encaixa bem, não tem química, causando frustração em ambos. Geralmente a mulher está nervosa por não saber o que fazer, por medo do que vai sentir, são tantos tabus que envolvem a primeira vez de uma garota que ela pode acabar sendo ruim.

— Mas que bela merda, obrigada por isso — resmungou, esticando os pés sobre o painel do carro e agitando os dedinhos. — Ou seja, eu preciso encontrar alguém que seja gostoso, muito bom de cama, que tenha experiência com virgens e que a gente se coma com os olhos, pra ter aquela química de sufocar.

— Ou você pode fechar as pernas e esperar até se casar.

— É. — Ela estalou a língua, olhando pela janela. — Não vai acontecer.

— Se casar? — Será que Marina não tinha essa vontade? Eu podia imaginá-la perfeitamente vestida de branco ao entrar na Igreja.

— Fechar as pernas, óbvio.

Gargalhei sem querer porque ela estava me dando um tapa após o outro e já não sabia mais o que fazer com aquela garota.

— Não acredito que aquele idiota tentou me tirar isso hoje. Ele já dá em cima de mim há um tempo, sabe? E

confesso que na última vez que saímos eu dei uns beijos nele, mas é só isso. A última coisa que eu quero é perder minha virgindade com o MauMau. Ele já transou com quase todas as meninas que conheço e não tem fama de ser bom no que faz. Eu sou o Santo Graal pra ele, sabe? A virgem que ele não consegue ter.

Dessa vez eu apenas assenti porque era tanta informação que eu não sabia mais o que dizer. A única coisa que me deixava um pouquinho tranquilo era saber que Marina tinha essa percepção bem firme sobre a primeira vez, se com dezenove anos ela ainda não tinha se deixado levar por impulso, então devia saber bem o que queria. Tinha jogo de cintura, pelo menos. E por mais que eu não concordasse que estivesse se descobrindo sexualmente, nada podia fazer, pois ela já era maior de idade há muito tempo.

— Príncipe, não quero que pense que sou uma vadia. — Virei o rosto para ela, que pressionava os dentes no lábio com força, exibindo um vinco no meio da testa. — Eu juro que não sou. Nem acredito que contei tudo isso, mas talvez seja...

— Você exagerou um pouquinho na bebida, não foi? — perguntei, tirando o cabelo dela do rosto. — Quantas latinhas bebeu depois que eu vim para o carro?

— Não contei — disse, dando de ombros. — Eu não fico bêbada com facilidade, a não ser que tome vodca ou vinho.

Sorri e abri minha porta, dando a volta pelo carro e abrindo a dela para que descesse depois de ter recolocado os sapatos tão altos.

— Então não vai rolar arrependimento amanhã por ter falado tanta coisa íntima? — alfinetei, arregalando meus olhos como alguém da idade dela.

— Talvez só um pouquinho... Mas azar, já foi.

Eu me encostei no carro ao lado dela e olhei para o céu estrelado, limpo, perfeito no verão carioca.

— Sobre o que você disse antes, nenhuma mulher merece ser chamada de vadia. E de forma alguma eu penso isso sobre você.

Ela desencostou do carro e parou na minha frente, numa altura razoável que o salto alto a proporcionava. Enfim, me abraçou e eu a apertei com vontade, aliviado por tê-la ali, a salvo. Marina podia não ter acordado tão rápido nem conseguido reagir ao ataque. Ele podia tê-la imobilizado com facilidade e... Fechei os olhos e deixei os pensamentos se dissiparem.

— Não está decepcionado com o que ando fazendo? — perguntou ao se soltar de mim.

— Estou chateado por ter trancado a faculdade e ainda quero conversar sério sobre isso. — Cruzei meus braços e a encarei com firmeza. — Você precisa estudar, mesmo que não seja o curso que deseja, escolha outra coisa, mas faça uma faculdade. De resto, o que posso fazer? — Encolhi os ombros e enxuguei o suor na testa. Disso eu não sentia falta. — Sempre vou sentir necessidade de protegê-la e num mundo utópico eu adoraria que entrasse para um convento. Mas essa é a vida real e você cresceu, está se descobrindo. A única coisa que posso querer é que você tenha juízo e seja responsável com sua proteção.

Segurei o rosto dela entre minhas mãos e notei o brilho úmido nos olhos. Puxei-a para um beijo na testa e sorri.

— Seus pais e seu irmão com certeza têm orgulho da mulher que está se tornando. Eles nunca a julgariam por nenhuma decisão e sempre a apoiariam. Na falta deles... — suspirei, piscando, emocionado, com uma saudade enorme — o que posso fazer é me oferecer para ser seu porto seguro.

Marina me abraçou de novo quando a primeira lágrima rolou por seu rosto, mas não tinha sido minha intenção fazer a menina chorar. Envolvi seu corpo entre meus braços e esperei o tempo dela.

— Me leva pra morar em São Paulo, príncipe.

Fui pego totalmente de surpresa porque a conversa sequer estava rumando para esse lado. Marina me soltou e se afastou somente para podermos nos olhar, porém, manteve as mãos em meus braços.

— Eu não gosto de morar aqui, meus primos me detestam, não sou feliz nesta casa.

— Por que seus primos a detestam?

— Meu primo se apaixonou por mim — respondeu, virando o rosto para não me encarar. — Ele era chato com a insistência para ficarmos juntos e como eu nunca cedi, começou a implicar comigo. E minha prima me odeia porque tem que dividir o quarto comigo, eu tirei a privacidade dela quando vim morar aqui.

— Marina, eu não posso simplesmente...

— Eu já pensei em sair daqui, ok? — O olhar dela era tão triste que pesou na minha consciência. — Andei pesquisando preços de aluguel na região, qualquer coisa bem simples, mas o que ganho como *influencer* ainda não dá pra me sustentar.

— Eu mando bastante dinheiro, Nina — comentei, tocando o rosto dela e enxugando as lágrimas. — Achei que estivesse sendo suficiente para que não faltasse nada.

Marina mordeu o lábio e recuou alguns passos com um olhar envergonhado.

— Se eu contar uma coisa você promete que não vai surtar nem arranjar uma briga gigantesca?

Meu instinto formado por anos de profissão em tribunais avisou que vinha algo muito errado por aí. Cruzei novamente os braços para me controlar o máximo possível e cumprir a promessa.

— Fale.

Ela olhou na direção da casa e suspirou.

— Com o dinheiro que você manda, eu só pago a faculdade. Se não fosse esse dinheiro... — Ela tapou o rosto ao abaixá-lo. — Tia Marta precisa mais do que eu. Ela estava sem trabalhar há quase um ano, mês passado que conseguiu emprego numa escola nova. Era o único dinheiro que a gente tinha pra se manter.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Olhei para a pequena casa logo atrás de Marina e senti a raiva me consumir, mas não ia mesmo criar um tumulto de madrugada num bairro que não era meu.

— Você sabe que mando seis mil reais todo mês, certo? — Ela assentiu. — Uma vez você me falou que com mil reais dava para bancar a mensalidade da faculdade por causa do desconto que conseguiu.

— Sim, uma bolsa. Mas acho que eles dão a mesma bolsa pra todo mundo, não é porque sou inteligente.

— Então a sua tia pega cinco mil todo mês? E seu primo não trabalha?

— O Junior toca numa banda, mas só em barzinhos desconhecidos e não chega mesmo a fazer uma grana — ela respondeu e me dei conta do quanto era inocente por não perceber o que estavam fazendo com ela. — A Julia não tem idade pra trabalhar, ela *tá* focada no cursinho pra tentar a UERJ ano que vem.

— Quem paga o cursinho? — Ela se calou e olhou na direção do chão. — Por que nunca me contou isso, Marina?

Não conseguia mais ficar parado, desencostei do carro e segurei os ombros dela, quase a sacudindo.

— Porque sabia que você não ia gostar. Príncipe, eu moro aqui de favor, sou mais uma boca pra alimentar. O que queria que eu fizesse quando minha tia pediu pra ajudar em casa?

— Você nunca foi mais uma boca para ser alimentada justamente porque eu sempre banquei todos os seus gastos. E se Marta tivesse me pedido ajuda, eu teria ajudado, mas é óbvio que ficaria puto ao saber que ela pega o *seu* dinheiro. — Soltei-a e esfreguei meu rosto, inconformado. — Quer mesmo ir para São Paulo? Arrume suas coisas enquanto eu espero.

— Ag-agora?

— Pegar ou largar — respondi, esperando a decisão dela. — Sou metódico, sistemático, chato de se conviver, não passo muito tempo em casa porque trabalho demais. Mas... meu apartamento tem uma suíte vazia e um ofurô na varanda.

Marina arregalou os olhos e abriu a boca em choque.

— Você se mudou?

— Quando Renata e eu decidimos morar juntos, vendi aquele apartamento e comprei um maior. Com três quartos, aí transformei um no escritório e o outro está vazio. É uma cobertura, linear, com uma vista incrível e tenho certeza que você faria belas fotos lá no alto.

Ela se pendurou no meu pescoço e me encheu de beijos no rosto.

— Você me ganhou no lance do ofurô! — falou ao me soltar com um sorriso enorme. — Já volto, vou demorar no máximo uns quinze minutos e se você for embora eu juro que te caço!



Capítulo 12

Marina

Queria ser uma mosca para ver a cara da minha tia quando soubesse tudo que rolou. Até pensei em deixar um bilhete explicando minha viagem, mas Arthur não permitiu que eu me metesse e disse que falaria ele mesmo com ela. Ou seja, eu não gostaria de estar na pele de Tia Marta quando isso acontecesse.

Conferi meu reflexo no espelho do elevador e notei como era discrepante a diferença entre nós dois. Eu estava acabada, a make já não existia mais, o cabelo estava desgrenhado, enquanto Arthur parecia muito pleno, apesar do peito nu e a camisa suja na mão. O recepcionista da madrugada provavelmente se lembraria de nós dois por algum tempo, pois devemos ter causado algum impacto.

— Não acredito que deixei tanta coisa para trás — murmurei, triste por não ter conseguido espaço na mala para todas as minhas coisas.

— Isso é provisório, Marina. Você pode buscar o restante depois, quando quiser.

— Claro, se minha prima não queimar tudo.

Ele me deixou entrar no quarto primeiro e me joguei direto na cama, cansadíssima. Antes da merda toda com MauMau acontecer, aproveitei ao máximo minha festa e dancei até sentir as panturrilhas queimarem. Fechei os olhos, tentando descobrir se conseguiria encontrar coragem para levar meu corpo até o banheiro, quando ouvi uma música muito antiga, que eu lembrava de escutar quando morava com Arthur. Ao levantar a cabeça, observei o homem colocar o celular sobre a cama e sorrir para mim.

— Fala sério, não sei dançar funk, mas queria uma dancinha com minha menina. — Ele estendeu a mão para mim. — Não posso quebrar a tradição.

Meu coração se apertou dentro do peito, emocionada, e me levantei ao segurar os dedos estendidos para mim. Colei meu corpo ao do príncipe encantado e aproveitei que ainda estava com os saltos, deitando minha cabeça em seu ombro e sentindo suas mãos em minha cintura.

— Qual é mesmo o nome dessa música?

— *It Must Have Been Love* — respondeu ele. — Não é da sua época, a banda é mais antiga... Roxette.

Respirei fundo e fechei os olhos, sendo embalada pela dança de Arthur. Impossível não me lembrar do meu aniversário de quinze anos, quando ele e Lipe fizeram uma festa para mim.

Naquela noite, meu amigo que dançaria a valsa comigo, simplesmente não quis dançar. Quando a música que tinha sido destacada para a entrada dele começou a tocar, ele correu para se esconder no banheiro. Fiquei ali em pé no meio da pista de dança, pensando se devia fingir desmaio ou dançar sozinha. Arthur me salvou de passar o maior vexame do século quando se destacou entre os convidados e deu passos largos até me alcançar, colocando meus braços ao redor do pescoço dele.

— Sinto muito — comentou, parecia mesmo chateado pela situação. — Garotos são bobocas.

— Tudo bem.

Tudo bem mesmo! Eu estava berrando internamente e depois agradeceria meu amigo por ter sido covarde, porque aquela dança foi o auge da minha adolescência. Eu realmente dancei com meu príncipe encantado. E soube que ele sempre estaria lá para me proteger.

— Você é muito mais bonito que o idiota do Renan — confidenciei, odiando não ter escolhido um sapato com um

salto maior para ficar mais perto do rosto dele. — Graças a Deus, as fotos ficarão perfeitas.

Arthur deu seu sorriso maravilhoso e demonstrou ter ficado um pouquinho encabulado. Ele piscou para mim e fez meus joelhos virarem gelatina.

— O problema é dele. Estou dançando com a atração da noite. — Roçou o dedo na minha bochecha e inclinou a cabeça para o lado, enquanto eu tomava cuidado para não pisar em seus pés. — Está feliz com a festa?

Não era a maior produção da noite paulistana, pois eu decidi que queria festejar menos de dois meses antes e tudo foi feito na base da pressa. Mesmo assim, Felipe e Arthur se desdobraram para realizar todas as minhas vontades e tive um aniversário de princesa. Para ficar mais perfeito, só se o príncipe me desse um beijão ali na frente de todos, no final da música.

— Muito feliz — respondi, sem me iludir por muito mais tempo. — Eu amo você e o Lipe, obrigada por tudo isso.

Seus lábios tocaram minha testa com delicadeza e ele segurou minha mão, fazendo meus pés deslizarem pelo piso escorregadio, até que meu corpo voltasse aos seus braços. Todo mundo aplaudiu quando a música acabou e eu me soltei de Arthur, com o coração em frangalhos. Estava muito apaixonada.

Com minha mente de volta ao quarto de hotel, eu olhei para ele e me senti novamente a menina de quinze anos, porém, com os pés mais no chão.

— É a segunda vez que você me resgata em um aniversário meu — comentei, percebendo a coincidência.

— Hoje eu preferia que não tivesse sido preciso resgatá-la. Que sua festa fosse perfeita. — Ele franziu os lábios. — Mas sempre poderá contar comigo para isso.

— Obrigada, príncipe.

Senti seu beijo no topo da minha cabeça conforme a música ia diminuindo o volume até cessar. Cessamos a dança lenta e respirei fundo, levantando a cabeça e dando um sorriso para ele antes de me afastar. Precisava encarar a realidade de que não fazia parte de nenhum conto de fadas.

— Acho melhor ir tomar meu banho — falei, olhando para minha mochila e procurando a melhor forma de quebrar o clima romântico e constrangedor. — Ou você quer usar o banheiro primeiro?

— Não estou com pressa, pode ir tomar seu banho em paz — disse Arthur, sentando-se na cama e mexendo no celular. — Antes de dormir preciso comprar sua passagem e deixar minhas coisas preparadas para amanhã. Vamos acordar bem cedo, Nina. Daqui a

praticamente... — Ele olhou o relógio de pulso. — Bem, daqui a quatro horas e meia.

Que desgraça! Todo o meu ritual de banho mais retirada de maquiagem, de cílios, passar hidratante corporal, facial... Isso me custava geralmente em torno de meia hora a quarenta minutos. Por isso corri para o banheiro e fiz tudo o mais rápido possível, até porque não podia ocupar o lugar eternamente, precisava deixar que Arthur o usasse antes de dormir.

Foi difícil tomar banho com pressa, quando minha vontade era esfregar minha pele com as unhas para tirar todo o resquício do que aconteceu. Sentia-me suja só de lembrar de abrir os olhos e encontrar MauMau em cima de mim. Omiti uma parte da história para o Arthur, sobre o fato de ter demorado a despertar do sono porque achei que estivesse sonhando com ele. No fundo, quando ele puxou minha saia e sorriu maliciosamente para mim, era só o meu subconsciente avisando que MauMau estava me despindo. Quando senti uma parte do corpo dele se esfregar na minha calcinha, por mais que eu estivesse com tesão sonhando com o príncipe roçando a barba entre minhas pernas, nada mais era que um alerta do meu cérebro me mandando acordar. Mas a mordida que ele deu no meu mamilo doeu demais para ser algo bom e eu saí do transe,

abrindo os olhos e dando de cara com alguém que não era Arthur.

Fui sincera quando disse que chutei as bolas do MauMau e saí correndo. Pensei se era melhor descer e pedir ajuda, mas estava só de calcinha e minha roupa se encontrava fora de alcance. Graças a Deus, tinha cochilado com minha bolsinha ainda no ombro e foi com ela que me tranquei no banheiro. Sentei no vaso e pensei no que fazer. Arthur já devia ter ido embora, pois antes de subir não o encontrei em lugar nenhum da casa. Podia chamar um *Uber*, mas antes precisaria esperar MauMau se acalmar e ele estava socando a porta. Meus dedos tremiam tanto que mal conseguia destravar a tela do aparelho e quando fiz, respirei fundo e fechei os olhos. Incomodo ou não o Arthur?

Quando tomei a decisão, rezei para que ele já não estivesse no hotel, que ficava praticamente do outro lado da cidade. Ou pior, que não estivesse com alguma mulher, porque aí eu não teria nem cara de olhar pra ele depois de interromper sua noite.

Joguei água no rosto para parar de reviver aqueles momentos de tensão ou não conseguiria ter uma noite de sono tranquila. Saí do banheiro alguns minutos mais tarde, com meu hidratante da *Victoria's Secret* perfumando o quarto todo, sentindo-me quentinha e confortável dentro do roupão, mas estaquei ao ver Arthur desmaiado na cama.

Tudo bem que demorei um pouquinho mais do que o esperado, mas mesmo assim. Ele tinha dormido todo torto, com a cabeça fora do travesseiro e o celular sobre o peito nu.

Surreal, era a única coisa que eu conseguia pensar para expressar a visão que estava tendo. Eu me sentei na minha própria cama e observei o sono dele, além, claro, do abdômen definido e o peitoral largo. Ele era tão alto e tinha mãos enormes e toda aquela pele exposta...

Chega. Levantei para apagar as luzes, me joguei no colchão e fechei os olhos, puxando o edredom até o pescoço e me virando de costas para Arthur. Gostaria de ter colocado pelo menos um travesseiro debaixo de sua cabeça, mas depois de todo o trabalho que dei a ele esta noite, tinha medo que qualquer movimento meu o acordasse e atrapalhasse seu sono.



Despertei com a claridade batendo no rosto e vi que Arthur já estava de pé, vestido num terno azul impecável, ajeitando a gravata de frente para o espelho.

— Ainda tem cinco minutos para dormir, se quiser — avisou sem precisar me olhar. — Ia acordá-la daqui a pouco.

Pesquei meu celular debaixo do travesseiro e abri o *Instagram*, me dando conta de que não gravara nenhum *storie* desde que subi para o terceiro andar com o idiota do MauMau. Ajeitei-me na cama, fingindo uma pose despretensiosa, porém, pegando o melhor ângulo de todos onde o roupão se abria num decote discreto em meus peitos, e comecei a gravar dando bom dia para meus seguidores. Avisei que iria viajar e que tinha uma novidade para contar mais tarde.

Depois de largar o telefone, levantei-me e puxei minha mala para o banheiro pois teria a árdua tarefa de encontrar um *look* legal para a viagem. Aproveitaria e usaria alguma roupa recebida por parceiro que ainda não tinha sido fotografada. Escolhi um conjuntinho fofo e leve, aproveitando também para usar o tênis que tinha comprado com o cartão de crédito de Arthur.

Nós descemos para tomar café da manhã quando nossas malas já estava organizadas para fazer o *checkout* e flagrei Arthur me observando enquanto eu passava *cream cheese* numa torrada.

— O que foi? — perguntei, sem conseguir controlar meu sorriso bobo. Não era todo dia que um homem daquele naipe me olhava com aquela intensidade. — Pode falar, estou com a boca suja?

— Não — disse ele, sorrindo e matando todas as mulheres num raio de oitenta mil quilômetros.

Ok, talvez fosse exagero, mas eu jurava que tinha uma velhinha sentada duas mesas além da nossa, com o rosto todo vermelho de tanto olhar para Arthur.

— Então por que está me olhando desse jeito? — sussurrei.

— Você está sentada na minha frente, Uni. — Ele riu. — Para onde mais eu olharia?

— Acho estranho você ter voltado a me chamar assim. — Joguei meu guardanapo em cima dele. — Eu cresci, Arthur, não tenho mais dez anos.

— Você ainda me chama de príncipe, coisa que com certeza eu não sou. E pode crescer o quanto for, Nina, os homens podem babar no seu traseiro ou no seu silicone, você pode usar salto quinze... — Arthur piscou, me deixando muito perturbada. — De qualquer forma, será sempre meu unicórnio. E eu reparei que está usando agora.

Ele esticou a mão e por um momento achei que fosse tocar meus peitos, mas o que fez foi segurar o pingente que me deu há alguns anos e eu tinha deixado de usar nos últimos meses. Quando entrei em casa na noite passada para juntar minhas coisas, tirei o colar da caixinha e recoloquei no pescoço.

— Eu fiz um belo trabalho com o traseiro, não fiz? — perguntei, movendo minhas sobrancelhas para soar divertida. — Resultado de muita dieta e academia, muito agachamento.

— Seu corpo sempre foi bonito, você apenas o lapidou.

— Bla bla bla — zoei, inclinando meu tronco para frente e empinando meu queixo. — A sua língua não vai cair se você disser a verdade. Que eu *tô* gostosa.

Ele manteve o olhar fixo no meu enquanto levava a xícara de café até a boca e tomava um gole, para em seguida esticar o braço e expor o relógio, dando uma conferida nas horas e apoiando o cotovelo na mesa.

— Podemos ir ou quer comer mais alguma coisa?

Fui ignorada com sucesso, muito bem, Marina Leão! Desisti de implicar com Arthur e me levantei, completamente satisfeita. Tinha comido até demais e já me sentia mal por isso, eu sempre acabava comendo mais do que o necessário.

— Vou fechar a conta e pedir que tragam tudo, podemos esperar no *lounge*.

— Hum, ok. Acho... Acho só que vou ao banheiro rapidinho. — Pisquei para ele ao passar sua frente e me encaminhei para o banheiro do próprio restaurante.

Como o hotel não estava cheio e poucas pessoas estavam tomando café naquele horário, eu me dei à liberdade de trancar a porta por dentro para ter mais privacidade. Apoiei as mãos na bancada de granito e encarei o espelho, respirando fundo uma, duas vezes.

Eu não precisava ter comido a segunda fatia de bolo de laranja, totalmente desnecessário. Dei um tempo, baixei a cabeça, respirei fundo de novo. Até que deixei minha bolsa ali sobre a pia e corri para dentro de um dos reservados.

Prendi meu cabelo num rabo de cavalo rapidamente e me curvei na direção do vaso ao mesmo tempo em que enfiava o dedo na goela. Eu sempre odiava essa parte, mas não tinha outra saída. Repeti o processo com mais afinco duas vezes mais, até sentir as contrações musculares e abaixar a cabeça para deixar o vômito sair.

Segundos depois, fechei a tampa do vaso e me sentei para me dar um tempo de me recompor. O coração acelerado me fez respirar fundo algumas vezes antes de sair do reservado e pegar a escova de dente no interior da bolsa. Escovei bem e gargarejei antes de jogar uma água no rosto e me olhar mais uma vez no espelho.

Quando reencontrei Arthur no saguão, as nossas malas já estavam lá e ele me esperava sentado numa

poltrona de couro. Ao me ver, levantou-se com um vinco no meio da testa e tocou meu ombro com certa preocupação.

— Está tudo bem?

— Esse é o tipo de pergunta capaz de constranger mulheres de qualquer idade, Arthur — disse, dando um tapa na mão dele e puxando o elástico para soltar meu cabelo. — Digamos que... o café da manhã não caiu muito bem.

Ele entenderia do jeito que quisesse, provavelmente achando que eu tive dor de barriga ou algo do tipo. Por algum motivo, correu os olhos pelo meu corpo, como se pudesse estar estampado em minha pele o que aconteceu.

— Mas se sente melhor agora? — assenti e ele pareceu relaxar. — Bom, já tem um táxi aqui fora, pedi que esperasse por nós.

— Então vamos porque estou contando os minutos para tomar banho no ofurô.

Antes que ele conseguisse pegar minha mala, eu mesma saí arrastando as rodinhas dela pelo piso brilhante e a entreguei ao motorista, que olhou por tempo demais na direção dos meus peitos até Arthur chegar e o encarar.

Quando entramos no carro, ele se sentou ao meu lado no banco de trás, muito grudado em mim — na verdade quase em cima de mim, espaço pessoal mandou

lembrança — e inclinou a cabeça de lado, aproximando-se do meu ouvido.

— Qual o seu problema com o sutiã? — perguntou.
— Por que não gosta de usar?

Lancei um olhar na direção dos meus peitos e entendi porque o motorista ficou secando os gêmeos — meus mamilos estavam super acesos, duríssimos, uma reação pós-vômito que já era comum a mim.

Dei de ombros e virei o rosto para encarar Arthur, sem querer, deixando nossas bocas próximas demais. Pude sentir o ventinho que saiu pelo nariz dele ao respirar.

— As alças da minha blusa são muito finas, um sutiã ficaria aparecendo. E cá entre nós, eu paguei caro e sofri no pós-operatório para ficar escondendo esses lindinhos. Quero eles bem livres, isso sim.

— Existe mais algum procedimento cirúrgico nesse corpo que eu deva saber? — perguntou ele, mas não parecia tão irritado quanto antes, até vislumbrei os lábios repuxados para o lado enquanto Arthur balançava a cabeça como se eu não tivesse como ser salva.

— Não — respondi. — Nenhum. Apesar de que, se eu tivesse grana, faria uma lipoaspiração nela — sussurrei para o motorista não escutar, enquanto apontava para o meio das minhas pernas.

— O quê? — Arthur pareceu engasgar.

— Eu sou magra né — continuei sussurrando, mas precisei quase encostar os lábios na orelha dele. — Aí quando coloco algum biquíni muito cavado, a gordurinha dela fica em evidência. Queria que fosse tudo reto, chapado, sem muita... carne.

Recuei e me ajeitei no banco quando Arthur abaixou a cabeça e fechou os olhos, massageando as pálpebras como se estivesse muito cansado.

— Nina... Acho que precisa aprender a segurar algumas informações só para você. Ou você é muito ingênua — ele virou o rosto e me encarou com a testa franzida — ou faz isso para provocar. Qual das duas hipóteses a levam a falar algo assim para mim?

— Desculpa. — Desbloqueei a tela do meu celular para disfarçar o quanto estava sem graça. — Eu não sou ingênua.

Felizmente, o taxista interrompeu o momento para avisar Arthur sobre um fluxo mais intenso no trânsito que pegaríamos e queria saber se ele tinha preferência por algum trajeto específico.

Obriguei-me a me ocupar de outras coisas nas redes sociais para não precisarmos conversar mais até o avião, quando não haveria muita opção a não ser passarmos uma hora sentados lado a lado.

Conseguimos chegar a tempo e fizemos tudo com tranquilidade até entrar na aeronave, mas quando nos acomodamos, depois de Arthur guardar a mala dele no bagageiro acima de nossos bancos — a minha era grande demais e precisou ser despachada —, sua mão pairou sobre a minha e isso me obrigou a encará-lo.

— Está calada demais. O que houve?

— Nada.

Seus olhos que já não eram muito grandes tomaram o formato de uma linha fina e estreita.

— Você não é o tipo de pessoa que passa mais de meia hora sem abrir a boca — concluiu. — Está chateada pelo que eu disse no carro?

— Eu entendi o que você disse. — Encolhi os ombros evitando olhar para ele. — É que a gente sempre conversou sobre tudo e eu achei que continuasse igual. Mas vou tentar me policiar mais daqui pra frente.

Arthur estalou a língua e fez movimentos bruscos ao tirar o cinto e se virar de lado, puxando meu rosto pelo queixo para que eu o encarasse mesmo contra minha vontade.

— Quero que continue me contando tudo, que confie em mim para falar sobre qualquer assunto, mas... — ele fechou um olho só e sorriu de forma que parecia estar

sofrendo um AVC — vamos tentar deixar nossas partes íntimas fora do papo.

— Ok — respondi, sucinta, agora prestando mais atenção na comissária que não parava de olhar para Arthur do que nas palavras que saíam da sua boca. — Uhum. Certo.

Fulminei a sirigaita que devia estar sonhando em ter alguma chance, mas ela não parecia preocupada em me notar ao lado dele. O mais incômodo era que tínhamos sentado em poltronas no início da aeronave e as pessoas precisavam passar por nós para ocuparem seus lugares. Ou seja, noventa por cento das mulheres que entravam no avião, quando batiam o olho no príncipe, mexiam nos cabelos, davam sorrisinhos discretos ou deixavam o queixo cair.

Nos primeiros minutos eu até tentei manter o olhar firme na direção de todas que não pareciam ter vergonha na cara e ficavam encarando um homem acompanhado, mas depois que notei o próprio Arthur retribuir o olhar umas duas ou três vezes para algumas dessas mulheres, desisti de tudo. Tirei meu boné de dentro da mochila, enfiei na cabeça e abaixei bastante a aba enquanto escorregava pelo banco para me ajeitar e dormir um pouco.



Capítulo 13

Arthur

Marina estava admirada com a cobertura e repetiu a palavra “cacete” umas vinte vezes durante o curto espaço de tempo que levei para pegar minha pasta no escritório. Encontrei-a no terraço, olhando a paisagem, encolhida enquanto se abraçava com os próprios braços. Coloquei minha pasta no chão, parei atrás dela e a envolvi num abraço, beijando sua cabeça.

— Não vou ter tempo de mostrar tudo, mas fique à vontade para explorar a casa, ok? — Ela se virou de frente para mim e sorriu que nem criança boba. — Só não coloque fogo em nada, gosto muito das minhas coisas.

— Eu sei ficar sozinha, Arthur, não tenho dez anos.

— Certo — respondi, apertando o nariz dela e a irritando. — Bom, hoje é sexta-feira, eu costumo voltar para casa tarde, mas o final de semana será todo seu. A sua vinda foi confusa e corrida, mas amanhã sentaremos para organizarmos a nossa rotina, ok?

— Tá bom.

Peguei minha pasta e saí de casa com um pouco de consciência pesada por deixar Marina sozinha no seu primeiro dia ali, mas eu não tinha opção. Desci até a garagem e peguei minha *Land Rover Discovery*, com a placa permitida para aquele dia do rodízio e dirigi para o fórum, tentando me desligar um pouco de Marina e focar a mente no caso que tinha para defender, que se tratava de um escândalo sobre o prefeito de São Paulo e outros envolvidos estarem recebendo propina num esquema de compra de ambulâncias. Um caso que daria trabalho e seria difícil ganhar, pois o idiota estava enfiado na merda até o pescoço.

Encontrei com Bruno pelos corredores e nos cumprimentamos do nosso jeito camarada, mas antes mesmo de ele abrir a boca eu já sabia o que esperar.

— Não pretende me contar nada? — perguntou, com uma sobrancelha arqueada. — Como terminou tudo ontem, Arthur?

Dei uma olhada no relógio e vi que ainda faltavam alguns minutos para a audiência ter início, portanto, caminhei até uma pilastra e me recostei a ela. Bruno me seguiu dentro de seu terno grafite, ignorando o burburinho que começava a se formar no corredor lotado de assessores.

— Trouxe Marina para morar comigo — contei de forma rápida, como se puxasse o *band-aid* e vi a expressão do meu sócio se transformar em choque. — Entenda, ela quase sofreu um estupro ontem. Um... colega dela, da turminha de moleques. A decisão também foi tomada por causa de outras questões, depois conto tudo.

— Você mesmo sempre disse que não tinha condições de cuidar da menina. O que mudou?

— Desespero — respondi, rindo, só podia mesmo ter enlouquecido. Apertei o espaço entre os olhos, sentindo uma dor de cabeça querendo se formar. — Não sei, Bruno, Marina parece um pouco perdida... E eu não consigo vê-la sofrer. O dinheiro que eu mando todo mês não estava mais chegando nas mãos dela. A tia estava pegando tudo, acredita?

Ele alisou a boca e desceu a mão até o queixo, surpreso com a informação, do mesmo jeito que eu fiquei. Bruno tinha conhecimento de tudo a respeito do meu passado com Felipe e Marina.

— Não podia mais me manter de olhos fechados, sabendo que a vida dela aqui em São Paulo pode ser muito melhor — comentei, ajeitando o paletó ao ver João Pedro Tavares chegar com sua comitiva.

O prefeito era uma figura roliça de um metro e meio com uma careca que possuía alguns fios de cabelo

resistentes ao tempo, porém sebosos, que me deixavam um pouco enjoado toda vez que eu o encarava. Para minha sorte, aquele era o nosso cliente.



Algumas horas mais tarde e uma dor de cabeça que não consegui evitar, entreguei o carro para o manobrista na porta do edifício de trinta andares e entrei no local. Cumprimentei as recepcionistas do plantão e peguei o elevador que me levaria ao terraço, onde ficava o *Sky Bar*. O único clube-restaurant do Jardim Paulista onde somente executivos cadastrados tinham acesso por motivos óbvios.

— Boa noite, Dr. Salazar — o *maître* me cumprimentou ao me ver chegar e acenei em resposta.

Ao sair do elevador exclusivo, o cliente se deparava com um amplo salão *indoor* de mesas redondas de seis e oito lugares em granito *roma royale*, iluminação intimista distribuída por lustres de cristais espalhados em pontos estratégicos e o magnânimo bar de ponta a ponta do ambiente, abarrotado com todos os tipos de bebidas capazes de se imaginar.

Parando no meio do salão e caminhando para seu lado esquerdo, a pessoa sairia no *rooftop* aconchegante e

bem iluminado, com mesas dispostas ao ar livre, todo cercado em vidro, com uma vista panorâmica da bela São Paulo. Do ponto oposto do salão, quem decidia se aventurar para o lado direito encontrava um pequeno corredor revestido com paredes de material acústico e uma porta no final dele, guardada por um segurança com um leitor de *QR code* para escanear o cartão do sócio e autorizar sua entrada.

Então, a *Caixa Preta* se abria. E não tinha absolutamente nada a ver com o que se imagina de um clube privado para adultos. Primeiro, o luxuoso *hall* de entrada com decoração requintada combinando iluminação em *LED* e tapetes persas, um pequeno bar para quem quiser relaxar antes de se jogar na diversão e o meu xodó: uma adega exclusiva com alguns dos rótulos mais cobiçados do mundo, que interliga este ambiente ao da danceteria, onde tudo acontece.

Com poltronas individuais de *suede* preto espalhadas pelo salão, os clientes podiam sentar e consumir suas bebidas enquanto aguardavam pelos *shows* da casa. No entanto, também podiam ser agraciados por uma ou outra dançarina em *pole dances* exclusivos em algumas dessas poltronas. Ou, caso a noite esquentasse demais, eles poderiam usufruir dos bangalôs requintados, dispostos no outro lado do terraço.

Engana-se quem pensa que a entrada desses clientes era cobrada. Cada um possuía seu cartão de sócio e sua passagem só era liberada caso sua mensalidade estivesse em dia, com planos a partir de três mil até oito mil reais.

Comprar o *Sky Bar* foi ideia minha quando eu e Felipe ainda estávamos um pouco perdidos na cidade. Eu tinha meu emprego, estava galgando novos degraus, mas não sabia até onde poderia chegar com minha profissão. Não tinha a menor ideia de que um dia eu pegaria casos que envolvessem bilhões de reais e ganharia tão bem que poderia sustentar os dois Leões por muito tempo.

Portanto, meus olhos cresceram diante da oportunidade de comprar um restaurante muito comum, num ponto nobre e privilegiadíssimo, porém, que estava em declínio e à beira da falência. Lancei mão de todas as minhas economias e transformei o falido empreendimento no agora famoso *Sky Bar*, num momento em que estabelecimentos em terraços começaram a ganhar popularidade. E então, quando comecei a recuperar o investimento empregado e as coisas engrenaram de verdade, Felipe começou a atazanar meu juízo para que transformasse o SB em algo diferenciado. O que ele queria, nada mais era que um puteiro, diga-se de passagem. Mas resolvi entrar de cabeça em pesquisas de

mercado e aproveitei que o restaurante já era uma referência para a nata da sociedade paulistana.

Felipe entendia muito de entretenimento e promiscuidade, de acordo com as próprias palavras dele. Eu entrei com a parte da grana e estrutura, porque não poderia simplesmente colocar um palco e um *pole dance* no meio do restaurante. Graças à minha posição e acesso que possuía à classe política e empresarial da cidade, plantei a sementinha na mente de cada um, até que o *Sky Bar* se tornou um restaurante privado para pessoas de altíssimo poder aquisitivo. O lugar onde os homens podiam se reunir para falar de trabalho, de novos ou velhos acordos, para relaxarem antes de irem para casa, para simplesmente chegarem e fumarem um charuto.

Por consequência, a *Caixa Preta* se tornou um fenômeno e lhes deu a sensação de segurança que precisavam, visto que cada um dos sócios tinha papéis importantes na sociedade e um seguraria o outro, criando um vínculo que blindaria o estabelecimento de qualquer coisa.

Depois que a casa noturna passou a se sustentar sozinha, cedi todos os direitos ao Felipe, assinamos documentos e a tirei de minha propriedade. O *Sky Bar* me dava mais dinheiro do que eu um dia poderia gastar. Já meu amigo, teria que se virar para gerenciar o outro

empreendimento e mantê-lo funcionando, e fez um bom trabalho até sua morte. Como nenhum de nós era idiota e já tínhamos passado por muitas perdas, entendíamos que a vida era um sopro. Isso fez com que fizéssemos nossos testamentos, os de ambos voltados para Marina, e no caso de Lipe, cinquenta por cento do lucro da *Caixa Preta* era depositado numa poupança que ela só poderia mexer aos vinte e um anos.

Após o acidente, como eu era o advogado e procurador dele, alterei toda a documentação para passar tudo para o nome de Marina. Comecei a desviar o lucro total para a poupança dela, que agora contava com um montante de pouco mais de cinco milhões de reais. O dinheiro permanecia lá, intocado, e meu maior medo era não conseguir imaginar o que Marina faria com tudo isso. Precisava que ela amadurecesse muito antes de dar acesso a uma quantia astronômica para uma garota da idade dela e isso tinha que acontecer logo, pois não aguentava mais guardar esse segredo.

— Arthur! — Francine acenou do bar, onde estava sentada numa das banquetas de couro enquanto batia a tampa da caneta num caderno.

Apesar do *Sky Bar* abrir de domingo a domingo e naquele horário já estar em pleno funcionamento, a *Caixa Preta* só abria ao público a partir das vinte e duas horas, de

quinta à sábado. Foi a forma que encontrei para poder conciliar toda a minha vida com os dois estabelecimentos, pois apesar de ter a Francine como gerente da casa noturna, ainda era eu quem lidava com toda a parte administrativa.

— Boa noite — falei ao parar ao lado da loira e sorrir para ela. — Tudo bem por aqui?

Ela se inclinou para me dar um beijo no rosto e suspirou, voltando à posição original e negando com um movimento de cabeça.

— Tivemos duas baixas ontem. Fabíola e Denise pediram demissão.

— É mesmo? — Sentei-me e acenei para Miguel, um dos *barmans*, que já sabia o que eu desejava. — Deram motivo?

— A Denise, sim. Ela precisou voltar para a casa da mãe, no interior da Bahia. Parece que está com problemas. A Fabíola... — Francine deu de ombros como se não se importasse já que não ia com a cara da mulher. — Não fiz questão de perguntar.

Miguel me entregou minha dose de uísque e se afastou.

— Bom, não contrate novamente duas loiras — pedi, dando um gole na minha bebida. — Estamos precisando variar um pouco, Francine.

— Começarei uma seleção na segunda-feira. Agnes deve ter garotas novas para indicar e...

— Não — eu a interrompi, segurando a mão que balançava irritantemente aquela caneta. — Faça diferente.

— Como assim?

Virei o restante do uísque de uma vez e deixei o copo no balcão antes de me levantar e caminhar por entre as poltronas. Os homens que frequentavam aquele lugar, iam até lá para fugirem do cotidiano, da realidade de suas vidas, para viverem fantasias que não realizariam normalmente.

— Não quero agenciadas da Agnes nem de nenhuma outra. Não quero mulheres que tenham *garota de programa* escrito na testa. — Francine se sentou no braço de uma das poltronas, encarando-me com desconfiança.

— O que você quer?

— Tive umas experiências estranhas essa semana... — falei, evitando rir ao pensar na festa de Marina. — Quero algo que nunca tenha pisado nesse palco, conteúdo diferente. Dançarinas novatas, que ainda não tenham essa malícia, mas que sejam intensas.

Francine me encarava como se eu tivesse batido com a cabeça no bar. Os lábios de batom vermelho franzidos, com a tampa sendo sugada entre eles me deu água na boca. Passei os olhos pelo decote da camisa de

botões que mostrava o vão dos seios e ela afastou discretamente as pernas envoltas na meia-calça fumê.

— Você quer que eu coloque garotas inexperientes dançando para os sócios que gastam uma fortuna todo mês? Perdeu o amor aos negócios? Quer falir?

Pela minha visão periférica, vi Miguel conversando com um dos seguranças, além de uma das dançarinas que se alongava no fundo do palco. Meneei a cabeça para Francine na direção do corredor e sorri.

— Podemos conversar no escritório? — fiz o convite e tomei a frente, caminhando sem pressa até minha sala, e esperei que ela entrasse antes de trancar a porta.

Francine tinha trinta e dois anos, era uma mulher muito bonita e justamente por isso trabalhava ali. Ela começou como dançarina quando Felipe ainda era vivo e se mostrou uma pessoa responsável e confiável para gerenciar a casa. Loira de cabelos curtos estilo Chanel, tinha seios enormes e um corpo tão sarado que eu desconfiava ter mais músculos no abdômen do que eu. Ela era aquele tipo de mulher exagerada, com coxas muito grossas, bunda avantajada e cintura fina, provavelmente tinha silicone por todo o corpo.

Eu não tinha nada a ver com isso nem nada contra ela, pelo contrário, sempre nos demos bem. Talvez pelo fato de que seu tipo físico não me atraía, preferia as mais

delicadas e magrinhas, com um conjunto mais proporcional. Aquela noite, porém, estava com muito tesão. Não transava desde muito antes da viagem porque tive dias extremamente corridos e agora, sentia uma necessidade absurda de relaxar um pouco.

Assim que fechei a porta, Francine se virou e colou as costas na madeira, olhando para mim como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Só para esclarecer, eu não durmo com meus chefes — avisou com o dedo em riste e a ponta da unha tocando minha boca.

— Sou seu único chefe há anos.

— Estou dizendo isso para que não se acostume. Eu só vou fazer isso porque...

Recuei um passo e ergui minha mão, tomando juízo pela primeira vez desde que entrei no prédio aquela noite.

— Não, Francine — interrompi, sem graça. — Na verdade, você não tem que fazer nada.

Virei-me de costas, chocado. *Que merda eu estava fazendo?* Pensei em comer a mulher que eu não podia me dar ao luxo de perder por simples luxúria. Caminhei até minha mesa e coloquei meu celular ali, mexendo em alguns papéis que eu tinha deixado para conferir quando voltasse da viagem.

— Sobre sua preocupação de nos levar à falência, sinto que essa renovada no estilo das garotas vai injetar um ânimo a mais por aqui — tranquilizei-a, mudando de assunto para encerrar de vez o terrível mal entendido. — Confio no seu bom...

Parei de falar quando me virei para Francine e a encontrei no mesmo lugar de antes, porém, pelada. Desde que parou de dançar que só usava roupas mais sociais, então perdi um pouco a noção do seu corpo. Ela estava quase tão sarada quanto aquelas mulheres fisiculturistas.

— Você não achou mesmo que eu estava recuando, né? — disse ela, caminhando a passos lentos na minha direção. — Só queria esclarecer que não serei sua comidinha quando quiser. Vai ser só uma vez para matar a curiosidade de como é foder com Arthur Salazar. E eu espero que seja bem sujo e intenso.

Encarei a pimenta tatuada sobre a boceta depilada e subi os olhos até os seios redondos. Levei três dedos à boca e os lambi, descendo a mão até suas pernas e esfregando em seus lábios finos. Ela sorriu quando agarrei seus cabelos curtos e puxei sua cabeça para trás, enquanto espremia sua bunda na madeira da minha mesa.

— Não tem volta — avisei, fodendo-a com os dedos e descendo minha boca até um dos seios.

Minha gerente gemeu e apertou minha mão entre suas pernas, mas derreteu e relaxou quando rocei meus dentes em seu mamilo, alternando depois com o outro. Ajoelhei-me de frente para ela e afastei suas coxas, retraindo meus dedos para substituí-los pela minha língua. Chupei o grelo inchado e sensível, fazendo-a vibrar em minhas mãos e voltei a foder Francine manualmente, alternando com lambidas por cada dobra e curva daquela boceta.

— Ah, meu caralho... — gemeu, agarrando meu cabelo, com os músculos das coxas estremecendo. — Arthur! Vou gozar assim...

Recuei propositalmente e me levantei sob seus protestos e xingamentos, desafivelando meu cinto e abaixando a calça junto com a cueca. Não era para ser cuidadoso nem romântico, precisava foder o mais depressa possível e me livrar daquela sensação de sufocamento.

Precisei dar a volta na mesa e abrir uma das gavetas para vestir um preservativo dentre os que eu deixava guardados ali. Virei Francine de costas e a fiz debruçar sobre minha mesa, empinando a bunda para mim.

— Só vai gozar quando eu estiver bem enterrado dentro de você — ordenei, dando um tapa na carne branca e macia, deixando a marca dos meus dedos e ouvindo minha gerente gemer de tesão.

Como se tivesse se animado ainda mais, ela rebolou contra a cabeça do meu pau e a penetrei de uma vez, socando até o fundo e ouvindo seus protestos, seguidos de um suspiro gostoso.

— Algum problema, Francine? — perguntei, segurando novamente em seus cabelos. — Devo me retirar?

— Não. Deve me foder.

Tirei meu pau por completo e com a mão livre apertei a cintura dela, para me firmar e voltar a socar com força, até o talo, iniciando um entra e sai constante até aumentar a velocidade.

— Meu Deus, Arthur...

Carne batendo contra carne, sua boceta cada vez mais escorregadia, mais receptiva, quente, chupando e sugando meu membro a cada nova estocada.

A loira levou as mãos à boca para se calar quando começou a gozar e eu achei até muito responsável de sua parte. Seu corpo estremeceu embaixo do meu e ela gemia baixinho conforme os espasmos a sacudiam e eu me enterrava com mais ímpeto. Levei minhas duas mãos até suas nádegas, apertando-as e afastando ambas as partes para ter uma visão mais privilegiada enquanto permanecia ereto, empurrando uma última vez, quando o gozo finalmente chegou.

— Porra! — extravasei, recuando e retirando a camisinha, dando oportunidade de Francine se levantar. — Isso foi...

— Necessário — disse ela, passando a mão pela boceta gozada. — Você sempre é tão sério, não achei que isso um dia fosse acontecer.

Eu ia dizer que foi tudo rápido demais. Há algum tempo eu não desfrutava de uma foda rápida assim.

Descartei o preservativo no lixo do banheiro e me joguei na poltrona preta, ainda um pouco atônito.

— Não aconteceria mesmo. — Ergui o rosto e a encarei, levantando minha mão. — Não me entenda mal, você é belíssima, só não tinha em mente me envolver com ninguém que trabalhe para mim. Não era do meu interesse misturar as coisas.

Mantendo um sorriso que parecia sincero, Francine se vestiu com calma e ao terminar de subir o zíper da saia, aproximou-se de mim e sentou em minhas pernas ainda nuas.

— Conseguiu?

— O quê? — perguntei, sem entender.

— Liberar o que estava te incomodando.

— Sim — respondi, acompanhando o trajeto que a mão dela fez até meu peito.

— Que bom. Eu matei a curiosidade de transar com você, que por sinal, fode muito bem, e você extravasou o que precisava. — Francine deu um tapinha leve em meu peito, mas não sem antes dar uma boa encarada no meu pau. — Não sou aquele tipo de funcionária que vai dar trabalho, Arthur. Além do mais, gosto muito de você, mas prefiro que a gente pare por aqui porque não tenho talento para engolir um cacete grosso desse sempre. Estou bem feliz que você não pediu por um boquete.

Pego totalmente desprevenido, acabei caindo na gargalhada e ela riu junto, encolhendo os ombros ao se levantar e piscar para mim. Francine franziu os lábios e apontou na direção do tal cacete grosso.

— É sério, isso aí é problema na certa. Eu saía com um cara que tinha um pau mais ou menos parecido com o seu e na semana que ele começou a insistir para fazermos sexo anal, terminei tudo com ele. Até bloqueei o número.

— Nunca recebi reclamações... — Ri.

— Porque você deve sair com mulheres ricas que têm dinheiro de sobra para comprarem hidratante de boceta. Ainda estou sentindo a sua entrada triunfal.

— Francine, vá trabalhar. — Sorri, balançando a cabeça com as asneiras que estava ouvindo. — Depois eu a presenteio com um desses hidratantes.

Ela ajeitou os cabelos e puxou a saia para baixo antes de virar de costas e caminhar até a porta. Antes que saísse, falei:

— E obrigado por isso!

— Não me agradeça — respondeu, segurando a maçaneta e piscando. — Apenas aumente meu salário.

Depois que bateu a porta, ainda me dei um tempo para curtir aquele momento gostoso de pós-foda e o alívio que sentia, a sensação de relaxamento e calma. Não mais que dez minutos depois, já estava vestido novamente e pronto para ver a casa começar a funcionar.



Capítulo 14

Arthur

Não era tão tarde, o relógio do micro-ondas marcava meia-noite e vinte quando fui beber uma água assim que cheguei em casa. Nunca ficava na *Caixa Preta* até o fim do expediente e principalmente agora com Marina em casa, não começaria a passar as madrugadas na rua.

Achei que fosse encontrá-la acordada, mas o apartamento inteiro estava apagado e tudo permanecia no seu devido lugar. Caminhei pelo corredor que levava aos quartos e coleí o ouvido na porta do quarto dela, tentando descobrir se estava acordada. Como não havia som nenhum, abri a porta devagar e vi que dormia como um anjo.

Lembrei-me das várias e várias vezes em que eu entrava em seu quarto quando morávamos juntos, e depositava um beijo em seus cabelos, sem que ela sequer percebesse. Fiquei ali parado na porta, relembando tantas situações.

Marina tinha doze anos e tínhamos os três ido ao cinema numa noite de sábado assistir ao lançamento de um dos filmes da Marvel, não me lembrava exatamente qual, e ela se sentou em uma poltrona entre mim e Felipe. Quando a sessão terminou e as luzes da sala se acenderam, Nina acabou se levantando antes da gente e ao tentar passar por minhas pernas, vi a mancha de sangue em seu vestido amarelo.

Minha reação automática foi puxá-la para o colo e pensar no que falar. Ela apertou as pernas e me encarou com os olhos arregalados.

— Príncipe, vou fazer xixi nas calças, preciso correr!

Felipe parecia muito alheio ao que estava acontecendo, enquanto ligava o celular, então aproximei minha boca da orelha do unicórnio e sussurrei gentilmente:

— Acho que você ficou mocinha, Uni. Seu vestido está sujo.

— Ah não! — Ela ficou vermelha e os olhos lacrimejaram, tentando desgrudar a bunda das minhas pernas. — Agora? Sério? A Milena ficou há uma semana... Que vergonha.

— Vergonha de quê? — Felipe quase gritou, com o celular no ouvido e a atenção em cima da gente. — O que houve, Marina?

— Quando sairmos daqui a gente conversa, ok? — falei para ele.

Olhei para nossos pertences, procurando algo que pudesse usar para esconder a mancha, mas estávamos no auge do verão e nenhum de nós tinha levado sequer um casaco. A bolsa de Marina era minúscula, também não serviria para nada.

No meu colo, Nina estava cabisbaixa, encarando os dedos das mãos, e alisei o cabelo dela para confortá-la.

— Podemos ir? — perguntou Felipe.

— Vamos esperar todo mundo sair — pedi, tentando lançar a ele um olhar diferente.

— Vocês dois estão me preocupando. Que merda aconteceu?

Encarei meu amigo ansioso, nisso os dois irmãos eram idênticos, e quis dar um tapa nele. Esperei até que as poltronas ao nosso redor fossem desocupadas e me inclinei na direção de Felipe.

— Marina menstruou — expliquei, sentindo-a se encolher. — Sujou o vestido, temos que dar um jeito.

Felipe era uma pessoa ímpar, não havia outro igual, porque ele tinha as melhores e piores ideias do mundo. Foi por isso que meu amigo se levantou e saiu andando pelas poltronas, catando todos os guardanapos que encontrou

pelo caminho. Quando voltou com a mão cheia, lancei um olhar mortal para ele.

— O que pensa que vai fazer com isso? — questionei, aliviado por Marina estar em choque demais para ver.

— Tentar limpar o vestido — ele se explicou, encolhendo os ombros, como se fosse uma ideia de gênio. — O que sobrar ela pode colocar...

— Não termine a frase — implorei, arrancando os guardanapos da mão dele e os jogando na poltrona. — Mancha de sangue não sai com papel, Felipe!

— Nina... — Ele se sentou na poltrona que ela tinha ocupado e beijou o ombro da irmã. — O que está sentindo?

O gesto me preocupou bastante porque um casal de mais idade, que tinha se levantado dois corredores mais à frente, nos olhou como se fôssemos dois maníacos abusando de uma criança. E aí me dei conta de que parecia isso mesmo, pois Marina estava em meu colo, sendo beijada pelo irmão.

— Precisamos ir embora antes que sejamos presos — avisei.

— Eu odeio vocês dois por essa conversa — ela resmungou e com razão.

Decidi então me levantar e pegá-la no colo, passando um braço por baixo dos seus joelhos e outro em suas

costas, descendo as escadas com pressa e mandando que Felipe carregasse a bolsa dela.

— Meu Deus, que vergonha — murmurou, escondendo o rosto em meu peito. — Nunca mais volto nesse cinema.

— Acho que todo ser humano conhece essa condição feminina chamada menstruação.

Não foi fácil carregá-la até o carro porque estávamos dentro de um shopping e precisei fazer toda a porcaria do caminho, depois pegar elevador e ainda andar pelo estacionamento enorme. Marina não era pesada, mas meus braços já estavam cansados quando Felipe destravou as portas do carro e eu a soltei.

— Vocês foram a atração da noite neste shopping — zombou ele ao entrar no lado do motorista. — Parabéns!

Vi de relance a mão de Marina bater contra a cabeça dele e me senti vingado por ela. Porém, quando chegamos em casa, a menina disparou do carro e correu pelo apartamento aos prantos. Ficamos os dois idiotas parados no meio da sala, sem saber o que fazer, até que Felipe apertou meu ombro.

— Vou deixar pra você resolver essa, guerreiro.

— Eu vou, mas você também vai.

Puxei-o pela gola da camisa e fui bater na porta do quarto dela, que murmurou algo sobre deixá-la em paz.

Felipe então girou a maçaneta e abriu a porta, entrando sem pedir licença, coisa que seu título de irmão o permitia fazer, ao contrário de mim.

— Ei, ursinha. — Marina estava deitada de bruços com a cabeça virada para o outro lado, totalmente de costas para a gente, mas Felipe se deitou ao lado dela e passou um braço por suas costas. — Não fique chateada, isso tinha mesmo que acontecer em algum momento.

— Em público? — perguntou com voz de choro.

— Ah... Acontece. Todo mundo passa por situações estranhas uma vez na vida.

Observei o vestido sujo na bunda e pensei que realmente não devia ser nada legal. Claro que menstruação era algo corriqueiro para mim, já tinha cansado de transar com mulheres nessa condição, mas para uma menina da idade de Marina, podia ser traumatizante.

— Arthur, ela precisa usar alguma coisa, né? — Felipe perguntou ao se levantar.

— Claro. Uma coisa chamada absorvente. Jura que você nunca ouviu falar?

Ele revirou os olhos e me deu um tapa no peito com as costas da mão.

— Vou sair pra comprar uns modelos. Comprarei a farmácia inteira para a minha ursinha que agora ficou

mocinha.

— Não compre o interno, Felipe! — avisei quando ele já tinha saído do quarto, pois do jeito que era lesado eu não duvidaria se chegasse com um negócio enorme para a irmã de doze anos.

Fui até ela e me sentei na beira da cama, alisando seus cabelos.

— Como Felipe disse, todo mundo passa por situações constrangedoras na vida — falei, vendo-a se virar de barriga para cima e me olhar. — Uma vez, nós dois fomos dormir na casa de um garoto lá da rua, ainda morávamos no Rio das Pedras. Não lembro bem, mas devia ser só um pouco mais velho que você e sabe a merda que aconteceu? Mijei na cama.

Marina franziu os lábios e depois os pressionou um no outro, como fazia quando queria prender o riso.

— Pois é, imagina o que aconteceu? Durante quase dois meses eu fiquei sendo chamado por todos os meus amigos de mijão da madrugada. É o nível máximo da derrota na vida de um adolescente.

— Deus me livre — sussurrou. — A única pessoa para quem vou contar essa vergonha vai ser a Milena.

— Será nosso segredo. — Sorri, esticando minha mão que ela apertou. — Espero que o meu fique bem

guardado com você. Tome um banho que vai se sentir melhor, ok?

Ela se sentou na cama e se levantou com a mão tapando a bunda, dando uma corridinha até o banheiro e se trancando lá dentro.

Bateu uma saudade enorme de Felipe enquanto eu observava o sono da irmã dele. Era tão mais fácil quando dividíamos aquela responsabilidade.

Não resisti e entrei no quarto para aplacar a saudade absurda que me consumia. Marina estava de bruços, coberta até os ombros, com a cabeça sobre um travesseiro e o braço direito abraçando o outro. Sentei-me na beira do colchão e me inclinei, beijando o cabelo cheiroso.

— Durma bem — sussurrei antes de me levantar e ir para meu quarto.



Tive um sono renovador depois de sofrer dormindo alguns dias em uma cama que não era a minha — e sim, sei que parece mania de velho, mas talvez eu seja mesmo. Costumava passar meus sábados da forma mais tranquila possível para descansar a mente do trabalho, pois mesmo que estivesse cheio de processo para mexer, gostava de

deixar essas obrigações para o domingo, já que costumava ser um dia morto.

Portanto, acordei sem pressa e tomei um banho relaxante antes de vestir uma calça de pijama e sair do quarto. No instante em que pisei na sala, vi o café da manhã servido em minha mesa de sete lugares, que eu raramente usava. Ao virar o rosto para a esquerda, avistei Marina atrás do balcão da cozinha, de costas para mim, cantarolando baixinho alguma música.

Aproximei-me sem me denunciar e me debrucei do lado de cá da bancada, percebendo que ela estava usando fones de ouvido para escutar música enquanto cortava um sanduíche de pão de forma em triângulos.

*Don't show up, don't come out
Don't start caring about me now
Walk away, you know how
Don't start caring about me now*

Ela tinha uma voz bonita e melodiosa para cantar, só não pronunciava as palavras em inglês muito bem, mas era compreensível já que nunca fez nenhum curso. Sorri, apreciando a música que eu só conhecia por já ter ouvido na casa noturna, e quando Marina se virou, soltou um grito agudo.

— Caralho! — xingou, puxando os fones e soltando a faca. — Credo, príncipe! Quer me matar de susto?

— Desculpe-me, estava entretido com a cantoria — zombei, sorrindo. — Eu não canto nem no chuveiro, então é interessante ouvi-la.

Marina estreitou os olhos cor de chocolate e me encarou de forma ranzinza. Seus cabelos longos e grossos estavam presos num coque bem no alto da cabeça, sua pele não tinha uma única gota de maquiagem e ela vestia uma camiseta de banda asiática com uma calça larga de moletom. Não parecia nem de longe a mesma garota carioca, mas sem dúvida, lembrava-me muito meu unicórnio.

— Pois se eu quisesse que você me ouvisse cantando, não estava de fone de ouvido e nem falando baixo — reclamou, franzindo os lábios e virando de costas para pegar o prato com os sanduíches mirabolantes.

— Acordamos azeda hoje?

Ela passou por mim para levar as coisas até a mesa e se virou enquanto eu a seguia. Marina estacou ao colar os olhos em mim, mais precisamente no meu corpo. Cheguei a pensar nisso antes de sair do quarto, que talvez eu não devesse andar pela casa sem camisa por causa dela, mas cheguei à conclusão que isso não podia ser evitado. Afinal, eu não queria me privar de ficar à vontade

em minha própria casa. Óbvio que ia respeitá-la e não desfilaria de cueca por aí, mas peitos e abdomens eram partes do corpo que ela, com certeza, estava bem acostumada a ver. Principalmente por tudo que me contou naquela madrugada dentro do carro.

— Já passou — respondeu, depois de disfarçar e olhar para o chão. — Acordei muito bem, fiz até seu café da manhã.

De forma bem exagerada, ela gesticulou indicando a mesa com os sanduíches, torradas e algumas frutas cortadinhas. Tinha uma xícara e um pires ao lado da garrafa térmica, sem a presença de açúcar ou adoçante porque ela sabia que eu bebia café puro. Aliás, ela sabia exatamente que eu gostava de pão de forma feito na torradeira, com manteiga, e nunca deixava um mamão ou melancia de fora do café da manhã.

— Não tinha que fazer isso, Uni. — Puxei uma cadeira e me sentei, despejando o café quente e cheiroso na xícara. — Sei que a intenção é me agradar, mas você não é alguém que estou conhecendo agora, já tem o maior lugar de todos no meu coração. Mas cá entre nós, não recebi um beijo de bom dia até agora.

Ela revirou os olhos bem estilo adolescente rebelde e se aproximou a contragosto, inclinando-se e me dando um beijo estalado na bochecha.

— Não estou fazendo pra agradar, só pensei em ser útil em alguma coisa — disse, dando de ombros e sentando na cadeira que puxei e indiquei ao meu lado. — Eu sei que você *tá* muito rico, mas não quero ficar só comendo, dormindo e sendo sustentada. E como não tem nenhuma empregada nesse apartamento que vale milhões, eu pensei que...

— De jeito nenhum você vai virar funcionária minha. Ficou louca? — Encarei-a, parando de passar manteiga no pão. — Nina, não tenho empregada porque não gosto de ninguém zanzando por aqui, invadindo minha privacidade. Tenho uma faxineira que vem uma vez na semana e é o essencial, eu nem sujo essa casa.

Ela deu um sorriso sem graça e se levantou, indo até a cozinha e abaixando-se atrás do balcão, sumindo completamente da minha visão.

— O que está fazendo aí? — perguntei.

— Nada demais — respondeu, ainda escondida. Quando levantou, estava com as bochechas vermelhas e um bolo de papel sujo nas mãos. — Deixei cair pó de café no chão.

Ela voltou a se juntar a mim depois de jogar o lixo na lixeira e suspirou, olhando em volta com atenção como se procurasse por alguma coisa.

— Sou um pouco desorganizada, vou precisar refazer todos os meus passos aqui dentro pra ver o que mais sujei ou baguncei.

— Não falei aquilo para que virasse um robô. — Achei graça do desespero dela, mas não estava preocupado pois já esperava por isso. Marina sempre foi bagunceira e eu sempre fui metódico, mas nunca ao ponto de pensar em matá-la por isso. — Por que não pegou uma xícara para você? Não vai comer nada?

— Tô sem fome — respondeu, largada de forma preguiçosa na cadeira. — Depois belisco alguma coisa, preciso desinchar um pouco.

Aproveitei para imitá-la e relaxei, respirando fundo e olhando pela parede em vidro, que estava metade aberta e deixava o ar puro entrar em casa. São Paulo podia ser uma cidade bastante abafada, aquele clima seco insuportável, mas ali do alto, dava até para esquecer que morava na cidade de pedra.

— E então, o que fez de interessante ontem? Já entrou no ofurô?

— Vi televisão o dia inteiro. — Ela sorriu e encolheu os ombros. — Não me olhe desse jeito, lá na tia só tem uma TV capenga que é dividida pra quatro pessoas. Dentro do quarto que estou usando tem uma enorme e, ainda por cima, você assina a Netflix! Vi quatro filmes ontem.

Senti-me um merda por ter privado Marina de tantas coisas quando ela podia ter vivido esse tempo todo como uma princesa.

— Você não está errada, não julgo, porque adoro assistir filmes e séries. Mas vamos pensar também em algumas coisas produtivas. Existe algo que queira muito fazer ou aprender?

— Aprender a dirigir! — Os olhos dela ganharam um brilho especial ao sorrir, animadíssima. — Sempre quis, mas... Ah! Preciso me matricular numa academia, não posso ficar sem malhar.

— A academia do prédio é completíssima, vou incluir você na lista de moradores para ter acesso liberado.

— Você a frequenta?

— Sim — respondi. — Meu *personal trainer* vem quatro vezes por semana, mas eu malho muito cedo, às sete da manhã. Posso pedir que ele trabalhe contigo, dependendo dos horários livres que Marcos tiver na agenda.

Ela arregalou os olhos e me olhou como se eu fosse o mais louco de todos pelo que tinha acabado de dizer. Mas estava muito acostumado aos meus horários. O *personal* vinha às segundas, quartas, sextas e domingos e somente nesses dias eu acordava às seis horas, jogava uma ducha fria no corpo, sentava na varanda do meu

quarto e meditava por alguns minutos antes de dar início à minha rotina agitada. Nos outros dias, me dava ao luxo de dormir até mais tarde e só levantava por volta das oito ou nove horas, caso não tivesse nenhuma reunião ou audiência na parte da manhã.

— É ótimo saber que você ralou todos esses anos e agora mesmo depois de se tornar rico, continua acordando cedo. Qual a vantagem?

— Conforme vamos envelhecendo, percebemos que a vida é curta demais para perder tempo dormindo — respondi, usando o guardanapo depois de me sentir satisfeito. — Fico na cama pelo tempo necessário, não me sinto em sofrimento por acordar cedo, é questão de costume.

— Eu gosto de ficar na cama sem fazer nada. Ou fazendo algo interessante também. — Marina arregalou os olhos provocativa e eu só balancei a cabeça, prendendo o riso.

— Sim, com sua vasta experiência, deve ser bem interessante mesmo.

— Você *tá* me zoando, príncipe? — perguntou, de queixo caído, levando as mãos à cintura. — Pois saiba que posso sair agorinha mesmo e conquistar toda essa experiência que você me acusa de não ter.

Recuperei meu garfo e espetei o último pedaço de mamão, de repente recuperando meu apetite ao ver Marina enfezada. Ela se levantou e jogou os cabelos para o lado, tentando sensualizar.

— O *look* está propício para matar meu porteiro com um ataque cardíaco — comentei, limpando a boca mais uma vez antes de empurrar minha cadeira para trás. Toquei a cintura dela e a beijei no rosto, pegando-a desprevenida. — Estou brincando com você, Uni. Não se irrite. Vou ficar um pouco no escritório para resolver umas pendências, principalmente com sua tia.

— Eu queria usar o ofurô, mas não sei mexer...

Percebi que até agora eu não tinha mostrado nada do apartamento para Marina, mas pelo menos uma coisa eu podia fazer. Peguei-a pela mão e levei-a para a área externa, protegendo um pouco meus olhos da claridade excessiva no terraço e me aproximando do ofurô. Mostrei a ela onde mexia para fazê-lo funcionar e de que forma precisava comandar o painel eletrônico. Em seguida, avisei que me recolheria por alguns minutos até resolver o que precisava.

Já no escritório, a primeira coisa que fiz foi responder a uma mensagem que Bruno me enviara enquanto eu comia. Ele tinha dito que sua esposa Gabriela queria conhecer Marina e ofereceu dar um jantar em sua casa

para nós dois. Achei que não teria problema nenhum, até fazia gosto que a menina conhecesse uma mulher de estilo e personalidade bem diferente das amigas do Rio.

“Marque a hora e estaremos aí!”

Respondi e fechei a conversa. Quando Nina se mudou com Marta, eu era só mais um funcionário na *Master Associados* e não tinha a intimidade que tenho hoje com Bruno. Portanto, eles nunca chegaram a se conhecer e eu fazia gosto de apresentá-la para o casal.

Em seguida, disquei o número de Marta e esperei que ela me atendesse. A voz da mulher demonstrava extrema ansiedade quando falou meu nome.

— *Arthurzinho* — murmurou. — *Pelo amor de Deus, menino, o que está acontecendo? Eu não entendi nada daquele bilhete. Tentei falar com vocês ontem o dia todo.*

— Não sou um menino, Marta — enfatizei, para ver se ela se tocava que minha simpatia tinha acabado. — Somos adultos e podemos colocar as cartas na mesa. Fiquei sabendo que o dinheiro que envio para Marina está sendo desviado para outras necessidades e, portanto, decidi que ela estará melhor sob meus cuidados.

— *Mas Arthur, eu...*

— Marta — interrompi. — Não se dê ao trabalho de tentar me convencer de qualquer coisa. Sei que Marina é seu sangue e você se mostrou disposta a cuidar dela quando mais ninguém pôde e sou imensamente grato por isso. Não vou entrar em detalhes financeiros, o dinheiro não me faz falta. Nem vou deixar que a tia do Felipe passe por necessidades. Errou demais em pegar o dinheiro da menina e isso não vou esquecer, mas vou manter uma ajuda mensal, no valor de um salário mínimo, por um período de um ano até que vocês tomem vergonha na cara e se organizem. De resto, você tem dois filhos saudáveis.

— *Ajude com o cursinho da minha filha, Arthur, por favor.* — Marta parecia prestes a choramingar. — *Ela está pra prestar vestibular para engenharia ano que vem.*

Respirei fundo e inclinei a cabeça para trás, encarando o teto. Não conseguia ser ruim. Sabia que eles mereciam não ver mais um centavo meu por terem tomado o dinheiro de Marina por muito tempo, mas então começava a pensar que uma pequena decisão minha poderia acarretar enormes consequências para eles.

— Mande para meu e-mail todas as informações sobre o curso, quero tudo documentado.

— *Obrigada! Obrigada, Arthur! Julia vai ficar tão feliz!*

— Sim, quanto a isso. — Puxei minha cadeira e me sentei para a melhor parte. — Pagarei pelo restante do

curso, com a condição, estipulada em contrato, que ela vai me devolver todo o valor quando se formar.

— *Mas...*

— Considere minha oferta como uma forma de colocar juízo na cabeça da sua filha e ensinar um pouco sobre responsabilidades da vida adulta.

— *Mas a Marina também fará isso?*

Que audácia era aquela? Pensei, rindo em silêncio, imaginando o choque de Marta ao dar uma lida em meu testamento. Ou pior, se ela soubesse o saldo bancário de Marina.

— Lógico que não — respondi. — Mas há uma diferença enorme entre Nina e sua filha. Aguardarei pelo e-mail, Marta. Obrigado pela conversa e um ótimo final de semana.

Encerrei a ligação antes que ela pudesse retrucar e eu perdesse minha paciência. Quando saí do escritório, fui ver se Marina tinha se acertado com o ofurô e também precisava avisar a ela que tínhamos um compromisso à noite. Como ainda não tinha feito amizades na cidade, imaginei que não fosse se opor a perder o sábado jantando com três pessoas que provavelmente não teriam assuntos tão interessantes para ela.

Peguei uma água na geladeira e saí para o terraço, encontrando a senhorita Leão esparramada no deque,

fazendo *selfies* com um maiô preto tão cavado e decotado que perdia completamente o ideal de uma peça daquela.

Fiz uma sombra proposital bem em cima de seu corpo e esperei que abaixasse o celular. Ela sorriu e o colocou de lado, sentando-se com a mão cobrindo os olhos. Era perturbador, porque a peça escondia tão pouco que era quase como vê-la pelada.

— Assim você me atrapalha, príncipe.

— Essa era a minha intenção mesmo — respondi, agachando-me para me nivelar com ela. — Eu não quero ser grosseiro, mas preciso que saiba de uma coisa. Essas fotos que você tira devem ser usadas por um bando de moleques na puberdade que vão se enfiar dentro do banheiro e se masturbarem a tarde toda.

Marina revirou os olhos e apoiou as mãos nos meus ombros, aproximando o rosto e dando um sorriso.

— Tô negociando uma sessão de fotos para uma marca de *lingerie* e eles me ofereceram cinco mil reais. Quem se importa com garotos batendo punhetas com o celular na mão?

— Cinco mil é um trocado — murmurei, chocado com um valor tão baixo para tanta exposição.

— Pode ser pra você, né príncipe? Pra mim é uma fortuna e é meu dinheiro. — Ela torceu os cabelos na mão e os jogou para trás. — Agora sai da frente do sol porque

meu bronzado precisa ser mantido. Nem quero pensar no que vai acontecer por ficar tanto tempo sem praia.

— Vou sair, blogueirinha. — Baguncei o cabelo dela de propósito e desviei de um tapa. — Mas antes, escuta, meu sócio nos convidou para jantar em sua casa esta noite. A esposa dele está animada para conhecer você.

— Ela é legal? — Marina franziu o nariz. — Ou é alguma madame da nata paulistana que vai ficar me avaliando?

— Gabriela é bem legal, você vai gostar dela. E, só para constar, ela é dermatologista.

Os olhos escuros se arregalaram e eu sabia que tinha conseguido toda a atenção e interesse de Marina. Alguém que se preocupava tanto com beleza e aparência nunca deixaria passar a oportunidade de fazer amizade com uma especialista em pele.

— É claro que quero conhecê-la! — Nina se levantou, empolgada. — Devo levar algum presente? Flores? Chocolate? Não, chocolate não, essa porra dá espinha.

— Levarei um bom vinho — comentei ao me levantar também, percebendo que ela não entendia nada do *meu* tipo de festa.

Marina fez careta, mas não retrucou. Ela apenas assentiu e se virou para entrar no ofurô, com aquele maiô cavadíssimo deixando a bunda toda de fora e a marca do

biquíni aparente. Eram nádegas tão lisas e redondas que se ela me dissesse que havia silicone ali, eu acreditaria plenamente.

— Príncipe! — Nina me chamou quando eu divagava sobre silicones. — Tira uma foto minha?

Minha nuca pinicou e eu suspirei, triste por não ter conseguido passar ileso por aquele momento. Uma coisa era calar a boca e aceitar o trabalho dela e as roupas que usava. Outra bem diferente era ter que ficar tirando fotos enquanto meu unicórnio fazia poses sensuais para um bando de macho na internet babar.

— Claro — respondi a contragosto ao me aproximar e esticar a mão. — Por que não?

Ela me entregou o aparelho e sorriu, procurando o melhor ângulo de acordo com a posição do sol. Então levou as mãos à cintura e puxou ainda mais o maiô para cima, como se ele já não fosse cavado o suficiente. Por um segundo meu coração chegou a parar com medo que o maiô deixasse escapar a... hm... minha mente travou sem conseguir pensar numa forma de falar da... bem...

— Se você ajoelhar, vai pegar bem no ângulo que tô imaginando — avisou e levei um susto achando que ela estivesse falando de outra coisa.

Porra, Marina. Que desgraça!

— Sei tirar fotografias, Nina — pigarreei, tratando de voltar a respirar.

— Mas não entende nada de modelagem — rebateu.
— Então, Dr. Salazar, será que pode fazer exatamente do jeito que *tô* pedindo?

Inspirei, controlando a vontade de dizer que ela merecia uns tapas e obedeci, dando dois passos para trás e me ajoelhando enquanto tentava enquadrar a garota na câmera. Fez uma pose nada básica, empinou o queixo e fechou os olhos. O incrível é que ela conseguiu pegar bem um ângulo em que a luz do sol batia em seu rosto e a foto toda saiu incrível. A filha da mãe tinha mesmo muito talento e se tornara um espetáculo de mulher.

E aí quando a gente já está cagado acaba mergulhando ainda mais na merda. Porque eu só precisava me levantar e devolver o celular para Nina. Mas lá estava, olhando fixamente para o ponto de encontro entre suas pernas e lembrando da conversa no táxi. Marina era muito magrinha. Tinha um corpo lindíssimo, sarado, muito bem delineado, mas sua constituição era toda pequena. E eu não conseguia ver carne nenhuma de sobra onde ela deu a entender que precisava fazer uma lipoaspiração. Era normal, parecia ser carnudinha, mas nada absurdo e...

— Caralho! — Ela jogou água na minha cara e sentou com pressa dentro do ofurô.

— Para de encarar minha bacurinha!

— Quê? — pigarreei, levantando-me atônito e enxugando o celular dela. — Não estava encarando nada, Marina. Ficou doida?

Estava assustado e confesso, um pouco culpado pelas bochechas dela que ganharam coloração avermelhada e sua preocupação em tapar a intimidade mesmo dentro da água. Mas ao mesmo tempo, meu cérebro repetia “*bacurinha*” incansavelmente e não consegui controlar o riso por muito tempo. A gargalhada saiu mais alto do que eu gostaria e Nina arregalou os olhos diante de mim, depois jogou um pouco mais de água na minha cara.

— Babaca! — Fui xingado e ela logo saiu correndo do ofurô e entrou ensopada dentro de casa.

— Marina!

Que merda tinha acontecido? Corri atrás dela para não dar tempo que se trancasse no quarto e consegui segurar a porta antes que ela batesse, mas a criaturinha correu na direção do banheiro da suíte.

— Me deixa em paz!

— Nina, pare — pedi, com a porta sendo fechada na minha cara. — O que foi? Vamos conversar. Eu não estava fazendo o que você pensa. Abra a porta.

— Só quando você sair.

— Nina...

— Você *tava* rindo do meu corpo.

— Não estava não, meu anjo — disse, grudando a testa na porta. — Eu ri da palavra bacurinha, não esperava ouvir isso.

Silêncio total do outro lado e já tinha se passado mais de um minuto sem nenhum dos dois dizer nada. Não conseguia entender de onde vinha toda essa insegurança que Marina tinha com seu corpo, já que trabalhava com ele e o mantinha tão impecável. Nem mesmo as mulheres da Caixa Preta, que trabalhavam com o corpo de uma forma bem diferente, chegavam aos níveis dela.

— Uni, venha... — pedi mais uma vez. — Me desculpa se pareceu errado, por tudo que é mais sagrado, não ri do seu corpo. Nem tenho motivo para isso, você é perfeita. Agora abra essa porta, anda.

Ela finalmente abriu, mas estava enrolada numa toalha e tinha os olhos vermelhos. Segurei seu rosto e a fiz olhar para mim, chocado.

— Você chorou?

— Não. — Mentia mal.

— Perdoa esse velho babaca e idiota? — perguntei e uni minhas mãos em prece. — Olha só, se serve de consolo, eu não posso rir do corpo de ninguém porque tenho uma bunda peluda e cheia de pelo encravado.

Era totalmente mentira, mas Marina nunca ia saber e, dessa forma eu quebrava o clima chato. Esperei que ela risse, mas me lançou um olhar julgador.

— Duvido — disse. — Prove.

— Não vou mostrar minha bunda. Acabei de dizer que ela é horrível.

Marina revirou os olhos enquanto grudava as mãos pequenas em meu peito e me empurrava para fora de seu quarto. Não ofereci resistência porque queria mesmo deixá-la a sós enquanto parecia não me odiar completamente. Pelo menos, não estava mais chorando e já estava mais descontraída.

Deixei que batesse com a porta na minha cara e fui para a cozinha ver o que tinha nos armários e pensar no que fazer para o almoço.



Capítulo 15

Marina

Sentei na cama com vontade de chorar, mas fechei os olhos com força porque não podia borrar a maquiagem. Faltavam quinze minutos para o horário que Arthur disse que sairíamos de casa e não daria tempo de retocar a base. Olhei mais uma vez para tudo que espalhei sobre a cama e me desesperei por não encontrar nada ideal.

Estava me sentindo horrível desde o episódio no ofurô. Por mais que ele negasse, tinha olhado sim para minha xoxota e caiu na gargalhada. Fiquei um tempão me olhando no espelho antes de tomar banho, tentando imaginar o motivo da graça. Sabia que ela não era perfeita e odiava quando usava alguma calcinha e ela ficava rachando no meio, mas se existia uma parte no corpo que não emagrecia direito, era aquela.

— Nina, está pronta? — ouvi a voz do Arthur atrás da porta e senti um frio na barriga.

Respirei fundo e vesti um *short* com pressa antes de abrir para ele. Primeiro ele encarou meus peitos, depois meu rosto.

— Por que está de *short* e sutiã? — Arthur arregalou os olhos enquanto os passava pelo meu corpo, conforme entrava em meu quarto. — Meu Deus, não me diga que isso é um *top* e seu *look* de hoje é esse.

Merda! Esqueci que estava de sutiã e peguei o primeiro moletom que vi, passando-o pela minha cabeça.

— Tem problema se eu não for? — perguntei, voltando a me sentar na cama, torcendo para que ele dissesse que não.

— O quê? — Arthur passou a mão pelos cabelos e franziu a testa. — Por que não quer ir? Óbvio que não vou obrigar que vá a lugar algum, mas o jantar é justamente para vocês se conhecerem.

Eu odiaria ter que fazer essa desfeita, mas tinha outra coisa que eu odiava mais, que era não me sentir confortável. Ele afastou algumas peças de roupa de cima do colchão e se sentou ao meu lado, dobrando uma perna sobre o joelho.

— É por causa do que aconteceu mais cedo? Você estava animada antes...

— Não tenho o que vestir — respondi, sincera, mas pela expressão dele, não levou a sério.

— Entendo. — Ele se levantou com as mãos na cintura e olhou em volta. — Tem certeza que não consegue achar nada no meio de tudo isso aqui?

Joguei-me de costas na cama e tapei o rosto.

— Não acho que nenhuma das minhas roupas seja ideal pra jantar com seus amigos ve... da sua idade.

Abri os olhos quando senti o príncipe pegar em minha mão e me puxar para me levantar à força. Quando fiquei de pé ele me soltou e começou a mexer nas minhas coisas.

— Para início de conversa, só o Bruno tem minha idade, Gabriela é bem mais nova. E nenhum dos dois vai julgá-la pela roupa, Nina.

— Mas o que devo vestir? Meu corpo hoje não está legal, tô me sentindo barriguda.

— Bom, concordo que o programa não pede um decote no umbigo ou uma fenda até a virilha... — Quis rir quando Arthur segurou um vestido preto todo cruzado em tiras e não conseguiu entender como funcionava. — Mas acho que você tem algo comportado para usar. Até mesmo um *jeans* serve. E sua barriga hoje é a mesma de ontem, não tem nada aí.

— Se ele é seu sócio, é rico e ela provavelmente não deve ser o tipo de mulher que usa *jeans* num jantar. E os meus são quase todos rasgados ou desbotados.

— Podemos vestir uma camisa minha em você, é só falar que está descobrindo novas tendências. Aí você posta uma foto nas suas redes sociais, diz que é a nova moda da Itália e amanhã suas seguidoras estarão roubando as roupas dos pais. Olha que incrível seria!

Olhei firme para ele, de início achando que Arthur tivesse caído de cabeça, mas logo percebi que não estava falando sério. Seus lábios se entortaram para a direita quando ele não conseguiu esconder o sorriso e esfregou o rosto.

— Bruno e Gabriela são pessoas fantásticas e simples, Nina. Não se preocupe com eles.

— Você está sempre impecável, assim fica fácil...

Caminhei até a outra ponta da cama e puxei o meu melhor *jeans*, sem ter ideia de qual blusa colocaria, mas uma coisa de cada vez. Então vi Arthur se virar para mim com um vestido nas mãos e erguer a sobrancelha.

— Esse não serve? Parece bonito e discreto.

Não era uma roupa que eu usava muito porque o tecido canelado parecia grosso, mas enganava. Sua tonalidade *off-white* deixava tudo bastante transparente e dificultava um pouco a minha vida. Mas para Arthur não pensar que eu estava de má vontade, peguei o vestido curto de suas mãos, virei de costas, tirei o casaco e o vesti. Ajeitei-o no corpo e puxei o *short* por baixo.

— Não dá pra usar com sutiã, *tá* vendo? E se eu tirar fica transparente. A calcinha também.

Eu não conseguia acreditar que estava conversando sobre roupas e transparências com o Arthur e que ele, até agora, estava se mostrando extremamente tranquilo com a situação. Achei que fosse pirar com o atraso ou com o fato de precisar aturar meu drama de vestuário.

— Para o problema do sutiã, nós temos a solução — disse ele, saindo do quarto e eu fui atrás. — Renata vivia enchendo o saco por causa de roupas transparentes e ela usava um acessório extremamente moderno para driblar o inconveniente.

Observei enquanto ele mexia num dos móveis da sala e abria uma gaveta, puxando uma caixa que parecia de remédios e pegando... um rolo de esparadrapo.

— Você *tá* de sacanagem, né? Isso dói pra cacete na hora de tirar.

Ele esticou a mão com um sorriso orgulhoso no rosto e tive vontade de dar uns tapas até que sumisse.

— Para uma próxima vez, a senhorita pode se precaver e comprar aquelas... coisas que grudam tipo segunda pele. Ela também usava isso.

Peguei o rolo com um pouco mais de força que o necessário e marchei rumo ao quarto, trancando a porta antes que ele entrasse lá. Queria xingá-lo pela ideia

ridícula do esparadrapo, que arrancaria a pele dos meus mamilos quando eu fosse tirar, mas engoli a irritação e fiz o que precisava ser feito.



Enquanto nos encaminhávamos até a porta, fiquei tentada em perguntar por que um único casal sem filhos morava numa casa tão grande, mas não queria causar atritos com Arthur. Ele parou atrás de mim e esperamos que nos atendessem, e eu sentia que estava sendo observada.

— Como resolveu a transparência da calcinha? — perguntou ele. — Não está marcando.

— Eu tirei.

— Como assim?

Virei-me de frente para ele no espaço apertado já que não tinha sobrado muito para mim e encolhi meus ombros, levantando o rosto para encará-lo pois não calcei sandálias muito altas.

— Tirei a calcinha que estava usando — expliquei melhor, sentindo o coração acelerar enquanto ele estreitava os olhos para mim.

— Está brincando.

— Não.

Tinha quase certeza que ele gostaria de apertar meu pescoço com suas mãos, mas a porta foi aberta e eu me virei rapidamente, dando de cara com um homem alto e bonito demais. Esse era o sócio de Arthur? De onde esses coroas saíam, afinal? De um conto de fadas?

— Você deve ser a Marina! — disse ele, sorridente e receptivo ao se inclinar para beijar meu rosto. — Entrem, entrem.

— E aí? — os homens se cumprimentaram daquele jeito tipicamente masculino com tapinhas e Arthur entregou o vinho para o amigo.

— Porra! Você trouxe um *Brunello di Montalcino*? — Bruno parecia chocado e não entendi o motivo.

— É claro que ele traria algo assim — disse uma mulher ruiva, maravilhosa, que quase me fez voltar correndo pra casa com o rabo entre as pernas. — Não é à toa que a adega da *Caixa Preta* é um dos locais mais cobiçados de toda São Paulo.

Caixa quem?

— Boa noite, Gabi — o príncipe a cumprimentou com um beijo no rosto e ela se virou para mim. — Marina, essa é a Gabriela, esposa do Bruno. Essa é a famosa Marina.

— Finalmente! — A ruiva me envolveu num abraço apertado e eu retribuí sem saber muito bem o que fazer.

— É um prazer... — falei, sentindo-me um peixe fora d'água. — A casa de vocês é linda.

Gabriela sorriu com dentes perfeitos, pele perfeita e cabelo perfeito. Estava embasbacada com a elegância daquela mulher, pois nem se eu nascesse de novo conseguiria ser assim. Ela vestia um macacão verde-musgo que combinava com a cor dos seus olhos e usava o cabelo liso e enorme preso num rabo de cavalo alto e impecável. A maquiagem clássica em tons pasteis fazia parecer que ela já acordava daquele jeito.

— Obrigada — respondeu meu elogio e tirou a garrafa das mãos do marido, arregalando os olhos. — É um *Biondi Santi*! Não acredito!

— É uma safra que eu realmente pretendo levar para a *Caixa Preta*, mas hoje também pedia algo especial.

— E eu não poderei beber — ela murmurou, fazendo uma careta.

Gabriela tocou discretamente a barriga e uma luz se acendeu em minha mente, entendendo tudo rapidamente.

— Você está grávida — comentei, me achando a mais esperta de todos.

Bruno e Gabriela pareceram surpresos com minha revelação e ela chegou a arregalar os olhos. Arthur, ao meu lado, levou as mãos à boca, o mais surpreso de todos.

— Está? — perguntou ele.

— Desculpa — pedi, recuando e querendo me matar.
— Era segredo? Não queria...

— Ah, que nada! — Bruno abanou a mão e passou um braço pelos meus ombros. — Íamos fazer mistério por mais alguns minutos, mas o jantar era para contar a novidade.

Gabriela riu e levou as duas mãos até a barriga inexistente, balançando a cabeça e dançando sutilmente. Parecia que era algo que eles deviam querer muito.

— Cinco semanas! — disse ela, sorridente. — E você é o padrinho, Arthur.

O príncipe abraçou as pernas da mulher e a levantou no colo, dançando com ela enquanto a ruiva gargalhava e pedia para ser colocada no chão. Eles eram mesmo muito amigos porque eu nunca imaginei o Arthur colando o rosto na barriga de outra mulher que não fosse a dele.

— O dindo aqui vai enlouquecer os seus pais com tanto presente — sussurrou para o bebê antes de colocar Gabriela no chão.

Ele então se virou para nós e Bruno me soltou, indo até ele e o abraçando. Os dois ficaram assim por um tempo, vi que Arthur estava com lágrimas nos olhos e recuou para segurar o rosto do amigo e grudar a testa na dele.

— Parabéns! Essa criança já é muito amada por mim, sabe disso.

Pressionei meus lábios porque também fiquei emocionada, por imaginar Arthur dizendo palavras como aquela para meu irmão. Eles eram assim muito amigos e eu sabia que se um dia Lipe fosse pai, o príncipe também seria o padrinho.

Minha garganta começou a fechar quando a vontade de chorar se tornou muito grande. Gabriela deve ter pensado que estava assim por eles, pois veio me abraçar e passou o braço por dentro do meu, andando comigo pela sala.

— Estamos tentando engravidar há um ano e meio, por isso toda essa comoção — explicou. — Precisei fazer alguns tratamentos, mas já estávamos começando a ver outras opções, como a adoção, quando de repente... pimba!

Pimba? Algo me dizia que eu em algum momento eu me daria bem com a Gabriela. Virei-me para ela e fiz o que ainda não tinha feito, apesar de ter sido a responsável por estragar a surpresa deles.

— Parabéns. — Dei um abraço rápido nela. — Pelo bebê e por terem conseguido...

— Sim, sim! Obrigada! — Ela me encarou quando nos soltamos e sorriu, segurando as mechas do meu

cabelo e me encarando. — Você é linda, Marina. Agora eu entendo porque o Arthur não tira seu nome da boca.

O príncipe falava tanto assim de mim? Fiquei sem graça, mais ainda por pensar que eu não falava nada dele para os meus amigos.

— Dou muito trabalho... — murmurei, sem saber bem o que dizer. — Ele deve passar o dia reclamando de mim.

— Quem nunca deu trabalho na sua idade? — perguntou Gabriela, revirando os olhos e rindo. — Eu tinha dezoito quando usei todo meu drama de menina rica e incompreendida pelos meus pais que viajavam muito e me davam amor em forma de dinheiro, e furtei absorventes da farmácia. Cinco pacotes.

— Eu adoro essa história — falou o marido dela, aproximando-se de nós junto com Arthur. Os dois pareciam ter chorado um rio inteiro.

— Veremos se vai continuar adorando quando o filho ou filha tiver a mesma ideia — zombou Arthur, levando no braço um soco do amigo.

— Você foi presa? — questionei, horrorizada.

Gabriela gargalhou e nos fez entrar numa sala de visitas, com um sofá chiquérrimo de canto e várias *chaises* de couro branco. Meus saltos afundaram no tapete felpudo igualmente branco que contrastava com o brilhante piso bege.

— O dono da farmácia não prestou queixa, mas foi impagável fazer meu pai interromper seu momento de lazer favorito, ele adora jogar tênis, e correr até a farmácia para implorar ao velho que não me denunciasse. Como agradecimento por não ter sua filhinha única sendo algemada, ele comprou todo o estoque de absorventes da farmácia e eu tive a ideia de distribuir para moradoras de rua.

— Podia ser uma pentelha mimada, mas fazia boas ações. — Bruno deu um selinho nela e um sorriu para o outro. Eles pareciam um daqueles casais de comercial de margarina. Perfeitos, tipo *Barbie* e *Ken*.

— Passe-me o seu contato depois — pedi, piscando para ela. — Para o caso de eu precisar furtar algum estabelecimento.

Todos riram, graças a Deus, porque eu estava me esforçando para ser minimamente interessante entre dois advogados renomados e uma médica. Minhas mãos suavam quando me sentei ao lado de Arthur no sofá, e o casal ocupou uma única *chaise*.

Um homem de uniforme entrou e pediu licença ao colocar sobre a mesa de centro uma bandeja espelhada, com comidinhas que eu desconhecia, mas que pareciam maravilhosas.

— Mandei preparar esses *champignons* com presunto parma e gorgonzola que são fenomenais e muito leves — disse Gabriela, apontando para umas bolinhas cobertas de queijo. — E claro, não podia faltar o favorito do Arthur, camarão com aspargos que só a Odélia faz tão bem. Você come camarão, Marina?

— Como qualquer coisa comestível — respondi, pegando um de cada e dando uma bela mordida no camarão gigante. — O cheiro está ótimo.

— Odélia está na cozinha? — perguntou Arthur. — Depois preciso ir lá dar um beijo naquela moça gostosa.

O quê? Engasguei com o bicho e acabei chamando mais atenção do que devia enquanto tossia para tentar colocá-lo para fora — ou para dentro. Bruno fez até menção de se levantar para ajudar, mas os tapas de Arthur foram suficientes e acabei desentalando.

— Tudo bem?

— Uhum — respondi, de boca cheia, sentindo o rosto esquentar.

— Odélia é a nossa cozinheira de setenta e dois anos — Gabriela pareceu preocupada em me avisar como se todo mundo na sala soubesse o motivo do meu engasgo.

Eu me limitei a sorrir, tinha medo de responder e falar besteira ou até de abrir a boca e me engasgar de novo.

Evitei olhar para o homem sentado ao meu lado e encarei a atraente bolinha de cogumelo em minhas mãos.

— Arthur, abrimos seu vinho agora ou pego um meu e deixo o *Brunello* para o jantar? — Bruno perguntou ao se levantar.

— Vamos abrir agora! — pediu a ruiva, com as mãos unidas. — Eu simulo um brinde com vocês. O vinho do jantar já foi escolhido de acordo com o cardápio. Além disso, um *Biondi Santi* deve ser degustado com calma.

— Pegarei as taças — avisou o marido, apontando para mim. — Vai beber com a gente, Marina?

— Claro!

— Vou ver com Odélia como está o preparo de tudo e já volto.

Gabriela também se levantou e saiu, ficando somente eu e Arthur na sala silenciosa. Então, de repente, uma almofada surgiu em meu colo e a expressão dura dele entrou em meu campo de visão.

— Eu não acredito que você veio na casa dos meus amigos sem calcinha — sussurrou, com os olhos estreitos. — Pelo amor de Deus, Nina!

— Qual o problema? — sussurrei de volta, jogando a almofada do outro lado do sofá. — Eu não tô escancarada pra eles.

Arthur olhou para meu colo e franziu os lábios. Eu quase podia ver a fumacinha saindo pelo nariz. Quase.

— Está de vestido curto. Qualquer movimento pode ser traiçoeiro.

— Você escolheu o vestido.

— Eu não escolhi, eu sugeri — reclamou, voltando a colocar a almofada em cima das minhas pernas. — Se soubesse que você não usaria a merda da calcinha, teria colocado a roupa no forno.

Abri a boca, chocada com aquela audácia.

— Esse vestido é da *Farm*, Arthur!

— Pois devolva para ela! — ele retrucou. — Você tem dinheiro suficiente para não precisar usar roupas de amigas.

Juro que tentei deixar passar em branco, mas não consegui e acabei caindo numa gargalhada estridente. Tão forte que cheguei a babar enquanto curvava meu corpo para frente e soltava a cestinha de porcelana do camarão na mesinha. Precisei levar os dedos até os cantinhos dos olhos para limpar as lágrimas e voltei a encarar o homem irritado diante de mim.

— *Farm* é uma marca de roupas. Bem famosa, por sinal.

Ele percebeu a gafe, aquele rostinho bruto com cara de quem queria me assassinar ganhou uma leve relaxada,

mas não o bastante para que parasse de me azucrinar.

Logo que Gabriela e Bruno retornaram, enquanto as taças eram servidas, a mão enorme de Arthur pousou no ponto exato onde a barra do vestido encontrava minhas coxas e cheguei até a me assustar. Ele se manteve pleno, mesmo quando Bruno acompanhou o movimento e franziu a testa, olhando para o amigo.

Quis bater em Arthur, principalmente porque era uma situação ridícula. Se eu estivesse de pernas abertas não estaria chamando tanta atenção quanto agora. Inspirei fundo, expirei, foquei na comida e peguei outro camarão, ignorando a conversa que rolava entre eles.

Minha mente estava ocupada em tempo integral acompanhando cada minúsculo movimento que a mão de Arthur fazia cada vez que eu me mexia. Quando minhas coxas se afastavam um pouco mais, mesmo que involuntariamente, os dedos dele escorregavam para dentro delas e roçavam na parte interna até que ele se ajeitasse novamente.

Eu respondia roboticamente tudo que Gabriela me perguntava, mas sofria cada arrepio gerado pelo meu corpo por causa daquele contato. Saber que eu estava sem calcinha e que se ele descesse só um dedo e o esticasse para trás, seria o suficiente para me tocar, estava causando um impacto catastrófico em mim. Mais precisamente, *nela*.

Tentei manter minhas mãos o tempo todo ocupadas, enquanto rezava para que o jantar ficasse pronto e pudéssemos nos sentar em cadeiras separadas. Meus batimentos cardíacos zumbiam nos meus ouvidos e minha vagina — que era uma heroína — lubrificava cada vez mais.

Arthur parecia muito mais tranquilo do que eu. Ele conversava animadamente com Bruno e agora falavam sobre processos e sobre o prefeito de São Paulo, enquanto eu começava a suar. Queria que ele enfiasse logo a porra da mão entre minhas pernas e acabasse com aquele sofrimento. Sentia-me ensopada e pulsante.

— Onde é o banheiro? — perguntei e percebi que praticamente gritei.

Gabriela deu um gole em seu suco e apontou para o corredor.

— Segunda porta à direita.

Assenti, muito agradecida e me levantei com pressa para me esconder lá dentro.



Capítulo 16

Arthur

Marina levantou do sofá como um foguete e eu até pensei em ir atrás para saber o que tinha acontecido, mas quando meu olhar notou a mancha úmida no estofado de tecido, bem no lugar onde ela estava sentada, meu coração errou uma batida.

Coloquei a mão em cima antes que Bruno ou Gabriela vissem aquilo, tentando não me afetar com a umidade que senti em minha pele, e emendei uma conversa na outra para distrai-los enquanto tomava o lugar de Nina e me sentava sobre a mancha. Não queria acreditar que aquilo era o que eu estava pensando.

— Arthur — meu amigo me chamou, apontando a garrafa do vinho para minha taça quase vazia.

— Depois. Primeiro... — pigarreei, minha garganta estava seca. — Vou ver se Marina está bem.

Eu me levantei, tomando o cuidado de ficar na frente do assento e colocando meu celular estrategicamente

sobre o pedaço que ainda estava marcado. Respirei fundo, ajeitei a camisa e saí em busca do unicórnio perdido.

Bati na porta do banheiro e chamei por ela:

— Nina, sou eu.

— Me deixa em paz — resmungou do outro lado.

— Você está bem?

Sua resposta veio em forma de descarga e, logo em seguida, ouvi o barulho da água da torneira. Ela não falou nada pelos próximos dois ou três minutos, até que abriu a porta e alisou o vestido.

— Quer usar o banheiro? Se você me disser que só tem um nessa casa monstruosa, eu vou precisar ter uma conversa com o arquiteto idiota.

— Só vim saber se você estava bem, não preciso usar o banheiro. — Pigarreei sem saber bem como dizer aquilo, e sussurrei para ela: — Você molhou o sofá.

Ela me encarou e bateu a porta de novo na minha cara.

— Sai daqui!

— Abra a porta para conversarmos, Nina. — Bati na madeira. — Está tudo bem ficar assim.

— Não, obrigada.

Sorri porque era bem a cara dela fazer aquele drama todo e olhei em volta para me certificar de que estávamos sozinhos ali naquela área da casa.

— Lá no Rio, eu me excitei enquanto você falava sobre sexo, porque isso é normal, é uma reação fisiológica e a gente não manda no nosso corpo. O errado aqui sou eu que não devia ter feito o que fiz lá na sala.

— Sim, porque era você que *tava* com essa mão gigante quase na minha bacurinha!

Tapei a boca para rir sem que ela escutasse, era absurdo demais falar desse jeito.

— Se você repetir essa palavra em voz alta mais umas vinte vezes, eu garanto que seu tesão acaba — comentei, grudando o rosto na porta e rindo em silêncio. — Vamos, tente.

— Eu não *tô* com tesão! — ela reclamou. — Sai daqui!

— Sabe que nada disso teria acontecido se você tivesse usado uma calcinha, né?

Ouvi a tranca da fechadura e a porta logo se abriu mais uma vez. Nina estava com os olhos virados para o chão e os subiu lentamente pelo meu corpo, até... parar no meu pau. Ela me encarou, já com um semblante modificado, mais confiante, e jogou os cabelos para trás.

— Não é nada do que você *tá* achando. Aquilo aconteceu porque eu estava muito apertada para vir ao banheiro — disse ela. — Não sei como funciona pro homem, mas mulher quando *tá* sem calcinha e fica

apertada pra fazer xixi, parece que vai descer tudo em cascata.

Nina passou a minha frente e saiu caminhando de volta, mas logo Gabriela e Bruno apareceram antes que voltássemos à sala.

— O jantar está sendo servido, vamos comer — disse minha amiga, segurando a mão de Marina e a puxando junto.

Bruno parou na minha frente, deixando que as mulheres fossem embora porque parecia querer me dizer alguma coisa. Ele sorriu e coçou a cabeça, enfiando uma mão no bolso da calça e a outra apoiando em meu ombro.

— Cara, o que foi aquilo lá dentro? — perguntou. — Ela saiu correndo e depois você foi atrás? Tem rolado alguma coisa entre os dois?

— Ficou maluco, Bruno? — Balancei a cabeça, sentindo uma pressão na nuca. — O que está rolando é bem diferente do que está insinuando. Se eu for parar no hospital, você saberá quem culpar. A Marina... Ela me dá trabalho. Veio sem calcinha. Eu só tentei evitar que vocês vissem alguma coisa.

Mas o que ele...

— Tira esse sorriso desgraçado do rosto se quiser manter todos os dentes no lugar — rosnei, com raiva por Bruno estar levando na brincadeira. — Se pegar você

direcionando os olhos, mesmo que fechados, na direção das pernas dela...

— Vai arrancá-los com o garfo? — Calei a boca quando ele enganchou o braço em meu pescoço e me puxou para irmos atrás das mulheres. — Ciúme não cai bem em você, meu amigo. Agora, precisa me explicar. Você é pai, amigo ou namorado da menina?

— Vai se foder.

— Sou seu sócio, não me trate com grosseria.

— Basta não agir como um idiota — devolvi, sorrindo ao entrar na sala de jantar e encontrar Marina e Gabriela conversando.

Bruno apertou meu ombro antes de me soltar e ir se sentar no lugar que costumava ocupar à mesa. Puxei minha cadeira ao lado de Marina e me acomodei, suspirando, tentando voltar a relaxar. Meu amigo idiota tinha conseguido me deixar ainda mais perturbado com suas ironias.

Nina até tentou inventar uma desculpa esfarrapada para mim, mas ainda se mostrava bastante afetada, balançando as pernas como um tique nervoso. Esperei que me olhasse para poder pedir desculpas, mas tudo que ela fez foi evitar contato visual comigo.

Por sorte, o assunto em pauta era a gravidez e quase todo o jantar se desenrolou durante aquela conversa

recheada de teorias sobre o sexo do bebê, compras para o enxoval e medos de pais de primeira viagem. A parte positiva da noite foi ver Marina bem confortável com Gabriela, as duas pareciam ter se gostado de cara e isso me deixava feliz, pois sabia que a médica seria uma ótima influência para ela.

Depois da sobremesa, quando eu já começava a achar que era hora de nos despedirmos, comecei a notar Nina um pouco estranha. Ela ficava toda hora olhando e mexendo no celular e cada vez que fazia isso, seu semblante se modificava. Por isso fiz questão de apressar tudo e inventar uma desculpa qualquer para encerrarmos a noite com Bruno e Gabriela.

Avisei a Gabi para que contasse comigo para o que precisasse e Bruno eu veria normalmente na segunda-feira. Ambos foram carinhosos ao se despedir de Marina e deixei que aquela sensação de noite bem-sucedida se alongasse por mais alguns minutos dentro do carro.

Em determinado momento, já perto de casa, resolvi tocar no assunto que estava me incomodando.

— O que está acontecendo? — perguntei, apontando para o celular no colo dela. — Você ficou diferente no final do jantar. Algum problema?

— Não, nada — respondeu, parecendo avoada, brincando com o aparelho entre os dedos.

Olhei bem para ela, que mantinha a atenção no caminho à nossa frente e não soube como arrancar informações sem parecer invasivo. Eu tinha o direito de saber o que se passava? Talvez não. Talvez fosse algo que só dizia respeito a ela.

Sendo assim, liguei o som do carro, num volume baixo, e deixei que uma música antiga do Djavan preenchesse o automóvel.

— Esqueci de pegar o número da Gabriela — falou, quebrando o silêncio. — Pode me passar depois? Quer dizer... Se ela não se importar.

— Claro.

Mais silêncio e minutos depois, eu liguei a seta para entrar na minha rua.

— São minhas amigas — disse Nina de repente e eu apenas olhei para ela de relance, sem insistir em nada. — Elas estão mandando mensagem.

— Entendi.

Vi quando tirou o cinto de segurança e se virou de lado no banco, quase mostrando demais.

— Não, não entende. Elas estão me culpando por MauMau ter sido preso. Parece que ele já tinha passagem pela polícia.

— Ora, que reviravolta surpreendente! — Sorri, recebendo a segunda notícia boa da noite. — Você está

chateada por isso?

— Você me ouviu dizer que estão me culpando?

Esperei o portão automático da garagem abrir e entrei com o carro, descendo a rampa com calma, estacionando em uma das minhas vagas e desligando o veículo. Só então, olhei para Marina ao meu lado.

— Está falando das amigas que deixaram que fosse abusada pelo Maurício? Para sua informação, Ana Paula sabia que eu tinha ido para o carro, então se ela mandou que me procurasse no terraço, sabia o que podia acontecer. — Mesmo com o carro escuro, senti pela mudança de postura, que ela não esperava uma informação daquela. — São as mesmas amigas que não moveram um dedo para saber se você estava bem, quando a tirei de lá em choque.

Ouvi o soluço antes que ela abrisse a porta e corresse para fora do carro. Praguejei e fui atrás, encontrando-a de costas para mim, esperando pelo elevador. Ela entrou primeiro e se encostou na parede espelhada, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não precisa lembrar tudo que aconteceu porque eu não esqueci. Só que são minhas amigas, eu gosto delas, não dá pra desligar sentimentos de um dia pro outro. Tô tentando, mas não é simples.

— Talvez os sentimentos não sejam recíprocos, Uni.
— Ela deu um passo cabisbaixo na minha direção e eu a peguei entre os braços, deixando que chorasse o quanto quisesse. — Você vai ter a chance de começar uma nova vida aqui, agora com um pouco mais de maturidade do que quando voltou para o Rio. Tudo poderá ser diferente. Agora, quando for responder as idiotas, diga para que elas torçam para que Maurício continue preso, pois se ele sair, vai acordar com a boca cheia de formiga.

Ela riu em meus braços e me soltou quando chegamos ao nosso andar. Devia estar pensando que se tratava de alguma brincadeira minha, quando não era nada disso. Não cheguei a parar para pensar sobre esse assunto, mas sabia que nosso sistema era falho e que se fosse preciso, eu tomaria providências. Graças à *Caixa Preta* eu tinha os mais variados contatos à minha disposição e não hesitaria em usá-los.



Já tinha vestido um pijama e fui apagar as luzes que permaneciam acesas para poder ir direto para a cama, mas flagrei Marina sentada no balcão da cozinha e fui até lá.

— Banana? Jura? — perguntei ao me aproximar dela. — Eu esperava que viesse assaltar a geladeira,

comer um sanduíche clandestinamente ou tomar sorvete, mas banana?

Ela engoliu o que mastigava e limpou a boca com as costas da mão, deixando a casca sobre a bancada.

— Eu não como só besteira, também gosto de comida saudável.

— Coma o que quiser, só estou brincando contigo.

Ela sorriu e esticou uma das pernas, apoiando o pé descalço na minha barriga e estalando a língua.

— Quantos pijamas você tem, afinal, vovô Salazar?
— provocou.

— Vários. — Segurei seu tornozelo com uma mão e a outra usei para segurar seus dedinhos. — Você lembra que eu a matava de cócegas, né? Posso muito bem fazer isso agora.

— Não ouse!

Marina tentou me chutar com a perna livre e eu a segurei também, mantendo os dois pés no ar e afastando suas pernas enquanto entrava no meio delas para me aproximar. A pele morena muito bronzeada do sol reluzia contra a iluminação quente da cozinha. Marina vestia uma camiseta velha com estampa de unicórnio e uma calcinha daquele tipo mais larga, quase um *shortinho*.

O sorriso sumiu do rosto dela quando soltei suas pernas e apertei em pontos estratégicos de sua cintura,

fazendo-a gritar de sensibilidade pelas cócegas. O que eu não esperava, no entanto, era que se jogasse em cima de mim e eu precisasse segurá-la no colo. Nina fechou as pernas ao redor do meu corpo enquanto gargalhava e me xingava ao mesmo tempo.

— Vou devolver com juro — ameaçou, me apertando entre as coxas.

E então, eu senti. No meu peito nu, ela esfregou a calcinha molhada e me fez arrepiar dos pés à cabeça.

Caralho.

Tentei soltá-la de mim e me afastar, mas Marina enroscou os braços no meu pescoço e grudou os lábios na minha orelha.

— Você sempre me deixa assim, príncipe — sussurrou.

A calcinha encharcou ainda mais e a sensação úmida foi aumentando enquanto Nina repetia aquelas palavras ao pé do meu ouvido. A lubrificação dela começou a escorrer pelo meu abdômen e eu me vi tão duro quanto pedra, até que era tanta água que eu comecei a me engasgar e tossir.

Parecia que estava tossindo areia quando me sentei apavorado na cama. Que merda de sonho tinha sido esse?

Olhei em volta para o quarto escuro e peguei meu celular no criado-mudo: três da manhã. Não foi sonho, foi pesadelo. Dizia isso para meu coração acelerado e meu

cérebro culpado enquanto calçava os chinelos e saía do quarto. Caminhei automaticamente até a cozinha e enchi um copo com água, bebendo tudo enquanto encarava a porra do balcão do inferno.

Claro que havia uma explicação plausível para o pesadelo. Tudo tinha ligação com o que aconteceu no jantar, aquela mancha no sofá ficou gravada na minha mente e meu subconsciente reproduziu um cenário mil vezes pior. Felizmente, nada de grave tinha acontecido no pesadelo, além de...

— Bem. — Encarei meu pau ereto dentro da calça do pijama. — Nem tudo é perfeito.

Enchi o copo mais uma vez e voltei para meu quarto, pensando se deveria tentar dormir ou bater uma punheta para aliviar a tensão. Mas no caminho, parei diante da porta de Marina e abri poucos centímetros para conferir se estava tudo bem. Esperava encontrá-la dormindo como um anjo, não sentada no meio da cama, no escuro.

— Uni? — chamei, abrindo mais a porta e parando antes de entrar. Ainda estava de pau duro. — Perdeu o sono?

No silêncio do quarto, pude ouvir quando ela fungou e notei o brilho do celular iluminando um pouco seu rosto. Respirei fundo, ajeitei minhas coisas dentro da calça e me aproximei para entender o que estava acontecendo.

Marina estava com o aparelho sobre as pernas, rolando o feed do Instagram no escuro. Sentei-me do lado dela, agradecendo a luz apagada, mas só por precaução, puxei o cobertor para meu colo.

— O que está acontecendo? — perguntei, tocando as costas dela e a sentindo estremecer.

Sem me responder, ela mexeu no celular e o entregou para mim. Era uma foto com o vestido que usou no jantar, provavelmente tirada antes de sairmos, pois o cenário de fundo era seu quarto. Ela deve ter apoiado o aparelho sobre algum móvel e a fotografia pegava seu corpo inteiro. Estava linda, como sempre.

Comecei a procurar o problema em questão, porque já tinha percebido que ela estava chorando. Foi quando cliquei no balão de comentários que vi várias críticas sendo proferidas por outras mulheres. A pose não favoreceu, o vestido não era bonito, o ombro dela saiu estranho na foto, o braço parecia magro demais, a cintura estava desproporcional, o peito esquerdo parecia maior que o direito, e tantos outros absurdos que tive que ler todos os comentários, mais de cem, para me certificar de que não estava sonhando. Havia muitos elogios, felizmente eram a maioria, mas as críticas a tinham devastado.

— Uni, essas pessoas não sabem o que falam — murmurei, largando o aparelho e passando meu braço pelo

corpo dela. — Olhe para mim.

Não era possível enxergar perfeitamente quando a única iluminação vinha da tela de um celular, mas sabia que seus olhos deviam estar vermelhos, pois meus dedos sentiam o rosto molhado.

— Eu não consigo nem acreditar que você se deixe abater com comentários desse tipo. Marina, você é deslumbrante. — Beijei-a na testa e passei meu polegar sob seus olhos. — Olhe o seu perfil, só tem fotos incríveis.

— Toda vez, príncipe — disse, voltando a chorar. — Toda vez que posto uma foto tem gente falando mal de mim.

— Elas que se fodam. As pessoas que colocam defeitos nos outros, são as mais defeituosas. — Peguei de novo o telefone e comecei a mexer. — Vou ser sincero. Geralmente, quem critica é sempre mulher. Porque são vocês, as próprias mulheres, que impõe essa necessidade de perfeição umas às outras. Se eu procurar nos comentários da foto, os homens que estiverem aqui vão elogiar, chamando de gostosa, e coisas do tipo.

— Eu tento ter o corpo perfeito, mas não dá...

Eu a larguei ali na cama e fui procurar o interruptor, já que àquela altura eu já tinha broxado completamente, graças a Deus. Acendi a luz do quarto e Marina tapou o rosto vermelho.

— Venha, levante-se — pedi, ao pé da cama, esticando minha mão.

— Pra quê?

Revirei meus olhos e eu mesmo me inclinei e a segurei pelos braços, obrigando que se levantasse. Guiei Marina pelos ombros até que parássemos diante da parede espelhada em seu quarto e me coloquei ao lado dela.

— Descreva meu rosto — pedi.

— Quê? — Ela arregalou os olhos, tímida.

— Vamos lá, sem vergonha. Olha meu reflexo e diz como você vê meu rosto. Quero saber, estou curioso e só vou deixá-la dormir depois de completarmos esse exercício.

Sorri para ela pelo espelho enquanto Marina mordiscava o lábio e me encarava. Achei que fôssemos ficar ali uma eternidade sem que ela dissesse nada.

— Olhos azuis, nariz meio grande... — Sorri. — Rosto meio oval... eu acho.

— Você é péssima nisso, estou me sentindo o vilão dos *Minions*.

Ela riu, enxugando os olhos avermelhados e cruzando os braços, estava desconfortável.

— Minha vez. Como eu e outras pessoas a enxergamos. — Sorri para ela e a observei com calma. — As sobrancelhas grossas e escuras são um charme e os

olhos castanhos misteriosos, mas quando você sorri como fez agora pouco, esse mistério cai por terra e mostra a menina simples, boa, de beleza natural. Isso tudo arrematado, claro, pelas bochechas que qualquer garota gostaria de ter e por uma boca que ainda vai deixar muito marmanjo louco e não posso entrar em detalhes. Você é uma das poucas mulheres que conheço que ficam mais gatas sem maquiagem do que com ela.

— Você é suspeito pra falar — disse, com os lábios trêmulos. — Não falaria mal de mim.

Puxei-a para ficar de frente para mim e toquei seus olhos molhados. Não sabia o que fazer para vê-la melhor e meu coração estava em frangalhos por me sentir impotente. Envolvi sua cintura e a grudei em meu corpo, descansando meu queixo em sua cabeça e deixando Nina um pouco ali quietinha.

— Justamente por conhecer você, eu vejo todos os seus defeitos e qualidades.

— Quais os meus defeitos? — murmurou.

Suspirei, com medo de falar qualquer coisa que aumentasse a angústia dela. Eu já odiava todas aquelas pessoas que deixaram comentários ridículos na foto.

— Acho que seu maior defeito é não enxergar a garota linda e incrível que você é — respondi, segurando seu rosto para que me olhasse. — Fisicamente, nunca

consegui encontrar nenhum. Eu sei que tem dado muita importância para a imagem, mas você precisa se cobrar menos porque é muito nova para se preocupar tanto com isso. Você não pode permitir que um comentário na internet, feito por uma pessoa que você nem conhece, afete tanto a sua vida. Elas estão todas dormindo agora e é você quem está aqui, chorando e sofrendo. Vale mesmo a pena se importar com o que pensam?

— Não...

Ela sussurrou tão baixo, que quase não ouvi.

— O que disse? — insisti.

— Não — respondeu, mais alto dessa vez. E finalmente, um sorriso iluminou aquele rostinho. — Você não tem nada a ver com o Gru.

— Quem é Gru?

Nina revirou os olhos e me soltou, enxugando o rosto de uma vez por todas.

— Dos *Minions*...

— Ah, sim! Bom, graças a Deus, não é? — Baguncei os cabelos dela e recebi um tapa no braço. — Ou eu precisaria dizer que seu defeito é na visão.

Ela deixou escapar uma risada que me lembrava um porco e tapou o rosto, correndo para a cama e se deitando.

— Uni, se você rir assim de novo, vamos precisar substituir esse pijama. Não tem nada de unicórnio aí.

— Sai daqui!

— Ah, estou cansado de ser enxotado o tempo todo.

— Sorri de um jeito que adiantava a ela algum plano maléfico formado por mim e me aproximei, jogando-me sobre seu corpo e deitando em cima dela. Com o cobertor entre nós, óbvio.

— Para, príncipe! — Marina riu e espalmou a mão pequena em meu rosto, me empurrando. — Isso é assédio!

— Me dá um beijo de boa noite — pedi, virando o rosto e sentindo seus lábios tocarem minha pele. Devolvi o beijo na bochecha macia e afundei meu nariz nos cabelos cheirosos. — Durma bem, minha pequena mulher.

Saí de cima dela e apaguei a luz antes de deixar o quarto e fechar novamente a porta. Enquanto andava até o meu, sentindo que aquele sonho que tive tinha se tornado tão distante, meu peito permanecia abafado, preocupado. Não gostava de ver aquela obsessão de Nina pela imagem perfeita e tinha medo que isso acarretasse maiores problemas para ela.

Quando me deitei, adicionei uma nota mental para comentar sobre o episódio com Gabriela e pedir a opinião dela. Minha amiga era jovem, lidava com essa questão da busca incessante pela beleza e tinha a idade bem mais próxima de Nina do que eu. Não gostava de pensar assim,

mas começava a achar que precisaria proteger Marina dela mesma.



Capítulo 17

Marina

Acordei com uma dor de cabeça chata, provavelmente porque não tinha o costume de beber vinho e tomei duas taças ontem, ainda terminei a noite chorando, o que era suficiente para me deixar assim. Imagino se tivesse bebido mais, era bem capaz de ter subido para o apartamento trocando as pernas na frente de Arthur. Por falar no príncipe, o que tinha acontecido ontem? Não conseguia acreditar que fiquei excitada com um simples toque dele que, provavelmente, na mente do coroa, era totalmente inocente.

Entrei no banheiro para escovar os dentes e saí do quarto segurando minha nuca em busca de um copo d'água e algum remédio para a dor. Vi que tinha café pronto e parecia fresco, mas primeiro eu precisava ingerir alguma droga farmacêutica, portanto, peguei meu copo e fui procurar pela caixinha de onde eu tinha visto Arthur tirar

o esparadrapo. Por sinal, eu ainda não tinha tirado os pedacinhos dos peitos.

Minha atenção foi rapidamente desviada para a área externa, onde o príncipe estava regando as plantas e lavando o chão com uma mangueira. Parecia muito mais disposto do que eu, de cabelos molhados, vestindo apenas uma calça de moletom azul-marinho, muito baixa na cintura, mostrando umas covinhas que eu nem sabia que ele tinha em cima da bunda. Que sacanagem. Digo, isso era tudo que eu *não* estava fazendo.

De costas para mim, ele não me viu, então me dei um tempinho para admirar aquele belo espécime. Arthur era o exemplo perfeito do ditado sobre panela velha fazer comida boa. Ou de que quanto mais velho o vinho, melhor fica. Impressionante. E tudo bem, sei que com dinheiro é fácil se manter por mais tempo bonito e jovem, mas eu conhecia Arthur. Sabia que ele não era o tipo de homem que corria atrás de procedimentos estéticos. Ele era todo natural e suas rugas ao redor dos olhos tinham um charme delicioso.

— Bom dia, bela adormecida — disse, de frente para mim, me observando babar por ele sei lá por quantos minutos. — Tudo bem?

— Ressaca — respondi e voltei correndo para o quarto ao perceber que tinha encarado por tempo demais a

trombeta dele.

Que merda eu tinha na cabeça? Adiantava porra nenhuma ficar secando Arthur. Total perda de tempo e investimento na Universidade Trouxa e Sofrida com bacharelado em Coração Partido. Demorei anos para me ver livre da obsessão por ele e agora estava quase escorregando de novo para dentro dessa armadilha?

— Nina? — ele me chamou, batendo na porta do quarto.

— Sim? — perguntei, sem abrir.

— O remédio...

Olhei para o copo em minha mão e percebi que não cheguei a pegar o remédio dentro da caixa porque, obviamente, estava mais ocupada babando por Arthur. Recuperando meu orgulho, coloquei um sorriso no rosto e abri a porta, olhando para ele e pegando a cartela entre seus dedos.

— Obrigada.

— O que quer de café da manhã? — perguntou ele, todo fofo.

— Você. — Franzi o nariz, percebendo o que tinha falado em voz alta. — Você não precisa fazer nada, tô um pouco enjoada. Depois eu belisco alguma coisa — respondi e balancei o copo. — Vou tomar o remédio e ir para o banho. Tô meio lesada.

— Vinho faz tão mal assim a você? — Ele franziu a testa, preocupado, enquanto eu me preocupava em olhar as gotículas de água que marcavam seu peito nu. — Lembro que chegou a dizer algo sobre vinho e vodca, mas não achei que duas taças a deixariam assim.

— Se fosse vinho barato, nem tanto. Sou fraca pra bebida de rico.

Ele riu e beijou meu rosto antes de se afastar e me deixar ali, abobalhada. Suspirei e joguei o comprimido pra dentro da boca, tomei um gole da água e deixei o copo sobre o criado-mudo antes de ir para o banheiro.

Lá dentro, tirei minha roupa e me encarei no espelho enorme. Precisava voltar a treinar imediatamente, já podia ver a gordura extra se acumulando abaixo do umbigo e nas coxas. Também não ajudava que eu estivesse comendo tanto, a qualquer momento eu não conseguiria mais tirar nenhuma foto sem que fosse preciso usar filtros e mais filtros para me deixar magra.

Senti meus olhos arderem enquanto observava meu reflexo e enxuguei os cantinhos. Por que era tão difícil conseguir manter o corpo que eu queria? Parecia tão fácil para algumas pessoas, mas para mim, era um sofrimento. Podia ter nascido com um excelente metabolismo que me permitisse comer o que quisesse sem engordar, era tão injusto ter que contar calorias e carboidratos!

Inspirei, expirei. Enxuguei o rosto nas costas da mão e entrei no box. Ficar me lamentando de nada adiantaria. O que adiantava era fechar a boca e parar de descontar a ansiedade na comida.

Demorei um pouco lavando e hidratando meus cabelos e aproveitei para arrancar de uma vez os esparadrapos usando muito sabonete líquido para diminuir o atrito. Também percebi que precisava me depilar o quanto antes, mas como odiava usar depilador, teria que procurar um lugar em São Paulo para voltar às minhas sessões. De qualquer forma, as axilas não podiam mais continuar daquele jeito, eu me sentia extremamente incomodada quando aparecia qualquer pelinho e sempre achava que isso me causava mais odor. Sendo assim, desliguei o chuveiro, enrolei-me na toalha e saí do meu banheiro.

Arthur era homem e tinha barba, então obviamente, ele possuía um barbeador. Sabia que era meio nojentinho usar um objeto tão pessoal assim, mas de minha parte, não havia nojo algum. Eu me esfregaria em cada pelo daquele corpo.

Calma. O quê?

Bati de leve no meu rosto para deixar as alucinações de lado. O objetivo era entrar e sair rapidamente, sem que ele percebesse o furto.

Corri pelo corredor nas pontas dos pés e entrei no quarto dele, indo até o banheiro e abrindo os armários espelhados. Lá estava, brilhando para mim, com as lâminas cortantes e prateadas. Eu podia muito bem usar ali mesmo e não teria que voltar para devolver, então simplesmente peguei o barbeador, levantei o braço esquerdo e dei a primeira passada.

— Eu reclamaria de todo o piso molhado com sabão que você deixou para trás. — Arregalei os olhos ao ouvir a voz de Arthur bem nas minhas costas e, logo em seguida, o barulho da descarga. — Mas invadir meu banheiro enquanto mijo para usar meu barbeador é um pouco mais preocupante.

Quando me virei, ele estava amarrando a cordinha da calça. Ah, se eu tivesse sido um pouco mais veloz...

— Não vi você — falei, porque não tinha mesmo visto.

Arthur passou por mim e foi lavar as mãos, enquanto me encarava pelo espelho com aqueles olhos azuis fulminantes.

— Mas podia ter visto e eu podia estar tomando banho. Eu nunca entraria no seu banheiro sem bater na porta e espero que faça o mesmo. Nem quando era criança e morava comigo você fazia isso.

— Eu sei. — Deixei o barbeador sobre a bancada e suspirei. — Desculpe. Achei que ainda estivesse lá fora.

Ele enxugou as mãos e se virou de frente para mim, observando meu rosto por mais tempo do que eu gostaria. Devia ter bolhas de *shampoo* por toda a minha cabeça e com certeza não era a melhor das minhas aparências. Então, abriu uma gaveta e puxou uma embalagem de um barbeador lacrado, estendendo-o para mim.

— Fique com um novo — falou, fechando a gaveta.

Sorri e segurei o nó da toalha junto com a embalagem, feliz da vida. Fiquei até nas pontas dos pés e tasquei um beijo na bochecha do príncipe, mas ele tinha abaixado o rosto para esfregar os olhos e levantou a cabeça bem na hora. Daquele momento em diante, tudo que aconteceu foi uma grande tragédia.

Minha boca encostou em um pedaço dos lábios de Arthur e no susto, ergui logo as mãos para me desculpar antes que ele pensasse que fiz de propósito. Jogar os braços para o alto fez com que eu me desequilibrasse, além de todas as questões de leis de física que fizeram o nó da toalha se soltar. Enquanto Arthur se esticava para segurar meu braço e evitar que eu caísse no chão, eu fazia malabarismo para manter a toalha em meu corpo e gritava palavras desconexas ao mesmo tempo.

O príncipe me puxou rápido com uma mão e com a outra manteve a toalha tapando minha parte da frente. Mas aí, nem sempre eu penso nas melhores soluções para algumas situações. Estava morta de vergonha pelo beijo estranho e pela mão enorme pressionando o tecido felpudo contra meus peitos, além da veia na testa dele que parecia a ponto de explodir.

— Foi mal! — gritei, puxei a toalha que ele segurava e me virei para sair correndo antes que fizesse mais alguma merda.

— Sua bunda está de fora, Marina!

Arthur gritou e eu passei rápida que nem bala pela porta do quarto dele enquanto tentava escondê-la sem muito sucesso.



Demorei uma eternidade para sair do quarto porque a vergonha ainda estava queimando meu rosto. Mas como em algum momento eu precisava almoçar porque Arthur já tinha batido na porta quatro vezes para me chamar, decidi encarar a fera de uma vez por todas.

Quase desmaiei com o cheiro bom que alcançou meu nariz assim que pisei na sala. Sobre a mesa tinham

algumas travessas e ele estava lá, sentado numa das cadeiras, comendo com plenitude.

— Desisti de esperar por você, achei que estivesse com vergonha.

Eu nunca admitiria. Sorri e puxei uma das cadeiras enquanto conferia qual era o cardápio. Arthur tinha feito uma carne assada lindíssima, batatas cozidas, arroz e salada verde.

— Só estava terminando de arrumar minhas coisas — respondi, servindo duas batatas em meu prato. — O cheiro está delicioso.

— Uma das poucas comidas que aprendi com minha avó.

— Eu lembro dela. — Senti minha garganta se fechar ao me relembrar de algumas coisas. — Ela era gordinha, eu adorava que a gente dormia na mesma cama e eu podia ficar abraçada. Até hoje eu durmo abraçando um travesseiro, peguei mania.

— Ela a amava como sua própria neta.

Assenti, terminando de montar meu prato e evitando me emocionar ainda mais. Se começasse a chorar não conseguiria comer. E eu sabia muito bem que fui amada, como também amei de volta. A vó de Arthur foi tudo para mim no momento que perdi meus pais.

Engoli o pedaço da carne e saboreei a sensação maravilhosa que a explosão de sabores deixou em minha boca e só então reparei que Arthur estava tomando vinho. Estiquei a mão até meu copo vazio — ele não tinha colocado uma taça para mim — e me inclinei na tentativa de pegar a garrafa, mas ele a segurou antes de mim.

— E a ressaca? — perguntou, tirando o vinho do meu alcance.

— Já estou melhor, mesmo assim, só quero um pouquinho.

Estiquei meu copo na direção dele, quase implorando, e Arthur olhou para o objeto como se fosse um item demoníaco. Ele se levantou, estalando a língua e indo até a cozinha, onde pegou uma taça e a trouxe para mim.

— Vamos tentar evitar já que é uma bebida que não faz bem a você — disse ele, enquanto me servia e até para jogar a porra de um vinho numa taça o homem era sexy.

— Tudo é uma questão de costume — respondi, dando o primeiro gole quando ele se afastou e... nossa, que coisa forte. — Isso é seco?

— É um vinho argentino, excelente. *Malbec* é uma das minhas uvas favoritas.

— Uvas? — Olhei para minha taça e de novo para ele. — Parecem azedas, mas tudo bem.

Depois de mostrar a bunda para ele, não precisava mais fingir que tinha classe, portanto, levantei com minha taça na mão, fui até a cozinha e peguei o pote de açúcar. Enchi uma colher de chá e joguei ali dentro, depois abri o congelador e tirei três pedras de gelo. Mexi tudo com o dedo mesmo e voltei para a mesa, ignorando o AVC que Arthur estava sofrendo.

— Agora sim — falei, bebericando e sorrindo. — Vinho de pobre, não terei ressaca. Se custa mais de cinquenta reais, então com certeza vai cair estranho no meu estômago.

— Esta garrafa custa em torno de quinhentos reais. — Lá estava o olho dele tremendo.

— Se quiser fazer render, posso colocar um pouquinho de água.

Tinha certeza que ele gostaria de me jogar do terraço junto com minha taça, mas Arthur preferiu apenas segurar a garrafa e afastá-la de mim. Ele balançou a cabeça bem lentamente, sem conseguir esconder o desgosto e voltou a comer em silêncio.

— Você bebeu duas taças ontem e não reclamou — murmurou depois de um tempo, parecia estar mais relaxado. — Ficou fingindo?

— O que você queria que eu fizesse depois que Bruno e Gabriela endeusaram o seu presente e

comentaram que raramente conseguiam achar um vinho daquele, que custava mais de três mil reais? Como eu ia dizer que achei uma bosta?

A gargalhada forte me assustou, mas depois acabei rindo também e dando de ombros. Voltamos a comer sem que o assunto bebida fosse novamente o foco e limpei meu prato, já me sentindo satisfeita. A carne tinha ficado mesmo muito saborosa e eu até poderia repetir, mas precisava pisar no freio enquanto dava tempo.

Comecei a tirar a mesa depois que ele se levantou e sumiu no quarto e empilhei tudo para lavar. Nunca tive frescura na hora de fazer qualquer coisa dentro de casa e não seria agora que ia começar. Portanto, peguei a esponja e comecei a ensaboar os pratos, sentindo Arthur entrar e sair da cozinha.

— Nina, deixe a louça aí. — Como era cozinha americana, eu conseguia me virar e vê-lo no sofá, com as pernas esticadas à frente, tão confortável. — Quer assistir alguma coisa na Netflix? Costumo ficar vegetando no sofá depois do almoço de domingo... Vou gostar de ter companhia.

Terminei só de enxaguar o que eu já tinha começado a limpar e sequei minhas mãos, indo até lá e me sentando ao lado dele. O televisor enorme ocupava uma parede escura que parecia pertencer ao enorme *rack* grafite e na

tela estavam as miniaturas de várias capas de filmes e séries. Apoiei minhas costas no encosto e puxei minhas pernas, esticando-as no sofá extensível como Arthur fez.

— Hm... Não saberia o que escolher — falei, olhando para todas aquelas opções. — Na sexta-feira eu fiquei quase uma hora só passando pelas imagens.

— Acontece. — Ele riu e selecionou uma miniatura. — Bom, posso indicar algo? Acho essa série incrível e enquanto a temporada nova não chega, posso ver do começo com você.

Eu seria idiota se nunca tivesse ouvido falar de *La Casa de Papel*, então concordei com a sugestão dele e deixei que colocasse para rodar. Prestando atenção para não deixar nada passar porque minha concentração não era das melhores, dei uma olhada de rabo de olho para o príncipe, que estava com os braços cruzados atrás da cabeça, quase deitado naquele sofá enorme.

— Você não está com raiva de mim não, né? — perguntei.

Ele me olhou e franziu a testa.

— Por que estaria?

— Pelo... meio beijo. Lá no banheiro. Foi sem querer.

Quando me sentei, tinha deixado um espaço de quase um metro entre nós porque com tanto lugar sobrando, não teria lógica eu grudar em Arthur. Mas ele

não parecia querer facilitar minha vida, pois passou o braço pelo meu pescoço e me puxou de encontro ao seu corpo. Meu rosto ficou grudado em seu peito — nu nu nu nuzinho — quando ele beijou minha testa e me encarou com um sorriso.

— Não lembro de alguma vez ter sentido raiva de você, Uni. E quanto ao que aconteceu, sei que foi um acidente porque você é meio destrambelhada.

Baixei os olhos naturalmente e suspirei, porque no ângulo além da televisão, o que me sobrava de paisagem era a calça de Arthur. O cós de elástico, os pelinhos que sumiam por ela, o umbigo... Eu devia me afastar e ir me sentar do outro lado do sofá de uns sete lugares, mas não resisti e passei meu braço sobre o abdômen dele.

— Só pra esclarecer — voltei a falar —, mostrar minha bunda também foi um acidente.

A risada dele fez minha cabeça balançar e olhei firme em determinada direção para ver se mais alguma coisa balançaria também. Por mais que a calça fosse larga, eu seria cega se não reparasse que Arthur sempre tinha certo volume na região da trombeta. Talvez ele devesse começar a usar tecidos mais grossos e não esses maleáveis que se moldam ao corpo.

— Não se preocupe com isso, o que eu mais tenho feito nos últimos dias é olhar sua bunda.

— O quê?

Pronto, Arthur conseguiu tirar meu foco e me fez levantar daquele colo tão gostoso. Do que ele estava falando?

— Ué, você acha que biquíni fio-dental esconde alguma coisa? — Ele arqueou uma sobrancelha, afrontoso. — E o maiô de ontem?

Meu rosto esquentou ao me lembrar de como ele me encarou e na vergonha que senti quando começou a rir. Sei que tinha se explicado, mas não consegui tirar da mente a sensação horrível de pensar que ele estava achando graça de alguma parte do meu corpo.

— Ok, vamos esquecer esse assunto — falou e deu dois tapinhas no peito como se me chamasse de volta.

— Melhor não. — Sorri e me endireitei no sofá, bem ereta. — Se eu deitar assim, vou ficar cheia de dor na coluna mais tarde.

Puxei uma almofada para meu colo e abracei ela para ter com o que ocupar minhas mãos. Melhor do que correr o risco de delirar em algum momento da série e acabar agarrando Arthur.

Três episódios depois e eu já estava viciada no seriado, encantada com o roteiro inteligente e os personagens tão cativantes. Berlim se tornou meu vilão favorito e a Nairóbi, que espetáculo de mulher! Estava tão

entretida que só percebi que Arthur tinha feito pipoca quando uma tigela surgiu no espaço entre nós e o cheiro entranhou em meu nariz.

Respirei fundo e me controlei para não pegar, pois tinha almoçado há tão pouco tempo. Não ia para a academia há dias e estava sem nenhum controle do que ingeria.

— Não quer? — perguntou ele, com a mão enorme mexendo nas pipoquinhas saborosas.

— Melhor não.

— Por quê?

— Ué, porque acabamos de almoçar e eu não quero sair rolando pela escada do prédio.

Arthur pausou a série e apoiou um braço no encosto do sofá ao se virar para mim.

— Seu percentual de gordura corporal deve ser baixíssimo, Nina — disse, entortando os lábios. — Pare de se preocupar tanto com o corpo e viva. A oportunidade é única.

— Mas eu tenho facilidade pra engordar...

Arthur suspirou, parecia prestes a perder a paciência, mas quem estava insistindo naquele assunto era ele; eu só queria voltar a assistir a série. O príncipe tirou a tigela do sofá e a colocou sobre a mesinha ao lado e voltou a se virar para mim.

— Presta atenção porque eu só vou falar isso uma vez. Antes de mais nada, não teria problema nenhum ganhar peso porque o que vale é a garota maravilhosa que você é. Mas em todo caso, como se preocupa tanto com isso, vou dar minha opinião como homem. Hoje você pesa quanto, uns cinquenta quilos? Pode passar dois meses só comendo porcaria e engordar uns dez, talvez quinze quilos. — Sua sobrancelha se arqueou e seus lábios se elevaram um pouquinho no lado esquerdo. — E mesmo assim você ainda continuaria gostosa.

E ele piscou. Daquele jeito devagar, de matar alguém com um ataque cardíaco enquanto meu cérebro processava o que tinha dito. Arthur me chamou de gostosa? Ele abriu um sorriso porque devia estar se divertindo com minha expressão que, sei lá, passou de incrédula a feliz em milésimos de segundos.

E então pulei em cima dele. Tipo, literalmente. Eu me joguei em cima de Arthur e agarrei seu pescoço, caindo de lado em seus braços.

— Eu sabia! Sabia! Não falou isso pra me iludir, né? Espero que não, príncipe!

— Claro que não.

Pulei do colo dele e fiquei de pé, virando-me de costas para o sofá e balançando a bunda na cara de

Arthur. Uma pena que eu estivesse de moletom e não fosse a roupa mais apropriada para sensualizar.

— Sabia que era uma questão de tempo!

— Certo, vamos sossegar agora, por favor — pediu ele e me virei, observando sua expressão que indicava preferir estar em qualquer lugar menos ali.

Pulei em cima dele de novo e o abracei, puxando-o para trás comigo para rolarmos no sofá imenso. Um calafrio percorreu meu corpo inteiro quando o braço de Arthur roçou em um dos meus seios e perdi um pouco o foco.

— Marina, pelo amor de Deus, você é pequena, mas osso machuca. Porra, minhas costelas...

Calculei mal e caímos no chão, com ele em cima de mim. Ah, que delícia, queria ficar daquele jeito até maratonar todas as temporadas de *La Casa de Papel*, esmagada pelo corpo de Arthur. Infelizmente, o que é bom sempre dura pouco e o homem bufou ao se levantar, puxando-me junto pelas mãos e me olhando de cara feia.

— Limites, Marina — resmungou, massageando a lateral do corpo. — Limites.

— Tem certeza que você malha, príncipe? Isso parece que é falta de atividade física...

— Se você não sentar a bunda nesse sofá e ficar quieta, vou me trancar no escritório e trabalhar o resto do

dia.

Eu me sentei, sem conseguir tirar o sorriso do rosto e ele ainda permaneceu em pé por mais alguns segundos, olhando para mim com sua carranca. Esperei que ele se sentasse no sofá e esticasse as pernas de seu jeito confortável para então engatinhar até ele e me esticar sobre seu corpo até conseguir alcançar a tigela de pipoca.

Com ela em mãos, voltei devagar ao meu lugar e a coloquei sobre meu colo. Meu apetite, de repente, tinha aparecido e estava voraz.



Capítulo 18

Marina

Não andava por São Paulo há bastante tempo, mas era tipo andar de bicicleta: a gente nunca esquece. Principalmente em mãos de um cartão internacional em nome do Arthur, que nenhuma loja se preocupava em conferir.

Calma, eu não furtei nada. O próprio dono entrou no meu quarto hoje de manhã, quando eu ainda estava com a cabeça enfiada no travesseiro, me deu um beijo no rosto e sussurrou o que toda mulher gosta de ouvir de um homem lindo como ele:

— Vou deixar um dos meus cartões em cima da mesa. Quero que saia de casa hoje e compre o que precisar.

Como eu não sabia se estava sonhando ou acordada, achei que o mais seguro era resmungar qualquer coisa que ele não conseguisse entender e avaliar

a situação depois de um banho e uma xícara de café quente.

Agora eu estava aqui, bem paulistana andando a pé pela cidade para reconhecer tudo de novo. Ou talvez fosse como uma primeira vez mesmo, levando em consideração que agora, Arthur morava num dos bairros mais nobres de toda São Paulo. Como ainda estava um pouco perdida, sem saber por onde começar, decidi riscar o primeiro item da lista que fiz antes de sair de casa.

Entrei em duas auto escolas diferentes e pesquisei os valores para tirar minha habilitação. Queria fazer o quanto antes, pois eu achava que me sentiria mais livre e independente se soubesse dirigir. Não que eu tivesse dinheiro para comprar um carro, nem pretendia pedir que Arthur fizesse isso, mas podia me imaginar pegando um dos veículos dele que ficavam lá na garagem, solitários. O filho da mãe tinha uma *Mercedes* branca daquelas menores, de somente dois lugares, e eu tinha certeza que ficaria linda ao volante dela. Quando falei que era muito bonita, ele disse que o carro era macho, não fêmea. Mas eu sinceramente achava que era totalmente feminina, então... a minha futura *Mercedes*.

Estudaria as minhas opções quando voltasse para casa, para me matricular ainda naquela semana, então decidi ir para o *Iguatemi Shopping*, dar uma volta e

comprar algumas roupas necessárias para andar com Arthur.

Desde itens de higiene pessoal a calcinhas comportadas, duas horas mais tarde eu estava sentada numa cafeteria, degustando de um *capuccino* com minhas sete sacolas de lojas penduradas na cadeira ao lado, quando vi uma loira passar pela porta do estabelecimento. Não nos víamos há anos, mas ela continuava idêntica ao que lembrava.

Deixei meu *capuccino* pela metade, passei a mão nas minhas coisas e corri atrás dela como uma louca.

— Milena! — chamei, esbaforida, pegando a escada rolante que ela pegou.

A loira se virou para trás e quando bateu os olhos em mim, abriu a boca em choque e eu sorri.

— Nina?

Ela me esperou lá embaixo enquanto eu me aproximava sorridente, infelizmente sem conseguir passar por cima das pessoas na minha frente.

Milena era uma das minhas melhores amigas do colégio, da época em que morava em São Paulo. Andávamos num quarteto e fazíamos tudo juntas, até que Felipe morreu e, bem, eu me mudei de cidade. Na época, ela era a garota popular da nossa turma e sempre foi muito

evoluída, desinibida, aquela pessoa que gostava de ser o centro das atenções e fazia sucesso com todo mundo.

Ela continuava linda, os cabelos estavam com as pontas mais claras e continuava se vestindo muito bem.

— Não acredito! — ela gritou e nos abraçamos com saudade, enquanto as pessoas resmungavam para sairmos do caminho.

— Quem não acredita sou eu — falei quando nos soltamos e rimos. — Meu Deus, estava ali tomando um café quando vi você passar. Saí que nem louca.

— Nina, você está muito diferente! — Milena me avaliou dos pés à cabeça. — Magérrima. Gostosa! Colocou silicone!

— Siiiiim!

Mulher quando se encontra depois de um tempo costuma fazer um pequeno escândalo e foi isso que fizemos enquanto nos reconhecíamos. Meu peito estava transbordando de felicidade porque eu sabia que Milena era genuína e a gente sempre se deu muito bem. Eu me sentia aliviada por tê-la encontrado e, quem sabe, poder retomar uma amizade naquele meu recomeço.

— O que faz aqui? — perguntou ela, sacando o celular da bolsa e me entregando para que eu digitasse meu número.

— Eu me mudei de novo. Lembra do Arthur? — Ela respondeu com um olhar de interesse e eu ri. — Sim, ele mesmo. Voltei a morar com o príncipe.

— Vocês são um casal?

— Ah! — Joguei a cabeça para trás e ri. — Quem me dera. Continuo sendo a irmã postiça. Ainda mora no mesmo lugar?

— Sim, e vocês? Onde estão?

Encolhi os ombros.

— Aqui mesmo nos Jardins.

Milena arregalou os olhos e balançou a cabeça, passando o braço por dentro do meu e me puxando para andar com ela.

— Amiga, eu já estou indo embora, mas a gente bem que podia marcar alguma coisa. Vamos sair na sexta?

— Claro que sim!

Queria dizer para ela que não tinha compromisso nenhum dia da semana e estava doida para ter o que fazer além de ficar em casa. Não que a cobertura de Arthur fosse tediosa, mas eu já começava a sentir falta da agitação da noite, de amigos, de festas.

Precisei me despedir de Milena e voltei para casa, encontrando o príncipe na cozinha, literalmente com a mão na massa. Ele dificultava bastante a vida das pessoas que

tentavam passar inatingíveis por ele, mas aí além de ser lindo, sabia cozinhar. Era demais para mim.

— O que está fazendo? — perguntei, soltando minhas sacolas no chão e indo até ele, que tinha um pouco de farinha de trigo no braço, coisa que fiz questão de limpar.

— *Pizza*.

— Ah, claro que você sabe fazer *pizza* — murmurei, chocada. — Por que não?

Parei do seu lado e dei uma espiada na forma como ele sovava a massa e observei alguns dos ingredientes arrumadinhos sobre o balcão. Era mesmo muito organizado.

— Não é difícil, posso ensinar um dia.

Já me imaginei logo dentro de um filme erótico com Arthur na cozinha e a gente se lambuzando de sorvete, ele jogando tudo no chão e me deitando no balcão e...

Engoli em seco, surtada. Se Arthur desconfiasse das coisas insanas que eu pensava, ele me colocaria para fora de sua casa e mudaria a fechadura.

— O que comprou de interessante? — perguntou quando eu tentei me fazer de invisível e ir para o quarto.

— Ah... — Olhei para as sacolas e pensei que fui até muito controlada. — Só umas roupas... E fui olhar preços

de auto escolas. Posso me matricular em alguma? Peguei dois orçamentos e você pode escolher o que achar melhor.

— Desde que prometa ser responsável no trânsito, você pode se matricular onde quiser, Nina.

— Não prefere dar uma olhada antes?

— Não — respondeu, sorrindo. — É uma escolha sua.

Fiquei muito empolgada porque obviamente eu tinha minha preferência entre as duas opções que peguei, mas a que era perto de casa também era mais cara. Já estava largando de novo minhas sacolas para ir encher Arthur de beijo quando o celular dele tocou atrás de mim.

— Atenda, por favor — pediu, indicando na direção do sofá. — Avise que estou com as mãos ocupadas.

Peguei o aparelho e olhei o nome Francine no visor, atendendo sem avisar a Arthur quem era.

— Alô.

— *Hm... Onde está o Arthur?*

— Ele não pode falar agora, está um pouco ocupado na cozinha. Quer que eu passe o recado?

O príncipe me encarou e murmurou uma pergunta sobre quem era, mas me ocupei com o telefone e não dei atenção para ele.

— *Diga que é a Francine.*

— De onde?

— *Como de onde?* — Ela bufou. — *Da Caixa Preta, óbvio. Quem está falando?*

Como ele parecia prestes a lavar as mãos para arrancar o celular de mim, eu me adiantei em ser uma boa menina e o levei até lá, sorrindo ao distanciar meu rosto do aparelho e apontar para ele.

— É uma tal de Francine da *Caixa Preta* — avisei.

— Diga que retorno a ligação mais tarde.

Virei-me de costas para voltar à sala e levei o aparelho novamente ao ouvido.

— Ele disse...

— *Sim, sim, eu escutei. Quem é você? Nunca vi nenhuma mulher atender celular de Arthur.*

— Marina — respondi por educação, já que ela não parecia transmitir antipatia.

Ficou em silêncio por alguns segundos, mais do que o normal, e cheguei a pensar que tinha desligado.

— *Marina Leão?*

— Eu mesma! Como me conhece?

— *Você é a irmã do...*

O celular foi arrancado das minhas mãos e Arthur o levou ao rosto, com sua carranca no lugar do homem feliz que fazia *pizzas*.

— Eu disse que ligo depois.

Ele enfiou o telefone no bolso da calça e voltou para a cozinha como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse interrompido minha conversa ou desligado na cara de Francine.

— Que negócio é esse de *Caixa Preta* que toda hora eu ouço falar?

— É só um lugar — respondeu, voltando ao modo cozinheiro e encolhendo os ombros.

— Isso eu meio que percebi... — Debrucei-me na bancada de frente para ele e tamborilei meus dedos no mármore. — Mas que tipo de lugar? É um restaurante ou algo do tipo?

— Não.

— Uau, senhor simpatia! — Arthur estava muito sério, concentradíssimo na massa que eu invejava por estar sendo amassada por ele. Eu me inclinei para frente de forma que pudesse procurar pelos olhos dele e o provoquei. — É algum lugar proibiiiiiiido, príncipe? Só pode ser pra você ficar todo irritadinho assim. Francine é garota de programa?

Arthur soltou a massa e apoiou as mãos sujas na bancada, olhando para mim como se eu tivesse cometido algum pecado. Lá estava o olho tremendo, eu começava a achar que ele deveria fazer um *check-up* médico.

— Ficou maluca?

— Fiquei esperta, isso sim. Por qual outro motivo você não me contaria que droga é essa?

— Talvez porque não seja do seu interesse — rebateu, enfezado, voltando a pegar a massa. — Nina, eu tenho uma vida pessoal e não necessariamente vou contar tudo que faço com ela.

Essa doeu e foi o suficiente para me calar. Até porque eu estava só provocando. Duvidava muito que *Caixa Preta* fosse algum prostíbulo porque a própria Gabriela tinha conhecimento dela. Até mesmo o Bruno. A não ser, claro, que a dermatologista já tivesse sido garota de programa, conheceu o bonitão por lá e se casou com ele. Ou quem sabe o *go go boy* fosse o Bruno.

A questão era: Arthur estava escondendo alguma coisa de mim e eu detestava isso. Sabia que ele não me devia satisfação de nada, mas eu não via motivo para não me contar qualquer coisa, visto que nunca o atrapahei com assuntos de sua intimidade. Mesmo naquele Natal que conheci Renata e sofri internamente, eu me comportei como uma pessoa extremamente educada na presença dos dois.

Suspirei e deixei o assunto de escanteio por enquanto. Ele tinha terminado o trabalho com a massa e agora estava abrindo tudo no formato redondo da *pizza*. Eu

peguei um pequeno tomatinho e o joguei na boca, recebendo um olhar enviesado.

— Não coma os ingredientes que vou usar — pedi.

Revirei os olhos porque alguém estava bem ranzinza naquela noite e para passar o tempo, comecei a observar o corpo dele. O príncipe era bem alto e sarado, mas não daquele tipo de homem bombado cheio de músculos. Ele era um magro esbelto, tinha um corpo todo proporcional, um trapézio marcante e o peitoral bonito. Suas auréolas eram pequeninas e se tinha uma coisa que eu nunca reparava em homens, era quando eles ficavam com os mamilos enrijecidos. Quer dizer, eu achava que ficavam, certo? Se funcionavam como os das mulheres, então...

Passei a mão na cara de pau mesmo, pelo peito dele e descí meus dedos até os mamilos. Puxei meu braço de volta quando Arthur parou o que estava fazendo e levantou só os olhos para me encarar.

— O que foi isso? — perguntou, imóvel.

— Queria ver se ficavam duros — respondi e apontei.

— Olha só, eles ficam!

Eu não contava, logicamente, que ele ia ficar com aquela carranca que sempre aparecia quando não estava muito satisfeito com alguma coisa. Dei um sorrisinho sem graça e pensei que aquele era o momento ideal para ir

tomar um banho e só aparecer na frente dele no dia seguinte.

— Muito bem, sua vez — disse, limpando as mãos num pano de prato. — Mostre os peitos.

— Quê? — Eu ouvi o que ouvi?

— Seus peitos. Levante a camisa, mostre para mim. Vamos ver se eles ficam duros.

Cruzei os braços e recuei.

— Ficou doido, príncipe? Não vou mostrar droga nenhuma.

Ele estreitou os olhos e deu a volta pela bancada, me fulminando.

— Exatamente, Marina — gritou. — Porra! Que merda foi essa de passar a mão em mim assim?

— Ok, desculpa — pedi, erguendo as mãos conforme ele se aproximava. — Não fiz por maldade, você está sem camisa, é homem e tal...

— E isso é motivo? — perguntou, parando na minha frente e me obrigando a erguer o rosto para ele. — Se amanhã você meter a mão na minha calça, vai dizer que fez para ver se fica duro? Porque sou homem?

— Eu nunca faria isso!

Arthur apontou para o peito, tão perto, mas tão perto de mim que eu podia contar quantos pelinhos ele possuía naquela região. Parecia querer esfregar na minha cara que

naquele parque de diversões ali a minha entrada era proibida.

— Isto aqui é uma zona erógena. Para termos uma boa convivência, há alguns limites que não quero ver você cruzando.

Assenti, prendendo meu lábio com os dentes e torcendo para o sermão terminar o quanto antes.

— Não, não chore. — Ele apoiou uma mão na bancada atrás de mim e aproximou o rosto. — Isso não é legal, Nina. Se quer ser tratada com adulta, assuma suas atitudes como adulta.

— Não farei mais essas idiotices. — Engoli o choro e enxuguei os olhos. — Acredite, já estou bem arrependida.

— Tem ideia de como me machuca ter que brigar com você?

— Imagino...

Arthur continuou me encarando enquanto eu rezava para que um buraco abrisse sob meus pés e me sugasse para sempre. Quando ele recuou e me deu espaço suficiente, eu desgrudei meu corpo da bancada e passei por ele sem ousar falar mais nada.

— Onde pensa que vai? — perguntou ele, voltando para a cozinha e se ocupando do preparo da *pizza*.

— Pro meu quarto...

— Chorar? — Arqueou a sobrancelha ao me olhar. — Ir se esconder porque sabe que fez besteira e está com vergonha? Porque é exatamente isso que uma criança faria. Um adulto admitiria o erro e seguiria em frente.

Ah, meu Deus. Era exatamente tudo isso que eu queria mesmo fazer. Me trancar no quarto e chorar abraçada aos travesseiros, mas precisei engolir em seco, respirar fundo e me manter de pé.

— Eu só tô cansada de fazer merda e me arrepender — murmurei, sem saber nem onde colocava minhas mãos, pendentes ao lado do corpo. — Não sei como você me aguenta.

— Nós nos amamos, somos uma família. Famílias brigam — disse ele, quase me fazendo infartar. Bem, era um amor diferente, talvez. Arthur suspirou e olhou a *pizza*, salpicando orégano sobre ela. — Você chegou da rua, pode ir fazer o que quiser no quarto. Isso aqui ainda vai demorar alguns minutos.

— Vou tomar banho... Pra mostrar uma coisa que comprei.

Ele sorriu e eu sorri de volta, um pouco mais leve porque Arthur fazia sempre parecer que todos os problemas eram esquecidos muito rápido. Ele não ficava sempre cutucando a ferida para trazer a história à tona quando menos se esperava, mesmo quando eu merecia.

Peguei minhas coisas e fui para o quarto, entrando direto no banho na tentativa de lavar a vergonha impregnada na alma. Precisava de uma vez por todas parar com as segundas intenções com ele, deixar o homem em paz. Às vezes eu mesma sentia vontade de me dar uns tapas por ficar tentando insistir em coisas que deviam ter sido superadas.

Gastei uns vinte minutos para terminar tudo e quando saí do quarto, encontrei Arthur sentado no sofá, falando ao telefone. Ele congelou ao me ver e murmurou alguma coisa, desligando o aparelho e abrindo um sorriso.

— Esse é novo?

Olhei para meu pijama de unicórnio que tinha comprado no *shopping*, um pouco diferente do antigo, que era todo colorido. Esse era branco e rosa, mas tão confortável quanto.

— Bem, eu cresci um pouquinho e o outro não dava mais em mim. — Dei uma voltinha, balançando o rabo comprido. — Hoje achei um de adulto. Também não tinha lógica voltar a usar enquanto estava no Rio, lá é quente como o inferno e a casa da tia não tem ar condicionado.

Arthur levantou e esticou a mão para mim, franzindo os lábios.

— Cadê o celular?

— Não...

— Vamos lá, você precisa mostrar sua verdadeira face para os seguidores.

Felizmente, meu celular estava dentro da minha bolsa, lá no quarto, e conhecendo Arthur como eu conhecia, sabia que ele jamais mexeria nas minhas coisas sem autorização. Portanto, cruzei os braços e balancei a cabeça.

— Bem, eu amei o retorno do meu unicórnio — disse, piscando e se aproximando de mim.

— Não é bem *seu* unicórnio.

Ele fez cara de bravo e coçou o queixo, olhando-me da cabeça aos pés.

— Amanhã quando você acordar, vai ter Arthur escrito na sola do seu pé.

la retrucar, falar que ele era doido, mas fui pega de surpresa quando passou um braço ao redor da minha cintura e me levantou no colo. Com a mão livre, que ele usava para segurar o celular, Arthur abaixou o capuz do pijama sobre minha cabeça e mirou a tela do telefone na nossa direção, batendo a *selfie* mais rápida que já vi na vida.

— Não acredito! — briguei, dando tapas nele quando me colocou no chão, rindo que nem um idiota. — Se eu tiver saído vesga na foto, vou matar você!

Ele riu, mexeu no celular e mostrou para mim. Não tinha mesmo sido a pior *selfie* que já tirei na vida, mas também não me favorecia muito. Minha expressão era um misto de susto e incredulidade e havia um brilho vergonhoso nos meus olhos, como se eu tivesse adorado aquele agarramento. Francamente.

— Saiu uma gracinha, vou até colocar de fundo de tela.

Ele ia colocar uma foto nossa como fundo do celular? Eu até estava de boca aberta para continuar minhas reclamações, mas desisti. Se Arthur quisesse eu tiraria mais umas dez fotos com ele para espalharmos pela casa.

— Quer beber o que, Nina? — perguntou, abrindo a geladeira e estalando a língua. — Droga, você precisa ir ao mercado comprar coisas que goste. Não tenho nem refrigerante em casa...

— Eu bebo o que você for beber.

— Vou tomar vinho.

Ah, que saco. Ele deu um sorriso que mais tinha cara de pedido de desculpas e retirou uma garrafa da adega climatizada. Sentei-me à mesa, frustrada, mas disposta a tentar acompanhá-lo na bebida, já que Arthur parecia muito fã de vinho.

A *pizza* estava com uma cara ótima e um cheiro delicioso, senti meu estômago vibrar de emoção quando o

príncipe me serviu. Nós brindamos — sem que eu colocasse açúcar na taça dessa vez — e comemos enquanto conversávamos sobre minhas futuras aulas na auto escola.



Levantei correndo e entrei no banheiro morta de vontade de fazer xixi, mas antes de voltar para a cama, resolvi ir até a cozinha. Queria encontrar uma forma de sempre manter uma garrafa de água no meu quarto, pois ao contrário da casa de tia Marta, que a gente dava dois passos e chegava no outro cômodo, na cobertura era um saco ter que caminhar com sono até a cozinha.

Ao voltar para o quarto, achei estranho notar a porta de vidro da varanda aberta e cheguei a pensar que eu mesma pudesse ter deixado assim. Fui até lá para fechar e acabei ouvindo o barulho de água sendo remexida. Foi só colocar a cabeça para fora e olhar para o lado direito, para encontrar um Arthur dentro do ofurô, com a cabeça caída para trás sobre um dos apoios e os olhos fechados.

Devia ter deixado o homem quieto e ido para meu quarto, mas meu fogo no rabo e minha curiosidade foram maiores e acabei saindo para o terraço.

— Príncipe? — chamei, aproximando-me. — Está dormindo?

Primeiro, ele abriu um só olho ao virar o rosto para mim. Depois, me olhou completamente e ergueu a cabeça.

— Se estivesse, teria acordado — respondeu, sorrindo. — O que faz aqui a essa hora?

— Vim beber água. Tá tudo bem? — Havia uma outra garrafa de vinho e uma taça quase vazia perto dele. — Por que está tomando banho no meio da madrugada?

Ele derramou um pouco mais de bebida e levou a taça à boca. O celular estava um pouco mais afastado e tocava música bem baixinho, sendo possível ouvir só quem estivesse ali perto.

— Nada demais, meu anjo. Só estou com insônia, volte para a cama.

— Quem está cantando?

— Não sei se você conhece... — murmurou, esticando o braço para trazer o celular mais perto. — Norah Jones.

Não conhecia mesmo, mas como ele devia pensar que eu tinha um péssimo gosto musical, deixei a informação de lado.

— Insônia é coisa de velho, não é? — perguntei e me ajoelhei no *deck* ao lado dele, esticando a mão e bagunçando seu cabelo molhado. — Eu não tenho

problema pra dormir, quando bato a cabeça no travesseiro, já era.

— Coisa de velho? — Arthur abafou uma risada e me lançou um olhar ácido. — Vou mostrar quem é o velho aqui...

— Pois então mostre! — Enfiei a mão na água morna e joguei um pouco no rosto dele. — Acha que tenho medo de ameaças?

Arthur abaixou o rosto e deu um sorriso maligno antes de voltar a me encarar. Quando dei por mim e descobri o que ele pretendia, já era tarde demais. Seus dedos se fecharam ao redor do meu pulso e ele me puxou para dentro do ofurô, de roupa e tudo, me mergulhando na água.

Por sorte eu tinha tirado meu pijama de unicórnio novinho porque aquela noite estava quente e abafada demais. Estava só com uma regata rosa, de tecido muito fino, e um *short* de veludo, e assim que emergi, cuspiendo água e estapeando aquele filho da mãe, senti a blusa grudar imediatamente no meu corpo.

— Eu vou matar você! — gemi entre dentes para não gritar e acordar os vizinhos. — Como será que príncipes ficam depois que morrem?

Arthur fechou um olho e torceu os lábios, enquanto esticava a mão à frente do meu corpo, mas sem me tocar.

— Muito bem, dona Marina, está toda indecente — murmurou, virando o rosto e pegando a taça.

— Ah é mesmo? De quem é a culpa?

Agachei dentro da água para esconder meus peitos e fiquei encarando Arthur, seus gestos, seus olhos... Se ele estava bebendo desde a hora da *pizza*, então era certo que estava bem alegre.

O homem de pernas longas estava sentado, com elas esticadas o máximo possível dentro daquele ofurô redondo e eu tinha me posicionado entre seus joelhos. Sentia sua pele roçar na minha e dei graças a Deus por estar submersa e meus mamilos permanecerem ocultos pela água.

— Príncipe, você *tá* bêbado? — perguntei, aproximando-me para tentar sentir o cheiro de álcool no seu hálito.

— Não. — Ele franziu a testa e olhou a taça. — Não bebo a esse ponto, Nina. Fique tranquila.

— Mas é normal você ficar bebendo de madrugada aqui fora?

— É sim, não se preocupe — disse ele, sorrindo e tocando meu rosto. — Gosto desses momentos solitários, de apreciar a noite.

— Tudo bem, então. Não vou atrapalhar sua meditação e vou tentar perdoar por ter me jogado aqui

dentro.

Diminuí o restante do espaço entre nós para tirar uma casquinha enquanto dava um abraço nele e beijava seu rosto. Fiquei um pouco nervosa ao perceber que Arthur estava de sunga, com aquelas pernas nuas, e que me esfreguei em algo que parecia ser um pacote considerável. Não que eu tivesse muito com o que comparar, mas será que era normal?

— Boa noite, Uni.

Fui surpreendida com as mãos pesadas descendo pela minha cintura, se apoiando em meus quadris, um pouco acima da curvinha da minha bunda, e seus olhos encararam os meus por um breve instante. Podia ser ilusão minha, mas parecia tanto que ele ia me beijar. Tanto! Meu coração até acelerou com aquele olhar intenso e achei que fosse desmaiar quando o príncipe aproximou o rosto do meu.

Eu devia ter ficado vesga para poder encará-lo bem dentro dos olhos, de tão perto que seu nariz estava do meu. Não sabia o que o príncipe estava pensando, mas eu não ousava me mexer e estragar o momento. Seus lábios começaram a formar um sorriso e me arrepiei quando beijou minha bochecha.

— Você sabe o quanto é preciosa, Uni? É minha melhor parte...

Uma bola de neve explodindo dentro do meu estômago foi a primeira coisa surreal que senti quando ele encostou nossos lábios um no outro. A sensação gelada se espalhou por todo o meu corpo, meus membros, e minhas mãos sequer conseguiram se mover.

Arthur afastou a boca apenas para tocar novamente a minha, numa maciez surpreendente e delicada e a única ação que consegui fazer meu cérebro processar foi a de abrir meus lábios. Parecia que tinha esquecido como se beijava na boca e só me esforçava para não desmaiar. A ponta do nariz dele roçou em meu rosto antes do meu lábio inferior ser envolvido pelos do príncipe, até que ele cobriu minha boca inteira mais uma vez e recuou.

Sim, eu fiquei de olhos abertos o tempo todo porque tive medo de fechá-los e depois descobrir que estava sonhando. E parecia sonho mesmo, pois Arthur tinha sido tão delicado que parecia feito de nuvem. Suas mãos permaneciam no mesmo lugar em meus quadris e com o movimento de me segurar, ele tinha cessado o contato entre nossos corpos.

Ao recuperar a razão e perceber que aquela era uma oportunidade única, joguei o meu peso para cima dele e caí no seu colo, levando minhas mãos até seu rosto na intenção de beijar aquela boca e enfiar a língua de uma vez, porque beijo sem língua não podia ser considerado

beijo. Mas ele acabou com a minha graça ao soltar uma risadinha baixa e segurar minhas mãos.

— Calma — disse, virando o rosto para fugir de mim.
— Me deixe falar, Nina. Presta atenção. Vamos pensar que foi a minha vez de agir impulsivamente, iguais as várias que você já fez. E agora você vai relevar como relevei todas as suas.

— Relevo tudo que quiser — respondi, tentando me soltar. — Depois do beijo de língua.

Arthur gargalhou e me deu uma chave de braço, grudando minhas costas em seu corpo e beijando meu rosto.

— Pare, garota assanhada. Não vai rolar língua nenhuma — murmurou com a boca em minha pele. — Não vou ultrapassar esse limite.

Minha blusa rosa flutuava na água enquanto eu ainda estava imobilizada por seu braço, que deixou meu pescoço e se acomodou ao redor da minha cintura.

— Só relaxe e curta a tranquilidade. — Senti sua boca em meus cabelos quando me inclinei para trás e encostei no peito dele. — Esses momentos aqui fora me trazem uma paz de espírito inexplicável.

Olhei para o céu escuro sobre nossas cabeças, onde uma única estrela podia ser vista, além da lua cheia. Ao nosso redor, poucos eram os prédios com luzes acesas e,

mesmo assim, o de Arthur era um dos mais altos. O *deck* do ofurô ficava no alto, o que nos possibilitava ter uma visão espetacular da cidade que dormia.

Com a música baixa que tocava no celular e o braço quente me envolvendo, acho que nunca me senti tão em paz. Suas pernas longas cercavam meu corpo pequeno e o carinho que fazia em meu braço era inebriante. Fechei os olhos, apreciando o silêncio e o movimento do peito de Arthur, pensando que aquele tinha sido o beijo mais diferente da minha vida, mas até agora também o mais importante.



Capítulo 19

Arthur

Estava preocupado com o que tinha acabado de fazer e não podia colocar a culpa integralmente no vinho, pois sabia que não estava bêbado. Talvez sim, a garrafa quase inteira que bebi sozinho tivesse ajudado um pouco na decisão precipitada, mas eu estava bem demais para raciocinar, e não fiz isso.

Marina me flagrou num momento de reflexão, coisa que eu gostava de fazer vez ou outra, apreciar a solidão sem pensar em nada, apenas relaxar à luz da lua. Eu estava com minha guarda baixa e feliz por tê-la ali comigo, a pessoa que eu mais gostava de ter ao lado. Sentia-me em paz com Nina, mesmo com todo o jogo de cintura que precisava ter para lidar com ela.

Sentia falta do sexo, do corpo quente de uma mulher nos meus lençóis. Sentia falta da camaradagem de um amigo, de passar horas bebendo e conversando. Sentia falta de muitas coisas que em algum momento, acabamos

abrindo mão para vivermos nossas vidas de adulto, cheias de responsabilidades. Ter Marina em casa me fazia lembrar os melhores momentos do meu passado, ela tinha aquele sabor característico de família, de aconchego, de companheira. Era fácil tê-la do meu lado, mesmo quando não parava de falar, como agora.

Pretendia mandá-la ir dormir e me deixar quieto, mas ela me deu um abraço tão gostoso, tão... Marina, que senti uma necessidade de ter algo a mais dela. O cabelo molhado estava desgrenhado e grudado no rosto, e as gotinhas d'água se espalhavam pelas bochechas proeminentes. Normalmente, eu a beijaria na testa como sempre fiz, mas os lábios grossos e úmidos estavam apetitosos demais e eram um lugar ainda inexplorado por mim.

Desci minhas mãos até seus quadris e parei antes de chegar à bunda porque seria muita informação para lidar. Então chutei o balde e a beijei, mas assim que toquei seus lábios, pisei no freio invisível e desisti de fazer como tinha pensado. Aquele toque a mais já era uma completa loucura e não podia correr o risco de ficar excitado ali dentro com ela. Acabei beijando-a de leve, um selinho prolongado e uma prova do lábio grosso inferior que era tão provocante, depois recuei.

Eu já previa que ela revidaria, obviamente, mas estava preparado para lidar com a artilharia. Virei meu rosto quando tentou me beijar de volta e tentei imobilizá-la com um braço.

— Olha só, me deixe falar, Nina. Presta atenção. Vamos pensar que foi a minha vez de fazer besteira, iguais as várias que você já fez. E agora você vai relevar como relevei todas as suas.

Eu me senti mal pela confusão que refletiu em seus olhos, mas ela soube disfarçar e agir rapidamente.

— Relevo tudo que quiser. Depois do beijo de língua.

Ri daquela audácia ao ser tão direta, mas ao mesmo tempo me senti um pouco aliviado por Nina ter levado na esportiva. Passei meu braço pelo pescoço fino e com a outra mão, puxei sua cintura e a virei de costas para mim, minando suas investidas.

Temí que se revoltasse, que saísse correndo para o quarto, mas o unicórnio ficou quietinho e se deixou controlar. Permanecemos em silêncio por algum tempo, enquanto meus dedos acariciavam seu braço arrepiado até que nem mesmo as nossas respirações tranquilas pudessem ser sentidas acima da música baixa. Era bom tê-la ali, uma sensação de que poderia sempre protegê-la de tudo e dar o mundo a ela. Ao mesmo tempo, parecia tão errado...

Muito tempo depois, perdi a noção da hora e até a seleção de Norah Jones parou de tocar. Marina continuava na mesma posição, mas tinha caído no sono há alguns minutos. Decidi que era a hora de entrarmos quando começou a bater um vento diferente, bem propício para um resfriado.

Não queria soltá-la, era a verdade. Apertei meus braços uma vez mais ao redor de seu corpo e beijei seu rosto, observando seus pés dentro da água, apoiados em cima dos meus. Parecia um anjo, relaxada, a respiração tão tranquila e a cabeça pesando em meu peito. Quando a puxei para meus braços, temi que fizesse besteira e me deixasse excitado, mas ela se comportou lindamente.

— Uni, acorde — chamei, com dor no coração por ter que despertá-la. — Está esfriando.

Ela abriu os olhos sonolentos e piscou algumas vezes antes de se dar conta de onde estava.

— Você vai sentir frio quando levantar — avisei e saí do ofurô, sentindo o choque térmico, pegando minha toalha e evitando molhar o tecido. — Venha, saia daí. Está na hora de ir para a cama.

Um pouco tonta, ela se levantou e precisei fingir que não tinha nada demais a camisa grudada nos seios sem sutiã. A última coisa que eu precisava para estragar meu

momento de paz era ir dormir com essa imagem na minha cabeça.

— Vou fazer cabaninha, tire a roupa para não entrar com ela ensopada — pedi, estendendo a toalha na frente de seu corpo e rezando para que Marina não cometesse nenhuma loucura.

Lançando-me um olhar desconfiado, ela se certificou primeiro de que eu não tinha mesmo como ver nada e fez tudo muito rápido, deixando-me enrolar a toalha em seu corpo e abraçá-la.

— Não devia ter deixado você pegar no sono na água. Foi irresponsabilidade minha.

— Estava gostoso... — murmurou, bocejando e pegando na minha mão.

Apertei seus dedos congelados enquanto andávamos pela casa até parar na porta de seu quarto. Então Marina começou a rir e tapou o rosto, enquanto eu esperava para saber qual era o problema do momento. Quando voltou a me olhar, cometeu um ato falho e encarou minha sunga.

— Ai meu Deus.

Olhei para a mesma direção de forma que pudesse descobrir o motivo da graça, mas permanecia tudo no seu devido lugar.

— O quê? — perguntei, cruzando os braços.

— Sunga branca... — ela sussurrou, sem conseguir parar de sorrir e envolveu meu corpo com os braços. — Dá pra ver muita coisa, príncipe.

— Não dá não, minha sunga não é transparente — respondi, querendo dar uns tapas naquela bunda. — Você é que tem a mente suja demais.

Beijeí sua testa quando ela encostou o queixo no meu peito e ergueu o rosto.

— Não rola um beijinho de boa noite?

— Eu já dei — respondi, beijando sua testa novamente e sorrindo. — Pronto, mais um.

— Ah, príncipe... — Ela não me soltou e ainda fez beicinho. — Poxa, eu mereço mais que isso por ter ficado quietinha lá fora... Fiquei imóvel.

Ri da cara de santa que ela fez.

— Sei bem do que é capaz, vai me atacar na primeira brecha que eu der.

— Não vou...

Passei meu dedo pelas sobrancelhas escuras franzidas e observei sua expressão pedinte. O olhar pesado indicava que estava morta de sono e me preocupei que ela estivesse com o cabelo inteiro molhado, provavelmente dormiria com ele assim mesmo.

— Se eu beijar, você promete que vai secar o cabelo antes de se deitar?

— Não deu tempo de trazer o secador — disse ela, encolhendo os ombros. — Prometo que seco um pouco com a toalha.

Assenti e segurei seu rosto entre minhas mãos, aproximando nossas bocas e a tocando de leve com a minha. Seus lábios estavam gelados e se entreabriram na esperança que eu ousasse mais, porém, não tive coragem. Dei vários outros beijos ao redor de sua boca e em seu rosto até soltá-la. Ainda precisava colocar a cabeça no travesseiro e digerir o que tinha acabado de fazer e quais consequências isso me traria.

— Agora é sério — falei, recuando. — Seque o cabelo e vá deitar.

Não esperava pelo sorriso bobo e tímido que surgiu em seu rosto antes de balançar a cabeça e se virar para entrar no quarto. Ela ainda riu enquanto fechava a porta e me encarava mais uma vez.

— Tchau. Durma bem — murmurou, mordendo o lábio. — Pode sonhar comigo.

Ri sozinho enquanto ia para meu quarto e me sentei na cama, esquecendo da sunga molhada. Afundei a cabeça pesada nas mãos e refleti sobre o que fiz, fiquei remoendo a cena no ofurô e agora aqui dentro de casa e não consegui chegar à conclusão nenhuma.

Sabia que tinha agido muito errado, que minhas atitudes poderiam confundir demais a cabeça de Nina, até mesmo a minha. Eu a tratava com a maior intimidade possível, que era aceitável numa relação como a nossa, mas daí a partir para um beijo? Nunca olhei para Marina de forma sexual, nunca a enxerguei como mulher, sempre pensei que ficaria horrorizado se um dia isso acontecesse. E, no entanto, apesar de saber que o beijo não devia ter acontecido, eu me sentia em paz.

— Porra... — Respirei fundo e me levantei, fechando a porta do quarto e ficando pelado.

Estava cansado, letárgico pelo vinho, com sono. Decidi me deitar daquele jeito mesmo, como não fazia desde que trouxe Nina para casa, e puxei a coberta. Permaneci encarando o teto por alguns minutos, repassando mais uma vez, mais duas, várias vezes, a merda do beijo na minha cabeça. Estava enlouquecendo. Sequer lembrava a última vez que tinha dado um selinho em alguém, acho que lá na minha adolescência, e aqui estava eu, um babaca quarentão, dando selinho — e gostando disso — numa menina que tinha idade para ser minha filha.

Fechei os olhos e comecei a contar números, pois só assim teria chance de parar com esses pensamentos e

tentar dormir. Já era quase quatro e meia e eu precisaria sair para o trabalho em algumas horas.



Tinha terminado de abrir a porta para a entrada da faxineira quando vi Marina surgir na sala, totalmente descabelada. Fiz uma apresentação rápida e avisei para Cíntia que a partir de agora a menina moraria ali, portanto, se ela precisasse de algo enquanto eu não estivesse em casa, era só falar com Nina.

Em seguida, deixei minha xícara vazia sobre o balcão da cozinha e fui ao quarto pegar minha pasta, pois só estava mesmo esperando a chegada da funcionária para poder sair. Como Marina nunca foi a pessoa mais discreta, eu a ouvi entrar atrás de mim antes mesmo de vê-la.

Quando me virei, ela passou como um foguete por mim, de cabeça baixa, e se jogou de bruços na minha cama. Não tive nem tempo de reagir e não fazia ideia do que poderia ter acontecido para estar com o rosto enterrado em meu travesseiro.

Balancei a cabeça, percebendo que iria me atrasar. Não podia sair de casa e deixá-la ali, chorando. Ainda estava com uma camisola embolada quase mostrando a calcinha com a bunda para o alto.

— Uni? — chamei, indo até lá e me sentando na beira do colchão. — O que foi?

Como ela tinha se jogado bem no meio da cama, precisei me esticar e me ajoelhar para ter melhor acesso. Toquei suas costas, inseguro, porque imaginava que eu pudesse ser o culpado por ela estar assim.

Então, a filha da mãe se virou de barriga para cima, com um sorriso no rosto e meteu aquelas mãos finas na minha gravata, puxando-me para baixo.

— Cadê meu beijo de bom dia? — Tentei me livrar da armadilha, mas as pernas morenas já estavam se enroscando ao redor da minha cintura.

— Marina...

— Arthur! — Ela riu enquanto eu queria esganar aquele pescoço.

— Você vai amarrotar meu terno, Uni — falei qualquer coisa, tentando não pensar que ela estava de calcinha e grudada em mim.

— Pois então, tire a roupa!

Ela conseguiu me arrancar uma risada, mas precisei recuperar o juízo por nós dois e segurei suas mãos, afastando-as da minha gravata e prendendo-as no colchão.

— Quando eu tiro a roupa, não é para dar beijinhos — murmurei, tentando ao máximo não soar muito duro. — Muito menos para brincar com você.

Toquei em suas coxas macias e quentes, pois ela tinha acabado de acordar, e as afastei de mim para poder me levantar, sem deixar de observar Marina. Tinha medo de que ela fugisse porque era o que sempre fazia, então me sentei e quando ela se levantou, segurei sua mão, acariciando seus dedos finos, buscando coragem para dizer o que precisava.

— Uni... — engoli em seco, olhando-a nos olhos — sobre ontem, o que aconteceu, foi só ontem. Você entende? Eu não... Não quero que aconteça de novo e vou me policiar para cumprir isso.

Ela pressionou os lábios e assentiu, desviando os olhos. Sentia-me horrível por falar daquele jeito, mas tinha que cortar o mal pela raiz, pois a pontada que atingiu meu pau me assustou quando Nina me agarrou na cama. Esfreguei a nuca, com a garganta seca. Que loucura era aquela, caralho?

— O que mudou? — perguntou.

— Nada. Não mudou nada, você não fez nada errado, só era para ter sido aquilo naquela hora. Foi só um momento. Não quero que você crie esperanças...

— *Tá bom* — ela me interrompeu, puxando a mão e cruzando os braços. — Não precisa explicar, eu mesma já cansei de dar beijos aleatórios em garotos também

aleatórios na *night* e nenhum desses beijos me fez querer casar com eles.

Não sabia se ficava aliviado ou muito preocupado, mas me levantei, satisfeito por ter conseguido ser sincero com ela. Sentia-me um pouco canalha por agir assim, mas achava mais sensato cortar logo a situação pela raiz e minar qualquer centelha de esperança que Marina pudesse gerar, achando que o beijo dava margem para alguma outra intimidade entre nós.

— Obrigado por entender — falei, alisando os cabelos dela e saindo do quarto em sua companhia. — De qualquer forma, com beijo ou sem beijo, foi uma noite agradável. Até você dormir e começar a roncar.

— Eu não ronco! — Ela me deu um soco forte no braço e estreitou os olhos para mim. — E não precisa agradecer nem nada. Eu entendo que não foi nada demais, nem mesmo sei se você beija bem. Como ficaria insistindo nisso?

Continuei caminhando e fui surpreendido quando ela entrou em seu quarto e sumiu lá dentro. Encarei o corredor à minha frente e estalei os ossos do pescoço, sentindo que minha moral não tinha saído intacta dessa conversa.



Capítulo 20

Marina

Os dias que se passaram foram estranhos para mim porque me senti novamente na pele daquela menina de dezessete anos, apaixonada, que precisava fugir do príncipe encantado. Baixei a guarda com muita facilidade, deixei-me envolver num piscar de olhos e a gota d'água tinha sido aquele beijo.

Eu nem sabia se podia me referir ao que aconteceu como beijo. Foi um toque leve nos lábios, coisa de criança boba, mas que fez meu coração dar saltos mortais dentro do peito e me enlouquecer. Fui dormir aquela noite pensando naqueles minutos dentro da água, pensando no toque das mãos dele, na respiração em minha pele, no gosto de vinho que ficou marcado em mim. Principalmente, no olhar.

Ouvir de sua própria boca a informação de que o que tinha acontecido não significava nada me partiu em tantos

pedaços que passei aquele dia inteiro chorando, trancada no quarto para a faxineira não ver.

Como não conseguia fingir muito bem perto de Arthur, tentei evitá-lo o máximo possível sempre que ele chegava em casa e arrisco dizer que até ele estava fazendo o mesmo. Pelo menos, chegou tão tarde na quinta-feira que eu fui dormir depois de meia-noite e ainda não estava em casa.

Hoje era sexta e eu ia sair com a Milena. Conseguimos marcar uma noitada para matarmos a saudade e, claro, aproveitarmos a noite como adultas pela primeira vez desde que nos conhecíamos. Eu estava bem ansiosa porque não conhecia esse lado boêmio da capital paulista e sempre ouvi dizer que a vida noturna de São Paulo era infinitamente superior à do Rio.

Deixei que ela escolhesse o local por conhecer a cidade e o que bombava atualmente e, como iríamos a uma boate chiquérrima frequentada pela alta sociedade — Arthur não sabia, mas ele pagaria a minha entrada e a dela —, decidi vestir meu *look* dos recebidos mais recentes que fiz. Uma grife paulista me enviou algumas roupas no início da semana, assim que divulguei no meu *Instagram* que tinha me mudado.

O vestido era totalmente *baphônico*, preto todo cheio de brilho, com um decote maravilhoso nos seios e outro no

abdômen. Calcei *scarpins* pretos e arrematei o visual com uma *clutch* linda que tinha comprado no camelô de Madureira. Ninguém precisava saber que eu carregava uma bolsinha de quinze reais enquanto desfilava com um vestido de duzentos.

Chamei um *Uber* e encontrei com Milena na porta da boate lotada e cheia de homem lindo na porta. Podia contar rapidamente uns cinco que eu pegaria facilmente só durante o tempo em que ficamos na fila para entrar no lugar.

— Marina de Deus, não dá pra ficar saindo com você porque a concorrência é desleal! — A loira passou o braço por dentro do meu assim que conseguimos entrar. — Você tá gata demais, mulher!

— E você não? — Revirei meus olhos para uma Milena vestida toda trabalhada na transparência, com uma blusa de tule que deixava o sutiã todo à mostra e uma calça embalada à vácuo. — Mulher loira já chama atenção, desse jeito então, provavelmente vou terminar a noite sem companhia.

Ela me soltou e se virou para mim, esticando as mãos e entrelaçando os dedos nos meus.

— Ok, assunto importante — falou, aproximando o rosto do meu. — Como é sua regra para fins de noite? Devo deixar que vá embora com qualquer um ou...

— Eu não vou embora com ninguém a não ser você
— avisei logo.

— Mesmo se aparecer um *boy* muito interessante?

Como eu estava numa cidade diferente, sem conhecer ninguém além dela e não pretendia perder minha virgindade com qualquer idiota que eu conhecesse naquela noite, balancei veemente a cabeça, negando.

— Se eu ficar com alguém, vai ser só uns beijos aqui dentro mesmo.

Milena ergueu as sobrancelhas e sorriu, em seguida deu uma conferida no ambiente ao nosso redor.

— Bem, eu não posso dizer o mesmo. Nunca se sabe, mas... — Ela ergueu o dedo indicador. — Se eu estiver bêbada, não me deixe sair com ninguém. Agora vamos beber!

Fui arrastada pelo mar de gente bonita, mas tão bonita que eu não sabia para qual direção olhar. O público da boate parecia fazer parte da faixa dos vinte aos trinta anos, no máximo, e era bem óbvio que gente rica atraía gente rica. Eu mesma não estaria ali dentro se não fosse o cartão de crédito de Arthur para pagar a consumação mínima de duzentos reais e ainda não tinha certeza se ia me divertir.

Até o momento, tocava uma música eletrônica bem chata, mas o pessoal parecia apreciar bastante.

— Será que toca *funk* aqui? — perguntei no ouvido de Milena quando encostamos num dos bares da casa.

Ela me lançou um olhar magoado, como se eu estivesse cometendo um pecado enorme.

— Acho difícil, Nina — murmurou, erguendo a mão para chamar um barman. — Quer beber o quê?

Qualquer bebida que fosse servida na boca desse homem. Pensei, mas não falei, apenas sorri para o delicioso que nos encarava do outro lado do balcão.

— Cerveja?

Milena me olhou enviesado e eu dei de ombros.

— Vou querer uma Ice — pediu ao homem.

Ele a serviu rapidamente e a minha cerveja demorou um pouco mais para chegar. Quando colocou a garrafa perto de mim, seus dedos continuaram envolvendo a bebida antes de me entregar.

— Obrigada — falei, segurando o gargalo. — Eu vou pegá-la agora.

— Só se me disser seu nome.

Milena ao meu lado soltou uma risadinha e virou de costas para nós dois. Olhei bem para o rapaz, um dos braços todo tatuado, o cabelo castanho claro e um rosto quadrado lindo de morrer. Não seria nenhum sacrifício falar meu nome para ele. Diria minha idade e até a cor da minha calcinha.

— Marina.

— Miguel — respondeu, sorrindo, passando a ponta da língua pelo canto da boca. — Estou impressionado.

— Com o que, exatamente? — Sorri, estendendo o assunto porque o sorriso dele era bonito demais.

Miguel lançou olhares bem diretos por todo o meu corpo e passou uma mão pelos cabelos.

— Com todo o conjunto, principalmente esses olhos.

Fiquei interessada nele. Tipo, muito mesmo. Mas Milena segurou minha mão e me puxou com força para longe do bar, enfiando nós duas no meio da pista de dança e rindo de alguma piada muito engraçada.

— Amiga, vamos com calma porque acabamos de chegar. Tem muito *boy* interessante por aqui, não foque toda a sua energia no *barman*.

Concordei com um gesto de cabeça, mas sem dar muita atenção para o pedido dela. Sim, era verdade, ao nosso redor tinham homens lindos, mas daquele estilo boneco de cera impecável, alguns provavelmente mais vaidosos até do que eu mesma.

Dancei sem muita vontade aquela música eletrônica tediosa, pensando que as pessoas não sabiam mesmo o que era bom para sacudir o corpo. E enquanto Milena se divertia com as mãos para o alto, trocando olhares com

vários alvos, eu procurava o vulto de Miguel no bar distante de nós.

— Vou pegar outra cerveja — avisei, partindo naquela direção sem dar tempo de Milena decidir se me acompanhava ou não.

Não tinha jeito, eu gostava do estilo de Miguel, aquele jeito de homem malandro, gostoso e sedutor. Até a forma como ele me abordou foi muito melhor e mais direta do que os dois rapazes que chegaram em mim na pista de dança — um deles disse que não sabia que anjo dançava. Eca.

Parei no bar e me debrucei, esperando ser atendida. Um outro rapaz se aproximou porque Miguel estava ocupado, mas ele me viu e ergueu um dedo. Pedi minha cerveja para o outro funcionário e a degustei lentamente enquanto esperava por ele.

— Marina — disse, sorrindo, ao se aproximar.

— Fiquei curiosa pra saber o que mais gostou do conjunto...

Ele sorriu e depois roçou os dentes pelo lábio, com um olhar bem safado para cima de mim. Mirou meus seios por uns segundos e, depois, minha boca. Quando se debruçou no balcão como eu, nossos rostos ficaram bem perto um do outro.

— É meio difícil escolher uma única coisa. Você já se olhou no espelho?

Miguel abaixou o rosto por um momento, parecia pensativo, e depois olhou para o lado. Então se desencostou e foi até o outro barman, falou alguma coisa no ouvido dele e voltou.

— Vou dar um pulo no banheiro.

— Ah. Ok. — Sorri para ele. — Vou dançar um pouco com minha amiga e volto em outro momento.

Miguel riu e balançou a cabeça como se eu tivesse dito alguma asneira. Então ele deu a volta pelo balcão até chegar ao meu lado e segurar minha mão. Seu toque era firme, eu gostei da forma como sua palma pressionou a minha e quando seu braço fez meu corpo grudar ao dele, soltei um suspiro pesado.

— Acho que você não entendeu — sussurrou com os lábios grudados em minha orelha. — Vem comigo.

Com aquela pegada, eu iria com ele para muitos lugares, então não demonstrei nenhuma resistência em acompanhá-lo, sentindo sua mão pousada em meu quadril enquanto me guiava pela multidão de corpos alcoolizados.

Em dado momento, pensei em avisar que não entraria realmente dentro do banheiro com ele, mas Miguel parou de andar assim que alcançamos o corredor que

levava aos reservados e se encostou à parede, me puxando para seu corpo.

— Não posso fazer isso durante o expediente — explicou, enlaçando minha cintura ao me encaixar entre suas pernas. — Mas precisava muito provar sua boca, Marina. Fiquei de olho desde que chegou. Qual sua idade?

— Dezenove.

— Não está usando identidade falsa, né? — ele perguntou, com uma expressão engraçada.

Revirei meus olhos e abri minha *clutch* para pegar minha identidade, que quase esfreguei na cara bonita dele. Miguel sorriu enquanto observava minha foto e a me devolveu.

— Gata até em foto três por quatro. Impressionante.

— E você, tem quantos anos? — perguntei, começando a usar meus dedos para explorar a camisa social preta com apenas um botão aberto.

— Vinte e seis — respondeu, passando a língua pelo lábio, provocativo. — Vou poder provar essa boca ou não?

Suas mãos alisaram meus braços enquanto nos encarávamos e acabei não esperando mais. Eu mesma o beijei e Miguel me deu um puxão, como se ainda houvesse espaço suficiente entre nossos corpos. Enquanto seus lábios me devoravam, minha mente viajou e imaginou Arthur fazendo aquilo comigo. Queria tanto sentir seu toque

desse jeito, descendo pelas minhas costas e me fazendo arrepiar.

— Nossa... — o *barman* suspirou e me trouxe de volta à realidade. — Você é gostosa pra caralho. Com todo o respeito.

A sensações em meu peito eram todas misturadas. Ao mesmo tempo em que ficava empolgada, também me sentia frustrada por não conseguir ouvir coisas como aquela de quem eu mais queria escutar.

— Tudo bem? — perguntou ele, passando o polegar em meu lábio. — Ei, carioquinha, peguei pesado? Sou um pouco língua solta mesmo.

— Como sabe que sou carioca? — Ri, conseguindo sair daquela névoa inebriada por Arthur e me concentrando no agora.

Miguel estreitou os olhos e sorriu.

— Com esse sotaque carregado no xis, fica meio difícil passar despercebida.

Ele segurou meu rosto e enfiou o nariz em meu pescoço, em seguida, beijou de novo minha boca e me deixou sentir o começo de uma ereção, ao mesmo tempo em que explorava as curvas do meu corpo com as mãos.

Tentei recuar quando senti seus dedos em minha bunda, muito próximos da barra do vestido, mas Miguel parou e me encarou sorridente.

— Preciso voltar ao trabalho — lamentou, com uma careta. — Ah, cara, vou evitar ficar olhando você pelo resto da noite porque vai ser péssimo ver um desses *playboys* beijar essa boca.

— Ou talvez seja melhor ficar de olho para ver se terá concorrência — retruquei, alisando o peito dele por cima da camisa. — Gostei do beijo, Miguel.

Ele estava um pouco desesperado e eu adorei isso, nem consegui evitar a risada quando esfregou os cabelos e encostou a cabeça na parede, suspirando.

— Seguinte, trabalho todas as noites de terça a domingo, mas queria muito encontrar você em outro momento. Um que eu não esteja trabalhando. — Ele segurou uma mecha do meu cabelo e a enrolou no dedo. — Me passa seu número?

— Prefiro pegar o seu — respondi e ele sorriu.

— Espertinha.

Entreguei meu celular com a tela desbloqueada e esperei que digitasse seu telefone e o gravasse na minha agenda.

— Você trabalha todos os dias aqui? — perguntei. — É a primeira vez que venho, estou morando em São Paulo há uns dias.

— Não. — Ele me entregou o celular e enfiou as mãos nos bolsos. — Aqui eu só fico às terças, quartas e

sextas. Quintas e sábados trabalho num clube masculino e aos domingos faço *delivery* para um restaurante.

— Qual o restaurante? — Fiquei muito interessada, mas estava brincando. — Vai que me dá vontade de pedir comida em casa...

Ele sorriu e me deu um selinho, depois cheirou meus cabelos mais uma vez e se endireitou.

— Entrego o que quiser, a hora que quiser.

Senti até um calafrio pela intensidade com a qual ele me olhou ao dizer aquelas palavras. Miguel não parecia brincar em serviço e eu adoraria descobrir umas coisinhas com ele. Mas aí, lembrei-me de outra coisa que ele falou e fiquei mais interessada.

— O que seria um clube masculino?

— Um lugar onde só homens podem entrar — disse, encolhendo os ombros. — Tipo uma boate, mas com *shows* de mulheres seminuas. Esse lugar onde trabalho, que se chama *Caixa Preta*, é extremamente restrito a milionários. Para trabalhar lá é preciso assinar um termo de confidencialidade porque é proibido divulgar nomes de pessoas que frequentam a casa.

Eu só processei a conversa até ouvir *Caixa Preta* saindo da boca de Miguel, depois disso, parecia que tinha entrado num *loop* infinito que ficava repetindo as mesmas palavras dentro da minha cabeça. O destino estava

jogando a informação no meu colo, de presente para mim, porque quais eram as chances de isso acontecer?

— Miguel! — Segurei o rosto dele para parar de falar.

— Não acredito que você trabalha na *Caixa Preta*.

— Conhece o lugar?

— Não exatamente — respondi, torcendo a boca. — Ouço falar muito entre amigos e estava precisando descobrir onde fica.

— Onde fica? Mas mulheres não são aceitas por lá.

— Miguel franziu a testa e esfregou o queixo enquanto me observava, então entortou um lado dos lábios e suspirou.

— Ah... Você quer trabalho, né?

O quê? Quase gargalhei só de pensar no meu corpinho em cima de um palco, dançando para um monte de velho babão e rebolando minha bunda na cara deles. Não ia acontecer. Mas antes que eu respondesse, Miguel continuou:

— Cara, você é bonita demais e uma gracinha, bateu um leve ciúme agora ao pensar em você lá na *Caixa*... — Estalou a língua e sorriu. — Mas posso fazer uma boa ação uma vez na vida e a colocar em contato com a Francine. Ela está contratando novas garotas e acho que o Senhor Salazar vai curtir seu estilo.

— O que você disse? — Apertei os ombros dele, enquanto sentia meu coração parar, voltar a bater e parar

de novo.

— Depende... Disse bastante coisa.

— Sobre Francine e o Senhor Salazar.

— O que tem eles?

— Você os conhece? — perguntei, querendo arrancar as informações de Miguel.

— Morena, eu trabalho lá. — Ele sorriu. — Francine é a gerente e Salazar é o dono da porra toda. Você conhece o *Sky Bar*? Fica tudo junto, a *Caixa Preta* funciona nos fundos do restaurante.

O barman se desencostou da parede e me puxou pela mão, depois passou o braço pela minha cintura.

— Olha, preciso mesmo voltar para o bar. — Ele beijou meu rosto. — Se quiser que arranje uma entrevista, liga pra mim e eu tento conseguir, ok?

Assenti, mas estava atônita demais para raciocinar direito. Miguel ainda me deu um beijo rápido na boca e se afastou, deixando-me ali perto da pista de dança, totalmente sem reação. Se eu não tivesse atendido o telefonema de uma tal de Francine, poderia achar que Salazar fosse qualquer outra pessoa, não necessariamente o Salazar que eu conhecia. Mas era tudo coincidência demais e estava estampado na minha cara, em letras em neon, aquele absurdo todo.

Arthur Salazar era o dono de um clube privativo onde homens iam ver mulheres nuas dançarem. E era provavelmente lá que ele ficava quando chegava tarde em casa.



Minha cabeça fervilhava de teorias enquanto eu subia no elevador, cansada, com os pés doloridos, ansiosa para tomar um banho e me jogar na cama. Foi ótimo matar a saudade de Milena e nos divertimos bastante com essa saída, mas eu não podia dizer que estava cem por cento de corpo e alma ali com ela. Nem mesmo no momento da despedida, quando minha amiga roubou um selinho, eu consegui digerir direito a situação.

Depois que Miguel voltou para o bar, eu não consegui pensar em mais nada direito além da história sobre a *Caixa Preta*. Minha mente ficava pregando peça em mim e me fazendo imaginar o Arthur sentado enquanto as mulheres dançavam e se esfregavam no colo dele. Porque claro, se ele era o dono, então já devia ter ido para a cama com todas elas.

Tentei afastar aquelas imagens terríveis da minha cabeça quando entrei em casa fazendo o mínimo possível de barulho, pois não queria acordar o homem e passar por

nenhum interrogatório. Nem era tão tarde, passava só um pouco das duas da manhã, mas sabia que ele perguntaria onde fui e como tinha sido.

A porta de seu quarto estava fechada como sempre e eu entrei rápido no meu, tomando o cuidado de não bater. Tirei os sapatos antes mesmo de acender a luz e já fui tirando o vestido e o jogando no chão enquanto tateava a parede em busca do interruptor. Quando o encontrei e meu quarto se iluminou, a primeira coisa que vi foi um corpo masculino deitado de bruços na minha cama.

— Arthur!? — balbuciei, chocada, abaixando-me rápido para pegar o vestido do chão e esconder meus peitos. — Arthur!

Ele se virou rapidamente, esfregando os olhos e se sentando na cama. Pareceu se dar conta de onde estava e de quem era eu, principalmente, de que eu estava quase nua diante dele.

— Vou deixá-la se vestir — murmurou, levantando da cama e tropeçando nos próprios pés enquanto caminhava até minha varanda. — Depois eu explico tudo.



Capítulo 21

Arthur

Aquela sexta-feira estava estranha do início ao fim e eu não via a hora do sábado amanhecer para respirar aliviado.

Para início de conversa, a noite tinha começado mal desde que cheguei à *Caixa Preta* e vi duas mulheres que Francine selecionara para a contratação. Elas dançavam sobre o palco como num teste, horas antes da casa abrir ao público. Uma era negra, espetacular, com pernas compridas e coxas muito atraentes, estilo passista de escola de samba. Tinha cabelo afro pintado de ruivo amarrado com uma faixa em *strass* e uma pele firme e brilhante, linda demais. Não parecia ter mais de vinte e cinco anos e deslizava pelo palco com desenvoltura e delicadeza. Soube imediatamente que a contrataria num piscar de olhos, mas a outra, uma branquinha de cabelos escuros, sem nenhum *sex appeal*, descartei só em bater o olho.

— Aquela ali não dá, Francine — murmurei, desanimado, olhando a garota tentar dar uma cambalhota traumatizante. — Você ouviu algo do que falei sobre o que queria?

— Você não foi muito específico, chefe. Estou tentando... — Ela gesticulou com as mãos e suspirou. — Sei lá, tenho buscado perfis que não tenham nada a ver com o que a gente já possui. Posso contratar a Diana?

Ela apontou para a negra que tinha se virado de costas e mostrou uma bunda deliciosa. Inspirei lentamente e virei o rosto, pois nunca dormia com nenhuma das garotas da casa.

— Ela, sim. A outra, nem pensar.

— E Marina?

Congelei o movimento de levar o copo de uísque até a boca e olhei para Francine, que tinha a curiosidade estampada no rosto.

— O que tem ela? — perguntei de má vontade. Não queria ficar tocando em nome de Marina ali.

— Quando vou conhecê-la? Você sabe que eu adorava o Felipe.

— Francine, presta atenção — pedi, debruçando sobre o balcão e me inclinando na direção dela. — Marina não sabe sobre esse lugar e não quero que você fique

tentando abordá-la. Ela é uma menina, não precisa ter ligação alguma com a *Caixa Preta*.

A loira franziu os lábios e olhou em volta antes de se curvar na minha direção e aproximar o rosto do meu.

— Mas ela é a dona — sussurrou.

De todas as pessoas que trabalhavam ali e no *Sky Bar*, Francine era a única que sabia desse pequeno detalhe, justamente por ser a gerente e precisar estar por dentro de algumas questões burocráticas.

— Sim, no papel, ela é — sussurrei de volta. — Mas você acha mesmo que vou trazer Marina para cá e sentá-la atrás de uma mesa, para gerenciar os negócios da família?

Ela ergueu as mãos e recuou, arregalando os olhos.

— Não vou me meter nesse assunto, chefe — disse, estalando a língua. — Você sabe o que faz. Só queria muito conhecer a garota, Felipe falava tanto dela...

Assenti, mas encerrei aquela conversa de uma vez por todas ao me levantar e ajeitar o paletó. Não ficaria para esperar a abertura da casa, pois queria passar um tempo com Marina. Minha semana tinha sido bastante agitada por causa das audiências e me sentia em dívida com ela, por não ter conseguido lhe dar atenção desde o fatídico dia do ofurô.

Estava a caminho do meu endereço quando recebi mensagem no *Whatsapp*, de Nina avisando que ia sair

para dançar com uma amiga. Ela tinha falado rapidamente sobre a garota, uma tal de Milena, de quem eu não me recordava direito. Fiquei um pouco preocupado ao pensar nela solta na noite de São Paulo, mas não podia privá-la de nada.

“Juízo e muito cuidado. Por favor, não aceite bebidas de estranhos.”

Respondi e reli o que enviei, satisfeito por ter sido sucinto. Meu celular logo piscou com a notificação e a resposta atrevida.

“Tá bom, papai. Antes de aceitar a bebida, vou beijar e perguntar o nome.”

Papai? Senti um pouco de raiva pela provocação e aproveitei o semáforo fechado para digitar.

“Se eu fosse seu pai, além de estar trancada dentro de casa, já teria levado uns tapas na bun...”

Pelo amor de Deus, Arthur. Apaguei a mensagem inteira e desliguei o celular. Quando o semáforo abriu, desisti de ir para casa e dirigi até a de Bruno. Precisava

mesmo alinhar uns assuntos com ele sobre o prefeito e aproveitaria para dar um beijo no meu afilhado. Ou afilhada.

Só cheguei em casa por volta das dez da noite, ciente de que naquele horário Marina devia estar rebolando a bunda em cima de alguma mesa com um bando de moleque babando por ela. Tranquei a porta, coloquei minha pasta sobre o móvel de canto e mirei o sofá da sala, onde Renata estava sentada com um balde de pipoca entre as pernas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, quase infartando ao ver aquela assombração. — Por acaso não devolveu a minha chave?

Ela se levantou e ajeitou o vestido justo, colocando um sorriso falso no rosto e caminhando até onde eu permanecia, com meus pés cravados no assoalho.

— É bom ver você também, Arthur — disse, dando um beijo em meu rosto. — Como está?

Ver Renata tão de perto com aqueles olhos pequenos e puxados e seu batom vermelho que era marca registrada me fez sair do transe que entrei e dei dois passos à frente para me afastar dela.

— Estou bem, mas você não me respondeu.

— Ainda tenho a chave, querido. E você não pareceu muito preocupado em pedi-la de volta, não é?

Eu não a odiava, de verdade. Reconhecia que tivemos ótimos momentos e que, durante um tempo, Renata teve certa importância em minha vida. Mas nunca a amei, nunca sequer me senti apaixonado por ela, e depois que percebi que não queria dividir meu espaço e meu tempo com alguém por quem eu sequer sentia mais tesão, esforcei-me o suficiente para pular daquela relação.

No entanto, não conseguia ser filho da puta nem grosseiro com ela, talvez com mulher nenhuma, e Renata meio que se aproveitava disso. A prova era justamente que eu nem me lembrava do fato de não ter pedido que devolvesse a chave do meu apartamento e agora ali estava ela, esperando que eu a expulsasse.

— Por que está aqui, Renata? — perguntei, encostando-me na bancada da cozinha e apertando meus olhos.

— Não pense que vim por você, querido. — Suas unhas longas roçaram meu queixo e ela se afastou, andando pela casa e reparando nos móveis, na decoração um pouco diferente desde que se mudou. — Meu apartamento foi dedetizado hoje, não tinha onde passar a noite.

— E você achou que seria uma boa ideia vir dormir aqui? — Acabei rindo de tamanha cara de pau. — Por acaso se lembra que terminamos tudo há meses?

Ela revirou os olhos e apertou meus braços que estavam cruzados.

— É uma noite, Arthur. Só uma droga de noite.

— Não tenho nenhum quarto sobrando — avisei. — Marina veio morar comigo.

Deveria ser uma notícia que a pegaria de surpresa, mas percebi que minha declaração não surtiu nenhum efeito esperado. Renata apenas sorriu e meneou a cabeça, como se já soubesse. Então me dei conta de que ela devia estar aqui em casa há algum tempo e saí em disparada pelo corredor. A porta de Nina estava aberta, obviamente Renata já tinha entrado no quarto e descoberto tudo.

— Espero que não tenha mexido em nada — avisei, apontando um dedo para seu rosto. — Minha paciência tem certo limite, Renata.

— Não mexi, é claro que não. — Ela sorriu. — Mas lógico que fiquei muito curiosa ao ver um quarto ocupado, só não sabia que era pela sua sobrinha.

— Nina não é minha sobrinha — respondi rápido e a encarei. — Não... Não de sangue.

Fechei a porta dela e fui até meu quarto, acendendo a luz e descobrindo uma mala pequena pousada bem em cima da minha cama. Virei-me de frente para Renata, que deu de ombros ao passar por mim.

— Sabe que não me importo de dormir com você — declarou, começando a tirar o vestido.

Ficou de *lingerie* vermelha diante de mim, um conjunto muito sensual para ter sido colocado sem pretensão nenhuma. Conhecia bem com quem eu estava lidando, por isso, não me exaltei. Segurei a mão que ela levou até as costas na intenção de tirar o sutiã e aproximei meu rosto, o mais sério que pude.

— Vamos esclarecer uma coisa. Você vai passar a noite e vai embora amanhã assim que eu vier acordá-la, às seis da manhã. Não vai reclamar nem retrucar, apenas irá embora, sem alarde. — Ela assentiu, sorrindo. — Vou passar a noite no outro quarto, fique com minha cama toda para você.

— E a sua sobrinha?

— Prefiro dormir com ela — respondi, entrando em meu banheiro para pegar alguns itens necessários e retirando um pijama de dentro do *closet*.



Nina me encarava com os olhos arregalados, o vestido amassado contra o corpo. Tinha ido me deitar com tanta raiva por ser ludibriado por Renata que me esqueci

de enviar mensagem para ela, avisando que estaria em seu quarto.

Abri a porta em vidro que separava seu quarto da varanda e dei um tempo para ela. Quando senti sua presença atrás de mim, virei-me e encarei o rosto já sem maquiagem e a menina dentro do pijama de unicórnio.

— Deu formiga na sua cama? — perguntou, resabiada, e eu ri.

— Não. Desculpe, era para ter mandando mensagem avisando. A Renata, lembra dela? Minha ex... — Marina assentiu e cruzou os braços. — Ela invadiu a cobertura pedindo para passar a noite, está com a casa dedetizando... Deixei que dormisse no meu quarto.

Saí da varanda e fechei a porta, procurando pelo controle do ar condicionado ou Marina derreteria dentro daquela pelúcia. Então olhei para a cama *king size*, esperando que fosse espaço suficiente para nós dois, depois encarei o unicórnio ambulante.

— Posso dormir no chão, tem edredom macio no armário — sugeri ao notar que ela parecia um pouco desconfortável.

— Pode ficar aqui, príncipe. — Marina se sentou na beira do colchão e puxou as pernas para cima. — Basta prometer que vai se comportar.

— Vou me... — Franzi a testa e encarei aquele rostinho atrevido e angelical ao mesmo tempo, querendo dar uns petelecos nela. — *Eu* vou me comportar? E por que você acha que *eu* não me comportaria? Está achando que sou quem, Marina?

Ela deu de ombros e puxou o capuz para cobrir a cabeça, engatinhando até a cabeceira e se deitando do lado esquerdo, abraçando o travesseiro que eu usaria.

— Uma vez você me disse para não confiar em nenhum homem, incluindo você mesmo — rebateu, puxando a coberta até os ombros.

Não podia brigar com ela, pois lembrava perfeitamente de ter dito algo parecido com isso. Ouvir de sua própria boca é que era totalmente inesperado, até porque eu não achava que já tivesse dado motivos para tal aviso. Ou talvez tivesse, desde o episódio no ofurô.

Apaguei a luz do quarto e fui me deitar o mais no canto possível e sem nenhum travesseiro. O colchão, assim como o meu, era excelente, um dos melhores do mercado, disso não podia reclamar. Porém, não me recordava a última vez que dormi sem algo macio sob minha cabeça. Suspirei, fechando os olhos, de barriga para cima, pensando se deveria ir até meu quarto e expulsar Renata de lá.

— Pode ficar com ele. — Virei o rosto quando ouvi a voz doce e ela tinha empurrado o travesseiro para mim.

Rolei meu corpo inteiro para o lado e a observei na penumbra do quarto. O capuz escondia quase seu rosto inteiro e eu não imaginava como conseguia dormir daquele jeito.

— Se divertiu essa noite? — perguntei.

— Uhum.

— Onde foram?

— Na *Pixie* — respondeu baixinho. — Você gastou uns quinhentos reais hoje.

Ela tinha um jeitinho incrível de me dar notícias como aquela.

— Fui lá na inauguração, há bastante tempo — comentei, enfiando meus pés dentro da coberta porque o ar começou a gelar. — Mas tem um público jovem demais.

— Eu odiei o lugar. Não toca *funk*, acredita nisso?

Gargalhei tão alto que tive medo de acordar Renata. Marina riu também e tirou o capuz do rosto para poder me encarar e sorriu.

— Não é mesmo o estilo da casa.

— Percebi — murmurou. — Um saco, tocou música eletrônica até depois de meia-noite. Fala sério...

— E de quantos estranhos você perguntou o nome?

Ela abriu aquele sorriso bobo e se virou de lado, imitando a mim.

— Quer saber quantos homens eu beijei, príncipe? —
la responder que não precisava contar, mas ela já se
adiantou: — Só um. Gostei, a pegada dele é boa.
Trocamos até nossos números e talvez eu ligue...

Estiquei minha mão e toquei a bochecha dela, fazendo-a parar de falar e pisquei.

— Que bom que se divertiu, Uni. Vamos tentar dormir, tudo bem? Quero acordar cedo para mandar Renata embora.

Procurei por sua mão escondida debaixo da coberta e a beijei antes de me virar de costas e fechar os olhos. Não estava em meus planos passar mais tempo acordado, conversando com Marina na cama, sobre as descobertas amorosas dela. Ainda me lembrava do desastre que tinha acontecido dentro do carro quando ela contou sobre suas relações.

Caí rapidamente no sono e só acordei porque estava suando e tinha acabado de sonhar com sexo. Abri os olhos, percebendo estar de barriga para cima e encontrei Marina encolhida em posição fetal com o corpo grudado ao meu, mas sem me abraçar. O pijama de unicórnio estava com três botões abertos e os seios dela estavam quase aparecendo quando decidi me sentar na cama.

O ar condicionado tinha sido desligado ou por ela ou podia estar na função soneca e eu não percebi. Além de todo o calor, tinha o grande problema em minhas calças: eu estava com um tesão filho da puta por causa do sonho que tive. Nele, eu me vi dentro do ofurô com Marina, no dia daquele beijo lamentável, só que em vez de frear e dar apenas um selinho nela, eu engatei a sexta marcha e acabei atracado com a menina dentro da água, completamente nus, num cenário irreal onde ela sequer era virgem.

Praguejei baixinho e me levantei para sair do quarto o mais rápido possível. Tudo que não podia acontecer era Nina acordar e me encontrar daquele jeito. Fui até a cozinha e vi o relógio do micro-ondas marcando cinco horas, faltava bem pouco para o horário que combinei de acordar Renata, portanto, me manteria acordado.

Virei de costas, abri a geladeira e retirei a garrafa com suco de laranja. Quando a coloquei sobre o móvel à minha esquerda, senti outra presença ali comigo. Não consegui reagir tão rápido e mãos de unhas vermelhas envolveram meu corpo.

— Saudade desses momentos — Renata ronronou em meu ouvido e eu me virei para me livrar dela. — Nossa!

— Pare, merda. — Empurrei suas mãos e me aproximei da bancada. — Volte para o quarto ou vá logo

embora, você escolhe.

Ela desceu os olhos pelo meu corpo até parar em minha calça com a ereção a ponto total. Então, enfiou a mão por dentro do elástico antes que eu conseguisse pensar. Como eu dormia sem cueca, o simples contato de sua pele com meu pau já me fez estremecer e segurei no mármore à minha frente.

— Pare com isso, Renata — pedi, sussurrando entre os dentes, tentando domar meu tesão.

— Amor, eu nunca iria embora e o deixaria nesse estado lastimável — disse, ajoelhando-se diante de mim e terminando de baixar minha calça.

Precisei me curvar quando ela engoliu meu pau inteiro de uma vez, com facilidade, acostumada a todo meu tamanho e com o jeito certo de me enlouquecer.

Merda.

Merda.

Puxei o ar pelo nariz e trinquiei os dentes, querendo resgatar forças e autocontrole das profundezas para interromper aquilo. Mas era difícil pra caralho porque eu não estava transando com a frequência de sempre e Marina não vinha facilitando minha vida e...

— Porra... — sussurrei, pulsando entre os lábios que me chupavam e sentindo meus braços tremerem enquanto eu me apoiava no balcão. — Renata... Pare...

Abaixei a mão e segurei a cabeça dela, com a intenção de afastá-la, de encerrar aquela merda de uma vez por todas, quando a filha da mãe roçou a ponta da língua pela minha glândula no mesmo instante em que Marina despontou no corredor.

— Príncipe? — ela me chamou, sonolenta, e graças a Deus não tinha como ver Renata escondida pelo balcão.

— Volte... — puxei o ar, tremendo dos pés à cabeça, sabendo o que ia acontecer — para... o quarto...

— Senti sua falta. — Ela sorriu e aquela expressão inocente, que nem imaginava o motivo que me fez sair do quarto, foi a gota d'água.

Tentei o máximo possível que Marina não testemunhasse meu orgasmo. Abaixei a cabeça, fechei os olhos e senti tudo rodar enquanto deixava o gemido abafado escapar pela minha garganta. Não tinha coragem de olhar para ela, de ver o entendimento atordoá-la, mas infelizmente, Renata tornou a situação toda muito pior.

— Porra, Arthur! — chiou, levantando-se. — Você gozou no meu olho!

Ela me empurrou e saiu correndo na direção de Nina, entrando pelo corredor e sumindo. Não seria tão ruim se o seu rosto não estivesse cheio de porra e o unicórnio não estivesse congelado no lugar.

Ainda atrás da bancada, puxei a calça para cima e engoli em seco, sem nem saber por onde começar. Então Marina estremeceu e se virou de costas, voltando para o corredor.

Dei um soco no mármore e resisti à vontade de gritar de dor, respirei fundo e parei um pouco para colocar meus pensamentos em ordem. Primeiro, precisava me livrar de Renata, e foi por isso que entrei direto em meu quarto, invadindo o banheiro onde ela lavava o rosto.

— Pega suas coisas e sai fora — falei, puxando sua mão e desligando a torneira.

— Ficou maluco, Arthur? — ela gritou quando a puxei para fora do banheiro. — Me solta! Estou de camisola!

Eu a soltei e recuei um passo porque não era agressivo com mulheres nem começaria a ser. Cruzei meus braços para controlar a raiva e encarei Renata, que puxava a mala de rodinhas sem perder a pose.

— Vou trocar de roupa. Calma.

— Vou ficar aqui, esperando — respondi.

— Eu gostaria de um pouquinho de privacidade, se não for pedir muito.

— É pedir muito, sim. Você não me deu nenhuma quando decidiu me chupar.

Renata arrancou a camisola e ficou nua diante de mim, mas seu corpo já não me interessava mais. Ao

perceber que não conseguiu causar a reação que esperava, virou-se de costas e pegou sua roupa, começando a vestir a *lingerie*.

— Você não foi tão incisivo para me fazer parar — comentou.

— Tem razão, fui fraco. Isso não me deixa com menos raiva de você.

Ficamos os dois em silêncio enquanto ela terminava de se vestir e quando se virou para mim, o olho onde o sêmen tinha caído estava completamente vermelho. Em qualquer outro momento eu teria dó e cuidaria daquilo, mas a pessoa que ela era não merecia.

Quando colocou a bolsa sobre o ombro e calçou os sapatos, pegou a mala e passou por mim com fúria, deixando que o barulho dos saltos ecoasse pelo apartamento.

— Renata — chamei e ela se virou. — A chave.

Levei um tapa no rosto sem entender o motivo e a chave foi jogada em cima de mim antes da maluca sair puxando a mala pelo corredor. Ouvi a porta de casa bater com força antes de chegar à sala e quando vi que tinha me livrado daquele problema, joguei-me no sofá e fechei os olhos por um instante.



Capítulo 22

Arthur

Parei na porta do quarto de Marina e fiquei ali por algum tempo, sem nem saber como abordar direito o assunto. Minha opinião a respeito dela vinha mudando gradativamente, é claro, começava a ter consciência que Nina não era mais uma criança muito menos que era ingênua. Mas de qualquer forma, não estava em meus planos, nem nos mais sórdidos, vê-la inserida num cenário onde testemunhava minha vida sexual.

Encostei a mão na porta e inspirei, pensando no que falar.

— Nina, precisamos conversar sobre o que você viu.

O silêncio foi a única resposta que recebi e não me surpreendia com aquilo, sabia que Marina tinha costume de fugir de situações que a constrangiam. Eu não a culpava, tinha convicção de que merecia que não olhasse na minha cara, mas achava que precisávamos mesmo falar sobre o que tinha acabado de acontecer.

Se eu me colocasse no lugar dela e tivesse flagrado seu momento de intimidade, nem sei o que faria. Só em imaginar a menina de pernas abertas e um infeliz enfiado no meio delas, meu estômago já embrulhava. E eu era bem mais experiente, pouca coisa me chocava nessa vida, portanto, o que ela testemunhou deve ter surtido um efeito muito indesejável.

— Nina... — chamei mais uma vez e levei a mão até a maçaneta para logo descobrir que a porta estava trancada. — Abra para mim, Marina. Nem que seja só para me bater porque sei que mereço.

Respirei com alívio ao ouvir o barulho da chave e o rosto dela aparecer pela fresta mínima que abriu.

— Você já deixou claro que eu não tenho nada com a sua vida íntima e não quero falar disso agora — avisou, sem mirar os olhos em mim. — Vou voltar a dormir.

— Não acho que seja algo para deixar passar em branco. O que você presenciou é muito sério.

Marina bateu a porta na minha cara, machucando minha mão, e recuei no susto.

— Já falei que não sou criança, eu sei o que é um boquete! — gritou do outro lado. — E você provavelmente faz isso o tempo todo!

Merda!

Afastei-me da porta e fui para meu quarto, mesmo que o sono já tivesse há muito tempo ido embora. Tomei um banho rápido, vesti uma roupa simples e saí de casa, pois já tinha entendido que não conseguiria conversar com Marina naquela manhã.

Ainda era cedo pra caralho e não havia muito o que fazer às seis horas, mas me peguei dirigindo para o escritório. Usaria aquele tempo de forma positiva pelo menos, avaliando alguns documentos que eu ainda precisava estudar para a audiência da semana que vem. O prédio vazio me trouxe um pouco de paz e calma e me perdi por algumas horas em minha sala, até que senti meu estômago começar a reclamar de fome.

Deitei a cabeça na mesa, psicologicamente esgotado, e relembrei as últimas horas do meu dia. Tinha sido curioso dividir a cama com Nina, eu não me lembrava da última vez que dormi com alguma mulher sem ter contato sexual com a mesma, então tudo fora novidade para mim. Gostaria de ter abraçado aquela cinturinha e deixado que se aninhasse em mim, mas qualquer atitude que eu tomasse poderia se tornar catastrófica depois. Não sabia mais como agir com Marina Leão.

E Renata, a filha da puta da Renata... Precisava avisar aos porteiros do meu prédio que ela estava proibida de entrar. Como moramos juntos por algum tempo,

obviamente todos a conheciam e ela, como boa advogada, sabia ser muito persuasiva.

Levantei a cabeça e apoiei a testa nas mãos, ainda sem acreditar no que tinha acontecido. Guardei tudo ao descobrir que já passava das nove horas e peguei minha chave e minha carteira, voltando para o carro e dirigindo até a casa de Bruno.

Quando Gabriela me recebeu com cara de sono, quis pedir desculpas por ter ido até lá num horário daquele. Mas a verdade é que eu precisava adiar o momento de voltar para casa.

— Duas visitas em menos de vinte e quatro horas?
— perguntou ela, sorrindo. — Estamos tomando café da manhã e você é bem-vindo, Arthur.

— Ah, sério, não queria atrapalhar... — resmunguei enquanto a seguia até a sala de jantar e encontrava Bruno à mesa. — Bom dia.

Ele me encarou com sua expressão irônica, observou minhas roupas e puxou uma cadeira ao seu lado.

— Meu amigo, você está péssimo. Dormiu na sarjeta?

— É uma longa história.

Eu simplesmente me joguei ao lado dele e encarei a mesa à minha frente, com fome, mas sem disposição para comer nada. O cabelo ruivo de Gabriela entrou em meu

campo de visão quando ela se curvou para me servir uma xícara de café e sorri em agradecimento.

— O que houve? — questionou. — Está tudo bem com Marina?

— Sobre isso, Gabi — falei, virando-me e tocando seu braço —, será que você poderia mandar uma mensagem para ela depois? Chamar para conversarem, fazer uma visita ao consultório, não sei... Qualquer coisa. Marina precisa urgentemente de um apoio feminino maduro. Ela anda muito... — suspirei e apoiei os cotovelos na mesa, cansado. — Ela tem sérios problemas de autoestima e estou um pouco preocupado com isso.

— Claro que sim, Arthur! — Gabriela franziu a testa ao balançar a cabeça, tranquilizando-me bastante. — Adorei a Marina, não será esforço algum fazer amizade com ela. Mas não percebi esse problema, ela me pareceu tão esperta e vaidosa.

— Ela é, sim. — Sorri, pensando em todas as suas qualidades, como era inteligente, divertida, linda. — Marina possui várias nuances. Mas a obsessão pelo corpo tem me deixado preocupado e com essa coisa de rede social, ela se cobra demais. Eu não tenho problema em sentar para conversar, mas sinto que para alguns assuntos, ela fica insegura perto de mim.

— Cara, fui seguir o perfil dela — Bruno comentou, chamando nossa atenção, enquanto passava geleia numa torrada. — A garota é arretada, tem umas fotos que...

— E para que você está seguindo a Marina? — interrompi o idiota e cruzei meus braços. — Pelo amor de Deus, Bruno, a menina posta um monte de foto sensual. O que Gabriela vai pensar disso?

— Também estou seguindo a Marina — respondeu minha amiga e eu virei a cabeça para olhá-la. — Ela é incrível, Arthur! Já quero contratá-la para umas publicidades, umas ideias que tive.

Ouvi uma risada do meu outro lado e encarei Bruno, que evitava me olhar enquanto tomava a porra do café. Eu tinha até esquecido do meu, que estava esfriando.

— Bem-vindo, meu amigo — disse ele.

— O quê?

— Nada.

— Vou bater um papo com ela — ouvi Gabi dizer. — Uma pena que tenhamos nos conhecido num momento em que minha vida social daqui pra frente se baseará em comprar roupinhas de bebê e ler muito sobre maternidade.

Pensei que qualquer coisa já seria melhor do que ela ficar sozinha em casa, fissurada em *Instagram* e poses para fotos, nada muito produtivo.

Encarei a mesa diante de mim e me servi de algumas frutas, tentando deixar Marina um pouco de lado e focar em outros assuntos. Como meu afilhado, por exemplo. Ou afilhada. Bruno jurava que seria uma menina, mas Gabriela disse que não queria saber o sexo. Então, eles estavam nesse impasse que também me deixaria maluco. Como eu mimaria a criança com os sapatinhos mais lindos do mundo se não soubesse o sexo dela?

— O seu precisa vir logo, Arthur — disse Gabriela com um sorrisinho muito faceiro.

— Meu? Do que você está falando?

— Filho.

Usei o guardanapo e relaxei na cadeira, observando enquanto ela se levantava para se retirar da sala.

— Não tenho tempo para um filho, não no momento. Nem mulher para isso. Portanto, vou mimar bastante o de vocês.

Gabriela revirou os olhos e amarrou os cabelos num rabo de cavalo. Depois curvou-se para beijar Bruno e deu um tapinha no meu ombro.

— Os quarenta chegaram, cuidado para não se arrepender disso no futuro.

Ela pediu licença e se retirou, nos deixando a sós. Enquanto meu sócio terminava de comer, fiquei digerindo as palavras de Gabriela. Eu raramente pensava em filhos

porque não achava que estava me encaminhando para um futuro assim.

— Dependendo da idade da mulher... — Bruno comentou, chamando minha atenção. — Nem todas querem ter filhos ainda tão novas. Seu relógio está marcando o tempo.

Não gostaria de ser mal interpretado, eu amava crianças, mas não conseguia imaginar nenhuma inserida em minha vida. Meu último relacionamento mais longo tinha sido com Renata e esteve bem longe de ser a relação ideal para me levar ao altar ou me fazer querer um herdeiro. E, sinceramente, vinha perdendo cada vez mais a esperança de realmente me apaixonar ao ponto de sentir a necessidade de passar a vida ao lado de uma única pessoa.

— Desembucha. — Bruno estalou os dedos diante do meu nariz e olhei para ele, que tinha cruzado as pernas e sorria para mim. — Por que está aqui a essa hora?

— Dei uma passada no escritório e depois vim para cá.

Ele arqueou as sobrancelhas e se virou na cadeira, tamborilando os dedos na mesa.

— Eu sei que você é muito mais viciado em trabalho do que eu, mas não me lembro de alguma vez em que tenha ido à firma num sábado de manhã.

— Renata apareceu lá em casa ontem — confessei, suspirando, como se precisasse mesmo desabafar sobre aquilo. — Tentei me desvencilhar dela, mas aí ficou inventando umas desculpas e acabou dormindo por lá.

— Porra, Arthur! — Bruno esfregou os cabelos e depois deu um tapa na própria perna. — Já falei, você pode ter qualquer uma daquelas mulheres da *Caixa Preta*, para que vai cair em tentação justamente com o encosto?

— Não dormi com ela, Bruno — consertei o engano e ele pareceu aliviado, pegou a xícara de café para beber. — Fui dormir no quarto da Marina.

Bruno cuspiu o café todo em mim e nele próprio e a merda ainda estava quente. Levantei-me com pressa e puxei o guardanapo para tentar me limpar, enquanto ele fazia o mesmo em sua roupa.

— Puta que pariu! — xingou, empurrando a cadeira para trás e tirando a camisa.

Fiquei sozinho enquanto ele saiu e foi para a cozinha, voltando logo em seguida com uma das empregadas. Enquanto a moça limpava a bagunça na toalha e no chão, Bruno apertou meus ombros e me empurrou para fora da sala.

— Você precisa me preparar para falar coisas impactantes assim, cara.

— Não dormi *com* a Marina, seu paspalho —
consertei, dando um safanão na mão dele quando
chegamos ao jardim dos fundos. — Pelo amor de Deus,
Bruno. O que você pensou?

— Exatamente o que você falou.

— Ela não estava em casa. — Achei que naquele
momento não valia a pena retornar ao assunto do quarto e
explicar que, quando Marina chegou, nós realmente
dividimos a cama. — Resumindo... Acordei no início da
manhã, de pau duro, Renata me flagrou na cozinha,
começou a me chupar e Marina testemunhou tudo.
Inclusive quando gozei. Ela me viu gozar, porra. Estou me
odiando por isso.

Ele me encarou, primeiro com uma expressão de
quem não acreditava no que eu estava contando. Depois,
assobiou e começou a rir, sentando-se numa das cadeiras
de piscina.

— Vou cancelar minha assinatura da TV à cabo
porque sua vida está muito mais interessante — falou,
abaixando a cabeça e gargalhando. Era um bom filho de
uma puta mesmo.

Sentei-me ao lado dele e enterrei o rosto nas mãos,
inconformado com aquela história toda. Acho que não
conseguiria me sentir em paz enquanto não conversasse
com Nina a respeito do que aconteceu.

— Por que você está assim, nesse desespero todo?
— perguntou meu amigo. — Está puto com a Renata, arrependido por ter aproveitado a chupadinha ou porque Marina flagrou?

— Um pouco de cada, eu acho. Mas principalmente pela Nina... Não é o tipo de coisa que eu quero que ela veja...

— Arthur, sério. — Bruno se virou de frente e apoiou a mão no meu ombro. — Desencana. Eu sei que você a vê como uma criança, mas ela não é. Tem dezenove anos, certo? Então, ela é só três anos mais nova do que a Gabi era quando a conheci.

— As situações são diferentes. Você não viu Gabriela nascer. Eu sei que a Marina cresceu, não sou idiota, só é... difícil aceitar. Tenho me esforçado para deixar de lado essa imagem infantil que tenho dela, mas é um processo. Quando ela e Felipe moravam comigo em Botafogo, lá no Rio, a Nina era pequenininha, devia ter uns seis aninhos, muitas vezes era eu quem a levava para o banho, arrumava ela para a escola... Depois que minha avó morreu e viemos para São Paulo, a minha responsabilidade com ela aumentou muito mais. Aquela merda que fiz no dia do jantar, de tentar tapar as pernas dela, depois em casa fiquei pensando em como agi errado, podia ter sido visto como um maníaco. Mas fiz sem

maldade, seria algo que eu faria naturalmente com a Nina de antes, igual quando eu e Felipe brigávamos com ela para sentar direito, quando sentava de perna aberta e mostrava a calcinha.

Respirei fundo e olhei para o céu, cerrando os olhos ao encarar o sol parcialmente encoberto pelas nuvens. Não acreditava que tinha falado aquilo tudo, mas sentia meu peito um pouco menos abafado.

— Sabe como me sinto? Um tarado. Um velho tarado. Porque é impossível ver a garota de biquíni e não olhar a bunda dela e pensar em como é a porra de uma bunda bonita. Passo os meus dias me policiando para não pensar nenhuma merda.

— Eu estranharia sua reação se você achasse feia.
— Lancei um olhar perigoso para Bruno, que ergueu as mãos e sorriu. — Não é o fim do mundo e a menina é linda. Não mais que a minha mulher, óbvio, mas é aceitável que você ache o corpo dela bonito.

Bruno bateu em minhas costas num gesto camarada e eu virei o rosto para ele.

— Para quem está de fora meu sofrimento pode parecer engraçado mesmo — murmurei.

— Não estou me divertindo às suas custas. Não queria estar no seu lugar — disse. — Eu sei do peso de todo esse passado, sei de tudo que o Felipe e a Marina

significam para você, mas a vida não para, Arthur. Vocês dois possuem uma conexão importante e não vão se afastar um do outro. Então é preciso se dar a chance de conhecer a Marina mulher, pare de se cobrar tanto. Você não é o pai dela, não é o irmão dela, não vai pagar nenhuma penitência divina por olhar a bunda da garota. Deixe-a errar e acertar e, meu amigo, você também tem o direito de errar e acertar.

— Alguns erros são irreparáveis — murmurei, com a mente longe. — Porra, nem tenho dormido direito, vivo com medo de cometer um erro, de misturar as coisas. Ando confuso demais. Nas últimas semanas venho me sentindo como um adolescente de novo.

— Que erros, por exemplo?

— Eu a beijei, Bruno — confessei. — Se Marina chegasse em casa e contasse que está envolvida com um homem de quarenta anos eu a sentaria no sofá e falaria tanta coisa, daria tanto sermão, ou independentemente da idade, minha prioridade é protegê-la de qualquer babaca. Lá no Rio de Janeiro, vê-la passar por uma situação grave de abuso fez eu me sentir impotente, mesmo assim, fui grato por estar com ela. Agora, sendo eu... — Levei meu punho fechado à boca e encarei meu amigo. — Se sou eu que cometo esses deslizes, se sou eu o predador dentro de casa, quem ela teria para protegê-la?

Abaixei a cabeça e encarei o piso áspero sob meus pés, enquanto sentia meus olhos arderem, sem querer dar o braço a torcer e mostrar para Bruno que estava chorando.

— É a minha menina, cara — sussurrei com a voz embargada. — Dormi na mesma cama que ela e acordei de pau duro. Tanta merda podia ter acontecido... Marina é impulsiva, eu estava com tesão, ela é virgem... Se eu meter os pés pelas mãos, não vou conseguir me perdoar.

Meu sócio fez aquele barulho irritante de estalar a língua várias vezes enquanto balançava a cabeça e eu pensava se seria falta de respeito dar um soco em seu rosto e jogá-lo dentro da piscina de sua própria casa.

— Normalmente eu pegaria uma bebida para você, mas acho que está mesmo precisando é de água com açúcar.

Observei-o se levantar e me dar um tapa nas costas antes de sumir dentro de casa. Talvez eu precisasse mesmo de algo forte, com vodca de preferência, que tirasse por umas horas os problemas da minha mente.



Passava das nove e Marina não tinha dado sinal de vida até então. Quando saí da casa de Bruno e cheguei na

minha um pouco depois da hora do almoço, não me surpreendi por não encontrá-la. Eu mesmo nem me preocupei em voltar antes porque a conhecia bem demais para saber que fugiria de mim. No entanto, não achei que fosse demorar tanto na rua.

Passei a tarde inteira sentado no sofá, esperando pelo momento em que ela entraria por aquela porta e não teria como passar por mim sem que eu me colocasse em seu caminho. Queria envolvê-la em meus braços, pedir desculpas, saber se estava bem, onde tinha ido, se tinha se alimentado o dia todo.

Por volta das seis da tarde, decidi parar de me torturar e fui me ocupar um pouco lavando a área externa. Depois fui arrumar algumas compras na cozinha e peguei as latinhas de refrigerante que tinha comprado para ela a caminho de casa e coloquei para gelar.

Comecei a preparar um risoto porque sabia que Marina amava camarão e esperei seu retorno para podermos jantar e, quem sabe, eu conseguisse conversar com ela. Mas depois que a comida esfriou, decidi fazer a refeição sozinho e parar de esperar. Ela era maior de idade, eu não podia ficar controlando seus passos, por isso sequer mandei alguma mensagem para não soar como cobrança.

Com o estômago cheio e enjoado, coloquei uma música para tocar, mas minha mente não parava de trabalhar. Deitei-me no sofá e escolhi uma série nova qualquer para tentar me entreter de alguma forma e parar de pensar em Nina.



Capítulo 23

Marina

Toda a minha história com Arthur sempre foi complicada porque era muito difícil rotular as coisas entre nós. O tempo que passei sozinha no Rio de Janeiro me fez olhar tudo por uma nova perspectiva e me possibilitou focar na minha vida, em mim mesma, sem ter que ficar à sombra de qualquer pessoa. Meu coração se curou da paixão que eu nutria por ele há tantos anos e o lugar do príncipe foi ocupado por amigos, por paqueras, por objetivos.

Por algum tempo pude viver sem amarras, sem esperar nada em troca de ninguém. Até que ele retornou à minha vida num dia e no outro eu já estava novamente envolvida. Tentei respeitar ao máximo o passado que a gente tinha, só Deus para saber o quanto me esforcei em não enxergar Arthur do jeito que eu desejava. Mas foi preciso muito pouco para me dar conta de que sentimentos como o que eu nutria por ele não desapareciam simplesmente.

Pensei que pudesse ser coisa da minha cabeça ou apenas fogo no rabo, tesão ou qualquer outro nome que exista para isso. Mas me doeu tanto vê-lo com outra mulher, num momento de total intimidade, como eu nunca teria com ele, que senti os caquinhos que lutei para colar em meu coração, se arrebentarem todos de novo.

Era uma sensação ridícula e que me causava raiva, afinal, que direito eu tinha de chorar por Arthur estar gozando com outra mulher? Eu seria sempre uma criança para ele, a última coisa com a qual se preocuparia seria com meus sentimentos — que por sinal, ele os desconhecia, já que eu mesma fiz questão de dizer que não os possuía mais.

O sentimento de raiva também se misturava à vergonha porque por mais que eu tentasse, não conseguia ter as atitudes mais maduras quando se tratava de Arthur. Já tinha me arrependido da forma como deixei a sala e me tranquei no quarto como uma criança birrenta. Não sabia o que dizer a ele nem queria escutar o que tivesse para me falar, então optei, mais uma vez, por fugir.

Passei boa parte da manhã na cama, de olhos fechados, repassando a cena que nunca sairia da minha cabeça. Ele sem camisa, apoiado no balcão da cozinha, todo másculo e lindo de morrer, sussurrando com aquela voz rouca e grave, olhando para mim com desejo. Morei

sob o mesmo teto que Arthur durante boa parte da minha vida; na infância, da adolescência e agora na vida adulta. E podia dizer com certeza que eu nunca tinha visto uma expressão tão intensa e ao mesmo tempo tão frágil quanto a que vi em seu rosto no momento em que gemeu.

Claro que na minha ignorância total e iludida pela minha ingenuidade, por um milésimo de segundo eu pensei que o príncipe estivesse *me* olhando com desejo. Que estivesse ali com aquela cara porque estava se controlando para não correr e me agarrar. Sei lá em que pensei, sinceramente. Ainda estava com sono, tinha acordado depois de ter um daqueles sonhos de cair de um precipício e ao me segurar nele, segurei foi o colchão vazio. Eu nem me lembrava que a ex dele estava em casa, só me arrastei em direção à única luz acesa do apartamento, imaginando que era lá que ele estava e acertei.

No segundo seguinte em que meu coração acelerou quando ele falou comigo, eu descobri que tudo aquilo que o homem devia estar sentindo era por causa da Renata que o chupava. E nem precisava ver nada, a cena inteira se desenhou na minha cabeça quando ela se levantou com pressa de trás do balcão e deu a volta, com uma mão tapando um olho e o rosto todo sujo daquela meleca branca.

Eu corri logo atrás dela e me tranquei em meu quarto, tomando o cuidado de girar a chave porque sabia que Arthur tentaria abrir minha porta.

Apertei meu travesseiro contra o rosto, cansada de repassar a cena mais uma vez na memória. Meus olhos voltaram a arder pela décima vez naquela manhã e deixei que as lágrimas caíssem sem me preocupar com nada.

Só saí do meu esconderijo depois de entreabrir a porta e me certificar de não haver movimento ou barulhos pelo apartamento. Não demorou muito para constatar que Arthur não estava em casa e tampouco havia vestígios da presença de Renata por ali.

Troquei de roupa, tomei somente um copo de leite e saí sem rumo, só para não precisar estar lá quando ele voltasse. Acabei indo parar no Parque Ibirapuera e caminhei um pouco, resgatando algumas lembranças de quando visitava o local com meu irmão. Ele gostava de fazer exercícios ao ar livre e, de vez em quando nos finais de semana, me levava junto para dar uma volta. Acabei parando numa parte perto do lago e me sentei um pouco, procurando pelo melhor ângulo para gravar alguns *stories* e aproveitar aquela iluminação natural. Coloquei um sorriso forçado no rosto e disfarcei minha tristeza o melhor que pude.

Depois, enquanto eu respondia alguns seguidores, subiu a notificação no meu *direct* de Milena, que tinha começado a me seguir na rede social ontem à noite.

“O que está fazendo sozinha aí? Quer almoçar aqui em casa?”

Sorri e quase dei um beijo na tela do celular porque aquela mensagem chegou numa ótima hora.

“Não vou atrapalhar?”

Aguardei pela resposta dela, ansiosa, torcendo para que dissesse que não.

“Contei para os meus pais que você estava de volta e eles ficaram felizes! Vem pra cá e passa o dia comigo!”

Ela nem precisava pedir duas vezes. Peguei logo minha bolsa, me limpei ao levantar e comecei a olhar na internet as linhas de metrô e a melhor forma de chegar na casa de Milena. Ela morava numa casa em Santana e eu a frequentei muito quando estudávamos juntas, pois seus pais sempre foram muito legais e simpáticos comigo.

Naquele dia, quando cheguei, quase na hora do almoço, me senti momentaneamente envergonhada por não vê-los há tanto tempo e estar invadindo sua casa em pleno sábado. Mas Marcos e Patrícia, como sempre, foram muito gentis e me deixaram à vontade. O almoço era simples, frango assado de padaria, mas estava uma delícia e eu quase me entupi de tanta farofa que comi.

— O que você tem, hein? — Milena me perguntou quando estávamos deitadas em sua cama, largadas, cansadas de tanto comer. Gostaria muito de ir ao banheiro, mas tinha medo que ela me escutasse, então tentava não pensar naquela gordura toda indo para várias partes do meu corpo.

— Como assim? — perguntei, virando o rosto e olhando para ela.

— Pode ser impressão minha, a gente está há tanto tempo afastada, muita coisa mudou. — Ela deu de ombros. — Mas você hoje parece meio desanimada.

Errada Milena não estava, mas eu não sabia que estava deixando transparecer tanto. Sentei-me na cama e dobrei minhas pernas, puxando o travesseiro dela para meu colo e enrolando os dedos na franja da fronha.

— Você já transou? — perguntei, curiosa e também porque não queria falar de Arthur.

Milena me lançou um olhar diferente que eu não entendi e deu um sorriso grande.

— Sim e não — respondeu.

— E que merda isso significa? Ou você já deu ou não deu.

Milena riu e se sentou na cama. Ela pegou o controle da televisão que estava embolado no lençol e ligou o aparelho num canal bem aleatório.

— Eu já transei — confessou, mordendo o lábio. — Com mulheres. Com homens, ainda não.

Senti como se alguém tivesse me dado uma raquetada na cabeça e devo ter parecido uma idiota enquanto a encarava. Até que saí do transe e perguntei, infelizmente sem muito tato:

— Você é homossexual?

— Sou bi — respondeu e piscou para mim.

— Uau! Digo, uau!

— É recente, na época que a gente andava junto, eu ainda não me conhecia direito — disse ela e, pela primeira vez na vida, Milena parecia tímida. — Até que me apaixonei por uma garota que entrou no nosso colégio uns dois meses depois que você foi embora. E isso me confundiu muito, porque era estranho demais gostar de ambos os sexos.

— E vocês ficaram juntas?

Milena negou e desviou o olhar. Ela engatinhou pela cama até se deitar mais perto de mim e encarou o teto.

— Ela era hetero e quando eu contei o que sentia, espalhou para o colégio inteiro.

— Que vaca! — Se passasse na minha frente, eu já estava pronta para arrancar os cílios dela. — O que você fez?

— Entrei em depressão — respondeu. — Meus pais precisaram me tirar de lá porque passei a sofrer muito *bullying* e até me colocaram na terapia, que por sinal, faço até hoje. Claro que neguei o quanto pude que gostava de garotas, mas acho que eles aceitaram mais rápido que eu mesma.

— Eles são maravilhosos!

— Sim. — Ela sorriu e revirou os olhos. — E esse foi todo o drama que vivi enquanto você balançava a raba em terras cariocas.

— Eu sou apaixonada pelo Arthur — confessei, assim, sem mais nem menos, e quis bater na minha cara assim que terminei de falar.

Milena riu, puxou o travesseiro que eu segurava e o jogou em cima de mim antes de me dar um tapa na perna.

— Qual a porra da novidade? — perguntou. — Eu escuto isso desde que estava, sei lá, no útero da minha mãe.

— É novidade, sim. Eu deixei de gostar dele por um tempo...

— Nina, faça-me o favor.

— O quê?

Milena se sentou de frente para mim e estreitou os olhos.

— Você dizia que iria se casar com o príncipe quando crescesse. — Ela franziu os lábios. — Era óbvio que não o esqueceria tão fácil.

Aquela conversa me desanimou um pouco porque parecia que estava bem claro e só eu não enxergava. E isso tudo sendo verdade, eu não sabia como fazer para mudar a situação. Estava claro que Arthur não possuía o menor interesse em me tratar como ele trataria alguém que não enxergasse como a irmã mais nova. Cheguei a achar que as coisas fossem mudar depois do beijo, mas então veio o balde de água fria.

— Vamos esquecer Arthur por hoje. Me conte o que você fez de bom pelo Rio além de se tornar famosa no *Instagram*?

Sorri, pensando que mesmo com todos os problemas, eu me diverti o quanto pude. Estava para contar algumas de minhas aventuras para Milena, quando encarei o *notebook* dela fechado sobre a mesa de cabeceira e senti um estalo em mim.

— O que acha de pesquisarmos sobre um lugar que aparentemente não existe? — perguntei, mudando o assunto. — Preciso descobrir sobre um clube ou boate chamado *Caixa Preta*. Podemos usar seu computador?

— Que nome estranho...

Milena puxou o aparelho eletrônico para o colo e o ligou, enquanto eu contava para ela sobre as coisas que descobri através de Miguel, o *barman* que conheci. Ela ficou animada com nossa tentativa de sermos detetives, porém, era tudo um mistério. Não havia um único perfil em nenhuma rede social, nem fotos do lugar, nem site... Ou não sabíamos procurar ou ele não deixava rastros virtuais.

— Por que você não liga para esse rapaz e pede o endereço? — perguntou minha amiga. — Não foi ele mesmo quem contou sobre o lugar?

— Sim, mas ele pensa que eu me interessei porque sou dançarina. — Franzi a testa, enjoada. — Seja lá o que ser dançarina num lugar assim possa significar. Acho que é só uma forma educada de se referir a garotas de programa.

— Eu só acho que se você está tão curiosa e quer tanto descobrir o que há por trás disso, não custa mentir um pouco. Por que não finge que tem interesse no emprego e vai até lá ver o que rola?

— Porque o lugar é do Arthur, amiga — respondi, segurando o rosto dela. — Como eu vou chegar lá e dar de

cara com ele?

— Eu sei disso, mas ele tem um outro trabalho. Você não precisa ir quando ele estiver lá.

Milena pegou meu celular que estava solto sobre a cama e o ofereceu para mim.

— Não sei...

— Ligue para ele — insisti. — Ah, vai! No mínimo, a gente mata a curiosidade e isso vira uma boa história no futuro.

Ela deu um sorriso igual ao de quando a gente sabe que vai fazer alguma coisa errada, mas faz mesmo assim. E eu encarei meu celular, deslizei o dedo pela agenda de contatos até parar no nome Miguel. Tinha convicção que era uma pessoa que cometia algumas loucuras, que metia os pés pelas mãos, mas será que aquilo não era demais?

— Se eu for nesse lugar, você vai comigo? — perguntei, porque estava um pouco insegura.

— Claro!

Então toquei no ícone do telefone, coloquei no viva-voz e deixei que a ligação fosse feita, até que um homem atendeu, provavelmente Miguel.

— *Fala.*

Senti vontade de desligar, mas Milena segurou minha mão.

— Hm. Oi. Miguel?

— *Sim, quem é?* — perguntou e parecia um pouco sonolento.

— Meu nome é Marina — falei, quase gaguejando. — Não sei se você vai lembrar de mim, a gente se conheceu ontem e...

— *Eu lembro, morena* — ele me interrompeu logo, o tom de voz mudou para um timbre mais sexy. — *Impossível esquecer esse rosto, esse corpo...*

Milena gritou sem som e fez movimentos de quem pagava boquete, bem na minha frente, me fazendo revirar os olhos.

— Espero que esteja mesmo falando de mim. — Ri e dei um tapa na minha amiga, que agora fazia movimentos de sexo. — Tudo bem? Desculpe ter ligado, não tenho certeza se podia mesmo, mas é que fiquei com aquele lance da *Caixa Preta* na cabeça.

— *Lembro de tudo, gata. Tô um pouco devagar porque acabei de acordar, mas vou fazer o seguinte. Vou ligar pra Francine e falar diretamente com ela, descolar um teste pra você, ok? Te dou uma resposta assim que possível.*

— Não quero dar trabalho nem arranjar problema pra você...

— *Não vai, Francine é gente boa. Além do mais, não posso negar que estou interessado em vê-la de novo.*

Milena já estava de pé e fazendo dancinhas da vitória enquanto eu a encarava com raiva. Eu tinha mesmo que ter arranjado alguém mais doida que eu?

— *Ainda está aí?* — Miguel perguntou e percebi que estava calada há muito tempo.

— Ah, sim. Desculpa — pigarreei e fechei os olhos sem acreditar naquilo. — Tudo bem, pode falar com Francine, eu agradeço muito.

— *Me dou por satisfeito em receber um beijo gostoso como agradecimento* — disse ele. — *Que tal esta noite?*

Abri a boca e congelei, sem saber o que responder. Milena estava irradiando felicidade e me deu um tapa na perna para que eu voltasse a raciocinar.

— *Marina?*

— Hoje... Hoje é sábado. Você não disse que trabalha?

— *Trabalho sim, lá na Caixa Preta. Mas posso faltar, depois me viro.* — Ouvi barulhos ao fundo, parecia que Miguel estava mexendo na cozinha. — *Olha só, que tal eu dar um jeito aqui em casa e você vir pra cá? É bem simples, mas eu sou completo.*

Ele devia estar muito louco se achava mesmo que eu aceitaria um convite para ir até sua casa, que eu nem sabia onde era. Ficar com um homem na *night* era uma coisa, me

enfiar dentro da casa dele era outra completamente diferente.

Mas quando eu ia negar e inventar uma bela desculpa para recusar o convite, Milena arrancou o celular da minha mão e correu pelo quarto.

— Oi, Miguel, aqui é a Milena, amiga da Nina. Ela vai sim, passe o endereço por mensagem. Tchau!

Fiquei chocada ao ver que a maluca encerrou a ligação e jogou meu aparelho sobre a cama.

— O que você fez?

— Dei uma ajuda ao destino, só isso — respondeu com as mãos na cintura. — De que forma você acha que vai esquecer o quarentão do Arthur se não começar a dar uma chance para outros homens?

— Eu pretendia dar chance ao Miguel, sua doida. Mas não me oferecendo pra ele em sua própria casa.

Milena se sentou na beira da cama e riu.

— Qual o problema em ser a casa dele? É melhor do que na rua.

— Porque ele vai pensar que estou indo para transar.

Eu já achava muita loucura insistir no plano de ir até a Caixa Preta fingindo querer um emprego, mas isso era muito pior. Nunca tinha pisado na casa de nenhum garoto e Miguel estava longe de ser exatamente um garoto.

— Ok, eu não o levei muito a sério antes, mas esse rapaz deve ser gostoso! — Milena piscou. — Já vejo você tendo altos orgasmos com ele.

Joguei-me de costas na cama, mas apoiei meu corpo nos cotovelos e levantei a cabeça para olhar a doida, que estava agora diante do espelho e de costas para mim, observando seus peitos.

— Quem disse que vou perder minha virgindade com ele?

— Quem falou em virgindade, meu bem? — Ela revirou os olhos e me olhou pelo espelho, colocando a língua para fora e a remexendo de um jeito pervertido. — Há muitas formas de se gozar, querida. E um homem que sabe usar a língua — coisa que muitos não sabem —, é um homem a ser exaltado. Mudando de assunto, você acha que eu preciso de silicone?

Milena era muito linda com aquele estilo loira princesinha com um corpo bastante proporcional. Lembrava até o meu próprio corpo antes da minha transformação de academia e cirurgia plástica.

— Eu não sei, amiga — respondi, encolhendo os ombros. — Quem tem que saber isso é você. Meus peitos não eram minúsculos, mas tinha muita vontade de ter peitão e por isso coloquei.

— Nunca tive vontade, mas os seus estão maravilhosos, fiquei com inveja. A cicatriz é discreta?

— Acho que isso vai depender do cirurgião, do método escolhido e do seu organismo.

Eu me sentei na cama e tirei minha camisa junto com o sutiã, erguendo um pouco um dos seios para mostrar a linha fina e quase invisível, lindamente discreta. Milena se sentou de frente para mim e observou a região, franzindo os lábios e balançando a cabeça.

— Legal — disse e ficou vermelha. — Ficou bem... legal. Pena que não adianta colocar esses peitos e não ter um corpo igual.

Sorri e recoloquei o sutiã, enquanto ela se virava e começava a zapear os canais da televisão, assobiando uma música.



Queria estar tão animada quanto minha amiga, mas enquanto me olhava no espelho do quarto dela, não consegui sentir a mesma empolgação. Tinha saído mais cedo de casa com um *jeans* e um *cropped*, tudo muito básico, nada propício para um encontro. Como eu não podia voltar lá para me arrumar de verdade, acabei

aceitando a maquiagem de Milena para melhorar um pouco o visual.

O uso do corretivo foi essencial, porque além do choro daquela manhã, eu também chorei um pouco no quarto dela, contando o que tinha acontecido na casa de Arthur e o motivo para eu ter fugido de lá.

— Você não precisa de esforço, né? — disse ela, sentada na cama enquanto eu passava batom. — Queria ter essa pele...

— Você é linda — falei, deixando o batom na mesinha e me virando de frente. — Você é gatíssima, para com isso. Tô com dor de barriga.

Ela gargalhou e acabei rindo junto, jogando-me na cadeira de sua penteadeira e acalmando meu coração. Tinha que sair no máximo em quinze minutos para chegar no endereço de Miguel no horário combinado com ele.

— Tem certeza que não estou fazendo besteira em ir lá? — perguntei, nervosa. — Você já fez isso antes?

— Já passei a noite na casa de outra mulher. Não de nenhum homem, mas esse é diferente, não é? Se ele trabalha nesse lugar aí em que Arthur é dono, não seria louco de fazer...

— Milena, ele não sabe que eu conheço o Arthur.

Acho que ela tinha se esquecido desse pequeno detalhe porque vi quando a informação a causou surpresa.

— É isso, vou cancelar — peguei meu celular do bolso do *jeans* e ela estalou os dedos diante do meu rosto.

— Não faz isso, Nina. — Milena jogou os braços para o alto e os abriu no ar, sorrindo. — Vai se divertir, eu hein! Queria estar no seu lugar e ter um *boy* muito gostoso me convidando pra casa dele, mas não tenho e vou passar a noite de sábado ouvindo música no quarto.

— Eu só tenho medo que ele seja um maníaco.

— Não parece ser, mas se for, dá um chute nas bolas ou enfia um dedo no olho.

Eu ri daquela idiotice, mas por dentro, sentia um frio no estômago. Ainda bem lembrava em detalhes do que tinha acontecido na minha festa de aniversário e em como me senti apavorada enquanto esperava Arthur me resgatar de dentro do banheiro.

Milena ainda passou os dois minutos seguintes me animando e incentivando, até que tomei coragem e saí da casa dela em direção ao metrô.



Capítulo 24

Marina

Pelo endereço dado, Miguel morava a menos de dez minutos a pé da estação de metrô e assim que eu subi as escadas para sair na rua, meus pés travaram. Fiz o caminho até ali pensando se era mesmo uma boa ideia ir à casa dele, um homem que eu mal conhecia, com quem pouco falei. A única pessoa que sabia onde eu estaria era a Milena e eu não achava que ela passaria a noite preocupada comigo.

Peguei meu celular e liguei o aparelho, esperando que carregasse todas as notificações. Tinha desligado quando saí da casa da loira e logo descobri que Arthur já tinha feito mais de dez ligações que eu não atendi. Também me mandou algumas mensagens que eu não me dei ao trabalho de ler. Ignorando tudo isso, digitei uma mensagem rápida:

“Acho que vou ter que recusar o convite e deixar pra outro dia. Pode ser?”

Enviei para Miguel, guardei o aparelho e desci novamente para dentro da estação. Não cheguei a dar mais que uns dez passos até que meu telefone começou a tocar e eu atendi, vendo seu nome no visor.

— Onde você está, morena?

— Tô na rua, mas preciso ir pra casa — respondi, já arrependida de ter atendido.

— Não faz isso, venha pra cá — pediu Miguel com uma voz sexy. — Poxa, deixei de ir trabalhar pra receber você.

— Não sei... — Olhei na direção da catraca e parei, indecisa. — Não quer me encontrar em algum bar?

Ouvi uma risada suave ao fundo.

— Morena, você tá com medo de vir aqui, por acaso? Olha, eu moro num lugar tão zoadado que se você gritar muito alto todos os meus vizinhos vão ouvir, então, qualquer merda que eu fizesse, teríamos várias testemunhas.

Acabei rindo e me encostando a uma parede, observando as pessoas que iam e vinham com suas próprias divagações. Eram quase dez da noite, eu podia ir e ficar um pouco lá, talvez não fosse uma ideia tão ruim.

— Eu tô chegando, mas aviso que tenho um *spray* de pimenta na bolsa — menti, voltando a subir as escadas.

— *Ok, mas da próxima vez não revele seu segredo para ninguém.*

Revirei os olhos e desliguei, pegando novamente o endereço dele para me guiar. Meu coração estava quase saindo pela boca e minhas mãos ficavam cada vez mais geladas conforme me aproximava do conjunto habitacional onde Miguel morava. Era bem grande, com mais de dez blocos e muitos apartamentos, sem portaria ou segurança alguma.

Andei entre as ruas procurando pelo bloco dele, número sete, e entrei no momento em que uma moradora saía. Não tinha elevador e o apartamento ficava no quarto andar, então subi sem pressa as escadas com corrimão de ferro enferrujado.

Senti um cheiro de comida sendo feita, entranhada em todo o andar dele, bem coisa típica de prédios. Só mesmo onde Arthur morava é que não parecia ter mais nenhum ser humano habitando o mesmo lugar. Não se escutava barulho nem odores, visto que era um apartamento por andar.

Respirei fundo, ajeitei o cabelo e toquei a campainha estridente do 708. A porta foi aberta em poucos segundos e um Miguel de cueca me recebeu sorridente.

— Morena! — Ele segurou minha cintura e me puxou para dentro do apartamento antes que eu conseguisse piscar. — Que bom que veio!

Nem tive tempo de digerir a visão do corpo inteiro dele tão exposto, pois minha boca foi atacada e me desequilibrei, sentindo minhas costas contra a porta que acabara de ser fechada. Toquei em seus ombros enquanto me devorava com a língua e quando procurei por um pouco de ar, ele me soltou.

— Bem-vinda ao meu humilde apê — disse, sem se abalar.

— Hm. Oi.

— Não acredito que ia me deixar sozinho... — Ele segurou minha mão e roçou os dedos entre os meus. — Estava cogitando ir atrás de você.

Então Miguel se afastou e se virou de costas, caminhando na minha frente e me dando a visão de uma bunda bem bonita. Era o que aparentava, pela cueca.

— Quer beber alguma coisa? Tenho cerveja, vodca e água.

Fui atrás dele e o segui até o balcão da cozinha, onde abriu a geladeira e tirou uma garrafa de cerveja lá de dentro.

— Pode ser água — falei, só para não perder muito o controle das coisas. — Para ser sincera, fiquei receosa de

vir e você achar que só vim... para transar.

Observei Miguel tirar uma garrafa de vidro com água e encher um copo, sem esboçar nenhuma reação surpreendente.

— E não veio? — perguntou de forma muito casual, devolvendo a garrafa para a geladeira e se virando para me entregar a água. — O que você quer que role hoje?

Puxei o ar sem pressa, para ganhar tempo, sem acreditar no quanto ele tinha talento para ser direto e sincero. Era assim que os homens agiam, afinal? Se fosse, eu não sabia mesmo como agir numa situação como aquela, minhas mãos estavam cada vez mais geladas e eu sentia vontade de correr para o banheiro e me esconder.

— Eu... — Passei a língua pelos lábios secos e peguei o copo que ele me oferecia. — Então, eu nunca estive na casa de ninguém. Não... Não vim com uma ideia específica em mente.

— Estou tirando sua virgindade? — brincou ele, sem saber em como estava próximo da verdade. — Para tudo há uma primeira vez, Marina. Sem pressão, o que acontecer está bom.

Ele segurou minha mão e me puxou para fora dali, levando-me para o outro lado do balcão, onde ficava o restante do apartamento. Era um daqueles lugares tipo *quitinete*, onde a sala também era o quarto. Só havia

mesmo uma cama e o móvel da televisão, além da porta que imaginei ser do banheiro.

— Aqui é tudo simples como eu falei, mas podemos sentar e conversar um pouco, quero que se sinta à vontade. — Ele se sentou na beira da cama e me puxou para seu lado. — Tem certeza que não quer beber?

— Absoluta — respondi, tensa, meus ombros até estavam doloridos. — Ainda preciso voltar sozinha pra casa.

— Ou pode dormir aqui — Miguel rebateu, sorrindo todo cheio de más intenções.

— De jeito nenhum. — Ri ao imaginar Arthur indo parar na emergência de algum hospital caso eu não voltasse para casa.

— Por que não? — O *barman* brincou com meus dedos. — Não falo isso só para transar, de verdade. Mesmo que não aconteça nada, não sou babaca de mandar você embora de madrugada.

Assenti para deixar claro que o problema não era ele, mas eu realmente não pretendia passar a noite fora de casa. Ainda não me sentia pronta para dormir com um homem, não naquele sentido. Era diferente de dormir com Arthur que eu conhecia minha vida toda e, mesmo assim, na última noite eu me senti extremamente constrangida com ele na minha cama.

Respirei fundo e fechei os olhos quando Miguel se inclinou e beijou meu rosto, roçando o nariz em minha pele, alcançando meu pescoço e me fazendo arrepiar. Sua mão tocou minha cintura e me apertou, os dedos subiram até meu *cropped* e o senti tocar a lateral do meu seio.

— Relaxa, ok? — ele sussurrou em meu ouvido. — Não vai acontecer nada que você não queira.

Seus lábios desceram pelo meu pescoço e deixaram um caminho úmido em meu ombro, enquanto seus dedos começaram a roçar a costura da minha roupa até que tocaram meus seios por cima do sutiã. Ele me olhou e me beijou na boca, atacando meus mamilos e tentando livrá-los da minha *lingerie*.

Estava sentindo meu corpo esquentar, principalmente a região entre minhas pernas, mas também estava nervosa. Eu não tinha tantas experiências como aquela e o mais longe que fui com preliminares mais intensas tinha sido com o casal de amigos meus. Sem saber o que fazer, toquei os braços fortes de Miguel, sentindo seus músculos, até que ele pegou minha mão e a levou até seu pau.

Duro. Tipo, realmente duro. Tive medo de tremer com os dedos e ele perceber minha falha, mas alisei o pênis por cima da cueca, sentindo minha calcinha começar a molhar.

— Você é uma delícia — disse ele, me empurrando para trás e deitando em cima de mim. — Quero beijar todo

o seu corpo. Quero chupar você até gozar.

Realmente muito direto. Sendo assim, segurei a cabeça dele e o obriguei a me olhar.

— Preciso contar uma coisa, não me odeie. —
Fechei os olhos por uns segundos e quando os abri, ele continuava esperando. — Eu sou virgem.

A primeira reação dele foi rir, provavelmente achando que eu estava brincando. Quando percebeu que eu não acompanhei sua risada, Miguel franziu a testa, passando a mão pelo meu corpo.

— Isso é sério?

— Muito — confirmei.

Ele ainda me encarou por alguns segundos e depois se levantou e sentou na cama. Eu fiz o mesmo, esperando pelo momento em que Miguel me expulsaria de sua casa.

— Bom, óbvio que não vou forçá-la a transar. — Vi quando ajeitou a cueca que parecia pequena demais para sua ereção. — Mas se quiser me dar o prazer de ser o primeiro, garanto que será inesquecível. Tenho experiência com primeiras vezes.

— Por isso eu tive medo que você pensasse que vim aqui exclusivamente para transar.

— Não tem problema, morena. — Ele me deu um selinho e se levantou, tornando ainda mais difícil não reparar no pênis em alto relevo. — Vamos pedir uma

pizza? Assim você se solta mais, fica à vontade e depois a gente faz umas gracinhas.

O *barman* bonito demais piscou para mim enquanto caminhava até o balcão da cozinha e pegava seu celular. Impossível não aproveitar a oportunidade para observar bem o corpo muito sarado, cheio de músculos e tatuagens. Estava um pouco tensa sim por ter acabado de chegar, porém, queria muito conseguir relaxar e curtir um pouco a companhia dele.



Não sei quem inventou a ideia de que encher a barriga e dar amassos logo em seguida era algo inteligente a fazer, mas tinha raiva dessa pessoa. Sempre havia um primeiro idiota para todas as ideias ruins: o primeiro a formar fila no cinema, o primeiro a ultrapassar pelo acostamento, o primeiro a fechar um cruzamento. Com certeza, algum babaca há séculos e séculos pensou “*ei, que refeição bacana, agora vamos para a cama transar bastante enquanto estou com o estômago estufado*”.

Muito bem, não sabia se tinha acontecido exatamente dessa forma, mas me sentia exatamente assim, estufada. E isso porque só tinha comido duas fatias

finas, mesmo que Miguel tivesse tentado me empurrar mais uma à força.

Estava me encarando no espelho do banheiro, frustrada por não poder vomitar, pois não tinha colocado minha escova de dente na mochila e sabia que iríamos nos beijar em alguns minutos. Também não tinha intimidade para usar a dele como fiz com Arthur, então, respirei fundo, lavei as mãos e abri a porta.

— Estou me sentindo uma baleia — resmunguei, sentando-me na cama e tentando encolher a barriga. — Devíamos ter pedido salada.

Miguel mordeu meu ombro e beijou minha pele, deslizando os lábios pelo meu braço e me arrepiando.

— Deliciosa. Gostosa. Maravilhosa.

— Gorda.

— Linda — falou, me olhando e sorrindo.

Ele me beijou, puxando meu lábio e enfiando sua língua em minha boca, passeando as mãos pelo meu corpo e subindo os dedos por dentro do meu *cropped*. Senti que começava a puxar a peça para cima e acabei deixando que a tirasse de uma vez. Gostei que ele não parou para ficar me avaliando, apenas continuou os beijos e começou a alisar meu sutiã.

— Desculpa se eu parecer um pouco lerda... — pedi, com vergonha ao sentir seus beijos em meus peitos. —

Não faço muito isso.

Miguel não respondeu, apenas abocanhou um dos meus seios por cima do sutiã mesmo e ergueu os olhos para mim enquanto mordiscava meu mamilo. Minha bacurinha se acendeu e passei a mão pelos seus cabelos, sentindo meu coração acelerar conforme ele me chupava mais. Seus dedos alcançaram minhas costas e ele abriu a peça, puxando as alças pelos meus ombros e me livrando do sutiã.

Ofeguei, tensa, mas o *barman* avançou em mim e me deitou na cama, subindo em meu corpo e soltando seu peso. Sua boca tomou o outro peito que ainda não tinha sido lambido e ele se esfregou em mim.

Fechei os olhos, atordoada, nervosa, com medo de não saber até onde ir. Queria aproveitar, mas tinha receio de me arrepender depois, de não ter esperado mais. Estava pensando nisso quando a boca de Miguel largou meu mamilo e trilhou um caminho pela minha barriga até o botão do meu *jeans*.

Apoiei-me nos cotovelos e levantei a cabeça, observando seus dedos trabalharem ali e o abrirem, depois puxarem o *zíper*.

— Não sei... — murmurei.

— Eu paro a hora que você quiser — disse ele, puxando minha calça. — Prometo. Mas também prometo

que você vai gostar. Posso chupar sua boceta?

Não sei o que fiz primeiro, se foi arregalar os olhos a ponto de quase saltarem das minhas pequenas órbitas ou me jogar de uma vez no colchão e pedir para o mundo acabar. Como a pessoa conseguia ser tão direta daquele jeito? Eu levaria dois anos para perguntar se ele queria que eu o chupasse. O que por sinal, ainda não tinha decidido.

— Morena, morena... — Miguel terminou de tirar minha calça e me deixou apenas com a calcinha, que infelizmente, nem de renda era. Não saí de casa pensando que acabaria na cama de um homem. — Não achei que fosse tímida.

— Eu não sou!

— Está parecendo. — Sorriu, ajoelhando ao redor das minhas pernas. — Mas vou fazer perder essa vergonha rapidinho.

O homem abaixou e beijou minha barriga, fazendo cócegas por onde a boca deslizava e começando a me beijar sobre a calcinha. Fechei os olhos e senti os dentes roçarem pelo tecido, até que ela foi rapidamente arrancada. Era agora, era a hora. Tinha motivos para estar nervosa, somente duas pessoas tinham enfiado a cabeça ali entre minhas pernas até hoje e as duas estavam num relacionamento sério. Senti muitas coisas ao mesmo

tempo, lábios, língua... Miguel às vezes parecia afastar o rosto para voltar com intensidade.

— Que boceta linda, morena. Você é toda deliciosa.

Será que ele estava falando só para me agradar? Não tinha certeza se minha xoxota era bonita, eu já me olhei no espelho de perna aberta uma vez para me avaliar e tinha certeza que um dos lábios internos era maior que o outro. Nos vídeos que assistia, as mulheres eram perfeitas, totalmente simétricas.

Engoli em seco e fechei os olhos, tentando me desconectar e não ficar pensando muito naquilo. Foquei apenas no que estava sentindo, na sensação gostosa em meu clitóris e no fato de ter um cara muito gato comigo na cama. Não era Arthur, mas Arthur nunca seria mesmo, apenas nos meus sonhos.

Já o Miguel, esse me lambia com vontade, como se eu fosse a sobremesa da noite e eu me contorcia sobre o lençol, esperando pela melhor parte. Ele se ajoelhou em determinado momento e se sentou, puxando a cueca para baixo e revelando o pênis duro. Respirei aliviada ao ver que era bem mais bonito que o primeiro ao qual fui apresentada. Aquela pele que parecia sobrar no outro, estava esticada e revelando a ponta redonda e avermelhada que brilhava para mim.

— Venha cá, Marina — pediu ao se deitar de barriga para cima e eu gelei. — Quero chupar essa boceta enquanto você mama no meu pau.

— Não quero sentar no seu rosto...

— Deixe de vergonha, morena. — Miguel me puxou pela cintura e me colou em seu corpo, beijando minha boca com pressa. — É gostoso, vamos fazer isso.

— Eu só fiz sexo oral uma vez e não fiz muito bem — confessei, com medo de ele se decepcionar.

Miguel sorriu como o safado que era e segurou o pênis, alisando-o enquanto me encarava.

— Só coloque a boca e eu faço o resto.

Não podia negar que estava excitada, minha vagina piscava conforme eu o observava se tocar. Ao mesmo tempo, estava nervosa, não me sentia à vontade. A curiosidade acabou vencendo a batalha e eu me vi sentando em cima do *barman* antes que ele me achasse uma retardada, com o rosto virado para suas pernas, sentindo suas mãos em minha bunda.

— Gostosa! — Ele me deu um tapa. — Rebola essa boceta na minha cara!

A piroca bateu na minha testa quando estremeci ao sentir sua língua me tocando e me segurei em suas coxas, atônita. Era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Me chupa, Marina.

Engoli em seco e envolvi meus dedos no pênis ereto, rezando para não mordê-lo sem querer. Não senti nenhum gosto ruim quando o coloquei na boca, mas também não dava para dizer que era delicioso como Miguel falava sobre chupar minha boceta.

Ele começou a mover os quadris na direção do meu rosto num movimento de vai e vem, mas procurei cooperar para não me sentir tanto como uma boneca inflável. Tentava apertar meus lábios ao redor do seu comprimento, mas tudo era muito difícil porque eu não conseguia me concentrar direito devido ao que acontecia entre minhas pernas.

Será que a linha de metrô que eu precisava pegar funcionava até tão tarde? Suspirei, sem saber se meu retorno para casa seria complicado.

Enquanto eu divagava, Miguel me lambeu e me chupou muito. O tempo todo. E em determinado momento eu já estava cansada e me sentia sensível demais, o orgasmo não parecia chegar nunca. Era como se ele não conseguisse acessar um lugar em mim que nem eu mesma sabia qual era, mas pensando bem, tinha quase certeza de que Arthur descobrira de olhos fechados. Com o príncipe seria...

Interrompi meus devaneios quando Miguel nos mudou de posição e se ajoelhou diante do meu rosto, senti

vontade de perguntar se acontecia muito das mulheres não gozarem daquele jeito.

— Vai tomar meu leitinho? — perguntou, alisando meu cabelo enquanto se masturbava e batia a cabeça do pau na minha boca.

Eu devia concordar? Algumas amigas sempre comentavam sobre o assunto, mas parecia ser uma questão de gosto pessoal e os homens adoravam quando elas engoliam.

— Vou gozar pra você, morena — sussurrou e enfiou o pênis em minha boca. — Isso, chupa...

Apoiei-me com as mãos nos quadris dele e tentei agradar com um boquete um tanto descoordenado, mas quando os jatos quentes tocaram minha língua e escorreram pela minha garganta, precisei controlar a ânsia de vômito.

— Ah, Marina... Isso, engole tudo... — Ele tocou meu rosto e eu me afastei, desesperada. — Que delícia, hein...

Miguel caiu sentado e se jogou nos travesseiros, visivelmente extasiado. Eu estava lutando com a bile que ia e voltava quando me levantei, sorrindo para ele, e corri para o banheiro.

Tranquei a porta e abri a torneira, querendo vomitar, mas sem conseguir. Decidi que o melhor era tirar aquele gosto de mim e procurei pela pasta de dente, mas não

encontrei. Enchi então a mão de sabonete líquido e enfiei dentro da boca, esfregando minha língua e bochechando com água.

Olhei-me no espelho, a cara da derrota. Reflexo de quem estava de putaria na cama e tinha chupado muita rola, obviamente. Toda despenteada, suada e com o rímel do olho esquerdo borrado. Fiz um xixi rápido, dei uma lavadinha no chuveirinho do *box* para o caso de Miguel querer lambar de novo e coloquei um sorriso no rosto.

— Tudo bem? — perguntou ele ao me ver sair do banheiro.

— Ótimo!

Aumentei o sorriso ao engatinhar pela cama até o homem sarado todo esparramado no colchão. Fiquei um pouco surpresa ao perceber que o pênis dele estava quase todo duro de novo e eu mal tinha demorado dentro do banheiro.

— Você deve estar me achando idiota — falei, tapando o rosto. — Desculpa ter saído correndo...

— Foi cuspir?

Olhei para ele, em choque, sem saber o que dizer. Deveria contar a verdade?

Miguel riu e me puxou pelo pulso, me derrubou sobre seu corpo e beijou minha boca. Então riu de novo e me encarou.

— Erva doce igual ao meu sabonete. — Quis sair da cama e me jogar pela janela, mas ele piscou para mim. — Tudo bem, não tem problema, morena. Mas para uma próxima vez, não precisa engolir se não gosta.

— Eu não sabia se gostava...

— Fui seu primeiro? — perguntou, parecia empolgadíssimo com a revelação e eu apenas encolhi os ombros. — Uau, que legal. Fico lisonjeado.

Senti suas mãos descerem pelas minhas costas e chegarem até minha bunda, apertando minha carne enquanto me olhava com desejo. Levei um susto quando se virou e montou em mim, deixando sua ereção roçar em minhas coxas.

— Você não gozou.

— Não... — Acho que eu estava mais preocupada com a hora.

— Temos que mudar isso — disse ele, mordendo meu lábio. — Acha que rola a primeira vez hoje?

Minha garganta travou para responder e pensei logo que não tinha esperado tanto tempo para transar com alguém que não estava me causando borboletas no estômago. Quero dizer, o Miguel era um gato, gostoso e parecia legal, eu não descartava a possibilidade de ficar com ele de novo e transar em algum momento, mas

naquela noite específica eu não me sentia tão confortável para isso.

— Acho... Acho que não... — murmurei, em dúvida.
— Desculpa, não sei.

Não nego que gostaria muito de não ser mais virgem, de já possuir um monte de experiência e esfregar tudo na cara de Arthur, mas ao mesmo tempo, a insegurança era grande demais. Por que eu estava pensando em Arthur?

— Ok, não vou insistir. — Ele me deu um selinho e sorriu. — Talvez só a cabecinha? Se você achar que dói muito, eu tiro.

O que aquilo significava? Enquanto eu pensava, sua mão desceu pela minha virilha e me tocou no clitóris, deslizando até mais um pouco abaixo e fazendo movimentos onde meu lacre ficava. Não era de ferro, senti que estava piscando, excitada, mas me retraí quando o dedo avançou um pouco.

— Sabe que o hímen é só uma membrana, não é? — perguntou ele. — A parte ruim mesmo é só ele, que é o que impede a entrada... Se esse for o seu medo, posso abrir o caminho com os dedos, morena.

— Co-como assim? Mas vou deixar de ser virgem.

— Só na teoria. — Ele me beijou de novo e afastou a mão da minha vagina. — Mas você pode experimentar um pouco do que é a penetração. A gente rompe seu hímen

hoje com meus dedos, fodo você bem gostoso com eles, vai gozar e dormir relaxada... Da próxima vez, não hoje, posso esperar, aí a gente vai pro jogo de verdade.

O *barman* fazia parecer algo tão simples, só uma membrana, como dizia. E eu achava que era algo tão complexo, tão forte. Tão... Engoli em seco, apreensiva.

— Está se guardando para alguém? — perguntou ele, deitando-se ao meu lado e roçando o nariz em meu rosto. — Se sim, então o assunto está encerrado.

Fechei os olhos e Arthur veio em minha cabeça, sempre ele. Nunca o imaginei realmente como o homem para quem eu estava me guardando, até porque era inalcançável. Porém, sempre que eu pensava em sexo, tinha em mente que a pessoa perfeita para aquele momento seria ele.

Mesmo fechados, meus olhos arderam e comecei a lacrimejar. Será que inconscientemente eu esperava que um dia Arthur me desse alguma chance? Eu não podia ser tão idiota assim. Engoli o choro e abri os olhos, mas não encarei Miguel com medo que ele visse minhas lágrimas.

— Quero sentir como é... — murmurei, procurando pela mão dele. — Mas... devagar...

Ele beijou meu rosto e se inclinou sobre mim, beijando minha boca com calma, com mais delicadeza do que desde que cheguei em seu apartamento. Sua língua

tocou a minha enquanto sua mão passeava pela minha barriga e descia até minha boceta.

— A hora que quiser, eu paro — prometeu, olhando-me nos olhos. — Certo?

Assenti e senti meus lábios tremerem de nervosismo. Minhas expectativas estavam altas quando ele começou a estimular meu clitóris e voltei a sentir o calor preencher meu corpo. Miguel desceu a boca sobre um dos meus seios e me alisava, explorava as curvas dos meus lábios internos e me fazia gemer.

Quando senti sua presença mais abaixo, seu dedo me tocando no ponto proibido, prendi a respiração. Ele forçou aquele local sem deixar de brincar com meu clitóris e afastei mais as minhas pernas. A pressão se tornou maior e gritei quando senti dor, cravei minhas unhas no braço dele e grudei uma coxa na outra.

— Não é bom — gemi, sentindo arder. — Para um pouco.

Prendi mais um gemido causado por uma dorzinha muito latejante, até que ele puxou a mão e seus dedos saíram sujos de sangue. Fiquei momentaneamente em choque ao ver aquilo, tendo a confirmação de ter de fato perdido a virgindade e minha angústia cresceu.

— É incômodo no início, mas com o tempo, fica bom — disse Miguel, me beijando na boca e voltando os dedos

para meu clitóris. — Tente relaxar, morena.

— Não...

Puxei as pernas e me sentei na cama, querendo ir embora. Ele claramente ficou desconcertado com minha reação e também se sentou, limpando a mão suja no lençol e olhando para mim.

— O que houve?

— Desculpa, mas acho que fiz besteira. — Inclinei-me e beijei sua boca antes de me arrastar para levantar. — Não tô pronta pra isso.

— Calma aí, Marina. — Ele me alcançou enquanto eu catava minha roupa do chão, tentando não demonstrar tanto o meu arrependimento. — Se você não quer, vamos nos vestir e esquecer isso, mas não precisa ir embora. Fique.

— Não posso.

Vesti minha calcinha e sutiã, ansiosa para sair da casa dele e poder pensar um pouco no que tinha acontecido. Miguel colocou novamente a cueca com pressa e começou a andar pelo espaço até abrir o pequeno guarda-roupas de duas portas.

— Então me deixe levá-la para casa. Eu tenho moto.

— Não precisa — respondi, porque não podia correr o risco de Arthur me ver chegando com ele. — Sério, tenho que ir.

Terminei de abotoar minha calça e passar o *cropped* pela cabeça quando Miguel segurou meu rosto e me obrigou a encará-lo.

— Fiz merda? — perguntou, com a testa franzida. — Não devia ter sugerido...

— Eu que sou complicada. Sério. Devia ter esperado mais.

Dei um selinho nele, conferi se meu celular estava no bolso e peguei minha mochila, jogando-a no ombro e alcançando a porta do apartamento. Olhei para ele, esperando que abrisse para mim e Miguel fez isso muito a contragosto.

— Posso procurá-la amanhã ou vai me ignorar?

— Não tô com raiva de você não — falei, sendo sincera, pois estava com raiva de mim. — Pode me ligar.

Não fiquei enrolando muito mais e fui embora dali, tomando logo as escadas e descendo todos os andares com pressa. Antes de deixar o prédio, precisei ligar o celular e conferir o horário, levando um susto ao perceber que já era quase uma da manhã. De forma alguma eu teria coragem de pegar o metrô sozinha, então pedi um *Uber* e esperei por uns dez minutos a chegada dele.

— Boa noite — o motorista murmurou para mim quando entrei, mas não devolvi o cumprimento.

Tudo que fiz foi sentar no banco traseiro, fixar meus olhos no encosto da frente e ser tragada por um furacão de emoções. O fundo do poço me recebeu de bom grado.



Capítulo 25

Arthur

Sabia que Bruno tinha boas intenções e o fato de não parar de tagarelar sobre seus cantores sertanejos favoritos era para que eu me distraísse, mas não conseguia desligar a mente. Tinha ligado para meu amigo depois das onze horas, comentado com ele que não tive notícias de Marina até então e estava um pouco desesperado. Uma resposta, era tudo que eu queria.

Depois que jantei e cochilei no sofá enquanto esperava por ela, acordei um pouco preocupado por não ter voltado ainda. Passava das dez da noite quando desisti de dar espaço e comecei a mandar mensagens. Sem respostas, passei a ligar para seu telefone, mas só caía na caixa postal.

Liguei para Bruno quando já era quase meia-noite, esperando que ele pudesse clarear minha mente, me dar alguma ideia de como poderia conseguir contato com Marina. Ele correu até minha casa porque alegou que eu

não tinha mais idade para infartar sozinho, mas sabia que também se preocupava com ela.

— E vou levar você no próximo *show* — comentou sem que eu entendesse do que falava. — Ouviu, Arthur?

— Sim. — Segurei seu braço. — E se ela foi assaltada? Ligue para seus contatos na polícia, Bruno.

— Amigo, ela tem dezenove anos. Com certeza está aprontando alguma merda por aí, mas está viva. Olha, são uma e cinco da manhã, se até duas horas a Marina não aparecer, eu faço umas ligações, ok?

Abaixei a cabeça e respirei fundo, sentindo minha nuca latejar. Eu não era hipertenso, portanto, aquilo provavelmente era uma dor de cabeça das brabas e já tinha tomado remédio há alguns minutos.

O celular de Bruno tocou com a notificação de uma mensagem e vi que era Gabi querendo ser atualizada de alguma novidade. Enquanto ele digitava a resposta para a esposa, ouvi o barulho do trinco da porta. Coloquei-me de pé assim que ela se abriu e Marina entrou, vestindo um *jeans* simples e uma blusinha rosa. Não parecia a roupa que ela usaria para ir dançar.

— Obrigado — falei, tocando o ombro de Bruno que também estava em pé ao meu lado. — Preciso que vá embora.

Tive que dispensar meu amigo sem muita demora quando Marina percebeu a nossa presença na sala e me encarou. Alguma coisa tinha acontecido, ela não estava bem e não conseguiu me esconder aquele detalhe, por mais que tivesse murmurado um “boa noite” tímido e entrado com pressa no corredor que levava aos quartos.

— Ligue se precisar de algo — Bruno avisou ao nos abraçarmos. — E Arthur, não pressione muito.

— Não vou.

Meu sócio e amigo saiu da minha casa e eu permaneci no mesmo lugar, pensando no que fazer. Não queria mesmo pressionar Marina para que me desse satisfação de alguma coisa, já estava tranquilo por tê-la de volta em casa e, principalmente, inteira. Tinha noção de que a mágoa de hoje cedo não fora simplesmente embora em poucas horas e por isso, gostaria de dar espaço a ela.

Mas e aquela expressão? Ela não conseguiu disfarçar a tristeza refletida em seus olhos. Sua postura corporal fragilizada, os ombros caídos ao fechar a porta da minha casa. Entrei na cozinha enquanto digeriria esse momento e pensei se deveria esquentar o risoto, mas ouvi um barulho forte e corri até o quarto de Marina.

Sua porta estava fechada, então bati com força e a chamei:

— Nina? Está tudo bem?

Não recebi nenhuma resposta, respirei fundo, procurando me acalmar porque de nada adiantaria se me estressasse.

— Marina — chamei de novo e girei a maçaneta.

Ela não tinha trancado a porta e eu a abri com cuidado, temendo encontrá-la trocando de roupa ou coisa pior. Não havia sinal de Marina por ali, o que indicava que devia estar no banheiro.

— Marina! — gritei, estava nervoso porque não sabia que barulho tinha sido aquele. Parecia coisa se quebrando e pensei em inúmeras possibilidades, mas a pior de todas era encontrá-la ensanguentada. — Eu vou entrar nesse banheiro se você não me responder!

Silêncio total e, então, quase imperceptível, um soluço. A angústia me atingiu em cheio e entrei de vez naquela merda, pisando a passos enormes para chegar o quanto antes e parar na porta. O barulho que eu tinha ouvido era o de um espelho redondo que ficava sobre a bancada da pia, desse tipo que se usa para maquiagem, e ele tinha caído e rachado.

Mas o que me deixou impactado foi ver meu unicórnio sentado no chão, com as costas apoiadas no vidro do *box*. Ela usava apenas um conjunto simples de calcinha e sutiã, bem de menina, de algodão, e estava sentada do jeito que sempre ficava, com as pernas

dobradas igual Buda. Os ombros caídos e os olhos vermelhos me desgraçaram por completo.

— O que foi? — perguntei, ajoelhando-me diante dela e segurando seu rosto. — Nina, o que aconteceu?

Homem é um bicho ruim que possui todos os sentidos muito afiados, principalmente os que servem para a putaria. A gente sente cheiro de sexo de longe e a excitação de uma mulher nunca passa despercebida. Portanto, foram necessários poucos segundos naquela posição, tão próximo de Marina com as pernas abertas, para ser arrebatado pelo odor que a cercava.

Estremeci e me desequilibrei ao me dar conta de que ela esteve com alguém. O cheiro mais forte vinha de sua calcinha branca claramente manchada pela lubrificação que secou em algum momento, mas que ficou impregnada no tecido.

Levantei aos tropeços enquanto Marina continuava em transe e me virei de costas, apoiando os braços na pia e abrindo a torneira. Joguei bastante água no rosto para esfriar minha cabeça e vi minhas mãos tremerem. Cerrei os punhos e fechei os olhos, concentrando-me apenas em respirar. Quando me olhei no espelho, encarei o reflexo de um homem de quarenta anos que devia ser uma rocha para momentos como esse. Marina ainda estava sentada no chão, chorando.

— Você não precisa me contar onde esteve, com quem esteve, nem o que fez — falei ao me virar de novo e me agachar perto dela. — Não me deve este tipo de satisfação, você é dona do seu nariz. Só quero saber se está chorando por estar machucada. Se há alguma coisa que eu possa fazer por você.

Nina abaixou a cabeça e ficou mexendo nas unhas sem falar nada, me causando uma ansiedade desgraçada.

— Só... fiz besteira. — Fungou. — Queria ter mãe agora...

Ah, porra! Levantei e olhei em volta me dando tempo para pensar. O que eu poderia fazer? Não era mãe e muito menos mulher. Podia ligar para Gabriela, se não estivéssemos no meio da madrugada. Já bastava ter arrastado Bruno para esse drama todo.

— Bem, podemos... — Engoli em seco ao voltar meus olhos para ela, tão frágil. — Você pode procurar a Gabi para conversar amanhã. Tenho certeza que ela vai gostar de receber uma ligação sua.

Marina se levantou sem muito jeito e passou as mãos no rosto molhado, erguendo os olhos para mim. Quando seus lábios tremeram, abri a porra dos meus braços por saber o que ela queria. Seu corpo se chocou contra o meu e a envolvi com cuidado, deixando que colocasse para fora o que precisava.

— Não sei o que aconteceu, meu amor, mas só posso dizer que amanhã é um novo dia e tudo vai ficar bem.

— Perdi a virgindade — ela murmurou abafado, com o rosto pressionado contra meu peito.

Fechei os olhos ao descobrir que minha suspeitas estavam certas. Toquei sua cabeça enquanto sofria uma dilaceração dentro do peito, uma sensação indescritível de impotência.

— Tudo bem — sussurrei, buscando o controle da minha voz. — Se foi algo que você quis, tudo bem.

Marina ergueu o rosto para mim, fechando os olhos e fazendo uma careta dolorida de choro, as lágrimas escorrendo pelo rosto bonito.

— Eu queria com você...

Senti o ar faltar em meus pulmões com aquela pedrada que não vi chegar e nem percebi que Nina escapava do meu abraço. Eu me vi sozinho e de pernas bambas no banheiro, precisei me agachar contra a parede e segurar a cabeça que pesava uma tonelada. Sentia-me culpado por não ter tido mais tempo de preparar Marina para uma situação como aquela, apesar de termos conversado uma vez, de eu ter dito que nem sempre era bom.

Tentava não pensar no que ela tinha acabado de me dizer. Não me faria bem. Primeiro porque era absurda a ideia de um dia transar com ela e segundo... ela era a minha menina. Meu lado irracional queria fazer parte de todos os tipos de primeiras vezes. Foi impossível não visualizar uma Marina na cama, sorridente, com aquela carinha de tímida, depois que eu a ensinasse a fazer sexo. Mais contraditório, impossível.

Tapei minha boca e apertei o nariz com os indicadores, sentindo a pressão nos olhos, na testa, na nuca. Deixei que algumas lágrimas se soltassem, mas respirei fundo e me levantei. Saí do banheiro e a encontrei deitada de bruços e coberta até o pescoço.

— Nina... — Puxei o edredom e toquei sua cabeça de leve. — Anjo, você precisa tomar um banho. Depois, vamos conversar. Se quiser.

— Depois. Agora vou só ficar quieta um pouco...

Sentei-me na beira do colchão e fiz um carinho em seu braço, sentindo-a estremecer.

— Tome um banho quente, vista algo confortável e venha dormir comigo. Eu sou melhor que o travesseiro.

— Ainda tô com raiva de você.

Sorri, enxugando meus olhos e respirando fundo.

— Não esperaria menos que isso — respondi com dificuldade, pois o nó na garganta chegava a doer. — Vou

preparar uma coisa para você na cozinha, se quando eu voltar você ainda estiver deitada, vou levá-la à força para o banho e vai ter que ficar pelada na minha frente.

Minha ameaça surtiu o efeito desejado, pois Marina resmungou um palavrão e se sentou na cama. Dei um beijo em sua cabeça e saí do quarto, sentindo meus joelhos fracos e com medo de cair a qualquer momento. Quando entrei na cozinha, antes de fazer o que pretendia, debrucei-me sobre o balcão e respirei devagar, contando até dez.

Estava sentindo tanta coisa e o nó na minha garganta não se dissipava, mas precisava empurrar para o lado os meus problemas e cuidar de Marina aquela noite. Era uma merda não saber exatamente com o que eu estava lidando, se tinha se arrependido de transar, se tinha achado ruim, se estava machucada. Porém, não ia pressioná-la por enquanto, ela estava fragilizada demais. E acho que eu também, inclusive. Depois que ela revelou ainda ser virgem, eu fiquei tranquilo e pensei que sua primeira vez não aconteceria tão cedo já que Marina parecia tão decidida. Ouvir sua confissão no banheiro me deixou tão atordoado que percebi estar fazendo tudo no automático.

Por isso, tentei sair um pouco do transe e pensar direito. Abri a geladeira e peguei a caixa de leite, depois retirei a lata de *Nescau* novinha de dentro do armário. Eu nem lembrava a última vez que tinha tomado achocolatado,

mas Nina era viciada naquela porra quando era mais nova e eu torci para que ainda fosse. Queria oferecer algo para acalmá-la um pouco e sabia que no estado de nervos em que estava, não conseguiria comer nada.

Deixei o leite bem escuro do jeito que gostava e levei o copo para meu quarto. Puxei o lençol e o edredom ao preparar a cama para deitarmos e peguei mais um travesseiro no *closet* para deixar dois somente para Marina. Troquei de roupa e vesti um pijama de *short* e camiseta, me olhando no espelho, até que percebi o quanto era ridículo estar me avaliando para dormir. Francamente.

Quando saí para o corredor e passei na porta de Marina, que tinha esquecido aberta, flagrei a menina sentada na cama, vestida apenas com uma camisa branca.

— Tomou banho? — perguntei, entrando e me aproximando, já sentindo o cheiro do sabonete. — Vem, Nina, vamos dormir.

Segurei sua mão e a puxei para que se levantasse, e quando ficou de pé suspendeu a blusa rapidamente para me mostrar que estava de calcinha.

— Tô sem *short* ainda.

— Não tem problema — respondi, abraçando-a pela cintura e beijando sua cabeça enquanto a tirava dali. — Não estou de olho na sua bunda.

— Claro que não — resmungou, chorosa.

— Claro que não *mesmo*. Você inteira é muito mais importante que um pedaço de carne.

— A não ser que seja a bunda da Renata.

Ela ia entrar no assunto que eu estava tentando evitar para não chateá-la ainda mais, só que precisava me defender. Quando chegamos em meu quarto, sentei Marina na cama e entreguei o copo de Nescau, que ela encarou surpresa.

— O que aconteceu na cozinha com a Renata não é o que você pensa.

— Não quero falar sobre isso — sussurrou, tomando um gole da bebida. — Senti vergonha por ter atrapalhado.

— E é por isso que tentei tanto falar com você, Uni. Não deveria ter nada para você atrapalhar porque não era algo que devia ter acontecido. — Ajoelhei-me diante dela e toquei seus joelhos. — Quero só explicar que por mais que eu sempre deixe claro que tenho uma vida íntima, eu nunca traria uma mulher para casa e teria relações com ela em qualquer lugar que não fosse meu quarto, trancado a sete chaves. Não a desrespeitaria de propósito. Muito menos com Renata, por quem não sinto mais nada. Ela me surpreendeu na cozinha num momento em que eu estava passando por uma ereção.

Seus olhos voltaram a lacrimejar e me arrependi de ter dito tudo aquilo. Não sabia o que fazer.

— Lembra o que eu contei lá no hotel no Rio? — perguntou e a primeira lágrima caiu. — Sobre o que eu sentia?

— Eu sei, Nina. Você é apaixonada por mim. — Ela arregalou os olhos. — Você não sabe mentir ou eu a leio bem demais. Mas soube que não estava sendo sincera sobre o lance de ter superado, desde a noite em que me contou.

— Não acredito que você ficou se fazendo esse tempo todo de desentendido — choramingou e, bem, ela realmente abriu as comportas que seguravam as lágrimas.

Usou a mão livre para enxugar o rosto e achei melhor eu mesmo segurar o copo antes que deixasse cair em seus pés.

— Não me fiz de desentendido, mas você queria que eu jogasse isso na sua cara? — Toquei seus olhos para secá-los. — Optei por dar espaço e liberdade a você, já que me disse aquelas coisas no hotel. Não achei que fosse querer abordar esse assunto.

— Me trouxe pra São Paulo por pena? — ela perguntou ao levantar o rosto com os lábios trêmulos.

— Não, Marina. Nem há motivos para você cogitar isso.

— E no ofurô? Foi pena?

A intensidade da mágoa que vi dentro dos olhos dela atingiu meu coração em socos. Era difícil acreditar que uma pessoa tão especial possuía uma autoestima tão frágil.

Segurei firme o seu rosto em minhas mãos e a fiz me encarar.

— Pare de se considerar digna de pena — pedi. — Pare, Nina. Por que faz isso consigo mesma?

Ela desviou os olhos na direção do chão já que não larguei seu rosto nem deixei que se afastasse. Seus braços caíram soltos ao lado do corpo, sem muita reação, e eu a puxei para um abraço, levantando-a da cama.

— Se eu beijei você naquela noite foi porque senti vontade. Não sou nenhum babaca para agir por pena. Posso não ter sido muito claro ou dito o que você não gostaria de ouvir no dia seguinte, mas quis beijar a sua boca.

Ela tentou se soltar e eu deixei, observei-a recuar e se sentar na cama alta, os pés sem tocar no chão e a camisa cobrindo suas coxas morenas. Seus ombros tremeram e ela tapou o rosto com o choro que saiu mais uma vez.

— Eu não queria sentir isso — balbuciou. — Desculpa. Sei que é um erro meu...

Aproximei-me da cama, querendo chorar ao presenciar a angústia dela. Sentei-me ao seu lado e puxei suas mãos, apertando-as contra as minhas.

— Amo você, Nina. Sabe disso, nunca vou julgá-la por nada. Muito menos por isso, porque não controlamos nossos sentimentos, meu anjo.

— Eu nunca vou ser correspondida, né? — perguntou depois de fungar e levantar os olhos para mim.

Encarei seus dedos finos presos aos meus, as unhas pintadas de esmalte rosa, e os levei aos lábios.

— Para ser extremamente sincero, meus sentimentos estão muito confusos. É um pouco mais complicado para mim. Às vezes, quando olho para você, vejo aquela menininha banguela correndo pela casa com um arco de unicórnio na cabeça. Outras vezes vejo uma linda mulher que me deixa sem fôlego.

Acabei soltando dela e foi minha vez de tapar o rosto, massagear meus olhos pesados, tensos, ardidos. Rezava por clareza para lidar com essa situação, desde o instante em que a olhei naquele quarto de hotel e percebi que estava mentindo, que nunca tinha deixado de gostar de mim. Achei que quando chegasse o momento de ter essa conversa, eu estaria pronto para argumentar de forma que ela entendesse e ficasse bem. No entanto, aqui estava eu, com um nó na garganta que aumentava cada vez mais.

Ela me encarou mais uma vez com os olhos tão vermelhos e já inchados e engatinhou pela cama, com a calcinha amarela de fora, enfiando-se dentro da coberta e virando de costas para mim. Apaguei as luzes do teto e deixei a luminária do meu lado da cama acesa, indo me deitar perto de Nina.

De lado, apoiei meu braço direito sobre o travesseiro e o esquerdo usei para alcançar a cintura dela. Puxei seu corpo de encontro ao meu e beijei seus cabelos.

— Nunca deixe de se abrir comigo — pedi, acariciando seu braço.

— Tô triste pelo que fiz hoje — murmurou. — Foi tudo tão estranho. Eu fui muito idiota, se arrependimento matasse... Ou não, acho que nem tenho direito de me arrepender.

— Ah, gatinha, você é tão nova ainda. Vai passar por vários arrependimentos, faz parte da vida. Agora já foi, não agrega em nada ficar se culpando, se foi ruim, substituí a essa lembrança por outra boa. Sei que virgindade é uma coisa muito importante, principalmente para a mulher, mas não use esse acontecimento como a base de seus próximos passos.

— Eu sei, mas tô me achando muito burra. Esperei tanto tempo pra fazer quando sentisse algo a mais, e na verdade não senti foi nada, foi tudo horrível.

Meu lado possessivo queria muito que ela me detalhasse o que significava aquele “tudo” ao qual se referia. Mas graças a Deus, quem estava mandando no tom da conversa era meu lado racional.

— Foi com seu consentimento? — perguntei com medo de ouvir a resposta, mas ela assentiu e me deixou um pouco aliviado. — Vocês usaram camisinha?

Marina se virou de barriga para cima e me encarou com surpresa, abrindo e fechando a boca. Ela soltou uma risadinha nervosa e fechou os olhos.

— Não foi preciso.

Eu era muito controlado e tentava administrar aquela conversa da forma mais delicada possível para não traumatizar Marina ainda mais, só que não era de ferro. Ouvir aquilo fez a raiva ferver meu sangue e precisei trincar os dentes.

— Quem foi o filho da puta que disse isso para você? — questionei, querendo matar o desgraçado. Para tudo havia um limite.

— Ele não... Não teve... Não... — Marina pressionou os lábios e desviou os olhos dos meus. — Ele tirou minha virgindade com o dedo.

Ouvi a frase e dei *replay* mentalmente para ter certeza de que tinha entendido certo, enquanto a vontade

de rir e soltar fogos de artifícios me consumia. Era sério aquilo que tinha escutado?

— Com o dedo? — perguntei só para me certificar.

— Uhum. Ou dois.

Meu rosto me traiu e deixou escapar o meu sorriso, portanto, recebi uma careta de Marina, que estreitou os olhos e me deu um tapa forte no peito.

— Qual a graça?

— Não houve penetração?

— Eu vou ter que desenhar? — perguntou ela, quase rosnando e se virando de costas de novo. — Não quero mais conversar.

Inclinei-me sobre o cotovelo e beijei seu rosto, puxando-o para mim e beijando sua testa.

— Sua boba, você é meio virgem ainda.

— Eu vi o sangue...

— Do hímen rompido, tudo bem. Mas você não teve a experiência em si, Nina. — Tirei alguns cabelos de seu rosto e sorri. — Na teoria você pode não ser mais virgem, eu entendo, mas pense que a parte mais importante dessa sua... particularidade, ainda está intacta. Não rolou penetração.

— Rolaram dedos — murmurou e uma onda de ciúme me atingiu em cheio. — E doeu.

Foi a minha vez de me jogar no travesseiro e encarar o teto, levando uma mão ao rosto e massageando minhas têmporas. Havia um misto de sentimentos borbulhando dentro mim naquele instante. Um pouco de felicidade e alívio porque sim, era apenas a porra de um hímen, o maior simbolismo daquele pedacinho de pele era o sangramento e mesmo assim nem toda mulher sangrava. O ato em si, a experiência verdadeira, Marina não tinha vivenciado, ela ainda podia ter sua primeira vez da forma como achasse melhor.

Inspirei, fechando um pouco os olhos e tentando meditar, pois também havia a raiva que eu não conseguia afastar de mim. Raiva pelo filho da puta que fez isso, babaca, com certeza quis dar umas dedadas com a intenção da garota ceder depois para a transa. Não era uma tática incomum, mas era ridícula. Só estive com uma menina virgem uma vez, quando ainda era adolescente, e me lembrava perfeitamente em como ela estava tensa e insegura naquele momento.

Senti Marina se arrastar no colchão e sua mão veio parar em meu peito. Virei o rosto para ver o que a danada pretendia e a encontrei de olhos fechados. Estava de bruços com a cabeça encostada em meu braço e os lábios levemente afastados. Sua respiração mais tranquila me fez perceber que tinha caído no sono e me contorci com

cuidado para poder puxar a ponta do cobertor e cobrir seu corpo. Eu raramente passava uma noite inteira sem me mexer, mas pretendia ir trabalhar com o corpo todo dolorido somente para não tirá-la de meus braços.



Despertei com aquela sensação de estar sendo observado e ao abrir os olhos, flagrei Marina me encarando. Ela os fechou rapidamente e eu preendi a risada porque disfarçava muito mal. Sem me mexer muito, estiquei o braço para pegar meu celular e vi que eram quase cinco horas da manhã.

Levantei com cuidado, mesmo sabendo que ela estava muito bem acordada e fui ao banheiro urinar. Quando voltei, Nina estava esparramada tomando conta do seu espaço e do meu.

— Devo me deitar em cima de você? — sussurrei, subindo na cama e encarando a bunda de fora que eu descobri quando me levantei. — Sei que está acordada, Marina Leão.

Sem conseguir me controlar, dei um tapa naquelas nádegas que a calcinha não cobria direito e ela arregalou os olhos num segundo.

— Príncipe!

— Não resisti — confessei, flexionando os braços para dar um beijo naquela bochecha vermelha. — Deixe-me deitar em meu lugar — pedi, puxando uma de suas pernas e a jogando para o lado. — Anda, Marina, quero aproveitar mais umas horas de sono.

Ela se arrastou como gata manhosa pela cama e eu tomei meu espaço, afofando o travesseiro sob minha cabeça e puxando o cobertor, pois o ar estava ligado. Foi minha vez de me deitar de bruços e virei o rosto para ela, que tinha voltado a me observar.

— Eu sou apaixonada por você.

— Sei disso, meu anjo.

— Só tô falando em voz alta porque ainda é estranho admitir isso — murmurou, virando-se de lado. — É muito errado gostar de alguém que quando eu tiver quarenta anos já terá entrado na terceira idade, não é?

— Bastante — respondi, rindo de sua provocação. — Mas eu espero que de alguma forma você ainda faça parte da minha vida, pois quando eu chegar aos oitenta, vou precisar de alguém para trocar minhas fraldas.

— Aham, o bonitão de dois metros de altura que trabalha no asilo onde eu internarei você, vai ajudar a trocar.

— Ótimo saber disso com antecedência. — Pisquei. — Talvez eu comece a me interessar pelo sexo masculino,

para pode aproveitar meus últimos dias de vida com um pouco de prazer.

Ela soltou uma gargalhada histérica e fez barulho de porquinho, tapando a boca. Meu coração se aqueceu por vê-la realmente se divertir depois de uma noite tão tensa e cheia de lágrimas.

— O que mais desejo é que você seja feliz, seja realizada pessoal e profissionalmente. Que ame e seja amada.

— Achei que ali no ofurô você sentisse alguma coisa — murmurou muito baixo e respirou fundo. — Vou superar você, príncipe. Prometo.

— Não é só questão de sentir, Nina. Um beijo entre nós tem um peso muito maior para mim do que para você. Há coisas... — sorri, deslizando meu dedo pela sobrancelha grossa — que eu não consigo me ver fazendo.

— Me beijar de língua, por exemplo?

Ri de forma descontrolada e me virei de barriga para cima, me sentindo um idiota por ser surpreendido por uma menina.

— Ai, Marina... — murmurei, com as mãos na cabeça. — Sua espontaneidade me complica a vida. Sim, um beijo de língua desencadeia outras situações.

Tateei até encontrar sua mão e a trouxe até meus lábios, beijando sua palma com delicadeza e a apoiando

em meu peito. Virei meu rosto e a encontrei de olhos fechados, então quase desisti de falar, achando que ela tivesse pegado no sono, mas de repente os cílios tremeram e as gotas de chocolate voltaram a me encarar.

— Meus sentimentos são muito fortes, Nina — confessei, apertando seus dedos. — Conviver com você, agora crescida, não tem sido fácil, porque eu sou homem e cresci condicionado a ter determinados pensamentos que não gostaria. Também tento evitar ao máximo ser machista com você.

— Mas se existe alguém que faz jus ao apelido de príncipe, esse alguém é justamente você. Se fosse um babaca idiota seria muito mais fácil superar a paixão...

— Ah, é? — Franzi a testa e ela sorriu. — O que acha que devo começar a fazer para ajudar nessa missão?

— Não falar coisas muito bonitas é um começo — disse ela, prendendo o lábio com os dentes e rindo. — Não ficar desfilando sem camisa pela casa...

— Então temos um problema aqui com as camisas? — perguntei, voltando a me virar de lado para ela e erguendo minha sobrancelha. — E você acha que gosto de ver a senhorita mostrando a calcinha ou os peitos?

— É diferente! — Ela me deu um tapinha.

— É mesmo? Justifique a sua resposta.

Ela fez um beicinho tão bonitinho que precisei me controlar para não beijar. Que merda... Talvez fosse o momento de levantar e ir tomar um banho.

— Eu sou descontrolada e vivo fazendo besteira, posso agarrar você a qualquer momento. — Nina puxou a mão que eu ainda segurava e tapou o rosto. — Não acredito que perdi a vergonha na cara e estou falando essas coisas.

— E não foi exatamente isso que eu fiz no ofurô? Agarrei você? — perguntei e ela me olhou, me avaliando.

Marina encolheu os ombros e desviou os olhos.

— Mas eu gostei... — sussurrou. — Você geralmente não gosta do que faço. É mais fácil quando um dos dois não se afeta pelo outro como é o seu caso e está bem longe de ser o meu.

— Por que você acha que eu não me afeto?

Recebi um olhar atento e quase pude ver uma centelha de esperança nele, mas Marina logo revirou os olhos.

— No ofurô eu estava toda me desmanchando e quase infartando e a sua trombeta nem se animou.

Prendi a respiração e a encarei com atenção, absorvendo as palavras dela.

— A minha trombeta? — Ao falar, não consegui mais contar o riso. — Foi isso mesmo que você disse?

— Vai cagar no mato! — Marina me bateu e virou de costas para mim. — Odeio você, príncipe.

Apoiei-me num cotovelo e levantei o tronco, fazendo cócegas na cintura dela até que se virasse de novo de frente só com o intuito de me dar um soco na cara. Que foi justamente o que tentou fazer, mas o punho fechado acertou minha barriga e não causou nenhum estrago.

— Nina, que desgraça! — falei, rindo da expressão dela. — Você precisa urgentemente aprender palavras novas.

— Me deixa! Pau, caralho, cacete, piru, rola, pica, piroca... Pronto, tá bom? Sei todas essas palavras, só fico com vergonha de usá-las na sua frente.

— Só “pênis” basta, anjo.

— Pênis é bem brega, me sinto com dez anos em 1880.

Gargalhei e desisti de mudar seu vocabulário tão controverso. Esse nem devia ser o foco da conversa e eu já tinha quase deixado passar o que ela acabou dizendo em relação a nós dois no ofurô. E tinha razão, não fiquei de pau duro em momento algum, mas porque me controlei o bastante para isso. Não era de ferro, o corpo dela era lindo, e aquele jeitinho de ser sensual sem querer, acaba mexendo com o imaginário masculino. Se eu tivesse aprofundado aquele beijo, se deixasse a situação

desenrolar um pouco mais, sabia que não conseguiria manter o controle por muito tempo. Essa foi uma das razões que me levaram a acalmar Marina e apenas apreciar a noite com ela.

— Eu não quero que pense besteiras sobre você mesma. Gostaria que fosse mais confiante — falei, ainda apoiado no cotovelo, e coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Você é uma gata, já até chamei você daquela palavra que tanto gosta de ouvir.

— Qual era mesmo?

Ri e balancei a cabeça.

— Não vou cair nessa. O que quero dizer é que eu sei me controlar muito bem e soube administrar aquela situação. Mas eu me afeto, é claro. Se não me afetasse não a beijaria.

— Você por acaso *tá* afetado agora?

— Não. — Sorri e apertei o nariz dela. — Nem comece com isso.

— Nem um pouco? Nem se eu prometer que não vou acordar depois e sair pra comprar meu anel de noivado?

Marina ia me colocar num hospício porque não era fácil lidar com suas oscilações de humor, pois ela saía do “odeio você” para “sou tarada” em questões de meros minutos. Aproximei o rosto e beijei sua testa, decidindo que

era hora de fugir daquele papo, mas a filha da mãe passou uma perna por cima de mim e montou em meu colo.

— Nunca subi em cima de um homem — murmurou, rindo e revirando os olhos. — Quer dizer, não posso mais dizer isso depois do que fiz algumas horas atrás.

— Está vendo como é impulsiva? Estávamos levando uma conversa bacana, adulta... — Suspirei, fechando os olhos porque a camisa era branca e o tecido fino demais, seus mamilos estavam duros bem na minha cara. — Se eu arrancá-la daqui, você vai se magoar.

Provocadora da pior espécie, o unicórnio se deitou em cima de mim e apoiou os braços ao redor da minha cabeça, dando aquele sorriso que eu conhecia bem de quem sabe que está fazendo merda.

— Tem certeza que quer me tirar daqui? — Ela aproximou a boca de minha orelha e senti o arrepio dominar meu corpo ao roçar em minha pele.

Reagi exatamente como Marina esperava e como eu evitava esse tempo todo. Meti a mão em seus cabelos e puxei sua cabeça sem delicadeza, dando impulso e me virando por cima dela, grudando suas costas no colchão e afastando suas pernas finas com meu joelho direito. Afrouxei meus dedos em sua nuca apenas para escorregá-los pelo pescoço fino e parar minha mão na altura do seu esterno, passando meu polegar de uma ponta à outra.

Nos encaramos por alguns segundos, ela com tanta expectativa que eu não conseguiria recuar e partir mais uma vez aquele coração. Rocei a ponta do meu nariz no dela, sentindo seus dedos apertarem meus braços.

— O que você quer de mim? — indaguei, sentindo sua respiração ofegante.

— Um beijo — ela respondeu depois de passar a língua pelo lábio e prendê-lo com os dentes.

— Só isso?

Encolheu os ombros e me deu seu sorriso bobo.

— Também quero me casar e ter três filhos, mas podemos ir com calma.

Abaixei a cabeça para rir daquela coragem toda em ser tão sincera e quando subi o rosto, toquei seu queixo com meus lábios. Marina parou de rir e seus dedos se tensionaram de encontro à minha pele conforme a ponta da minha língua trilhava um caminho curto até seu lábio inferior. Deslizei-a de um lado ao outro antes de capturar sua boca inteira e a beijar de uma vez.

Difícil, era a palavra certa para minha situação. Porque Marina era tão impressionante e impactante. Um simples beijo, tão bobo, conseguia me arrepiar por inteiro ao sentir como eu me encaixava tão bem ali e como a sentia entregue.

Suguei seus lábios antes de enfiar minha língua à procura da dela, enquanto soltava aos poucos meu peso sobre seu corpo delicado. Marina quase me enforcou ao envolver meu pescoço com os braços e me beijou de volta, afoita demais. Precisei segurar sua cabeça e ditar o ritmo, pois preferia os beijos longos e sensuais, daquele tipo que faz pensar que está fazendo sexo com as línguas.

Gostava de dar beijos profundos e intensos, que tinham o objetivo de molhar o tecido da calcinha o suficiente para que eu sentisse ao passar a mão por cima e preparar a mulher para o melhor orgasmo da vida dela, quando meus lábios descessem por sua barriga e parassem em sua boceta encharcada, que eu chuparia até que gozasse em minha língua.

Não era, entretanto, meu objetivo com Marina. Éramos tão diferentes nesse quesito, ela sem experiência alguma, entregue a mim, completamente vulnerável, enquanto eu já tinha feito e vivido tanta coisa que ela nem imaginava. Era uma flor preciosa e delicada, que eu temia tocar e fazer murchar, como uma beleza rara que era arrancada cedo demais de seu caule e perdia sua vivacidade.

Recuperei uma parcela da minha razão, afastei meu rosto e a encarei. Levei uma mão até sua coxa de pele aveludada e deslizei meus dedos para cima, sentindo seu

quadril, a lateral fina da calcinha e subindo até sua cintura. Meu pau já começava a dar sinais de animação e isso significava que a brincadeira precisava chegar ao fim.

— Abra os olhos — pedi e ela me olhou com desejo.
— Depois do dia que você teve, não quero nem devo ir além disso. Acho que você precisa pisar no freio e colocar a mente no lugar.

Ela largou meu pescoço e abriu os braços na cama, jogando a cabeça de lado e fechando os olhos enquanto sorria.

— *Tô tão quente...*

— Tome um banho frio que passa, é exatamente isso que eu vou fazer, às cinco horas da manhã — respondi, dando um selinho nela e me levantando. — E troque de calcinha porque a bacurinha deve ter se afogado.

Senti um travesseiro acertar minhas costas enquanto caminhava até o banheiro. Não olhei nem para trás antes fechar a porta, pois estava certo que tinha enlouquecido de uma vez por todas.



Capítulo 26

Marina

Conferi se Arthur tinha fechado a porta antes de me levantar e pular na cama, querendo gritar, mas contendo a emoção. *Ai meu cacete que eu não tinha!* Ele me beijou! E foi gostoso, muito, muito gostoso. Além disso, essa não era a melhor parte e sim que EU SENTI A TROMBETA LEVANTAR!

Sentei-me em silêncio e levei a mão ao peito onde meu coração batia tão rápido que eu me sentia prestes a morrer. Meu corpo formigava da cabeça aos pés e meu sorriso não ia sair tão cedo do rosto. Minha calcinha estava mesmo molhada, mas eu não queria trocá-la, fazia questão de voltar a dormir com ela daquele jeito, para ter certeza de que o que tinha acontecido não era sonho.

Afofei o travesseiro e me deitei para esperar o príncipe, quando minha mente me pregou uma peça e me jogou de volta ao apartamento de Miguel. Ainda me sentia um pouco confusa com tudo que aconteceu tão rápido

naquela noite e em como eu meti os pés pelas mãos. Não seria hipócrita de dizer que não gostei da intimidade com ele, mas saí de lá me sentindo exposta demais. E mesmo que Arthur dissesse e repetisse várias vezes que eu ainda era virgem na prática, parecia que tinha perdido algo muito importante. Será que um dia eu me arrependeria dessa decisão mais do que já estava arrependida?

Enxuguei o rosto com pressa quando ele saiu do banheiro, usando o mesmo pijama. Arthur se deitou no lugar que ocupava antes e me olhou ao se virar, com a testa franzida.

— Estava chorando?

— Por bobeira — respondi para não entrar naquela droga de assunto de novo. — Já deu tempo de... você sabe... — Agitei minha mão direita. — Descabelar o palhaço?

Eu gostava mesmo de provocar aquele tipo de risada que ele deixava escapar e desconstruía seu jeito todo sério de ser. Como agora, que o príncipe jogou a cabeça para trás e abriu um sorriso mostrando todos aqueles dentes impecáveis, enquanto levava uma mão ao peito.

— Você é uma pequena pervertida — falou ao me encarar e senti um frio na barriga quando ele esticou o braço e tocou em minhas costas, fazendo meu corpo deslizar pelo lençol. — Não fui bater punheta no banheiro.

Uma água gelada já resolve muita coisa. Por que chorou, Uni?

— Não tem nada a ver com você, não se preocupe — respondi, passando meu dedo na costura da gola de sua camisa. — Só... tô triste comigo mesma.

— Quer me contar?

— Não! Eu sei que você me acha cara de pau, mas não sou taaaanto assim. Não vou falar dessas coisas com quem acabei de beijar.

Com um pouquinho de receio de ser invasiva demais, esfreguei meus pés gelados nas pernas dele, mas Arthur os prendeu entre elas e sorriu.

— Que *iceberg* — brincou e se curvou para nos cobrir. — Olha, realmente não sei o que fazer ou falar para que se sinta melhor. É sua intimidade, você não é obrigada a dividi-la com ninguém, mas talvez seja legal procurar uma opinião feminina. A Gabriela é uma mulher madura, com uma idade não muito distante da sua...

— Ela me mandou uma mensagem essa noite, mas só vi quando estava chegando em casa — respondi, lembrando que fiquei curiosa para saber o que queria comigo, mas não abri para não ser mal educada já que não responderia na hora.

— Ela gostou de você. Eu estive com eles de manhã e acho que a Gabi tem algo para falar contigo que seja do

seu interesse.

Arregalei os olhos sem conseguir disfarçar, já pensando em vários procedimentos estéticos que eu poderia conseguir com a dermatologista maravilhosa. Com certeza faria contato com ela logo cedo para saber do que Arthur estava falando.

Seus dedos estavam alisando minhas sobrancelhas, ele adorava fazer isso, ficava com o olhar perdido enquanto contemplava sei lá o que, e aproveitei para observar também aquele rosto másculo e lindo. Os olhos do príncipe eram maravilhosos e intensos, e a boca era um absurdo, pois seu lábio superior tinha aquele “v” bem marcado.

— Elas caem numa linha reta quando você está triste — murmurou, tocando o espaço entre minhas sobrancelhas. — Posso fazer uma pergunta?

Balancei a cabeça afirmativamente e lambi meus lábios, ansiosa. Eu odiava quando fazia perguntas assim porque significava que era algo importante.

— Por que fez o que fez? — Arthur afastou a mão e a levou até o próprio cabelo. — Não digo de ter procurado alguém, de ter dado alguns amassos nem nada. Mas em relação à primeira vez, sempre achei que você parecia ter bastante convicção sobre o que desejava.

— Mas eu tinha. Tenho — consertei com pressa. — Não pretendia transar com o Mi... Com o envolvido em

questão. Só que a ideia dele parecia simples e eu acho que... — Parei, sentindo o rosto esquentar por receber tanta atenção do Arthur, que nem piscava. — Estava um pouco triste. E pensei que o hímen seria um problema a menos na minha vida. Mas aí quando senti a dor percebi que eu preferia ter sentido aquilo com alguém especial pra mim. E já deixei claro quem seria essa pessoa.

A última frase eu não consegui falar olhando para o príncipe, então tinha me virado de barriga para cima e deitado a cabeça no braço que ele esticou sobre meu travesseiro.

— Meu lado racional diz que isso é um absurdo, Nina — murmurou ele, fazendo cafuné em mim. — Mas não consigo silenciar a outra parte que se sente lisonjeado. Só não quero entrar nesse detalhe agora, ok? O que quero falar, na verdade, quero frisar, é que o hímen é realmente só um símbolo da virgindade, mas você ainda vai aproveitar toda a experiência quando se sentir pronta. Esse homem foi um filho da puta, provavelmente estava desesperado para comer você e inventou essa merda para não precisar ser abusivo, mas antes disso do que se vocês realmente tivessem transado e você se arrependesse durante o ato. Aí não teria volta mesmo.

— Eu deixei — respondi, me virando de bruços e apoiando o queixo nas mãos. — Ele pode ter me iludido,

mas eu deixei que fizesse, não consigo ficar com raiva dele.

— É um direito seu, mas eu gostaria de conversar com ele.

Sorri, sabendo muito bem o que aquela “conversa” significava. Precisaria tomar todo o cuidado do mundo para que Arthur nunca descobrisse sobre Miguel. Não tinha guardado mágoa dele, inclusive vi que enviara várias mensagens enquanto eu ainda estava dentro do *Uber*, mas não abri nenhuma.

— Será que minha primeira vez ainda vai ter cara de primeira vez? — perguntei. — Porque ele... hm, colocou os dedos dentro de mim.

Arthur fez uma careta, usando a mão esquerda para esfregar os olhos e me arrependi de ter falado aquilo.

— Se não fui parar no hospital até hoje por sua causa, acho que meu coração é muito forte — comentou.

— Desculpa, príncipe. Geralmente eu conversaria sobre isso com as minhas amigas, mas não estou mais falando com as do Rio e a única que tenho em São Paulo é a Milena e ela também é virgem.

— Você precisa começar a procurar médicos aqui na cidade, de preferência uma nova ginecologista — disse ele e isso me lembrou que eu teria que passar por todo aquele processo horrível de procurar alguém com quem me

sentisse à vontade. Minha médica do Rio era um amor de pessoa e eu nunca sentia vergonha com ela. — Mas, enquanto isso, vamos lá. O que quer saber sobre sexo?

— Quantas vezes por semana você pratica? — perguntei e ele estreitou os olhos para mim, fazendo-me esticar meu braço e apertar seu queixo, adorava provocar o homem. — *Tô brincando!* Quero saber se... Hm, você falou que eu não tive a experiência porque não rolou penetração e tal, mas e os dedos? Não contam? Eu não senti uma sensação boa, mas sabia que tinha alguma coisa ali.

— Não é a mesma coisa — respondeu Arthur, dando um sorriso muito contido.

— Mas não foi uma penetração?

— De dedos, sim, mas ele provavelmente só teve tempo de rasgar seu hímen, essa deve ter sido a dor que sentiu, não a dor da penetração em si.

Fiquei em alerta pelas palavras que Arthur acabara de dizer porque tinha alguma coisa ali que não estava batendo muito bem.

— A penetração dói? — questionei com medo de estar falando alguma merda. — Não era o hímen que doía?

O homem gargalhou. Gargalhou na minha cara, sem nenhum respeito pelas minhas indagações. Quando me olhou, depois de alisar aquela barba sexy maldita,

balançou a cabeça em negação e prendeu o lábio com os dentes.

— Realmente não acredito que estamos conversando sobre isso — murmurou, perplexo. — Marina... Não sei o que dizer, não é o tipo de coisa que posso exemplificar para que entenda.

— Eu só quero saber se dói! — Dei um tapa forte no braço dele, que riu mais e segurou minha mão.

— É claro que dói, meu amor. Ou pelo menos incomoda. O que você acha? Sua vagina é um canal que nunca foi tocado nem explorado, de repente entra um pênis ali dentro... Não sei, não sou mulher, nem tive muitas experiências com virgens. Não sou o mais indicado para falar sobre isso.

— Quantas virgindades você já tirou? — aproveitei a oportunidade, curiosa demais.

Arthur sorriu e franziu os lábios.

— Vai se decepcionar, não sou o garanhão do hímen — respondeu, se mexendo na cama, mexendo aquelas pernas de encontro às minhas. — Estive apenas com uma menina na época da faculdade. Depois nunca mais tive paciência para isso.

— Ah. — Era decepcionante mesmo porque nos meus sonhos mais sórdidos eu imaginava Arthur como o homem mais experiente em tirar virgindades alheias e me

tranquilizando ao pé do ouvido, falando que eu nem iria sentir nada. — Não sabia que precisava de paciência...

Também o que eu esperava? Ele era dono de um puteiro, estava acostumado a mulheres com as mais diversas experiências. Devia possuir um currículo impressionante, então para que ia perder tempo com garotas lesadas que não sabiam nem fazer boquete direito?

Meu Deus, pensei em Miguel, que devia estar até agora rindo da minha cara. Eu precisava urgentemente treinar com bananas.

— Tem que ser delicado na hora — disse Arthur, me tragando de volta para a realidade. — E não sou a pessoa mais indicada para isso. Tenho... uma genética... diferenciada.

— Mas você é a pessoa mais gentil que eu conheço — falei, chocada. Será que eu conhecia um outro Arthur?

Ele franziu a testa como se não acreditasse naquilo e o friozinho no meu estômago me atingiu mais uma vez. Sem resistir, arrastei minha barriga pelo lençol até me aproximar do rosto dele e apoiei minha perna sobre as suas. Com o coração acelerado pelo meu abuso ostensivo, passei os braços pelo pescoço do príncipe e sorri.

— Digamos que, hipoteticamente falando, se acontecesse de você ser o primeiro e blablabla — ele

sorriu, encarando meus olhos —, tenho certeza que, hipoteticamente, claro, você seria delicado como sempre foi comigo.

— Hipoteticamente falando, eu não acho que tenho saúde para isso.

Estremeci quando seu braço descansou ao redor da minha cintura e a mão parou quase em minha bunda. Meu coração ia sair pela boca, certeza.

— Hipoteticamente falando, porque você acha que não tem saúde? Eu acho que você é muito saudável.

— Hipoteticamente falando, eu teria que me controlar muito para não fazer um estrago... — Ele riu. — Nina, você está babando.

Arthur passou um dedo pelo cantinho da minha boca antes que eu fosse mais rápida e enxugasse com minha própria língua. Ri de nervoso e afundei o rosto na camisa dele. Senti seu peito tremer e recebi um beijo na cabeça. Sabia que era muito coisa de criança, mas eu me sentia tão amada quando ele fazia aquilo...

— Você é muito boba.

— Eu tenho dezenove anos — rebati, levantando a cabeça e mostrando minha língua. — E você que já está com quarenta e fica falando de situações hipotéticas?

— Não dá para falar de outro jeito. — Ele apertou minha cintura e piscou. — Vamos dormir? Não tenho sua

idade, vou passar o dia com sono e não posso dormir no meio de uma reunião.

Queria tanto outro beijo para dormir feliz, mas não me sentia confiante para roubar um, tinha medo que Arthur se irritasse. Então fiz só um biquinho para ver se amolecia o coração do homem, mas ele não viu porque estava mexendo no celular. Tinha me frustrado e ia me desgrudar dele quando fui presa por uma chave de braço gostosa que puxou meu pescoço e ele se inclinou.

— Não fique triste, mas quando você acordar não estarei mais aqui — disse, roçando o nariz do meu. — Estou muito confuso, Uni. Preciso... refletir umas coisas, ok?

Assenti porque não tinha muito o que fazer. Tentaria não ficar pressionando e me jogando em cima dele o tempo todo, já que o que tinha acontecido nessas últimas horas foi muito mais do que eu sequer tinha esperado. Minha decisão se tornou mais firme quando Arthur me beijou devagar e deu vários outros beijos no meu queixo até chegar em meu pescoço e afundar o rosto ali.

— Eu amo o seu cheirinho — sussurrou, me acariciando com o nariz.

Enterrei meus dedos em seu cabelo quando seus braços me apertaram mais e me arrepiei quando sua mão deslizou pelas minhas costas e foi até minha bunda. Não

era um toque invasivo, apenas senti de leve os dedos dele na pele que a minha calcinha não cobria. Arthur nem apertou nem nada, como alguns garotos sempre tentavam fazer, só alisou devagar minhas nádegas como se me fizesse um carinho e depois tirou a mão.

Para ele podia ser um gesto muito banal, mas para mim foi inimaginável. Estava sofrendo calafrios pelo corpo inteiro e precisei apertar uma perna contra a outra porque a bacurinha chorou.

— Isso não se faz — resmunguei com a voz abafada contra o pescoço dele.

— O quê? — Ele me encarou e afrouxou um pouco os braços, para minha tristeza. — Passei do ponto?

Não, a última coisa que eu queria era Arthur pensando que se excedeu em alguma coisa porque, misericórdia, se tinha um homem controlado e devagar demais, era aquele ali.

— Saiu rápido demais do ponto — consertei.

— Ainda não sei... dosar isso com você. — Ele sorriu.

Encolhi os ombros e me soltei dele, pegando meu travesseiro e me deitando de bruços, pronta para dormir. Ou tentar dormir. Não sei se pegaria facilmente no sono depois de toda a conversa com o príncipe. Meu coração estava anestesiado ainda.

— Tudo bem, mas só pra que você saiba, pode apertar minha bunda quando quiser — provoquei e balancei o material, sabendo que minha camisa não estava cobrindo tudo.

— Eu deveria era dar uns tapas fortes, isso sim — Arthur resmungou e se curvou para me cobrir com o edredom, infelizmente. — Não acredito que você fica falando essas coisas por aí, Marina. Sua bunda não é parque de diversões para esses moleques com quem anda.

— Quem disse que eu falo isso pra todo mundo? Aliás, nunca falei, tá? Eu sei que eu beijo muito e talvez fique com umas pessoas duvidosas, mas não gosto de mão boba.

— Que bom — disse ele, sorrindo e dando um beijo no meu rosto. Depois se deitou de barriga para cima e fechou os olhos, parecia com sono. — Você é muito preciosa para qualquer um ficar passando a mão.

— Mas você pode a hora que quiser.

Arthur empurrou meu rosto com aquela mão enorme e riu.

— Me deixa dormir!

Sem opção e com um pouco de pena por ele ter que levantar em poucas horas, decidi calar minha boca e tentar descansar também. Achei que fosse ter dificuldade, mas

quando os dedos de Arthur pousaram em minha cabeça e começaram a me fazer cafuné, o sono me atingiu como um míssil e eu me aconcheguei perto dele.



Capítulo 27

Marina

Sentia-me ansiosa naquela manhã sozinha em casa depois de tudo que tinha acontecido no dia anterior. Era tanta coisa, mas tanta, que minha mente estava um turbilhão. Queria muito, mas não conseguia esquecer da cena de Arthur e Renata na cozinha e o pior de tudo não era nem o fato de os dois estarem num momento de intimidade. O que mais ficou marcado na minha memória tinha sido o instante em que ele chega ao orgasmo; eu não conseguia esquecer sua expressão, seu gemido, muito menos o rosto sujo de sua ex ao passar correndo por mim.

Enchi o segundo copo de leite e coloquei mais Nescau, angustiada. Por que eu tinha sido tão idiota em achar que poderia apagar todos esses sentimentos se simplesmente me jogasse em cima de Miguel? Não me sentia mais triste por ter ido até lá, sabia que tinha que lidar com as consequências dos meus atos, mas me arrependia um pouco por ter sido impulsiva. O próprio Arthur vivia me

falando isso e agora que tudo tinha se acalmado e eu conseguia enxergar o cenário completo, precisava concordar com ele.

Passei manteiga em mais uma fatia de pão de forma e comi enquanto deslizava meus dedos pela tela do celular e olhava as mensagens. Tinham várias do *barman* me pedindo um milhão de desculpas e eu estava morta de vergonha de falar com ele. Uma delas eu não consegui deixar de responder.

“Por favor, morena, só me diz se você está bem. Saiu daqui muito tarde e sozinha, queria ter levado você em casa, estou preocupado até agora. Mesmo que não queira mais me ver nem atender minhas ligações, só me diga se está bem.”

Digitei rapidamente uma resposta bem simples, porque ainda não sabia o que falar com ele.

“Eu estou bem sim.”

Miguel respondeu de volta com um coração, mas não se alongou. Ele já tinha dito tanta coisa nas outras mensagens que imaginei não ter mesmo muito mais o que dizer. Pediu desculpas, muitas desculpas, disse estar

arrependido por ter feito aquela sugestão e que tinha medo de ter me traumatizado.

Soltei o celular sobre a mesa e encarei a parede, relembrando os momentos na casa dele. No fundo, sabia que tinha sido apenas uma pegação como qualquer outra. Ele era um gato, mas talvez eu fosse a pessoa difícil da história. Foi tão diferente do que senti na cama com Arthur, mesmo que não tenha acontecido nada demais entre nós...

Assustei-me quando meu telefone tocou e vi o nome de Milena na tela. Atendi logo, pois sabia que devia muitas informações a ela.

— Oi!

— *Finalmente, né?* — Estava barulhento ao fundo e ela aumentou o tom de voz. — *Tô no intervalo das aulas, morta de curiosidade pra saber como foi ontem. Sério, Nina, quer me matar do coração? Por que não respondeu minhas mensagens? Comecei a achar que você tinha sido sequestrada pelo boy.*

Coloquei a ligação no viva-voz enquanto pegava uma laranja para descascar e sorri.

— Tem tanta coisa pra contar que eu nem sei direito por onde começar, Mi. Ontem foi meio estranho. Não deu muito certo lá na casa do Miguel.

— *Como assim? Ele fez alguma merda?*

— Um pouco, mas eu também fiz, não sou inocente na história. Você tem tempo? Quer me ligar quando sair da faculdade?

— *Eu ia comprar um suco, mas prefiro ouvir as fofocas. Pode falar.*

Puxei um prato para evitar fazer sujeira na mesa enquanto chupava a laranja e busquei na memória os detalhes daquela noite tensa. Comecei a contar tudo do começo, mas tentando ser rápida para a ligação não durar duas horas.

— *Você nunca tinha feito um 69?* — Milena pareceu chocada ao fundo. — *Amiga, isso é uma delícia! Gostou?*

— Não, fiquei com vergonha, sendo bem sincera. Meu cérebro não conseguia processar direito a informação de que eu estava sentada na cara de um homem que eu mal conhecia.

Precisei responder também a indagação de Milena, querendo saber se Miguel fazia um oral decente. Ela se frustrou um pouco quando revelei que não tinha conseguido gozar em nenhum momento, apesar de ter sentido sensações gostosas. Mas era a verdade, não consegui chegar até o clímax e acho que isso se deve ao fato do meu nervosismo ter alcançado níveis estratosféricos.

— *Caramba, Marina... — Ouvi quando suspirou. — É uma droga quando isso acontece, bem desanimador. Já aconteceu comigo também, mas não foi com homem, foi com uma garota com quem saí uma vez. Quando a gente começou os amassos ela se mostrou bem exigente, sabe? Aí acabei ficando insegura e... nada feito.*

Assenti mesmo estando sozinha e quando terminei a laranja, peguei mais duas fatias de pão de forma para beliscar. Então comecei a contar para Milena o final da noite com Miguel e a péssima ideia de cair na conversa dele e deixar que me tocasse de forma mais íntima.

— *Amiga, não sei o que falar. Estou me sentindo culpada porque incentivei que fosse até lá —* murmurou ela. — *Sei que parece idiotice perguntar, mas como você está?*

— Se tem alguém que não tem culpa de nada, é você. Eu podia muito bem ter só curtido o sexo oral, fui burra em ter deixado as coisas irem mais além.

— *Ai, Nina, mesmo assim... Fiquei mal agora. Queria poder dar uns socos nesse Miguel. Se fosse comigo e minha primeira vez fosse horrorosa assim, nossa... Quero abraçar você.*

Relaxei na cadeira e descii um pouco o elástico do meu *short*, percebendo que tinha comido demais, distraída com a conversa. Sentia-me inchada e começava a me

enjoar por ter misturado dois copos cheios de achocolatado com laranja, pão, manteiga, fora o mamão que eu tinha comido primeiro.

— O Arthur tem uma teoria — comentei, alisando meu abdômen inchado. — Ele diz que eu não tive uma primeira vez porque não passei de verdade pela experiência. Você sabe, na prática.

— *Você contou para o Arthur? Estou impressionada com a sua coragem.*

— Foi inevitável, Mi. Ele me encontrou chorando no chão do banheiro. E a gente se beijou. — Ela deu um grito e eu ri. — Não exatamente naquele momento, mas depois... Até dormimos na mesma cama.

— *Como assim? Quero saber de tudo! Não agora, preciso voltar, mas, acho que concordo com a opinião dele sobre a primeira vez. Não fique mal nem se culpe, Nina. Quando acontecer de verdade vai ser incrível, tenho certeza, e você nem vai se lembrar do Miguel. E é óbvio que depois dessa notícia que você me deu, eu torcerei para que o campeão seja o príncipe.*

Eu tinha minhas dúvidas, mas não falei nada porque nos meus sonhos acabava torcendo para isso também.

— Vamos marcar de você vir um dia da semana aqui em casa — pedi antes de desligar. — Qualquer dia, não tô

fazendo nada mesmo. Só vou me matricular na auto escola.

Milena concordou e nós encerramos a ligação, eu me sentia até um pouco melhor depois de falar com ela. Arrumei a mesa e levei as coisas para a cozinha, depois lavei a louça e fui para meu quarto. Sentei na cama e liguei para a farmácia, pedi um laxante que tomava ocasionalmente quando me sentia um pouco entupida e dei o endereço de Arthur. Enquanto esperava, decidi ir até o banheiro.

Sim, odiava esse momento, meu corpo estremeceu num arrepio ruim ao pensar na sensação terrível de sentir os músculos perderem as forças. Toda vez eu sempre repetia para mim mesma que seria a última vez, que era ruim demais para passar novamente por aquilo. Mas estava tão arrependida de ter comido sem me dar conta da quantidade, que não tinha outra opção a não ser vomitar.

Prendi meu cabelo num coque, peguei a escova de dente para usar o cabo dela e levantei a tampa do vaso. Curvada para frente, comecei a pressionar a parte traseira da língua até sentir a ânsia me dominar por completo. Nem sempre era fácil e rápido, às vezes eu precisava ter um pouco de paciência, mas como já estava enjoada, consegui colocar tudo para fora com rapidez.

Segurei firme na bancada ao lado do sanitário enquanto minhas pernas e meus braços tremiam como gelatina. As lágrimas se acumularam em meus olhos porque muitas vezes era ruim demais. Eu os fechei e os apertei, esperando os tremores passarem para poder dar a descarga.

Depois de escovar os dentes e lavar o rosto, saí do banheiro desanimada e me arrastei até a cama. Puxei o edredom porque fiquei repentinamente com frio e esperei meu coração desacelerar. Estava comendo de forma exagerada e descontrolada, precisava voltar a fazer meus exercícios físicos, talvez até mesmo intensificar a quantidade deles.

Chorei por me sentir cansada de sempre lutar contra a balança e contra o espelho. Sabia que as pessoas gostavam da minha aparência, mas elas também apontavam vários defeitos e eu não conseguia ter certeza de que um dia me sentiria satisfeita com meu corpo. Não tinha capacidade para controlar meus impulsos e não adiantava nada seguir dezenas de musas *fitness* que só comiam comida *light* o dia inteiro quando eu mesma adorava um carboidrato. Elas faziam parecer tão delicioso almoçar apenas um enorme prato de salada, enquanto eu sonhava com arroz e feijão.

Enxuguei os olhos e me levantei para atender o entregador da farmácia e estava tomando o comprimido quando Gabriela me ligou. Como ela tinha sido mais uma que me mandou mensagem e eu ignorei, atendi já me desculpando.

— Oi! Sinto muito, eu sou horrível por não ter respondido você — falei, jogando-me no sofá.

— *Oi, Marina!* — Ela riu. — *Ah, que nada, não tem que se desculpar, era domingo e você devia estar se divertindo. Tudo bem? Está podendo falar ou atrapalho?*

— Em que você me atrapalharia? — perguntei, chocada com a educação da mulher. — Não tenho nada pra fazer, tô aqui largada no sofá.

— *Ué, não sei. Você é uma mulher famosa nas redes sociais.* — Meu coração acelerou e me peguei sorrindo que nem boba. — *Estou seguindo seu perfil no Instagram e acompanhando tudo, você é incrível.*

Tapei a boca, chocada e horrorizada.

— Você me segue? Eu não sabia disso! Desculpa, não quero parecer arrogante, é que recebo muita notificação e não dá pra acompanhar. Não acredito que está me seguindo...

— *Por que eu não seguiria?* — Ouvi uma risadinha baixa. — *Até o Bruno está seguindo e quando Arthur soube*

disso, quase enfiou o garfo nos olhos dele. Temos um ciumento entre nós.

Bati os pés no sofá, tomando cuidado para não externar minha empolgação de forma que Gabriela escutasse. Não precisava que a dermatologista me achasse uma criança imatura e apaixonada pelo amigo dela.

— O príncipe é muito ciumento, sempre foi — respondi usando um esforço sobrenatural para que minha voz saísse controlada.

— *Príncipe, é?* — Gabriela gargalhou. — *Vou ter que usar essa qualquer dia.*

— É coisa nossa.

— *É claro que sim. Vocês têm uma história muito bonita. Mas olha, deixa eu contar o motivo da ligação. Queria chamar você para vir conhecer minha clínica, o que acha? Há algum tempo sinto vontade de me divulgar melhor nas redes sociais e vendo seu trabalho, pensei em fazermos uma parceria. Quero saber como faço para contratar a modelo Marina.*

— Você quer me contratar? — Não estava acreditando no que ouvia. — Tipo, com dinheiro mesmo?

— *Lógico!* — Gabriela pareceu muito animada e eu até fiquei de pé, em êxtase. — *Como funciona? Eu quero que você faça várias divulgações, vindo aqui, filmando*

enquanto faz os procedimentos. Perdoa minha ignorância, realmente rede social não é muito minha praia.

— Certo, então, vou ser sincera. Eu não sou a pessoa mais influente que você poderia contratar. Posso citar algumas *influencers* de estética muito mais famosas aqui de São Paulo, que provavelmente vão dar um retorno melhor do que eu.

— *Eu quero contratar você, Marina. Nenhuma outra. Cá entre nós, estou falando com uma mulher estonteante. O que acha de vir fazer algum procedimento de graça? Se gostar, a gente depois fecha um contrato.*

Se eu gostar? Eu poderia me oferecer como tributo à causa numa boa. Concordei com a ideia de Gabriela, ainda sem acreditar que o convite tinha mesmo acontecido e marcamos um dia na próxima semana, que eu anotaria no meu *planner* com uma estrelinha dourada.



Apesar do meu final de semana estranho, eu não podia reclamar da minha segunda-feira. Tirei a tarde para resolver a situação da auto escola e paguei a taxa necessária para dar início a todo o procedimento. Depois, usei um tempo para responder alguns seguidores no meu perfil, responder e-mails de marcas que tinham entrado em

contato comigo desde que anunciei minha mudança e também me dei ao luxo de usar o cartão de crédito de Arthur para me inscrever num curso de influência digital.

Aproveitando o final da tarde, espalhei algumas roupas sobre a cama, separando apenas o que era de marcas parceiras e ainda não tinha sido fotografado. Estava há três dias sem postar nada de publicidade em meu *feed*, então escolhi um conjunto preto de *lingerie*, deslumbrante e extremamente sexy. Fiz maquiagem e me vesti com ele, depois procurei a melhor forma para fotografar. Um dos erros que cometi ao sair com pressa da casa de minha tia foi deixar para trás o meu tripé, objeto essencial para fazer minhas fotos.

De qualquer forma, consegui me virar sozinha. Voltei ao início de tudo, lembrando a época que eu dava um jeito de equilibrar o celular em cima de qualquer coisa para programar o *timer*. Fiz novamente isso, escolhi o cenário ideal e equilibrei o telefone da melhor forma possível em cima de toda a quinquilharia, jogando-me na cama e fazendo várias poses.

Engana-se quem pensa que tirar esse tipo de foto é fácil, porque não é. Geralmente precisava inventar dezenas de posições, bater mais de cinquenta fotos, para no final escolher a favorita para mandar ao ar. E quando consegui

me decidir, tratei a imagem num aplicativo e postei no *Instagram*, marcando a marca da *lingerie*.

Por já estar maquiada e não ter nada para fazer, aproveitei e vesti outras peças para continuar a fazer mais algumas fotos, pois gostava de ter várias no estoque. Entre uma pose e outra, ouvi o barulho do *Whatsapp* e abri para ver quem era.

“Quem tirou essa foto, Marina?????”

Ri sozinha, sem acreditar naquela vergonha que Arthur estava passando. Abaixo da mensagem, ele tinha enviado um *print* com a foto que eu acabara de postar. Estava sentada na cama, com o corpo levemente inclinado para trás, numa posição sensual, com o conjunto preto de calcinha e sutiã.

Joguei-me no colchão sem conseguir parar de sorrir e digitei uma provocação.

“Pilha.”

Sabia que o coroa não ia entender.

“Quem é Pilha, porra? Você levou homem para casa enquanto não estou aí? É o babaca de ontem? Eu estou a

caminho, Marina, e juro que se chegar e encontrar você de calcinha com esse filho da puta, não respondo por meus atos.”

Gritei, alucinada em ver que ele caía fácil nas brincadeiras. Tapei o rosto com o travesseiro e voltei para responder.

“Pilha... A pilha de móveis que usei para apoiar o celular. Bobinho. Vou tirar mais algumas fotos. Beijos.”

Acho que era louca, mas ver Arthur com raiva tinha me deixado excitada. Levantei da cama correndo, pois ele disse que estava a caminho e eu não sabia quanto tempo isso significava. Queria provocar mais um pouco, já que quando ele chegasse entraria naquele modo homem sério que nunca faz besteira.

Fui até o quarto dele, baguncei bastante a cama, tirei minha calcinha e o sutiã e me joguei nos lençóis. Bati a foto de um ângulo em que não mostrasse minhas partes íntimas, mas que deixasse bem claro que eu estava nua.

Essa foto enviei apenas na nossa conversa do *Whatsapp*, sem retocar nem nada, apenas da forma como tirei porque tinha pressa. Os calafrios me consumiram o

corpo inteiro quando ele visualizou a imagem e começou a digitar.

“Essa é a minha cama, por acaso?”

Revirei os olhos, animada.

“Sim. Seu edredom é tãooooo gostoso, príncipe!”

Minha resposta foi lida imediatamente, mas Arthur não escreveu mais nada. Afundei o rosto entre os lençóis, ele não sabia brincar. Já estava imaginando o senhor ranzinza com o semblante enfurecido, deletando a imagem da galeria de fotos.

— Quando eu disse que estava a caminho, você prestou atenção? — disse a voz grossa.

Meu corpo gelou e nem consegui me mexer, nem mesmo a cabeça levantei. Só virei o rosto de lado, petrificada, para encontrar Arthur parado na porta, com as mãos nos bolsos. Felizmente, a cama ficava de frente e eu tinha me deitado atravessada, ou seja, ele só conseguia ver meu corpo de perfil.

— Você tem muita sorte de eu ser quem sou. — Arthur entrou no quarto e se encaminhou direto a um dos móveis, tirando o relógio do pulso e em seguida, o paletó.

— Qualquer outro homem no meu lugar não pensaria duas vezes. Vá se vestir.

Enrolei-me no edredom porque era a única forma de sair daquele quarto sem ficar pelada diante de Arthur. Quando me sentei na cama, ele se virou de frente para mim enquanto desfazia o nó da gravata e meus olhos percorreram seu corpo, parando, inevitavelmente, no volume da trombeta.

— Podia pelo menos ter feito um elogio, sabe? — resmunguei me fingindo de chateada. — Você pode não ter gostado, mas alguém aí gostou...

Arthur estreitou os olhos azuis intensos e não respondeu, usando todo o tempo do mundo para abrir cada botão daquela camisa social azul-marinho, fitando meu rosto como se pudesse enxergar minha alma. Minha bacurinha estava ficando molhada, e o pior, no lençol dele.

— O elogio no qual pensei não foi em forma de palavras, Nina.

Nossa, pulsei. Bem lá dentro, aquele choque que percorre o corpo todo. Não queria ficar pressionando o homem que parecia até com medo de se aproximar de mim. Tinha medo de me insinuar demais e quebrar o clima legal que havia entre nós na madrugada, então me levantei, prendendo o edredom comigo e joguei um beijinho no ar para Arthur, enquanto corria para meu quarto.

— Marina!

Parei no meio do corredor e me virei, encontrando Arthur com minha calcinha pendurada no dedo. Apertando o edredom contra os peitos, eu me aproximei dele e virei a palma da mão para cima.

— Que tal pagar um pedágio? — perguntou, provocador. — Um beijo por uma calcinha.

Eu pagaria com o corpo todo se ele achasse necessário, mas fiquei calada e me equilibrei nas pontas dos pés para alcançar aquela boca sedutora. O homem foi rápido e envolveu meu pescoço com a mão enquanto me dava um beijão com direito a chupada e tudo. Meu corpo chegou a balançar sem equilíbrio quando Arthur desceu os lábios pelo meu pescoço e me mordeu antes de me soltar. Então, colocou a tira da calcinha pendurada em meu dedo e voltou para seu quarto.

Certo, eu me virei, ainda sem conseguir raciocinar direito e apoiei a mão na parede, em choque. O que tinha acabado de acontecer? E por que o príncipe não agia dessa forma mais vezes, tipo, todos os dias da vida dele?

Entrei em meu quarto e passei alguns minutos sentada na cama, revivendo o beijo umas cinquenta e oito vezes até que meu coração voltasse a bater no ritmo normal. Depois que me refiz e tirei a maquiagem, bastou o tempo de vestir uma calcinha e sutiã para ouvir as batidas

do outro lado. Quando abri, o príncipe primeiro passou os olhos pelo meu corpo e depois me encarou.

— Chamei meu *personal* agora de noite já que meus horários ainda estão confusos desde que voltei do Rio. Pensei que você talvez fosse gostar de treinar junto. — Ele sorriu e cutucou meu braço. — O que acha? Será que esses ossinhos aqui se saem melhor que o coroa nas flexões?

— Flexão? *Tá* doido? Eu morro antes de fazer dez! — respondi e ele riu antes de sair pelo corredor.

— Ele vai chegar daqui a uns quinze minutos, caso queira ir junto.

Arthur não precisava falar de novo. Corri para separar uma roupa de ginástica e me enfiei dentro dela, sentindo a empolgação me dominar.



Capítulo 28

Arthur

Acordei já me sentindo quebrado e desejando muito não ter nenhum compromisso para poder passar mais algumas horas na cama, só que não era possível. Minha rotina andava de cabeça para baixo desde que trouxe Marina para morar comigo e isso estava afetando momentos da minha vida que eu prezava muito, como minhas manhãs de exercício e meditação.

Era sexta-feira e eu tinha marcado com Jean no horário matinal de sempre, às sete e meia, e saí do meu quarto e fui bater na porta de Marina. Ela já tinha me acompanhado na segunda à noite e gostou da assessoria do meu *personal*. Normalmente, eu preferia horários em que a academia do prédio estivesse vazia, gostava de ter o espaço só para mim, mas não iria me opor à companhia de Nina.

Não que ela tivesse se comportado, afinal, estava falando do unicórnio que colocava sempre em observação

a credibilidade do meu cardiologista. Naquele primeiro dia me acompanhando com o Jean, a danada saiu do quarto vestindo um *short* que podia ser confundido com uma calcinha, um tecido tão fino que nem parecia estar usando uma roupa íntima. Inclusive, eu precisei perguntar e levei um tapa na mão quando apontei para a pequena racha entre suas pernas. Avisei que só íamos sair de casa quando ela não estivesse mais usando algo que pudesse causar uma ereção — em mim e no filho da puta do Jean, claro. Eu gostava muito do trabalho dele, não queria ser obrigado a demiti-lo.

Como meus treinos eram mais voltados para o funcional, ele precisava acompanhar Marina de outra forma, pois ela estava mais acostumada a só fazer musculação. Portanto, nesta sexta nós passamos os quinze minutos iniciais em pontos diferentes da academia, até que Marina levantou da cadeira extensora com o rosto pálido e os lábios sem cor. Corri até ela antes mesmo que Jean percebesse a situação e a segurei porque parecia prestes a desmaiar.

— O que foi? — perguntei, tocando sua testa suada.

— Nina, você está pálida. O que está sentindo?

— *Tô mal...* — murmurou, com a pele gelada.

Ela tentou andar, mas a mantive no lugar e passei meu braço ao redor de sua cintura.

— Onde vai? Vamos nos sentar um pouco. — Olhei para Jean, que tinha se juntado a nós e segurou no pulso dela. — A pressão pode ter baixado. Está em jejum, Nina?

— Príncipe, preciso ir ao banheiro. — Ignorei o *personal* e a peguei no colo, caminhando na direção do corredor onde ficavam os banheiros da academia. — Nãooooo! O de casa! O de casa!

Normalmente eu discutiria, mas a expressão de pânico no rosto de Nina não me deixou pensar direito e fui logo pegando o elevador e apertando para subirmos. Seu corpo se contraiu em meus braços e ela deitou a cabeça no meu ombro enquanto gemia.

— Por acaso você está com dor de barriga? — perguntei depois de estudar alguns sinais.

— Uhum... — Prendi o riso porque a cara de choro era séria. — Nossa, *tá* doendo muito...

— Estamos chegando.

Mas eu mal terminei de abrir a porta do apartamento quando Marina pulou do meu colo e correu da melhor forma que uma pessoa prestes a desmaiar poderia correr. Eu parei na cozinha para beber uma água e logo escutei a campainha tocar. Jean estava do outro lado, com cara de quem não tinha entendido porra nenhuma do que acabara de acontecer.

— Ela está bem? — perguntou. — Seus batimentos estavam um pouco acelerados.

— Parece que se trata de algum problema intestinal — respondi, dando um tapa no ombro dele. — Vamos encerrar por hoje, depois marco o horário de domingo.

— Combinado. Melhoras para ela!

Sorri e tranquei a porta antes de ir atrás do unicórnio. A porta do quarto tinha sido deixada aberta, mas sabia que se me aproximasse do banheiro enquanto ela estivesse no vaso, não seria perdoado nem mesmo na próxima vida.

— Está tudo bem por aí? — gritei do corredor.

— Me deixa...

Estalei os ossos do pescoço e decidi ir tomar meu banho e me arrumar para o trabalho. Era dia de fazer uma consultoria para um caso pro bono ao qual tinha me oferecido. Bruno e eu gostávamos de fazer a nossa parte com boas ações e pegávamos alguns casos durante o ano.

Levei meu tempo de sempre para escolher o terno e terminar tudo, achando que o problema de Marina não passava de uma simples dor de barriga, mas quando passei pela porta de seu quarto, ela estava deitada em sua cama, em posição fetal.

— Melhorou? — perguntei, colocando minha pasta sobre a cômoda e me aproximando. — Você está com uma carinha capenga.

— Tô cheia de cólica — ela murmurou baixinho e de olhos fechados. — É o remédio...

— Que remédio? — perguntei, sentando-me na cama e afastando o cabelo que escondia o rosto.

— Ah... — Marina me encarou e franziu a testa. — Eu ando com prisão de ventre nos últimos dias aí tive que começar a tomar laxante. Mas da última vez que tomei nem fez efeito nenhum, como ia imaginar que hoje eu morreria de dor? Se eu não estivesse de estômago vazio, acho que já teria até vomitado.

Olhei meu relógio, percebendo que iria me atrasar, mas não tinha o que ser feito.

— Para início de conversa, por que está em jejum? — briguei com ela, preocupado porque poderia não estar presente quando passasse mal. — É por isso que estava toda fraca, quase perdendo as forças lá na academia.

— Não estava com fome. — Marina puxou o travesseiro e escondeu o rosto de mim. — Vai trabalhar, príncipe, me deixa quieta.

— Eu vou trazer comida e só vou levantar daqui quando comer tudo na minha frente. — Arranquei o travesseiro e a obriguei a me olhar. — Nina, estou falando sério. Não gosto dessa sua atitude, já andei reparando que tem mania de fazer jejum e pular as refeições. Você jantou ontem?

— Não, mas porque tinha comido muito no almoço.
— Eu me levantei, irritado ao saber daquilo. — Príncipe, se eu não sinto fome, não vou comer.

Ignorei o que ela dizia e fui para a cozinha. Tirei algumas coisas dos armários, tentando raciocinar rápido, até que comecei a preparar uns pães de forma na torradeira. Cortei metade de um mamão, passei requeijão nos pães e enchi um copo com suco de goiaba que minha faxineira tinha deixado na geladeira. Coloquei tudo numa bandeja e levei para Marina, que se sentou na cama quando me viu entrar.

— Você mora comigo e se for preciso, vou pegar no seu pé. Quero que faça, no mínimo, três refeições diárias.
— Segurei o queixo dela e a fiz me encarar. — Estamos entendidos?

— Ótimo, vou acabar virando uma baleia...

— Marina, você é magérrima! — falei bem firme. — Isso não é brincadeira, não estou gostando dessa sua obsessão com o corpo.

— Ok.

Ela colocou um pedaço grande de pão na boca e desviou os olhos dos meus enquanto mastigava. Talvez eu estivesse sendo rígido demais, não era nenhum especialista em nutrição e não tinha moral para dar sermões sobre alimentação correta, mas estava

preocupado. Principalmente porque não sabia se isso vinha acontecendo já desde muito antes, quando ainda morava com a tia, ou se era uma reação à mudança de rotina por causa da nova vida em São Paulo. O pior de tudo era que eu passava muito tempo fora de casa e não conseguia ficar sempre de olho nela.

— Na hora que for almoçar, quero que tire uma foto do prato e me envie — avisei, recebendo um olhar surpreso. — Como está se sentindo?

— Um pouco fraca, mas as cólicas são piores.

— Claro, você está com um laxante agindo no seu organismo e está de estômago vazio. — Alisei o cabelo dela, sentindo sua pele ainda gelada. — Não tome esse tipo de remédio, Uni.

Ela me assustou ao pular da cama com pressa e correr para o banheiro. Esfreguei meu rosto, preocupado, não queria sair e deixá-la sozinha daquele jeito, então tirei meu paletó, afrouxei a gravata e chutei os sapatos para longe.

Sentei-me na cama com as costas na cabeceira e peguei o celular para enviar uma mensagem à minha secretária e pedir que remarcasse minha reunião da manhã. Avisei ao Bruno também que tive um contratempo e me atrasaria, pois era algo muito raro de acontecer e eu sabia que isso o deixaria preocupado.

Estava mandando uma mensagem para Gabriela, perguntando se ela tinha conseguido falar com Marina, quando minha pequena mulher saiu do banheiro e estacou ao me ver.

— O que ainda está fazendo aqui?

— Ficarei um pouco — respondi, batendo com a mão no colchão.

— Ah, não, Arthur. Não quero ser a culpada por estragar seus compromissos.

— Pense nisso da próxima vez que sentir vontade de fazer jejum. — Pisquei para ela, que me olhava com um bico. — Vá tirar essa roupa apertada, vista algo confortável e deite aqui que vou fazer um carinho nessa barriga enorme.

Marina entrou no *closet* e saiu de lá vestindo um *short* muito curto e uma blusa que deixava um pedaço da barriga de fora. Parecendo contrariada, ela engatinhou pela cama até deitar a cabeça no travesseiro que coloquei sobre minhas coxas. Levei minhas mãos aos seus cabelos e deslizei meus dedos por dentro deles, esperando que relaxasse um pouco.

— Eu sei que você me acha um chato quando brigo ou pego no seu pé com alguma coisa, mas se eu não fizer, quem fará? — questionei. — Nós só temos um ao outro. Você precisa me ajudar e amadurecer um pouco.

— Tô tentando.

— O que você vai fazer a respeito da sua faculdade?

Nina encolheu os ombros e se mexeu para virar o rosto na minha direção.

— Acho que vou mudar de curso e procurar algo que eu goste mais — respondeu. — Queria tirar esses meses pra pensar e iniciar alguma coisa no segundo semestre. Mas eu também me inscrevi num curso online ontem.

— Ótimo, você precisa se ocupar. Ocupar essa cabecinha.

Marina começou a me contar sobre o tal do curso, que era voltado para influência digital, coisa que ela adorava, e depois falou sobre a conversa que teve com Gabriela. Estava muito empolgada para começar a fazer essa parceria com a minha amiga e me senti orgulhoso vendo-a falar daquele jeito tão decidido.

Marina Leão era uma caixinha de surpresas. Um diamante a ser lapidado, com um jeito todo especial de cativar qualquer coração com sua pureza. Era também uma criatura linda, seus longos cabelos escuros estavam espalhados em meu colo enquanto eu corria meus dedos por eles. Seus ombros finos e estreitos brilhavam na pele morena e suas costas curvilíneas faziam a mão coçar com a vontade de sentir aquelas curvas.

Percebi que me perdi admirando o corpo de Nina sem me dar conta de que ela estava cochilando. Curvei-me para a frente e a encontrei com os olhos fechados, mas sabia que assim que eu me movesse, ela acordaria.

— Está se sentindo melhor? — sussurrei, acariciando sua bochecha. — Posso ir trabalhar?

— Pode... — Seus cílios grossos se mexeram e ela me encarou. — As cólicas passaram.

Eu me levantei com cuidado e me inclinei por cima dela, dando um selinho nos lábios cheios e a pegando de surpresa.

— Descanse e peça comida fora, não perca tempo cozinhando — falei, beijando também sua testa e me afastando. — Lembre-se que quero a foto do prato!

Não me virei para trás porque se fizesse isso, meu coração ficaria apertado com a ideia de deixá-la sozinha e eu precisava mesmo sair. Passei a mão no meu paletó e peguei minha pasta, deixei a porta de seu quarto encostada e saí de casa.



A reunião que eu teria de manhã sobre o caso pro bono que peguei tinha sido reagendada para as duas da tarde. Eu iria advogar para uma ONG de proteção animal

que estava sendo acusada de apropriação indevida de terreno e meu primeiro encontro com os responsáveis pela administração dela foi tranquilo. Consegui alinhar os próximos passos com eles e deixei o trabalho depois de ter entrado com um pedido de tutela antecipada, pois corriam o risco de serem expulsos de lá.

— O que tem de bom para fazer hoje? — Bruno perguntou ao entrar na minha sala e se sentar diante da minha mesa. — Quero dizer, você né? Minha noite de sexta será ocupada recebendo o decorador para decidirmos como será o quarto do bebê.

— Não desdenhe porque eu sei que você está exultante. — Sorri e meu sócio abanou as mãos, cruzando as pernas.

— Que nada, é só um bebê. Nem estou cogitando comprar uma arma e atirar em quem olhar torto para ele.

— Só para esclarecer, não vou advogar em sua defesa. Estarei muito ocupado criando uma criança que teve o pai preso. — Bruno riu antes de levantar o dedo do meio para mim. — Agora falando sério, vamos apenas rezar e fazer umas promessas para que nasça com a cara da Gabriela. Se puxar a você, realmente o bebê sofrerá *bullying*.

— Você sabe que eu sou o sócio majoritário dessa merda, não sabe?

— Sim, eu sei. Mas o que você pode fazer? Fui escolhido como padrinho.

Bruno me atualizou de algumas mudanças que sua vida estava sofrendo, como por exemplo, ele ser obrigado a acordar no meio da madrugada para atender aos pedidos mais inacreditáveis de Gabriela. Na última noite, ele acordou assustado ao ouvir o choro da esposa e a encontrou dentro do banheiro, sentada na privada, aos prantos enquanto segurava um sabonete e dizia que queria muito comê-lo inteiro.

Não senti um pinga de inveja dele nesse momento. Tampouco gostaria de estar na pele de Gabi, pois sinceramente, sabonete? Quando disse que era um desejo absurdo, Bruno me tranquilizou dizendo que tinha coisa muito pior. Ele já tinha lido o relato de uma grávida que sentiu vontade de ingerir veneno de rato, daqueles bem coloridos. Que mundo louco.

Estava até surpreso de ter conseguido encerrar meu dia tão cedo e por isso ainda dei um pulo no outro lado da minha vida. Passei um tempo no escritório do *Sky Bar*, conversei um pouco com Otávio, o gerente de lá, e depois fiz o mesmo na *Caixa Preta*. Foi realmente apenas uma passadinha rápida, pois cheguei em casa antes das sete horas e me surpreendi quando vi que Marina estava com visita.

Encontrei as duas dentro do ofurô, rindo às gargalhadas quando cheguei na área externa para entender que algazarra era aquela. Uma menina loira sorriu e acenou quando Nina se levantou para sair, usando um biquíni dourado muito bonito, mas muito indecente.

— Arthur, lembra da Milena? — ela me perguntou e a amiga também veio se juntar a nós.

Ao contrário de Marina, a roupa de banho da garota não era do tipo que fazia um homem infartar. Era só um biquíni azul, de calcinha de lacinho e sutiã cortinha, exatamente como o de Marina. Isso me fez esfregar os olhos e a encarar de novo, confuso. Por que tudo na Marina parecia feito para provocar o juízo alheio?

— Lembro do nome, mas realmente não...

— Ah, eu sei, era muito pirralha pra alguém se lembrar de mim — falou a Milena ao me cortar e estender a mão. — Eu não tinha como esquecer do príncipe.

Flagrei um olhar afiado que Nina direcionou à amiga, mas fiquei quieto. Apertei a mão da menina, ciente de ter sim algumas lembranças daquele rosto, mas nunca cheguei a ser próximo dos amiguinhos de colégio da Nina.

— Está melhor? — perguntei quando Milena se virou e voltou para o ofurô.

— Muito melhor. — Marina sorriu e meus olhos buscaram os movimentos de suas mãos, que ajeitava o

lacinho da calcinha.

Na hora do almoço, ela não só tinha tirado a foto e me enviado conforme eu pedi, como também fez um vídeo enquanto comia e fazia caretas para a câmera. Aquela espontaneidade era uma de suas melhores qualidades.

— Querem que eu peça alguma coisa para jantarmos? Sua amiga vai ficar mais tempo aqui?

— Milena pode dormir aqui? — perguntou, olhando para trás e depois para mim, com um brilho nos olhos. — Lá na tia eu não podia fazer isso.

— Não vejo nenhum problema nisso.

Meu pescoço foi agarrado pelas mãos ágeis e recebi um beijo no rosto de uma Marina pendurada em mim. Toquei sua cintura para não irmos ao chão, tentando ignorar o fato da água no corpo dela molhando todo o meu terno.

— Sabe, se quiser, pode me dar outro beijo — murmurou. — A Milena não liga.

As duas deviam mesmo ser amigas, pois combinavam bastante. Inclusive, a loirinha tentava disfarçar que estava ocupada no celular, quando eu sabia que sua atenção estava toda voltada para nós dois. Ciente disso, fiquei me perguntando o que Marina andava contando por aí sobre nossa... situação. Que eu nem sabia como definir.

Tinha gostado dos momentos carinhosos com ela? Sim, não posso negar. Naquela noite em minha cama, meu tesão alcançou altos níveis e precisei me controlar mais do que o normal para não agir como qualquer outro homem agiria. Ela estava magoada e traumatizada pelos acontecimentos anteriores em relação à virgindade, eu não podia soterrá-la com mais informações para digerir.

Ao mesmo tempo em que gostei, que adoraria sentir de novo seu beijo mais profundo, tocar suas curvas e dividir momentos mágicos com ela, também ficava receoso de não conseguir sempre manter o controle. A pressão psicológica se tornou ainda maior quando Marina confessou que me queria como seu primeiro homem. Era uma informação muito forte e muito importante.

Alisei seus braços e descí minhas mãos devagar pela cinturinha fina e delicada, parando na altura de seus quadris para não cair em tentação. Dei um selinho em sua boca e me afastei antes que a danada me agarrasse, pois de jeito nenhum eu me permitiria ficar excitado na frente de uma amiga dela.

Pedi duas *pizzas* para nós três e tentei deixá-las o mais à vontade possível. Não quis dar uma de antipático e me trancar no quarto, então passei um tempo pela sala, vendo televisão, enquanto escutava as risadas lá no terraço. Nina parecia feliz e isso me deixava feliz, ver que

tinha encontrado uma amiga que aparentava ser alguém legal e companheira, diferente de suas companhias do Rio de Janeiro.

Por volta das onze da noite, resolvi me despedir delas e ir me deitar. Liguei o ar condicionado e coloquei um pijama de mangas compridas, indo para a cama ciente de que precisava colocar meu sono em dia. De vez em quando, gostava de pegar algum livro até o cansaço me vencer, enquanto aproveitava para me reciclar na literatura jurídica, mas optei por mexer no celular e visitar o perfil de Marina no *Instagram*.

A última foto postada no *feed* tinha sido por causa da *hashtag #tbt* em que as pessoas postavam recordações às quintas-feiras. Nela, o unicórnio lindo estava posando numa praia, com um maiô e virada de costas para a câmera. Tudo em preto e branco, bastante conceitual e, graças a Deus, nada vulgar. Deixei meu coração ao dar *like* na imagem e fui me atualizar em seus *stories*. E foi aí que quase infartei ao visualizar uma imagem de Marina e Milena dando um selinho.

— Príncipe?

Levei um susto e deixei o celular cair quando a voz doce alcançou meus ouvidos. Ela estava parada na porta do quarto, usando apenas uma camiseta que mal cobria a virilha.

— Caralho, Marina! — Levei a mão ao peito e o massageei, sentindo o pobre coitado do meu órgão tão importante, ser dominado por uma taquicardia. — Não pode me assustar assim.

— Mas eu não fiz nada — ela se defendeu ao entrar no quarto e subir na cama. — Você estava distraído, não tenho culpa. Vim fazer uma pergunta.

Ela engatinhou pelo colchão e se sentou sobre as pernas dobradas para trás, apoiando as mãos na coxas nuas e me encarando com expectativa.

— Diga.

— Por acaso, você consideraria traição se eu desse uns beijos na Milena?

Abri a boca para responder, tentando raciocinar diante de todos os erros daquela pergunta. Primeiro que a imagem que eu tinha acabado de ver ainda estava nítida demais em minha mente e depois desse questionamento, eu só conseguia fabricar mais outras dezenas de imagens. Segundo que me senti bem aflito ao perceber a confusão na cabeça de Nina e precisava logo resolver aquilo.

— Uni, nós não estamos namorando. Eu disse a você que preciso refletir e entender tudo que está acontecendo.

— Eu sei que não é um namoro, não comece a surtar. — Suas mãos tocaram meu braço quando ela fez um biquinho. — Mas assim, a gente tem se beijado, né?

Não sei o que isso significa, mas sou moça de família e não gosto de pegar duas pessoas ao mesmo tempo.

— Moça de família?

Levei vários tapas até que ela se levantou da cama apontando o dedo do meio para mim — o segundo que eu recebia no dia — e rebolando a bunda enquanto andava até a porta e tirava a calcinha do meio das nádegas.

— Vai se ferrar! — resmungou antes de passar pela porta. — Vou dar umas lambidas na minha amiga e deixar que ela faça o mesmo em mim porque quero acordar os vizinhos com meus orgasmos. E tem que ser com mulher, porque homem não sabe fazer isso direito.

A vontade de me levantar e dar uma chinelada naquela bunda bateu forte em mim, depois me imaginei acariciando sua pele para aliviar o ardor. Felizmente era só mais um dos meus sórdidos pensamentos, que eu poderia espantar com uma boa noite de sono.



Capítulo 29

Arthur

Guardei o convite formal na gaveta do escritório depois de ter conferido pela terceira vez o horário que o evento começaria. Não era o primeiro ano que participava como convidado, mas era o primeiro que eu poderia levar alguém. Como tinha uma vida pública por causa de alguns dos meus clientes, evitava aparecer acompanhado de casos passageiros em eventos daquele porte para não me comprometer. No entanto, nada me impedia de levar Marina como minha acompanhante e achava até que ela ficaria radiante com a possibilidade.

Sua amiga tinha ido embora para casa logo depois do café da manhã e o unicórnio estava sentado no sofá. Precisei puxar o fone de seu ouvido para que prestasse atenção em mim e ela me encarou sem muito interesse.

— Quer sair hoje à noite?

— Não é pra jogar bingo num asilo, é? — perguntou, provocativa, sentada toda displicente de pernas abertas.

— Marina, o dia que eu resolver me vingar dessas brincadeiras, você estará perdida. — Empurrei seu pé da beira do sofá e me sentei, puxando o outro lado do fone. — Tenho um evento de gala para comparecer esta noite e pensei em levá-la comigo. O que acha?

— De gala? — Os olhos castanhos se arregalaram e ela passou a mão pelo cabelo, pensativa. — Não tenho o que usar. Quero dizer, tenho vestidos lindos que recebo, mas nenhum que se encaixe...

Concordei com ela, imaginando que mulheres realmente ficavam nervosas quando o assunto era roupa. Eu possuía alguns *smokings* no armário porque tinha o costume de frequentar esse tipo de evento, mas Marina não estava inserida naquele cenário.

Portanto, peguei minha carteira em cima da mesa e puxei o cartão de crédito que ela tinha me devolvido na semana passada.

— Dá tempo de sair e comprar algo bonito — falei, estendendo o cartão para ela.

Mas Nina ficou de pé, com as mãos na cintura e uma expressão de quem tinha o mundo aos seus pés. E tudo bem, ela poderia ter se quisesse.

— Queridinho, você acha mesmo que vou sair pra procurar roupa? — Sorriu, tirando o celular do bolso do *jeans*. — Basta anunciar minha urgência nos *stories* e

rapidinho alguém vai tocar essa campainha com entregas de várias grifes.

Marina se pendurou no meu ombro e beijou meu rosto, saltitando pelo corredor. Quando ela queria, tornava-se um monstrinho da influência digital e até me deixava orgulhoso.

O dia passou rápido e mesmo tendo ficado chateado por Bruno avisar que não iria ao evento pois Gabriela estava enjoada demais, consegui me manter bastante ocupado com o movimento em minha casa. Tudo porque por volta das duas da tarde começamos a receber entregas via *motoboy*, bem do jeito que Marina tinha falado.

Ela abria e espalhava os vestidos pelo sofá e pela cama, pois eram todos longos e tinham alguns que ocupavam um espaço absurdo. Depois que já tinha recebido umas oito peças de variadas lojas, ela sumiu por um tempo no quarto e voltou somente de calcinha, usando aqueles adesivos cor da pele nos seios.

O pigarro grudou na minha garganta e precisei beber quase uma garrafa inteira de água enquanto Marina desfilava seminua pelo apartamento. Sabia que em muitas ocasiões ela não perdia a oportunidade de provocar e atazanar meu juízo, mas ali, eu a conhecia bem demais para entender que era apenas o seu jeitinho avoadado de ser.

— Vai me ajudar a escolher? — perguntou dentro de um longo de seda branco, que quase parou meu coração.

— Ajudo, claro.

Puxei uma cadeira da sala de jantar e me sentei um pouco afastado para ter uma visão completa das roupas. O vestido branco era lindo, mas estava comprido demais e mesmo com os sapatos que Marina pegou para experimentar, seria impossível usá-lo antes de fazer uma bainha.

— Deus podia ter me criado com uns quinze centímetros a mais — resmungou ela enquanto tirava a peça e pegava outra. — Quase todas as minhas roupas precisam ser diminuídas.

— Se minha opinião serve de alguma coisa, eu adoro seu tamanho. Como eu beijaria sua cabeça linda toda hora se ela não coubesse exatamente abaixo do meu queixo?

Ignorando meu elogio, Nina se enfiou dentro de um vestido horroroso que eu jamais deixaria que ela usasse. Não que eu tivesse algum poder sobre sua decisão, mas rezei em silêncio para que o descartasse. A roupa era de cor bege um pouco puxada para o dourado, também de seda, que se moldava em todas as suas curvas e possuía uma fenda que iniciava na virilha. A lateral da calcinha ficava toda de fora. Fora o decote nos seios, que mostrava quase os adesivos nos mamilos.

— Que coisa maravilhosa! — exclamou ela ao se olhar no espelho. — Meu Deus, estou um arraso!

Ela se virou para mim, toda empolgada e eu quase busquei uma faca na cozinha para cortar o vestido em milhares de pequenos pedaços. Mas falei:

— Lindo.

Marina sorriu e se virou novamente para o espelho, mas então, encolheu os ombros e começou a se despir.

— Não quero.

— Não? — perguntei, surpreso e agradecido.

— Não daria para usar uma calcinha com ele e eu não tenho tapa-sexo. Também não pretendo ir para o evento e passar a noite com a sua mão em cima da bacurinha.

Achei ótimo que ela se preocupasse com isso e nem perdi meu tempo argumentando porque sua decisão era exatamente a que eu queria. Não em relação às suas partes íntimas, sim sobre desistir de usar aquela roupa.

Precisei aguardar pacientemente que ela experimentasse mais dois vestidos, ficasse em dúvida entre ambos, para no final, depois de meia hora, decidir que não usaria nenhum. Porque de acordo com a *influencer*, tudo também dependia não apenas de servir perfeitamente no corpo, como ficar bem em vários ângulos para fotos.

Até que ela vestiu um vermelho que eu nem lembrava pois tinha ficado sobre a cama no quarto. Quando Marina chegou na sala dentro dele, meu coração quase parou. O vestido de alças muito finas era de tule com renda e parecia ter sido todo bordado diretamente no corpo dela, de tão perfeito que ficou seu caimento. Os minúsculos pontinhos que pareciam ser paetês jorravam raios luminescentes por todo o tecido que descia num decote vertiginoso, expondo os seios impecáveis e finalizando alguns centímetros acima do umbigo.

— E aí? — Ela quis saber, dando uma voltinha para exhibir as costas.

— Deslumbrante — falei, molhando meus lábios que ficaram ressecados repentinamente. — Um ícone.

A parte de trás deixava bem claro que eu teria trabalho a noite toda, pois passaria o evento inteiro fuzilando os idiotas que ficassem babando em cima dela. Com as costas inteiramente nuas até o início dos quadris, o vestido ficava seguro apenas pelas duas alcinhas que se cruzavam bem acima da linha de sua coluna. O tecido moldava-se ao corpo escultural e abria numa saia que lembrava o rabo de uma sereia, deixando uma pequena ponta de cauda para trás.

— Ficou bom mesmo? — perguntou ela, conferindo o visual diante do espelho. — Não sei se não vou tropeçar

com tanto vestido em volta dos meus pés...

— Todos ficaram lindos — respondi, levantando-me e parando atrás dela. — Mas esse foi feito para você, sem a menor dúvida. É elegante, bonito, impactante, e não é vulgar.

Através do reflexo no espelho, Marina me encarou com a carinha que fazia quando ficava encabulada. Ela desceu dos saltos e eu aproveitei para apoiar meu queixo no topo de sua cabeça como tinha acabado de comentar.

— Você vai precisar tirar fotos lindas, príncipe. Tenho que divulgar muito a marca.

— Não sei se você sabe disso, era muito pequena, mas passei em segundo lugar no vestibular para o curso de Direito da UFRJ. Quando me dedico a algo, eu o faço de forma exemplar. Suas fotos ficarão incríveis.

A filha da mãe mordiscou o lábio e deslizou o zíper lateral do vestido lentamente, sem tirar os olhos de mim pelo espelho.

— Por acaso existe mais alguma outra coisa incrível que o senhor gostaria de fazer comigo?

— Sim — respondi, girando-a em minhas mãos para fazer com que ficasse de frente para mim. Então, toquei sua cintura e corri meus dedos pelo tecido do vestido, enquanto aproximava meu rosto do dela. — Gostaria muito de fazer um pedido especial a você.

— Qual?

Marina estava toda derretida e os cílios longos bateram algumas vezes. Roci a ponta do meu nariz no dela e sorri.

— Que arrume essa bagunça que fez na minha sala — declarei, dando um selinho e me afastando. — E você deveria filmar tudo para mostrar aos seus seguidores que *influencer* também faz faxina em casa.

— Vai cagar, Arthur!

Entrei no meu quarto, achando graça da sacanagem que fiz com ela, mas com o coração leve. Era sempre muito fácil passar o tempo ao lado de Nina — quando ela não entrava em modo de sedução.



A entrega anual do Prêmio Escorcese tinha o costume de ser sediada em um dos salões mais clássicos de São Paulo, no *Palácio Tangará*, um hotel que mais lembrava um oásis por estar inserido praticamente dentro de um parque tropical. Por ser um dos eventos mais importantes do ano e contar com a participação da nata da sociedade brasileira, nenhum convidado economizava no luxo.

Eu não fiz diferente, até porque Marina estava tão deslumbrante que merecia chegar em grande estilo, no *Rolls-Royce Phantom* que contratei com o serviço de motorista. Ela enlouqueceu quando viu o automóvel branco parado na nossa porta e eu amava que se empolgasse com as coisas que eu gostava, como carros, ao contrário de muitas mulheres que não achavam graça nenhuma.

— Por que está tão calada? — perguntei, parando de mexer no meu celular e o guardando no bolso interno do *smoking*.

Nina tinha passado boa parte do trajeto em silêncio, ocupando-se de observar os locais por onde passávamos, volta e meia ajeitando os cabelos sobre os ombros ou tocando de leve o rosto com os dedos para conferir a maquiagem. Nem mesmo tinha tirado o celular de dentro da pequena bolsa que carregava.

— Tô nervosa, tá dando até vontade de vomitar.

— Por quê?

— Ué, porque não costumo frequentar festas como essa — respondeu ela, tamborilando os dedos na perna, visivelmente nervosa. — Já nem sabia o que falar ou fazer lá na casa da Gabriela, imagina aqui.

Segurei a mão agitada e a apoiei sobre a minha, acariciando os dedos que estavam suados. Senti logo que

Nina relaxou um pouco com meu toque e passei meu braço pelos ombros dela, puxando-a delicadamente para mim.

— Basta ser você mesma, essa pessoinha maravilhosa que eu conheço e que encanta todo mundo.

— E se eu falar alguma idiotice? Você sabe que não tenho filtro.

— Esse é o tipo de evento em que vamos chegar, nos sentar numa mesa com alguns outros desconhecidos, vamos comer, beber e assistir a entrega do prêmio. No final, faremos uma social só para eu cumprimentar contatos e outras pessoas que eu conheça, nada demais. Você não vai precisar fazer nenhum discurso.

Marina assentiu e deitou a cabeça no meu ombro, mas seu momento de relaxamento foi interrompido porque já estávamos próximos do hotel. Quando paramos na porta, a imprensa já estava reunida ali, ansiosa para captar qualquer movimento dos convidados e não pouparam *flashes* quando o unicórnio flamejante desceu do automóvel.

Ela realmente estava um espetáculo. Não que já não fosse todos os dias, mas Nina arrasou na escolha do vestido, que caiu como uma luva em seu corpo e a transformou na mulher mais maravilhosa da noite. Conforme andava, a saia com cauda ondulava e emitia brilhos na direção dos nossos olhos, mas sua pele também

não ficava para trás. Ela tinha usado um creme que intensificava o brilho dourado de seu bronzeado e a fazia parecer ter acabado de sair de uma praia.

A mão fina e pequena apertava a minha com mais força que o necessário enquanto caminhávamos na direção da entrada do Palácio Tangará, mas antes, puxei Marina de lado e a virei de frente para mim, ajeitando seus cabelos de um jeito bonito e piscando para ela.

— Esqueceu das fotos? — perguntei, estendendo minha mão. — Me dê o celular.

— Agora? — Ela olhou em volta, insegura.

— Por que não? Vou bater uma foto maravilhosa e a mídia ainda vai ser agraciada com suas poses.

Eu recuei alguns passos, esperando enquanto Marina subia alguns degraus da suntuosa escadaria e tentei buscar o melhor ângulo para fotografá-la naquela posição, de costas para mim, com o rosto levemente virado para o lado.

Uma mulher da segurança ainda se enfiou na frente e ajeitou a cauda do vestido como um favor e sorri em agradecimento quando ela se afastou. Tirei algumas fotos, talvez umas dezenas, com Marina na mesma pose, e olhando o resultado me perguntei se havia algum monumento mais perfeito que aquele. Precisei puxar o ar

com força e olhar para o céu quando senti meus olhos arderem de emoção.

— Ficou boa? — perguntou ela, toda inocente, pegando o celular de minhas mãos. — Uau, eu amei, príncipe! Fiquei bonita, o vestido valorizou.

Segurei sua mão para entrarmos no evento e balancei a cabeça ao ouvir aquele comentário.

— Até coberta de lama você ficaria linda.



A premiação ocorreu como prevista e como ficamos numa mesa onde eu não conhecia ninguém, aproveitei o final da cerimônia para percorrer o salão e rever alguns contatos. Geralmente aquela era a hora de fazer a social, pois dava-se início à uma festa com o bar liberado para quem quisesse estender a noite.

Depois de trocar alguns cumprimentos e apresentar umas pessoas à Marina, nos preparamos para ir embora, mas um advogado que eu não via há algum tempo passou diante de nós e me viu.

— Arthur, que prazer rever você!

— Caio! — Estendi minha mão para cumprimentá-lo e me virei para Marina. — Este é um grande advogado de Goiás. Está é a Marina.

Eles se cumprimentaram com um beijo e como Caio tinha fama de garanhão, fiquei de olho no local onde ele tinha colocado a mão ao falar com Nina.

— Quero aproveitar e te apresentar a um grande amigo meu, o vencedor do principal prêmio da noite. Vou te levar até ele.

Eu o segui junto com Marina, até encontrarmos um casal que conversava de forma animada e Caio nos apresentou rapidamente. O homem me cumprimentou e estendeu a mão com um sorriso no rosto.

— Ramon, esse é Arthur Bittencourt Salazar, famoso advogado criminalista aqui em São Paulo. Já participamos de eventos em que ele estava presente, mas nunca tive a oportunidade de apresentar vocês dois. Arthur, esse é Ramon Baldez, dono da Fazenda Baldez.

— Sabia que já tinha visto você em algum lugar. É um prazer — disse ele.

— O prazer é meu — respondi ao fazendeiro com um forte aperto de mãos. — Parabéns pelo prêmio, tenho certeza que o conquistou por muito mérito.

— Obrigado. — O homem tocou a cintura da mulher ao seu lado e ela sorriu para nós. — Está é minha namorada, Gabriela^[1].

Era bastante óbvia a felicidade estampada nos rostos do casal, pela conquista da noite, toda a emoção que

deviam estar sentindo, pois Gabriela nos cumprimentou com um sorriso enorme e olhos brilhantes.

— É um prazer — respondi de volta. — Esta é... — Travei, sem saber como rotular a beleza estonteante ao meu lado. — É...

— Marina Leão — disse ela mesma, estendendo a mão para o casal, e depois me lançou rapidamente um olhar afiado. — Parabéns!

Senti-me um idiota completo por cometer uma falha como aquela diante de pessoas que estávamos conhecendo agora. Claro que não havia cabimento algum apresentá-la como namorada, mas devia ter raciocinado rápido e inventado qualquer coisa.

— Minha nossa, você é linda! — Gabriela foi muito simpática com Marina, graças a Deus, e eu acho que sua reação amenizou um pouco o clima tenso. — Eu amei o seu vestido, combinou tanto com o tom da sua pele!

— Obrigada! Quem escolheu foi o coroa aqui — quase engasguei com saliva—, mas também achei lindo.

Bom, se tinha algo que Marina Leão fazia com maestria, era criar saias justas. Tudo porque Ramon Baldez aparentava ter mais ou menos a minha idade, assim como Caio, mas Gabriela era tão jovem quanto Nina.

A menina claramente já devia estar acostumada com aquele tipo de situação nada confortável, pois abriu um

sorriso divertido enquanto tocava a camisa de seu namorado e os dois trocaram olhares cúmplices.

— Você tem bom gosto, Arthur. Não sei o que Ramon escolheria para mim. Provavelmente uma calça *jeans* e botas de montaria, não é, amor?

— Ou uma saia jeans. — Caio se meteu na conversa com um sorrisinho provocador. — Ramon adora que Gabriela use saias *jeans*.

— Ele ainda gosta das suas roupas, ponto positivo pra você — Marina resmungou, esticando um braço junto ao corpo e usando a outra mão para segurá-lo. — Arthur detesta tudo que eu visto, acho que se dependesse dele, sairia de burca na rua.

— O que importa é que as duas moças estão deslumbrantes — resolvi interromper aquele *show* de horrores que a conversa estava se tornando. — Então, Ramon, a Fazenda Baldez atua em qual ramo? Agropecuária?

O próprio vencedor da noite parecia aliviado com a mudança de assunto e eu não conseguia deixar de pensar que apresentou a menina como sua namorada. Qual seria a real diferença de idade entre eles?

— Equinocultura — respondeu, com um olhar que indicava muito orgulho. — Crio cavalos de raças, principalmente os Quarto de Milha, mas venho aumentando

meu leque de opções nos últimos anos, o que vem dando bastante certo.

Caio, nosso amigo em comum, tocou o ombro de Ramon num gesto de camaradagem entre amigos e isso me lembrou bastante minha relação com o filho da mãe do Bruno.

— O mercado de equinos é exigente e o selo Baldez é um dos mais procurados da América do Sul — disse o advogado.

— Impressionante e...

— Você cria cavalos? — Marina me interrompeu, levando uma mão ao peito dela e outra ao meu. — Ah, meu Deus! Isso é o destino! Você cria cavalos? Tipo, de verdade mesmo?

Aqueles movimentos não passaram despercebidos por nenhuma das outras três pessoas inseridas na roda de conversa. Ramon, principalmente, passou os olhos rapidamente entre nós antes de responder a Nina, enquanto Gabriela e Caio estampavam sorrisos nos rostos.

— Sim, de verdade. — O fazendeiro sorriu e depois eu o agradeceria por ser tão paciente. — Você gosta de cavalos? Já esteve em uma fazenda antes?

— Quando eu era criança fui em um parquinho chamado A Fazendinha, mas só tinha um cavalo para umas cinquenta crianças insuportáveis. E esse é todo o

contato que tive com fazendas. — Ri internamente porque eu sabia exatamente do que ela estava falando. — Lembra desse dia, príncipe?

Assenti, olhando para ela e sorrindo. Estava tão linda, tão deslumbrante, que não tinha como ficar impassível assim tão de perto.

— Claro que lembro — respondi, inclinando-me para beijar sua bochecha e depois olhei para nossa plateia. — Marina tinha uns sete anos e nos fez entrar na fila junto com as crianças, só para que ela pudesse andar três vezes no cavalo. Que na verdade, estava mais para burrico.

Talvez, só talvez, minha fala não tenha soado muito bem a ouvidos estranhos. Foi a sensação que tive, não, foi a certeza que me abateu logo que terminei de contar a história e notei Caio inclinar a cabeça para o lado.

Se Ramon achou algo ali estranho, não pareceu demonstrar, mas Gabriela não conseguiu se manter discreta e exibiu uma expressão espantada para nós.

— Sete anos? — perguntou ela.

Ignorando os olhares avaliadores sobre nós, limpei a garganta para consertar a merda que tinha acabado de fazer, mesmo que Marina, ao meu lado, se mantivesse alheia a tudo.

— Sim, sete anos — confirmei, tocando a cintura dela. — Nina é irmã de um grande amigo que faleceu,

então nos conhecemos há muitos anos. Agora que ela tem dezenove anos e se tornou maior de idade, voltamos a nos reaproximar.

Esperava que a parte do “maior de idade” tenha sido bem frisada para que não pensassem que eu era um pedófilo. Apesar de que, francamente, não havia nada para suspeitar ali. Eu não estava agindo como se fôssemos um casal.

— Sempre fui apaixonada por ele desde criança, mas nunca fui correspondida. — Num piscar de olhos, Marina conseguiu jogar todo o meu esforço no lixo. — Só que Arthur é um cabeça-dura e ainda me enxerga como se eu tivesse quinze anos. A diferença de idade entre vocês é muito grande?

Sinceramente, estava me sentindo um adolescente que passava uma vergonha muito grande na frente de adultos e não sabia onde enfiar a cara. Como Marina conseguia ser tão... daquele jeito, que até me faltavam palavras?

Ramon parecia tão em choque quanto eu, mas fomos salvos de um constrangimento maior quando Caio sorriu e pousou a mão no ombro do amigo fazendeiro.

— Nossa, parece que eu já vi essa história antes! Que coincidência! — Ou talvez ele só estivesse tentando

atizar o fogo no palheiro. — A diferença de idade entre eles é de dezenove anos.

Dezenove? Porra, era quase a mesma diferença entre Marina e eu, de vinte e um. Mas claro que entre eles não existia o vínculo que se criou entre nós dois, desde a infância dela. Eu acreditava que dessa forma as coisas poderiam sim ser mais fáceis, menos cheias de tabus.

— Na verdade, quase dezenove. Ramon tem trinta e oito anos e eu fiz vinte recentemente — Gabi disse, encostando a cabeça no peito do fazendeiro. — Sei como a questão da idade pode pesar, mas fiz com que Ramon entendesse que o que importa de verdade, é o que sentimos um pelo outro.

Quando se beijaram com cumplicidade, ficou óbvio que eram um casal maduro e feliz. Pela forma como Ramon abraçou a namorada, eu até arriscava dizer que seus sentimentos por ela eram tão fortes quanto os meus por Marina, mas ainda não conseguia me visualizar naquele papel.

— É exatamente isso. E, você sabe, Arthur, pela lei, está tudo certo — disse o advogado.

Eu já conhecia Caio há algum tempo, sempre nos esbarramos em eventos desse tipo pois ele era muito conhecido aqui em São Paulo, como também já tive o prazer de tomar uma bebida ou outra com ele em rodas de

amigos da mesma área. Portanto, não me afetava sua intromissão e total indiscrição sobre o assunto, pois sabia que Bruno agiria exatamente igual se estivesse presente. Era o jeito dele.

— Fico feliz por vocês dois — falei, olhando para o casal e depois para Nina. — Mas essa mocinha aqui me dá bastante trabalho sem que estejamos num relacionamento.

— Se estivéssemos em um, você teria o trabalho, mas em compensação, também me teria.

Afrontosa, ela me encarou e eu sabia que não tinha completado a frase, mas pensava em algo que envolvesse uma cama. Estendi a mão assim que um garçom passou por nós e peguei duas taças de *champagne* por ter apenas duas mãos, mas se pudesse, pegaria logo umas cinco.

— Nina, posso te chamar assim, certo? — Gabriela perguntou para Marina. — Quer ir ao banheiro comigo? Assim a gente pode se conhecer de verdade sem a presença desses homens.

Quase me ajoelhei aos pés daquela mulher e agradei o descanso, pois não via a hora de respirar alguns minutos em paz sem que Marina ateasse fogo em mim.

— Claro! — Ela segurou a mão da namorada de Ramon. — Estou mesmo precisando retocar o batom.

— Ótimo, enquanto vocês vão ao banheiro, eu e os rapazes vamos até o bar. — Caio, que era o nosso elo,

apoiou as mãos no meu ombro e no de Ramon. — Acho que uma dose de uísque cairia muito bem.

Concordei imediatamente e fiz o favor de tomar o restante da minha *champagne* num gole só, enquanto a outra tinha dado para Marina bebericar. No entanto, eu não recusaria qualquer coisa mais forte que isso. Iria precisar, pois o unicórnio estava flamejante naquela noite.

Depois que o casal se beijou, o advogado nos guiou até o bar do evento e começou a querer saber mais sobre o meu caso principal no momento, a Máfia das Ambulâncias. Não precisava ser paulista para conhecer o escândalo divulgado em âmbito nacional e enquanto esperávamos nossas doses, contei um pouco sobre meu trabalho.

Marina

Não posso mentir, tinha me sentido a noite inteira a mulher mais bonita da premiação, principalmente porque Arthur não conseguia tirar os olhos de cima de mim — e eu flagrei umas duas ou três vezes ele babando no meu decote. Mas enquanto seguia com Gabriela até o banheiro feminino, observei como ela era elegante e tinha um corpo delicado dentro do vestido perfeito. Ele combinava muito

com sua pele clara, o tom de seu cabelo e os seus olhos que eram fabulosos de cores diferentes.

— Você e Arthur formam um casal lindo, Nina! — disse ela ao encontramos o banheiro vazio.

— Ah... É. — Encolhi os ombros, aproximando-me da enorme bancada de mármore rosa e me olhando no espelho. — Pena que não somos um casal. Ele não consegue deixar de lado o fato de ter me conhecido ainda um bebê.

Suspirei, colocando minha *clutch* sobre a bancada e olhando na direção dos reservados. De forma alguma eu conseguiria suspender todo o vestido e fazer xixi naquele espaço. Ou talvez eu pudesse esperar para ver se Gabriela tentaria o mesmo. Se desse certo e ela não deixasse o rabo do vestido cair dentro do vaso, eu arriscaria com o meu.

— Quer ajuda com o vestido? — perguntou, com um sorriso doce.

— Sim, por favor! — agradeci, caminhando até uma das portinhas. — Você também percebeu a dificuldade que deve ser, né? Eu nunca usei roupa assim, é muito tecido para segurar.

— Muito menos eu — Gabriela respondeu. — Sem contar que meus pés estão me matando, mas estou me mantendo firme.

Achei engraçado que ela tenha corrido para trancar a porta do banheiro, quando na pior das hipóteses outra mulher entraria e veria a cena mais ridícula de todas. Eu já passava bastante vergonha naturalmente para me preocupar com algo assim. E quando eu digo assim, é exatamente nessa cena ridícula que estão pensando. Meu vestido enrolado até a cintura num bolo amassado e torto que Gabriela segurava com firmeza, enquanto eu estava com os joelhos dobrados, agachada naquela posição lamentável que toda mulher tem que se colocar para fazer xixi em local público. Certeza que aquele seria um ótimo início de amizade.

— Voltando ao assunto, eu passei por algo semelhante com Ramon — murmurou ela enquanto ouvíamos o barulhinho. — Ele não me viu crescer, então, essa parte é diferente, mas a questão da idade é a mesma. O homem penou pra dar o braço a torcer. Sabe a fama de que fazendeiro é chucro e cabeça dura? Então, Ramon levava isso bem ao pé da letra.

— Tirando a parte de fazendeiro, parece que você está descrevendo o Arthur. Ele sempre foi muito reservado com a vida íntima e eu cresci achando que nunca me olharia de outra forma. Só que, pasme — falei, enquanto me enxugava e pegava minha roupa das mãos dela —, o

primeiro beijo partiu dele. Aí achei que fosse se declarar pra mim, né? Mas não, o homem não dá o braço a torcer.

Gabriela assentiu como se concordasse e entendesse tudo que eu tinha dito. Nós trocamos de lugar, sendo a vez dela de se aliviar um pouco e a ajudei igual fez comigo. Fiquei imaginando a desgraça que seria se não tivéssemos sido apresentadas e precisássemos passar a noite inteira apertadas.

— Eu dei o primeiro beijo no Ramon, mas ele surtou — disse ela, sorrindo. — Vou resumir a nossa história, eu só tenho o meu pai na vida, ele sofreu um acidente muito grave e está mal no hospital. Ramon é sócio dele e, para que eu não ficasse sozinha, me acolheu em sua fazenda. No começo, odiei o fato de ter que morar lá, pois mal o conhecia, mas não tive outra opção a não ser aceitar e, conforme o tempo foi passando, comecei a perceber que estava gostando cada vez mais dele, até me dar conta de que estava perdidamente apaixonada. Então, quis dar o primeiro passo e o homem quase me fez cair do cavalo literalmente. O beije em cima de uma égua, ele estava me ensinando a montar.

Ela riu e acabei rindo junto porque não sabia qual das duas histórias era a mais louca. Infelizmente, a dela talvez fosse a mais triste porque o pai estava em estado grave. Senti-me solidária à tristeza em sua voz, que oscilou ao

falar nele, sabia perfeitamente como era a dor de perder alguém que amávamos ou ver a pessoa no hospital.

— Mas agora vocês estão realmente juntos — frisei, tentando focar na parte boa da história. — Como foi para que ele saísse da fase de surto para a fase de beijos? Porque eu me encontro num limbo entre as duas coisas. E cada vez que o Arthur me beija, mesmo que seja um selinho, quase entro em combustão espontânea, mas tenho muito medo de investir mais e ele fugir como já fez antes.

Ajudei Gabriela com o vestido quando ela terminou e depois de dar descarga, fomos lavar nossas mãos. Eu ainda queria retocar meu batom — que foi retirado pela taça, não por Arthur, infelizmente — e dar uma ajeitada nos cabelos, mas não conseguia parar de observar a menina linda, tentando desvendar como fez para deixar o homem caidinho por ela.

— Recorri à uma tática bem antiga, mas que geralmente dá certo. — Puxei duas folhas de papel e me virei para ela. — Fiz ciúmes nele. Fiz questão de que ele me visse sair de casa e deixei bem claro que não tinha hora para voltar. O homem ficou louco e foi atrás de mim. Depois disso, ele admitiu seus sentimentos, passou por cima do preconceito bobo sobre a nossa diferença de idade e me pediu em namoro. Estamos juntos desde então.

Arthur era muito ciumento, sempre foi, disso eu sabia. Mas ele também era uma pessoa muito refinada que não deixava seus sentimentos extravasarem de forma tão explosiva. Portanto, eu sabia que ele disfarçava muito bem mesmo quando sentia vontade de estrangular um homem que estivesse olhando para minha bunda. Até mesmo na minha festa de aniversário, comigo dançando e me esfregando em meus amigos, ele se portou de forma tão elegante.

Não conseguia imaginar de que jeito eu poderia causar tanto ciúmes no príncipe a ponto de ele me jogar sobre o ombro, bater na minha bunda e me trancar em casa. Certo, falando assim até parece um relacionamento abusivo, mas se tratando de Arthur, a cena deixava minha calcinha molhada.

— Sabe, há uns dias o Arthur falou umas coisas pra mim. Eu sei que ele me ama, mas não do jeito que eu gostaria. E ele meio que tem feito parecer que está se deixando conquistar, mas *tá* tudo tão devagar que eu acho que só vou me casar com oitenta e quatro anos se depender do ritmo dele.

— Ele te olhou de um jeito tão carinhoso quando você lembrou o dia no parquinho, que eu posso te falar com certeza que os sentimentos dele são mais profundos.

— Gabriela falou com um sorriso tão encantador que

pensei que talvez somente eu não percebesse os sinais de Arthur. — Talvez ele ainda não tenha entendido isso, porque te conhece desde criança e não estava esperando sentir algo diferente por você, sabe? Mas, depois do que passei com Ramon, entendi que se há desejo, não tem quem consiga segurar o bom senso de um homem, nem mesmo o medo de se entregar aos sentimentos.

Concordei com ela, pois era isso. Minha relação com o príncipe era muito mais que só gostar de alguém. Era tão profundo e intenso, passamos por tanta coisa juntos, que não dava para medir o amor puro que tínhamos um pelo outro. Eu entendia que para ele podia ser mais difícil porque eu nunca o conheci como um menininho, Arthur já era bem crescido quando passei a nutrir uma paixão por ele.

— Eu estou sendo paciente — disse enquanto tirava o batom da *clutch*. — Ele nem pode ter do que reclamar, porque por mais que eu solte essas indiretas como fiz agora pouco, também tenho dado espaço para ele. Mas eu não sei se Arthur está realmente tentando mudar isso entre nós ou se só permanece se deixando levar pra ver onde vamos parar. Você e o Ramon parecem muito felizes!

— Ramon é o melhor homem do mundo. — Eu ri ao ver como ela era apaixonada mesmo, porque também pensava assim de Arthur. — Claro que sou suspeita para

falar, mas é assim que me sinto sobre ele. Foi difícil no começo, mas depois que ele se soltou e resolveu assumir o que sentia por mim, se tornou um príncipe. É o homem mais romântico e boca suja que conheço. Tenho certeza que você e Arthur também vão se resolver, Nina. É nítido como um gosta do outro. Cheguei a pensar que já eram um casal quando Caio nos apresentou.

Como Gabriela ficou toda vermelha, eu me encarei no espelho com um frio na barriga. Nós éramos tão transparentes, não é? Tinha certeza que naqueles momentos em que morria de vergonha, o príncipe sabia exatamente o que eu estava sentindo. E pensando na boca suja do Ramon, senti um pouco de invejinha, pois Arthur era cavalheiro demais para ficar falando putaria perto de mim.

Suspirei e guardei o batom, tentando me imaginar como Gabriela, ao lado do meu namorado naquele evento. Esperava que no final da noite, quando chegássemos em casa, pudesse rolar pelo menos uma mão boba. Estava ansiosa para sentir a trombeta do príncipe.

— Depois me passa seu número pra contar quando conseguir... domar esse homem — falei, rindo, e ela riu junto. — É assim que fala de cavalo, né?

— É, sim. Aprendi que sou ótima nesse lance de domar homens com cabeça dura, você será também —

respondeu ela, pegando o celular. — Me passa seu número.

Ditei meu contato enquanto a observava digitar e preendi a risada ao ouvir que algumas pessoas do lado de fora pareciam desejar usar o banheiro. Nós duas sorrimos e Gabriela me abraçou de um jeito carinhoso.

— Boa sorte! Vou ficar torcendo por você lá de Santo Elias e, depois, quando já estiverem juntos, vou pedir para que Ramon os convide para conhecer a fazenda. Acho que você vai adorar ver uns cavalos de verdade.

— Meu Deus, sim! — Meu coração acelerou enquanto Gabriela abria a porta e recebíamos olhares feios das outras mulheres. — Eu amo unicórnios! Quero muito poder ver um pessoalmente!

— Vou ver se conseguimos achar uns unicórnios para você — disse Gabriela, dando uma risada e eu tive uma ótima ideia para meu próximo aniversário: alugar uma fazenda, espalhar vários unicórnios pela festa, ia ser lindo.

Quando alcançamos os rapazes no bar, senti um friozinho dominar meu estômago com o olhar intenso que Arthur dirigiu para mim conforme me aproximava. Parei ao lado dele e sua mão tocando minhas costas nuas me fez arrepiar.

— Tudo bem? — sussurrou em meu ouvido e sorri para ele, confirmando com um gesto de cabeça.

— Demoraram — Ramon disse, especialmente para Gabriela, antes de depositar um selinho fofo no canto dos lábios da mulher bonita.

— Eu falei que a gente ia aproveitar o momento a sós para nos conhecermos melhor. Marina é uma mulher maravilhosa. — Sorri para ela, pois a recíproca era verdadeira. — Deixou alguns homens babando pelo caminho.

Prendi o riso com a expressão no rosto de Arthur, que tinha franzido a testa com seu jeito bem ranzinza de ser e fechou os lábios num bico enorme, enquanto virava sua dose de uísque.

— Homem não pode ver mulher bonita andando sozinha que já quer ciscar em terreno alheio — resmungou, chamando a atenção de todos nós.

— E o terreno tem dono, por acaso? — perguntei, cruzando meus braços, querendo vê-lo sair com uma resposta.

O príncipe me encarou de frente, com os olhos brilhando e a boca entreaberta, portanto, precisei controlar minha vontade de agarrar o homem e grudar nossos lábios.

— Acho que devemos encerrar a noite — mudou de assunto e encarou os outros três. — Vocês fizeram uma viagem, devem estar cansados também, não é?

— Sim, chegamos ontem à tarde e não tivemos tempo de descansar — disse Gabriela e o namorado Ramon lançou um olhar cúmplice ao confirmar. — Foi um prazer imenso conhecer vocês dois.

— Digo o mesmo e quero muito que visitem a minha fazenda em breve. — O fazendeiro simpático mal sabia que eu ia mesmo cobrar aquela oferta. Já podia me imaginar andando de cavalo e me sentindo incrível.

— Tenho certeza que vocês vão adorar. É bom passar um tempo no campo quando se mora em uma cidade tão agitada quanto São Paulo — Caio completou.

Arthur começou a cumprimentar os homens com apertos firmes de mãos e beijou a mão de Gabriela.

— Sem dúvida deve ser de uma tranquilidade invejável. Tem muito tempo que não me refúgio em um lugar como esse. — Ele tocou minha cintura e me olhou. — Quando o trabalho permitir, pego Marina e faço uma visita a vocês.

Eu beijei Gabriela e nos abraçamos, depois cumprimentei Caio e Ramon antes de segurar na mão de Arthur. Os três também começaram a se afastar do bar depois de nos despedirmos e quando já estávamos longe, me inclinei um pouco na direção do príncipe e sussurrei:

— Você pode comprar um cavalo pra mim?

— Primeiro a gente teria que se mudar, acho que não cabe no elevador.

Arthur me deu um beijo no rosto e nós paramos do lado de fora, aguardando que nosso motorista viesse nos buscar. Eu ainda não tinha me acostumado com aquele *Rolls-Royce* absurdamente maravilhoso, digno de tapete vermelho do Oscar. Se Arthur não era um verdadeiro príncipe, não sei quem mais seria.



Capítulo 30

Marina

Em algum momento eu precisaria criar coragem e contar para Arthur o impacto catastrófico que a mão dele em minhas costas causava na minha calcinha. Porque durante todo o percurso do carro até a porta da cobertura, eu senti seu toque quente contra minha pele, como se ele tivesse passado cola entre nós e não conseguisse tirar a mão, sempre na altura da minha cintura.

— Gostei muito de ter encontrado com Caio e conhecido Ramon e Gabriela — comentou ele ao entrarmos e as luzes se acenderem.

— Eu adorei a Gabriela, trocamos até números de telefone.

De costas para mim, Arthur colocou sua chave e carteira sobre a bancada da cozinha e tirou o paletó do *smoking*. Parei para observar cada movimento porque eu nunca tinha visto o príncipe tão impecável na pele de um membro da realeza. Arthur sempre se vestia muito bem,

era muito vaidoso com suas roupas, muito clássico também, mas usar um *smoking* alcançava um outro nível. Foi arrebatador olhar para aquele homem a noite inteira e não poder esfregar minha bacurinha nele.

— Gabriela parece ser uma ótima pessoa — disse, ainda de costas. — Que bom que você conseguiu conversar com alguém além de mim no evento.

— Graças a Deus essa menina apareceu! Eu estava enlouquecida de vontade de fazer xixi e se não fosse ela, não sei o que teria sido de mim. — Arthur se virou para me olhar, com a testa franzida, como se não tivesse entendido meu ponto de vista. — Já olhou a quantidade de tecido e cauda que esse vestido tem? Foi uma cena memorável, ela segurando minha roupa e eu segurando a dela.

— Por que não pediu minha ajuda? — perguntou de forma bem displicente, desatando o nó da gravata borboleta e a deixando pendurada no pescoço.

— Sim, seria incrível você entrando no banheiro das mulheres e me olhando enquanto mijo.

Ele abriu um sorriso um pouquinho cafajeste que deu até uma remexida em meu estômago e se aproximou alguns passos.

— Todo o sacrifício para resgatar a bacurinha.

Senti meus ombros tremerem com minha risada e o encarei quando parou diante de mim e enfiou os dedos

pelos meus cabelos, me fazendo um carinho.

— Quando você fala soa ridículo — reclamei. — Pare de se apropriar do meu vocabulário.

— É ridículo na boca de qualquer pessoa. Então invente um nome para eu usar.

— Eu não, você que invente. — Cruzei meus braços, mais por ansiedade do que por qualquer outra coisa. Ele estava tão perto e era tão lindo. — Acha mesmo que vou ficar inventando apelido pra você usar com as outras, seu cara de pau?

— Que outras? — perguntou ele, agora muito sério, descendo os dedos dos meus cabelos para meus ombros. Eu já podia morrer? — Não tem outras há uns dias. Ou semanas...

— E as da *Caixa Preta*? Não é o seu puteiro particular?

Arthur soltou uma risadinha baixa, enquanto corria os olhos pelo meu corpo e depois esfregou o rosto e recuou um passo, como se tivesse saído do transe. Eu me arrependi de ter tocado no assunto, queria que ele continuasse o que estava fazendo, mesmo que eu não entendesse bem o que era. Mas pelo visto, o homem não queria mesmo que eu me envolvesse com aquela merda de lugar.

— *Caixa Preta* não é o que parece, Nina — respondeu e foi até a cozinha encher um copo d'água. — E eu não tenho um puteiro. Você me desrespeita falando assim.

Como eu não podia entregar para ele todas as informações que tinha conseguido com Miguel, resolvi não insistir. Sabia que por parte de Arthur, nada seria revelado. De que forma ele chegaria para mim e diria que era dono de uma casa de *stripper*?

Dei de ombros, sentindo que o clima entre nós acabou mudando e perdi aquela janela única em que poderia ter acontecido algo a mais.

— Desculpa, vou dormir para não falar mais nenhuma besteira.

Saí da sala quando ele apagou as luzes da cozinha e fui em direção ao meu quarto, sem conseguir tirar os olhos da porta de Arthur. Nos meus sonhos mais loucos enquanto me arrumava para a premiação, achava que terminaríamos a noite embolados na cama dele. Precisava parar urgentemente de ficar me iludindo e sonhando acordada.

— Você ficou realmente linda dentro deste vestido — ouvi o príncipe murmurar logo atrás de mim e me arrepiei. — Vou procurar outros eventos de gala para irmos, assim você pode se vestir mais vezes dessa forma.

Quando me virei, ele estava sorrindo, com uma expressão mesmo de diversão.

— Acredita que minha postagem até agora rendeu mais de quinze mil cliques para o perfil da loja? E a foto já tem mais de trezentos comentários.

— Acredito — respondeu, diminuindo o sorriso e tocando meu cabelo. — Eles devem estar bem felizes. Acharam o unicórnio encantado.

— É... — Girei a maçaneta da minha porta, sem saber mais o que dizer e suspirei. — Boa noite, príncipe.

Não precisava ficar nas pontas dos pés para beijá-lo graças aos saltos finos e altíssimos que estava usando, então apenas me inclinei de leve e apoiei a mão em seu ombro para beijá-lo no rosto.

Estremeci com o toque de Arthur em minha cintura, e ele me puxou para junto de seu corpo, quase me fazendo desequilibrar. Percebi que estava me cheirando, com o nariz enfiado em meu pescoço, e quando conseguimos nos encarar, os olhos azuis fitaram minha boca.

— Sei a merda que é ficar instigando você e depois correr — murmurou, passando os dois braços pela minha cintura e me apertando entre eles. — Detesto ficar nessa oscilação, mas hoje você está mexendo muito comigo, Uni. Está... foda me manter são.

Será que era pelo vestido e por ele ter me deixado com aparência de mulher fatal? Se fosse, faria logo um pedido à loja no dia seguinte, um de cada cor, e usaria até para cozinhar.

— Não sei o que falar porque você sabe minha opinião — respondi, esperando para ver se ele tomaria alguma atitude.

— Sua opinião baseada puramente em fogo no rabo?

Balancei minha cabeça com força e bem firme, confirmando o que ele já sabia. Arthur gargalhou e fez minha calcinha molhar quando passou a ponta da língua pelo cantinho dos lábios. Então, resolvi arriscar um pouquinho e usar minhas mãos que até então sempre ficavam paradas quando se tratava do príncipe.

Toquei a nuca dele enquanto ainda estava presa em seus braços e o arranhei levemente com minhas unhas, sentindo o homem estremecer e me apertar mais.

— Você é velho, mas é muito gato — falei, deslizando meus dedos no pescoço dele e alcançando seus ombros. — Tipo, muito mesmo. Mais que o Tom Cruise.

— Ótimo saber disso, pena que o Tom Cruise já tem quase sessenta anos e eu ainda estou nos quarenta.

— Eita, príncipe. — Arregalei os olhos e ri sem conseguir me segurar. — Então você precisa começar a se

cuidar.

— E você precisa de uns tapas. — Ele desceu a mão até minha bunda, mas não bateu. — Não sou velho, mas sou *muito* velho para você.

Envolvi o pescoço dele e grudei minha boca em sua pele, sentindo a barba áspera irritar meus lábios de um jeito bom. Beijeí seu queixo e fui deixando alguns beijos até chegar ao redor de sua orelha e sussurrar:

— Quero você mesmo assim. Ninguém me entende mais e me aceita melhor do que o meu príncipe...

Arthur recuou o rosto e beijou minha boca com fúria, tão diferente dos outros beijos que ele me deu anteriormente, todos calmos, minuciosos, delicados. Dessa vez ele me invadiu com uma língua quente e poderosa, ágil demais, que até me deixou tonta. Seus braços me esmagaram dentro deles de tal maneira que eu nem precisei me preocupar em me equilibrar, ciente de que ele nunca me deixaria cair.

Gemi quando seus dentes morderam meu lábio e o puxaram, só para que seus olhos azuis o encarassem e ele retornasse com um selinho leve. Estava preparada para ter sua língua novamente dentro de minha boca, mas o homem me surpreendeu e esfregou os lábios pelo meu maxilar, contornando meu rosto até chegar na orelha. E... morri.

— Que arrepio gostoso, Uni — murmurou ele quando eu estremeci em seus braços conforme cada fiozinho de pelo do meu corpo se eriçava com o carinho. — Você é toda perfeitinha, sabia?

Arthur beijou bem atrás da minha orelha e respirei fundo, desmanchando-me como chocolate em banho-maria, sem conseguir mais manter a força nos braços que seguravam seu pescoço. Não ajudava ser obrigada a sentir o volume que se formava dentro da calça dele, já que meu cérebro começava a tentar imaginar como seria.

Quis falar alguma coisa irreverente, mas minha garganta estava seca demais e meu coração batia disparado. Quando o príncipe começou a deslizar os lábios pela linha do meu pescoço até alcançar meu ombro nu, ele deu uma leve mordida ali e depois beijou o local. E então abriu os braços, segurou minha mão e me fez dar uma voltinha.

— Vou parar por aqui, mas antes — sussurrou, colando minhas costas em seu corpo e cruzando as mãos sobre meu ventre —, quero que sinta o que anda acontecendo comigo.

Os músculos das minhas coxas se retesaram e me contorci quando minha bunda foi cutucada pelo que deveria ser a maior ereção do século. Cheguei a ficar momentaneamente sem reação ao sentir o volume duro

atrás de mim, enquanto Arthur afastava meus cabelos e os jogava por cima do meu ombro.

Ele deixou um beijo bem na minha nuca, e dessa vez, o arrepio percorreu toda a linha da minha coluna, fez meu corpo gelar e chegou lá na minha calcinha, bem dentro dela. Minha vagina se contraiu com aquele toque tão delicado e poderoso, e eu quase desejei segurar a mão do príncipe que estava apoiada um pouco abaixo do meu umbigo e guiá-la até lá.

— Está assustada? — perguntou, baixinho, voltando a beijar minha orelha. — Não vou fazer nada. Só queria que soubesse, para entender o quanto me afeta. No dia com a Renata, eu estava assim por sua causa.

— Não tô assustada — falei, virando para ele e tocando seu peito, mas só depois de lançar meus olhos na direção sul para tentar pescar alguns detalhes da trombeta. — Você é a única pessoa em quem confio de olhos fechados.

Ele segurou meu rosto nas mãos e me beijou mais uma vez, sem o ímpeto de antes. Toquei em suas costas enquanto aquela ereção se avolumava ainda mais entre nossos corpos e descí meus dedinhos rápidos até a bunda dele. E apertei. Que se dane, chutei logo o balde. Apertei com vontade e o senti rir em minha boca.

— A minha não é tão interessante quanto a sua — disse, sem me soltar. — Sinto muito.

— Prefiro eu mesma tirar minhas próprias conclusões e conferir o lance das espinhas. — Arthur sorriu e passou a mão pelo cabelo curto. — É mentira, não é?

— Vai ter que descobrir por sua própria conta.

Dei mais um apertão e Arthur beijou minha testa, o que demonstrava estar encerrando nosso momento de pegação.

— Vamos dormir, meu unicórnio favorito.

— Na minha cama ou na sua?

O príncipe me soltou e começou a caminhar na direção do quarto dele, sem me levar junto.

— Cada um na sua cama. Hoje eu bebi e estou um pouco alterado — disse, apontando para o pênis. — Não quero você perto de mim.

— Quem vai tirar meu vestido?

— Ele tem zíper lateral e você entrou nele sozinha — respondeu, parado na frente de sua porta.

— Mas sempre me imaginei naquelas cenas chiques onde a mulher tem dificuldade pra se despir e o homem elegante ajuda ela com o vestido. Coloquei até uma calcinha nova pra você admirar.

Arthur gargalhou e balançou a cabeça, vindo de volta na minha direção enquanto eu mantinha a pose e me

controlava para não fazer a dancinha da vitória.

— Não vou estragar sua cena de cinema — falou, pegando minha mão e me puxando para dentro do meu quarto. — Vamos lá.

— Você tem que deslizar o zíper bem devagar enquanto pensa em como minha pele é sedosa — expliquei, colocando o cabelo todo para o outro lado e virando para Arthur encontrar o fecho. — Claro, não pode faltar aquele roçar de dedos meio sem querer, que vai me causar um choque. Você tem que dar uma tremidinha, ok príncipe? Como se também sentisse. Porque nos romances os casais vivem sendo eletrocutados.

— Ok.

Fechei os olhos e virei a cabeça para frente, me concentrando na ação. Arthur abriu meu zíper devagar, eu podia sentir a roupa se afrouxando em meu corpo, e me arrepiei quando sua mão esbarrou na minha pele. Exatamente como eu pedi no meu roteiro dos sonhos, ele não tinha como ser mais perfeito. Sorri com o lábio preso pelos dentes, me dando conta de que estava me mordendo de verdade, de tão nervosa.

— Estou fazendo exatamente como você queria, meu amor?

— Uhum. Continue.

Ele desceu o zíper até o final dos meus quadris e eu sabia que devia estar vendo a lateral fina da minha calcinha branca, que era bem pequena e que como o vestido impossibilitava que eu a ajeitasse, estava enfiada na minha bunda.

O homem se agachou conforme a roupa descia pelas minhas pernas e me ajudou a levantar os pés para me livrar do vestido. Só então me dei conta de que o movimento tinha feito eu me virar de frente para ele e seu rosto estava bem na altura da minha bacurinha.

— Pare de encarar tão de perto! — briguei, dando um tapa no ombro dele e me tapando.

Seus olhos azuis se voltaram para cima e me encararam enquanto ele levantava devagar, muito sério. Se ele a tocasse, acho que desmaiaria de nervoso e de prazer, porque seria o auge do século.

— Fiz do jeito que você queria? — perguntou ele, quebrando o silêncio.

— Aham... — pigarreei e sorri. — Imagina que foda seria eu me vestir de novo assim e você filmar enquanto puxa o zíper? O post ia bombar no meu *feed*, muito sexy.

Não recebi nenhuma resposta porque o homem estava mais ocupado me comendo com os olhos. Até olhei para baixo, com medo dos adesivos terem soltado dos meus peitos, mas eles ainda estavam ali, escondendo

meus mamilos queridos. No entanto, o príncipe me olhava com tanta intensidade que cheguei a ficar levemente envergonhada.

Sua calça continuava exibindo um volume enorme e precisei desviar os olhos antes que uma cachoeira escorresse pelas minhas pernas.

— Então... — pigarreei, aproximando-me dele. — Obrigada, adorei o teatro!

— Não foi teatro — retrucou, puxando minha nuca e colando os lábios em minha orelha. — Seu unicórnio diabólico, vou passar meia hora no banho para aliviar minhas bolas roxas.

— Elas são roxas? — Recuei o rosto para poder olhar Arthur, fingindo surpresa. — Posso ver?

Ele riu e se afastou, passando a língua pelos lábios ao mesmo tempo em que me olhava dos pés à cabeça. Quando puxou a gravata que estava aberta ao redor do pescoço, enrolou-a em sua mão e se virou para deixar meu quarto.

— Boa noite, Marina.

— Sonha comigo, príncipe! — gritei quando ele já tinha saído e corri para fechar minha porta.

Antes mesmo de ir para o banho, eu me joguei na cama sem conseguir tirar o sorriso do rosto e fiquei ali, suspirando que nem uma boboca apaixonada.

Minutos depois, estava deitada quando recebi uma mensagem de texto de Miguel e abri para ver o que ele queria. Não falava com ele desde quando me pediu desculpas por telefone e fiquei grata por não ter me procurado e nem sido insistente.

“Tudo bem, morena? Você ainda deve estar me odiando, mas quero saber se ainda tem interesse na entrevista com a Francine da Caixa Preta. Eu já tinha comentado de você pra ela e me perguntou se vai vir mesmo.”

Respirei fundo, apertei o celular contra o peito e fechei os olhos, colocando a cabeça para trabalhar. Eu queria muito ir em frente com esse mistério todo, mas não me sentia preparada para ver ou falar com Miguel. Por isso, enviei uma resposta rápida.

“Não sei. Posso responder depois?”

Miguel estava online, pois visualizou no mesmo instante e respondeu.

“Claro, mas a Francine está correndo contra o tempo pra contratar uma nova garota e depois, vai fechar o casting. Olha... Sério, gostaria muito de ficar cara a cara com você

pra implorar por perdão. Estava com muito tesão, gatinha, e me deixei levar, mas não costumo ser esse canalha.

Perdão, perdão. Espero que esteja bem.”

Li e reli a mensagem umas três vezes, sem saber o que fazer. De verdade, eu não sentia raiva dele, apenas frustração por tudo o que aconteceu. Sabia que se tivesse sido mais firme, tudo poderia ter sido diferente, bastava eu dizer não e vir embora. Mas eu errei e ele também, não adiantava colocar a culpa em um só.

“Bom, façamos o seguinte. Vou mandar o endereço do local. Se quiser comparecer, esteja lá na quinta às 19h. Vou esperá-la na entrada do edifício porque você precisará de autorização para subir. Não esperarei por nada de você, ok? Só vou apresentá-la para Francine. Considere como um pedido de desculpas. Boa noite, morena. Fique bem.”

Meu Deus, era real. Senti novamente o frio na barriga ao ler a mensagem. Teria mesmo coragem de ir até lá? Pensei que sim, não seria nada demais. Eu iria para conhecer o lugar e saber mais sobre aquele mistério da vida de Arthur. Não significava que ia balançar a bunda para homens enfiarem notas de cem reais na minha calcinha.

De qualquer forma, deixaria para pensar melhor durante a semana. Até quinta muita coisa tinha para acontecer. Incluindo minha visita à clínica dermatológica de Gabriela e o possível início de uma parceria arrasadora com ela. Eu também tinha marcado uma consulta com a ginecologista e obstetra dela, que Gabi garantiu ser uma senhora muito doce na casa dos cinquenta anos. Queria poder tirar todas as dúvidas sobre a tal da virgindade e me certificar do que tinha realmente acontecido com a bacurinha.

Decidida a dormir, me estiquei no colchão e deixei o celular na pontinha da mesa de cabeceira. Os primeiros minutos não foram como eu esperava, pois o sono não vinha. Não me cobri porque estava quente demais. Mesmo depois de tomar banho, ainda ficava repassando na mente a pegada do Arthur, os arrepios que ele provocou em meu corpo, a forma como eu reagia ao toque dele.

Seria proveitoso aproveitar o calorzinho que meu corpo estava retendo, principalmente da cintura para baixo, enquanto eu rebobinava as cenas do último capítulo e suspirava com elas? O que *foi* aquela pegada do príncipe? Nunca duvidei de que ele pudesse ser intenso na cama porque convenhamos, o homem tem um olhar capaz de fazer qualquer vagina piscar e minha menina não era inatingível. Mas o que me surpreendeu foi ele ter agido

daquela maneira comigo, euzinha, bem aqui, que estou longe de ser uma diva elegante nem figuro entre as prováveis dez beldades que um homem experiente como Arthur gostaria de ter em seus lençóis.

Eu não sabia como era a sensação de ter um orgasmo durante o sexo, com o homem dentro de mim. Algumas amigas diziam que era diferente do orgasmo alcançado pela estimulação do clitóris, outras diziam que era um evento raro que nem todas tinham o prazer de experimentar. E com toda a minha enorme experiência, eu tinha chegado à conclusão de que orgasmos não são como figurinhas repetidas de álbum de futebol que você quer apenas uma, mas vem cinco iguais. Não mesmo.

Ri sozinha igual uma louca enquanto me aconchegava na cama e descia minha mão até minha calcinha. Todas aquelas lembranças tinham me acometido porque eu me sentia frustrada demais. Fiquei dançando na cara de Miguel por um século e nada aconteceu, enquanto Arthur com um simples beijo na nuca por pouco não me fez gozar. Estava em brasa por um homem que mal me tocou, ou seja, precisava de interação o mais rápido possível, com direito a camisa de força.

Suspirei ao afastar o elástico da calcinha, mas então, decidi tirá-la de uma vez. Sentia-me aventureira, pois nunca dormi pelada em todos meus dezenove anos.

Esfreguei meu corpo no lençol macio e embolei minhas pernas no cobertor fofo enquanto usava meus dedos para me tocar. Tinha aprendido a fazer isso desde meus quinze anos, quando o príncipe já vivia contaminando meus pensamentos com imagens sórdidas do corpo dele em cima do meu.

De olhos fechados, usei minha mão esquerda para alisar meus seios e a direita brincava com meu clitóris, fazendo-me contorcer. Minhas pernas abriram-se cada vez mais conforme meu corpo arrepiava e meus dedos exploravam as curvas da minha bacurinha. Gemi e voltei a circular só aquele pequeno nervo e me concentrar totalmente nele, enquanto alucinava com as mãos do príncipe no lugar das minhas.

O orgasmo chegou, devagar, gostoso, deixando-me letárgica até que eu relaxasse completamente e soltasse os braços no colchão, ouvindo apenas a minha respiração ofegante e apreciando a sensação de prazer que eu transpirava.

Demorei uns dez minutos para ir ao banheiro e na volta, nem me dei ao trabalho de me vestir. Apenas agarrei meus travesseiros e me aconcheguei para dormir o sono dos justos.



Capítulo 31

Marina

A minha semana foi tão agitada e tão boa, que toda noite quando deitava a cabeça no travesseiro, eu agradecia e rezava para tudo não ser um sonho. Não que coisas extraordinárias tivessem acontecido, mas eram sim muito boas.

Logo na segunda à tarde eu fui à clínica de Gabriela, que ficava situada em um Centro Empresarial no Itaim Bibi e era puro luxo. A ampla recepção possuía poltronas acolchoadas com o encosto alto que lembravam aquele estilo de móvel antigo que eu desconhecia o nome porque era péssima nisso. As paredes eram decoradas com placas em 3D e papéis de parede que combinavam com toda a decoração em tons de branco, bege e dourado.

Fui prontamente recebida pelas recepcionistas simpáticas e Gabriela me recebeu alguns minutos depois, assim que terminou de atender uma paciente. Ela me

acolheu em um abraço e me guiou até sua sala, que não deixava a desejar em nada quanto ao luxo da recepção.

— Fico feliz que tenha vindo, Nina — disse ela, me levando até um sofá de canto, onde se sentou comigo. — Como você está?

— Tô me sentindo ótima! E é claro que eu viria, se marquei, não furo compromisso assim. — Ela sorriu e eu me forcei a encará-la, pois estava muito abobalhada admirando o espaço. — Aqui é tudo muito lindo, sério mesmo. Parabéns!

— Obrigada. A clínica é a menina dos meus olhos — minha mais nova amiga respondeu, com um orgulho visível e um sorriso de mãe coruja. — Ralei bastante para chegar até aqui. Pode parecer que tudo é fácil porque venho de uma família rica, mas de qualquer forma precisei começar do zero, né?

— Deve ser incrível ser tão nova e já possuir toda essa estrutura. Você é médica! Eu ainda não faço ideia do que quero ser... Arthur anda me pressionando por causa da faculdade, mas...

Gabriela segurou minhas mãos e parei de falar.

— Eu sou nova, mas você também é. A sorte que eu tive foi de sempre ter sonhado em ser médica, desde criancinha. Mas não é assim que acontece com a maioria das pessoas, sabia? Antes de cursar a faculdade de

Direito, o Bruno fazia Engenharia. Ele já tinha cursado quatro semestres quando percebeu que não era o que queria fazer pelo resto da vida.

A revelação era surpreendente porque Bruno não tinha cara de engenheiro. Algumas pessoas parece que nasceram para fazer o que fazem, como ele. Bastava olhar uma vez e ver ADVOGADO escrito bem no meio da testa. Assim como Arthur, pois eu não o imaginava em nenhuma outra profissão.

— Você devia fazer umas pesquisas, Nina. Crie uma lista de coisas que sejam do seu interesse, vai descobrindo do que você gosta e o que esses itens têm em comum. Sabemos, por exemplo, que você é muito boa em *marketing*. — Gabriela piscou para mim. — Eu sinceramente nem sei que tipo de serviço oferecer a você, porque sua beleza já é estonteante. Mas vamos falar de negócios?

Concordei prontamente, me sentindo a criança que entra no parque de diversões e o dono diz que posso ter acesso vitalício a todos os brinquedos. Foi mais ou menos assim minha conversa com Gabriela. Ela contou que desejava alavancar o engajamento de suas redes sociais porque até então, não tinha o costume de focar nos canais digitais, mas tinha noção de que o mundo estava mudando.

Sua proposta era a de me colocar como rosto da clínica, fazer umas fotos promocionais para serem divulgadas, pelas quais eu assinaria um contrato de trinta mil reais pelo trabalho e uso de imagem. Como nenhuma de nós duas entendia muito dos procedimentos legais, Gabriela disse que marcaria um jantar para que Bruno e Arthur resolvessem isso por nós.

Para ser sincera, eu tinha custado a crer que a médica estava mesmo falando em valores como aquele. Trinta mil? Cheguei a comentar que ela não precisava fazer isso e me pagar tão bem só por termos esse elo, mas a dermatologista insistiu e disse que não tinha nada a ver com quem eu era. Saí de lá flutuando, feliz porque além do contrato eu ainda teria direito a fazer qualquer tipo de procedimento sem pagar por nada.

Na quarta-feira, encontrei com Milena para ir à consulta da ginecologista. Minha amiga já possuía uma médica, mas aceitou me acompanhar quando eu a chamei, porque não queria ir sozinha. A doutora Regina atendia ali mesmo nos Jardins e não trabalhava com plano de saúde, então quase tive uma síncope quando Arthur disse que pagaria a consulta de setecentos reais. Como tinha sido indicação da amiga dele, decidi não discutir e apenas aceitar, mas achava um absurdo porque, afinal, ele também pagava pelo meu convênio. Adicionei uma nota

mental para começar a me organizar e usar meu dinheiro do contrato com Gabriela de forma que conseguisse arcar com algumas de minhas despesas.

— O que você vai responder quando ela perguntar se pratica relações sexuais? — Milena sussurrou a pergunta para mim.

— Eu não pratico.

— Os dedos do Miguel dizem o contrário...

Lancei um olhar bem irritado para a loira do meu lado, que sorria de forma irônica. Eu tinha contado para Milena sobre a merda toda que aconteceu na casa do Miguel, sem deixar nenhum pequeno detalhe de fora. Ela ficou triste pelo que passei, mas sua opinião combinava bastante com a de Arthur, sobre o lance de realmente não ter vivido a experiência de verdade. Isso era o que acalentava meu coração sofrido.

Na consulta, a ginecologista foi muito amável comigo, bem como Gabriela tinha avisado, e me senti extremamente à vontade. Nós conversamos um pouco antes de irmos para a parte dos exames e ela me deu uma grande aula sobre hímens.

Utilizando um protótipo de uma vagina, a doutora Regina começou a me explicar algumas coisas quando contei a desgracia da minha primeira vez.

— Quando o feto está em formação, as mucosas do canal vaginal geram uma membrana e antes mesmo da mulher nascer, a parte central dela se rompe, sobrando apenas esse anel que a gente conhece como hímen. E existem variados formatos, não são todos iguais — explicou ela, circulando com o dedo dentro da vagina de plástico.

— Mas eu sou ou não sou virgem?

A médica sorriu e devolveu o objeto ao lugar dele, cruzando as mãos sobre a mesa e me encarando por alguns segundos.

— A presença do hímen não está necessariamente atrelada à virgindade, até porque, existe um tipo que não se rompe facilmente, mesmo após a mulher ter relação sexual pela primeira vez. Esse conceito de que se perder o hímen perde-se também a virgindade já está ultrapassado. Foque na experiência como um todo, nas sensações que você ainda vai viver, física e emocionalmente, quando realmente decidir transar.

A parte da avaliação física foi um pouco mais tensa, mas a doutora conseguiu me deixar confortável, conversando sobre outros assuntos, enquanto me examinava. A princípio, ela disse que eu tinha ganhado uma estrelinha dourada, mas que ainda precisaria aguardar o resultado dos meus exames gerais.

Saí do consultório com um sorriso no rosto, um coração mais leve e uma receita para começar a tomar anticoncepcional — que ela passou depois que insisti estar prontíssima para começar a ter relações.

— Quer ir lá pra casa? — perguntei para Milena, já que ainda estava cedo e não tínhamos nada para fazer.

— Podemos ficar no ofurô? — Os olhos dela brilharam.

Concordei sem pestanejar, visto que o dono da casa raramente usava aquela maravilha dos deuses. Era uma delícia tomar banho ali, relaxar, e eu vinha fazendo isso quase todos os dias, naquelas tardes tediosas sem Arthur em casa e nenhum compromisso na rua.

Quando chegamos, coloquei um biquíni e tentei emprestar algo para Milena, mas percebemos que minhas roupas não cabiam nela. De acordo com a loira, as calcinhas dos biquínis que eu usava iam partir a xoxota dela ao meio e ficar tudo para fora, mesmo eu achando um total exagero de sua parte. Portanto, Milena optou por entrar de calcinha e sutiã, já que Arthur não estava em casa e tinha avisado que chegaria tarde.

Como eu estava feliz, queria comemorar de alguma forma e acabei roubando uma garrafa de vinho dele. Minha amiga não conseguiu ajudar na escolha porque entendia tanto quanto eu, ou seja, nada. Peguei um rótulo de

Cabernet Sauvignon que se dizia chileno, abri com o saca-rolhas e levei duas taças lá para fora.

— Vamos apenas rezar para que este vinho específico não custe, sei lá, uns mil reais — falei, servindo Milena. — Espero que eu tenha escolhido um mais baratinho. Prova e veja se quer açúcar.

Milena cuspiu na hora que falei e limpou a boca, olhando para mim. Meus pés ficaram sujos de vinho, mas me irritei foi com a risada dela.

— Açúcar? — gritou e gargalhou, eu não sabia dizer o que ela estava fazendo. — Você é louca!

— Eu só acho que é um pouco azedo...

— Amada. — Milena tocou meu ombro. — Tudo bem que eu não sou nenhuma especialista nem costumo tomar vinho, mas quem coloca açúcar em vinho?

— Já fiz isso e garanto que ficou uma delícia.

— Toma suco então!

— Suco não me deixa alegre... — retruquei, colocando minha taça no *deck* e entrando no ofurô quentinho. — Olha, gosto é que nem cu, então deixa o meu quieto.

Milena entrou comigo e agitou as pernas dentro da água, sorridente, pegando sua taça e a esticando para mim.

— Ao nosso reencontro! — brindamos.

E ficamos ali pelas próximas horas, até que o vinho já tinha acabado e eu não me lembrava quando tinha tomado uma garrafa quase toda sozinha. Milena bebeu bem menos que eu e parecia um pouco mais sóbria, mas mesmo assim não parava de rir. A gente se olhava e caía na gargalhada por qualquer motivo.

Ela se esticou para pegar o celular que estava apitando notificações e digitou algo rápido.

— Meus pais vão me matar, Marina! Esqueci que era aniversário de casamento deles e tinha jantar lá em casa.

— *Tá* brincando.

De olhos arregalados, ela virou a tela do celular para mim e eu li as mensagens em letras maiúsculas que sua mãe tinha enviado. Já passava das nove da noite e, pelo visto, Milena não chegaria a tempo de comer a comida quentinha.

— Talvez você fique de castigo... — Brinquei e ri. — Isso existe mesmo? Os pais colocam os filhos de castigo?

— Os meus não conseguem — respondeu ela. — Eu começo a chorar e pedir desculpas e eles logo amolecem.

Fiz uma careta de choro quando ela largou o telefone.

— Não queria que fosse embora.

— Nem eu! — Milena fechou os olhos e me abraçou. — Queria dormir aqui.

A gente se balançou para um lado e para o outro, ainda abraçadas, e a loira beijou meu rosto. Fui beijar o dela de volta quando ainda estava com a cabeça virada e acabei beijando sua boca.

— Ops, desculpa — pedi, morta de vergonha, porque eu sempre dava esses furos.

No entanto, ao contrário de Arthur que ignorou o que aconteceu quando o beijei sem querer, Milena pareceu ter gostado do meu ato falho e retribuiu. Ela realmente me beijou e minhas costas foram empurradas contra a parede do ofurô.

Inicialmente, pelos primeiros dois ou três segundos, fiquei sem saber como reagir, pensando se deveria pará-la, mas o beijo dela não era ruim nem nada. Portanto, retribuí, sentindo uma diferença gritante entre ela e o príncipe. A boca de Milena era macia demais, os lábios eram gordinhos e pequenos, mas eram gostosos.

Como eu não sabia se ela esperava por alguma atitude, descí minha mão até sua cintura, mas Milena segurou meus dedos e os levou até sua bunda. Nós rimos quando paramos e nos olhamos, ambas ofegantes e descabeladas. A loira mordeu o lábio e desviou o olhar até meus peitos, puxando a cortininha para o lado enquanto voltava a me encarar. Eu deixei, estava excitada, e fechei meus olhos quando seus dedos tocaram meu mamilo.

Minha mão se fechou entre as pernas dela e como estava só com uma calcinha fina, meu dedo sem querer escorregou por entre seus lábios.

Ela recuou, jogou água no rosto e se sentou na outra extremidade.

— Isso é loucura, somos amigas — murmurou, encarando a água. — É loucura, né? Não quero que você deixe de falar comigo.

— Não vou fazer isso — respondi para tranquilizá-la e joguei água em cima dela. — Essas brincadeiras são legais. Já tive umas experiências do tipo, Mi.

— Você tá excitada? — Balancei a cabeça lentamente e ela sorriu. — Eu também estou. Muito.

Milena voltou a se aproximar de mim e se esfregou nas minhas pernas abertas, encaixando-se entre elas e beijando meu ombro. Sua mão escorregou pela minha barriga e entrou por dentro do meu biquíni, enquanto eu procurava por sua boca e a beijava.

Nossas línguas se comunicaram numa dança suave e também comecei a tocá-la por dentro de sua calcinha. Nossos gemidos se misturaram conforme nossos clitóris eram estimulados e, de repente, as luzes da área externa se acenderam.

— Boa noite — a voz de Arthur soou em meu ouvido e foi tudo tão rápido que eu mal tive tempo de me afastar

de Milena. — Pelo visto, estou interrompendo.

Meu coração parou e, pela cara da loira ao meu lado, aconteceu o mesmo com ela, enquanto ambas encarávamos o advogado gostoso.

— Melhor eu me trocar antes que meus pais coloquem a polícia atrás de mim. — Milena se levantou com pressa e saiu correndo sem se dar conta de que a *lingerie* estava toda transparente. Quando passou por Arthur, abaixou a cabeça e murmurou: — Boa noite. Até nunca mais.

Ponto para ele que não virou o rosto para trás para tentar olhar a bunda dela. Ao contrário, seus olhos se mantiveram fixos em mim e enquanto se aproximava, minha bacurinha piscava. Será que tinham lançado alguma praga sobre mim e eu não conseguiria nunca mais gozar?

— Poxa, príncipe, que péssimo momento pra chegar — falei, abrindo os braços sobre o *deck* e jogando a cabeça para trás. — Podia ter demorado mais uns dez minutinhos.

Ele se agachou e pegou a garrafa vazia numa mão, as taças em outra.

— Nossa, sinto muito por isso — zombou.

Quando Arthur se levantou para entrar em casa, eu conferi se meu biquíni estava no lugar e também saí do ofurô. Desliguei tudo e me enrolei na toalha que tinha

deixado ali, depois fui atrás de Milena. Ela já estava terminando de se vestir e prendia o cabelo com as pontas molhadas num rabo de cavalo quando entrei no quarto.

— Como faz pra olhar pro Arthur agora, minha nossa senhora? — murmurou, juntando suas coisas e fechando o botão da calça.

— Sua blusa está transparente — avisei e fui até o *closet*, voltando com um *top*. — Toma, seu número é menor que o meu, mas esse fica bem apertado em mim, vai servir.

Ela tirou a camiseta e vestiu a peça preta antes de recolocar novamente a blusa.

— O Arthur *tá* meio ranzinza hoje, mas não ligue pra ele.

— Amiga, acorda. — Milena segurou e balançou meus ombros. — Ele está com ciúmes. Por tudo que você contou, mesmo que não estejam juntos, anda rolando alguma coisa entre os dois.

— E desde quando ele tem direito a sentir ciúmes?

— Você sentiu quando viu ele com a ex, não sentiu?

Nossa, não gostava nem de lembrar o dia tenebroso.

— É diferente, Mi, eu sou apaixonada por ele, nutro esse sentimento há um tempão.

Ela sorriu e me beijou no rosto antes de me abraçar e sussurrar um “boba” em meu ouvido. Fui levá-la até a porta, sem encontrarmos nenhum vestígio do príncipe pelo

caminho e quando Milena foi embora, grudei o rosto na madeira, de olhos fechados.

Voltei ao quarto e fui tomar banho para tentar sair daquele torpor que tinha acometido meu corpo; ainda me sentia um pouco melada devido aos toques no ofurô. Vesti um *baby-doll* e procurei por Arthur pelo apartamento. Como a porta do quarto dele estava aberta, dei só um passo para dentro, ciente de que não gostava dessas intromissões, mas não esperava ver o que vi.

O príncipe saiu do *closet* só com uma toalha na cintura e de costas para mim, ajeitou-a ao desfazer o nó e exibiu a bunda para meus olhos apreciarem. Só que ele não sabia que eu estava parada bem ali e fiquei com medo de respirar e ser flagrada.

Recuei em silêncio quando o homem gostoso sumiu dentro do banheiro, e voltei em transe para a sala. Parei ao sentar no braço do sofá, com a mão no coração, sentindo o pobre coitado bater acelerado. Tinha visto a bunda do Arthur, aquela perfeição. Um misto de sentimentos tomou conta de mim porque estava mais apaixonada e, ao mesmo tempo, queria dar na cara bonita dele por ter mentido e exagerado tanto. Não que eu fosse *expert* em bundas masculinas, mas Arthur Salazar estava de parabéns. Que material impecável! Nádegas cheias, redondas, lisinhas e em uns dois tons mais claras que o restante do corpo.

Escorreguei pelas almofadas e agarrei uma delas quando me deitei, sonhando com o dia em que teria o prazer de me esfregar naquela bunda.



Não vou mentir, estava com vergonha de encarar Arthur naquela manhã depois do que ele flagrou entre mim e Milena, mas depois de muito tempo enrolando dentro do quarto, tomei coragem e saí de lá, percebendo que ele não tinha ido trabalhar cedo. O cheiro do café forte me arrebatou e me levou até a cozinha como se fosse um ímã e encontrei o príncipe sentado, com um jornal na mão, enquanto comia.

— Bom dia — murmurei quando me joguei na cadeira de frente para ele.

Já passava das nove horas e parecia que havia um buraco no lugar do meu estômago. A vontade era de comer o mundo inteiro e olhei para a mesa pensando o que eu atacaria primeiro.

— Bom dia, Uni. — Ele abaixou o jornal e o colocou de lado. — Dormiu bem?

— Uhum — murmurei, já com a boca ocupada com três uvinhas deliciosas.

Queria apenas comer em paz, mas o olhar intenso de Arthur sobre mim não estava me possibilitando alcançar a plenitude. Tentei ignorá-lo enquanto colocava o café cheiroso no copo, mas acabei ficando intimidada com a atenção e o encarei.

— O que foi? — perguntei, querendo jogar o pão na cabeça dele.

— Não posso olhar?

— Não tem que ir trabalhar? — devolvi no mesmo tom abusado.

— Por que está sendo grossa comigo? — ele perguntou, elevando um canto dos lábios.

Inspirei com calma, soltei o ar e larguei tudo para apoiar minhas mãos no colo e olhar para o homem que se fazia de sonso.

— Não estou... — pigarreei, sentindo o rosto esquentar, bem nas bochechas. — Só não sei se você *tá* com raiva ou não por causa de ontem.

— Por ter visto minha bunda?

Graças a Deus não estava mastigando nada quando ele fez a pergunta ou teria me engasgado e morrido ali mesmo no meio da sala. Arthur sabia que eu estava no quarto? Como? Eu tinha certeza de ter feito o mínimo de barulho possível e saí correndo o quanto antes. O filho da mãe sorria enquanto observava meu espanto.

— Acha que passa despercebida? — Franziu os lábios, pegando a xícara de café e deslizando o dedo pela borda. — Eu vi a senhorita safada, só não me virei para brigar, porque aí não seria apenas a bunda que você enxergaria.

— Não fiz de propósito, juro. Não tenho interesse algum em ver você pelado.

Arthur manteve o sorriso no rosto, mas não respondeu nada. Ele se limitou a terminar de beber seu café, ajeitar o paletó e se levantar, olhando o relógio de pulso.

— Quanto ao que estava acontecendo entre você e sua amiga, isso não é da minha conta — declarou, piscando para mim. — Não posso reclamar, vai me servir de inspiração por algum tempo.

Ele se aproximou e me beijou rapidamente na cabeça antes de afagar meus cabelos e se afastar. Pegou a pasta sobre um dos móveis, colocou o celular dentro do bolso do paletó e escolheu um chaveiro de um dos carros.

— Preciso ir — avisou, parando na porta e me olhando mais uma vez. — Hoje eu devo voltar mais tarde, tenho compromisso depois do trabalho, ok?

Assenti e voltei minha atenção ao café. Eu também tinha compromisso para aquela noite.

Sim, tinha decidido pagar para ver e ir à entrevista com a tal da Francine. Podia ser uma tremenda loucura, mas não achava que corria perigo nem nada do tipo. Portanto, no finalzinho da tarde fui me jogar na aventura de encontrar a roupa ideal para ir à *Caixa Preta*. Não seria uma tarefa fácil pois eu nem queria chegar lá parecendo uma prostituta nem queria que me olhassem e pensassem que eu era uma adolescente curiosa. Apenas a parte do “curiosa” era verdade.

Sentei-me na cama e comecei a montar vários *looks* em minha cabeça. Afinal, para estar no horário marcado com folga, eu precisaria sair de casa no máximo às seis e meia. Não dava para usar um decote até o umbigo, por exemplo. Nem um vestido com uma fenda sensual. Ah, que caralho!

Decidi que o melhor a fazer era colocar uma roupa básica e levar algo a mais na mochila para o caso de precisar. Então optei por um *jeans* preto justo e um *cropped* também preto, preendi meus cabelos num coque e coloquei uma saia curtinha entre os acessórios reservas. Não que eu pretendesse de verdade dançar sobre um palco, mas tinha em mente que precisaria entrar no local e se para isso tivesse que me vestir apropriadamente, que fosse assim.

Milena já tinha me enviado mensagem avisando que estava chegando ao meu endereço, que era próximo do nosso destino, então fiquei esperando por ela no saguão do prédio. Quando a vi na calçada, saí com pressa ao cumprimentar os porteiros e seguranças.

— Depois de ontem fiquei em dúvida se você ia mesmo querer minha companhia — ela comentou, quase chorosa. — Tô um pouco arrependida de ter atacado minha amiga.

— Para com isso! Você não me atacou e tem mais, eu deixei aquilo acontecer porque quis. — Abracei ela e beijei sua bochecha. — Amigas?

— Amigas! — Ela me apertou de volta. — E você é gostosa pra caralho. Quando estiver entediada...

Gargalhei com a cara de safada que ela fez e dei um tapa em sua bunda ao se virar de costas para olhar nosso *Uber* que se aproximava. Segurei e apertei a mão de Milena quando nos sentamos no banco traseiro.

— É muita loucura o que estou fazendo? Porque dá tempo de desistir e simplesmente perguntar tudo para o Arthur.

— E ele vai contar? — questionou ela.

Pensei na última vez que toquei no assunto, a tragédia que foi. Ele também já tinha deixado bem claro que havia informações sobre sua vida pessoal que não me

diziam respeito, então eu duvidava muito que pressioná-lo mais uma vez fosse adiantar.

— Não acho que seja nada disso — comentei, rindo —, mas toda hora fico imaginando um lugar tipo uma armadilha, quando eu entrar, vão me prender, arrancar minhas roupas e me mandar dançar em cima de algum estranho.

O motorista do aplicativo virou a cabeça para trás e me encarou, logo se dando conta de sua indiscrição e se ajeitando, voltando a olhar para a frente.

— Acho que você assiste muitos filmes — disse Milena. — Você só vai conversar, ninguém vai apontar uma arma na sua cabeça.

— E se for um lugar muito promíscuo? Tudo bem, não sou uma santa, mas também não quero... — O motorista estava me encarando pelo retrovisor e eu inclinei meu corpo na direção dele. — O que foi, moço? Nunca ouviu papo de mulher?

Ele desviou os olhos e mexeu no celular sem motivo algum, tudo para se fingir de ocupado.

— Sinto muito, não quis atrapalhar — avisou, pigarreando e se calando.

Milena, ao meu lado, ria com a boca tapada e dei um tapa no braço dela. Não deu tempo de brigar pois o

endereço que Miguel tinha passado era realmente bem perto da casa de Arthur, em torno de dez minutos de carro.

A primeira pessoa que vi assim que pisei no carro foi o *barman*, encostado à fachada do prédio chique, muito entretido no celular. Estava bonito numa roupa toda preta e quando me viu, abriu um sorriso arrebatador, mas que não me comoveu.

— Morena! — Ele se aproximou e ao parar perto de mim, suspirou e baixou a cabeça. — Sinto muito, muito mesmo. Nem vou encostar em você, estou meio sem saber o que fazer, mas foi bom você ter vindo. Está gata como sempre, a Francine vai amar você.

— Obrigada — respondi e procurei pela mão da minha amiga. — Essa é a Milena, estava comigo na boate. Não lembro se apresentei vocês.

Deixei o outro assunto morrer porque não me sentia à vontade para conversar sobre isso com ele, nem ali, nem naquele dia. Em algum outro momento, talvez, mas não era a hora.

— E aí? — Miguel deu um beijo no rosto dela e voltou a me olhar. — Ela não pode entrar, morena.

— Por que não? — Milena perguntou, já colocando as mãos na cintura. — Não vou deixar minha amiga entrar sozinha.

Antes que eu dissesse alguma coisa, Miguel olhou de uma para a outra e suspirou, esticando a mão para tocar meu ombro.

— Ela não estará sozinha.

— Estará com você — rebateu Milena. — Nossa, agora sim eu estou aliviada. Só que não, né?

Eu a entendia e agradecia muito que estivesse me protegendo, mas se ela não podia entrar, eu ia entrar de qualquer forma. Portanto, virei de costas para Miguel e segurei o rosto de Milena em minhas mãos, sorrindo.

— Queria que você conhecesse o lugar, amiga, mas não vai ser possível. Quer me esperar aqui? Quando eu terminar, a gente sai pra beber alguma coisa e comemorar.

Arregalei meus olhos para ela, quase implorando que não criasse nenhum tumulto e me deixasse ir. Eu sentia que nada aconteceria comigo. Por mais que fosse um lugar de procedência duvidosa, eu não achava que Arthur seria dono de um estabelecimento que traficasse ou escravizasse nenhuma mulher. Não havia tantos motivos para me preocupar.

— Vou esperar naquela lanchonete — Milena disse, apontando para o local na esquina. — E se você não voltar em duas horas, vou chamar a polícia.

Dei um beijo em seu rosto e puxei a mão de Miguel para entrarmos no prédio. Ele sorriu quando paramos

diante da recepção com duas funcionárias e três seguranças engravatados e mostrou um crachá.

— Ela está comigo, veio para uma entrevista de emprego na *Caixa Preta*. Francine fará a autorização.

Ah, meu Deus. Não esperava que ele dissesse isso. Senti como se tivesse **P U T A** escrito em letras maiúsculas na minha testa enquanto uma das recepcionistas mirava a câmera para tirar uma fotografia do meu rosto.

Tive medo de levar um tombo porque as solas dos meus pés suavam quando entramos no elevador que dava acesso à cobertura. Ia finalmente conhecer o lugar e meu coração batia acelerado demais.

— Eu sei que não tenho nada com isso, mas preciso dizer que achei você uma fofura e não consigo acreditar que tenha vontade de trabalhar aqui. Tem o lance da virgindade e tudo mais... Você sabe o que rola aqui dentro, Marina?

Não pude responder porque as portas metálicas se abriram num ambiente de puro luxo, como nada que eu já tenha frequentado.

— Este é o *Sky Bar* — disse Miguel. — Pode ter certeza que aqui é o reduto dos milionários de São Paulo. Do mundo, inclusive. De vez em quando vejo uns gringos falando línguas estranhas por aqui.

— Impressionante — murmurei, com os olhos grudados nos cristais de um lustre quase tão grande quanto o ofurô da cobertura. — Arthur também é dono disso aqui?

— O Senhor Salazar? Sim, claro que é. Nem consigo imaginar a grana que esse homem tem, mas ele é bacana, você vai ver.

Assenti, pensando que não gostaria de ver pessoalmente o Senhor Salazar. Arthur provavelmente me mataria se descobrisse o que eu estava fazendo.

Miguel me guiou por um corredor suntuoso até chegarmos a uma porta larga e o segurança o cumprimentou com um gesto de cabeça. O homem não se preocupou comigo e passei tranquilamente, tendo meu fôlego roubado ao ver aquele lugar com meus próprios olhos.

— Aqui é tipo o *lounge*, onde os caras ficam quando querem conversar sem a perturbação da música alta ou, sei lá, só tomar uma bebida. Juro que tem uns doidos que pagam uma fortuna só para terem acesso a essa adega.

Observei a parede toda em vidro por onde passávamos naquele instante. As dezenas de prateleiras também em vidro ostentavam inúmeras garrafas de vinhos que deveriam ser tenebrosos.

— E aqui, morena, é onde a mágica acontece! — Miguel falou, erguendo minha mão e me girando, colocando-me de frente para o salão com poltronas chiques, muitos espelhos e duas garotas no palco, mesmo que a casa estivesse vazia. — Aquela bonita de vermelho é a Sara e a outra está começando agora, Diana.

As duas mulheres estavam só de *lingerie* e pareciam treinar coreografias, uma em cada lado do palco, que se afunilava até quase o meio do salão, dando uma visão privilegiada a algumas poltronas pretas.

— Lá está a Francine! — Miguel apertou minha mão e me puxou enquanto eu observava o bar onde ele devia trabalhar. — Vamos falar com ela.

Quase tropecei por estar distraída e quando me virei para frente, uma loira de cabelo estilo Chanel estava com a mão no ombro de Miguel.

— Essa é a garota de quem falei, Fran — disse ele.

Ela então primeiro passou os olhos pelo meu corpo e depois encarou meu rosto.

E soltou um grito agudo.



Capítulo 32

Marina

Todo mundo se assustou com o grito agudo que a loira soltou e quando ela fechou os dedos longos ao redor do meu pulso, fiquei bem preocupada. Eu tinha feito alguma besteira e não percebi? A mulher me puxou e saiu me arrastando pelo salão até o início de um outro corredor, enquanto eu olhava dela para Miguel, que vinha atrás de nós.

— Francine, o que você está fazendo?

A loira parou e eu parei junto, ofegante, vendo-a arregalar os olhos e apontar o dedo em riste para ele.

— Está demitido!

— O quê? — perguntamos os dois ao mesmo tempo, mas Miguel provavelmente estava mais horrorizado do que eu.

— Acredite, é melhor a demissão do que um processo — rosnou ela, entre dentes, fuzilando o *barman* com os olhos claros e me puxando para sairmos do

alcance dos curiosos. — Que merda você arranhou, Miguel? Você sabe quem é ela? Irmã do melhor amigo de Arthur!

Ah. Meu. Deus.

Eu gelei por tantos motivos que nem sabia como começar a enumerá-los. Primeiro, virei o rosto e encarei o rapaz que tinha me ajudado a chegar até ali. Miguel me devolveu o olhar, mas com uma grande decepção no rosto.

— Sério que você me enganou assim?

— Não! — Revirei os olhos e suspirei. — Bem, sim. Mas não tanto, eu posso explicar. — E me virei para Francine. — Você não pode demiti-lo, ele não sabia quem eu era. A propósito, como você sabe quem eu sou?

— Ele vai ser demitido sim, Marina. Tanto faz se agora ou depois, porque assim que Arthur descobri isso tudo, nós dois iremos para o olho da rua.

— Eu assumirei a culpa, Miguel não pode ser prejudicado.

— Não tenho tempo para discutir isso agora — disse ela, olhando para o *barman*. — Resolvo com você depois.

Ele me lançou um olhar de raiva mas não consegui pedir desculpas adequadamente antes de Francine me rebocar pelo corredor até alcançarmos algumas portas fechadas. Ainda segurando meu braço, ela tirou um molho

de chaves do bolso da calça preta e abriu uma fechadura, entrando comigo no cômodo e finalmente me soltando.

Era um escritório, mas nada que lembrasse uma sala de uma empresa chique, de um magnata poderoso, nada do tipo. As paredes escuras, pintadas num tom de chumbo, eram ocupadas por uma estante pequena de livros, um sofá de couro preto aparentemente confortável, e fotos, muitas fotos.

Meu corpo inteiro ficou arrepiado enquanto eu encarava as dezenas de porta-retratos pendurados, com fotografias de Felipe e Arthur em momentos diversos. A maioria tirada no que parecia ser a *Caixa Preta*, uma delas, inclusive, parecia ser do dia da inauguração.

Francine pigarreou atrás de mim e me virei, olhando para a loira encostada na mesa que ocupava boa parte do escritório. Ela virou na minha direção os dois porta-retratos que estavam ali, um que exibia uma foto minha, do Lipe e do príncipe, quando eu devia ter uns nove anos e eles tinham feito um aniversário simples de unicórnio para mim. No outro, havia apenas uma foto minha, sozinha, dessas bem produzidas para o *Instagram*, só de rosto.

— Difícil não reconhecê-la — murmurou a loira.

E eu achava que era só chegar lá e dar um nome qualquer — tinha pensado em Camila Prata, gostava de como soava — para enganar a mulher.

— O que está fazendo aqui, Marina?

— Se essa foto está aí para todo mundo ver, por que o Miguel não me reconheceu?

— Miguel é *barman* — respondeu Francine com uma expressão séria. — Este é o escritório de Arthur, apenas eu, que sou a gerente, tenho a chave.

Mas também o príncipe precisava ficar ostentando uma foto minha recente por aqui? Se não fosse esse pequeno detalhe, eu teria entrado e saído daquele lugar sem nenhum contratempo. Essa hora, talvez, até estivesse bebendo uma cervejinha gelada com Milena e contando as fofocas sobre a *Caixa Preta*.

Não pretendia criar problemas para ninguém, principalmente para Miguel que poderia sair prejudicado nessa história toda que eu inventei. Por isso, ajeitei a postura, estiquei minha mão e coloquei um sorriso simpático no rosto.

— Por que não começamos de novo? — perguntei.
— Prazer, Marina.

Francine estreitou os olhos para mim como se quisesse me esquartejar e jogar meus pedaços pela janela, mas acabou apertando a mão de volta.

— Acho que já sabe meu nome — respondeu, arqueando a sobrancelha pintada de loiro. — Agora, me diga, por que está aqui? Como descobriu esse lugar?

— Não sei se você sabe, mas conheço o Arthur há muitos anos e agora estou morando na casa dele. Acontece que andei ouvindo o nome *Caixa Preta* aqui e ali, depois ouvi você falar naquele dia que atendi o celular dele e...

— Ele vai me matar — ela me interrompeu e puxou a cadeira atrás da mesa para se sentar. — Estou fodida, autorizei que você subisse.

— Ah, calma, não é pra tanto! E daí que ele tem uma... danceteria — franzi o nariz, na falta de palavra mais educada — para adultos...

A loira levantou o rosto e me encarou, cruzando as mãos abaixo do queixo.

— Você sabe o que rola aqui, Marina? *Não* é uma danceteria.

— Sim, só estava tentando ser educada com o seu trabalho.

— Arthur nunca quis envolver você com isso.

— Sim, sim. — Abanei a mão, recuando até me sentar no sofá. — Sabemos que ele é todo ranzinza e tal, mas não é nenhum carrasco, não vai matar ninguém porque ninguém tem culpa de eu ser curiosa.

— Ele vai foder a vida do Miguel — avisou Francine, endurecendo a expressão. — Se você chegou até aqui por intermédio dele, é porque falou demais.

— Ele achou que eu fosse dançarina.

Francine bateu as mãos na mesa.

— *Barmans* não saem agenciando garotas na noite! Eu abri uma única exceção para ele porque é um rapaz bacana.

Eu me levantei para encerrar a conversa de uma vez por todas, pois Francine estava a ponto de ter um troço na minha frente. Andei até a mesa e me inclinei, tocando suas mãos.

— Olha, eu não vim arranjar nenhum problema. O Arthur não precisa saber que estive aqui, eu não vou contar nada. Só pedi para o Miguel me trazer porque queria saber um pouco mais do que se tratava, ver com meus próprios olhos... Arthur fica me escondendo as coisas, mas não sou nenhuma criança.

Ela fechou os olhos por alguns segundos e quando os abriu de novo, parecia decidida.

— Não, não, não. Se eu não contar agora, quando ele descobrir será ainda pior.

— Vamos combinar uma coisa? — perguntei e ela estreitou os olhos. — Eu ajudo você e você me ajuda. Se um dia o Arthur descobrir, invento uma desculpa muito boa para que nada caia sobre você. E o Miguel não será demitido.

Francine se levantou, sorrindo, e segurou meus ombros.

— Sempre quis conhecer a irmã do Felipe — disse, simpática, mas suspirou e fechou a cara. — Mas não posso me arriscar por promessas de uma menina. — Então, os olhos dela se arregalaram e os desviou, encarando a mesa por um tempo antes de voltar a me olhar. — Ou melhor, eu posso. Desde que prometa que, quando eu precisar, vai interceder por mim e me dar um aumento bem gordo.

— Aí já é demais, não acho que posso obrigar o Arthur a...

— Só prometa — ela me interrompeu.

— Prometo que tentarei fazer com que ele dobre seu salário — falei, esticando minha mão e apertando a dela. — Miguel não pode ser demitido e eu quero saber tudo que rola aqui.

Francine revirou os olhos e passou um braço por cima dos meus ombros, enquanto abria a porta do escritório e saía comigo.

— Você é uma peste, já vi tudo — murmurou. — Não é à toa que é irmã de quem é.

— Conheceu o Lipe?

— Claro — respondeu ela, trancando o escritório e se encostando à parede com um olhar saudoso. — Amava o seu irmão, mas não desse jeito aí que está pensando. Eu

era só uma *stripper*, não tinha onde cair morta, dançava de noite para comprar o almoço do dia seguinte e morava com um cara que sonhava em se tornar meu cafetão. Não sei bem o que seu irmão viu em mim, ele estava lá, no lugar que eu trabalhava, e fiz uma dança no colo dele. — Francine abaixou o rosto, parecia emocionada. — Então ele contou que estavam abrindo uma casa e procurando garotas para trabalhar aqui, tinha me achado diferente. Ele era sempre muito carinhoso comigo, com todas nós, apesar de ter fama de safado. Desculpe, eu...

— Sei que ele era — comentei, rindo. — Ele é o Arthur.

A loira assentiu e me olhou com os olhos marejados. Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha e fungou, enxugando os olhos e empinando o queixo.

— Bem, enfim, estou aqui desde então e Arthur me fez gerente há quase dois anos. Nunca mais precisei usar meu corpo para ganhar dinheiro. — Ela tocou meu pulso com a testa franzida. — Não que isso seja um problema, respeito muito nossas garotas. Mas chega uma hora, que cansa.

— Imagino...

Ela sorriu e ficou de frente para mim, segurando meu rosto.

— Olha só esse rostinho! Você e Felipe eram tão diferentes, mas sabe que olhando agora pra você crescida, seu nariz e sua boca são bem parecidos...

Sorri de volta, feliz, porque ninguém nunca tinha me falado nada do tipo. Eu sempre me achei totalmente diferente de meu irmão, mas estava louca para me olhar no espelho e tentar notar essas semelhanças.

Francine me soltou e puxou o celular de dentro do sutiã, mexendo na tela e arregalando os olhos.

— Caralho! Arthur está aqui! — Ela levou uma mão ao peito e olhou ao nosso redor. — Ele vai comer meu coração com garfo!

Seus dedos se fecharam ao redor do meu pulso e ela me puxou na direção de uma outra porta. Quando entramos, vi que se tratava de um camarim para as dançarinas, mas estava vazio. Roupas tinham sido deixadas espalhadas pelas poltronas e vários itens de maquiagem ocupavam a penteadeira de uma ponta a outra da parede, rente ao enorme espelho até o teto.

— Fique aqui e, pelo amor de Deus, fique quieta! — pediu antes de fechar a porta e ir lá fora. — Arthur!

Gelei à menção do nome dele e grudei o ouvido na madeira para tentar ouvir a conversa. Não passavam nem das sete horas, ele tinha mesmo que estar ali tão cedo?

— *O que houve?* — Ouvi sua voz. — *Por que está pálida? Tem alguma coisa acontecendo aí dentro?*

Eu esperava que ele não estivesse se referindo justamente ao camarim. Por via das dúvidas, segurei a maçaneta com força.

— Não! — Francine gritou. — Claro que não. É só... Ah, Arthur, uma das meninas está com uma alergia estranha, coitada. Não entre aí para não deixá-la constrangida.

— *Eu não faria isso.* — Esse homem era educado demais, sem condições. — *Alguma novidade para mim? Encontrou a garota?*

— Que garota?

— *Como assim que garota, Francine? A garota que estou procurando, a nova dançarina. Está dormindo em pé?*

— Não, não... Desculpa, estou um pouco avoada...

— *Sei que falei que tinha gostado da Diana e gostei, não me leve a mal. Mas estou ansioso para saber se vai conseguir alguém diferente.*

— Sobre isso — disse Francine. — Arthur, eu não sei bem o que você quer. Sei que falou sobre inexperiência, mas as moças sem experiência que eu entrevistei são terríveis, não conseguem nem rebolar direito sem terem

uma crise de riso. Você realmente quer colocar alguém assim no palco?

— *Há tipos diferentes de inexperiência. Quero alguém que seja carne fresca, mas que saiba o que está fazendo. Olha, lá no Rio, fui em uma festa com a Marina. As garotas de dezenove, vinte anos, que eu vi dançarem funk, se subissem nesse palco, colocariam fogo nessa casa.*

— Quer que dancem *funk*?

— *Porra, Francine. Não. Quero que dancem qualquer merda, mas que sejam diferentes, excitantes, que me deixem de pau duro.*

— Meu Deus, Arthur, não fale essas coisas! — Ela tossiu. — Que eu saiba, todo mundo sai daqui bastante satisfeito. — Francine parecia muito sentida com as palavras dele. — Nossas meninas são ótimas.

— *Não estou me referindo a todo mundo. Quero sentar ali e ver se vai me deixar afetado. Porque nossas meninas podem ser incríveis, mas não sinto tesão por nenhuma. E se eu não sinto, podem ter outros que também não sentem.*

Não estava acreditando nas coisas que Arthur dizia, que cachorro! Só que não consegui acompanhar o restante da conversa porque logo formou-se um burburinho do lado de fora e a porta começou a abrir. Eu me encolhi no canto,

bem atrás dela, com o coração quase saindo pela boca com medo de ser descoberta, mas quem entrou no camarim foram as garotas que estavam no palco quando cheguei.

— Quem é você? — perguntou uma morena que era da minha altura.

— Marina — sussurrei, olhando dela para a outra. — Vocês podem fechar a porta por favor?

— Você também é nova na casa? — a negra alta me perguntou, sorrindo e esticando a mão. — Fui contratada esses dias, sou Diana.

Meu cérebro se fragmentou em milhares de minúsculos pedaços enquanto eu pensava no que dizer. Naquele lapso de milésimos de segundos, pensei em tudo que tinha acontecido entre mim e Arthur, nele me rejeitando, depois nele me agarrando na cama, no nosso beijo, na covardia dele em não terminar o que começou, na mania de achar que eu era uma criança. E então liguei tudo isso à minha presença na *Caixa Preta*, às palavras dele na conversa com Francine, e em mim.

Arthur tinha se referido à *minha* festa. Tinha visto *minhas* amigas dançando. E gostou. Ele queria isso acontecendo naquele palco. Eu não fazia ideia de como eram as performances das garotas da casa, mas se tinha uma coisa que eu fazia muito bem, era dançar. Incorporava

a Anitta em mim e minha bunda ganhava vida própria, além do corpo. E eu podia não ser a gostosona da cidade, mas sabia que dançava bem e hipnotizava os homens.

— Eu sou! — falei, balançando a mão de Diana. — Hoje é... meu primeiro dia.

— Que máximo! — Sara tirou a roupa que estava usando, sem nenhum pudor em ficar pelada na frente de uma estranha e começou a andar pelo camarim à procura de suas coisas. — Será que você vai abrir a noite? No último sábado foi a estreia da Diana.

— Não... Não sei se vou dançar hoje...

Nisso, a porta se abriu mais uma vez e uma Francine com cara de quem tinha visto várias assombrações entrou no cômodo. Quando seus olhos caíram sobre mim, ela soltou um suspiro que parecia de alívio e levou as mãos à cabeça.

— Você não pode sair agora — disse e olhou para um relógio fino que usava no pulso. — Vai ter que esperar o Arthur ir embora, ele não costuma ficar até tarde. Acredito que antes de meia-noite ele se vá.

— Quê? — Eu me joguei num pufe sem me importar de cair em cima de um sutiã. — Não posso ficar esse tempo todo aqui.

Percebi que Diana e Sara se entreolharam e provavelmente não estavam compreendendo o sentido

daquela conversa estranha.

— Pensasse nisso antes de invadir o estabelecimento — disse Francine. — Não posso tirá-la daqui agora e correr o risco de Arthur ver. Deixe-me ver sua bolsa.

Apertei a alça da minha mochila, sem entender, mas a passei para Francine. Só me faltava essa, a mulher achar que eu estava roubando alguma coisa. O que eu esconderia? Um sutiã de renda? Pensei em dizer algo em minha defesa já que as outras garotas me encararam como se eu fosse uma ladra, mas então a loira de cabelo Chanel jogou a mochila sobre os ombros e abriu a porta do camarim.

— Isso fica comigo só para eu ter certeza que você não vai fugir daqui — avisou e saiu.

Não tive reação, estava chocada demais porque sequer cogitei que ela faria algo como aquilo. Minha carteira com meu dinheiro e documentos estava lá, assim como meu celular.

Pela minha visão periférica, percebi que Sara e Diana me observavam um pouco ressabiadas, a negra estava sentada diante do espelho, passando um algodão no rosto e me encarando através do reflexo.

— Certo, não sou dançarina — murmurei, tentando me ajeitar naquele pufe deformado. — Sou uma derrotada,

isso sim.

— Como você conseguiu invadir a *Caixa Preta*? — perguntou Sara, olhando-se no espelho enquanto colocava um conjuntinho branco diante do corpo para se autoavaliar.

— É uma longa história — respondi. — Vocês têm tempo?

Sara encolheu os ombros e se sentou numa cadeira de frente para o espelho.

— Você tem umas três horas antes da casa abrir e quatro até os *shows* começarem. Daqui a pouco as outras garotas chegam.

Muito bem, como sair correndo atrás de Francine e dar de cara com Arthur não estava em meus planos, tudo indicava que eu não tinha outros lugares para ir naquele momento. Antes de começar a narrar minha história, implorei para que uma delas desse um recado para que Miguel fosse avisar a Milena para não me esperar, mas a própria Diana prometeu ir lá na lanchonete antes de começar a se arrumar.

Então eu me acomodei no pufe, estiquei as pernas à frente do corpo e me deitei, mirando o teto escuro.



— Você tem que dançar! — Sara estava ajoelhada ao meu lado, tentando me convencer daquilo, enquanto Diana tinha ido até Milena.

— Você vai me ceder uma cama quando Arthur me expulsar de casa? — perguntei, rindo. — Não posso fazer isso. Queria muito só para ver a cara do homem, é verdade, mas no fundo eu sei que é loucura.

— Ele não precisa saber que é você — disse ela, dando um sorriso maligno e se levantando. — Olha só, eu sou romântica, adoro uma história de amor.

— Não é bem uma história de amor, Sara, eu sou a única aqui a estar apaixonada.

Ela entortou os lábios e colocou as mãos na cintura, me fazendo rir. Sara era muito bonita, tinha um biotipo parecido com o meu, mas era naturalmente muito sexy, como também muito engraçada. Seus olhos grandes e redondos e o rosto muito pequeno a tornavam exótica com os cabelos longos cheios de mechas douradas.

— Meu amor, eu estou na *Caixa Preta* há um ano e meio e nunca vi o Senhor Salazar dar mole pra nenhuma de nós. Ele é super sério. Legal, mas sério. Eu até o achava um pouco antipático quando comecei a trabalhar aqui, porque no meu antigo emprego o dono meio que se aproveitava da gente. — Ela levou as mãos ao peito. — Foi

um choque quando vi que o homem nem olhava pra minha bunda.

— Arthur é muito polido.

— Pois então, se há alguma chance desse homem ser arrancado de sua zona de conforto, eu quero testemunhar e me divertir!

Eu adoraria ser a responsável por fazer Arthur Salazar perder o controle uma vez na vida, mas convenhamos, não sabia se era capaz. Ele teve algumas oportunidades de cometer deslizos comigo nas últimas semanas e se comportou muito bem.

A verdade era que eu tinha quase certeza de nada em mim ser suficiente para seduzir aquele homem.

— Ele não gosta de mim dessa forma — murmurei.

— Ainda iria passar vergonha, isso sim.

Sara se ajoelhou no chão e apoiou as mãos em meus joelhos, me encarando com a boca pintada de batom *pink* e cílios postiços enormes.

— Há duas semanas eu fiz um número fantasiada de mulher-gato e ainda tenho a roupa aqui. A máscara cobre quase o rosto inteiro e a gente faz uma trança firme em você, prende ela para ficar rente à linha da sua coluna e o restante fica por conta da iluminação. — Sara sorriu. — Não vai dar para reconhecê-la, nem se ele chegar bem perto.

Gargalhei, porque era uma ideia muito, muito louca. E mesmo assim meu coração batia acelerado, a adrenalina corria em minhas veias e minha mente voava para longe, pensando em músicas que eu gostaria de dançar se tivesse oportunidade.

Antes que eu negasse ou concordasse com aquela ideia, Sara correu até as araras que ficavam do outro lado do cômodo e começou a mexer nos cabides, voltando com uma saia preta minúscula com lacinhos na lateral e uma blusinha simples que só cobria os seios.

— É uma roupinha boba — disse ela. — O objetivo é ir tirando as peças até sobrar... nada!

— Vocês ficam peladas? — perguntei, horrorizada, porque eu nunca mostraria minha bacurinha para um bando de homem.

— Não há nenhuma obrigatoriedade nisso. As regras da casa dizem apenas que sobre o palco, ninguém pode nos tocar. A gente tira a roupa se quiser e, claro, quanto menos roupa, maiores são as gorjetas. Eu geralmente tiro no palco, mas se for dançar para alguém específico, fico pelo menos de calcinha.

— Rola sexo aqui?

A porta se abriu e mais duas mulheres entraram no camarim, olharam com interesse para nós duas e

dispersaram. Ambas eram loiras e tinham corpos esculturais, mas pareciam bem mais velhas que Sara e eu.

— Então — ela sussurrou ao se agachar perto de mim —, lá fora há bangalôs onde a gente vai se for transar com algum cliente. Mas não somos obrigadas, podemos recusar. Se toparmos irmos para lá, podemos cobrar o quanto quisermos. Por meia hora. É o limite que a casa permite.

— Você já foi? — Minha curiosidade só crescia e eu sabia que podia acabar soando indiscreta, mas Sara parecia ser uma pessoa muito tranquila.

— É claro! — Ela arregalou os olhos que já eram grandes e sorriu, segurando meu braço. — Minha filha, eu faturei vinte mil reais por duas fodas no mês passado. Fora o que ganho de salário mais as gorjetas.

Talvez, só talvez, meu queixo tenha ido parar no chão tamanho o meu choque ao saber dos valores que aquela garota faturava. Tipo, ela devia ser só um pouco mais velha do que eu, que ralava para postar fotos na Internet e não descolar nem metade daquela renda. Tudo bem que eu não pretendia começar a me prostituir, realmente não era a minha praia, mas que estava achando tudo muito interessante, estava. Sara já estava na lista das minhas pessoas favoritas.

— Não me olhe assim. — Ela riu e sussurrou: — Eu não transo sempre com clientes, só com os bonitos. E vou ser sincera, vem muito milionário bonito aqui. Tem uns coroas estranhos, mas acho que a maioria é muito bem apessoada. E homem de terno fica charmoso, né? A casa tem código de etiqueta, apenas roupas sociais, então imagina...

Sorri que nem uma idiota porque nem sabia o que dizer depois de tanta informação recebida. E aí Sara se colocou de pé, bateu palmas, sacudiu a roupinha minúscula que pegou para mim e olhou em volta com as mãos na cintura.

— Muito bem, já decidiu a sua música? Preciso passar ao DJ, você não pode ir lá fora agora.

Fechei os olhos e pensei bem no que faria a seguir. Era louca o bastante para dar continuidade à ideia maluca da minha mais nova amiga?



Capítulo 33

Arthur

Meu dia não tinha rendido muito bem e eu agradeci por não ter nenhuma audiência marcada, pois minha mente estava girando e girando há horas. Quando decidi encerrar meu expediente, apoiei as mãos sobre minha mesa e deitei minha testa ali, para me aliviar um pouco do peso que sentia.

Há dias não conseguia me concentrar em muita coisa porque Marina sempre ocupava um grande espaço em minha mente. Ficava relembando alguns detalhes que aconteceram entre nós e quando começava, parecia que me afogava num tsunami de medos, receios, e porra... desejo.

Sentia-me um hipócrita por ter ido dormir frustrado por ela não ter ido ao meu quarto depois que a amiga foi embora. Ou melhor, eu sabia que ela tinha ido, que tinha me visto de toalha, mas imaginei que fosse voltar em

algum momento, para fazer o que fazia de melhor: atazanar meu juízo.

Não consegui ir me deitar na véspera sem tomar um banho gelado e mesmo assim permaneci muito tempo curtindo uma insônia angustiante. Na minha mente perturbada e hipócrita — acho que tatuaria a palavra na testa — eu me imaginava indo ao quarto dela para consolá-la, pois sabia que tinha ficado envergonhada pelo flagra no ofurô.

Eu tinha que recuperar meu autocontrole que até então era excepcional. Tinha que parar de me afetar quando ela me olhava daquele jeito intenso como se eu fosse o único homem do mundo. Precisava controlar a vontade que me preenchia quando apenas um abraço não era mais suficiente para mim, quando necessitava esmagá-la, cheirá-la, tirar o máximo que conseguisse daquele serzinho delicado de sorriso bobo que não saía da minha cabeça.

Marina era apaixonada por mim e não precisei de mais que algumas horas ao lado dela para perceber isso. Foi lá mesmo no Rio, os olhares inebriados de desejo que lançava na minha direção mesmo sem se dar conta. Era ótimo para o ego, mas eu não era mais um jovem que se orgulhava de suas conquistas e corações partidos pelo caminho.

Levantei a cabeça, mas enterrei o rosto nas mãos e me ocupei apenas de respirar por alguns segundos, acalmando meu coração. Queria estar com ela, mas só estar ao lado já não parecia mais bastar e avançar para outra fase me causava sensações controversas demais.

Dei um pulo no *Sky Bar* e estendi a visita à *Caixa Preta*, no entanto, não parece ter sido a melhor das ideias.

Já cheguei me estressando com o *barman*, Miguel, que me interceptou pelo caminho e começou a tagarelar um bando de coisa sem sentido. Até que sugeriu um aumento e quando eu disse que aquele tipo de assunto deveria ser tratado com Francine, o rapaz puxou a manga do meu blazer e se meteu na minha frente.

— Ah, sim — falou e tossiu ao mesmo tempo. — Claro. Obrigado, senhor Salazar, falarei com ela. Gostaria que eu servisse seu uísque?

— Gostaria de poder ir até meu escritório — respondi, tentando me manter educado. — Deseja me perguntar mais alguma coisa, Miguel?

— Não. — Ele passou a mão pelo cabelo e deu um sorriso que não chegou aos olhos. — Desculpe por incomodar. Tenha uma... boa noite.

Fiquei no mínimo preocupado com a atitude daquele rapaz, que era sempre tão calado e profissional, por isso, olhei para trás e o observei entrar no bar e começar a

mexer nas coisas, sem parecer ter nenhum objetivo concreto. Será que Miguel tinha começado a usar drogas? Eu não tinha nada com a vida de ninguém, mas desde que fosse meu funcionário e aparecesse para trabalhar bêbado ou drogado, aí a coisa mudava de figura.

Quando percebeu que estava sendo observado, ele me olhou e ficou quieto. Imóvel. Desisti de entender, deixaria para que a gerente que recebia um ótimo salário se preocupasse com aquilo e fui até meu escritório.

Então me estressei também com Francine, que parecia ter visto uma assombração quando a encontrei no corredor. Tivemos uma conversa bastante estranha, mas nada naquele dia estava acontecendo de forma muito normal, então relevei e me tranquei no escritório.

Agilizei uma papelada sobre pedidos de safras que eu vinha tentando captar para a adega e depois fui me sentar no sofá para ligar para Bruno e falar sobre a audiência de segunda-feira. Pela terceira vez desde que pisei na *Caixa Preta* eu me estressei, pois quando relaxei e deitei a cabeça no encosto de couro, senti o perfume de Marina. Aquela merda devia estar entranhada na minha roupa ou, o que seria uma possibilidade aterrorizante, nas minhas narinas. Estava obcecado, só podia ser isso.



Acabei cochilando, coisa que nunca tinha acontecido ali dentro do estabelecimento. Mas quando despertei, me senti renovado por ter relaxado um pouco. Os ombros estavam um pouco doloridos por ter passado as últimas duas horas sentado na mesma posição, mas me levantei e fiz um alongamento rápido para me recuperar.

O horário indicava que a *Caixa Preta* estava começando a funcionar e como não conseguiria dormir tão cedo, decidi aproveitar o tempo e colocar algumas notas fiscais em ordem. Sentia-me um tanto relapso com a parte burocrática desde que trouxera Marina para São Paulo, mas precisava voltar a me manter focado nos negócios.

Um pouco mais tarde, quando meus olhos começavam a arder e eu sentia que não dava mais para continuar com a cara grudada nos papéis, abri a porta do escritório e fui conferir a casa. Apesar de abrirmos as portas às dez da noite, os *shows* só davam início às onze e faltavam dez minutos para começarem. Atualmente a *Caixa Preta* possuía quatorze dançarinas que se revezavam pelo palco com números individuais ou, caso quisessem, em duplas, trios, grupos. Eu preferia não manter uma regra sobre isso para justamente deixar que elas tivessem liberdade de criar e surpreender o público. Quando um determinado *show* acabava, a dançarina estava livre para

descer do palco e emendar a noite como preferisse; com danças individuais ou até mesmo dentro de um dos bangalôs na área externa.

Encostei-me numa extremidade do bar e um dos *barmans* veio me atender. Não era Miguel, esse estava do outro lado, preparando alguns *drinks*, mas me olhou rapidamente como se eu fosse o diabo. Tinha esquecido de comentar sobre ele com Francine, mas assim que visse minha gerente, falaria com ela.

Estava terminando de beber aquela dose quando as luzes estroboscópicas começaram a piscar com o foco no palco. Pontualmente às onze horas as cortinas que escondiam as coxias se levantaram e o DJ mudou a música.

Franzi a testa para o som muito diferente do que estava habituado e olhei em volta. Que porra de merda era aquela? Todos os funcionários tinham enlouquecido aquela noite? Apoiei o copo sobre o balcão do bar e ajeitei meu paletó, preparado para invadir a cabine de som e dar uns tapas no idiota, pois aquele não era o estilo da Caixa Preta. Que tipo de som eu estava ouvindo? *Hip hop*?

— É a música do Esquadrão Suicida! Irado! — o *barman* que me serviu gritou quase no meu ouvido e quando me encarou, pediu desculpas e se afastou.

Voltei a prestar atenção no palco, quando a música sofreu uma explosão no ritmo e a dançarina entrou. Forcei a vista para tentar descobrir quem era, mas não identifiquei a pessoa. Era uma morena estonteante, de pernas alongadas por uma bota preta que terminava acima dos joelhos. Ela vestia uma micro saia preta de babados e um *top* ridiculamente pequeno e adentrava a passarela como se estivesse desfilando lentamente.

Não conhecia aquela mulher e quando vi Francine aparecer no salão, parando perto do palco com a mão na boca, eu me aproximei dela.

— Estava escondendo isso de mim? — perguntei em seu ouvido.

— Ah, meu Deus.

— Quem é ela? — Segurei seu braço e a fiz se virar para me olhar.

— Eu nem sei como começar a explicar... — Francine fechou os olhos.

— Explique depois, mas parabéns, Francine. Era disso que eu estava falando.

Apertei gentilmente o ombro dela e dei alguns passos à frente para assistir ao *show*. A música tinha um ritmo alucinante, muito agitada e cheia de efeitos sonoros que faziam alusões a tiroteios, completamente diferente do que

o público estava acostumado a ouvir. Quanto ao *show* em si, eu estava sem palavras.

A morena com uma trança comprida usava uma máscara que eu já tinha visto ser usada em outro momento, estilo mulher-gato, cobria o rosto quase inteiro e deixava apenas a boca e o queixo de fora, além de um pedacinho dos olhos. Mas a quem eu queria enganar? Não era exatamente para o rosto que eu estava olhando.

Alguns homens tinham se levantado e se acumulavam na beira do palco, enlouquecidos pela atração. A dançarina surpreendeu a todos com uma coreografia intensa, parecia aquelas danças de rua, com muitos gestos, muitos braços e muitas pernas. Ela descia rapidamente até o chão e levantava tão veloz que eu tinha medo que caísse. E quicava, quicava muito, com aquelas botas sensuais que eu gostaria de arrancar.

Estava com tesão, quase ficando de pau duro, quando num determinado momento, ela se virou de costas e rebolou, só a bunda se movendo ao ritmo exato da música, como se tivesse vida própria. E então, levou as mãos aos quadris e puxou a saia, exibindo uma calcinha minúscula que arrancou aplausos dos clientes. Foi naquele segundo que sofri o primeiro espasmo dentro do peito. Tinha algo de errado acontecendo, um quebra-cabeças que se desenhava em minha mente.

Engoli em seco quando ela virou o rosto na minha direção e se jogou no chão, deslizando os joelhos pelo piso e parando muito perto de mim. Inclinou o corpo para trás, quase se deitando, mas deixando a virilha deliciosa na minha cara. Queria cair de boca ali e lamber a boceta que devia ser espetacular. Porém, o segundo espasmo veio em cheio e respirei fundo, começando a perceber certas similaridades.

Cocei a barba para disfarçar meu nervosismo, pois nunca me envolvia com nenhuma das garotas que dançavam na *Caixa* e não pretendia começar agora. Estava muito feliz, radiante, porque bastava olhar em volta para ver o dinheiro ser jogado aos montes em cima do palco e os homens alucinados, provavelmente pensando quem tiraria a sorte grande de levá-la para um bangalô.

O problema era o sentimento incômodo no meu peito, que parecia ativar algum alerta dentro de mim. A morena misteriosa se levantou num pulo, ágil demais, rebolando aquela bunda dura e apetitosa enquanto nos dava as costas, para então arrancar o *top*. Quando se virou de frente, seus seios nus estavam parcialmente pintados de preto, mas não o suficiente para evitar que todos nós os imaginássemos em nossas bocas. Ficou de quatro e fez sexo com o chão, deixando os seios pendurados e quase tocando o piso.

A música parecia prestes a acabar e a apresentação seria finalizada. Eu já podia ver Marcos Terra, um dos gigantes do petróleo, apoiado com a mão no palco, dando indícios que a chamaria assim que ela se levantasse. O filho da puta era charmoso apesar da idade e sua cara já indicava que era um dos milionários do lugar. Portanto, decidi que ninguém a teria antes que eu tivesse oportunidade de falar com ela.

A morena tinha passado os olhos por mim novamente quando estiquei minha mão e esperei que ela pegasse, mas a atrevida simplesmente me deu as costas e saiu pelo fundo do palco, sumindo da vista de todo mundo.

Dei a volta correndo e entrei pelo corredor para abordá-la antes que conseguisse chegar ao camarim. Ainda ouvi a voz da Francine me chamar, mas não dei atenção. Parei ofegante na saída da coxia e, apesar da falta de iluminação no local, pude notar que a garota se surpreendeu com minha aparição.

— Sabe quem eu sou? — perguntei, aproximando-me dela até deixá-la encurralada.

Seu rosto voltado para baixo apenas balançou em concordância e imaginei que estivesse se sentindo insegura em falar com o patrão.

— Sua apresentação foi impecável, parabéns. Francine não chegou a me falar de você, mas saiba que

está contratada. — Queria lambar as gotículas de suor que tinham se acumulado no vão de suas escápulas. — Qual o seu nome?

— Camila — a voz soou estranha após vários pigarros e a música alta não facilitou minha vida. — Prata.

— Camila, nome bonito. — A mulher nem me olhava, pelo amor de Deus. — Ok, sinto muito por abordá-la desse jeito, não tenho esse costume, Camila. Você mexeu comigo, me pareceu... conhecida.

Levei minhas mãos à nuca, totalmente surtado e excitado, mas não podia simplesmente atacar alguém que não emitia nenhum sinal de interesse. Foi quando recuei com dificuldade em deixá-la e soltei um suspiro derrotado. Estava fodido, pois teria que ver aquela mulher dançando sobre o palco e não poderia tocar nela.

Quando me virei de costas, recebi um puxão no paletó e duas mãos se engancharam em meu pescoço, puxando-me para um beijo. Foi então que tudo aconteceu e a cortina que tapava meus olhos foi retirada de uma vez por todas. Porque ela poderia fingir, disfarçar, se pintar ou se esconder, mas eu reconheceria aquele beijo de qualquer forma.

Primeiro, veio o choque quando meu cérebro fez todas as ligações e me revelou a verdade, de que aquela pessoa só podia ser Marina. Em seguida, fui atingido por

um sentimento de negação, porque não tinha como o *meu* unicórnio estar dançando no palco da *Caixa Preta*. Para finalizar, acabei sendo arrebatado por todo o tesão que senti com aquela dança, somado ao que vinha guardando esse tempo todo.

Estava ciente de que o certo a fazer era recuar, arrancar aquela máscara e dar um sermão de altas proporções em Marina, mas parei de agir com a razão quando um de seus seios nus roçou em meu braço enquanto ela me puxava.

Sua boca macia tocou a minha e fui engolido numa aura de puro desejo, apertando seus quadris delicados e a levantando no colo. Engoli sua língua enquanto Nina enroscava as pernas em minha cintura e empurrei seu corpo contra a parede, querendo devorar aquela mulher. Ela se encaixava perfeitamente em mim, como se fôssemos peças de um quebra-cabeça, e meu corpo parecia conhecer bem suas curvas, apesar de nunca ter realmente explorado nenhuma.

Precisava sair dali, o alerta soou em minha mente. Logo senti alguém passar correndo por nós, provavelmente a próxima dançarina, e isso me fez agir. Sem soltar Marina, tateei pelas paredes até encontrar a porta do meu escritório e entrei com ela, deixando-me cair no sofá.

Esqueci até mesmo de acender a luz, mas não era a maior das minhas preocupações. Seus dentes roçaram em minha barba e ouvi seus suspiros enquanto se ajeitava em meu colo, onde meu pau duro implorava para ser libertado daquela calça. Ele cresceu durante a apresentação e pulsou a cada rebolada que ela deu em cima do palco. Agora, tudo que ele queria, era finalmente ser acariciado e se enfiar entre suas coxas.

Merda.

— Precisamos parar — murmurei, sem muita coordenação na fala.

Suas mãos apertaram meus ombros e me mantiveram no lugar, e quando fui beijado bem no pomo de adão, larguei meu corpo e relaxei, deixando minha cabeça descansar no encosto. Marina explorava meu rosto e meu pescoço de forma tímida e o toque de suas mãos em meus braços, daquele jeitinho dela de avançar com receio, estava me enlouquecendo.

Sabia que precisava interromper aquela loucura toda o quanto antes, mas era tão gostoso tê-la em cima de mim, que me escondi atrás do muro de hipocrisia que eu vinha aumentando de tijolo em tijolo e aproveitei o momento.

Levantei a cabeça e descí meus lábios pelo seu queixo, lambi o vão entre os seios fartos antes de segurá-los com minhas mãos e roçar meus polegares em seus

mamilos duros. Inspirei, sendo atingido pelo perfume de Marina que ainda estava no sofá. Ou melhor, estava em tudo. Mas que merda!

— Você é linda — murmurei, acariciando os seios redondos e descendo minhas mãos pelo corpo sarado.

Com o meu toque, Nina ficou imediatamente tensa e afastou as mãos de cima de mim. Parei o que estava fazendo, enlouquecido por uma vontade enorme de ir ao banheiro e bater uma punheta para aliviar o tesão, mas me contive e a observei.

— Tudo bem?

Segurei em sua mão e a levei aos meus lábios, beijando-a e me preparando para encerrar aquela palhaçada. Adorava aquele perfume e até mesmo cheiro de sua pele, reconheceria em qualquer lugar. Agora entendia porque meu sofá estava com a fragrância impregnada no couro, só precisava descobrir como a menina tinha ido parar ali.

Deslizei a ponta do meu nariz pela pele do braço dela, chegando até seu ombro cheiroso e enfiando o rosto em seu cabelo. Engoli em seco e observei a máscara de mulher-gato para, enfim, tocar na peça e puxá-la para longe.

Marina

Meu coração batia num ritmo alucinado quando pisei no palco. Estava me sentindo muito louca, a maior das loucuras que já cometi, mas a adrenalina era viciante e me vi incorporando a mulher fatal que eu não era. Sara me ajudou em tudo, me emprestou a roupa, as botas e Diana fez a trança perfeita em mim. Elas carregaram meus olhos com maquiagem preta para me disfarçar o máximo possível e quando me olhei no espelho me senti a própria *dominatrix*. Eu estava *mesmo* gostosa.

Fiquei nervosa demais quando parei atrás do palco e fiquei esperando o DJ colocar minha música. Sara e Diana estavam ali comigo e me deram força quando chegou a hora da minha entrada e meus pés não desgrudaram do lugar. Então uma delas me deu um tapa na bunda e eu fui, com a coragem exalando pelos meus poros.

Um ponto ao meu favor eram as luzes que quase me cegavam e me impediam de ver claramente as expressões dos homens no salão. A única fisionomia que eu encontrei facilmente naquele lugar foi a de Arthur, que me olhava lá do bar com muita atenção. Senti medo de ser descoberta, mas Sara me garantiu que a máscara estava ótima como disfarce e me soltei o máximo que pude. Tinha escolhido

uma música que os rapazes da minha turma de amigos no Rio de Janeiro gostavam muito de ouvir, um estilo intenso, que misturava os gêneros *trap* e *dubstep*. Estava certa que nenhum daqueles coroas ricos já tinha visto uma dança naquele ritmo e era algo que eu fazia naturalmente. Para dançar ao som de algo do gênero era preciso sentir a música, cada batida, fazer do corpo um instrumento vibratório. E é claro, eu estava mostrando a bunda, então coloquei mais fogo, mais paixão e muito mais exibicionismo.

Ouvia os aplausos e via o dinheiro ser jogado sobre o palco por onde eu pisava, não conseguia acreditar que estavam mesmo gostando daquela dança maluca e dos passos que eu inventava sem dificuldade.

Arthur tinha se aproximado e olhava fixamente para mim, mas eu não conseguia encará-lo por muito tempo porque sentia meu estômago se revirar de tanto nervosismo. Não podia errar um passo e levar um tombo, portanto, tentei ignorá-lo o máximo possível.

Até a hora que a música começou a abaixar de volume e vi o príncipe esticar a mão para mim. O que ele pretendia?

Virei-me o quanto antes e corri para trás do palco, não podia ir com Arthur porque ele não podia saber quem

eu era. Mas, para meu desespero ainda maior, dei de cara com ele do outro lado.

— Sabe quem eu sou? — perguntou se aproximando de mim. Assenti com pressa, tentando me manter escondida o máximo possível. — Sua apresentação foi impecável, parabéns. Francine não chegou a me falar de você, mas saiba que está contratada. Qual o seu nome?

Minha voz tinha um timbre mais rouco, então me esforcei para deixá-la forte e aguda, causando um som não muito agradável e bem forçado.

— Camila. Prata.

— Camila, nome bonito. Ok, sinto muito por abordá-la desse jeito, não tenho esse costume, Camila. Você mexeu comigo, me pareceu... conhecida.

Tentando não encará-lo, acabei voltando meus olhos para aquele volume absurdo na calça do príncipe e quase desmaiei ao entender que eu tinha provocado aquela ereção. Limitei-me apenas a engolir em seco e resistir à vontade de esticar a mão e tocar o homem, mas quando ele se virou para ir embora, senti uma angústia me atingir. Fala sério, aquele era o meu momento. Arthur estava doido por Camila e eu teria a oportunidade de me agarrar com ele sem que se sentisse culpado.

Não pensei muito e o puxei pela roupa, pendurei-me em seu pescoço e beijei a boca deliciosa. Ele demorou um

pouco para reagir, mas me deixou tonta com a pegada esplendorosa quando me ergueu no colo e me imprensou contra a parede, roçando a ereção em mim, depois me carregou pelo corredor até outra porta.

Não me afastei um segundo daquela boca, querendo tudo que eu pudesse conseguir, cada sensação que sua língua junto a minha me permitia. Arranhei sua nuca com minhas unhas curtas, enquanto seus dedos se cravavam na carne dos meus quadris, até que caímos num sofá. Totalmente aberta para ele, minha posição era bastante comprometedora e enquanto tentava me ajeitar, o volume na calça parecia estar em todos os lugares. Que porra de volume era aquele? Arthur tinha um pênis ou uma garrafa pet?

— Precisamos parar — ele sussurrou.

Não pretendia transar, depois do meu último fracasso, de jeito nenhum minha segunda primeira vez seria me passando por outra pessoa, mas também não fazia ideia do que se passava na cabeça dele. Apertei seus ombros e suspirei quando sua língua deslizou por entre meus seios. Então Arthur tocou neles sem delicadeza, apertando-os e esfregando os dedos nos meus mamilos.

Naquela posição terrível, eu podia sentir minha vagina pulsar e o líquido escorrer para a calcinha, estava começando a ter medo de deixar a coisa se estender um

pouco mais e depois não conseguir parar Arthur. Ao mesmo tempo, era inebriante vê-lo tão entregue, me desejando tanto. Queria gritar de felicidade e chorar por estar vivendo tudo aquilo só porque ele não sabia que Camila e Marina eram a mesma pessoa.

— Você é linda. — Como eu estava contra a luz, conseguia ver melhor os seus olhos, que irradiavam desejo.

Ah, minha nossa senhora das garotas ferradas. Com certeza eu sonharia eternamente com Arthur falando daquele jeito, com a voz grave de desejo, em *loop* infinito. Mas ele agora pegava nos meus peitos com mais firmeza, com um toque mais duro, e eu não consegui continuar, pois não estava me sentindo bem enganando a minha pessoa mais importante do mundo.

— Tudo bem? — perguntou.

Arthur levou minha mão aos seus lábios e me tocou com mais delicadeza, passando a ponta do nariz em minha pele e enterrando o rosto em meu pescoço. De repente, numa mudança brusca de humor, me deu uma encarada séria demais e puxou minha máscara antes que eu conseguisse fugir de seu colo.



Capítulo 34

Arthur

Marina. Eram dela os olhos que me encaravam e emolduravam a expressão de susto estampada em seu rosto. Precisei me concentrar apenas em respirar e esperar a pontada no peito se dissipar até que eu me certificasse que não estava infartando. A saliva desceu rasgando tudo por dentro e meus olhos arderam de raiva, de frustração, de mágoa.

Sim, eu sabia que era ela desde que a interceptei no corredor escuro, mas ficar cara a cara tornava tudo diferente, mais intenso, mais errado.

— Eu sei que você me odeia agora — murmurou ela e seus seios tremeram junto com o corpo inteiro quando fechou os olhos. — Que coisa horrível que eu fiz... Quebrei sua confiança.

Precisava olhar bem para ela para que visse em meus olhos toda a minha frustração, então tirei meu celular do bolso, acendi a lanterna e coloquei o aparelho virado

para baixo sobre a mesa de canto, de forma que a luz branca clareasse bastante o espaço ao nosso redor. Marina estava lacrimejando e quando nossos olhos se cruzaram, ela se inclinou para frente e escondeu o rosto no meu peito.

Inspirei uma vez, duas vezes, três vezes até encontrar minha voz e grudei minhas mãos no couro do sofá.

— Como você veio parar aqui? — perguntei, sentindo o tremor em minhas cordas vocais. Estava no meu limite, cheio de tesão.

— Longa história. Quando não estiver me odiando, eu conto tudo.

Se ela soubesse exatamente o que se passava em minha mente naquele instante, correria para bem longe de mim. Com certeza, nada tinha a ver com ódio.

Toquei em suas costas nuas e procurei pela trança para soltá-la devagar enquanto Nina ainda se escondia. Meu rosto roçou em seu ombro e o encostei ali, sentindo sua pele quente e arrepiada, que por algum erro de cálculo, eu acabei beijando. Senti seu estremecimento e coloquei a ponta da língua para fora, deslizando-a para cima e para baixo ao mesmo tempo em que meus dedos agilizavam em seu penteado.

— Não a odeio — murmurei, com minha boca grudada em sua pele. — Sabe que isso é impossível. Olhe para mim.

Marina demorou a me obedecer, mas quando o fez, não desviou os olhos, mesmo que eu soubesse bem demais o quanto estava com vergonha.

— O que a fez recuar agora pouco? — perguntei, curioso, mesmo sabendo que tinham coisas mais importantes a serem resolvidas, como, por exemplo, tirar a garota de cima de mim porque meu pau continuava duro. — Se queria tanto isso, o que aconteceu?

— Eu não queria! — Ela arregalou os olhos e tapou o rosto, bufando. — Ai, príncipe. Juro que não estava em meus planos, só pensei em dançar e deixar você bem doido.

— Conseguiu.

Quando tirou as mãos do rosto e me olhou, não conseguiu evitar de encarar minha ereção.

— Não achei que fosse rolar tudo isso, juro por tudo que é mais sagrado — sussurrou ela, com os ombros caídos e os seios deliciosos diante de mim. — Estava pensando em inventar uma dor de barriga.

Sorri, mas não tinha tanta vontade de achar graça porque meu autocontrole estava ruindo aos poucos. Minha boca tinha secado e a cabeça do meu pau não parava de

latejar, Nina sentada daquele jeito em meu colo não ajudava nem um pouco.

— Tenho muitos motivos para brigar com você — falei, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás, deitando-a no encosto. — Mas agora não consigo. Você precisa sair de perto de mim, Nina.

— Eu não quero.

— Uni... — Engoli em seco, apertando a coxa dela, de olhos ainda fechados. — As coisas nas quais estou pensando agora não são legais, mudariam tudo entre nós.

— Eu sei. E tô preparada pra isso. — Marina se inclinou e grudou os peitos em minha camisa, sussurrando contra minha orelha: — Queria viver algumas coisas com você, príncipe... Da última vez que estive com um cara foi horrível, não é igual.

Afastei os cabelos que cobriam seu pescoço e tirei alguns fios suados de sua pele, depositando um beijo no ombro fino e alisando seus braços.

— Ando muito dividido entre ensinar tudo a você e manter minhas mãos distantes. Você é tão pura, Uni.

Marina sendo Marina, eu não devia ter me surpreendido quando ela, mesmo sem levantar o rosto, moveu a mão e a colocou bem em cima do meu pau. Só ficou ali, parada, acho que sem coragem de fazer qualquer

outra coisa, talvez para ir de encontro à pureza que eu tinha acabado de citar.

Lancei um olhar naquela direção, notando sua mão pequena e os dedos delicados descansando bem em cima da minha ereção marcada na calça e sorri, enquanto colocava a minha por cima da dela e a pressionava contra meu cacete.

— Se for para ficar me tocando, é bom que olhe para mim — sussurrei, beijando seu ombro. — Ou está com vergonha?

— Tô morta de vergonha. E também acho que sujei sua camisa com a tinta dos peitos. Foi mal.

— Não me importo com a camisa — respondi, deslizando o dedo indicador pela sua coluna vertebral e vendo-a estremecer. — Me importo em você querer se agarrar comigo, mas estar com vergonha.

— Não posso só ficar paradinha e você faz tudo?

— Não. — Evitei rir. — Ou você me encara agora, ou vou me levantar e buscar suas roupas.

Senti seu suspiro forte em meu cangote antes que ela endireitasse a postura e olhasse para mim. A tinta dos seios realmente tinha saído bastante e os expunha quase totalmente, e o lado direito estava maravilhosamente nu. O triângulo de pele mais clara, que ficava coberto pelos biquínis, ostentava uma auréola em tom de café com leite

com o mamilo durinho e da mesma cor. Senti a saliva encher minha boca e meu pau pulsou violentamente dentro da calça, com certeza sendo sentido por Marina, que tremeu a mão.

Talvez eu estivesse encarando como um esfomeado, era bem possível, porque Nina usou as duas mãos para se tapar e esconder aquelas preciosidades de mim. O que eu fiz, então, foi começar a abrir minha camisa social, sem tirar os olhos dela, e quando expus meu peito, toquei seus dedos.

— Não sinta vergonha de mim — pedi, levando sua mão até meu mamilo e deslizando-a um pouco para o lado até que sentisse meus batimentos cardíacos.

Ela sorriu, mas seu olhar não conseguia esconder toda sua insegurança, então me inclinei devagar e beijei seu rosto, mordisquei seu maxilar, assoprei seu pescoço e dei um chupão em sua clavícula.

— Está nervosa? — perguntei, acariciando o contorno de sua orelha com a ponta da minha língua e ela assentiu, fechando os olhos. — Acreditaria se eu dissesse que estou mais do que você?

Marina negou e eu sorri, ciente de que ela faria isso.

— Estou muito nervoso, Uni — sussurrei, abraçando-a e cruzando minhas mãos em suas costas nuas. — Você

é a preciosidade da minha vida, amo você e tenho muito medo de machucá-la. Isso acabaria comigo.

Nina virou o rosto de lado e roçou os lábios em minha bochecha, e eu esfreguei minha pele na dela devagar, até que nossas bocas se encontrassem no meio do caminho. Beijei-a devagar, prendendo um cantinho de seu lábio entre os meus, depois sugando-o por inteiro, e então passando minha língua dentro do pequeno espaço que se abria entre eles.

— Diga quando parar — sussurrei ao descer minha boca por seu pescoço e toquei de novo seus seios.

Brinquei com o mamilo em meus dedos, sem afastar minha boca de sua pele, beijando seu ombro e sentindo aquela bolinha carnuda enrijecer cada vez mais sob meu toque. Quando o larguei, passei a mão devagar pela barriga de pele tão sedosa e toquei sua coxa.

Ela arregalou os olhos e tensionou os músculos do corpo, mas não disse nada. Encostei minha testa na dela quando alcancei a virilha quente e subi até seu umbigo, para descer meus dedos pela calcinha e tocá-la por cima do pano. Marina fechou os olhos com pressa e passou os braços pelo meu pescoço.

— Olhe para mim — pedi, esperando que acatasse minha ordem. — Devo continuar?

Ela assentiu, com a boca entreaberta. Alisei com delicadeza o tecido todo babado e ele era tão fino que sua lubrificação já o transpassava, permitindo que eu sentisse sua viscosidade em meus dedos.

— Sua bocetinha é bem magrinha e pequena — sussurrei para não chocá-la. — Você nem está tão aberta e posso sentir seu clitóris bem aqui.

Pressionei meu dedo do meio entre seus lábios finos, atingindo sem dificuldade o ponto central que desejava e sentindo Marina escorrer de desejo. Não duvidava que pudesse pingar se eu tirasse a calcinha dela.

— Prínci... pe... — gaguejou, tentando fechar as pernas.

— Diga, Uni. — Ela mordeu o lábio e enterrou o rosto no meu pescoço. — Quer que eu pare?

— Não...

Eu já imaginava a resposta, mas sempre era mais gostoso ouvir, mesmo que eu pudesse estar fazendo algo muito errado. Que provavelmente não teria volta.

Inclinei-me o máximo possível no sofá, deslizando meu corpo um pouco para baixo e quase me deitando. Dessa forma, obriguei que Marina se ajeitasse e parasse de esconder o rosto. Seus olhos atentos me fitaram quando voltei a encostar meu polegar sobre o tecido. Ela era tão delicada que eu me sentia um brutamontes com meu dedo

grande, que cobria boa parte da extensão dos seus lábios vaginais. Só em tocar eu conseguia fazer uma ideia de como ela era, pequenina, sem carne suficiente para esconder o clitóris, com uma leve abertura que dava uma prévia dos pequenos lábios internos.

Meu pau babava na cueca e senti uma pontada forte quando Nina apoiou as mãos no meu abdômen. Ela fechou os olhos e gemeu baixinho, com a testa franzida e a boca entreaberta, contraindo os músculos da bunda sobre meu colo. Diminuí o espaço entre nós e a beijei, deslizando meu polegar pela calcinha ensopada e explorando mais a abertura de seus lábios. Esfreguei o dedo para cima e para baixo, chupando sua boca devagar, e voltando a acariciar o grelinho que endurecia cada vez mais. Nina se remexeu, gemendo durante o beijo, e quando aumentei a pressão ao redor do clitóris, peguei um ponto exato que a fez estremecer. Roci o polegar novamente contra o tecido ensopado em sua fenda, por todo o comprimento, me demorei em algumas curvinhas mais sensíveis, para depois voltar ao clitóris.

Seus braços agarraram meu pescoço e senti ela apoiar o queixo em meu ombro enquanto o corpo pequeno sofria espasmos. Suas coxas tremeram e Marina inteira se contraiu num orgasmo que a alcançou tão rápido. Estava louco para enfiar a mão por dentro de sua calcinha e sentir

sua linda boceta apertar meu dedo, mas me contive. Queria que ela curtisse cada etapa, sem pressa.

Fui diminuindo meu toque gradativamente enquanto o corpo dela se acalmava do turbilhão de sensações. Mesmo sabendo que não era o primeiro a fazê-la gozar, tinha certeza que aquele momento era especial para ela.

— Tudo bem? — perguntei, baixinho, acariciando suas costas.

— Uhuuum...

A safadinha se esfregou no meu colo, arrastando aquela calcinha molhada na minha ereção, piorando ainda mais a minha situação dentro das calças. Marina beijou meu rosto e recuou a cabeça para me olhar, com um sorriso todo tímido e de boba.

— Você está chorando, príncipe? — perguntou, quase enfiando os dedos nos meus olhos com seu jeito delicado.

— Não cheguei a chorar, só estou emocionado. — Virei o rosto para fugir do ataque de unhas e eu mesmo me limpei antes de voltar a encará-la. — Foi um pouco impactante presenciar um momento seu tão vulnerável.

Marina sorriu, raspando os dentes no lábio e desviando os olhos, encarando um ponto qualquer em meu peito. Estava no seu modo envergonhada e eu me sentia ainda mais enfeitiçado quando ela agia daquele jeito.

— Você é linda, Uni.

Nina fechou os olhos e franziu a testa.

— Tenho que contar, não quero iludir você. — Meu coração deu uma parada. — Você disse que ficou emocionado e tal, mas príncipe, você não foi o primeiro a fazer isso em mim.

— Sei disso. — Senti meus lábios se abrirem num sorriso e achei impressionante que eu não estivesse querendo saber o nome de cada infeliz que esteve ali antes de mim. — Mas você continua sendo meu unicórnio e isso é muito especial para mim.

Nina abriu os olhos e sorriu com eles e com os lábios, encantadora.

— Foi especial pra mim também.

Toquei a bochecha dela e desci meus olhos para seus seios, um ainda parcialmente pintado de preto e o outro descoberto. Olhando fixamente para a tinta que cobria o mamilo dela, senti um alerta soar em minha mente e me trazer de volta à realidade. Ainda estávamos na *Caixa Preta* e eu não fazia ideia de como Marina tinha ido parar ali.

Levantei-me do sofá com ela no meu colo e a coloquei de pé no chão, olhando em volta e tentando pensar. Não queria manter Nina nem mais um minuto

naquele lugar e depois precisaria me sentar com ela sem estar de cabeça quente e pedir por uma explicação.

— Suas roupas estão no camarim? — perguntei, percebendo como estava alta com aquelas botas.

Ela assentiu e segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos enquanto abria a porta do meu escritório.

— Já acabou? — perguntou, andando com pressa para me acompanhar. — Príncipe, mas e sua calça?

— Todo mundo que trabalha aqui sabe o que é uma ereção.

Deixei-a na porta do camarim e segurei em seu rosto antes de me afastar, obrigando Marina a prestar atenção em mim.

— Pode me prometer que não vai subir no palco assim que eu virar as costas?

— Não preparei outro número — respondeu e eu senti vontade de dar uns tapas em sua bunda. Ela revirou os olhos e sorriu. — Prometo. Mas você também precisa me prometer que não vai descontar sua fúria na Francine. Em casa eu explico tudo que quiser, mas deixe a moça em paz.

— Por quê? Vocês se tornaram amigas, por acaso?

— O Lipe gostava dela — respondeu Nina, dando de ombros. — Então eu também gosto.

Fiquei na dúvida se deveria contar que Francine e eu nos conhecíamos bem intimamente, mas achei mais coerente guardar a informação para mim. Apontei para o camarim e esperei que ela entrasse. Quando a porta se fechou, eu me encostei na parede ao lado e massageei minha nuca. Sentia meus ombros tensos, aliás, meu corpo inteiro estava pura tensão e meu pau ainda latejava dentro da cueca.

Precisei sorrir e cumprimentar as garotas que iam e vinham pelo corredor, as que saíam pela coxia, fingindo que tudo estava em ordem. Quis ir atrás de Francine e pressioná-la até que se explicasse, mas daria um voto de confiança a Marina. Por uma noite apenas. Se ela tentasse se esquivar e fugir da conversa, então eu viria atrás de sua mais nova amiga. Felipe realmente gostava muito de Francine e eu também sempre a respeitei como a gerente da casa, mas quebra de confiança é algo muito sério nos negócios e de tudo que eu nunca esperei encontrar ali dentro, Marina era a peça principal.



Mesmo que ela estivesse vestida e sentada em silêncio no carro como se nada tivesse acontecido, minha camisa branca manchada com tinta preta não me deixaria

esquecer. Estávamos voltando para casa e eu ainda me sentia frustrado por ter deixado a *Caixa Preta* sem conseguir falar com Francine. A gerente provavelmente estava se escondendo de mim, pois enquanto eu passava com Marina pelo lugar em direção à saída, não avistei a loira em canto algum.

— Nina, pode começar a falar — pedi, chamando sua atenção, que estava focada na janela. — Não pense que vou deixar esse assunto ser esquecido. Como você foi parar lá?

— Nada disso teria acontecido se você tivesse me contado tudo — murmurou, virando de lado no banco e me olhando com o nariz empinado. — Quem mandou ficar me escondendo as coisas?

— Eu já tinha dito que algumas partes da minha vida você não precisava saber.

— Tipo a parte em que você é dono de um puteiro?

Pressionei meus lábios com força para não responder o que gostaria, pois a verdade não podia estar mais longe. Como Marina reagiria se eu revelasse que a dona ali era ela? Não seria naquele momento, de qualquer forma, que ela ficaria sabendo. Seu jeito impulsivo e explosivo me surpreendia e preocupava cada vez mais. Cheguei até a imaginar a garota indo trabalhar na *Caixa*, vestida com roupas parecidas com as usadas no palco,

querendo se aventurar uma noite ou outra na dança. Ela era doida e aquela atitude era sua cara.

— *A Caixa Preta* não é um puteiro — falei.

— Uma das garotas, que nem vou citar o nome pra depois você não ir brigar com ela, me contou o quanto ganha quando leva um cliente para o bangalô.

Respirei fundo e virei meu rosto para ela quando paramos num sinal.

— Continua não sendo um puteiro — reafirmei. — Os clientes não vão até lá unicamente com o intuito de transar. Alguns sequer assistem aos *shows*, só frequentam a casa para ouvir música e degustar dos vinhos. Além disso, falando dessa forma tão pejorativa, você também rotula as mulheres de lá. Tome mais cuidado com as palavras.

— Não foi minha intenção.

— *A Caixa Preta* é uma casa de *shows* que só permite o acesso de pessoas maiores de idade e previamente cadastradas, depois de passarem por um processo rigoroso de avaliação. Quando rola sexo entre duas pessoas, a casa não fica com nenhuma porcentagem do dinheiro que a funcionária recebe e o ato só acontece entre quatro paredes, sem nenhuma possibilidade de ocorrer atentado ao pudor.

— É claro que um advogado pensaria em tudo — murmurou ela, sorrindo. — Eu conheci uma pessoa que

trabalha lá dentro e não vou dizer quem é. Essa pessoa me arranhou uma entrevista com a Francine, porque eu fingi que tinha interesse na vaga de dançarina. Ela é inocente em tudo, só descobriu quem eu era quando ficou diante de mim.

— Como você conseguiu encontrar alguém que trabalha na *Caixa*?

— Foi sem querer. Essa pessoa deixou escapar e eu liguei os pontos. Para ser sincera, você e seus amigos deram os primeiros furos, príncipe. Lá na casa do Bruno ficaram falando sobre *Caixa Preta* pra lá, *Caixa Preta* pra cá... Francamente, vocês acham que eu sou tapada?

— Por que Francine não me contou assim que pisei no lugar? — questionei, ligando a seta para entrar na garagem do prédio. — Agora compreendo que todo aquele nervosismo dela era porque estava escondendo você de mim. Estava no camarim na hora que cheguei, não estava?

Desci a rampa e desliguei o carro, tirando o cinto e me virando para Marina, que tinha um sorriso faceiro estampado no rosto. A maquiagem ainda estava intacta e a deixava muito sensual.

— Escutei a conversa toda, inclusive você sendo bem enfático ao dizer que queria ficar com a trombeta dura. — A danada se ajoelhou no banco e inclinou o corpo, apoiando as mãos no meu ombro e sussurrando: — Foi

seu discurso que me fez querer subir naquele palco e dançar até você enlouquecer. Deu certo, né?

— Claro — respondi, passando um braço por sua cintura e dando um tapinha na bunda arrebitada. — Tenho certeza que todos os outros machos ficaram de pau duro. Vou mandar depositar todo o valor das gorjetas na sua conta.

— Nossa, eu visualizei vários possíveis *sugar daddies* ali. Que sorte a sua que não perdeu tempo.

Encarei o rosto de sorriso petulante e resisti à vontade de dar mais um tapa nela. Abri a porta do carro e o interior se iluminou quando as luzes acenderam. Os olhos cor de chocolate brilhavam para mim e apertei a pontinha do queixo dela.

— Você é muito abusadinha para quem uma hora atrás estava com vergonha de ser masturbada.

Na claridade, vi as bochechas ficarem avermelhadas quando ela arregalou os olhos e me desferiu um tapa no braço.

— Para, príncipe!

— Para, príncipe! — imitei a voz dela e revirei meus olhos de forma bem exagerada que nem ela mesma costumava fazer.

Esquivei-me do tapa e saí do carro antes que perdesse a razão e agarrasse Marina ali mesmo.



Capítulo 35

Marina

Acho que nunca uma subida de elevador foi tão tensa para mim em toda minha vida. Arthur parecia alheio aos calafrios que tomavam conta do meu estômago, pois estava distraído no celular enquanto tentava falar com Francine. Eu não conseguia pensar em nada além do que rolou no escritório dele entre nós e do que poderia rolar agora, em casa.

Nunca me senti mais nervosa em assuntos que tratem de intimidade com alguém. Até mesmo no dia em que estive com Miguel, estava desconfortável, mas não era a mesma sensação. Com Arthur não havia desconforto, eu era louca por ele e me entregaria de bandeja para seu deleite, mas o nervosismo era grande porque não sabia o que esperar e o que fazer.

— Vou tomar um banho! — gritei assim que ele abriu a porta e corri para meu quarto sem esperar resposta.

Lá no camarim eu me vesti correndo para podermos vir embora, só me despedi bem rápido de Sara — Diana estava no palco —, agradei por toda a ajuda e disse que manteria contato com ela. Nem parei para me limpar ou me olhar no espelho e agora estava fazendo isso, em meu banheiro, e estava chocada. Eu ainda estava suja de tinta preta, mas num único peito. O outro estava livre, leve e solto, o que me deixou morta de vergonha por Arthur ter visto tudo.

Tirei toda a roupa e me enfiei dentro do box, lavando até mesmo os cabelos que ficaram com um odor de cigarro impregnado. Talvez eu tenha lavado a bacurinha dez vezes seguidas, ou onze, perdi a conta em algum momento, mas morria de medo dos nossos amassos continuarem e irem um pouco mais além. Queria estar totalmente limpa para o caso de um determinado príncipe tirar minha roupa. Minha depilação estava em dia graças a eu ter usado o barbeador na véspera, então era um trabalho a menos.

Depois de me secar, fiquei diante do espelho novamente e me observei bem. A única coisa perfeita eram os meus seios porque paguei caro por eles e o cirurgião era incrível, mas e se Arthur não gostasse do resto? Ele falou que minha bacurinha era magra, mas o que isso significava? Preferia que fosse mais volumosa? Eu sempre achei que ela era enorme.

— Ou ele pode estar inventando coisas... — murmurei sozinha e saí do banheiro.

Entrei no meu *closet* e comecei a mexer nas minhas peças íntimas, um pouco frustrada. Eu devia ter mais de vinte peças que nunca nem sequer tinha usado, todas extremamente sensuais, de rendas e transparências, e não sabia quando conseguiria usar. Seria muita cara de pau minha aparecer de espartilho na sala ou com um desses conjuntos que não deixavam nada para a imaginação.

Por isso, escolhi um que era *sexy* e fofo ao mesmo tempo, de cetim num tom lindo de azul-petróleo. O sutiã era bem básico e a calcinha possuía tiras laterais extremamente finas, mas o conjunto era arrematado com um micro shortinho também de cetim, aberto nas laterais. Enrolei a cintura dele para deixar a calcinha aparecendo um pouco e fui passar hidratante pelo corpo.

Fui até a sala com muito frio na barriga e ouvi o barulho da televisão antes mesmo de chegar lá. Por trás, vi que Arthur estava no sofá, com os braços esticados sobre o encosto e aproveitei para fingir que precisava ir ao terraço só para ter motivo de passar na frente dele. Desfilei sem olhar para ele e fui lá fora, debrucei-me rapidamente no guarda-corpo de vidro e dei uma olhada na paisagem antes de entrar em casa. Só nessa hora eu me permiti encarar o príncipe, torcendo para ele me chamar.

Ele estava bem relaxado no sofá, sem camisa e só vestindo uma calça azul, com os olhos cravados em mim.

— Vai ficar passeando ou vai vir até aqui? — perguntou numa voz rouca demais que quase me fez desmaiar.

Obedeci já que ele fazia tanta questão e parei na frente daquelas pernas longas esticadas. Abri espaço entre elas e senti meu corpo esquentar com o caminho que os olhos azuis fazia lentamente por cada região dele.

Seus dedos tocaram os meus e Arthur me puxou com delicadeza, segurando em meus quadris e me fazendo ajoelhar em seu colo. As mãos deslizaram para cima e agarraram minha cintura antes que ele me derrubasse para o lado e me deitasse no sofá. Seu corpo se agigantou sobre o meu e minhas pernas foram separadas por um joelho masculino.

— Acha que não sei que colocou essa roupa para me provocar, bobinha? — perguntou ele, prendendo meus braços acima da minha cabeça.

— Claro que não — respondi, rindo, porque eu sabia que mentia mal. — Mas funcionou?

Arthur estalou a língua e se deitou, soltando seu peso todo em cima do meu corpo e me deixando sem ar. E molhada. Ele beijou meu queixo e me encarou, muito sexy.

— Você é muito grande — falei, sentindo-me esmagada.

— Que bom, assim consigo cobrir você todinha.

Abracei os quadris dele com minhas pernas quando se esfregou em mim e beijou minha boca. Ainda não conseguia acreditar que aquilo tudo estava acontecendo, mas quem seria eu para reclamar ou refletir qualquer coisa. Só decidi aproveitar o momento, deixar que nossas línguas se amassem, sentir cada pedaço do príncipe que estava em contato comigo.

Quando ele mordeu meu lábio e afastou um pouco o rosto, usou uma mão para tocar e apertar minha coxa. Comecei a me arrepiar conforme ela se movia para cima e alcançava o elástico do *short*, ao mesmo tempo em que também passei a sentir a trombeta ganhar vida.

— Sobre o que aconteceu no meu escritório, como está se sentindo? — Arthur perguntou e continuou o caminho com a mão até roçar os dedos na lateral do meu peito. — Estamos bem?

— Uhum.

— Uhum não é resposta — reclamou, trazendo a mão mais para cima e afastando o cabelo do meu rosto. — Quero algo mais elaborado. Você ficou bem encabulada lá. Não quero que aconteça nada que a deixe desconfortável.

— É só vergonha, príncipe... — respondi, querendo que ele mudasse de assunto, ou melhor que não falasse e sim agisse mais.

— Não sente na hora de dançar?

Neguei, porque dançar era uma coisa muito natural para mim, eu amava me mexer ao som de uma música intensa. Amava a adrenalina que o exercício me fazia sentir. Dançaria todos os dias se fosse possível.

— Todo mundo sempre pensa que eu sou safadona na cama só porque eu gosto de rebolar a bunda, mas eu nem tenho muita experiência. Fico com vergonha.

— Comigo também? — Balancei a cabeça, confirmando a pergunta dele. — Quer ver um filme? Não precisamos fazer nada.

Um filme? Que desrespeito com meu conjuntinho nada básico que eu estava estreando só para dar uns amassos no sofá. Se Arthur ousasse pegar o controle remoto da televisão, eu juro que o jogaria lá na rua — o objeto e o dono.

Para que não restasse nenhuma dúvida quanto ao que eu desejava, segurei firme o rosto dele e beijei sua boca, arrastando minhas unhas pelos ombros e braços, até tocá-los nas costas nuas e definidas. Aquele homem era uma perdição e minha calcinha ficava prejudicada só de pensar em quanta experiência Arthur acumulava por tantos

anos. Ele era tão sexy, másculo, seu jeito mandão e sério demais mexia muito com meu psicológico.

A saliva se acumulava ainda mais na minha boca conforme nossos lábios se comiam e eu sentia minha pele arder pela agressão gostosa que a barba dele causava em mim. Meus mamilos começavam a doer junto com as pulsações bem lá no meio da minha bacurinha, porque era muito difícil não se afetar com todo o volume que ele esfregava entre minhas pernas abertas. Arthur devia estar sem cueca, pois eu o sentia mais do que todas as outras vezes.

— Ai meu senhorzinho... — sussurrei, com fogo no corpo inteiro, quando ele deslizou pelo meu corpo até alcançar meu sutiã com a boca.

Ele deixou alguns beijos espalhados pela minha pele e puxou as alcinhas finas com os dentes, soltando-as para vê-las estalarem. Depois colocou a língua toda para fora e lambeu o vão dos meus seios, voltando os olhos para mim e piscando. Estremeci e ele sorriu, arranhando com os dentes a parte que o sutiã deixava exposta e quase morri quando voltou a me lambe, trazendo a língua até minha garganta.

Precisei fechar os olhos porque não conseguia raciocinar direito e temia me engasgar com minha própria

baba. Arthur beijou meu queixo de novo e tocou minhas bochechas com os dedos, fazendo com que eu o olhasse.

— Não sei se estou obcecado, mas sempre senti uma necessidade muito forte de você. Consegue me entender? — perguntou e nem sabia o que responder. — Não estou me referindo a sexo, porque juro que nunca pensei nisso quando se trata de você, Uni. Mas ter você inteirinha, cada pedaço, só para cuidar mesmo. E essa sensação tem se transformado cada dia mais, me atijando com outras vontades. Como agora, que sinto a necessidade de lamber você toda, só para decorar seu gosto e sua textura em todos os pontos da minha língua. — Ele franziu a testa. — Não, não chore. Não disse isso para você chorar. Não é o momento.

Tarde demais. Funguei e tapei meus olhos, pressionando as pálpebras para tentar cessar as lágrimas malditas.

— É que é tudo muito bonito e não sei como responder, porque só sei falar em gírias.

O sofá sacudiu com a risada dele vibrando por nossos corpos e sua boca tocou minha testa. Então senti ainda mais vontade de chorar quando meu corpo sofreu a ausência de contato e de peso, pois Arthur se sentou, esticando um braço no encosto e usando o outro para levar a mão aos olhos.

— Já acabou? — perguntei, levantando-me e engatinhando para o colo dele, ajoelhando-me em cima da trombeta e puxando sua mão. — Príncipe, quando a gente vai sair da fase dos beijos? Por acaso está esperando que eu complete trinta anos?

Ele sorriu e me encarou com os olhos vermelhos. Respirou fundo e tocou meu rosto, todo delicado, apesar do pênis bem duro. Muito duro, assustador, porque ele com certeza mesmo não estava de cueca, o que eu sentia... parecia estar livre.

— O que tenho sentido é tão intenso, Uni, não estou conseguindo separar as coisas. E sei... — ele molhou os lábios e deslizou o polegar pelo meu umbigo —, sei que isso tudo é muito importante para você.

— Sabe do que tenho medo? — perguntei, tocando o peitoral forte dele. — Que você goste tanto de mim que esteja fazendo essas coisas só para me ver feliz. Porque eu sei que você se preocupa tanto comigo que às vezes eu penso que...

— Não pense isso — ele me interrompeu, tocando minhas mãos. — Se você duvida das minhas intenções, entenda que o nosso corpo não mente. Isso — ele empurrou a ereção contra mim — não mente. Não tenho como fingir estar de pau duro e isso só acontece de forma natural se existir tesão. Então não tenha esse medo de não

estar sendo desejada. Quando eu permito que você saiba disso tudo, eu estou me colocando em um nível extremo de vulnerabilidade.

Mordi o lábio, ansiosa. Era muita informação e tudo o que eu queria era me agarrar com Arthur. Mas não era à toa que o homem era um advogado de sucesso, ele adorava discursar.

— Quero você, Uni. — As mãos pesadas tocaram minha cintura e alisaram minhas curvas. — Quero ensinar coisas, sentir tesão, quero essa intensidade toda, mas sou a pessoa mais madura entre nós e não quero que você perca o foco na sua vida. Isso me deixa muito dividido, porque eu sei que serei o culpado se você se perder. A partir do momento que atingirmos um outro tipo de intimidade, você vai deixar de me ver como o homem que pega no seu pé, a referência que possuí da figura masculina, paterna e fraterna na sua vida. E se você perder esse respeito que a gente geralmente tem por alguém mais velho, nossa relação pode desandar porque nossas vidas são muito diferentes. O que sobrará quando você enjoar de estar com alguém da minha idade e o que a gente tinha antes já não existir mais? Porque você vai enjoar, ainda tem muita coisa para viver que eu já vivi.

— Acha mesmo que eu enjoaria de você?

— Quanto mais eu envelhecer, sim.

— A Gabriela não enjoou do Bruno até agora — retruquei, sem acreditar que Arthur não percebia o quanto eu era louca por ele. — E o casal que a gente conheceu na festa? Lembra? A Gabriela e o Ramon, também há muita diferença de idade entre eles.

— Eu sei, meu amor, eu sei. Mas nenhum dos dois casais possui a história que nós possuímos, que vem de anos e anos.

— Eu entendo seu lado — murmurei, sendo sincera, mas um pouco triste.

Arthur deslizou um dedo pelo meu ombro e alisou meu braço, puxando-me com delicadeza e descendo a mão pela minha cintura. Seus lábios roçaram em meu rosto e ele esfregou sua barba em mim.

— Não é para ficar triste, estamos apenas conversando — murmurou, tornando a esquentar meu corpo. — Isso que está acontecendo está sendo natural, porque não consigo mais lutar contra, porém, ainda me preocupo.

Abaixei minha cabeça e beijei o pescoço dele, fiz o que ele costumava fazer em mim, lambi sua pele, senti a aspereza da barba contra minha língua, enquanto ele se arrepiava e apertava a mão em minha cintura. A respiração dele estava afetada quando comecei a morder sua

orelha e desci até o ombro forte, chupando-o e deixando minha saliva brilhando na pele morena.

— Assim não há controle que resista por muito tempo, Uni — Arthur murmurou, deixando a cabeça inclinar para o lado enquanto me cutucava com a trombeta assustadora.

Distanciei um pouco meu corpo do dele só para ter mais acesso ao seu peitoral e minha nova posição me presenteou com um ângulo incrível da anaconda. Rebolei em cima dele um pouco antes de tocar nos mamilos que eu tanto queria, que já estavam enrijecidos há um tempão. O príncipe puxou o ar com uma certa dificuldade e fechou os olhos, parando suas mãos no alto de minhas coxas.

— Nina — sussurrou.

— Oi?

Com a cabeça caída um pouco para trás, o pomo de adão dele se moveu depois de um outro longo suspiro.

— Não está dando... Vou precisar ir ao banheiro...

Ah, mas ele não ia mesmo! Eu me recusava a deixar o homem se levantar para ir cuidar da ereção que eu causei, trancado dentro da porra de um banheiro. Fala sério, sonhava em ver a trombeta há anos!

Antes que ele pensasse em agir, eu me remexi em seu colo e cheguei um pouco para trás, expondo o volume em sua calça e colocando minha mão sobre ele. Arthur

abriu os olhos rapidamente e me encarou, quase perdendo a cor.

— Não acho que seja o momento para isso — falou, colocando a mão sobre a minha.

Estava bastante assustada com a grossura da coisa, que já não podia mais ser disfarçada pela calça de moletom. A trombeta parecia ser enorme e larga ou então eu não entendia nada de pênis e estava alucinando.

— Quero ver — quase implorei, alisando o volume e fazendo o príncipe estremecer.

O príncipe me encarou por alguns segundos que pareceram horas e enfiou a mão por dentro da calça, puxando o pau para fora. Minha reação inicial foi a mais inteligente possível, fechar os olhos. Eu sei, eu sei, inteligente para pessoas burras. Porque assim que ouvi a risada dele, me dei conta da idiotice que estava cometendo e arregalei meus olhos de uma vez, baixando o rosto e encarando a trombeta.

Caramba... Eu nem estava vendo inteira, porque metade ainda estava escondida dentro da calça. Arthur só tinha revelado a ponta e uma parte do restante e eu não caí para trás porque uma de suas mãos estava apoiada em minhas costas.

— Ahn... — murmurei só para ter o que falar. — Hm.

Seria a hora de realmente usar toda a inteligência que Deus me deu e correr para bem longe de Arthur porque o homem era bem dotado em excesso. Um exagero. E na hora eu me lembrei de quando comentei sobre tamanhos com ele dentro de um carro e até fiz comparações com latinhas de refrigerantes. Puta que pariu.

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — É grosso.

— E grande.

O sorriso que ele exibia não era daquele tipo arrogante de quem se acha a última bolacha do pacote, mas sim de quem dizia *“é, eu sei, nasci assim e infelizmente tive que me acostumar em arrombar mulheres, sinto muito, é o que posso oferecer”*.

— Não é dos maiores, mas por ser grosso, assusta — comentou de forma despretensiosa, como se estivesse falando de saltos de sapatos.

Tapei o rosto, chocada demais e com vergonha justamente por estar sem palavras. Ele sabia que eu era inexperiente, mas também não precisava saber que eu praticamente não tinha visto muitos outros paus na minha vida.

Então, para demonstrar que eu estava tranquila e era corajosa, envolvi a cabeça da trombeta com meus dedos e grudei meu peito no dele, escondendo meu rosto em seu pescoço.

— Ele é bonito, príncipe — murmurei, sentindo o calor em minha mão. — Mas *tô* assustada.

— Não fique. — Seus dedos tocaram os meus e me incentivaram a mexê-los. — O que acontecer entre a gente, se acontecer e quando acontecer, será com muito cuidado.

Aproveitando minha posição, lambi de novo o pescoço dele, gostando de deixá-lo arrepiado e curtindo os tremores que tomavam seu corpo conforme eu movia minha mão. Recuei um pouco quando me senti menos envergonhada, só para poder apreciar a visão do pênis e a cabeça que brilhava, bem redonda e vermelha, sem aquela pele toda. Desci pelo comprimento roliço, quase sem acreditar que não conseguia fechar minha mão ao redor dele. Fui até o final de sua extensão, empurrando o máximo possível o elástico da calça e revelando toda a trombeta magnífica. Era de assustar, mas era a coisa mais bonita e excitante que eu já tinha visto, com aquelas veias grossas que marcavam a pele.

— Tem certeza que está à vontade com isso? — perguntou Arthur e só então percebi que ele me observava atentamente.

— Uhum — respondi, sentindo meu rosto esquentar e apertando meus dedos ao redor dele. — Será que consigo fazer você...

— Gozar? — completou, me ajudando quando travei.

— Não sou boa nisso...

Arthur se desencostou no sofá e aproximou o rosto dos meus seios, deslizando as alças pelos meus ombros e roçando os dedos nas minhas costas até encontrar o fecho do sutiã.

— Por que não é boa? — perguntou, quase sussurrando contra minha pele.

Engoli em seco quando ele jogou o sutiã do outro lado sofá e lambeu um dos meus mamilos com a ponta da língua. O príncipe levantou o rosto e me encarou bem de perto, buscando minha mão com a dele e a levantando com a palma virada para cima. Ele me surpreendeu ao inclinar a cabeça e soltar uma bola de cuspe ali antes de levá-la de novo ao seu pau.

— Desde que esteja melado, é gostoso — falou, com muita paciência. — Só não use as unhas.

Apenas balancei a cabeça, sem voz, obedecendo ao comando dele e deslizando minha mão para cima e para baixo, enquanto Arthur voltava a se ocupar dos meus peitos. Com a mão direita ele segurou um e com a boca lambeu o outro, tornando tudo mais difícil para mim porque ficava impossível se concentrar em outra coisa. Ora eu apertava demais, ora eu esquecia o que estava fazendo e afrouxava a mão.

Com a paciência do mundo inteiro, ele passou a se masturbar usando meus dedos, tocando por cima da minha mão, mostrando a forma como gostava. Toda vez que esfregava minha palma na parte superior da cabeça, ele puxava o ar entre os dentes e soltava um gemido. Até que usou suas duas mãos para agarrar minha bunda e as enfiou por dentro do *short*. Quase me desequilibrei com sua pegada forte, enterrando os dedos na minha carne. O filho da mãe me deu um tapa, fazendo minha pobre vagina sugar o ar, porque era tudo que tinha dentro dela.

— Ah, Marina! — Arthur se jogou para trás no sofá e puxou as mãos de dentro do meu *short*. Ele me encarou, muito observador, e deu um leve sorriso.

Sorri de volta e olhei para o pênis dele, que escorregava pela minha mão. Pelo orifício da cabeça não parava de sair aquela lubrificação transparente, mas como ele tinha cuspidido na minha mão, achei que não faria mal se cuspisse nele. Então me inclinei na direção da trombeta e deixei meu cuspe escorrer até a ponta.

— Porra... Quer me matar do coração, Nina?

— Nãooooo! — Ri e me joguei contra ele, beijando aquela boca linda e rezando para que meu corpo se fundisse ao dele de uma vez por todas. — Achou que eu fosse colocar a boca, né? — perguntei com o rosto

grudado na orelha dele. — Eu sou péssima nisso e não vou passar essa vergonha na sua frente hoje.

Arthur enfiou os dedos pelo meu cabelo e puxou meu rosto, apertando os dedos para esmagar minhas bochechas e meus lábios, dando-me um selinho. Tinha percebido que eu era tão ruim em masturbação masculina que ele mesmo começou a se tocar quando o larguei, só que obviamente o homem tinha muito mais jeito do que eu. Sua mão descia e subia numa punheta acelerada e achei curioso que ele se concentrava mais da metade para cima.

O príncipe lambeu minha clavícula e me mordeu bem na base do pescoço, sem conseguir evitar soltar uns gemidos abafados. Quando voltou a se recostar no sofá e se ocupar inteiramente do pênis endurecido, eu parei para observar o espetáculo que era aquele homem se tocando daquela forma. Com certeza seria conteúdo para várias noites de siririca na cama.

Arthur cuspiu na própria mão com os olhos cravados em mim e voltou a agitar aquela garrafa pet com vontade, enquanto eu esperava para ver o gás explodir pelo gargalo. A cabeça brilhava e a mão dele fazia movimentos constantes, firmes e rápidos demais.

— Me dê a sua mão — pediu ele e eu obedeci, observando-o enquanto substituía a dele pela minha. — Já vou gozar.

Ah, meu Deus. Fiquei nervosa, ansiosa e esperava não fazer besteira. Tentei manter o ritmo de Arthur, mas era impossível. Ele segurou meus seios e logo o primeiro jato espirrou e temi que também viesse parar no meu olho, mas ele caiu antes de atingir altura. Escorreu morno pela minha mão enquanto saía ainda mais do orifício e fiquei pensando em como eu tinha engolido tanta coisa naquela droga de noite.

Arthur estava todo melado de gosma branca e minha mão encontrava-se na mesma situação quando o larguei, ainda impactada.

— Quer ir se lavar? — ele perguntou, tocando meu cabelo, com uma expressão de quem estava em outro universo.

— Não! — Sorri para ele e usei minha mão pegajosa para alisar minha barriga e me sujar toda com a ejaculação dele. Arthur arqueou uma sobrancelha e eu encolhi os ombros. — Sonhei muito com isso. É meu e eu fiz por merecer.

Fui alvo da intensidade dos olhos azuis enquanto o príncipe colocava a trombeta de volta dentro da calça e depois avançou em mim, me virando e me jogando no sofá novamente. Ele me montou e abocanhou meu seio, causando arrepios e uma leve dorzinha que era até

gostosa. Quando me encarou, estalou a língua e entrou no modo fofo.

— Espero que esses seus... sonhos, tenham começado a acontecer depois que completou a maioridade.

— Claro que não — respondi, sorrindo. — Já viu adolescente cheia de hormônio não pensar em putaria?

Arthur gargalhou e me deu um selinho, apoiando-se nos cotovelos e suspirando. Ele era tão bonito, que quando ficava sério daquele jeito, eu achava que poderia olhar seu rosto a vida inteira sem enjoar.

— Preciso comer alguma coisa — avisou, beijando minha testa. — Vamos lá na cozinha.

Ele levantou rápido e me puxou pela mão, mas eu não queria nada. Já devia ser mais de uma da manhã e eu odiava ingerir qualquer coisa tão tarde assim.

— Nós vamos à cozinha pra você comer comida mesmo ou... — provoquei e ele virou o rosto para me lançar um olhar perigoso.

Abracei ele por trás e grudei, obrigando o homem a andar comigo apertando sua cintura com os braços, um peso morto em suas costas.

— O que quer comer, Nina?

— Nada — respondi, nem estava com fome.

— Quando foi sua última refeição? — ele perguntou, abrindo a geladeira e eu senti o ar frio em minhas mãos.

— Há bastante tempo, antes de sair de casa. Mas não estou com fome.

— Que horas você saiu de casa?

Arthur colocou três ovos sobre a bancada e fechou a geladeira, depois tocou meus dedos entrelaçados em sua barriga.

— Seis e meia — respondi.

— Ou seja, há mais de sete horas. O que você vai comer agora? — Revirei meus olhos mesmo que ele não pudesse ver, já que minha língua estava passeando por suas costas. — Se não me disser, vou fazer dois ovos mexidos para mim e um para você.

Arthur saiu da cozinha com certa dificuldade pois precisava andar com uma mala sem alça agarrada a ele e entramos no banheiro social. Ele acendeu a luz, abriu a torneira e puxou minhas mãos para lavá-las. Depois lavou as dele com o mesmo cuidado, enxugou e apagou a luz, rebocando meu corpo junto.

— Por quanto tempo você acha que consegue ficar assim? — perguntou, rindo.

— Aguento facilmente até 2025. Depois talvez eu precise fazer xixi e não vou aguentar você sentado no meu colo.

— Acho que será um pouco antes, pois em algum momento *eu* vou precisar me sentar no vaso sanitário.

— Eu consigo girar ao redor do seu corpo, posso me sentar de frente pra você enquanto caga.

— Excitante — gargalhou.

Eu realmente não desgrudei de Arthur o tempo todo que ele ficou na cozinha preparando nossos ovos. Até ajudei com minhas mãos quando precisou que mexesse a espátula enquanto ele jogava um pouquinho do *mix* de pimenta. Depois salpicou um pouco de queijo picadinho e voltou a comandar o preparo daquela comida exótica.

Serviu nossos pratos, pegou os talheres — que eu segurei —, e me levou para o outro lado da bancada. Naquele momento precisei soltar dele para poder subir numa banquetta e comer a comida que eu sabia que cairia mal no meu estômago. Brinquei com o garfo, remexendo o ovo pra lá e pra cá e senti o olhar de Arthur sobre mim.

— Nina, coma qualquer outra coisa que você quiser — disse ele, tocando minha cabeça. — Eu só quero que você se alimente.

Como não queria ficar levando sermão nem remoendo aquele assunto, levei o talher à boca e comecei a comer. Fizemos isso em silêncio porque acho que o príncipe realmente estava com fome e eu acabei antes dele. Desci da banquetta e dei um beijo em seu rosto, na barba cheirosa.

— Vou ao banheiro e já volto — avisei.

Tentei não correr, mas quando cheguei em meu quarto, fui com pressa até o vaso e passei a mão na escova de dente dentro da caixinha no móvel. Levantei a tampa do sanitário e enfiei o cabo na goela, sentindo a ânsia chegar.

O vulto que surgiu na porta me revelou Arthur parado bem ali, de braços cruzados, justo no momento em que o vômito saiu.



Capítulo 36

Arthur

Eu não tinha bola de cristal, não conseguia adivinhar o que se passava dentro daquela cabecinha da Nina, mas vinha me incomodando bastante a relação que ela apresentava com a comida. Desde o dia em que quase desmaiou por fraqueza na academia, não consegui afastar essa sensação de que precisava ficar de olho nela.

Quando saiu às pressas para ir ao banheiro, senti que algo estava errado. Não cheguei a pensar na cena em que veria, em minha inocência, achei que fosse encontrá-la chorando ou algo parecido com isso. Mas o que vi, foi muito pior e eu não estava preparado.

Marina agachada na frente do vaso, com uma escova de dentes enfiada ao contrário na boca. Seus olhos se moveram rapidamente quando notou minha presença e o vômito saiu, fazendo seu corpo estremecer. Estava puto e queria explicações, mas meu instinto protetor me obrigou a

entrar no banheiro para segurar seus ombros, tirar o cabelo do caminho e tentar acalmá-la.

— Sai daqui! — pediu, com as palavras emboladas, tentando se soltar de mim.

— Nunca.

Ela ainda ficou de cabeça baixa por alguns segundos, enquanto cuspiu saliva no vaso, e precisei me controlar muito para não sentir ânsia, pois tinha acabado de comer a mesma coisa que ela. Quando vi que tinha terminado, puxei a toalha de rosto que estava pendurada e usei para limpar sua boca e seu queixo.

— Você não se sujou, jogue só uma água no rosto e escove os dentes, vou esperar na sala.

Beijei sua testa e saí do banheiro, mesmo que quisesse continuar ali para ajudá-la. Não consegui, porque minhas mãos estavam trêmulas pelo meu nervosismo aflorado, por me sentir com raiva e impotente ao mesmo tempo. Será que eu tinha entendido errado? Será que Marina simplesmente ficou muito enjoada porque estava sem fome e não conseguiu segurar a comida no estômago? Ou será que era só mais um sinal que eu já vinha captando há um tempo?

Para me distrair, fui lavar a louça com calma e dar o tempo que ela precisava para se recompor. Era péssimo ter que me sentar com ela para conversar sobre um assunto

tão sério, quando minutos antes estávamos nos agarrando no sofá. Esse era o tipo de situação que me deixava completamente dividido em meus sentimentos.

Enxuguei a mão no pano de prato quando Nina apareceu na sala, cabisbaixa e envergonhada. Ela veio se sentar na banquetta alta e cruzou os braços sobre a bancada que separava a sala da cozinha.

— Está melhor? — perguntei, sem conseguir olhar os olhos que ela escondia de mim. — Nina, quero saber o que anda acontecendo com você.

— Nada — murmurou, encarando os braços. — Fiquei com o estômago embrulhado.

— Você tinha uma escova de dentes enfiada inteira na boca.

Quando ela finalmente levantou o rosto para me encarar, vi que seus olhos estavam marejados e a expressão de choro me comoveu como sempre acontecia. No entanto, senti que não podia permitir ser tapeado por aquela carinha bonita, pois ela sempre conseguia o que queria quando me olhava daquele jeito.

— Eu só precisei vomitar, pare de ser chato — resmungou, enxugando um olho. — Não acredito que você vai estragar o resto da noite.

— Não me importo que me ache chato, Marina. — Apoiei as mãos na bancada e a encarei com seriedade. —

A parte boa da noite acabou no instante em que você saiu para forçar vômito no banheiro.

— Eu não forcei!

Ela pulou da banqueta e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto, enquanto tentava recuar, mas dei a volta com pressa e segurei o pulso dela.

— Não sou idiota, Marina! Tenho quarenta anos e já vivi muita merda. — Puxei seu corpo e segurei em seu rosto para que não fugisse. — Quer saber a verdade sobre a morte de Felipe?

Toquei na ferida certa, porque Marina não conseguiu esconder a surpresa que a acometeu. Os olhos vermelhos se arregalaram e o queixo cedeu um pouco, muito provavelmente tentando entender do que eu estava falando. Para ela, até então, Felipe sofreu um acidente de moto como muitas pessoas sofrem todos os dias no mundo.

— Você era uma menina, a gente não ficava conversando essas coisas por perto e Felipe nem gostava que você soubesse dos casos dele. Mas acontece que seu irmão se apaixonou por uma modelo e eu nunca vi aquele garoto gostar tanto de uma mulher como ele gostou de Érica. Mas sabe o que aconteceu com ela? Passou a maior parte do tempo em que ficaram juntos, internada, por anorexia. E ela morreu, Nina. No dia que Felipe soube da

morte, ele encheu a cara na *Caixa Preta* e saiu alucinado de lá. Algum tempo depois eu recebi a notícia do acidente.

Marina chorou sem controle, como eu já esperava, porque nós não comentávamos muito sobre o acidente, ela nunca teve muitos detalhes daquele dia. Eu evitava tocar no assunto porque me machucava demais, pois estava a caminho da *Caixa* para encontrar com o Felipe lá e dar apoio para ele, mas como peguei engarrafamento, meu amigo não me esperou. Se eu chegasse dez minutos antes, não o deixaria pegar a moto sabendo como estava bêbado, e o acidente nunca teria acontecido.

— Por que eu não a conheci? — ela perguntou, em meio aos soluços.

— Quando eles firmaram o namoro, alguns dias depois ela começou a passar mal e precisou ser internada. Felipe não queria que você a conhecesse num momento tão frágil e ele tinha certeza que Érica superaria a doença.

Os ombros de Marina sacudiram e ela grudou o rosto em meu peito, chorando como se fosse a primeira vez que recebia a notícia do falecimento do irmão. Não consegui mais me controlar e deixei que minhas lágrimas também escapassem, ainda me lembrava em detalhes da voz dele ao telefone, chorando e gritando ao mesmo tempo, revoltado com a vida. Tão novo e com tanto que ainda podia conquistar. E Érica, linda, belíssima, uma garota

doce e simples, que se perdeu por causa dessa merda de ditadura da beleza.

Apertei meus braços ao redor do corpo delicado e apoiei meu queixo na cabeça de Nina, querendo protegê-la de tudo. Se fosse necessário, até dela mesma.

— Apreendi a reconhecer os sinais e convivi de perto com algo parecido, junto com seu irmão — murmurei, fungando um pouco. — O caso de Érica era muito mais grave, mas um dia, começou bobo. Não tente me enganar, Uni. Nós vamos procurar ajuda profissional para você porque perdê-la causaria a minha destruição.

— Eu não tenho anorexia... — ela murmurou.

— Eu com certeza não sou nenhum especialista, mas suas atitudes já estavam me deixando preocupado. — Segurei-a pelos ombros para afastá-la um pouco de mim e me curvei, tocando seu queixo. — Uni, você é tão linda, meu amor. Seu corpo é lindo do jeito que é, mas seria também mesmo que não se cuidasse tanto. Agora já me acostumei, mas quando a reencontrei no Rio, depois de muito tempo sem vê-la, eu até achei que estava magrinha demais. Tem que parar com essa neurose de aparência o tempo todo.

Ela enxugou o rosto e cruzou os braços, senti que começaria a recuar de novo.

— Não é neurose.

— Por que não descobrimos juntos o que é? — perguntei, tocando seus dedos úmidos pelas lágrimas.

— Quero ir dormir... — Ela fungou e puxou a mão, virando-se de costas e saindo da sala.

— Vou apagar tudo aqui. Quer ficar no meu quarto?

— Não — respondeu, virando só o rosto para me olhar por cima do ombro. — Quero dormir sozinha... Você acha que sou doente.

Não esperava por aquela atitude, portanto, apaguei as luzes da cozinha com pressa e fui atrás dela no corredor, mas Nina já estava entrando no quarto.

— Não deturpe as coisas — pedi. — Não foi isso o que falei e não era o que eu pretendia que você absorvesse. O assunto é sério, Marina.

— Ok, mas continuo querendo dormir sozinha.

Merda! Ela fechou a porta na minha cara e eu só aceitei que agisse daquele jeito porque não chegou a trancar com a chave. Sabia que não adiantava insistir e pressionar sem ser da maneira correta. Precisava observar melhor os detalhes de sua rotina para ter certeza do que estava acontecendo, mas enquanto isso, tentaria procurar algum tipo de ajuda sem envolvê-la.

Fui me deitar já sentindo um pouco de dor de cabeça, aquela que na verdade, começou ainda na *Caixa Preta*, só

amenizou um pouco durante esse tempo e depois da cena de Marina vomitando, voltou com força total.

Tive que me levantar para ingerir um remédio e só consegui mesmo dormir quase uma hora depois. Acabei acordando mais tarde que o habitual, o relógio indicava dez e quinze da manhã quando entrei no banheiro para tomar um banho e despertar de vez.

Ao descobrir que Marina não estava em casa, respirei fundo e contei até vinte antes de mandar uma mensagem para ela.

“Saiu cedo... Tudo bem?”

Ela não estava online, portanto, fui preparar meu café da manhã sem pressa. Não tinha mais idade para me estressar com aquele tipo de birra. Na pia, encontrei um copo sujo de leite e me senti um pouco mais tranquilo ao saber que ao menos ela tinha tomado alguma coisa.

O celular apitou a notificação quando terminei de colocar tudo na mesa e me sentei.

“Estou na casa de Milena, vou almoçar aqui e contar tudo sobre ontem pra ela.”

Congelei o movimento de encher a xícara de café e reli a mensagem dela. Devolvi o bule à mesa para poder digitar, muito preocupado.

“O que seria -tudo- exatamente?”

Ela digitou assim que visualizou a minha pergunta.

“Tudo é tudo. Inclusive o quanto você fica gato enquanto goza.”

O babaca do meu pau sofreu uma pontada nada básica ao se lembrar do momento em que Marina me observava com atenção e eu me masturbava, apreciando a visão dos seios redondos e grandes bem na minha cara. Mandeí um aviso mental para que ele parasse com aquela merda e respondi ao unicórnio.

“Perdeu o medo e a vergonha?”

Ela digitou:

“Não, mas por mensagem fico corajosa.”

Sorri com sua resposta, mas resolvi que era hora de deixar o assunto fútil de lado e focar no que mais importava no momento.

“Uni, temos que conversar, quero entender o que acontece contigo e ajudá-la a passar por isso. Se for preciso procurar um médico, eu vou junto, sabe que estarei ao seu lado. Só quero que você seja saudável.”

Marina visualizou a mensagem e esperei pela resposta. Usei o tempo para comer minhas frutas e apreciar o café forte, enquanto esperava ela digitar. Até que percebi que ela nem mesmo estava online. A filha da mãe leu o que eu escrevi e ignorou totalmente.

“Que horas você volta para casa?”

Enviei e aguardei, enquanto os minutos se passavam. Mais uma vez, ela visualizou e não respondeu. E o pior era que eu sabia que Nina não ficava encabulada de ignorar alguém, porque foi exatamente isso que ela fez quando me ignorou todo aquele tempo que estive no Rio de Janeiro.

Saí do aplicativo, ciente de que não receberia a resposta que queria. Em muitos sentidos ela ainda era

imatura demais e, pelo visto, não queria que o assunto alimentação fosse abordado. Precisaria criar uma outra abordagem, que eu ainda não sabia qual, mas entendi que confrontá-la diretamente não daria muito certo.



Bruno abriu a porta para mim assim que cheguei à casa dele. Ao contrário da última vez, eu liguei antes para saber se poderia aparecer por lá para conversar. Ele já me recebeu com um sorriso carregado de sarcasmo e me deu um tapinha nas costas.

— Vou começar a separar o seu lugar na mesa aos domingos — zombou quando entrei e fechei a porta atrás de mim. — Primeiro foi no café, agora veio para almoçar, espero você à noite quando houver uma terceira vez?

Era meu amigo e prezava muito nossa relação. Tinha construído com ele o mais próximo que tive com Felipe, mesmo que ainda não fosse a mesma coisa, tampouco gostava de ficar comparando minha amizade com um ou outro.

Com Felipe não havia segredos entre nós, todas as informações das nossas vidas eram rapidamente compartilhadas. Mas ainda não tive coragem de confessar

ao Bruno que acabei ficando com Marina. Que a beijei e fiz um pouco mais do que talvez fosse aconselhável fazer.

Sorri para ele e apertei seu ombro enquanto me guiava até uma sala.

— Você é muito legal, mas foi atrás da sua mulher que eu vim — comentei, sabendo que o duplo sentido ficaria ótimo.

Bruno estreitou os olhos, ao mesmo tempo em que abria e fechava as mãos, além de enrolar os punhos da camisa. Claro que eu sabia que tudo não passava de uma brincadeira, mas entrei na onda e me mantive sério.

— Aquela cláusula da empresa — disse ele —, sobre proibição de violência física ou verbal entre os funcionários... Por acaso ela se estende aos sócios?

— Pague para ver — respondi, dando de ombros. — Está preparado para me ver quebrar a sociedade e levar metade de nossa clientela comigo?

— Por minha causa? — Ouvi a voz de Gabriela e me virei. — É bem capaz de Bruno me entregar numa bandeja antes de prejudicar a *Master Associados*. Nunca vi ser tão viciado em trabalho.

Sorri e a cumprimentei retribuindo o beijo no rosto e levando logo minha mão até sua barriga, mesmo que pouquíssimo tempo tenha se passado desde que fiz isso

pela última vez. Estava ansioso para ver meu afilhado ou minha afilhada começar a crescer.

— Fala isso de mim porque não convive com Arthur — Bruno resmungou.

— Não sou casado e nem tenho um filho a caminho — retruquei, me sentando numa poltrona e cruzando a perna. — Tome vergonha na cara e diminua o ritmo de trabalho.

Gabriela riu e se sentou na beira da mesinha de centro, bem de frente para mim, com um vinco no meio da testa.

— O Bruno disse que você ligou e estava chorando, querendo saber se podia vir aqui. — Ela apoiou uma mão no meu joelho e estava realmente preocupada. Lancei um olhar fulminante ao marido dela, em pé um pouco mais além. — O que aconteceu, Arthur?

— Eu estava chorando, Bruno? — questionei, querendo jogar a poltrona em cima dele.

Gabriela pareceu entender que tinha sido contada uma mentira e virou a cabeça para trás, estalando a língua e se levantando.

— Nem sei por que ainda acredito nas coisas que saem dessa sua boca — reclamou.

— De algumas coisas eu não a vejo reclamar não...

— Estou aqui, caso tenham esquecido, e não vim para conversar sobre sexo alheio — avisei. — Não estava chorando ao telefone, Gabi, mas vim porque estou preocupado e não queria ficar sozinho. Também queria conversar com você sobre Marina.

Ela assentiu em silêncio e foi se sentar no sofá espaçoso, puxando a mão de Bruno para mantê-lo ao seu lado.

— Já avisei na cozinha que você almoçará conosco, temos um tempo para essa conversa antes de a comida ficar pronta.

— Mandou colocarem mais água no feijão? — perguntou Bruno, que levou um tapa da esposa.

— O que tem a Marina? — Gabriela sorriu. — Não tive oportunidade de encontrar com você para contar, mas ela esteve lá na clínica e fechamos uma parceria. Já falei com o Bruno sobre mais ou menos o que tenho em mente, para que ele redija um contrato e, claro, você avalie depois.

— Sabia que vocês tinham marcado para ela conhecer o lugar, mas não tivemos tempo para que ela me contasse tudo. Foi bom, então? Marina se sentiu bem?

— Foi ótimo! Ela ficou muito feliz e empolgada. — Gabriela uniu uma mão à outra com um sorriso no rosto e me toquei que ela ainda era muito nova também. Observei Bruno, que encarava a esposa como se a endeusasse, e

errado não estava. — Eu também estou animadíssima, tudo que falei sobre ela é a mais pura verdade. A Marina é linda e as fotos vão ficar maravilhosas.

— Não percebeu nada diferente? — perguntei, ansioso para saber se alguma outra pessoa tinha notado o mesmo que eu, mas Gabriela franziu a testa.

— Diferente em que sentido?

Apoiei a cabeça no encosto alto da poltrona e esfreguei meus olhos, odiando ter que falar sobre isso com quem estava de fora da nossa relação. A sensação era de como se eu estivesse agindo nas costas de Marina, mas se ela não conseguia enxergar seu próprio caso e se ajudar, quem mais faria?

— Ontem eu flagrei Marina forçando o vômito no banheiro. Ela tinha acabado de comer, eu insisti, mesmo com ela falando que estava sem fome... — Puxei o ar devagar, relembrando a cena. — Depois ela foi vomitar e eu vi. Eu poderia enxergar como um caso isolado, mas há dias eu já venho percebendo umas atitudes que não gosto.

— O que ela tinha a dizer sobre isso? — Bruno quis saber e Gabriela o olhou rapidamente, tocando a mão do marido.

— Lá na clínica nós conversamos muito sobre trabalho, se há alguma coisa acontecendo, acho que não tive a sensibilidade de notar.

— Não sei se Bruno alguma vez compartilhou com você a história sobre a morte do Felipe — comentei e vi minha amiga negar com um gesto de cabeça. — Ele estava apaixonado por uma garota, que era incrível, muito simpática, uma fofa. Só que ela tinha anorexia e escondeu muito bem de todo mundo. Como era modelo, as pessoas achavam normal a magreza excessiva. — Encolhi os ombros, pensando em Érica. — Porra, até eu achava. Adorava a menina, mas não gostava do corpo dela. Só que ela modelo, desfilava em passarela, tinha uma carreira ainda recente... E no fundo, nós sabemos que a pressão nessa profissão é sufocante.

— Nunca entrei nesses detalhes com a Gabi — Bruno esclareceu, beijando os cabelos ruivos. — Não me dizia respeito, não achei que devesse.

— Eu nem imaginava. Mas se ela tinha anorexia, qual o sentido da morte dele?

— Érica faleceu — respondi, com a voz embargada. Ainda era dolorido lembrar porque ela sofreu muito nos últimos dias, e até o último instante em que esteve acordada, achava que superaria aquilo tudo e voltaria para casa. — Felipe bebeu demais e sofreu o acidente enquanto dirigia.

Gabriela assentiu, entendendo meu ponto, e levou a mão à boca. Depois de contar tudo, preocupei-me em ter

agido errado, afinal, ela estava grávida. Eu deveria mesmo ficar levando assuntos pesados como aquele para dentro da casa dela?

— Desculpem-me por falar assim...

— Você suspeita que Marina esteja anoréxica? — a ruiva me perguntou, com um semblante preocupado. — Ela é mesmo muito magrinha, mas externamente parece saudável, Arthur. Se a flagrou induzindo vômito, eu consigo pensar, talvez, em bulimia, que pode ser leve, mas pode acabar sim resultando em anorexia se não for tratada a tempo.

— Foi justamente o que pensei. Ela tem sérios problemas com alimentação, tem dias que a vejo comer como se estivesse tudo normal e, de repente, no dia seguinte decide fazer jejum de vinte horas. Fora que é obcecada pelo corpo, várias vezes reclama de estar gorda.

— Sabe, são sinais que se tornam imperceptíveis no mundo e na sociedade em que vivemos. Várias vezes ela soltou alguma frase do tipo, sobre precisar de vários tratamentos da clínica, sobre não ser tão bonita para fazer as propagandas, coisas assim. — Gabriela se inclinou até apoiar os cotovelos nos joelhos e encostar os dedos nos lábios. — Mas isso passa despercebido, porque é normal das mulheres buscarem se cuidar, se tratar, se não fosse, eu estaria falida. Mas sabendo do outro lado da Marina que

só você conhece, dá para juntar os pontos e perceber os sinais, mesmo singelos. Há quanto tempo você sente que ela tem agido assim?

Com certeza, desde que voltou para São Paulo. Mas tentei buscar memórias mais antigas, e comecei a ficar cismado. Desde a vinda dela para passar o Natal comigo, Nina já aparentava estar diferente, mas sem dúvida, meu maior choque foi vê-la pessoalmente no Rio de Janeiro.

— Que eu me lembre, ela nunca se preocupou muito com isso quando era criança. E até a época que conviveu comigo, antes da morte de Felipe, também era muito tranquila. Tinha um corpo normal, nunca foi gorda, mas também não era magrela.

— E ela colocou silicone ainda bem nova, né? — comentou Bruno. — Acho que Gabi pode ter mais noção que eu, mas acho que não são muitas garotas de dezoito anos que colocam silicone.

A dermatologista riu, mas havia um singelo sarcasmo recheando o som que ela soltou. Seu rabo de cavalo comprido balançou de um lado para o outro enquanto dava leves tapinhas na mão do marido.

— Isso é lenda, querido. Antigamente sim, a média de idade das mulheres que decidiam pela cirurgia era mais alta, geralmente quando já tinham filhos ou envelheciam um pouco mais e sentiam necessidade de levantar os

seios. — Ela franziu os lábios numa careta e suspirou. — Hoje, infelizmente, o Brasil é o líder no *ranking* de cirurgia plástica entre adolescentes. Nem precisa ser maior de idade para colocar silicone, basta ter a autorização dos pais. Eu mesma tenho pacientes de quinze e dezesseis anos que já colocaram. A pressão pela estética perfeita é cada vez maior — ela fechou os olhos e deu um sorriso triste — e isso me deixa com medo de ter uma filha.

O papo sobre seios me fez perceber que eu não sabia com qual idade exata Marina tinha operado. Ela mal acabara de completar dezenove anos e ontem eu estive com o rosto bem próximo deles, não notei nenhum vestígio de uma cirurgia de menos de seis meses.

— O ideal seria ela contar como se sente para que possa receber a ajuda diretamente — disse Gabriela. — Mas, Arthur, acho que não custa nada levá-la a um endocrinologista, que também pode encaminhá-la para um nutricionista... Dependendo do caso dela, até mesmo um psicólogo ou psiquiatra.

— Marina está fugindo de mim desde ontem, porque a confrontei. Quando acordei ela nem estava mais em casa.

— Se for bulimia mesmo, a pessoa não percebe o mal que faz à própria saúde. Ela se enxerga realmente como diz e não como mostra o espelho.

— Há a possibilidade de eu ser a causa disso tudo?
— perguntei porque me sentia angustiado desde que passei a juntar algumas lembranças e perceber que Marina sofreu uma transformação depois daquele Natal. — Nina... Gosta de mim há alguns anos. Pode ser tudo uma grande coincidência, mas ela começou a agir diferente depois que conheceu Renata. Sei lá, pensar isso talvez seja um pouco prepotente de minha parte.

— Eu não acho não — Bruno comentou. — Na idade dela, não acho impossível que as mudanças tenham começado para tentar ser vista por você, o cara mais velho.

Odélia apareceu na sala esfregando a mão no seu avental que ela nunca tirava e sorriu para mim. Eu me levantei e abri os braços, apertando a senhora baixinha e gordinha antes de depositar um beijo em sua bochecha.

— Achei que não fosse vir falar com o amor da sua vida — repreendi a melhor cozinheira da cidade. — Você já me tratou melhor, Odélia.

— Quem chega é que tem que cumprimentar as pessoas e não vi o senhor lá na cozinha atrás de mim.

Ela me deu um tapa na bunda porque era uma safada de setenta e dois anos que não podia ver um macho.

— Ele não foi até lá porque estava muito ocupado chorando nos nossos ombros — provocou Bruno. — Vê se

pode, Odélia, um quarentão desse tamanho...

— Será que tem todo esse tamanho mesmo, Seu Arthur? — A safada piscou para mim e riu.

— Arranjem um quarto, vocês dois, mas não fiquem de safadeza na frente da minha esposa.

— Eu só vim avisar que o almoço ficou pronto e já estou voltando pra cozinha — disse a senhora, beliscando minha bunda e se retirando.

— Se um dia eu pegar você, Odélia, não reclame.

— Ah, quem dera... — Ela rebolou a bunda enorme enquanto nos dava as costas. — Já passei dessa idade, garoto. Mas se eu fosse mais nova, ia dar trabalho.

— Ótimo, vocês dois conseguiram me dar material suficiente para uns quatro meses de pesadelos — Bruno resmungou quando se levantou junto com Gabriela e aproveitou para dar um tapa na bunda da esposa. — Desculpe, amor, fiquei com vontade.

Ela revirou os olhos e riu porque conhecia muito bem o marido idiota que tinha. Fui atrás deles até a sala de jantar, onde a mesa tinha sido colocada e inspirei aquele cheiro maravilhoso da comida de Odélia. Salivei pela deliciosa carne mal passada que brilhava para mim e puxei uma cadeira de frente para Gabi.

— Arthur, eu não sei se é uma ideia interessante, mas pensei em uma coisa — disse ela, começando a se

servir. — Como o trabalho que a Marina vai fazer para mim envolve estética, posso dizer para ela que preciso de exames de sangue, assim eu a forço a procurar um médico.

— Você é médica, amor. Ela vai pedir que você passe o pedido médico.

— Assim você me ofende, Bruno. Não sou tão idiota. — Gabriela fechou a cara para ele. — Óbvio que vou inventar uma desculpa muito boa para que ela procure um endocrinologista. Pelo menos, nós vamos saber como está o exame de sangue dela.

— Não me oponho a isso — declarei, colocando a carne em meu prato e sorri para ela. — Obrigado por tentar.

A comida estava fabulosa como tudo que Odélia cozinhava, mas mesmo assim, minha mente não estava totalmente presente ali com meus amigos. O coração então, nem se fala. Voava por aí, sem saber onde encontrar Marina, na esperança de que ela não o maltratasse muito.



Capítulo 37

Marina

Um pouco depois do almoço na casa de Milena, estava no quarto dela atualizando minha amiga sobre a última noite quando recebi uma mensagem de texto que não podia ignorar, pois era de Gabriela.

“Nina, tudo bem? Arthur chamou Bruno e eu para sairmos para jantar. Você pode ir? Aproveito e levo o contrato da nossa parceria.”

Uma boa merda, viu? Porque eu não queria nem me sentia bem dizendo não para aquela mulher que era tão gentil comigo, mas ao mesmo tempo, tinha quase certeza de que era uma armadilha do príncipe. Sair para jantar? Ele nem chegou a me falar sobre isso antes e do nada teve a ideia?

Mostrei a mensagem para Milena, que há alguns minutos tinha escutado sobre nossa briga e respondi.

“Vou adorar matar a saudade, claro que irei ao jantar! Pode levar o contrato!”

— Se não quer ir, por que respondeu que vai?

— Porque eu gosto dela e ninguém tem culpa dos meus problemas com o Arthur — respondi.

— Até agora não entendi por que ele brigou com você por ter passado mal. O homem nunca vomitou na vida? O que ele queria, que você prendesse?

Eu também não entendia para que tanto drama a respeito do que aconteceu. Ele me viu vomitando, tudo bem, mas e daí? Não podia mandar em mim. Eu já tinha sido compreensiva e acatado a ordem que me deu outro dia, exigindo que fotografasse meus pratos de comida e desde então não tinha pulado uma única vez. Claro que de vez em quando eu usava a mesma foto de um dia anterior para enviar e ele não percebia, mas para tudo se dava um jeito.

“Ai, que ótimo, Nina! Vamos marcar o horário com o Arthur então. Espero você!”

Deslizei a tela para ver a mensagem e larguei o celular de lado, um pouco desanimada. Não conseguia

acreditar que tinha ido do céu ao inferno em um intervalo de tempo tão curto. Uma hora estava em cima de Arthur, apreciando aquela cena excitante do homem se tocando diante de mim, depois ele me dava um sermão como se eu tivesse dez anos de idade e tivesse obrigação de dar alguma satisfação pela forma como cuidava de mim ou do meu corpo. As pessoas se incomodavam muito com a vaidade dos outros e eu tinha direito a ter uma opinião diferente da dele.

— Já que você vai, posso dar um conselho — perguntou Milena, deitada na cama ao meu lado. — Tente fazer as pazes com ele. Não tô dizendo para se rebaixar nem nada, só... pega leve. Sei lá? Ele se importa com você, amiga, isso ninguém pode negar.

— Claro, ele me vê como uma criança, como a irmã que nunca teve.

— Hum, não sei não. — Ela virou o rosto com o nariz franzido. — Depois do que rolou, acho difícil que o príncipe a enxergue dessa forma.

Eu me sentia um pouco em dúvida em relação aos sentimentos de Arthur. Tinha sido sim um momento maravilhoso e era até difícil acreditar no que tinha acontecido naquele sofá. Mas mesmo quando o homem parecia perder o controle e deixar o tesão falar mais alto, ele ainda acabava se portando como o mesmo de sempre,

que me via como uma garotinha. Eu simplesmente não sabia como rasgar esse véu que separava um do outro.

Saí da casa de Milena um pouco depois das quatro horas e quando estava caminhando para a estação de metrô, meu celular tocou. Conferi antes de atender para não correr o risco de ser Arthur e quando vi o nome de Miguel, pensei se deveria ou não falar com ele. Lembrava perfeitamente da expressão de choque no rosto do barman quando descobriu que tinha sido enganado por mim.

— Oi — atendi só para ver o que ele tinha a dizer.

— *Boa tarde, Marina Leão.*

— Sinto muito por ter colocado você nessa situação, Miguel — falei, sincera, não desejava o mal dele. — Eu não fazia ideia de que Francine me reconheceria, já que nunca nos vimos.

— *E não parou pra pensar que eu poderia me prejudicar? Já será bem ruim quando ele descobrir que fui a porta de sua entrada na Caixa Preta. Agora, nem quero imaginar o que vai acontecer comigo se ele souber daquela noite.*

Parei nas escadas da estação e me encostei no corrimão, querendo encerrar a ligação antes de descer.

— Ele não vai saber, Miguel! Acha que vou chegar e falar, ei, Arthur, aquele ali é o cara que me dedou. — Revirei os olhos quando uma mulher olhou de um jeito

estranho para mim. — E já contei por alto como cheguei à *Caixa Preta*, deixando seu nome de fora. Agora, sobre ter mentido pra você, realmente, eu menti e sinto muito. Mas você também mentiu pra mim.

— *Eu menti?* — Ele pareceu surpreso com minha afirmação. — *Quando?*

— Quando disse que tinha experiência com virgens — respondi, querendo gritar, mas como não parava de passar gente perto de mim, me controlei. — Ou você esqueceu de ser específico e deixou de fora a parte da experiência com dedos?

Ouvi a risada dele ao fundo e juro que se desse para sentir dor através de uma ligação telefônica, eu jogaria meu celular no chão e pisaria em cima dele.

— *Ouch, essa doeu. Mas aceito a sua alfinetada, morena. Eu mereci.*

— Preciso desligar, tô ocupada agora.

— *Quando vamos nos ver?* — perguntou e eu afastei o telefone da orelha, olhei para tela e mostrei meu dedo do meio, sabendo que ele não podia ver.

— Você tá brincando, né Miguel?

— *Estou falando bem sério. Gostei de você, ué, não tenho culpa se me odeia.*

— Não odeio você, mas não dá pra dizermos que aquela noite em sua casa foi memorável. Quer dizer, até

foi, entrou para o *hall* das merdas que já fiz na vida.

Outra risada.

— *Está vendo por que você mexe comigo? Adoro isso! Minha folga é amanhã, caso queira fazer alguma coisa. Podemos pegar um cinema, sei lá... Prometo deixar meus dedos bem longe de você.*

— Tenho que desligar.

Encerrei a ligação na cara dele sem me dar ao trabalho de responder educadamente porque, sério, como podia ser tão cara de pau assim? Ou ele era muito confiante ou não tinha noção nenhuma, nem mesmo da indiferença que preenchia em minha vida no momento. Tinha problemas muito maiores com os quais lidar e um deles possuía olhos azuis.

Como minha vida estava muito agitada, eu estava entrando no elevador do prédio quando recebi mensagem de Sara, uma das garotas da *Caixa Preta*. Ela queria saber como as coisas tinham terminado e queria responder quando tivesse tempo para perder alguns minutos fofocando. Por isso, deixei para falar com ela mais tarde, após o jantar.

Arthur estava no sofá quando entrei em casa, com o *notebook* no colo e a televisão ligada transmitindo uma partida de tênis que ele tinha o costume de gravar para assistir quando pudesse. Assim que colocou os olhos em

mim, fechou o computador, para minha frustração. Meu objetivo era passar despercebida e me trancar no quarto, mas ouvi sua voz quando o cumprimentei com um meneio de cabeça.

— É assim que fala comigo agora? — perguntou e parei no meio do corredor, suspirando e voltando pelo caminho.

— Oi, boa tarde — murmurei.

— Sério, Uni?

— O quê?

— Vai me tratar assim por me preocupar com seu bem estar? — Ele deu um sorriso, mas não transmitia felicidade, e se levantou. — Depois de tudo que aconteceu, você decidiu me ignorar?

— Se eu estivesse ignorando, não estaria agora olhando pra você — rebati porque ele estava me estressando.

Arthur franziu os lábios e se aproximou daquele jeito de quem caça uma presa e, pelo visto, a presa era eu mesma. Minhas costas tocaram a parede quando ele encurtou o espaço entre nós sem deixar muito oxigênio sobrando.

— Lembra aquilo que falei quando você estava ontem em meu colo, sobre nossa relação mudar a partir do momento que avançássemos de fase? Mudou. Agora sou

apenas um cara que você beijou e que pode colocar no silencioso quando encher seu saco.

— Não é verdade — murmurei, sentindo-me sufocada mesmo que ele não estivesse encostando em mim.

Arthur balançou a cabeça devagar, inclinando o rosto um pouco para baixo até que se afastou por completo de mim e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Tudo bem. Se for ao jantar, sairemos de casa às oito horas — ele avisou e eu assenti em silêncio, entrando no meu quarto e me trancando lá dentro.

Não achei que fosse ser tão difícil ficar cara a cara com ele, pois tudo que desejava era passar meus braços ao redor do seu pescoço e pedir que me beijasse. No entanto, consegui pensar com meu lado racional e refleti que não era o momento para ficar me derretendo toda. Arthur precisava entender que não tinha sido legal o modo como falou comigo de madrugada, que deveria se desculpar e prometer não querer se meter em tudo que eu fazia. Foi exatamente por causa dessa personalidade controladora e possessiva que eu o expulsei da minha vida por tanto tempo e ao voltar para São Paulo, acabei baixando a guarda rápido demais.

Um pouco mais tarde, me arrumei para a droga do jantar, colocando uma calça branca e uma blusa frente

única preta sem sutiã porque ela era bem cavada nas laterais. Quando nos encontramos na sala, vi que ele olhou demais para meus peitos, mas se ficou incomodado por estarem livre, não comentou nada. Ele estava gato como sempre com um *jeans* escuro e uma camisa de botão num tom bem claro de rosa.

Todo o caminho até o restaurante foi feito em silêncio de ambas as partes, o único som que ouvi foi o do rádio do carro por alguns minutos, e estava surpresa que Arthur não estivesse palestrando como amava fazer. Senti falta da mão dele segurando a minha como fez quando deixamos a *Caixa Preta* na noite anterior, mas para entrar no restaurante ele não me tocou.

Bruno e Gabriela já esperavam por nós ocupando uma mesa redonda de seis lugares e fui cumprimentá-la imediatamente. A médica estava linda com um vestido verde-água na altura dos joelhos que valorizava demais a cor dos seus olhos. Extremamente elegante, Gabi puxou uma das cadeiras vazias ao lado dela assim que terminei de falar com Bruno, e me sentei.

Arthur se sentou do meu outro lado, mais próximo do amigo, e eu me ocupei de prestar atenção na ruiva que sorria para mim.

— Como você está? — perguntou ela e reparou em meu corpo. — Amei o *look*! Uma pena que minhas calças

estejam todas ficando apertadas.

— Obrigada — respondi, sorrindo naturalmente. — Não sabia como era o estilo do lugar, será que deveria ter colocado um vestido?

— Claro que não! Você de jeans é a mais gata do restaurante, me poupe.

— A verdade é que qualquer coisa que você vista é passível de causar um infarto no Arthur — disse Bruno e atraiu nossa atenção, mas o amigo dele não parecia nada feliz com o comentário. — Nunca vi mais ciumento.

— A conversa era entre as mulheres, querido. — Gabriela piscou para ele. — Vocês têm o papo dos garotos para colocarem em dia.

Graças a Deus, um garçom apareceu para nos entregar os cardápios e interrompeu aquele papo estranho e desconfortável. Logo outro funcionário chegou para saber o que Arthur e eu beberíamos, pois Bruno e Gabriela já tinham pedido um vinho.

— Não aguentamos esperar e já pedimos uma garrafa — Gabriela falou, segurando sua taça. — A carta de vinhos da casa é ótima, Arthur.

Passei os olhos rapidamente pelo menu, não queria tomar vinho, obviamente, mas seria estranho eu ser a única a pedir um refrigerante na mesa cheia de gente rica e fina.

— Tem Coca? — Levantei os olhos na direção do Arthur, que tinha perguntado ao garçom e ele assentiu. O príncipe me encarou por um segundo, depois olhou o homem. — Vou querer uma Coca então.

— Sim, senhor. E a senhora?

— Pode ser Coca também — respondi, entregando o cardápio para ele. — Obrigada.

Eu sabia que Arthur tinha feito o pedido só para que eu não ficasse envergonhada, se ele me conhecia, eu também o conhecia bastante. Pensei se deveria dizer algo para ele, mas Gabriela tocou meu braço e começou a puxar assunto sobre o dia em que marcaríamos a primeira sessão de fotos.

Estava tudo indo muito bem e a comida já tinha sido servida há algum tempo, quando lembrei de um dos motivos que a fizeram me mandar mensagem.

— E o contrato? — perguntei entre uma garfada e outra.

— Está com Bruno — ela respondeu, apontando para o marido e esticando o braço na direção dele, que pegou o envelope de uma cadeira vazia. — Ele redigiu e Arthur deu uma lida, claro, só falta você.

Sorri que nem criança feliz quando ela puxou uma pasta transparente e me entregou. Graças à mesa enorme que estávamos ocupando, pude chegar meu prato e meu

copo um pouco para o lado e coloquei a pasta na mesa, folheando os papéis só para fingir que entendia muito de negócios.

— Bom, não acho que Arthur me deixaria assinar qualquer coisa que não fosse boa — murmurei, sem querer dar o braço a torcer e olhar para ele.

— É bom sim você ler tudo, Nina — disse Gabriela e se esticou para virar uma página. — Além de tudo que nós já tínhamos conversado sobre o trabalho, eu quis colocar uma cláusula sobre a necessidade de você fazer um exame de sangue antes de iniciarmos. Como trabalho com a saúde, mesmo que seja voltado para a área da dermatologia, não posso expor uma modelo que não esteja com os exames em dia.

Por essa eu não esperava e, apesar de não querer criar nenhum caso, principalmente na frente de Gabriela, senti meu rosto esquentar e meu coração disparar com a adrenalina que tomava conta de minhas veias. Nunca ouvi falar em nada do tipo, quem se importava com exame de sangue para fazer campanha fotográfica? O que eu era agora? Um atleta que precisava passar pelo exame *antidoping*? Lá no fundo, eu senti que podia ter dedo do Arthur nessa ideia descabida, mas engoli em seco e coloquei um sorriso no rosto.

— Tudo bem, eu faço o exame — respondi para seguir com o roteiro deles. — Não sou a maior fã de agulhas, mas farei um esforço.

— Nada demais, apenas um hemograma é o que peço. — Ela piscou para mim com seu sorriso genuíno, nem parecia que estava mentindo. — E isso dá para ser resolvido rápido. Marque com uma endocrinologista e ela já passa um *check up* geral.

— Ah, tudo bem, eu nem preciso ir a nenhum médico. Estive recentemente em uma consulta com a ginecologista que me indicou. Lembra? Ela passou vários pedidos de exames e ainda não fiz nenhum deles.

O sorriso de Gabriela quase murchou, mas ela disfarçava muito bem e ganhou tempo levando a taça de vinho à boca. Eu estava bem chateada, pois minha impressão tinha se concretizado: aquele jantar era algum tipo de armadilha para mim.

— Gostou da doutora Regina, não é? — a médica perguntou.

— Adorei! Ela disse que estou pronta para começar a ter relações sexuais a qualquer momento e já até comecei a tomar anticoncepcional.

Arthur tossiu ao meu lado e olhei para ele bem na hora em que jatos de refrigerante saíram pelo seu nariz. Ele continuou tossindo, engasgado com a bebida,

enquanto Bruno estendia um guardanapo em sua direção e a pele de seu rosto ganhava um tom de vermelho vivo. Eu podia me fingir de preocupada, mas não quis.

— Melhorou? — Bruno perguntou e estava na cara que sentia vontade de rir.

— Sim... — a voz do príncipe saiu mais rouca que o normal.

Ele se enxugou sem muito sucesso, depois fez o mesmo com a toalha da mesa e a borda do prato, todo sujo de refrigerante. Por fim, usou os nós dos dedos para apertar os olhos e finalizou a cena toda virando o rosto e me encarando. Achei que fosse dizer alguma coisa relacionada à minha última frase, mas ele só suspirou e voltou a se ocupar com os talheres.

— Enfim, Marina, você pode assinar o contrato depois, com calma. Não molhou, né?

— Não — respondi Gabriela, fechando a pasta para manter tudo intacto. — Arthur não cuspiu nessa direção.

Bruno, do outro lado, tinha um sorriso largo no rosto e era quem mais parecia se divertir com a noite. Eu devolvi o sorriso, sincera, pois gostava muito do jeito brincalhão dele. Então, ele fez uma coisa muito inesperada: meneou a cabeça discretamente na direção do Arthur e piscou ao mesmo tempo para mim, enquanto franzia os lábios imitando um beijo. Quando ele sorriu mais e fechou os

olhos, eu gelei na cadeira. Será que o príncipe tinha contado ao amigo tudo que acontecera entre nós? Por qual outro motivo Bruno me incentivaria a beijar o advogado?



Nunca em tantos anos eu me senti tão próxima e tão distante de Arthur, porque até mesmo na hora de voltar para casa, viemos no mesmo carro sem conversar. Ele não estava me tratando mal, acho que não seria capaz disso nem em seus momentos mais insanos, mas o seu silêncio me machucava e eu sabia que provavelmente estava sentindo o mesmo que eu.

Quando saí do carro após estacionarmos na garagem, cheguei quase ao elevador para só então perceber que ele ainda estava dentro do automóvel. Como o vidro era escuro, não consegui ver o que fazia, mas fiquei indecisa se devia deixá-lo ali ou falar alguma coisa.

Optei por me virar e apertar o botão, e logo ouvi a porta do carro bater. Os passos se aproximaram de mim e ele parou um pouco mais para trás, apesar de sua presença ser sempre avassaladora.

O caminho até a cobertura foi angustiante e quando entrei em casa, fui direto para meu quarto. Deixei o envelope com o contrato em cima de um móvel e tirei

minha roupa, ficando só de calcinha e me enfiando debaixo do cobertor. Meu coração estava apertado, não era normal ficar sem falar com a pessoa que eu mais amava no mundo. A vida era injusta demais em me dar um gostinho de ter Arthur só para mim só para que no minuto seguinte chegar correndo e puxar meu tapete.

Senti as lágrimas quentes molharem meu rosto e me virei de lado na cama, puxando e abraçando meu segundo travesseiro. Lembrava dos nossos beijos com tanta perfeição que quase podia praticamente sentir os lábios dele grudados nos meus. Esfreguei uma perna na outra ao pensar na mão grande entre elas, me tocando, e decidi me sentar na cama porque não estava conseguindo dormir.

Enxuguei meu rosto com o cobertor e percebi que tinha esquecido de tirar a maquiagem. Então me arrastei até o banheiro, lavei o rosto todo e peguei uma camiseta amarrotada em cima da poltroninha branca dentro do *closet*. Saí do quarto e fui até o de Arthur, mas a porta estava aberta e lá dentro não tinha ninguém. A cozinha estava com as luzes apagadas e o homem também não estava na sala. Pensei logo no escritório, mas como notei que o terraço ainda estava aceso, fui até lá sem fazer barulho.

Ele estava deitado numa *chaise* que servia como espreguiçadeira, porém, eu não gostava de chamá-la

assim porque ela era chique demais. Tinha os olhos fechados e fiquei em dúvida se adormecera ali ao ar livre ou se estava apenas em um de seus momentos *relax*. Aproximei-me e me deitei em cima de seu corpo sem pedir licença, pegando-o de surpresa por um instante.

Arthur abriu os olhos e pareceu demorar a entender que eu estava ali, mas não esperei que me desse autorização ou me expulsasse, apenas deitei a cabeça em seu peito. Ele ainda não tinha trocado de roupa e a camisa rosa estava impregnada com seu perfume.

— Não quero dormir brigada com você mais uma noite — sussurrei, mordendo a boca para não chorar.

— Eu nunca quis isso, Uni. — Sua mão tocou minhas costas por cima da blusa e me acariciou.

— Você ficou a noite inteira sem falar comigo.

— Por que eu não sabia mais o que dizer sem ser rechaçado por você, que estava na defensiva. — Seu peito inflou quando respirou fundo. — Hoje estou mesmo para baixo

— Eu também estou — rebati, mas sem levantar a voz, não queria que entrássemos mais uma vez numa discussão. — Você acha que eu não sei que o jantar hoje foi para me pressionarem através do contrato? Não sou idiota. Eu só aceitei ir em consideração à Gabriela.

— Tem razão, foi isso mesmo. — Senti que me beijou na cabeça e levantei o rosto. — Adianta se eu implorar para que faça todos os exames? Concorde que não há nenhuma desvantagem nisso?

— Vou fazer para esfregar tudo na cara de vocês. Se os resultados estiverem perfeitos, vou querer a Mercedes de presente. Quer apostar?

— Claro — ele respondeu, sorrindo. — Dou uma Mercedes novinha, do jeito que você quiser, não precisa ser a minha.

Arthur levantou a mão e eu apertei, um pouco desengonçada pela posição.

— O que você quer de mim se eu perder? — questioneei.

— Que você se cuide independente do que precisar fazer.

Não era o tipo de resposta que eu esperava ouvir e Arthur claramente não sabia brincar de apostar com outra pessoa. Porém, decidi não me irritar mais com aquele assunto, bastava eu fazer a porcária dos exames que a ginecologista tinha me passado e pronto, esperar os resultados. Como eu sabia que não estava doente, não tinha motivo algum para me preocupar.



Capítulo 38

Arthur

Marina estava quase adormecendo nos meus braços quando decidi me levantar. Não pretendia passar a noite ali fora, tinha me deitado um pouco para espairecer e tentar me sentir menos abafado depois de uma noite tão tensa. Ficar daquele jeito, sem falar com ela, por um período grande tinha me feito mal.

Sem dizer mais nada sobre seu estado de saúde porque ela parecia um pouco mais tranquila quanto a isso, levei-a pela mão até meu quarto. Passei meus braços ao redor de sua cintura quando paramos perto da cama e ela precisou erguer o rosto para mim.

— Quer dormir comigo? Sem pressão, apenas dormir.

— Não podem rolar amassos? — perguntou ela, franzindo os lábios

— Eu não me oponho. — Ri da cara de tarada que ela fez e dei um selinho em seus lábios. — Só estou

esclarecendo para você não começar a ficar toda nervosa.

Ela se soltou de mim e sentou na beira da cama, e foi quando meu cérebro finalmente processou que Marina só estava vestindo uma camisa que mal cobria a virilha e usava uma calcinha preta minúscula. Controlei a vontade de enfiar o rosto entre aquelas coxas morenas e entrei no closet para pegar uma cueca limpa e uma calça.

— Vou tomar um banho e já venho — avisei e a vi se levantar com pressa da cama.

— Não tomei banho desde que cheguei, que droga. Agora vou ter que tomar porque senão você vai ficar cheiroso e eu fedida.

— Vem junto então — provoquei e pisquei para ela, ciente de que recusaria o convite.

O queixo caiu quando processou meu pedido e ela recuou, com as mãos na cintura e uma testa franzida.

— De jeito nenhum! Imagina lavar a bacurinha na sua frente.

Gargalhei quando entrei no banheiro, ela sempre me pegava desprevenido com essa palavra idiota e eu sabia que ia acabar acostumando com aquele apelido. Eu mesmo já o tinha usado anteriormente com Marina, o que fazia eu me sentir patético. Trombeta também não ficava muito atrás do ridículo e eu me perguntava até quando o unicórnio usaria aquelas palavras. Confesso que estava

ansioso para vê-la se soltar e deixar escapar um pau e uma boceta por aí.

Tomei banho sem pressa e me vi, mais uma vez, pensando em Marina enquanto me ensaboava. Dormiríamos juntos, como aconteceu em outros dias, mas acho que seria a primeira vez em que dividiríamos a cama depois de já termos passado por um certo nível de intimidade. E eu me sentia... ansioso, quase com um frio na barriga. Quarenta anos na cara, incontáveis mulheres na cama, e aqui estava eu, idealizando momentos com uma menina que possuía metade da minha idade. Justamente por ser Marina, a ansiedade parecia ser maior do que o normal, já que eu sempre tinha medo de errar no trato com ela. Ao mesmo tempo, era muito gostoso poder degustar com calma de momentos como esse, com alguém que eu conhecia tão bem. Sabia que para ela a pressão era muito maior, então vinha me esforçando para agir sempre o mais natural possível, mesmo nas horas em que o clima esquentava um pouco.

Parei na frente do espelho e escovei os dentes antes de me vestir e acabei decidindo por deixar a cueca para trás. Coloquei somente uma calça de malha que era bem confortável e eu não costumava usar para andar dentro de casa, mas depois que ela me viu tocar punheta, não havia mais muita coisa a esconder.

Apaguei as luzes do quarto e mantive aceso apenas o *LED* embutido de luz amarela que corria de uma ponta a outra do rebaixamento no teto e enquanto Nina não chegava, tirei um tempo para separar o terno que usaria no dia seguinte. Tinha audiência do João Pedro Tavares e, por ser o prefeito, a mídia cobria cada passo do julgamento. Seria dia de aparecer na televisão e ser chamado de antipático ou arrogante.

Quando saí do *closet*, Marina entrou no quarto e passou na minha frente sem me notar ali, dando-me as costas e quase me fazendo infartar com a visão. Eu sabia que ela viria para provocar, adorava fazer isso. Mas puta que pariu, assim não dava.

— Nina! — chamei, engolindo em seco e sentindo meu pau esquentar.

Ela se virou de frente, surpresa, e em sua expressão o sorriso logo cobriu e disfarçou a centelha de insegurança que deixou escapar. Marina... Só por Deus. Marina tinha colocado um conjunto branco de calcinha e sutiã e não lembro se já tinha visto algo como aquilo. Nem mesmo na *Caixa Preta*, ou talvez fosse devido ao fato que tudo no corpo dela ficava absurdamente provocante.

A lingerie era cheia de tiras, o sutiã minúsculo prendia os seios por tiras, não havia nenhum outro pano ou tecido e as partes vazadas, deixavam a pele

completamente exposta. E a calcinha... Ela nem era das menores que já tinha visto, possuía três tiras nas laterais, que Marina tinha posicionado milimetricamente naquele corpo perfeito e ela vinha até um palmo abaixo do umbigo, porém, além do bordado existente nessa região do baixo ventre, o restante era todo de tecido transparente, tule ou sei lá o que, e isso me dava uma visão muito privilegiada de sua boceta. Aquele triângulo de pele mais clara por causa da marca do biquíni, bem ali, exposto para mim. A parte traseira eu já tinha visto, só existia uma tira fina enfiada dentro da bunda e meu pau lembrava muito bem desse detalhe.

— Ai meu Deus, *tá* muito ruim? Você *tá* calado. — Ela se virou de costas para sair do quarto. — Vou trocar.

Fui mais rápido e agarrei a cintura dela, tirando seus pés do chão ao pegá-la por trás no colo e andar com o unicórnio pelo quarto.

— Príncipe! Para!

Ignorei a reclamação e a joguei em cima da minha cama, observando o corpo pequeno quicar e se agitar nos lençóis. Marina estava com o rosto vermelho quando olhou para mim e eu vi a ansiedade estampada nos olhos de chocolate.

— Você está iludida se acha que pode vestir isso para me provocar e depois sair ilesa — avisei, recuando

um pouco e indo na direção da varanda, tentar pensar com clareza. — Marina, pelo amor de Deus, não vou me controlar para sempre.

— Eu poderia trocar...

Voltei para a cama, observando a presa com os joelhos levemente dobrados e os cotovelos apoiados no colchão, enquanto acompanhava meus movimentos. Meu corpo estava esquentando à medida que eu decorava cada detalhe do corpo dela e nem o ar condicionado era capaz de me refrescar.

— Você é linda demais, Uni — murmurei, parando ao pé da cama e puxando seu pé direito, apoiando-o no meu peito nu e beijando a ponta dos seus dedinhos. — Linda. E não é pelo corpo que tem hoje, você sempre foi encantadora.

Sorri quando ela levou as mãos até o centro das pernas e tapou a visão que eu tinha do triângulo perfeito. Deslizei meus dedos por sua panturrilha fina, sentindo a pele sedosa e cheirosa de hidratante e espalhei alguns beijos ali.

— O que você tá fazendo? — perguntou ela, tentando puxar a perna.

— Adorando cada pedacinho do seu corpo — respondi, roçando a ponta do meu nariz por trás de seu joelho. — Não posso? Ninguém nunca fez isso?

Pela forma como ela me encarou em silêncio, pressionando um lábio no outro em linha reta, imaginei mesmo que não. Os jovens da idade dela tinham pressa para tudo.

— Lembro dessa cicatriz — murmurei, deslizando o dedo pela marquinha quase imperceptível no joelho, de uma vez que ela caiu da bicicleta e se feriu num pedaço de ferro.

Avancei um pouco mais e me realoquei um pouco mais para dentro do vão entre suas pernas, sendo necessário afastá-las para que eu coubesse ali. Nina continuava atenta, tentando acompanhar cada movimento meu, com as bochechas coradas. Lambi a parte interna de uma coxa, depois da outra e senti os músculos se contraírem em minhas mãos, ao mesmo tempo em que ela apertava as suas contra a bacurinha.

Continuei beijando e trilhando um caminho até sua virilha, a única parte de pele que ela não conseguia esconder com as mãos que estavam ocupadas. Deslizei a língua por toda a extensão da virilha, acompanhando o caminho que a costura da calcinha fazia e me demorei um pouco naquela parte bem da lateral do púbis, onde a marquinha do biquíni estreitava para formar a tira, e beijei devagar, deixando meus lábios escorregarem por sua pele até que a ouvi gemer muito baixinho.

Senti que meu pau duro já começava a roçar o tecido úmido da minha calça conforme ele babava sozinho, esquecido ali na escuridão. Não estava nada fácil, nunca vivi tanto tesão encubado como nas últimas semanas, daqui a pouco temia me sentir de volta à adolescência, começando a ter ejaculação precoce só de olhar para Marina.

Por falar nela, já tinha se rendido e fechados os olhos, apesar de continuar com as mãos tapando o meu pote de ouro no final do arco-íris. Sorri, decidido a provocar mais um pouco e me curvei para frente, abaixando a cabeça até depositar um beijo em suas mãos. Ela estremeceu, mas se manteve firme. Comecei a chupá-la como se estivesse em contato direto com a boceta e passei língua entre seus dedos, lentamente, imaginando que estava fazendo aquilo na pequena fenda que ela estava escondendo.

Nina liberou apenas uma mão com o único intuito de agarrar meu cabelo e me puxar para cima, e eu não empreguei nenhuma resistência. Tudo que estava fazendo era somente para provocá-la. No fundo, eu sabia que nunca perderia a cabeça com ela e a comeria ali, de repente.

Beijei sua boca quando ela envolveu meu pescoço e apertou seus braços ao redor dele, talvez para garantir que

eu não saísse mais daquele lugar.

— Tudo bem? — perguntei, sorrindo.

— *Tô* toda molhada... — respondeu de olhos fechados e suspirou.

— Também estou, não é a única.

— *Tô* sentindo a trombeta muito pronta pra tocar.

Beijei sua boca que estava com os lábios entreabertos e a devorei devagar, sem pressa, segurando uma das coxas de Marina para trazer sua perna até meu quadril. Ela entendeu o recado e repetiu o processo com a outra, enquanto brincávamos com nossas línguas em uma dança lenta de bocas e corpos. Era impossível não me esfregar nela, impedir que minha ereção roçasse em sua calcinha pequena, deixar que sentisse o quanto me afetava e o quanto era doloroso para mim respeitar as descobertas dela.

Mordi seu lábio inferior e o puxei com meus dentes e ao soltá-lo, lambi a curva abaixo dele, a entradinha para o queixo e descí meus beijos até seu pescoço. Esfreguei com força meu corpo no dela conforme me aproximava dos seios e estava tão sedento que cheguei puxando logo as tiras finas para o lado e expondo o bico durinho. Coloquei-o inteiro na boca, com cuidado, sentindo os dedos de Nina tocarem minha cabeça. Levantei os olhos para ela, encontrando as gotas de chocolate me observando com

atenção. Tirei o mamilo da boca e o beijei, sem desfazer o contato visual, para em seguida o prender entre meus dentes e dar só uma arranhadinha de leve. Nina gemeu, ofegante, enquanto eu usava a mão para dar atenção ao outro seio.

Quando voltei a mamar nela com vontade, deixei que um fio de saliva se esticasse desde a pontinha do bico duro, sentindo meu próprio pau babar de expectativa. Estava lutando contra toda a minha necessidade de me enterrar dentro daquele cantinho que devia ser tão quente e úmido. Estava tão sensível que quase podia sentir como seria deslizar apertado pelo interior da bocetinha dela, que era tão pequena que me causava um misto de temor e tesão.

— Prínciiiiipeeeee — murmurou, manhosa, esfregando o corpo no lençol e soltando as pernas dos meus quadris. — Vou morrer assim...

— Não precisa sofrer tanto — comentei, deslizando a mão por entre nossos corpos e tocando sua calcinha melada. — Basta deixar que eu a beije aqui.

— Não...

— Ninguém nunca fez isso?

Esfreguei minha mão aberta no tecido áspero, ciente da diferença de tamanho entre minha mão e aquela boceta,

deixando propositalmente que meu dedo do meio escorregasse um pouco para dentro da fenda.

— Claro que sim — a resposta dela foi muito natural e rápida, e o ciúme me corroeu o coração. — Mas é diferente.

— Por que eu não posso?

— Porque é você... — Sorri e a esfreguei colocando um pouco mais de pressão. — Ai...

— Isso não é uma resposta aceitável, Uni. Não sou digno de lambar a bacurinha?

Ela franziu os lábios com uma cara de choro, mesmo enquanto gemia conforme meu dedo afastava a calcinha um pouco para o lado e deslizava sem barreira nenhuma pelos lábios tão melados.

— A última vez foi horrível — sussurrou, fechando os olhos. — Não quero passar vergonha com você... Também não sei... — encontrei seu clitóris e o apertei delicadamente — ai príncipe... não sei se você vai achar ela bonita...

— Eu já a acho linda.

— Você vê todas aquelas mulheres da *Caixa Preta* peladas...

Dei um selinho nela e parei o movimento do meu dedo, pois Nina estava insegura demais.

— Sim, cansei de ver todas as dançarinas nuas e nunca quis levar nenhuma para a cama. Não se compare a

outras mulheres porque você poderia ter um terceiro olho no meio da testa e ainda seria meu unicórnio maravilhoso.

Puxei a mão e coloquei a calcinha de volta no lugar, dando um afago ainda antes de afastar meus dedos esfomeados e afundar meu rosto no cabelo de Nina. Puta que me pariu, estava com um tesão absurdo, precisava bater uma punheta e não sabia se era certo fazer de novo isso na frente de Marina.

— Príncipe, não para... — pediu ela, se contorcendo abaixo de mim.

Levantei a cabeça e a encarei, a expressão pedinte e o lábio preso pelos dentes de forma sexy. Nina apertou meus braços e voltou a jogar as pernas para cima dos meus quadris, com um brilho nos olhos.

— Você está desconfortável, não posso continuar — falei, beijando seu rosto. — Teremos outras inúmeras oportunidades.

— Não tô desconfortável coisa nenhuma, é só vergonha.

— As duas coisas andam bem juntas, meu amor. Nossa relação tem um peso muito grande para mim e me deixa mal cogitar estar forçando uma situação.

Marina pressionou meus ombros para trás e foi me empurrando, até que permiti que tivesse controle total sobre mim e me deixei cair de costas na cama, olhando

enquanto montava em meus quadris e me presenteava com uma visão fenomenal, os bicos dos seios preso para fora das tiras e a calcinha ainda mais transparente devido a toda sua lubrificação. Como Marina era pequena e magrinha, ela precisava ficar com as pernas deliciosamente abertas para sentar em mim.

— Você é a única pessoa do mundo que eu deixaria me amarrar, me vendar e fazer o que quisesse comigo — comentou, antes de se jogar contra meu peito e enfiar o rosto no meu pescoço.

— É mesmo? — perguntei, acariciando suas costas. — Vou anotar isso. Mas me deixa explicar uma coisa. Eu entendo que você se sinta segura comigo, sei que sempre foi assim. Você confia em mim, mas é diferente de estar confortável com o que está acontecendo. Sei que você quer, mas fica tímida. E tudo bem ter vergonha, são momentos muito íntimos. Um dia, vai ser natural para você.

Marina suspirou, soltando o ar em minha pele e arrepiando meu pescoço, até que se sentou de novo, bem em cima da minha ereção só para me deixar maluco.

— Às vezes eu penso coisas como *“nossa, vou abrir as pernas na cara do príncipe, que me conhece desde criança”*, aí morro de vergonha.

— Eu sei. — Deslizei minha mão pelo joelho dela, observando sua postura, a cabeça levemente inclinada

para frente e o cabelo escondendo um pouco o rosto. Marina era muito fácil de ler. — O que aconteceu de tão ruim da última vez?

— Não vou falar disso com você...

— Não me importo de ouvir, Nina, o que eu quero é entendê-la melhor.

— Eu morreria de ciúmes — murmurou, afastando o cabelo para me encarar de olhos arregalados. — Você não liga?

— Tenho ciúmes até do porteiro, você só não fica sabendo.

Ela adorou ouvir minha confissão e percebi que isso lhe deu um pouco mais de confiança. Ajeitou-se sobre mim e deslizou alguns centímetros para baixo, apenas para que seus dedos safados brincassem com o elástico da minha calça. Meu pau àquela altura já devia estar prestes a entrar em coma e as bolas, provavelmente tinham ficado pretas.

Não me importei que me explorasse, deixei-a à vontade para fazer o que quisesse, mesmo que me custasse um esforço sobrenatural não gozar enquanto seus dedos apertaram o volume formado dentro da calça. Reprimi um gemido quando Nina puxou devagar o elástico e seu gesto fosse suficiente para que meu pau viesse para fora, bem parecido com aquelas caixinhas de surpresa que

você abre e o brinquedo pula de repente. No caso, parecia ser o novo brinquedo de Marina.

— Que trombeta! — Ela sorriu, pegando-o com as duas mãos. — É a mais bonita que já vi. Mas também é muito grossa, eu não sou boa em boquete, príncipe. E não vou conseguir colocar ela direito na boca. Tenho que treinar antes. — Quase senti meus olhos queimarem com aquela última frase e Nina se apressou em consertar. — Com bananas!

Geralmente, quando ela cismava em falar sem filtro, eu relevava porque já estava acostumado e entrava na onda dela, mas meu tesão não me permitiu digerir muito bem toda aquela informação sobre fazer boquete em mim. Não era fácil imaginar a boca de Nina ao redor da minha cabeça latejante e continuar com o coração batendo em ritmo normal. Por isso, preferi trocar de assunto e voltar em algo mais importante no momento.

— Conte-me sobre a última vez — insisti. — Quero ajudar a passar por esse trauma.

Inspirei devagar, estremecendo conforme Nina manuseava meu pau despretensiosamente, sem realmente me masturbar, apenas me alisando com carinho.

— Não tenho muitas experiências pra contar, até hoje só três pessoas fizeram sexo oral em mim — disse ela, lançando-me um olhar rápido antes de voltar a encarar seu

brinquedo. — A terceira foi o carinho dos dedos. Na verdade não devia ter rolado tudo que rolou, eu estava sem saber como agir e tal, até que ele quis fazer um 69. Aí tudo começou a desandar porque eu não sei fazer boquete, imagina ter que conciliar toda a coordenação motora pra um momento desse.

— E por que fez se não queria? — Fiz a pergunta errada quando vi sua expressão de arrependimento estampada naquele rostinho e toquei seu joelho. — Continue.

— Não tem muito mais o que falar... Ele ficou duas horas fazendo o trabalho e eu não consegui... você sabe. Estava pensando em você. E no horário do metrô.

Prendi a risada porque não era hora disso, mas meu peito inflou com a outra declaração. Por mais que o ciúme estivesse me corroendo, dava um orgulho em saber que o filho da puta não conseguiu ter êxito porque ela não estava com a mente focada nele.

— Ele gozou? — Nina assentiu. Claro que ele gozou, quem não gozaria com um avião desse porte? — Ele tem quantos anos?

Ela encolheu os ombros.

— Vinte e alguma coisa.

O fato de Marina sequer saber ou lembrar a idade do homem com quem ela tinha se deitado me deixou muito

preocupado. Em que lugar eles se conheceram e como tudo isso aconteceu? A ideia de que ela pegou o primeiro maluco que viu na rua me fez sentir um aperto no peito, que logo foi esquecido pela pontada que meu pau sofreu quando seu dedo deslizou pela minha glândula.

— Porra... — Respirei fundo e segurei suas mãos, antes que ela me enlouquecesse com seus toques. — Quer substituir essa lembrança ruim? Eu a farei gozar na minha boca, se estiver à vontade com isso.

Marina demorou longos segundos me encarando, os ombros se movendo apenas pela respiração prolongada.

— Algumas mulheres sentem vergonha quando começam a praticar sexo oral e até gostam de esconder o rosto, como se amenizasse a timidez não ter o parceiro as encarando. Pode parecer pior, mas se você sentar na minha boca, só vai olhar a parede e só vamos nos ver quando tudo acabar.

— Sem 69? — perguntou, parecendo desconfiada.

— Sem 69, meu amor. Eu mesmo vou me tocar enquanto chupo a bacurinha.

Eu odiava aquela palavra, mas sabia que Marina ficava confortável com ela e quando ela sorriu, sorri de volta.

— Não vai ser hoje que você tocará trombeta — avisei, me sentindo ridículo falando que nem criança.

Nina deslizou para cima, arrastando os joelhos e me matando por cada centímetro que sua boceta roçava em minha pele e deixava um rastro úmido em mim. Quando ela chegou bem pertinho, na altura do meu peito, levou a mão até a bunda e puxou a calcinha, que devia ter algum fecho lá atrás. Minha felicidade foi frustrada quando ela tapou a menina antes que eu visse qualquer coisa.

— Precisurei ficar de olhos fechados? — perguntei, evitando achar graça.

— Não... — Nina apertou meu ombro com a mão livre e se inclinou. — Se você rir, eu juro que furo seus olhos.

— Você é perfeita.

Ela fechou os próprios olhos e tirou a mão, expondo para mim a visão do paraíso. Claro que já tinha visto centenas de bocetas, morenas, negras, ruivas, loiras, com pentelho de tudo que é cor, sem pentelho, com grelo enorme, com grelo escondido, lábios disformes e uniformes. Era tudo boceta e eu nunca parava para pensar algo como *“esta não está dentro do meu padrão, não vou comer”*. Não existia muito isso na hora do tesão, homem só quer saber se a mulher é cheirosa e limpinha, mas isso aí já é uma situação que vale para ambos os lados.

Mas a boceta da Marina... Talvez eu fosse suspeito para falar, afinal, só existia Marina em minha vida. Nunca a idealizei como mulher, fato, mas sempre a enxerguei como

a menina perfeita, linda, porque ela era, desde cedo. E aquela visão... Nem nos meus melhores sonhos sórdidos esperava por aquilo.

A famosa bacurinha estava levemente arreganhada para que Nina conseguisse se manter em cima de mim e os grandes lábios, que eram pequenos e tão delicados quanto os da sua boca, deixavam escapar a visão dos internos vermelhinhos, firmes, além da pontinha do clitóris. Controlei-me para não sair enfiando minha língua ali e toquei suas coxas, incentivando-a a subir mais.

— E então? — perguntou Marina, ainda de olhos fechados.

— Ela é a coisa mais linda que já vi — respondi, sendo bem sincero. — Agora senta gostoso aqui na boca do seu príncipe porque meu unicórnio vai gozar arco-íris.

Quis ser fofo com ela, mas acho que fiz a brincadeira no momento errado, pois Nina arregalou os olhos e eles ficaram imediatamente marejados.

— Essa foi a coisa mais bonita que você já me disse — choramingou e acabei rindo enquanto ela enxugava os olhos.

Toquei em sua bunda livre do fio-dental e corri meus dedos por aquelas nádegas durinhas e redondas, decorando cada pedaço do corpo em cima de mim. Ela contraiu os músculos conforme eu apertava sua carne, até

que dei um tapa não muito forte e subi minhas mãos pela sua cintura.

— Depois falarei mais ainda, mas agora, tudo que eu quero é sentir seu gostinho na ponta da minha língua.

Nina ofegou, com o rosto vermelho, mas se ajeitou e veio subindo pelo meu rosto. Tive uma visão privilegiada daquela boceta que parecia uma flor desabrochando, meu pau expelia facilmente o líquido pré-ejaculatório. Antes de começar a me tocar, gastei um tempo sentindo sua textura macia e estiquei a língua quando um filete de baba escorreu de dentro da vagina, até vir parar em minha boca.

— Segure-se na cabeceira — aconselhei.

Que visão espetacular, Marina aberta para mim, sua intimidade exposta, sem nada a esconder, os pequenos lábios piscando antes mesmo de tocá-la. Segurei firme em sua bunda e a puxei um pouco para baixo, deslizando minha língua desde a região perianal lisinha até acima do clitóris. Nina gemeu gostosinho e brinquei com o nervo sensível, balançando-o de um lado para o outro com delicadeza, antes de envolvê-lo com meus lábios e chupá-lo. Sem desfazer o contato, coloquei a língua para fora e lambi entre os lábios internos, voltando a mamar o clitóris e intercalando esses dois movimentos, até que Marina não aguentou e sentou totalmente no meu rosto.

Respirei contra ela e dei um tapinha na bunda para que se ajeitasse, e quando tive espaço novamente, comecei a lambear a entrada da vagina. Tão pequena e apertada, não quis me aventurar muito para dentro com medo que ela buscasse na memória a lembrança daquela noite de merda. Estimulei apenas a entrada, em movimentos circulares, fazendo uma pressão de leve no buraquinho com a minha língua enrijecida.

— Ai, príncipeeee...

Sorri, aumentando as batidinhas contra a entrada encharcada com a lubrificação que escorria cada vez mais em minha boca. Marina era deliciosa e eu poderia ficar o dia inteiro ali, só absorvendo seus fluidos e chupando sua boceta macia.

Comecei a me tocar com a mão direita, batendo uma punheta acelerada porque estava alucinado querendo gozar e intensifiquei as lambidas ao redor do clitóris dela, sempre deslizando para cima e para baixo, intercalando com meus lábios cheios ao redor de cada pedaço dela.

Nina soltava gemidinhos finos, agudos, e longos e sua bunda se contraía cada vez mais. Quando senti que era hora, puxei-a com força e deixei que soltasse o peso todo no meu rosto, para que eu pudesse esfregar toda minha barba na boceta linda, queria deixá-la inchada e vermelha. Sem que eu precisasse mandar, ela começou a

rebolar e eu mantive minha língua apontada para cima, deixando que ela fizesse o que quisesse.

Meu gozo jorrou em minha barriga, escorreu pelos meus dedos e meu pulso, e assim que me vi livre, agarrei os quadris de Marina e a fiz ficar imóvel. Ela gritava enquanto eu lambia sua entradinha e esfregava seu clitóris com meu nariz. Conforme começou a gozar, enfiei mais um pouco minha língua para dentro e bebi direto da fonte. Recuei um pouco o rosto só para apreciar o momento e ver o líquido branco escorrer lentamente conforme ela ainda se abria e fechava, até que voltei para lambar o restante e depositar beijos pela bocetinha quente.

Seus músculos ainda se contraíam em cima de mim e, aos poucos, ela foi ficando mole e sensível às minhas lambidas. Dei um último chupão forte entre os lábios internos e a puxei pela cintura para que saísse da posição. Senti suas coxas tremerem ainda quando ela engatinhou para o lado e se jogou de bruços, abraçando um travesseiro. Estava de olhos fechados e aproximei meu rosto, dando um beijo em sua bochecha.

— Linda. Foi melhor que a última vez? — perguntei, sussurrando enquanto deslizava meus dedos por suas curvas.

— Que última vez? — ela devolveu a pergunta e abriu um sorriso preguiçoso.

Os cílios grossos tremeram e ela me encarou com os olhos marcantes. Passou o olhar pelo meu rosto lentamente e foi descendo pelo peito, até alcançar o que queria. Eu estava uma bagunça, tinha gozado muito e o sêmen começava a secar na barriga. Inocentemente, ela me tocou, com meu pau já ganhando flacidez, mas não parecia se importar.

Nina grudou o corpo no meu e abri meu braço para que deitasse a cabeça nele, enquanto namorava meu pênis. Beijeí seus cabelos e suspirei, pensando na loucura que tinha sido aquela noite.

— Vai ser difícil não ficar viciado em você, Uni — sussurrei, mexendo nos fios sedosos em meus dedos. — Sabe que não vivo sem você, não é?

Como ela não me respondeu, eu me curvei um pouco para observá-la e descobri que tinha cochilado, com a mão agarrando meu pau. Afastei dedo por dedo com cuidado, porque era perigoso ela acordar de um pesadelo e me deixar deficiente, e fiz carinho em seu braço, deixando que ela relaxasse um pouco.



Capítulo 39

Arthur

Sempre acordei cedo minha vida toda, seja para estudar ou trabalhar, por isso, não costumava ter dificuldade para me levantar na hora que o despertador tocava, nem era de ficar enrolando na cama, programando o alarme para mais uns cinco minutinhos. Eu era objetivo, levantava quando precisava e já entrava no automático para dar conta de minha rotina.

Aquela segunda-feira, no entanto, estava difícil de engolir. Foi uma tortura psicológica tirar o braço de Marina de cima do meu abdômen e me afastar do corpo quente dela. Eu me sentia um verdadeiro adolescente bobão, que queria faltar o colégio só para poder dormir mais um pouco. No meu caso, a necessidade nem era exatamente de fechar os olhos, mas sim de curtir mais um pouco o aconchego com ela, que ainda não tinha acordado e, se dependesse de mim, não acordaria.

A noite anterior tinha sido mágica. O domingo começou mal, com ela sem querer falar comigo e fugindo da nossa conversa e durante nosso jantar com Bruno e Gabriela, eu fiquei muito chateado pelas atitudes indiferentes de Nina. Até a porra do refrigerante eu tomei só para que ela se sentisse confortável em beber algo que não fosse vinho. Felizmente, o rumo da história acabou mudando e terminamos o dia daquele jeito magnífico.

Não aconteceu mais nada extraordinário depois que Marina gozou. Ela adormeceu por alguns minutos e quando despertou, tiramos um tempo para usarmos o banheiro antes de nos refugiarmos novamente na cama. O unicórnio não quis dormir pelado, pois disse que eu ficaria olhando as “intimidades” dela na madrugada, então vestiu uma camisa minha e mais nada.

Agora eu estava aqui, em pé, observando a blusa preta enrolada quase até a cintura e a bunda para o alto, completamente nua, com uma perna coberta e outra descoberta pelo edredom. Eu era um guerreiro por conseguir terminar de vestir meu paletó e cobrir Marina antes de sair do quarto.

Meu dia de trabalho seria um pouco infernal começando logo pela manhã, pois precisaria ir até o fórum e sabia que a imprensa estava enlouquecida depois do que foi divulgado no jornal da noite de uma grande emissora de

televisão. Tratava-se de um áudio vazado de uma conversa do *Whatsapp* que envolvia o imbecil do prefeito e uma de suas laranjas. Só fiquei sabendo do vazamento e da divulgação em massa na mídia quando estava a caminho do restaurante com a Marina, mas Bruno tinha um código que levava muito a sério, de não envolver trabalho em seus momentos com Gabriela e, decidi adotar isso para mim a respeito de Nina.

Sinceramente, eu amava muito o que fazia. Só por esse motivo continuava mantendo essa rotina apertada que me exigia tanto, porque com o dinheiro que ganhei até hoje com o *Sky Bar*, que estava uma boa quantia aplicada em ações, não precisava mais aturar políticos insuportáveis. Eu os defendia, é verdade, mas tinha convicção de que a maioria não prestava.

Deixei o carro em casa e chamei um *Uber*, pois não gostava de exposição e não queria imprensa nenhuma filmando meu automóvel. Endureci a expressão no momento de entrar no fórum e passei por toda aquela balbúrdia sem olhar nem falar com ninguém, ignorando a todos que me chamavam pelo nome. Eu não falava com imprensa e quando se fazia muito necessário, quem tomava a frente nesse momento era Bruno, que conseguia ser um cara mais simpático do que eu. Sempre que pegávamos casos de figuras públicas envolvidas em

grandes escândalos, trabalhávamos juntos para dar o máximo de atenção possível ao problema.

— Sorriu bastante para os *flashes* lá fora? — meu sócio perguntou assim que nos encontramos pelos corredores.

— Não estou no melhor dos meus humores — avisei, sem saco para brincadeiras e ele arregalou os olhos.

— Uau! — assobiou, com as mãos nos bolsos da calça. — Caramba, alguém dormiu de mal jeito essa noite... Isso é falta de sexo, Arthur?

Porra, sentia-me um merda por estar escondendo de meu melhor amigo o que vinha acontecendo na minha vida, mas ali no fórum não era o momento mais apropriado para começar a contar. Deixei de lado a questão Marina para poder me concentrar no trabalho e entrei no modo advogado.

Horas mais tarde, quando já estava morto de fome e saí de lá ao lado do meu sócio, convidei-o para ir almoçar. Na noite anterior ele pagou a conta do jantar e aproveitei para devolver o favor, enquanto o colocasse a par de toda a montanha-russa que eu estava vivendo.

Bruno pediu uma cerveja, pois não tinha mais nenhum compromisso no dia e apoiou um cotovelo na mesa, encarando-me do jeito que sabia que eu detestava, com um sorriso irônico no rosto.

— Então, vai me contar o que tanto quer ou não?

— Por acaso você sabe do que vou falar? —
questionei, intrigado, porque eu me considerava bastante discreto, principalmente em relação à Marina.

— Eu tenho minhas suspeitas, mas prefiro esperar
você começar a falar.

Agradei a água tônica que o garçom serviu em meu copo e dei um gole antes de começar minha confissão, pois sentia minha boca seca demais. E talvez o ar condicionado do estabelecimento precisasse passar por uma manutenção, pois estava suando durante um dia relativamente fresco. Quando Bruno começou a batucar os dedos na mesa, parei de enrolar e revelei logo a merda toda.

— Estou com Marina — admiti, vendo-o arquear uma sobrancelha.

— Disso, eu já sei, você me contou no dia em que a trouxe para morar em São Paulo.

Se estivéssemos a sós eu o xingaria dos piores nomes e quebraria o nariz dele, mas me contive em apenas exibir um sorriso nada amigável.

— Acho que você entende o que isso significa de verdade, Bruno.

— Tudo bem. — Ele mexeu no guardanapo, abrindo-o para colocar no colo, em seguida, apoiou os dois

cotovelos na mesa e me encarou. — Vamos ver se eu entendi. Você me trouxe para almoçar, está ocupando um tempo em que eu poderia gastar alisando a barriga da minha esposa, para sentar na minha frente e dizer “*estou com Marina*”. É só isso? Posso pedir a conta? Porque a comida da Odélia é tão maravilhosa e ela deve ter guardado um pouco do almoço para mim.

Meu sócio era uma pessoa falante, então não se preocupou nem mesmo quando os garçons chegaram com os nossos pedidos e testemunharam o discurso dele. Esperei que terminasse e comecei a cortar um pedaço do meu *filet mignon*, agradecido pelo ponto perfeito da carne.

— Que você está com ela é óbvio, tive essa certeza ontem, quando vi faíscas pulando de um para o outro e aquela tensão sexual desconfortável.

— Não imaginei que estivesse tão aparente — confessei. — A situação entre nós andava estranha há algum tempo, na verdade, desde o dia do jantar na casa de vocês a Marina já estava me deixando meio louco. Depois começou a rolar um beijo aqui, outro ali, tudo bem inocente.

— Essa palavra existe no seu dicionário? — Bruno sorriu e levantou a taça no ar, depois a encostou no meu copo. — Um brinde a novas descobertas.

— Se continuar me sacaneando, vou parar de falar. É sério, preciso desabafar porque tem muita coisa acontecendo.

Entre nós havia essa camaradagem e intimidade para caçoarmos um do outro quando necessário, mas também sabíamos deixar a brincadeira de lado, portanto, não me surpreendeu que a expressão de Bruno tenha se transformado. Ele se ajeitou na cadeira, recostou-se nela e soltou os talheres para me ouvir.

— Lembra do dia do sumiço dela?

— Claro.

— Ela estava com um garoto, aconteceram umas coisas ruins e durante a nossa conversa, eu a beijei. Não foi uma pegação como você imagina, foi algo bem... diferente, não rolou nada demais. Dormimos na mesma cama, inclusive. E aí, na quinta-feira, adivinha quem apareceu na Caixa Preta e sobe no palco para dançar?

Bruno estava bebendo sua cerveja na hora que fiz a pergunta e congelou seus movimentos. Lentamente, ele abaixou a taça e me encarou, muito chocado, assim como eu também fiquei.

— Está brincando! Marina descobriu sobre o lugar?

— Através de alguém, que eu ainda não sei quem é — afirmei.

Fiz uma pausa para poder comer antes que meu prato inteiro esfriasse e percebi que Bruno não parecia contente por eu ter parado de falar. Claro, a última notícia era o auge da fofoca.

— Marina estava de máscara, mas não demorei para reconhecê-la. Só que, meu amigo... — Esfreguei o rosto, relembrando aquele instante em que compreendi o tamanho do tesão que sentia pela menina que dançava no palco e eu conhecia a vida toda. — Eu estava...

Fiz um gesto com a mão, que indicava o estado sólido do meu pênis e Bruno sorriu, levando a mão à boca.

— Sabia que devia ter cancelado a TV à cabo — murmurou, chamando o garçom e apontando para sua taça vazia. — Vocês se pegaram dentro da *Caixa Preta*?

— Não me orgulho disso, mas sim. Enfim, a questão é que de lá pra cá, tem sido inevitável ficarmos juntos. Ontem dividimos a cama de novo e eu estou começando a passar dos meus limites.

— Olha Arthur, eu não sei se minha opinião seja a que você quer ouvir — disse ele, parando de falar quando o garçom trouxe outra cerveja e esperando que se afastasse. — Não acho que seja o fim do mundo vocês dois serem um casal. É a questão da idade? Eu sei que isso não é o problema principal, mas reforço que já está

ultrapassado esse pensamento de que idade interfere em alguma coisa.

— Se você tivesse uma irmã mais nova, estaria feliz em vê-la comigo?

— Uma irmã, sim, não veria problema. Se fosse minha filha, eu o mataria antes. — Bruno sorriu maquiavélico e eu estremeci com o pensamento.

— Vai se foder, vou ser o padrinho.

— Vamos pensar assim, você é a pessoa que mais ama a Marina no mundo. Se eu fosse o irmão dela e não estivesse mais por perto para protegê-la, ia me sentir bem aliviado por ela ter alguém como o tiozão aqui.

— Proteger alguém é bem diferente de transar com a pessoa.

— Vocês transaram? — Nada discreto, o idiota falou alto demais e recebemos olhares curiosos em nossa mesa.

— Ainda não — declarei, usando o guardanapo para limpar a hipocrisia que escorria da minha boca. — Não devo, mas quero. Porra, quero muito.

Ridículo de minha parte me preocupar com isso quando chupei a boceta dela na véspera como se fosse a última laranja do mundo. Eu nem conseguia me reconhecer com tantas contradições.

— Você a ama? — Que pergunta idiota era aquela? Lógico que sim. Mas antes de responder o óbvio, Bruno

ergueu um dedo. — Ama como sendo a mulher que quer para si?

— Essa que é a merda toda. Sabe por quê? Eu amo a Nina, óbvio, então minha mente sempre esteve condicionada a aceitar que a teria para sempre na minha vida. Ela é a pessoa mais importante que tenho, seria capaz de fazer qualquer coisa por ela. E nós temos uma relação muito fácil, muito leve, convivendo com ela nesses quase dois meses, antes do primeiro beijo acontecer, eu me senti completo com a companhia dela. Se for comparar com minha última relação, com Renata, por exemplo, a única diferença é que com minha ex eu fazia sexo. Ou seja, eu não tenho conseguido fazer essa distinção direito, entende? Tenho medo de avançar mais com Nina e estar sendo levado pelo tesão.

Falei tanto que Bruno tinha terminado de comer durante minhas divagações e a minha comida estava quase toda no prato. Pensar em meus sentimentos por Marina acabou me fazendo perder um pouco o apetite. O medo de errar com ela era muito grande porque não queria ser responsável por uma desilusão amorosa nem desejava prejudicar o relacionamento tão bom que a gente tinha.

— Eu entendo que sua situação seja complicada porque você tem um apego fraternal pela Marina, mas eu volto a repetir o que disse uma vez pra você: ela é uma

mulher maior de idade, dona de suas próprias escolhas. Se isso que você acha que podem viver juntos não acontecer com você, vai acontecer com outro homem. Tente enxergar tudo por esse ângulo, Arthur. Se Marina se apaixonar por outra pessoa, estará tudo bem pra você? Conseguiria vê-la com outro? Vou mais a fundo, pra sair um pouco da parte sexual. Conseguiria ver a garota se casando?

— Aí você pega pesado. Nem consigo imaginar um casamento, Marina tem dezenove anos, Bruno.

— E daqui a dez anos? — ele insistiu. — Ela casando, formando uma família, tendo filhos.

Se antes eu não estava com muito apetite, agora o perdera completamente. Cheguei até a empurrar o prato e afastá-lo de mim conforme o nó na garganta se intensificou. Não, não gostava de pensar em Nina casando com um idiota qualquer. Mas quem era eu para controlar a felicidade dela?

— Se um dia ela achar alguém digno... — murmurei com um esforço sobrenatural em dizer aquelas palavras.

— Porque no momento você se considera o único que pode protegê-la de toda a maldade do mundo, não é?

— Podemos pedir a conta já que você terminou? — Levantei o braço e gesticulei para o garçom. — Perdi a fome.

— Sim, eu sei que está fugindo do assunto. Mas meu amigo, uma última coisa. Sei que vocês sofreram uma perda importante, o elo que os unia, mas está na hora de você viver sem fingir que o Felipe é impedimento para alguma coisa. Vai ser feliz, porra, você já tem quarenta anos. Vai esperar até que seu pau não suba mais?

Revirei os olhos, Bruno fazendo um discurso muito sério e profundo por tempo demais não era natural. Paguei a conta da mesa e ele me deu uma carona até nosso escritório, pois eu ainda precisava fazer uns contatos antes de ir para casa. No caminho, como não era eu quem estava dirigindo, aproveitei para dar uma olhada no celular e entrei na rede social favorita de Marina.

Tinha se tornado um hábito me atualizar em tudo que ela postava durante o dia e ao ver os stories do unicórnio chegando no laboratório para tirar sangue, meu peito se encheu de orgulho. Ela ainda postou foto da enfermeira furando seu braço e colocou um emoji de choro, bem dramática. Enviei um coração e aquelas mãos que batiam palmas antes de fechar o aplicativo e enviar uma mensagem no *Whatsapp*:

*“Estou feliz em ver que foi fazer o exame. Está tudo bem?
Já almoçou?”*

Bruno falou alguma coisa comigo, mas ignorei quando vi que Marina já estava digitando uma resposta. E recebi primeiro uma foto de um sanduíche, com a mensagem logo em seguida.

“São três horas da tarde, príncipe, esse já é meu lanche. Tô na rua, vim trazer os documentos do DETRAN pra me matricular na auto escola. Quero começar semana que vem!”

— Você está sorrindo para o celular? — Levei um susto quando Bruno tocou minha testa de repente. — Porra, Arthur, você está apaixonado.

— E chegou a essa conclusão ao me ver sorrir?

— Há quanto tempo a gente se conhece? — perguntou ele, sem esperar realmente por uma resposta. — Você odeia celular!

— Só dirige, Bruno...

Dei um tapa na nuca dele e voltei minha atenção para a conversa virtual. Digitei uma resposta rápida com medo que ela pensasse que a deixei no vácuo.

“Estou orgulhoso. Sobre a auto escola... Vou providenciar os postes de borracha.”

Pensei se eu deveria ter mandado beijou ou me despedido com alguma frase mais suave, mas como Bruno parecia tomar conta de cada reação minha, saí do aplicativo e guardei o celular no bolso. Aumentei o volume do som e ignorei as piadinhas que ele começou a inventar.



Capítulo 40

Marina

Dirigir tinha que ser muito bom, muito gostoso, porque tirar a habilitação não parecia a coisa mais fácil do mundo. Eu acabara de sair da minha primeira aula teórica na auto escola e já estava desejando que fosse a última, de tão chato que era. Só de pensar que eu ainda precisaria assistir muitas outras, batia até um desânimo. Então bastou me lembrar da Mercedes linda na garagem e foi suficiente para espantar a preguiça. Se dependesse de mim, eu terminaria as aulas em tempo recorde.

Cheguei em casa quase na hora do almoço e esquentei uma das comidas que Arthur sempre mantinha na geladeira. Antes, ele dizia para mim que era a faxineira que deixava algumas refeições congeladas para mim, agora tinha confessado que mandava preparar no *Sky Bar*. Que por sinal, eu ainda não conhecia de fato. Queria ir jantar lá qualquer dia.

Tirei a porcaria da foto e ia enviar para ele, mas antes pensei em fazer uma brincadeira bem provocante. Primeiro, mandei uma mensagem conforme ele tinha solicitado há algum tempo.

“Aqui está a foto da comida de hoje.”

Em seguida, enviei um dos vários nudes que eu tinha no celular, só de calcinha com as mãos tapando os seios. Arthur só não lia minhas mensagens imediatamente se estivesse em audiência, mas como não era o caso naquela manhã, logo vi o ícone azul do *Whatsapp* indicar a leitura. Então, enviei a foto certa, do prato de comida, e escrevi:

“Ai, desculpa, meu dedo mandou a foto errada.”

Ele começou a digitar e senti o friozinho na barriga.

“Eu não tenho problemas de apetite. Comería facilmente tudo isso. Deve estar gostoso... Qual a carne?”

Soltei um gritinho e ri sozinha que nem uma idiota. Eu adorava que de vez em quando ele entrava nas minhas brincadeiras. Desde a noite em que fez sexo oral em mim, ainda não tinha rolado mais nada. O homem também não

contribuía, trabalhava demais e ontem ele chegou muito cansado em casa, com dor de cabeça, portanto, tudo que consegui fazer foi inverter os papéis e deixar que deitasse no meu colo enquanto eu fazia cafuné. Confesso que me senti muito adulta tendo que amparar o homem de quarenta anos, jogado no sofá ainda dentro do terno, e dando sermão sobre o quanto ele trabalhava.

Pensei em alguma resposta irreverente para mandar e digitei:

“Carne de galinha?”

Ele começou a digitar. Parou e me deixou ansiosa. Depois voltou de novo.

“Que delícia... Chupo até o osso. Obrigado pela foto, agora preciso continuar minha reunião. Tem dois homens nada deliciosos olhando para mim.”

Tapei minha boca, chocada que Arthur estava trocando mensagens safadas comigo no meio de uma reunião. Eu tinha transformado o príncipe encantado num safado pervertido, era a única explicação. Mas também era bom demais!

Podia ser melhor? Claro. Se dependesse de mim, acho que já estaria com uma aliança no dedo ou talvez idealizando o momento em que ele me pediria em casamento, mas eu preferia como as coisas estavam acontecendo. Afinal, o cenário atual entre nós dois era infinitamente superior ao que vivi sempre com ele. Quem diria que Arthur enfiaria o rosto entre minhas pernas para me fazer gozar? Somente nos meus sonhos eróticos esse tipo de coisa acontecia. Então, mesmo os pequenos momentos, os mais singelos, eram comemorados por mim.

Respondi a mensagem dele com um coração e um emoji mandando beijo, e fui correr atrás de arrumar minhas coisas. Depois que saí da auto escola passei no *shopping* e comprei algumas roupas novas para malhar, pois tinha começado a treinar de verdade com o Jean. Eu consegui que ele comesse a me atender na parte da tarde, pois era muito chato ir para a academia com Arthur, que ficava com os olhos grudados na minha bacurinha ou na bunda para ver se não tinha nada marcando. Francamente, ele sempre tinha se demonstrado ciumento, mas não como agora. Parecia que cuspiria fogo quando via algum homem olhando na minha direção, mesmo que fosse para os meus olhos.

Tinha terminado de me vestir e estava deitada na cama, conferindo meu Instagram, dando uma olhada na

quantidade de novos seguidores e observando meu engajamento. Há alguns dias eu vinha notando uma situação curiosa a respeito dos meus *stories* e ia começar a fazer alguns testes. Geralmente, eu produzia conteúdos milimetricamente calculados, mesmo quando era algo que mostrasse minha rotina, e nos últimos dias andei me desleixando um pouco com isso. O problema era que as visualizações da minha ida ao laboratório para colher sangue, com aquela cara de sono, falando coisas aleatórias, sem me importar de estar gravando algo que realmente preste, tiveram maior alcance do que muitas publicações que eu fazia produzida.

Quando Jean chegou, pedi que filmasse vários momentos meus enquanto fazia os exercícios e deixei que ele mesmo fosse postando. Estava gostando do *personal*, ele era muito bacana. Um pouco mais novo que Arthur, estava solteiro e eu já até tinha pensado em apresentar ele para Milena, mas quando mostrei uma foto dele para minha amiga, ela não gostou muito. Eu vinha percebendo que a loira parecia se interessar mais pelo estilo *bad boy*, ela não podia ver uma tatuagem que já se excitava toda, e Jean era muito certinho para seu gosto.

— Estou gostando de ver que tem sido uma aluna exemplar, Mari — disse o *personal* ao me entregar o celular no final. — Quer manter mesmo só três vezes por semana?

— Até gostaria de aumentar os dias, mas não sei... Quem está pagando é o Arthur e ele já me banca em tanta coisa...

— Converse com ele então. Eu posso dar um desconto legal pra você, só dê uma divulgada aí do meu trabalho no seu perfil e já me ajuda muito.

Ele piscou e eu estreitei meus olhos, querendo dar uns tapas no homem.

— Por que vou ficar divulgando se você já quase não tem tempo de sobra? Aí eu perco o personal, né?

Jean gargalhou e eu suspirei, fingindo-me de chateada. Claro que parei ao lado dele e apontei a tela do celular na nossa direção, tentando procurar a pose perfeita. Acabamos tirando uma foto um de costas para o outro, ambos de braços cruzados, depois que apoiei o celular sobre um dos aparelhos da academia. Ficou ótima, marquei o perfil de Jean e postei nos *stories*. Depois, com calma, postaria alguma outra no *feed* e faria uma divulgação melhor.

No final da tarde, coloquei um biquíni novo para fazer foto de publicidade e fui para o *deck* testar algumas posições. Terminei o momento de modelo dentro do ofurô e depois fiquei só relaxando, enquanto observava a noite começar a chegar, bem preguiçosa. Era fabuloso viver ali

no alto e ter aquela vista do céu, sem precisar ouvir os barulhos da cidade grande.

Como meu ouvido era treinado para coisas mais importante, eu escutei o barulho da porta de casa e soube que Arthur tinha chegado. Estava doida para pular no pescoço dele e deixar seu terno engomadinho todo molhado, então me levantei e fui devagar até ele. A porta do quarto estava aberta e quando parei com meu pé para dentro, flagrei o príncipe pelado. Ou quase. A única coisa que evitava que eu o visse inteiramente como veio ao mundo era a camisa social branca que ele ainda segurava nas mãos, ajeitando os punhos dela.

Não tive como passar despercebida porque ele estava bem de frente para a porta e quando levantou os olhos para mim, soltou a camisa sobre a cama e se expos por completo. Salivei enquanto Arthur se aproximava, e tentei decorar o mais rápido possível cada pedaço daquele corpo. O homem tinha o dobro da minha idade, mas tinha uma rigidez impecável, umas coxas bonitas demais e aquela entradinha nada básica nas laterais do abdômen, que desciam até bem em cima da trombeta. Que mesmo em descanso, chamava mais atenção do que todo o resto.

— Quer falar comigo? — perguntou ele, apoiando as duas mãos na moldura da porta e inclinando o rosto para baixo.

— Não é bem falar que eu quero... — murmurei, mordendo meu lábio e ficando nas pontas dos pés para beijar o queixo dele. — Está com fome, príncipe? Quer que eu esquento a *sua* comida?

Não consegui não provocar, louca para me grudar naquele corpo e me esfregar todinha ali, mas me controlei porque meu coração batia muito acelerado e Arthur podia ouvir. Ele, no entanto, gargalhou e desceu a boca até meu ombro, deixando um beijo molhado na minha pele.

— Depende da comida, anjo — ele sussurrou em meu pescoço. — Algumas se esquentam sozinhas.

Tenho certeza que damas da alta sociedade soltariam uma risadinha tímida, desviariam os olhos e fugiriam correndo como lindas garças domesticadas. Exatamente o contrário do que eu fiz, pois agarrei o pescoço de Arthur, grudei minha boca na dele e tentei escalar por seu corpo com minhas pernas desajeitadas. Consegui, pelo menos, desequilibrar o homem, que precisou me segurar e entramos aos tropeços para dentro do quarto. Ele tentou rir enquanto eu sugava sua língua e fazia uma força descomunal para tentar derrubá-lo na cama, mas acabei perdendo a batalha.

— Meu Deus — falou, ofegante, quando me segurou pelos cabelos e afastou meu rosto do dele, sorrindo. — Sua leoazinha, eu acabei de chegar em casa. Posso tomar

um banho antes já que trabalhei o dia inteiro dentro de um terno?

— Claro — respondi, tentando resgatar a dama da sociedade. — Só não demore, você tem muitos anos para compensar.

Pisquei e recuei para deixar o homem ir tomar o banho dele, mas só saí do quarto depois que ele se virou de costas e desfilou com aquela bunda bonita até o banheiro. Agora eu entendia de verdade porque as pessoas casavam. Devia ser muito bom poder ver coisas como aquela todos os dias só porque você tem o direito de ver.

Para aplacar meu fogo, fui beber uma água gelada e voltei para o ofurô, torcendo muito para que Arthur estivesse com disposição para me fazer companhia. Ou podíamos nos agarrar em qualquer outro lugar que ele quisesse.

Troquei algumas mensagens de texto com a Sara, a dançarina da *Caixa Preta*, pois vínhamos nos falando desde minha incrível trajetória meteórica como *stripper* e ela estava curiosa para saber quando eu apareceria de novo por lá. Isso era algo que eu gostaria de ter a resposta, pois queria muito entrar nesse assunto com Arthur e poder ter mais acesso ao lugar.

Deixei o celular de lado quando ele apareceu, vestindo — você não vai acreditar — uma calça de pijama. Francamente!

— Fez muitos exercícios físicos hoje? — perguntou, se aproximando e sentando na beira do deque com uma cara deslavada como se não tivesse sido agarrado há alguns minutos.

— Bastante — respondi, observando o peitoral dele. — Queria fazer uns com você também.

O homem sorriu, exibindo aqueles dentes brancos e retos, lindos, enquanto balançava a cabeça.

— Está menstruada, por acaso? — perguntou, rindo. — Porque sua libido parece ter aumentado...

— Não tem nada a ver, eu só acho você muito gostoso. — Fiquei de joelhos no ofurô e me estiquei para pegar no braço do príncipe e tentar puxá-lo. — Entra aqui comigo.

— Teria que ir ao quarto, colocar uma sunga... — murmurou, com uma expressão nada disposta. — Ainda preciso ver o que vou preparar para jantarmos e...

— Você me abandonou.

— Como assim?

— Desde aquele dia — respondi, voltando a me sentar e sentindo meu fogo no rabo murchar um pouco. —

Foi alguma coisa que fiz ou falei? Você sabe que falo umas bobearas de vez em sempre.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra e prometo que aquela noite foi muito especial para mim.

Ele suspirou e ficou de pé, quase causando uma parada cardíaca em mim por acha que ele me deixaria falando sozinha ali fora, mas o príncipe tirou a calça e entrou no ofurô só de cueca. Branca. Ele se sentou do meu lado e pegou minha mão, deslizando os dedos pela minha palma, enquanto eu me controlava para não subir no colo dele.

— Quer saber a verdade? A última vez que eu transei foi no dia em que chegamos em São Paulo e isso já tem mais de dois meses. Não sou movido a sexo, sei me controlar bem e já passei por períodos de duas, três semanas sem transar. Só que dois meses é muito tempo, principalmente, convivendo com você e passando por isso que estamos vivendo.

Eu achava engraçado quando via as pessoas comentarem sobre ficar muito tempo sem sexo, como se fosse uma questão de sobrevivência. Será que depois que eu fizesse de verdade pela primeira vez, também passaria a pensar dessa forma? Porque até agora, tudo bem que eu gostava de beijar na boca e com Arthur meu tesão estava lá nas alturas, mas sexo mesmo, transar e toda aquele

esquema que envolvia isso, não fazia parte da maioria dos meus pensamentos. Eu tinha curiosidade sim, e muita vontade de fazer com ele, mas era uma necessidade que aparecia só quando eu estava muitíssimo excitada. Normalmente, não ficava remoendo o assunto como se minha vida dependesse disso.

— O que tem acontecido entre nós é muito gostoso, mas não basta só isso para mim, meu corpo sente falta de ir além.

— Hm... Imagino. — Pensei rápido em alguma coisa inteligente para dizer, enquanto Arthur puxava minhas pernas para seu colo e alisava minhas canelas finas com as mãos grandes. — Mas muita gente passa muito tempo só na masturbação, né? Um amigo meu, coitado, andou numa maré de azar por um tempo, sem conseguir ficar com ninguém, ficou sem transar por dez meses e disse que descabelava o palhaço várias vezes ao dia.

Ele fechou os olhos, sorrindo, e eu acabei me arrependendo por falar daquele jeito.

— Primeiro, punheta é boa quando não se tem opção, mas está longe de ser a mesma coisa. Segundo, não estou nessa situação por falta de oportunidade. No início não queria ficar trazendo ninguém para casa por sua causa e passar a noite fora estava fora de cogitação. E

agora, sinceramente, como posso ter vontade de comer alguma outra mulher?

Estava com o rosto virado para frente, olhando um passarinho que tinha pousado no encosto de uma das *chaises* e congelei meus movimentos, movendo apenas as pálpebras ao arregalar os olhos.

Arthur tinha dito mesmo o que eu tinha entendido? Aliás, ele disse várias coisas, né? Mas a mais impactante foi sobre não estar transando com ninguém porque não sente mais vontade. Queria ter a coragem de pedir para ele ser mais detalhista e se explicar direitinho, só que nem eu conseguia ser tão cara de pau.

Na falta de saber o que dizer depois daquela confissão e *como* dizer, eu só virei meu rosto na direção dele e sorri. O homem riu, porque eu devia estar mesmo com uma expressão engraçada, pois quando ficava sem graça, não conseguia disfarçar muito bem.

— Não quis soar grosseiro — falou, passando a mão pelo meu rosto e segurando meu queixo. — Só preciso que você entenda que algumas vezes eu vou só querer relaxar, porque esses momentos mais intensos estão me enlouquecendo.

Puxei minhas pernas e decidi montar no colo de Arthur, dobrando meus joelhos ao redor dele e apoiando minhas mãos em seus ombros largos.

— E lá vamos nós — disse ele, rindo e jogando a cabeça para trás. — Você vai causar minha ponte de safena precoce, Marina.

— Calma, homem! Não vou torturar você, prometo. — Dei um selinho nele quando senti suas mãos tocarem minha bunda. — Queria só falar uma coisa...

— Fale.

— Então... Eu sei que brinco muito e tal, mas isso é sério. Você já sabe que eu queria que fosse o primeiro. Assim, eu com certeza vou morrer de vergonha, mesmo sendo você, acho melhor deixar avisado. Mas você sabe lidar com isso, príncipe. Não existe outra pessoa no mundo com quem eu gostaria mais que isso acontecesse.

— Não julgo a sua timidez — disse ele, alisando meus braços. — Sei que você tem seus momentos impulsivos, mas é tímida, sempre foi. E você é perfeita desse jeitinho mesmo.

— Por isso que preciso contar, porque sei que você vai entender. Eu não quero transar. — Esperei por alguma reação, mas Arthur era um belo advogado que não deixava suas emoções muito expostas. — Tô com muito medo de você se arrepender depois e se afastar, e se isso acontecer vai me destruir.

O príncipe deu um sorriso tranquilo e tocou em meus olhos antes que eu percebesse que eles estavam

marejados. Eu os fechei enquanto ele deslizava os dedos pelo meu rosto, descia pelo meu pescoço e parava em meus ombros. Quando voltei a encará-lo, Arthur tinha um vinco no meio da testa e me olhava com muita intensidade.

— Não pretendia ter esse tipo de conversa dentro do ofurô e de cueca. — Sorriu. — Você tem mania de desprogramar minha vida, Marina. Mas, vamos lá... Por onde devo começar? Sobre transarmos, fique tranquila porque não tem sido esse o meu foco. Eu já pensei nisso? É claro que sim, mas é uma ideia que tem sido difícil digerir por todo o significado que você tem para mim e nós já estamos cansados de saber. E é exatamente por isso que se a gente transar um dia, compreenda que eu terei cem por cento de certeza do que quero. Eu a amo muito para cometer essa babaquice de comer e depois que matar a vontade, usar a desculpa do arrependimento. Esse é um motivo que me leva a pisar no freio o tempo todo, a querer ir com calma. O que temos é muito grande para perdermos por causa de um único momento. E estamos falando da sua virgindade, não é um sexo qualquer.

Passei meus braços pelo pescoço lindo dele e aproximei meu rosto, tocando a ponta de seu nariz com o meu.

— Casa comigo agora porque você é muito perfeito!

— Ainda quer os três filhos?

— Agora são cinco porque meu útero *tá* coçando — respondi e ele riu.

— Cinco, tudo bem. Mais alguma coisa?

— Um unicórnio no jardim.

Ele fechou os olhos e fez uma careta divertida.

— Aí vai ficar um pouco mais difícil... Não serve um cavalo do Ramon Baldez?

— Claro que serve — concordei. — E um unicórnio.

Arthur beijou minha testa, depois a ponta do meu nariz e, em seguida, a boca. Seus beijos eram tão carinhosos e cheios de sentimento, mesmo aqueles que se tornavam mais quentes e fogosos. Era como se ele conseguisse transmitir pela forma como tocava meus lábios, tudo o que enxergava sobre mim, meus receios e meus desejos.

Escorreguei minhas mãos pelos braços dele e então toquei seu abdômen rígido, apreciando sua musculatura nada exagerada, proporcional para seu corpo e sua idade. Desci meus dedos até sua cueca e tentei apalpar a trombeta, até que o dono dela me parou.

— Não pense que engoli aquelas fotos suas com Jean, viu? — reclamou, quebrando completamente o clima e eu tinha quase certeza que de propósito. — Que merda foi aquela de postar foto dele?

— Não postei foto dele, Arthur. — Revirei meus olhos, evitando rir do ciúme. — Postei uma foto nossa.

— Exatamente.

Ele passou a mão molhada pelos cabelos e olhou além de mim, um pouquinho puto.

— Jean vai me dar desconto para treinar todos os dias e em troca eu faço divulgação dele — expliquei para ver se ele compreendia melhor.

— Entendi.

Espremi sua boca entre meus dedos e dei um selinho nele, mesmo que estivesse com uma carranca justo num momento em que eu estava toda animada pra reencontrar a trombeta.

— Não precisa ficar com inveja, se você não se importar de se expor, eu posso postar uma foto nossa também.

— Não tenho serviços ou produtos para oferecer em troca — desdenhou ele, sem me olhar nos olhos e eu quase gritei, mas preendi o riso.

Saí do colo dele para pegar meu celular sobre o *deck* de madeira e o destravei. Virei-me de costas para Arthur, encaixando-me no espaço entre suas pernas e liguei a câmera, mas ele não estava me olhando.

— Na verdade, você tem alguns serviços interessantes sim, já me mostrou algum deles — comentei,

provocante, roçando minha bunda em seu colo. — E tenho muito interesse em um determinado produto seu.

Pela tela eu podia observar a expressão nada feliz que ele exibia e me inclinei para trás um pouco, encostando em seu peito e abrindo um sorriso. Ele passou um braço pela minha barriga e enfiou o nariz em meu cabelo, de olhos fechados. Bati várias fotos rápidas naquela posição antes que se desse conta, mas precisei respirar fundo quando sua mão deslizou até minha calcinha e entrou por dentro dela.

Não esperava por um ataque daquele e ofeguei alto demais, chamando a atenção de Arthur. Como o aplicativo da câmera ainda estava aberto, pude ver quando ele abriu os olhos e encarou a tela do celular com intensidade, enquanto colocava a língua para fora e lambia meu ombro.

Impossível saber se estava muito molhada de excitação ou de ofurô mesmo, mas a bacurinha reagiu com impacto àquela visão. O príncipe estava notoriamente me provocando, ele sabia que seu olhar era afrodisíaco e eu não conseguia abaixar o celular. Ele me puxou um pouco mais para cima, me encaixando melhor em seu corpo para ganhar mais acesso às minhas pernas.

Conforme chupava meu pescoço, sempre olhando para mim através da tela, sua mão inteira se esfregava na minha intimidade pulsante e um dedo deslizava bem pelo

centro, causando-me tremores constantes. Quando não consegui mais me manter sã, estiquei o braço e deixei o telefone cair sobre o *deck* para, enfim, fechar os olhos e me permitir degustar daquelas sensações.

O lacinho do meu biquíni foi desatado e a calcinha sumiu de repente, acontecendo a mesma coisa com o sutiã. Meu seio esquerdo começou a ser manipulado e meu clitóris inchou sob o toque de Arthur, ao mesmo tempo em que meus quadris eram atormentados pelo pau duro que eu estava louca para ver na cueca transparente.

— Nunca fui um homem de vícios — murmurou contra minha nuca. — Mas a vontade de não tirar mais a mão daqui é enorme.

— Hm... — Busquei pela mão que ele mantinha no meu peito e entrelacei nossos dedos, mesmo sabendo que estava falando sobre minha bacurinha.

— Isso, Uni, geme — sussurrou, beijando minha orelha e a mordiscando. — Estou viciado até nos barulhinhos que faz quando sente prazer...

Ele apertou meu mamilo e abri a boca para deixar o fôlego escapar junto com um gemido quando enfiou um dedo dentro de mim. O reflexo quase me fez fechar as pernas na hora, mas depois relaxei e me deixei sentir. Arthur tirou e enfiou o dedo de novo, fazendo atrito em uma

região muito sensível, mexendo o polegar ao mesmo tempo no meu clitóris.

— Se em algum momento a gente transar, eu vou ter que fazer com muito cuidado — disse ele, pressionando ainda mais meu pontinho do prazer —, porque você é muito pequena aqui. Será inevitável sentir dor, sinto muito...

Eu conseguia ouvir o que ele falava, mas já estava em outra dimensão e quando gozei, ainda mais excitada com o seu último discurso, Arthur me deu vários tapinhas leves bem em cima do meu clitóris. Isso intensificou ainda mais o meu orgasmo e observei minhas pernas tremerem submersas na água enquanto o prazer dominava meus sentidos.

Ele segurou meus peitos com as duas mãos e me deu um chupão atrás do pescoço que provavelmente deixaria alguma marca. Quando resmunguei e bati na coxa dele, senti sua risada estremecer meu corpo e seus dedos apertaram meus mamilos.

— Eu falei há semanas atrás que a marcaria de alguma forma — confessou. — Fique satisfeita por eu não ter tatuado meu nome na sua bunda. O chupão some com maquiagem.

Respirei fundo e soltei o ar antes de fechar os olhos. Não era meu aniversário, mas fiz um pedido para o universo, mesmo que o tenha feito no dia em que assoprei

a velinha imaginária. Desejei que Arthur descobrisse logo que não podia viver sem mim e que eu era a mulher da vida dele.



Capítulo 41

Arthur

Depois que sua respiração normalizou, ainda espalhei alguns beijos pela nuca molhada, apreciando a marca que deixei naquele pescocinho bonito. Se fosse uma gata, Marina estaria ronronando, de tão manhosa que ficou, virando-se de frente para mim e se esfregando no meu corpo.

— Posso brincar com a trombeta?

— Queria vê-la falar da forma certa... — provoquei, mordendo seu lábio. — O que acha? Só para me fazer um agrado.

Nina revirou os olhos e franziu os lábios, com as mãos apoiadas em minhas pernas e o corpo boiando para trás, aquela bunda nua empinada para me atazanar a vida.

— Arthur, posso brincar com seu pau?

Ela não estava realmente esperando por uma autorização porque antes mesmo de eu respondê-la, os dedos ágeis esfregavam meu membro por cima da cueca.

A ereção grande demais não conseguia ser impedida pelo elástico e a cabeça do meu pau escapava para fora, o que não fugiu da percepção de Marina.

Gostei de notar que enquanto ela mexia comigo, estava muito à vontade com sua nudez. Esperava que nosso envolvimento ajudasse com que perdesse um pouco da vergonha que às vezes a travava.

Nina continuava me torturando, esfregando a mão pelo volume grosso, até que não aguentei mais e puxei o pau inteiro, ansioso por sentir seus dedos ao redor dele. Ela me olhou rapidamente, surpresa, antes de voltar a prestar atenção nele e em seus detalhes. Parecia curiosa enquanto o observava, e quando finalmente deslizou um dedo pela glândula, deixei escapar um gemido.

— Pelo menos aqui não tem aquele lance de precisar molhar, né? — murmurou e eu ri. Não era nem de longe a mesma coisa. — Príncipe, o que as mulheres costumam falar... hm, dele?

Fechei os olhos, buscando concentração em algum lugar obscuro, porque só mesmo Marina Leão para querer conversar enquanto me masturba.

— A maioria gosta. Algumas poucas reclamam.

Levei um tapa no peito e um apertão no pau, que eu fiz questão de proteger, arrancando a mão de Nina e me

tapando. Quase sofri um ataque de unhas porque ela já não tinha muita coordenação, com raiva, só piorava.

— Que cachorro!

— Porra, Nina — reclamei, jogando um pouco de água no rosto. — Quando fizer uma pergunta desse tipo, saiba ouvir. Ou não faça.

— Desculpa, é que pensei logo em quantas mu...

— Não pense — interrompi sua fala. — A pior armadilha que você pode criar para você mesma é ficar se comparando com mulheres do passado. Isso vale para ambos os lados, nunca traga esse tipo de assunto à tona, se não tem maturidade para ouvir.

— Eu sei, tudo bem, não vou mais perguntar — murmurou, visivelmente sem graça, sentando-se ao meu lado e esticando as pernas. — Foi curiosidade.

Peguei a mão dela e levei até a boca, beijando seus dedos. Meu tesão ainda era enorme e eu estava doido para bater uma punheta, mas não queria encerrar nosso momento gostoso daquele jeito.

— Você sempre pode me perguntar o que quiser, não tenho nenhum problema em falar do que já vivi. Só que não é todo mundo que consegue ouvir sem se deixar afetar. — Ela deitou a cabeça em meu ombro e beijei seu cabelo. — Quer sair daqui?

Marina murmurou um sim baixinho e eu me levantei, puxando sua mão. Ajudei-a a sair do ofurô, pois eu sempre tinha medo que escorregasse e olhei em volta, percebendo que não levamos nenhuma toalha ali para fora. Faríamos uma bagunça dentro de casa, mas não dava para ficar em pés esperando o corpo secar.

No entanto, Nina parecia ter outros planos. Ela tinha descido do deck antes de mim e agora estava um nível mais baixo do que eu, olhando para meu pau com bastante interesse. Deixei que ele balançasse diante de seus olhos e quando me encarou, passou a língua pela boca, toda safada.

— Quero provar você — disse ela, segurando minhas duas mãos e me puxando. — Posso?

O arrepio do seu olhar combinado com a pergunta em sua voz enviou diversos estímulos ao meu pau, sendo responsável até mesmo pela baba que se acumulou bem ali no orifício, que já ansiava ser lambido pela língua do meu unicórnio. Respirei fundo e pensei por alguns segundos, se eu deixaria mesmo que Nina fizesse isso. Era tão estranho pensar nela chupando alguém, e, no caso, o alguém seria eu.

Como esperava minha resposta com expectativa, desci o *deck* e a puxei para dentro de casa.

— Podemos tentar isso, mas não lá fora — respondi, acariciando seus dedos. — Acho que para você, o ideal é irmos para a cama.

Marina apertou minha bunda enquanto andávamos pelo corredor e lancei um olhar perigoso para ela, mas que sabia que era exatamente o que queria. Mesmo molhada, ela se jogou na minha cama, de bruços, peladinha, e agarrou um travesseiro.

— Deixou sua vergonha boiando na água? — perguntei, tirando minha cueca ensopada.

Ela riu e enterrou o rosto na fronha enquanto contraía os músculos das pernas e da bunda. Estava toda assanhada e compreendi que era a coisa mais linda do mundo, daquele jeito mesmo, menina, mulher, tímida e foga, de várias facetas como a conhecia.

— Vem logo, príncipe! — chamou e percebi que estava igual a um idiota parado, de pé, maravilhado com aquela visão.

— Calma... — pedi, ajoelhando na cama e respirando fundo. — Marina, muita calma. Não posso sair metendo os pés pelas mãos.

Sem conseguir resistir nem um segundo mais, eu precisei me inclinar e beijar aquela bunda, bem lá do comecinho, ali naquela carne gostosa que emendava com a coxa e escondia sua intimidade. Nina soltou um gritinho

quando segurei uma nádega com cada mão e afastei uma da outra para ter melhor acesso. Beije o interior de cada um dos lados devagar, enquanto ela protestava toda manhosa e encarei o buraquinho intocado. Passei rapidamente minha língua bem perto da boceta até chegar ao ânus, extraíndo dela um estremecimento total.

— Deixa meu fiofó em paz!

Mordi a curvinha gostosa daquela bunda e subi minha boca por suas costas, totalmente enlouquecido de tesão, sentindo meu pau encostar no meio de suas pernas e não poder trabalhar como deveria. Deixei que meu peso fosse sentido e me deitei devagar em cima de Nina, colocando seu cabelo de lado e lambendo sua nuca, buscando suas mãos e as deslizando junto com as minhas pelo colchão.

— Você é toda gostosa, Uni — sussurrei no ouvido dela, ciente de que ela ia amar ouvir. — Extremamente gostosa.

Ela virou o rosto de lado e sorriu, apertando os olhos, toda boba. Segurei sua cabeça e beije sua orelha, passando minha língua por trás dela e chupando seu pescoço em seguida.

— Tô morrendo. Nunca achei que putaria fosse tão bom...

Ri com os lábios grudados em sua pele e depois mordi seu ombro, recebendo um gemido em resposta. A filha da mãe se mexeu embaixo de mim, rebolou a porra da bunda e me deixou mais louco ainda.

— Assim você me ofende, Marina — resmunguei de propósito mesmo. — Eu aqui sendo o homem mais romântico do planeta, coisa que nunca fui com ninguém, e você chama de putaria.

— Foi mal. — Ela riu, nem um pouco arrependida. — Não tenho costume, então acho que não posso opinar.

— Se eu resolver mostrar o que é putaria de verdade, você vai ficar sem andar por uma semana.

— Creeeeedo, príncipe. — Ela me olhou e abriu um sorriso amarelo. — Vamos continuar com o romantismo então.

Eu saí de cima dela e me deitei de costas, aproveitando para dar um tapa em sua bunda deliciosa, e encarei o teto. A que ponto tinha chegado na vida, pelado com outra pelada, na minha cama, de pau duro e sem poder meter até me esgotar.

Puxei o ar com calma e toquei meu pau sem pressa, sentindo sua firmeza e alisando minha glândula, ansioso por aquela sensação de chegar ao orgasmo.

— Eu quero fazer. — Observei Nina se ajoelhar na cama e engatinha para cima de mim, mas toquei em sua

coxa e impedi que subisse mais.

— Não sou tão controlado ao ponto de ter você sentada em cima de mim e não pensar em penetração.

Afastei minhas pernas para que ela entrasse ali e continuei manuseando o pênis enquanto Marina se ajeitava um pouco sem jeito. Decidi me sentar e recostar à cabeceira para o ângulo ficar melhor para ela e para mim também, obviamente, pois a visão que eu teria seria infinitamente melhor.

— Sabe que não tem que fazer nada, não sabe? — perguntei só por desencargo de consciência, tocando seu cabelo. — Nem vou me chatear se quiser parar a qualquer momento.

— Tá bom. E também saiba que eu sou péssima e você pode odiar.

— Impossível — declarei, porque qualquer coisa que ela fizesse já seria maravilhoso. Se Marina decidisse passar maquiagem com meu pau eu estaria aceitando de bom grado.

Um pouco encabulada, ela se curvou na direção dele, com os cabelos caindo ao redor e tocando minha pele. Primeiro, deu um beijo leve na glândula e depois encostou a ponta da língua, passando-a bem pela abertura da uretra e me causando arrepios.

— Nina... — Quis fechar os olhos, mas me mantive atento.

Sorri para incentivá-la quando me olhou e sua língua continuou me explorando de cima a baixo como se fosse um picolé. Era torturante, mas não queria apressar em nada aquele seu momento. Controlei minha respiração e cerrei os dentes quando ela passou a me beijar, até que colocou a cabeça inteira na boca e me encarou.

— Você está linda assim. Quer bater uma *selfie*? — brinquei e ela recuou a cabeça, fazendo uma careta, toda sem graça.

— Não, obrigada. Eu tinha pensado em treinar com bananas, mas no seu caso acho que seria mais justo comprar umas berinjelas.

Gargalhei, ao mesmo tempo em que queria matar a criatura. Estava ali de pau duro, doido para ser chupado, e Marina contava piadas como se estivéssemos curtindo uma noite amena de domingo. Eu me toquei para não perder o *feeling* do momento e esperar até que ela recuperasse o interesse.

— É normal que você não consiga colocar inteiro na boca — expliquei, vendo-a se deitar de bruços e apoiar os braços nas minhas coxas. — Lembre-se apenas de não usar os dentes e mantê-lo lubrificado.

Marina afastou minha mão e o pegou novamente, voltando a chupar a glândula e abrindo bem a boca para me receber. Era excitante demais ver como ela tentava se adaptar ao meu tamanho, que realmente não era modesto, de forma que não demonstrasse tanto sua inexperiência. Que era justamente a parte mais deliciosa de tudo aquilo, pois mesmo sem saber muito bem o que estava fazendo, cada vez que eu sentia sua língua nas regiões mais sensíveis do meu pau, meu tesão triplicava ao perceber que se ela já me deixava louco assim, seria muito melhor quando pegasse prática.

— Ah, Nina, que delícia... — murmurei, esticando a mão e tocando de leve o cabelo dela. — Isso é muito gostoso.

Peguei em sua mão que estava parada em minha virilha e a coloquei ao redor do meu pênis, para estimulá-la a me masturbar. Eu sabia que no início era difícil manter os movimentos coordenados, mas a incentivei com gemidos sinceros. Marina tinha gostado de me dar chupadas longas na glândula e quando sua língua deslizava pelo meu freio, eu quase sentia o orgasmo chegar.

— Use um pouco as mãos para descansar o maxilar — aconselhei e sorri enquanto ela me segurava com vários dedos e fazia exercícios com a boca.

Encarei os seios bonitos que se esfregavam com os mamilos duros em minha pele e fechei um pouco os olhos, aproveitando as sensações que me consumiam. Como queria estar dentro de Nina neste exato momento, afundando-me em seu calor, sentindo-a me apertar. Guiei a mão dela a fazer movimentos circulares com a palma sobre minha glândula.

Dei uma ajuda quando percebi que ela estava cansada e comecei a me masturbar com sua boca roçando em mim. O clímax já se aproximava, me consumia, e toquei o rosto dela, tentando puxá-lo um pouco para trás.

— Vou gozar — avisei num fio de voz, sentindo os arrepios chegarem, e Marina envolveu minha mão com a dela.

Meu sêmen sujou nossos dedos e recuei meu braço para deixá-la a sós naquele momento, aproveitando a sensação de me ter ejaculado. Nina continuou me alisando devagar, espalhando o gozo pelo meu pau inteiro e, então, aproximou o rosto e me lambeu.

— Nossa... — sibilei, querendo agarrá-la pelos cabelos e trazê-la até minha boca. — Você ainda vai me matar, Marina.

Deslizei pelo colchão e deitei a cabeça no travesseiro e a observando nua, sentada sobre as pernas. Estiquei minha mão para ela, que segurou e a puxei para cima de

mim. Ela se deitou no meu corpo e foi indescritível a sensação de ter sua boceta abertinha roçando em meu pau.

— Não é perigoso ficar assim? — murmurou ela, deitando a cabeça e beijando meu pescoço. — Não corre o risco de escorregar pra dentro?

— Não, por vários fatores físicos. — Sorri, acariciando suas costas. — E não sou irresponsável, nem estou com preservativo aqui, as camisinhas ficam guardadas no banheiro.

— Mas eu tô tomando anticoncepcional.

Marina se apoiou nos braços e levantou a cabeça para me olhar. Meu coração sofreu um impacto ao ligar todos os pontos e compreender que aquela mulher linda estava montada em mim e eu tinha acabado de gozar com ela, em um momento de intimidade muito maior do que sempre sonhei em ter. Indescritível o calor que dominava meu peito e me fazia querer mais, querer tudo com ela.

— Príncipe? — ela me chamou, dando uma reboladinha e me acordando. — *Tá* pensando em quê?

— No quanto eu a quero — respondi direto, passando meus dedos pelo rosto moreno. — Não vou mais conseguir renunciar a nada disso, Uni.

Eu me virei de lado, trazendo-a comigo e enfiei uma perna entre as suas, enquanto a espremia em meus

braços. Beije seus ombros, seu pescoço e, por fim, sua boca entreaberta. E ela fez questão de se esfregar em minha pele para deixar claro o quanto estava molhada.

— Eu sei que várias vezes disse que estou refletindo, que preciso descobrir o que fazer, continua sendo tudo verdade — falei, mordiscando seu nariz. — Mas já tenho a consciência de que seria impossível voltar a viver uma rotina em que você não faz parte dela em minha cama.

— Hm, isso é ciúme — ela provocou, colocando a língua para fora e lambendo minha barba.

— Não nego que sou ciumento. — Arrepiei-me com Marina brincando com meu mamilo. — Com você, eu sou muito. E vai ficar pior, pode se preparar. Não quero mais ninguém tocando no meu unicórnio.

A safada mordeu o lábio e me olhou com uma expressão de quem adora atizar fogo na vida dos outros.

— Isso vale para amiguinhas, ok?

— Nem a Milena? — Ela riu e revirou os olhos. — Calma, *tô* brincando. Só pra você ficar sabendo, só aconteceu aquela vez que você viu. Na outra noite que ela dormiu aqui e eu fiz aquela ameaça, não rolou nada não. Agora, por acaso isso também vale pra você?

— Claro que sim.

— Mesmo sem sexo?

— Estamos fazendo sexo, só não há penetração. Porém, sim, mesmo sem conhecer a bacurinha a fundo. Não sou adolescente, Uni, não morro se ficar sem transar.

Ela beijou minha boca e espremeu meu rosto entre as mãos pequenas, sugando minha língua com desespero e muita paixão. Retribuí seu desejo afoito e a empurrei na direção do travesseiro, subindo devagar sobre seu corpo e descendo a boca até seus seios. Quando ouvi o barulho de seu estômago, tão alto que nós dois paramos e ela começou a rir.

— Esqueci da janta — declarei, dando um beijo na barriga linda e me ajoelhando. — Vamos parar com a putaria, como você mesma disse, e preparar alguma comida.

— Posso continuar aqui? — perguntou, preguiçosa, se contorcendo no meu lençol.

— Pode. — Abaixei-me para beijar seu rosto e sussurrei contra sua orelha: — Aproveita e esfrega bastante sua bocetinha nele, para deixar o seu cheiro marcado.

Recebi um tapa no braço e me levantei, indo até o closet para pegar uma cueca. Quando saí do quarto, pude apreciar a visão de Nina se virando de bruços e se aconchegando na minha cama, de onde eu achava que ela nunca mais sairia.



Eu estava me sentindo igual a um adolescente apaixonado, aquele tipo que perde a virgindade e a partir disso não consegue mais viver sem pensar na mulher vinte e quatro horas por dia. Até para trabalhar foi difícil, porque estava sendo consumido por pensamentos e lembranças de vários momentos com Marina — e não apenas os que envolviam nossa nova intimidade. Era viciante, empolgante e natural. Eu estava no meio de uma reunião com o assessor de imprensa do prefeito quando me peguei rindo ao pensar que eu nunca tinha sido tão didático na cama.

Tinha terminado de almoçar quando recebi uma ligação de Gabriela e atendi, aproveitando que estava aguardando que o garçom trouxesse a conta.

— Oi Gabi.

— Oi dindo, tudo bem? — Sorri pelo novo apelido, nós estávamos todos muito ansiosos. — Está ocupado?

— Estou melhor agora, sem dúvida. Posso falar com o bebê?

— Ainda não... Mas em breve.

— Eu espero. Estou no restaurante, sozinho. Bruno tinha uma audiência hoje.

— Eu sei, quero mesmo é falar com você. —
Continuei ouvindo enquanto recebia a conta e entregava meu cartão para o garçom passar na máquina. — A Marina veio hoje cedo me entregar os resultados dos exames, Arthur. Estamos com problemas.

Eu estremei com a menção da última frase, digitei a senha rapidamente e torci para ser deixado logo a sós novamente. Já começava a sentir que minha digestão não seria perfeita.

— Conte-me, Gabi — pedi, apoiando um cotovelo na mesa para segurar minha testa. — O que foi?

— Então, eu já conversei com ela aqui, mas como não sei se ela vai contar pra você... — murmurei um sim em resposta e ela continuou: — Eu gostaria que ela fizesse alguns outros exames, como uma endoscopia por exemplo, porque se ela realmente tem bulimia, como estou achando que sim, esse processo de vomitar sempre pode causar feridas do esôfago, que se tornam úlceras. E ela precisa de acompanhamento médico de verdade, pois está com anemia e corre o risco de estar desenvolvendo uma pré-diabetes.

Para ser muito sincero, quando a vi vomitando, quando briguei com ela e envolvi Bruno e Gabriela na situação, jamais pensei que os resultados fossem mesmo acusar problemas maiores. Eu tinha essa questão da

anorexia na minha mente por causa do que Felipe viveu, mas no fundo, achei que o caso da Marina pudesse ser algo bobo. Enquanto escutava Gabi falar, sentia meu peito doer de angústia.

— O que... — pigarreei, com o nó na garganta me incomodando. — Como ela reagiu quando você contou isso?

— O que mais a afetou foi saber sobre a possibilidade de desenvolver diabetes. Ela chorou, mas depois começou com o discurso de não entender o resultado da anemia, pois está sempre comendo. É difícil para uma pessoa que tem bulimia ou anorexia conseguir enxergar a situação e assumir que de fato está doente. Por isso a terapia é tão aconselhada. Mas enfim, devido ao contrato, eu falei que antes de darmos início ao trabalho ela vai precisar se cuidar. Anotei para ela alguns contatos de endocrinologistas, nutricionistas e gastroenterologista, Arthur. Avisei que quero que ela se consulte com cada uma dessas especialidades e que converse com você sobre procurarem um psicólogo. Essa parte ela não recebeu muito bem. Achei melhor contar tudo pra você porque sei que a doença faz o paciente mentir e se autossabotar sem nem se dar conta.

— Gabi, eu não sei nem como começar a agradecer por tudo isso — murmurei, atônito, sem condições de voltar

ao escritório aquele dia.

A conta estava paga e eu já podia ir embora, mas meus pés estavam pesados e sentia minhas mãos tremerem um pouco. Só conseguia pensar em ir para casa e conversar o quanto antes com Marina, e se fosse preciso, ajoelharia e imploraria para que se tratasse e desse atenção a si mesma.

— O Bruno pediu para dar um recado — disse Gabriela. — Ele quer que todo tipo de agradecimento seja convertido em horas como babá do seu ou da sua afilhada, quando precisarmos.

— Com o maior prazer. — Ri, imaginando um Bruno tocando minha campainha e jogando um bebê nos meus braços, enquanto foge pra transar com Gabriela. — Vocês sabem que essa criança irá me amar.

— Não tenho dúvida.

— Gabi? — chamei, antes de desligar. — Marina e eu estamos... juntos. Talvez você já tenha percebido ou Bruno possa ter contado alguma coisa, mas queria que ouvisse oficialmente de mim.

Ela soltou uma risadinha do outro lado e revirei os olhos.

— Bruno não contou nada, mas nem precisava. No dia do restaurante estava bem óbvio que havia algo rolando entre vocês. É namoro mesmo?

— Não conversamos sobre namoro, mas sobre exclusividade. Não acha muito ridículo? Nossa diferença de idade e ma...

— Arthur, por favor, estamos em dois mil e vinte — ela me interrompeu. — Quem se importa com isso atualmente? E até parece que você não sabe que sou bem mais nova que o Bruno. Vocês são lindos como casal e agora entendo porque Marina chegou aqui na clínica radiante.

— Obrigado, Gabi.

— Conte comigo, viu? Gosto muito de Marina, ela é uma flor delicada, um amor de pessoa.

Agradei mais uma vez, mandei beijo para ela e para o bebê mais aguardado da vida desse advogado chato e ranzinza e me levantei para ir embora, direto para casa, ver como meu unicórnio estava.



Capítulo 42

Arthur

Marina não estava em casa quando cheguei e quando mandei uma mensagem, respondeu que estava na auto escola. Pelo menos isso vinha sendo um fator positivo em sua rotina, pois estava mesmo focada em terminar todo o curso. Nos últimos dias ela passou a assistir o máximo possível de aulas, usando todo o tempo livre que tinha e que não era nada produtivo.

Como ainda era muito cedo e fui à toa para casa, também decidi que podia ocupar aquele período com um estudo importante. Resolvi pesquisar tudo que consegui encontrar pela internet a respeito de bulimia e anorexia, para entender melhor a diferença entre as duas doenças. Não me tornei nenhum especialista depois das horas que passei com os olhos fixos na tela do computador, mas pelos poucos sinais que captei de Marina, não achava que ela tinha desenvolvido, ainda, uma anorexia. O que me deixou um pouco mais aliviado, visto que insistiria com

todas as minhas forças para que iniciasse um tratamento o quanto antes.

Todos os sites diziam praticamente a mesma coisa: não era uma doença de rápida recuperação, justamente por envolver um desequilíbrio por parte da pessoa, que nem sempre conseguia ter noção de suas atitudes. Enxerguei Marina ali naqueles sintomas, em toda a obsessão com o corpo, em como achava de verdade que estava acima do peso ou tinha algum defeito estético.

Coloquei alguns conteúdos para imprimir e fui à cozinha preparar um café ao perceber que tinha passado mais de duas horas no computador. Estava terminando de encher uma xícara quando Nina chegou em casa e deve ter sentido o cheiro antes de me ver ali.

— E aí, quantas aulas faltam? — perguntei quando ela parou ao lado da geladeira e colocou a bolsa sobre a bancada.

— Se eu continuar nesse ritmo, terminarei as aulas teóricas em cinco dias. Tô ansiosa pra começar com as práticas.

Provei o café sem colocar o açúcar, pois detestava, e me aproximei dela, tocando sua cintura e beijando seu rosto.

— Você vai terminar sim — respondi e ela sorriu. — Mas precisamos priorizar algo que é muito mais importante.

Entrelacei nossos dedos e a puxei para fora da cozinha, caminhando até o sofá e a sentando de lado em meu colo. Sua boca logo tocou minha barba enquanto as unhas raspavam em minha nuca, uma ótima distração, mas eu estava bem mais firme do que ela imaginava.

— Uni, onde estão os resultados dos seus exames?

— Jura que a Gabriela já fez fofoca? — resmungou, ficando tensa em meus braços.

— Não é fofoca, ela se preocupa com você, principalmente porque sabe o quanto é importante na minha vida. Não fique com raiva dela.

Marina abaixou o rosto e deixou as mãos caírem sobre o colo ao mesmo tempo em que seus ombros começavam a tremer. Toquei em suas costas e dei um pouco de tempo para ver se falava alguma coisa. Queria ouvir o que tinha a dizer, tentar entender aquela mente.

— Ela acha que eu tenho bulimia — murmurou, chorosa. — Eu não tenho, gente. Eu só gosto de ser magra...

— Eu concordo que talvez, eu não tenha propriedade para atestar que você esteja ou não com a doença. Mas fiz muitas leituras sobre o assunto, Uni, e quero levá-la a um psicólogo. Você também precisa receber acompanhamento nutricional com um especialista.

— Não preciso de psicólogo, não estou louca.

— Isso não tem nada a ver com loucura. — Passei meus braços ao redor da cintura dela e encostei meu rosto em seu braço. — Nina, você pode estar causando graves problemas ao seu corpo. E nem estou me referindo à anemia que já comprovamos que você tem. Já pensou virar diabética por causa disso? Por que não se tratou a tempo? Seu organismo está descompensado, meu amor.

Ela soluçou, apertando os olhos ainda de cabeça baixa e a apertei mais para lhe dar um pouco de conforto.

— Eu sou a pessoa que mais a ama no mundo. Pensa direitinho, você acha que eu seria capaz de criar todo um teatro e acusá-la de algo se não estivesse prestando atenção? Sou quem mais quer você bem e saudável.

— Mas o que vocês querem que eu faça? — perguntou ela, fungando e me olhando com o rosto todo molhado. — Não sei como agradar vocês.

— Que agradar, Nina? Ninguém quer que você faça nada pelos outros e sim por você. Acha normal vomitar?

— Você pensa que eu vomito porque acho legal?

Ela se levantou do meu colo e virou de frente para me encarar, com um olhar que indicava mágoa. Inspirei, controlado, porque sabia que de nada adiantaria tentar impor minha opinião de um jeito muito incisivo. Marina

poderia ficar cada vez mais arredia se achasse que estava sendo controlada.

— Tenho certeza que você não faz nada disso porque gosta de fazer — respondi, tocando seus dedos. — É mais forte que você.

— Eu passo mal, ok? Às vezes a comida não cai bem, fico me sentindo mal.

— E por isso é essencial você ser acompanhada por um nutricionista, precisa aprender a se alimentar bem. Quando tudo estiver equilibrado, não vai mais ficar sentindo isso.

Notei a insegurança tomando conta quando ela cruzou os braços e se encolheu como se aquele tema abordado a incomodasse até mesmo fisicamente. Eu me levantei e a obriguei a descruzá-los, pegando suas mãos e envolvendo minha cintura com elas.

— Uni, se você se importa comigo, me deixa cuidar de você — pedi, sentindo meus olhos arderem. — Porque me machuca muito saber que você precisa de ajuda e não me deixar ajudá-la. Você não tem noção do quanto é uma peça fundamental em minha vida, eu preciso saber que consigo protegê-la, entende?

Ela chorou e esticou uma das mãos até meu rosto para enxugar minhas lágrimas. Beijeí sua palma aberta e fechei meus olhos, sentindo seu toque em meus lábios.

— Por favor... — murmurei, com o peito abafado. — Não quero passar pelo mesmo que o Felipe passou. Não suportaria isso.

— Eu não faria você sofrer propositalmente, príncipe...

— Mas eu estou, já sofro só de pensar em sua doença se agravando. Você pode acabar desenvolvendo uma anorexia, Uni. É muito sério.

Marina soluçou e se esticou nas pontas dos pés para tentar alcançar minha boca, então a encontrei no meio do caminho, grudando meus lábios nos dela e passando os braços por baixo de sua bunda. Peguei-a no colo enquanto seus dedos tocavam minhas bochechas e trocávamos um beijo que tinha um gosto triste.

— Você vai gostar de mim se eu engordar? — perguntou ela, baixinho, sem afastar muito a boca.

— Gostar? — Ri. — Bobinha, eu a amaria mesmo com o dobro do seu peso. E mesmo assim, você só vai cuidar da sua saúde, vai aprender a comer certo, de verdade.

— Mas se eu não tivesse um corpo bonito a gente não estaria assim agora...

Encarei seus olhos lindos e encostei minha testa na dela, puxando ar e sentindo seu perfume suave. Era verdade que tinha um corpo maravilhoso e eu seria

hipócrita demais se dissesse que não estava gostando de tocar e sentir cada curva que ela tinha. Mas era muito mais que isso.

— O primeiro beijo que dei foi naquela noite do ofurô, lembra? — Busquei o momento na minha memória, pensando em quanta coisa tinha acontecido entre nós de lá para cá. — Não quis beijar você por causa dos seus peitos ou da sua bunda e sim porque eu queria sentir você, sua boca, seu beijo. É claro que é necessário existir atração física para duas pessoas quererem ficar juntas, mas não é a base de uma relação. Se fosse fácil me seduzir só por causa de um corpo, você acha que eu teria resistido até hoje às mulheres da *Caixa Preta*? Eu as vejo dançarem nuas e sensuais sobre aquele palco, Nina, e nunca levei nenhuma para a cama.

Eu a devolvi ao chão e me sentei no braço do sofá, sem soltar de sua mão. Enxuguei seu rosto delicado e passei o braço de qualquer jeito para enxugar o meu.

— O que eu quero que você entenda, é que cuidar da sua mente e lutar contra a doença não significa descuidar do corpo. Todo mundo tem direito a querer ficar mais bonito, a ser vaidoso, isso é normal. Eu também me cuido, cuido da minha alimentação porque sei que meu metabolismo não é mais o mesmo de vinte anos atrás, faço exercícios físicos porque quero me manter atraente,

compro roupas caras porque gosto de como fico com elas... Não tem problema querer essas coisas. O errado é a pessoa priorizar *sempre* isso e se tornar obcecada. O que você diria se eu chegasse e falasse que meu corpo está horrível?

— Que você é louco, porque é muito gostoso — disse ela, mordendo o lábio.

— Você vive dizendo que está feia, que a barriga está grande... Pelo amor de Deus, até sua bacurinha você já criticou e ela é perfeita. E quando eu digo que é coisa da sua cabeça, você não acredita. Entende?

Marina assentiu. Quase de forma imperceptível, mas ali estava o gesto, que demonstrava começar a concordar com alguma coisa.

— Vamos marcar uns médicos? — perguntei, apertando seus dedos nos meus. — Irei a todos com você, se quiser.

— Tudo bem...

Beijei suas mãos e sorri para ela, aliviado por termos tido aquela conversa importante. Sentia que ela realmente absorvera o que tentei passar sobre meus sentimentos, mas ainda assim, eu me sentia um pouco culpado por tudo que ela estava vivendo.

— Existe alguma coisa que eu faça que a deixe insegura ou ansiosa? — perguntei, querendo compreendê-

la o máximo possível. — Porque, às vezes, eu sei que posso falar ou fazer alguma coisa que atinja bem em algum ponto que mexa com essa parte emocional da doença.

Nina parecia pensar quando a puxei para a cozinha e comecei a ver o que faríamos para jantar. Os armários estavam um pouco vazios porque andei meio sem tempo de ir ao mercado, mas cogitei pedir alguma comida no *Sky Bar* ou até mesmo em algum outro lugar de preferência de Nina.

— Me deixa um pouco insegura quando você não me beija o tempo todo... — ela murmurou e eu até assenti, distraído, mas quando entendi o sentido da frase, virei o rosto para encontrar a safada sorrindo.

— Acho que esse problema em questão se chama excesso de fogo no rabo.

— Tenho certeza que não — retrucou, franzindo os lábios.

— Quero que pense na minha pergunta com calma. Para agora, o que vamos jantar? Quer pedir comida?

Os olhos de chocolate brilharam e ela abriu um sorriso animado, debruçando na bancada e expondo o decote da camiseta para mim. Não era fácil ser Arthur Salazar.

— A gente podia ir ao *Sky Bar*, né? Quando você vai me levar pra comer lá?

— Não é um restaurante qualquer, Nina, é para o público masculino — expliquei, me debruçando do lado oposto e brincando com os dedos dela. — O *Sky Bar* é extremamente exclusivo.

— Mas você é o dono. Fecha a porra do restaurante por um dia e me leva.

Gargalhei porque ela era muito cara de pau, mas uma fofa. Não tinha pensado naquela possibilidade, mesmo sendo bastante exagerada, mas para agradá-la eu seria bem capaz de fechar por uma noite.

— Escolha o que quer jantar, eu peço, a gente come, e depois, um outro dia, eu dou um jeito de levá-la para conhecer melhor o lugar.

Peguei meu celular e entrei na conversa que eu mantinha no *Whatsapp* com o *chef* da casa, pois o menu mudava a cada quinzena e ele sempre me deixava atualizado. Encaminhei o cardápio atual para Marina e enquanto ela se ocupava com isso, fiquei pensando se não seria o momento ideal de contar logo sobre a *Caixa Preta*. Agora que estávamos desenvolvendo um outro tipo de relação, tinha medo de manter a verdade escondida por muito tempo e não ser perdoado por isso.

Decidi que se tudo corresse bem até o final da noite, depois de jantarmos eu a contaria tudo que envolvia o estabelecimento. Seria como um voto de confiança por ter

sido madura e conversado direito comigo, sobre ter escutado quando foi preciso e ter aceitado tentar mudar. Isso, para mim, já era um grande passo, pois eu não me sentia preparado em lidar à força com Marina caso ela não aceitasse ajuda e interferência.

Deixei que ela me contasse tudo sobre a auto escola, porque a empolgação era enorme, e percebi que ela nem imaginava a surpresa que eu estava preparando para quando conseguisse a habilitação.

— Príncipe, você tá prestando atenção? — perguntou ela, com as pernas esticadas no meu colo, enquanto terminava de comer a sobremesa e colocava o pote no chão.

Nina tinha pedido um risoto ao *funghi* e achei muito interessante quando ela parou de comer, deixando um pouco menos da metade no prato, porque disse que queria ter espaço para a sobremesa. De início, eu pensei em reclamar e insistir para que comesse tudo, mas depois pensei que não devia forçar. Preferia que ela comesse com parcimônia e se sentisse satisfeita, sem passar mal, do que se entupisse de risoto e doce, para depois ir vomitar no banheiro.

— Já disse hoje que você é linda?

— Para com isso! — Ela levantou o pé para tentar tocar meu rosto e eu o segurei, mordendo a ponta do

polegar e arrancando um gritinho dela. — Devo estar com chulé! Para, Arthur!

Ri, fazendo questão de cheirar a sola do pé limpinha, porque ela tinha tomado banho um pouco antes das refeições serem entregues.

— Cheirinho de unicórnio — comentei, beijando seu peito do pé e o soltando para deixá-la em paz. — E eu não posso olhar você? Nem elogiar?

— Não *desse* jeito tão direto.

Marina parou de rir e me olhou com tanta intensidade que meu coração disparou. Sabia que ela não ficava confortável com elogios assim, como se não fosse merecedora deles. Deitei minha cabeça no encosto do sofá e continuei observando seu rosto. Algumas pessoas olhariam aquela boca carnuda e a enxergariam como a mulher fatal que muitas vezes fingia ser, mas em momentos como esse, eu não conseguia pensar em nenhuma outra palavra a não ser “angelical”.

— Sabe que amo você, não sabe? — perguntei, esticando minha mão para que viesse em meu colo.

— Uhum — respondeu, ajoelhando sobre mim e enfiando as mãos em meus cabelos.

— Sabe que estou apaixonado também?

Marina afastou os lábios porque eu realmente pretendia pegá-la de surpresa. Toquei a parte inferior,

puxando-o para baixo e deixando meu dedo escorregar até seu queixo.

— Você tá mesmo? — ela perguntou, como se fosse possível eu brincar com algo assim tão sério.

— Não sei se estou... — sorri — ou se eu *sou*. Você sempre é a melhor parte do meu dia.

Fechei os olhos para receber os dedos que exploravam meu rosto de um jeito tão doce, tocando minhas pálpebras, nariz, se demorando um pouco mais pelos lábios e contornando meu maxilar, raspando as unhas pela minha barba.

— Amo muito você, príncipe.

Eu sei, pensei, sorrindo, sem precisar realmente responder sua declaração, pois nossos sentimentos sempre foram muito genuínos. Marina me abraçou e deitou a cabeça no meu ombro, ficamos daquele jeito, na mesma posição, por incontáveis minutos, até que minhas costas começaram a reclamar.

Alisei suas costas, passando minha mão por baixo da camiseta, e depois dei um tapinha na bunda pedindo para que se levantasse. Aproveitei para esticar um pouco as pernas e fui pegar uma água na cozinha, voltando ao sofá logo depois e me sentando na beira.

— Preciso contar uma coisa importante — avisei, me preparando psicologicamente para ser xingado. — Não

pretendia revelar isso nesse momento, minha intenção era esperar mais alguns anos, porém, nossa relação está mudando e não dá para omitir isso de você.

— Ah, meu Deus! — Marina tapou o rosto. — Você tem um filho.

— Quê?

Foi a minha vez de tapar o rosto para rir do absurdo que tinha acabado de escutar. Não sei de onde Marina tirava pérolas assim, mas ela sempre conseguia me surpreender.

— Não é pai? — insistiu, com uma expressão desconfiada. — Por que eu não vou me importar. Muito.

— Não tenho nenhum filho perdido por aí, Nina. Também não sou casado nem tenho uma mulher escondida no armário. Me deixe contar tudo desde o início, pode ser?

Ela assentiu e puxou as pernas para cima do sofá, se acomodando e abraçando uma almofada.

— Pela diferença de idade entre nós ser muito grande, obviamente Felipe e eu mantínhamos muita coisa das nossas vidas, longe do seu conhecimento. Afinal, éramos adultos e você criança, não podíamos misturar assuntos que não devia ser tratados na sua frente. Então, até hoje você desconhece alguns fatos da vida do seu irmão. Depois que eu abri o *Sky Bar*, comecei a ganhar

muito dinheiro, Nina. Você acha que sou rico, mas sou milionário. Vivo uma vida simples para o dinheiro que tenho, porque não preciso esbanjar. Sempre fui a parte racional da amizade, aquele que pensava no dinheiro, nas responsabilidades e, principalmente, no futuro. Por isso, quando Felipe me pediu ajuda, eu investi nele. Criamos a *Caixa Preta* juntos, mas eu a dei de presente para o seu irmão.

Marina, que até então prestava atenção no que eu dizia, como se fosse uma história da qual ela não queria perder um capítulo, sofreu um leve espasmo quando mencionei o papel de seu irmão na novela de nossas vidas.

— Felipe já estava ganhando muito dinheiro quando morreu, dinheiro esse que ia todo para a conta dele. Porém, na época que passei a propriedade da *Caixa Preta* para o nome do seu irmão, ele também abriu uma poupança para você. O lucro do estabelecimento era dividido igualmente para os dois.

— Eu tenho uma conta poupança? — ela praticamente gritou e se sentou sobre os joelhos, arregalando os olhos. — Por que você nunca me disse isso?

Pela sua reação, eu já podia esperar que fosse ficar revoltada quando soubesse a história toda. Apoiei uma

mão em sua coxa e continuei:

— Depois que Felipe morreu, como advogado e procurador dele, eu passei tudo para o seu nome. — Ela abriu e fechou a boca. — Você é a dona da *Caixa Preta*, Uni. Você tem alguns milhões em conta, mas só pode usufruir desse dinheiro aos vinte e um anos.

Nina desviou os olhos e encarou a porta de vidro da varanda, enquanto mordiscava o lábio inferior. Ela então se levantou e andou até lá, parando do lado de fora e cruzando os braços. Dei seu tempo, não queria ficar em cima enquanto ela não digerisse tudo que ouviu e decidisse se me odiava ou não.

— Você disse milhões? — perguntou ao se virar para mim e balancei a cabeça. — Por que eu não podia saber?

— Acha que eu a queria andando por lá? Até você completar vinte e um anos, eu pretendia mantê-la afastada da promiscuidade o máximo possível. Não é ambiente para você, nem quero que você concentre seu futuro nisso. A *Caixa Preta* está lá, não vai deixar de existir e eu não me importo de continuar fazendo o que faço há anos.

— Por isso a Francine pediu aumento...

— O quê?

— Nada — disse, entrando na sala e parando diante de mim, com o queixo erguido. — Não consigo dar um

soco em você porque até pra fazer isso tô sem ânimo de tão decepcionada e frustrada.

— Já esperava por isso — respondi, suspirando.

— Nesse último ano eu passei por um monte de aperto lá no Rio, príncipe — murmurou ela, com os lábios trêmulos. — E você agora diz que eu tenho milhões numa conta bancária?

— Não pense que eu deixaria isso ter acontecido se soubesse que sua tia estava pegando o dinheiro.

— Mesmo assim! Aconteceu!

Marina pressionou os lábios e enxugou os olhos úmidos, saindo da sala a passos apressados e se trancando no quarto antes que eu conseguisse alcançá-la. Bati na porta ao descobrir que tinha passado a chave e ela respondeu lá dentro:

— Quero ficar um pouco sozinha. Não vou desculpá-lo agora.

Era justo, não podia julgar sua atitude porque eu mesmo ficaria puto se recebesse uma notícia parecida. Portanto, voltei para a sala, joguei todas as embalagens do *delivery* no lixo e apaguei as luzes, indo me refugiar em meu quarto e tentar assistir algum filme para aguardar o perdão de Marina.



Despertei com a sensação de choque ao tocar algo muito frio e meu cérebro rapidamente processou que a sensação gelada era causada pelos pés de Nina enroscados em mim. Virei a cabeça para encontrá-la de lado, com as mãos debaixo do rosto, enfiada no edredom junto comigo. Seus olhos estavam quase se fechando, mas ela me observava com atenção.

— Tô muito triste com você, de verdade — sussurrou. — Mas não quero ficar brigada.

— Não precisamos disso — falei, virando-me também de lado e passando meu braço em sua cintura. — Deixo que me bata e me xingue se quiser, só não pode ficar sem falar comigo.

Marina fechou os olhos e aproximou o rosto do meu peito, sem dizer mais nada. E era apenas disso que eu precisava para poder dormir em paz.



Capítulo 43

Marina

Arthur teria que fazer algo muito horrível, do tipo imperdoável mesmo, para que eu um dia conseguisse odiá-lo. Foi muito ruim ouvir todo o relato dele sobre minha mais nova propriedade, que não era tão nova assim, pois eu me senti profundamente traída. Não somente por ele, mas também pelo meu próprio irmão, que passou tanto tempo escondendo isso de mim. O que, pelo visto, Felipe gostava de fazer, já que nem mesmo sobre a tal da Érica ele chegou a me contar. Tudo bem que eu era muito mais nova, posso tentar entender a decisão dele de me esconder a *Caixa Preta*, mas qual o problema em falar de uma namorada? Principalmente uma que estava tão doente? Será que ele nunca parou para pensar que eu amaria conhecer alguém que ele amava?

Era muita mágoa castigando meu coração e fiquei remoendo tudo trancada no quarto, ignorando a presença de Arthur do lado de fora. Depois que parei de digerir meu

problema com meu falecido irmão, foi a vez de sentir vontade de dar na cara do melhor amigo dele. Esse tempo todo eu achando que fosse o dono da *Caixa Preta* quando, na verdade, a dona era eu?

Não querer me contar nada quando eu ainda era mais nova era aceitável, mas há quanto tempo eu já estava morando com ele aqui em São Paulo, sem nem desconfiar da verdade? Eu já era adulta, faça-me o favor! O que Arthur tinha pensado? Que se eu descobrisse que era dona de uma casa de *strippers* ia correr para me apresentar também?

Gargalhei com a cabeça enfiada no travesseiro ao pensar que foi quase exatamente o que fiz, com a única diferença de que eu não fazia a menor ideia de que tudo aquilo era meu. A minha aventura de rebolar em cima de um palco para um bando de macho babar tinha sido apresentação especial, nunca mais ia acontecer. Foi empolgante, não minto, mas eu só fiz aquilo para provocar Arthur.

Então, lembrei de Miguel. Ah, meu Deus do céu. Miguel. Se ele ficou tão espantado ao descobrir minha proximidade com Arthur, então não devia fazer ideia de que eu era dona do lugar. A situação parecia ainda mais trágica quando eu pensava que tinha perdido meu hímen com um dos meus funcionários. No mínimo muito constrangedor,

até porque eu pretendia fazer com que todos soubessem da verdadeira proprietária da casa e não sabia como ficariam as coisas com o *barman*.

Não conseguia dormir e minha cabeça estava latejando, portanto, levantei para ir procurar algum analgésico na caixa de remédios. Depois que tomei um comprimido, parei na porta do quarto de Arthur e o observei dormindo por um tempo. Voltei para apagar a luz do meu quarto e entrei debaixo do edredom dele, buscando seus pés para esquentar os meus e o acordando sem querer.



Acordei com olhos azuis concentrados em meu rosto e me senti momentaneamente envergonhada. A gente nunca acordava na nossa melhor versão, não é? Passei logo os dedos nos cantinhos dos olhos em busca de remelas enquanto via o sorriso se desenhar no rosto do príncipe que tinha se apoiado no cotovelo e se aproximava de mim para...

— Não! — Tapei minha boca e impedi o beijo. Ele encostou os lábios nos meus dedos e riu.

— Como assim? Eu quero um beijo.

— Só depois que eu escovar os dentes — falei, a voz saindo abafada contra minha palma. — Você deve ter tido

tempo pra fazer isso.

Pelo sorriso grande e branco que ele abiu, estava bem nítido que Arthur não tinha acabado de acordar. Ele realmente cheirava a pasta de dente e tive vontade de enfiar meus dedos em seus olhos.

— Eu não me importo com isso, Nina. Só um selinho, anda.

Neguei com a cabeça e Arthur subiu em cima do meu corpo, correndo as mãos pela minha cintura para me fazer cócegas e me obrigar a bater nele. Mas tive uma ótima ideia para barganhar o beijo com gosto de podre.

— Beijo se você prometer me levar à *Caixa Preta* hoje.

— E o que você pretende fazer lá? — perguntou ele, e eu achei ótimo que o sorriso safado tivesse murchado um pouco.

— Ah, não sei... — Revirei os olhos. — Deixe-me pensar... Talvez visitar o lugar que na verdade é meu?

Foi difícil me concentrar e não perder o controle quando suas mãos roçaram as laterais dos meus peitos por baixo da camiseta, mas me mantive firme e forte sem liberar a boca.

— Tudo bem, eu a levo, mas chegaremos antes da abertura da casa.

Concordei com a condição dele porque isso não fazia muita diferença para mim. Eu não ia frequentar como cliente, só queria voltar lá, rever as meninas, aprender mais sobre o funcionamento do local, coisas simples.

Tirei a mão da boca e Arthur grudou os lábios nos meus num selinho prolongado, que depois se estendeu pelo meu pescoço. Bati em seus ombros quando senti que estava me marcando com um novo chupão e quando ele levantou a cabeça, piscou para mim na maior cara de pau.

— Só para deixar avisado que você não está livre — declarou, saindo de cima de mim e levantando da cama.

— Você pretende me marcar como gado, por acaso?

Ele apenas sorriu de um jeito bastante canalha e pegou uma bandeja de cima de uma das cômodas do quarto. Só então eu reparei nela, quando o príncipe a colocou no colchão perto de mim, e se deitou de novo, pegando uma uva verde e jogando na boca.

— Você me trouxe café na cama? — Meu coração disparou porque nunca que imaginei algo do tipo acontecendo.

— Só para o caso de estar com fome — disse ele, baixando o rosto e beijando minha coxa. — Posso dar na boca também, se quiser. Não tenho compromissos para este sábado.

Empurrei o peito dele, rindo, bem na hora em que começou a morder minha perna. Comi a banana cortada em rodela, mas deixei as uvas para ele porque algo me dizia que estavam ali para isso mesmo, já que eu não era tão amante delas. Estava terminando de comer uma torrada quando Arthur se deitou e fechou os olhos. Engoli o restante da comida, levei a bandeja para a cômoda e fui ao meu quarto escovar os dentes.

Quando cheguei lá, encarei o vaso sanitário, me dando conta de que ontem não tinha vomitado. Não que fosse uma regra, mas geralmente, quando eu comia muito tarde, o sentimento de culpa me tomava totalmente. Estive tão ocupada digerindo as notícias dadas por Arthur que não tive tempo de pensar em outra coisa.

Respirei fundo, peguei minha escova e a enchi de pasta de dente, fazendo todo o processo de escovação enquanto me encarava no espelho. Voltei correndo para o quarto do príncipe e me joguei em cima dele, arrancando um gemido abafado e sendo alvo de seus olhos.

— Se nesses pulos, em algum momento você atingir meu pau, o processo vai vir — ameaçou, espalmando as mãos grandes na minha bunda.

— Que horas você vai me levar à Caixa Preta? — perguntei, mudando completamente o assunto por ser muito necessário.

Arthur arqueou uma sobrancelha e deu um sorrisinho safado, eu tinha certeza que ele faria de tudo para se esquivar da promessa, mas eu o atazanaria o dia inteiro até a hora em que saíssemos de casa.

— No início da tarde — respondeu. — A partir das seis horas a Francine já aparece por lá. Vou aproveitar que também preciso resolver umas coisas com ela.

— Tipo o quê? — Ele me encarou estreitando os olhos e eu fiz a mesma coisa. — O lugar é meu, tenho direito de saber.

— Tudo bem, pretendo arrancar dela a informação de quem a colocou para dentro da Caixa — declarou com uma expressão muito tranquila, como se não fosse matar a pessoa quando descobrisse.

— Francine não vai contar, ela me prometeu. E você não pode demiti-la porque quem manda sou eu.

Arthur riu e mostrei meu dedo do meio para ele, que passeava suas mãos pelo meu corpo.

— Meu amor, seu nome só existe no papel. Juridicamente, tudo está sob o controle do coroa aqui.

— Ah, tudo bem. — Dei de ombros e dei um selinho nele. — Se você demitir Francine, eu não vou mais aos médicos.

Arthur balançou a cabeça, o sorriso se desfazendo lentamente enquanto tocava meu rosto e deslizava os dedos até minha nuca.

— Eu não vou realmente demitir a Francine — disse ele. — Seu irmão gostava muito dela. Mas não fique fazendo brincadeiras com o que diz respeito à sua saúde, por favor. Alguma coisa mudou de ontem para hoje?

Neguei para tranquilizá-lo, pois não ia quebrar minha promessa por qualquer coisa. Faria sim os exames que ele tanto queria e iria nas consultas com os médicos, só não estava muito certa ainda sobre o psicólogo. Não me imaginava sentando na frente de uma pessoa que nunca vi antes e contando minha vida toda para ela. Pensaria bem se iria ou não, mas deixaria para resolver em outro momento.



Não me importei com os olhares de Arthur para cima de mim, dizendo que eu estava gostosa demais para ficar perambulando com aquela roupa pela *Caixa Preta*. Ele era completamente surtado de ciúmes, porque eu estava vestindo um jeans branco e um cropped preto. Era verdade que a calça estava bem justa, mas era uma calça!

Francamente! A maioria das pessoas ali tinham visto minha bunda de fora.

Primeiro, nós passamos um tempo no *Sky Bar*. Ele me levou para conhecer a cozinha ampla e eu fiquei maravilhada com tudo porque nunca tinha entrado numa cozinha de restaurante. O mais perto disso que cheguei foi observar o povo fazendo sanduíche nos fastfoods da vida.

A parte externa do *Sky Bar* era incrível, a vista panorâmica do terraço deixava qualquer um de queixo caído e eu podia muito bem me sentar numa daquelas mesas e passar uma noite agradável ao lado do príncipe. Imaginei como as mulheres amariam esse lugar e todo o requinte dele. Por que macho tinha que ser tão chato com esse lance de clube do bolinha?

— Você é mesmo um homem de negócios. Nunca que eu iria desconfiar que era dono de um restaurante.

— O *Sky Bar* não é um segredo, mas como ele possui um acesso mais exclusivo, não é algo que eu fique anunciando. Até porque, temos outro estabelecimento nos fundos.

Sorri para a forma como ele falou. Parecia que Arthur estava se referindo a um puxadinho atrás do restaurante, quando na verdade era algo descomunal. Lambi os dedos que sujei comendo o mil folhas do conceituado *chef* e me

levantei quando Arthur esticou a mão para me levar pra dentro.

Era a segunda vez que eu passava pela porta guardada por um segurança, que cumprimentou Arthur de forma bem polida e abriu para que entrássemos.

— O *Sky Bar* você já entendeu que é um restaurante exclusivo, certo? Só é permitida a entrada de homens e eles precisam fazer parte de um seleto grupo da sociedade para frequentarem o local. Porém, nem todo mundo que acessa o restaurante tem permissão para entrar na *Caixa Preta*. Não é como uma boate em que você vai, paga a entrada e se diverte. A cobrança é feita como se fosse uma mensalidade.

— Como numa academia — falei, mostrando que tinha entendido e ele deu um sorriso entortando mais um lado da boca.

— Com a diferença de alguns milhares de reais, mas sim. Com a mensalidade em dia, o sócio só chega e entra, ele não precisa pagar por nada que consumir aqui dentro.

— Então, se ele quiser, não precisa jantar no *Sky Bar*, pode vir direto pra cá?

— Não servimos refeições na *Caixa Preta* — esclareceu para mim quando estávamos passando pela adega. — Somente bebidas.

Arthur puxou minha mão e a beijou, entrando comigo no salão que tinha ficado gravado em minha memória. Estava vazio, com exceção de Francine falando ao telefone, sentada numa poltrona preta de costas para nós. O príncipe pigarreou e ela se virou, arregalando os olhos ao me ver ali de novo. Coitada da mulher, ainda devia estar traumatizada.

— Oi Arthur — cumprimentou ela ao se levantar e ajeitar a manga da camisa social. — E dona Marina, eu ainda quero esganar o seu pescoço.

— Você não queria tanto conhecê-la? — Arthur perguntou, sentando-se no braço de uma poltrona e olhando Francine. — Conseguiu o que desejava.

— Não *assim* — ela se defendeu, gesticulando para mim. — E francamente, você sumiu por todos esses dias, Arthur! Podia ao menos ter atendido as minhas dezenas de ligações, fiquei esse tempo todo trabalhando sem saber se estava demitida.

— Você não aparece aqui desde aquele dia? — perguntei, chocada. Achava que Arthur era o frequentador mais assíduo do local.

— Não. Precisava desvincular as imagens da minha mente.

As imagens do meu corpo em cima do palco, quase nu, dançando de forma bastante indecente, mas que foi

capaz de deixar a trombeta bem dura. Ainda me lembrava com precisão o que senti quando me sentei no colo dele dentro do escritório, era a primeira vez que eu estava conhecendo toda a potência de sua ereção.

Acho que Arthur estava pensando a mesma coisa que eu, pois virou o rosto para mim e quando nossos olhos se encontraram, senti um arrepio percorrer minha espinha. Ele sorriu e tocou minha mão, me puxando até me encostar em seu corpo. O movimento não passou despercebido por Francine, que deu uma leve arqueada na sobrancelha.

— Marina está aqui hoje porque contei a verdade a ela — ele explicou para a loira de cabelos curtos. — Ela já sabe que a Caixa Preta está em seu nome. E talvez seja bom já deixar avisado que estamos juntos.

Quase mordi a língua que estava passeando tranquilamente pelos meus dentes. Eu esperava por qualquer coisa naquela vida, menos ouvir Arthur declarar estarmos juntos de uma forma tão natural, sem nem mesmo ter dito isso para a pessoa mais interessada de todos: eu. Por sorte, meu corpo estava escorado no dele ou eu teria desmaiado. E a informação pareceu pegar Francine tão de surpresa quanto, porque ela arregalou os olhos e escancarou a boca.

— Juntos? Tipo, um casal? — Ela olhou de mim para ele e riu. — Por isso você ficou em choque ao vê-la no

palco, não é?

— Ainda estou tentando processar aquele dia — respondeu, sucinto, com a mão em meu quadril. — Não a perdoei por não ter me contado e só continuará trabalhando aqui graças à Marina, que intercedeu por você. Como foi capaz de deixá-la subir na porra do palco, caralho?

— A culpa não é dela, príncipe, eu já disse isso.

— Realmente, eu sou a única que não teve culpa nenhuma naquele dia — disse Francine, franzindo os lábios e se sentando numa poltrona de frente para a gente. — Se você soubesse o susto que tomei quando o...

— Francine! — gritei e quase me joguei em cima dela para segurar suas mãos. De costas para Arthur, arregalei meus olhos. — O que nós combinamos?

— Pelo menos agora eu tenho certeza que se trata de um homem.

Virei-me para Arthur, que tinha um sorriso vencedor voltado para mim, e ele em seguida, começou a observar o salão. Não tinha ninguém ali além de nós, mas não duvidava que estivesse tentando visualizar todos os homens que trabalhavam no estabelecimento. Não acredito que Francine deu esse mole!

Ele se levantou e segurou minha mão, puxando-me para longe da loira e me guiando pelo local.

— Quero falar a sós com você, vamos ao meu escritório — disse em um tom de voz bastante autoritário e zangado.

Olhei por cima do ombro para Francine, que segurava a cabeça e murmurava um pedido de desculpas para mim, mas eu queria matá-la por ter dado um mole como aquele.

Segui com Arthur até a sala dele, que fez questão de trancar quando entramos e parei bem no centro, sem saber o que esperar. Já podia imaginar o homem me dando tapas na bunda e me deitando sobre a mesa de madeira escura, enquanto arrancava minha roupa? Ou isso era muito coisa de filme?

— A pessoa que a trouxe até aqui é a mesma do lance da virgindade, não é? — perguntou ele, simples e direto, fazendo meu coração disparar. — Não se dê ao trabalho de pensar numa desculpa convincente. Você estava há pouco tempo em São Paulo e não tinha tantos contatos assim.

Estava preparadíssima para mentir e jurar por tudo que era mais sagrado, pois seria minha primeira reação ao ser confrontada por algo tão sério. E faria isso mesmo até alguns dias atrás, se fosse preciso. Mas agora, com o que a gente estava começando a viver, minha língua não

conseguiu se mexer para responder Arthur. Uma coisa era omitir o fato, outra bem diferente era mentir na cara dele.

— Nina?

— Não vou dizer o nome da pessoa, é um direito meu, mas sim, é a mesma.

Ele fechou os olhos e apertou o nariz, encostando-se na mesa e ficando em silêncio por uns segundos. Dei alguns passos à frente até me aproximar dele e apoiei as mãos em seus ombros.

— Eu sei que essa pessoa errou em ter me trazido aqui, mas ela não sabia quem eu era, eu fingi que estava procurando trabalho.

— Só me explica como eu posso ficar em paz sabendo que um funcionário meu tentou comer você — pediu Arthur ao reabrir os olhos e me encarar muito sério. — Vou tratar todo mundo com desconfiança a partir de agora e, obviamente, não a quero aqui tendo contato com esse filho da puta.

Por que homens eram tão territoriais e não conseguiam entender que não tinham direito algum sobre a gente? Quis dar um tapa no rostinho lindo do príncipe, mas como eu era louca por ele, só apertei sua boca e sorri.

— *Meus* funcionários — consertei sua frase. — Certo?

Arthur não achou graça como eu achei e apenas me encarou, sem esboçar nenhuma reação. Respirei fundo e soltei o ar, relaxando os ombros e afastando a mão do rosto dele.

— Eu já perdoei o que aconteceu, príncipe, não quero ficar remoendo isso.

Como se não estivesse escutando uma palavra, Arthur se levantou e foi sentar na cadeira atrás da mesa. Observei enquanto ligava o computador e desisti de fazer aquela cabeça dura entender alguma coisa. Aproveitei que estava entretido com outra coisa e dei uma volta pelo cômodo, reparando melhor em tudo porque na primeira vez em que pisei ali, minha cabeça estava um turbilhão de sentimentos e sensações.

Felipe sempre feliz em todas elas, com o seu sorriso característico, pois ele era a pessoa mais simpática que eu conhecia. Meu irmão era tão lindo, gostava tanto da vida. Passei o dedo por um dos quadros pendurados na parede ao lado da estante, tentando tocar o rosto dele, na foto em que estava ao lado de Arthur, ambos sorrindo e brindando na porta da *Caixa Preta*.

— Francine me disse que ele a contratou — comentei, me virando para Arthur, muito concentrado. — Felipe chegou a ter algum caso com alguma das dançarinas?

O príncipe sorriu sem tirar os olhos do monitor.

— Várias. Estamos falando de Felipe Leão, que não conseguia manter o pau dentro da calça... — Então ele franziu os lábios e levantou os olhos para mim. — Ah, desculpe, Uni...

— Eu sei que ele não era fácil. — Ri, aproximando-me da mesa. — Ele teve alguma coisa com a Francine?

— Não.

— O que você tá fazendo aí, afinal? Jura que me trouxe aqui para ficar trabalhando?

Dei a volta pela mesa e parei ao lado de sua cadeira, observando a tela do computador e notando que havia seis quadradinhos que nada mais eram do que câmeras de segurança. Da *Caixa Preta*, pelo visto.

Foi só então que me dei conta do que Arthur estava fazendo e meu corpo gelou. Ele queria pegar as imagens do dia em que estive aqui e, sim, conseguiria me flagrar chegando na companhia de Miguel. Se eu soubesse que tinham câmeras espalhadas por todo o local, teria tomado mais cuidado, talvez usado uma peruca.

— Pare com isso — pedi, tentando tapar o monitor com minhas duas mãos. — Arthur, não vai fazer nenhuma diferença na sua vida.

— Está brincando, né? — perguntou, parando e levantando o rosto para mim, girando a cadeira. — Eu

estava disposto a relevar que ele foi o responsável por você descobrir a casa. Até concordo que o que aconteceu naquela noite que dançou no palco acabou nos aproximando ainda mais, então, ponto positivo para a merda que ele fez.

— Então, que ótimo, podemos parar de brincar de detetive.

— Mas não posso esquecer da sua imagem no chão do banheiro. Não me peça isso.

Sentei-me de frente no colo de Arthur e segurei o rosto dele em minhas mãos. Sua barba cerrada arranhou meus dedos, eu amava quando ela ficava desse jeito, nem tão curta nem grande demais.

— Eu estava péssima naquele dia, príncipe, de verdade. Mas minha tristeza maior era comigo, estava com raiva de mim, porque nada que aconteceu foi forçado. Ele não é um filho da puta.

— Ele a ludibriou e você caiu, porque é ingênua. — Balancei a cabeça, discordando. — Queria transar com ele?

— Não! — Revirei meus olhos e apertei seus ombros. — Se quisesse, teria feito.

— Então ele não tinha que ter tentado porra nenhuma. Ah, Nina, desculpe, mas eu sou homem e sei como homens pensam. É bem velha essa desculpa dos

dedos. Só não é pior que a famosa “vou colocar só a cabecinha”.

Meu Deus, se Arthur soubesse que Miguel também falou aquilo para mim, aí é que a situação ia ficar mais feia ainda. Torci para minha expressão não ter me denunciado e fingi demência, como se não tivesse conhecimento algum sobre aquela frase.

— O que ele ganharia usando os dedos? Não vejo sentido nisso, sobre ter me ludibriado.

Arthur se calou e o ar sendo expelido pelo seu nariz era o único barulho que ouvíamos dentro daquela sala. Ele tocou meu ombro e deslizou o dedo pela minha pele, enquanto observava meu rosto.

— Você é mesmo inocente — disse, pressionando os lábios. — Vou explicar uma coisa. Quando o homem goza, ele demora algum tempo para ter uma nova ereção, que se chama período refratário. E isso não acontece com a mulher, pois vocês gozam uma, duas, três e tantas outras vezes. A esperança dele era que você gozasse e aumentasse sua excitação até fazê-la perder a cabeça. Vocês ficam muito mais receptivas quando gozam antes da penetração, por isso as preliminares são tão importantes. Você *acha* que ele estava sendo legal, quando na verdade ele só queria tirar o hímen do caminho para no auge do seu

tesão, você deixar de se importar com isso e acabar transando.

Bom, de uma coisa eu estava certa: Arthur tinha conseguido me deixar confusa. Lembrei da vez em que deixei que ele fizesse sexo oral em mim e a sensação depois do orgasmo foi indescritível. Apesar do corpo mole, de querer me deitar um pouquinho, eu também me senti pulsar de expectativa para continuar nossas brincadeiras. Não seria o suficiente para me fazer transar porque ele não entendia a certeza que habitava em mim. Porém, compreendi a questão da excitação extrema e só de lembrar, acabei me excitando agora, de verdade.

— Eu acho que o que importa é que não me sinto mal com o que aconteceu, já superei — falei, voltando à realidade para tentar manter Miguel vivo. — Entendi seu ponto de vista, príncipe, entendi mesmo e concordo que ele pode ter tido segundas intenções, mas ele parou e respeitou minha decisão quando eu disse que não queria mais.

— Isso me deixa muito aliviado, mas ainda não extingue o fato de que tenho conhecimento que sua boceta esteve na boca de alguém que trabalha aqui.

Seria difícil, mas eu o convenceria a desistir de saber quem era, nada que um beijo de tirar o fôlego não resolvesse. E eu estava quase lá, até comecei a rebolar no

colo de Arthur, quando vi movimento num dos quadradinhos das câmeras e congelei. Miguel estava chegando na *Caixa Preta* e puta que pariu, ele precisava mesmo ter ido tão cedo? A porra do lugar não abrir só às dez horas?

Arthur acompanhou meu olhar e encarou o monitor, e mesmo que Francine não tivesse interceptado o *barman* enquanto gesticulava que nem louca e apontava na direção do corredor, o príncipe já teria sacado tudo só com a minha reação. Eu não consegui desgrudar os olhos da tela porque estava chocada com a droga do azar que tínhamos.

Quando senti meu rosto queimar com a atenção de Arthur totalmente desviada para mim, pressionei meus lábios, nervosa, e olhei para ele.

— Miguel, né? — murmurou. — Agora entendo o nervosismo dele naquela noite.

— Príncipe...

Ele me deu um selinho e me tirou de seu colo com agilidade, mas segurei firme em sua mão e não o deixei sair do escritório.

— Não faça nada, por favor — implorei.

— Só quero falar com ele, Nina. — Seus olhos diziam outra coisa e não consegui evitar que saísse pois ele era muito mais forte que eu.

Corri atrás de Arthur pelo corredor e quando alcancei o salão, Miguel e Francine olhavam na nossa direção. O *barman* cometeu o erro de olhar muito para mim antes de sequer encarar o patrão e esse detalhe com certeza não passou despercebido por Arthur. O que eu faria no lugar de Miguel? Jogaria minha bolsa para o alto e sairia correndo. O que Miguel fez? Empinou o queixo e deu um passo à frente. Homens e suas idiotices.

— Sinto...

— Ele nem terminou de falar, pois o punho do príncipe violento se chocou contra seu nariz e o barman cambaleou para trás. Francine correu para perto dos dois e eu puxei Arthur pela camisa.

— Pare com isso! — gritei.

— Filho da puta! — Ele avançou de novo contra Miguel, mas este já tinha se recuperado do susto e se defendeu, abaixando-se para desviar do próximo soco. — Ela não tem malícia, seu babaca! É fácil se aproveitar assim!

— Arthur! — gritei de novo, segurando o braço dele e agradecida por Miguel não estar revidando, mas o coitado apanhou de novo, dessa vez no queixo. — Pelo amor de Deus, para!

Francine não sabia o que fazer, olhava de mim para Arthur e para Miguel, porque nem devia estar

compreendendo o que estava acontecendo. Afinal, para ela, o *barman* era apenas alguém que tinha me levado até lá.

No desespero para que aquela loucura não ficasse ainda pior, porque Miguel não ia ficar apanhando por muito tempo sem revidar, eu passei por baixo do braço do príncipe e me enfiei no espaço apertado e confuso entre os dois, quando Arthur já estava levantando o punho de novo. Ele arregalou os olhos e recuou a mão, assustado.

— Pare — pedi sem gritar, tocando seu peito e tentando afastá-lo. — Vamos embora?

— Eu já pedi desculpas e Marina sabe o quanto me arrependi pelo que fiz — disse Miguel, recuando até se encostar no bar. — Sei que errei.

— O que aconteceu, afinal? — perguntou Francine.

Arthur olhou para ela, respirou fundo e apontou o dedo na direção do outro.

— Aconteceu que esse filho da puta que quero matar, tentou tirar a virgindade de Marina.

Bom, ainda bem que a *Caixa Preta* estava vazia, não é mesmo? Já que ele ficaria anunciando por aí, que fosse pelo menos só para a loira. E por falar nela, a gerente ficou bem surpresa e olhou boquiaberta para Miguel.

— Nós já resolvemos isso, ele pediu desculpas e eu aceitei — eu me meti na conversa. — Passou, acabou,

ponto final.

— Está demitido — Arthur anunciou e Miguel assentiu, como se já esperasse por isso.

— Não está não! — intervi naquela idiotice. — Ele não tem culpa de não saber quem eu era. Eu o conheci numa boate e quando descobri que ele trabalhava aqui e que você era o dono, fui atrás dele.

— Então ele anuncia isso para todo mundo? — Arthur sorriu. — Demitido por justa causa.

— Pare. — Dei um tapinha no braço dele. — É sério, não quero ninguém sendo demitido.

— E você acha mesmo que vou ficar olhando para ele depois do que aconteceu entre vocês?

Ao nosso lado, Francine pigarreou forte e nos chamou a atenção. Ela estava de braços cruzados e os lábios franzidos, enquanto encarava os próprios pés.

— Adoro você, Arthur, mas eu tenho gratidão eterna por Felipe e vou defender a irmã dele — declarou, arqueando uma sobrancelha. — Se você não pode olhar para Miguel, então ela não pode olhar para mim. Certo?

Passei alguns segundos encarando Francine, olhando diretamente para os lábios pintados de vermelho, porque não tinha entendido o ponto de vista que ela tentava apresentar. Até que vi pelo canto do olho o próprio

Arthur virar o corpo na direção da mulher e apoiar as mãos nos quadris, inclinando a cabeça para o lado.

Não.

Não podia ser. Podia? Senti os meus dedos das mãos ficarem gelados com a possibilidade de ter entendido algo errado. Eu me odiaria se fizesse a pergunta que precisava fazer e fosse taxada como a maluca da parada.

— Hm... — pigarreei e Arthur virou o rosto para mim. — Por acaso, vocês dois...

— Uma vez só — confirmou ela, afrontosa olhando firme para ele e depois me encarou. — Apenas uma vez e foi um momento bem avulso, fique tranquila.

Eu não sei se preferia ser cega, surda ou se o melhor a fazer era apenas fingir um desmaio e esperar pela ambulância.



Capítulo 44

Arthur

Precisei me sentar porque estava passando mal de verdade. Ou pelo menos era o que parecia. Inspirei profundamente e expirei, sentindo meus batimentos cardíacos à flor da pele, quase que literalmente. Sentia minha veia no pescoço pulsar bem forte enquanto observava Marina sem reação diante da resposta de Francine, a quem eu queria matar.

— Arthur, você está bem? — a loira perguntou, se aproximando, mas já estiquei o braço.

— Estou ótimo.

— Jura que vocês dois já transaram?

Meu Deus, Marina queria que desenhasse para ela? Achei que depois da resposta da gerente, ela não teria mais nenhuma dúvida. Quando se virou para me olhar, enxerguei a mágoa que tentava camuflar com a raiva.

— Mas quanta hipocrisia, não é mesmo? — Cruzou os braços e estufou o peito diante de mim. — Se eu fosse

agir igual a você, então teria que enfiar a porrada na Francine, né?

Não ousei olhar para a loira naquele momento, mas pude reparar pela minha visão periférica quando ela se afastou de perto da gente e nos deixou a sós. Pressionei minha nuca e abaixei a cabeça, sem saber como resolver aquela situação. Transei com Francine quando nem cogitava beijar Marina, quem dirá ter algum tipo de relação mais íntima com ela, mas se me explicasse dessa forma, sabia que a chatearia ainda mais.

— Por que não conversamos em casa?

Marina estreitou os olhos para mim e me deu as costas. Acompanhei seus passos até que se aproximou de Miguel e tocou o rosto dele onde estava sangrando. Não cheguei a quebrar o nariz do filho da puta, mas talvez tivesse feito algum estrago. O que eu achava ótimo, por sinal.

— Quer ir ao hospital? — Ouvi Nina perguntar e precisei respirar fundo porque sabia que estava me provocando.

— Estou bem — respondeu ele. — Só preciso saber se serei demitido ou não.

— Não! — ela insistiu. — Porque se eu posso lidar com a Francine, Arthur pode lidar com você.

Marina olhou mais uma vez para a gerente, passou a mão na bolsa que tinha largado perto do bar e saiu do salão, obrigando-me a ir atrás dela. Ao passar por Francine, apontei meu dedo para ela, que parecia atônita com tudo que estava acontecendo.

— Perdeu muitos pontos agora — falei. — Você acha que fez um favor para Marina, mas não sabe dos problemas dela.

— Problemas?

Não me dei ao trabalho de responder porque minha raiva me queimava internamente por não poder descontar em ninguém. Alcancei Nina parada diante do elevador no *Sky Bar*, com o rosto voltado para cima, observando os números dos andares mudarem. Esperei por mais alguns minutos até que estivéssemos do lado de dentro e sozinhos graças ao horário, e quando entramos, a postural corporal de Marina já demonstrava que ela me daria trabalho.

— Francine foi a única pessoa em toda a história da *Caixa Preta*, com quem eu transei — expliquei, olhando para ela, mesmo que seu rosto estivesse virado para o painel do elevador. — Nunca nem senti atração física por ela, foi tudo uma coisa de momento, porque estava precisando muito fazer sexo.

— Você acha que falando isso vai fazer eu me sentir menos idiota?

— Não posso mudar meu passado, Uni... Infelizmente, isso é algo com o qual precisa conviver.

— Igual você convive com o meu? — Ela finalmente me olhou e, pelo menos, não estava chorando, mas sentia que queria me bater. — Porque você foi mesmo muito compreensivo com o Miguel.

— Não tinha como comparar um com o outro, porque o que aconteceu entre mim e Francine foi tudo completamente consensual, entre duas pessoas com vidas sexuais ativas, sem dúvidas ou arrependimentos. Está bem longe de ser o seu caso.

Saímos do elevador e caminhamos até o carro sem falarmos mais nada já que ela estava tentando me ignorar. Eu me arrependia de ter batido no filho da puta? Com certeza não. Meu único arrependimento era não ter contado sobre Francine antes.

Marina era geniosa quando queria e por isso passou o caminho todo de boca fechada, mesmo quando tentei puxar assunto. Entrei na garagem sem acreditar no quanto aquele sábado tinha dado errado, pois a ideia era passar uma tarde bacana com ela, conhecer um pouco dos dois estabelecimentos e depois a convidaria para irmos ao

cinema, porque tinha tempo que não a via fazer um programa que gostasse.

— Só para ter certeza, me responda... — pedi, assim que entramos em casa. — Você não quer conversar?

— Eu já entendi o que você tem pra dizer — respondeu ao abrir a geladeira e pegar uma garrafa de água. — Toda aquela história de passado, de ser livre e blablabla. Tudo bem, eu aceito isso, passei a vida toda testemunhando a sua vida sexual mesmo. Só que você *podia* ter me contado.

— Podia e não fiz, eu sei. Essa é a parte onde me desculpo.

— Aceitas, mas isso não diminui minha chateação.

Marina devolveu a garrafa à geladeira, pegou o copo cheio e passou por mim. Sabia que ia para o quarto, sabia que fecharia a porta na minha cara, mas mesmo assim, acompanhei-a caso mudasse de ideia.

— Quero ficar um pouco sozinha — disse ela.

Coloquei meu pé para impedir que fechasse e segurei sua mão puxando-a para perto de mim e tocando sua cintura. Nina não me olhou nos olhos, mas abaixei meu rosto para beijá-la na bochecha.

— Você tem todo o direito de se incomodar assim como fiquei incomodado com Miguel, mas isso não pode ficar entre nós, se você quer que exista um “nós”. Não fui

um homem santo, tive várias mulheres e algumas podem vir a esbarrar em nosso caminho, é preciso aprender a lidar com isso e não ficar com ódio de mim. O meu problema com Miguel não foi você ter ido para a cama com ele, foi a forma como tudo aconteceu e o mal que ele a causou. Mesmo que diga que agora está tudo bem, Uni, foi um dos piores momentos da minha vida ver você sofrendo no chão do banheiro. Estar bem agora não apaga o que você sofreu por algumas horas.

— Não imaginava que tivesse causado mal a você — murmurou ela, levantando os olhos para mim e finalmente me dando atenção.

— Não se sentiria assim se fosse ao contrário?

— Sim, mas... — Ela pressionou os lábios e mexeu os dedos entre os meus. — Foi por sua causa que eu parei de remoer o assunto... Você tratou a situação com tranquilidade.

Puxei Marina e segurei seu rosto, dando um beijo em sua testa como fazia há tantos anos. Percebi que tinha deixado o gesto para trás desde que o substituí pelos selinhos e isso não era certo.

— Quando estiver com problemas, eu sempre passarei por cima dos meus próprios sentimentos para cuidar de você — declarei. — Nunca duvide disso.

Marina apertou meus braços e se esticou para me beijar na boca. Apertei os lábios dela entre os meus e a abracei. Ficamos daquele jeito por alguns segundos, imóveis e calados, provavelmente pensando nas coisas ruins que fizemos um ao outro.

— Sinto muito por ter agido daquela forma — ela sussurrou, olhando para mim. — Sei que também queria esconder o Miguel.

— Vou ser muito sincero, não me sinto nem um pouco à vontade com ele lá. Mas como não poderia demiti-lo sem demitir também a Francine, vou deixar para ir à *Caixa Preta* um pouco mais cedo ou aos domingos, que ele não trabalha.

Não seria nada fácil, pois eu duvidava muito que o *barman* não sentisse mais tesão por Marina. Ele a teve por uma noite e de forma incompleta, com certeza achava que conseguiria uma segunda chance, não é à toa que se expôs e a levou até o estabelecimento. Ter a ciência de que ali dentro havia alguém que já sentira o gosto do meu unicórnio e poderia olhá-la com desejo a qualquer momento, era o que me tirava do sério.

Respirei fundo, tentando deixar esse assunto para trás ou trazê-lo à tona daqui a algum tempo, quando a relação frágil que ainda estávamos construindo já estivesse mais consolidada. E pensar nisso me deixou horrorizado.

Eu estava realmente me visualizando numa relação com Marina.

— O que acha de ir ao cinema? — perguntei, pois ainda dava tempo de salvarmos o sábado.

— Vamos andar de mãos dadas igual casal e sentar em poltronas sem o braço no meio para darmos amassos em público?

Tentei me lembrar há quanto tempo eu não fazia tudo isso que ela acabara de narrar e gargalhei. A última vez que passei a mão boba entre as pernas de uma garota dentro do cinema tinha sido no auge dos meus vinte e poucos anos, quando usava toda e qualquer oportunidade para praticar uma boa sacanagem. Por que a gente envelhece e vai fazendo tudo tão no automático?

— Prometo tentar realizar as suas fantasias — brinquei, alisando o cabelo dela. — Mas temos que procurar uma sessão mais vazia porque tenho um certo nome a zelar, não posso ser preso por atentado ao pudor.

— Vou escovar os dentes.

Marina me deu um selinho e correu para o banheiro. Eu podia ter ido esperar na sala, mas minha preocupação foi maior e continuei parado no mesmo lugar, pois de onde estava ouviria qualquer som diferente se ela tentasse provocar vômito. Pretendia tirar a tarde de domingo para

sentar com ela e organizar quais médicos ela procuraria primeiro. Estava mais ansioso do que a própria paciente.

Sorri quando Nina voltou dentro de um tempo aceitável para o que ela foi fazer. Entrelaçamos nossos dedos e saímos de casa, o percurso todo dentro do carro até o shopping com um clima totalmente diferente de minutos antes.

— Posso fazer uma pergunta? — Ela se virou para mim, com uma expressão curiosa.

— Claro.

— Eu ouvi a conversa que você teve com Francine naquele dia, sobre estarem procurando uma nova dançarina. O que exatamente você quer, afinal?

Achei até que tinha demorado muito para que ela puxasse o assunto, visto que tinha escutado tudo e eu não tinha sido nada delicado em minhas palavras.

— Quando você vai a um lugar como a *Caixa Preta*, você espera encontrar um padrão de mulheres — falei, apoiando minha mão sobre sua coxa e a pegando de surpresa. Alisei o *jeans* quando ela sorriu e pisquei. — O mesmo vale para o estilo de *shows* que acontecem. Você não teve oportunidade de assistir a nenhum, mas é basicamente aquela coisa de música lenta e sensual, e uma dança igual todo mundo faz.

— Se fosse ruim, o lugar não daria lucro.

— Não estou dizendo que seja ruim, claro que não. Homem lida com estímulos visuais e uma mulher seminua rebolando a bunda no palco já é suficiente para alimentar o tesão. A questão é que estou querendo inovar. A sua dança foi totalmente fora do comum, o público ficou enlouquecido.

Não percebi que estava dando munição ao unicórnio safado até que Marina começou a dançar sentada, mas não o tipo de coreografia que tinha feito na *Caixa Preta*. Agora ela só estava mesmo colocando as mãos no joelho e balançando a bunda como se dançasse *funk*.

— Vou fazer umas dancinhas particulares pra você, príncipe — disse ela. — Possuo uma seleção espetacular de trilhas sonoras.

— Imagino.

Graças a Deus eu tinha escolhido um shopping a menos de vinte minutos de carro, pois Marina resolvera sintonizar o som numa rádio que só tocava aquele gênero musical favorito dela e lá pela terceira música eu já começava a me arrepender de ter saído de casa.

Escolhemos um filme nacional de comédia que ela disse que estava querendo assistir e compramos combo de pipoca e refrigerante daqueles de dez litros.

— Tá um pouco cheio — ela sussurrou em meu ouvido, quando já estávamos sentados na última fileira. —

Não sei se vai dar pra você brincar com a bacurinha.

Quase me engasguei com a pipoca e apertei a perna dela. Havia um outro casal sentado duas poltronas para a direita e três garotas que tomaram conta dos lugares na ponta da fileira.

— Você percebeu que está usando uma calça embalada à vácuo? — perguntei, rindo e beijando seu ombro nu. — Não achei que estivesse levando essa ideia a sério.

Ela franziu os lábios e encarou sua região íntima como se ponderasse a questão. As luzes começaram a diminuir até se apagarem por completo quando os trailers iniciaram. Não teria mão boba entre as pernas, mas passei meu braço sobre os ombros finos e a puxei para encostar em mim. Afastei os cabelos de sua orelha e a beijei ali, assoprando contra sua pele e fazendo-a estremecer.

— Linda.

Marina mordeu o lábio e me olhou de esguelha, me surpreendendo ao pousar a mão sobre meu pau. Seu toque delicado que não tinha nada de inocente me fez respirar fundo e me preparar para uma tortura psicológica durante quase duas horas.



Capítulo 45

Arthur

Devia ser um domingo normal, aquele dia chato e monótono de sempre, mas nada na minha vida podia ser considerado tedioso desde que Marina passou a habitar este apartamento. Tinha dado um pulo no mercado e deixei o unicórnio em casa pegando o pouco de sol que conseguia se sobressair no céu cinzento de São Paulo. Quando voltei, por volta de umas cinco da tarde, encontrei uma cena bastante inusitada.

A varanda fechada e as cortinas estendidas, deixando a sala mergulhada na penumbra já que a única luz acesa era a decoração em LED na parede atrás da televisão. Tive tempo só de acender a luz da cozinha e colocar as sacolas de compras sobre a bancada, quando ouvi Marina gritar:

— Príncipe, feche os olhos! Rápido!

Obedeci assim que uma música começou a tocar no *bluetooth* do meu sistema de som, e eu a conhecia bem

porque tocava bastante na Caixa Preta. Era *“Earned It”*, tinha ganhado fama ao virar trilha sonora de um filme muito famoso e seu ritmo era ótimo para números de *strip-tease*. Quando ela mandou que eu abrisse os olhos, encontrei-a deitada de lado num espaço amplo da sala, entre o sofá e a cozinha. Estava só de *lingerie*, preta, com rendas e muita transparência, extremamente provocante, e sobre um salto altíssimo que alongava suas pernas delineadas.

Uma de suas mãos bateu forte no chão e sua perna contrária foi levemente inclinada para o alto, então ela se esticou totalmente contra o piso, de bruços, e em seguida empinou apenas a bunda para o alto. *Misericórdia divina*, precisei me recostar à bancada.

Sua bunda balançou algumas vezes exatamente junto com as batidas impactantes da música, até que ela girou no chão e se sentou, jogando a cabeça para trás e os cabelos escuros balançando ao redor do corpo. Meu pau já estava duro com muita facilidade, por isso, desisti de acompanhar de longe e me aproximei, ficando de pé diante dela.

Nina se ajoelhou e ondulou o corpo, sempre utilizando muitos movimentos com os quadris, a artilharia pesada que ela possuía. Então, com mais alguns movimentos ela engatinhou de costas para mim, como uma

gata, mostrando aquele rabo lindo no fio-dental que eu queria arrancar com os dentes.

Quando se levantou, de um jeito todo sensual, jogando os quadris para trás até erguer totalmente o tronco, precisei reprimir um gemido. Não que eu fosse tão descontrolado a ponto de não aguentar ver uma mulher dançando para mim. Pelo contrário, justamente por causa do costume com a Caixa Preta, era muito difícil eu me afetar tanto. Mas Marina conseguia esse feito.

A lembrança dela em meus braços, o gosto na ponta da minha língua e todo esse estímulo visual inacreditável fazia meu pau pulsar dentro da calça. Nina deu dois passos sincronizados na minha direção e parou a menos de vinte centímetros de distância; pude sentir sua respiração ofegante alcançar minha boca. Ela agarrou os cabelos, jogando a cabeça para trás e os quadris para o lado, e então se agachou sobre os saltos, ficando com o rosto praticamente na altura do meu pau. Deu um giro sem sair do lugar e apoiou as mãos no chão, ficando de quatro.

A adrenalina tinha invadido meu corpo enquanto aquela dança acontecia, porque era algo muito inesperado para mim. Sabia que ontem Nina tinha brincado sobre dançar e tudo mais, porém, não achei que ela fosse interpretar literalmente. Estava sendo muito difícil manter minha sanidade com ela sem poder ir para a cama e fazer

tudo que eu gostaria. Não sei por quanto tempo mais eu aguentaria sem enlouquecer.

Marina voltou a ficar ajoelhada e fez movimentos sensuais — e sexuais também porque era quase a interpretação de uma transa — e mais uma vez ela se deitou de bruços, jogando a bunda para o alto. Só com aquele fio-dental eu conseguia visualizar perfeitamente o unicórnio na cama, naquela posição, enquanto eu chegava por trás e roçava meu pau entre suas pernas.

Ela rolou e se virou de frente, replicando o movimento com os quadris para o alto. Abaixa, levanta, abaixa de novo, gira para outro lado, levanta, rebola. Será que ela ficaria chateada se eu estragasse a brincadeira e a agarrasse logo de uma vez? Ela finalmente me tocou quando rodeou meu corpo e parou em minhas costas, descendo as mãos pelos meus ombros e alcançando meu peito muito devagar.

Desisti de ser paciente e toquei seus dedos, deslizando minhas mãos pelos braços finos e segurando um deles com firmeza, para puxá-la para mim. Eu me virei e o corpo delicado se chocou contra meu peito. Toquei o cabelo em seu rosto e o joguei para trás com meus dedos, enquanto ela me encarava ofegante.

— Gostosa pra caralho.

Um sorriso estava se formando em seu rosto quando cobri sua boca com a minha, agarrando o pescoço dela com minhas mãos para impedir que fugisse de mim. A música de qualquer forma parecia chegar ao final e para não perder mais tempo, deslizei minhas mãos por seu corpo, até suas costas, pegando a bunda toda para mim e explorando cada pedaço dela. Então cruzei meus braços por baixo das nádegas e a levantei no colo.

— Me leve para o quarto, príncipe — pediu ela, rindo e agarrando meus cabelos.

Beijei sua clavícula e lambi a pele macia, cheirosa, com o gosto de Marina. Queria chupar seus seios, sua boceta, queria tudo, mas respirei fundo, ciente do que acontecia dentro da minha calça.

Caminhei com ela até minha suíte, sem conseguir deixar de encarar os olhos marcantes e escuros. Minha pele se arrepiou quando Nina roçou as unhas em minha nuca antes que eu a colocasse na cama só para me afastar e tirar a roupa.

O monumento sorriu para mim e esfregou a bunda no meu lençol enquanto subia pelo colchão e eu arranquei minha camisa de uma vez. Segurei um de seus pés e passei a mão pelo sapato de salto alto, beijando sua panturrilha e a descalçando lentamente. Repeti o processo

com a outra perna e abri minha calça, terminando de tirar toda a minha roupa.

Subi por cima de Marina até encontrar sua boca, com ela ainda apoiada nos cotovelos e toda a atenção focada em mim.

— Você é o homem mais bonito do mundo — sussurrou ao estremecer quando me curvei para beijar seus seios. — Príncipe...

Eu me ajoelhei ao redor de suas pernas, meu pau completamente duro, implorando por algum contato, mas Marina olhava fixamente em meus olhos quando segurei seu rosto.

— Amo muito, muito, você — declarei. — Tentei separar as coisas e entender essa mudança em mim, mas a verdade é que a amo como minha menina, você sempre será minha garotinha, mas também a amo como minha mulher. Minha pequena mulher.

Ela sorriu e deu uma choradinha básica, não seria Marina se não chorasse, sempre tão sentimental. Seus dedos tocaram meu abdômen sem que desviasse os olhos dos meus, parecia nervosa e ansiosa, e quando segurou meu pau, notei os dedos trêmulos. Beijeí sua boca e grudei nossas testas.

— Quer o mesmo que eu? — perguntei, vendo-a balançar a cabeça. — É importante que você tenha

certeza, Nina.

Ela se jogou para trás e puxou meu pescoço junto, me fazendo cair sobre seu corpo e capturando minha boca. Suas pernas se afastaram para acomodar minha ereção e me esfreguei nelas, deixando que sentisse o que causava em mim.

— Nunca tive tanta certeza de algo na vida — murmurou sem largar meu pescoço. — Acho que esperei por isso desde... sempre.

Eu me desvencilhei de suas mãos e descí meu rosto até seus seios, trilhando um caminho de beijos delicados em sua pele e abaixei devagar as alças finas do sutiã. Lambi a carne macia presa pelos bojos e deixei que minha língua tentasse ultrapassar sozinha o tecido para explorar o que havia por baixo dele.

— Quero que o tire para mim — falei e continuei minha descida pelo seu corpo, beijando a barriga lisa e observando os gestos de Marina. — Ouviu?

Ela assentiu, surpresa, e se curvou levemente para abrir o fecho e puxar o sutiã pelos braços. Sorri por sua obediência e fui encontrar com meus gêmeos favoritos, dando um selinho em cada mamilo enrijecido. Deitei minha cabeça sobre eles e enfiei o nariz no vão, massageando-os com meu rosto e deixando que minha barba roçasse nos biquinhos duros. Marina mexeu em meus cabelos,

estremecendo cada vez que eu raspava propositalmente sobre cada um deles. Toquei em sua barriga e explorei seu corpo com meus dedos, até alcançar a calcinha de tecido delicado. A palma da minha mão fez contato com sua umidade que passava pela renda e a esfreguei devagar, para cima e para baixo, arrancando um gemido de Nina.

— Como é o seu ciclo menstrual? — perguntei, mas ela me encarou como se estivesse falando grego num momento impróprio. — Quando foi sua última menstruação, Nina?

— Há quase um mês... — Então arregalou os olhos. — Ah, meu Deus, espero que não venha hoje. É muito azar.

Ri da expressão de pavor em seu rosto e a beijei, sem interromper o contato de minha mão em sua calcinha.

— Acha que vem essa semana?

— Tô falando sério, acho que vem hoje — murmurou de um jeito que parecia estar me revelando um segredo.

Beijei sua testa e me afastei dela, levantando-me da cama e indo primeiro até o banheiro lavar minhas mãos pois não fiz isso quando cheguei em casa. Depois, fui até o escritório com um pouquinho de pressa. Abri minha pasta sobre a mesa e peguei o envelope branco, voltando ao quarto e me ajoelhando ao lado de Marina. Estendi o papel para ela, que o pegou de minhas mãos sem entender nada.

— Isso é algo que tenho costume de renovar com frequência, o último exame eu fiz há três meses, mas quis realizar outro de novo.

— O que exatamente eu estou vendo? — perguntou ela, franzindo o nariz e repassando as folhas grampeadas.

Gargalhei porque aqui estava eu com meu discurso e Marina nem sabia sobre o que estava falando. Curvei-me sobre seu corpo e passei até a folha principal, que mais importava naquele momento.

— Meus resultados para as doenças sexualmente transmissíveis — indiquei com o dedo. — Estou limpo para você. Está tomando o anticoncepcional certinho?

De olhos arregalados, ela sorriu ao balançar a cabeça.

— Todo dia na hora do almoço.

Segurei sua nuca e dei um selinho nela, ansioso por tudo que viveríamos ali.

— Posso usar a camisinha sem nenhum problema, Uni — avisei, tocando sua testa com a minha. — Sempre uso, não vejo mal nisso. Só fiz o exame porque você comentou sobre a ideia e quis que soubesse disso, que de agora em diante, não pode haver ninguém entre nós. Se eu a fizer *minha*, você vai ter que aguentar este coroa na sua vida.

— Príncipe, você fala muito! — Ela riu, mordendo meu lábio e virando o rosto de lado com o sorriso bobo. — Tô esperando ansiosa pelo serviço completo.

Filha da mãe provocadora! Montei sobre seus quadris e belisquei um de seus mamilos até que soltasse um gritinho gostoso.

— Sua sorte, Marina, é que você é parcialmente virgem. Porque se não fosse, ia levar uma surra tão grande de pau, que voltaria correndo para o Rio de Janeiro. Arregaçada.

Ela teve uma crise de riso e jogou os quadris para o alto, provocante. Enxerguei naquele rosto as coisas que mais amava nela; seu jeito doce, meigo, o fogo no rabo e a timidez que pincelava suas nuances.

Caí novamente de boca em seus seios e a chubei devagar, sem nenhuma pressa pelo prêmio principal da noite. Não seria nada fácil penetrá-la pela primeira vez, eu era muito largo e ela muito pequena, então a queria o mais relaxada possível antes que chegássemos a esse momento.

Brinquei com um biquinho entre os dentes, roçando de leve e arrancando alguns gemidos, enquanto enroscava os dedos nos meus cabelos. Balancei o mamilo com minha língua antes de voltar a chupá-lo e dei atenção ao outro,

sem interromper o contato com nenhum dos dois, usando minhas mãos e boca.

— Vou derreter...

— Essa é a intenção — respondi, olhando-a e tocando seu rosto.

Passei meu polegar por seus lábios e o deslizei levemente por entre eles, voltando ao meu trabalho com os seios. Marina entendeu o que eu queria e passou a ponta da língua pelo meu dedo, mordiscando-o de leve. Suspirei com a sensação gostosa do arrepio que me acometeu com a saliva quente em minha pele. Meu pênis nunca sofreu tanto na vida, tão perto e tão longe de ser agraciado com um cantinho quente.

Desci minha boca por sua barriga, lambendo devagar toda a região ao redor do umbigo pequeno e distribuindo beijos pelo caminho que me levava até o fruto proibido. Enrosquei meus dedos nas tiras laterais da calcinha e abaixei devagar, ansioso para ser novamente agraciado com a visão de sua linda boceta.

Marina se contorceu enquanto eu a torturava, respirando pesado na direção de sua intimidade, com lábios tão delicados que já estava aberta para mim. Assoprei sobre o clitóris e aproximei minha boca aberta o máximo possível sem encostar nele, apenas para puxar o ar e soltar meu hálito sobre o pontinho sensível. Nina

gemeu e terminei de tirar sua calcinha, ajoelhando-me entre suas pernas e dobrando seus joelhos. Posicionei seus pés bem afastados, apoiados no colchão, e voltei a me deitar, encarando a bacurinha em posição privilegiada.

— Tô com vergonha...

— Sei disso — respondi, dando um beijo na boceta.

— Quero que relaxe, mas se quiser parar, a gente para.

— Só pode ter ficado louco... — ela resmungou e eu ri, querendo dar uns tapas em sua bunda.

Aquele pedaço de carne macia brilhava de tanta lubrificação e como era abertinha, eu conseguia ver os pequenos lábios internos escorrendo, sua entrada praticamente inexplorada acumulando o líquido ali, transbordando lentamente sem que eu nem precisasse tocá-la. Coloquei apenas a ponta da língua e aspirei seu cheiro inebriante, subindo-a até encontrar seu clitóris. Nina gemeu e mexeu os quadris, então apoiei minhas mãos em sua virilha para mantê-la parada.

Olhando para ela, coloquei o clitóris na boca e chupei devagar, sem pressa, para que experimentasse todas as sensações. Lambi cada curva da sua pequena boceta, brinquei com minha língua nos pontos mais escondidos e rocei meu nariz em sua extensão, sendo consumido por um tesão inexplicável. Queria poder enfiar minha língua inteira dentro dela e sentir me apertar como faria com meu pau.

Testei sua entrada, tão apertada, e coloquei a pontinha para dentro.

— Ai meu senhor... — Nina não parava de gemer gostoso.

Agitei minha língua na abertura da vagina enquanto esfregava meu nariz em seu clitóris. Seus músculos se contraíam devagar, acompanhando meu ritmo, e puxei suas pernas para ter mais abertura, para enfiar mais minha língua naquela passagem estreita. Empurrei a ponta para cima, raspando no início daquela região enervada, sentindo o corpo de Marina se descontrolar. Meu polegar procurou por seu clitóris e percebi que começava a me apertar.

Parecia um louco tentando tomar o máximo daquela boceta deliciosa e quando seu orgasmo chegou, afastei minha boca e enfiei o dedo do meio dentro dela, sentindo como era apertada e como me espremia dentro de si. Ela gemia baixinho com os olhos fechados, esfregando as pernas no lençol, enquanto eu puxava e enfiava meu dedo, prolongando a sensação boa do orgasmo.

Voltei a lambar sua pele, e substituí o dedo pela língua para lambar seu gozo. Esfreguei meu rosto ali e deixei que minha barba arrancasse alguns gritinhos de Nina, que tentou fechar as pernas. Ajoelhei-me e puxei um travesseiro, colocando-o sob seus quadris e puxando suas pernas até aproximá-la bastante de mim. Ela ainda sofria

alguns espasmos musculares mais tardios enquanto eu segurava meu pau completamente babado e deslizava a glande por sua virilha.

Nina se apoiou nos cotovelos e levantou a cabeça para tentar observar os meus movimentos, e senti ainda mais tesão ao ver seu rosto, a expressão satisfeita de quem tinha gozado deliciosamente. Pisquei para ela e passei meu pau rapidamente em cima do clitóris, deslizando-o pela boceta aberta para mim.

— Ele é muito grande pra ela... — murmurou e eu não tinha como negar. Ainda estava tentando descobrir como faria aquilo sem machucá-la.

— Quer parar? Está com medo?

Marina negou e sorriu. Que bom, pois eu estava morrendo de medo. Minha pouquíssima experiência com virgens me fazia temer não conseguir me controlar uma vez que estivesse dentro dela. Não podia simplesmente sair metendo em Nina como eu costumava fazer com mulheres experientes. Eu curtia um sexo forte e estava totalmente fora do meu *habitat*.

Continuei brincando com meu pau na boceta pequena, degustando da visão que era seus lábios externos, levemente avermelhados pela minha barba, abrindo-se mais à medida que eu esfregava minha glande por eles. Deitei-me sobre meu unicórnio e beijei sua boca,

tirando sua atenção do que estava para acontecer. Quanto mais ela pensasse nisso, mais ansiosa ficaria e seria pior.

— Talvez eu esteja mais apaixonado pela bacurinha do que por você — brinquei. — Tem problema?

Ela riu, fechando os olhos e balançando a cabeça. Mexi meus quadris para esfregar meu pau em sua umidade, curtindo aquele momento que seria único para nós dois.

— Quando eu começar a enfiar meu pau em você, mesmo que doa, guarde essa lembrança e as sensações que vai viver agora. — Beijei sua testa. — Essa é a sua primeira vez.

— Você fala umas coisas muito depravadas de vez em quando — murmurou, sorrindo.

— Não falei nada depravado até agora — respondi, dando um selinho nela. — Se me der autorização, posso começar com meu repertório. Só tenho medo que saia correndo e se enfie embaixo da cama.

Nina apertou os olhos com as bochechas vermelhas. Toquei nelas, sentindo sua pele quente.

— Como você está aqui? — Deslizei meu braço entre nossos corpos e alcancei a boceta melada e deliciosa. Pressionei minha palma da mão contra ela, delicadamente, e Nina gemeu. — Seu clitóris está muito sensível?

— Um pouco.

Beijei seu pescoço, roçando a ponta da minha língua pelo contorno de sua orelha, arrepiando o corpo dela. Precisava dar outros tipos de estímulos para seguir com a penetração de forma que voltasse a excitá-la. Arrastei meu corpo por suas curvas e chupei seus seios com um pouco mais de intensidade dessa vez. Então, afastei-me e segurei sua mão.

— Quero que se vire e me deixe brincar com essa bunda.

Marina arregalou os olhos, mas sorriu e acatou minha ordem. Eu me ajoelhei ao redor de suas pernas, alisando meu pau com carinho enquanto apreciávamos a visão do paraíso. Nunca usei de tanto autocontrole como naquele momento, porque se eu fosse seguir apenas minha vontade, começaria a bater uma punheta o quanto antes, de tanto nervoso que estava passando, louco para gozar. Passei minha glândula pela bunda gostosa e a fiz sumir entre as nádegas, sendo levemente apertado pela contração de Nina. Comê-la de quatro devia ser algo espetacular e já estava ansioso para esse dia.

Meu Deus, Arthur... Olhe o linguajar.

— Você me deixa com muito tesão, Uni. Muito mesmo. Estou louco aqui, doido para me enfiar em você — declarei, desistindo de ser educado.

— Vai logo, príncipe! Eu não quero perder a virgindade com oitenta e quatro anos.

Gargalhei, sem acreditar que ela conseguia falar coisas idiotas até nesse momento. Toquei sua bunda e passei meus dedos pelo seu interior, até alcançar a vagina e estimulá-la um pouco. A safada empinou o rabinho na minha direção e levou um tapa, que foi rapidamente substituído por um beijo.

Ao ouvir seu grito, meu coração acelerou e bati de novo, sem realmente colocar força na mão. Marina pareceu gostar da brincadeira, então eu me abaixei para lambar sua boceta depois de dar o terceiro tapa que a fez estremecer. Chupei seus lábios sem me aproximar do clitóris e os afastei bastante para deixar que a lubrificação escorresse em finos fios até o lençol. Lambi tudo que estava pingando e a pedi para que se virasse de frente novamente.

Deslizei dois dedos para dentro da vagina, espalhando a lubrificação para todos os lados e testei um pouco. Nina sentiu quando os girei dentro dela e fechou os olhos. Sabia que estava nervosa porque sentia que não conseguia relaxar os músculos completamente.

— Não a quero de olhos fechados porque tudo que você sentir será uma surpresa, o que vai fazer com que seu corpo reaja em choque — falei, esfregando meu pau

entre seus pequenos lábios. — Quero que me olhe o tempo todo e trabalhe isso em sua mente. Tente relaxar.

— Você tem uma garrafa pet entre as pernas, como vou relaxar?

— Desistiu da trombeta?

Ela riu e aproveitei aquele momento para encostar a cabeça do meu pau em sua entrada. Pressionei um pouco, a visão da glândula sumindo dentro do mequinho do seu canal era alucinante. Eu o esfreguei ali, colocando e tirando, para brincar com a buceta lisa e linda. Minhas coxas estavam tremendo de tanta ansiedade e necessidade de terminar aquela tortura.

— Quero que me diga sempre de um a dez, o nível de dor, ok Uni?

— Uhum. — Empurrei um pouco, bem superficialmente. — ONZE.

Porra, Marina. Não poderia foder e rir ao mesmo tempo, mas era difícil ficar sério com ela. Tirei meu pau, deslizei-o mais uma vez em movimentos circulares na entrada, e o empurrei de novo. Ela era extremamente pequena e não digo apenas o canal vaginal. Minha glândula cobria praticamente os seus lábios. Era como tentar encaixar objetos de tamanhos e formatos diferentes.

Respirei fundo e centralizei meu pau no início de seu burquinho e me deitei sobre ela, movendo lentamente os

quadris, enquanto me apoiava nos cotovelos.

— Vai doer, é inevitável — avisei, tentando soar delicado.

Beijeí sua boca para distraí-la enquanto empurrava um pouco e ela gemia em meus lábios. Seus dedos me apertaram e seus olhos estavam grudados nos meus, porém, arregalados.

— Sonhou muito com isso, Uni? — perguntei, para não permitir que se concentrasse na dor.

— Uhum...

Empurrei um pouco mais, quase gritando de tanto tesão. Graças a Deus não passei por essa situação muitas outras vezes, porque só mesmo todo o amor que eu sentia por ela impedia de me enterrar de uma só vez. Marina fechou os olhos momentaneamente, mas quando empurrei mais um pouco, ela os abriu.

— Essa parte inicial é ruim porque sua musculatura não está acostumada a se dilatar assim — expliquei, mexendo meus quadris, louco porque nem tinha enfiado a cabeça inteira. — Passar pela abertura é complicado. Vou pressionar um pouco mais forte agora.

Foi a minha vez de fechar os olhos e empurrar até que conseguisse me sentir, pelo menos, parcialmente dentro de Marina. Ela gritou quando me acomodei e saí devagar, depois soltei meu peso sobre seu corpo, porque

meus braços tremiam muito. Deitei a cabeça no vão de seu pescoço enquanto controlava minha respiração, porque não era somente o esforço físico de me segurar; havia muita coisa envolvida naquele momento.

— Entrou tudo? — perguntou, chorosa.

— Nem metade, amor. Vamos aos poucos.

— Aos poucos dói mais...

Beijei seu rosto e a encarei, linda do jeito que era. Encantadora. Ajoelhei-me novamente na cama e afastei bem suas pernas, observando a bocetinha vermelha e inchada, que eu em alguns dias comeria até morrer de exaustão. Voltei a penetrá-la, enfiando devagar com a mão espalmada em seu ventre, e observando sua reação.

— Não me aperte, vai machucar mais assim. Solte os músculos.

Ela obedeceu, mas sabia que era difícil para alguém que nunca transou, conseguir controlar aqueles movimentos. Puxei o ar com força e empurrei mais, arriscando um toque delicado em seu clitóris.

— DEZ. DEZ. DEZ.

— Quer que eu pare?

— Nãooooo...

Puxei meu pau só para enfiá-lo de novo, sempre tentando ir um pouco mais além. A visão da minha largura preenchendo todo o espaço que existia em Marina era

enlouquecedora. Seus pequenos lábios se esfregavam apertado na minha extensão cada vez que eu entrava ou saía de dentro dela. Acreditava que as sensações para Nina, no dia que ela montasse em mim por cima, seriam enlouquecedoras.

Um calafrio percorreu meu corpo inteiro, a vontade enorme de gozar me consumia e meu pau pulsava tanto que chegava a tremer. Segurei firme em sua cintura e empurrei o que consegui, arrancando gritos agudos e me jogando deitado sobre Marina.

Estava sentindo. Tudo. Seu canal estreito me sufocando lá dentro, macio, quente e úmido. Seria tão acolhedor deslizar até o fundo, mas me controlei mais do que sempre. Deitei-me sobre ela quando vi que chorava e segurei seu rosto, permanecendo imóvel com meus quadris.

— Você *tá* dentro de mim, príncipe — disse ela, baixinho, os dedos trêmulos tocando meu rosto. — Parece sonho.

Meus olhos arderam e me movi devagar, encostando meu rosto no dela e sentindo suas lágrimas me molharem. Minha princesa, meu unicórnio mágico, o amor da minha vida toda. Talvez estivéssemos ligados por fios invisíveis há mais tempo do que eu imaginava.

— Está preparada para os três filhos? — perguntei, arriscando mais alguns movimentos, fazendo com que ela risse depois de gemer.

— Aham. Cinco.

Os dedos de Nina enxugaram meus olhos sem que eu me desse conta de que estava chorando. Eu os beijei, recuando meus quadris, puxando suas pernas e a abrindo um pouco mais. Quando a fiz me abraçar com as coxas, segurei seu rosto em minhas mãos e empurrei meu pau com a ajuda de toda aquela lubrificação deliciosa. Marina fechou os olhos enquanto mordia o lábio e gemia.

— Eu a amaria mesmo que não fôssemos compatíveis na cama — murmurei —, mas olha como esse encaixe é gostoso. Sinto cada pedacinho seu e sei que em breve, isso vai ser muito bom para nós dois.

— Mas *tá* doendo muito... — ela choramingou, contraindo-se um pouco. — É normal?

— É sim, eu sou bem largo. — Beijei sua testa e suspirei. — Para você, esse momento é mais simbólico do que prazeroso.

— Pra você também é ruim?

— Pelo contrário... — Sorri. — Estou morto de tesão.

— Quero ver você em ação, príncipe... — murmurou e eu estoquei com delicadeza, provocando-a. — Sem me empalar. Quero que você goze...

Respirei fundo e me apoiei nos cotovelos, encarando seus olhos em expectativa. Ela sorriu e rebolou de forma bastante atrevida, mesmo estando arregaçada.

— Se eu começar a estocar mesmo, não vou conseguir parar. — Revirei os olhos, detestando minhas palavras. — Claro que paro se você quiser, mas tenho medo de arriscar.

— Não vou pedir pra parar — Nina respondeu, alisando meus cabelos. — Prometo, não tô morrendo de dor pra isso. Na verdade, só dói quando você se mexe.

Arqueei minha sobrancelha para ver se ela compreendia o significado do que tinha acabado de dizer e seu corpo tremeu com a risada.

— Eu entendi, príncipe. — Seus dedos apertaram meus lábios. — Mete logo e não reclama, quero dormir sabendo que dei a bacurinha de verdade pra você. Eu vou ficar menstruada e vai ficar uma semana sem me tocar.

O estímulo com aquele discurso safado foi grande e meu pau estremeceu de uma ponta à outra. Decidi não esperar mais e grudei nossos lábios, mexendo meus quadris devagar. Deslizei por dentro de Marina, sentindo-a tão melada para me receber, envolvendo-me em contrações involuntárias e gemidos em minha boca.

Nossas línguas se encontraram e ela quase me mordeu quando tentei ir um pouco mais fundo, querendo

me sentir inteiro dentro daquela boceta, mas me contive e aceitei o que me era dado de bom grado. Estoquei de verdade, entrando e saindo daquela bocetinha apertada e Nina precisou afastar o rosto para gritar. Meus braços foram arranhados enquanto eu a comia em ritmo moderado, passando devagar sempre que esfregava minha glândula pela área do seu ponto G, rebolando um pouco dentro dela para ganhar mais espaço e sentindo suas unhas cravarem em minha pele.

Não demorei muito para gozar porque me sentia no limite. Sabia que Marina não chegaria ao orgasmo com aquela penetração, o incômodo de ser alargada por todo o meu tamanho ainda seria sentido pelas próximas horas e não de um jeito bom. Portanto, não me alonguei e me deixei relaxar o máximo possível para não fazer o sofrimento dela perdurar.

— Meu amor... — gemi, deliciado com o orgasmo que me alcançava. — Que perfeição estar assim com você... Marina...

O sorriso dela era tudo de mais perfeito no mundo, que mexia demais com meu coração. E quando ela o direcionou para mim, desenterrando as unhas do meu braço para alisar minhas costas, eu estremeci de tesão.

— Goza pra mim, príncipe — pediu, baixinho.

— Ah... Nina...

Estoquei um pouco mais fundo, ouvindo sua reclamação e fechei os olhos momentaneamente quando os arrepios me atingiram descontroladamente. Ainda tive tempo de me ajoelhar para poder apreciar a visão que teria, pois retirei rápido o meu pau e deixei o gozo sair em jatos, esfregando minha glândula em seus lábios e sujando toda sua boceta de esperma. Estava vermelhinha e o líquido branco se acumulava em suas curvas, escorrendo lentamente enquanto eu terminava de ejacular.

Marina tentou assistir, apoiada nos cotovelos, toda curiosa, então me estiquei pela cama até alcançar meu celular sobre o criado-mudo. Abri o aplicativo da câmera e bati uma foto deliciosa só da bocetinha gozada, entregando o aparelho para ela.

— Minha nossa senhora virgem maria.

— Virgem, não mais. — Brinquei, deitando-me ao seu lado e beijando seu rosto. — Minha menina linda. Olha para mim. — Nina me encarou, mas sem soltar o celular. — Esse foi o dia mais importante da minha vida.

Ela pulou em cima de mim e me joguei de costas, cansado, esgotado, deixando que montasse em meu corpo e esfregasse a bacurinha melada em minha pele. Se dependesse unicamente do velho Arthur Salazar, eu logo ensinaria um unicórnio a cavalgar.

— Amo você, amo você, amo você — Nina repetiu, me enchendo de beijo no rosto. — Tô meio sem sentir nada entre as pernas, mas é o dia mais feliz da minha vida.

— Está anestesiadinha? — Ri, apertando a bunda gostosa. — Quando passar, vai ficar doloridinha também.

— O melhor anestésico da vida, a seringa do Doutor Salazar — gritou como uma louca, rebolando. — Ainda solta a vacina se apertar bem.

O corpo dela quicou sobre o meu com a gargalhada que não consegui segurar. Dei um tapa na bunda dura e a apertei em meus dedos, fazendo Nina soltar um gemidinho.

— Você não existe — falei, sorrindo que nem um idiota apaixonado. — Gostosa.

— O que você disse? — Ela sorriu, feliz.

— Gostosa. Puramente gostosa. Extremamente gostosa.

Os olhos dela brilharam com as lágrimas que estavam se acumulando nos últimos segundos e antes que chorasse na minha frente, Marina deitou a cabeça no meu peito. Passei meus braços ao redor de seu corpo e deixei minha mente viajar sem pressa, relembrando nosso momento especial.



Capítulo 46

Marina

A gente vê esse tipo de cena nos filmes, nas novelas, nos livros... Mas na vida real nem sempre é tão simples assim. O que eu deveria fazer ou falar depois que o sexo acaba? Será que o certo seria mostrar para Arthur que estava pronta para uma próxima rodada? Ou falar a verdade e avisar que eu sentia como se a trombeta ainda estivesse dentro de mim.

— No que tanto pensa? — perguntou ele, fazendo cafuné. — Quando você fica tempo demais calada sempre há algo preocupante por trás.

Levantei a cabeça e encarei o homem lindo, que ficava mais lindo ainda gozando em mim. O que foi aquele momento que eu nunca superaria, do príncipe urrando igual a um selvagem enquanto se derramava entre minhas pernas. Não pude ver ao vivo, mas senti o quanto escorria pelas minhas coxas e aquilo me deixou bastante excitada. Queria ter guardado a foto que ele tirou, a bacurinha toda

melecada, mas Arthur capturou seu celular e a deletou dizendo que era perigoso.

— Uni?

— Oi. — Sorri e fechei os olhos. — Tem muita coisa acontecendo aqui dentro da caixinha, não me fala perguntas difíceis. A parte que eu mais gostei foi ver o seu orgasmo.

Ele sorriu, deslizando as mãos pelas minhas costas e subindo-as até meus braços, me acariciando do seu jeito carinhoso como sempre era comigo.

— Ver o parceiro gozando sempre é gostoso — disse e puxou o ar, parecendo pensativo, passando a mão na cabeça e sorrindo para mim. — Como as situações mudam... Chupar você e vê-la gozar comigo tem um valor muito maior do que com qualquer outra.

— Concordo. Também acho. — Balancei a cabeça afirmativamente. — Com todos os outros que transei não era a mesma coisa.

O príncipe riu e me deu um tapa na bunda, começava a perceber que ele gostava de uma coisa mais selvagem porque adorava me bater. Então ele esticou o braço para pegar o celular e conectou ao sistema de *bluetooth*, colocando uma música ambiente para tocar. Quando me olhou novamente, fez isso com toda aquela sua intensidade que gostava de usar e eu até estremeci.

— Foi o que você esperava? — perguntou, alisando meu rosto com os nós dos dedos. — Conversa comigo.

— Eu esperava orgasmos múltiplos. — Encolhi os ombros e ele sorriu, sabia que eu estava brincando. — Mas tudo bem, vou me contentar com um só. Eu achei... Estranho. A trombeta, parecia que realmente ia me rasgar.

— Prometo que terá muitos orgasmos múltiplos, é só ter paciência. Não vai ser da noite para o dia que você vai me receber totalmente.

— É... Agora eu entendo porque você não gosta de virgens...

— Eu não disse que não gosto — ele se defendeu, sorrindo. — Mas meu pau é grande, sei que machuca. Não há nada que eu faça que evite isso. Por você, eu passei por toda essa tortura psicológica, mas não curto, nunca foi do meu interesse ficar sofrendo na hora do sexo.

— E o que é do seu interesse na cama?

Arthur riu e eu me sentei sobre ele, com a trombeta adormecida bem no meio das minhas pernas. Era maravilhoso sentir o pênis dele em contato com minha pele, parecia que deixava tudo ainda mais real. Tipo, eu realmente estava com o príncipe, estava acontecendo, e nem nos meus sonhos mais maravilhosos era tudo tão bom assim.

— Fala, príncipe! — insisti, rebolando. — Quero saber.

— Gosto de intensidade — disse ele, com os olhos estreitos passeando pelo meu corpo. — De trepar com força.

Será que fiquei vermelha? Porque meu rosto esquentou um pouco, mas ri para disfarçar e alisei o abdômen do príncipe. O arrepio tinha se instalado e a mente trabalhava com muitas ideias, principalmente agora sabendo como era a sensação de ter alguém dentro de mim. E eu ainda não tinha decidido se era sortuda ou azarada devido ao tamanho de Arthur, mas esse “com força” dele me causou vários frios na barriga.

Estava extremamente sensível e ainda não tinha me acostumado com a sensação entre as pernas. Além da ardência bem dentro da bacurinha, sentia meus músculos um pouco enfraquecidos, como se eu tivesse exagerado na academia.

— Ou seja, você se faz de romântico, mas na verdade é um bruto safado.

— Quem disse que sou romântico? — perguntou, franzindo a testa de um jeito engraçado. — Não se engane, só você conhece esse meu lado.

— Quando vou conhecer o outro?

Arthur se sentou rapidamente na cama, segurando minha cintura e capturando minha boca antes que eu conseguisse prever esse ataque. Ele me engoliu, chupando minha língua e pressionando meus quadris contra os seus, até que enfiou os dedos pelos meus cabelos e puxou minha cabeça para trás.

— Está ansiosa pela putaria? — perguntou, sorrindo, descendo a boca até meu pescoço. — Primeiro, você precisa me aguentar todo dentro de você sem que sinta dor. Depois, eu vou meter tão fundo nessa boceta pequena, que acabarei achando petróleo.

Eu ri, mas no fundo, fiquei preocupada. Como ele pensava em ir mais fundo do que já tinha ido? Lembro que Arthur falou que não estava todo dentro de mim, mas a sensação que eu tinha era a de que estava sendo arrombada e não havia espaço algum para ele se mexer. Precisava pesquisar se era normal, coisa de primeira transa, ou se eu sempre me sentiria daquele jeito com ele.

— Vá fazer xixi — mandou, dando um tapinha na minha perna e deslizando pelo colchão comigo no colo. — É bom evitar infecção urinária.

Não entendi a relação entre uma coisa e outra, mas joguei as pernas para trás e levantei do colo dele. Imediatamente me dei conta de estar pelada e termos

acabado de transar, parecia bobeira, mas meu rosto esquentou de vergonha e corri até o banheiro.

Nunca fiz tudo com tanta pressa e pensei que não custava nada usar o chuveiro de Arthur para lavar rapidinho a bacurinha, mas quando eu estava passando o sabonete nela, de costas para a porta, quase morri de susto quando ouvi o barulho do vidro do box sendo aberto.

— Príncipe! — gritei, me tapando por reflexo. — Pode voltar lá pro quarto!

— De jeito nenhum — respondeu, segurando minha cintura. — Acha mesmo que eu perderia essa oportunidade?

As mãos pesadas deslizaram para cima em direção aos meus seios e Arthur tocou em minhas axilas, erguendo meu corpo do chão e roçando os lábios em meus seios. Apoiei minhas mãos em seus ombros, chocada demais para processar o que estava acontecendo. Quem era aquele homem?

— Uni, me abrace com as pernas — pediu e eu obedeci, fechando os olhos com aquele contato bom, sem saber se a trombeta já estava pronta para voltar a funcionar.

— Será que ainda vai doer muito? Tô bem ardida.

Os dedos de Arthur apertaram minha bunda e sua boca me arrepiou beijando minha clavícula de leve, só para

me deixar mesmo louca. Ele deu um passo grande para colocar meu corpo sob os jatos da ducha e lambeu a água que escorria por minha pele.

— Não vamos transar agora — murmurou, sem se dar ao trabalho de me olhar. — Eu não seria louco, sei que deve estar bem dolorida. Só estamos nos amando, sem nenhuma pressão por sexo.

Segurei o rosto dele entre minhas mãos, não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. Minha felicidade era tão plena que se Arthur dissesse que transaríamos a noite inteira eu toparia mesmo ardida, só para não ter que sair de perto dele. Procurei pela boca marcadinha e perfeita, dona daquele sorriso que me tirava do sério e brinquei com seus lábios num jogo de quem conseguiria atacar primeiro.

Apertei minhas pernas na cintura dele quando o príncipe ganhou e tomou minha boca num beijo de molhar calcinhas, e graças a Deus eu já estava sem nenhuma. Mal tinha conseguido me lavar e já estava ficando melada de novo, acho que não teria mais uma rotina normal podendo beijar aquele homem a qualquer hora do dia.

O príncipe alisou meu cabelo e desceu a mão pelas minhas costas, parando de me beijar e grudando a testa na minha.

— Estou oficialmente me considerando um velho babão. Não consigo tirar a mão de você.

— Não tem problema, eu sou sua.

— Minha? — perguntou, arqueando uma sobrancelha. — Uma vez você disse o contrário...

Apertei o pescoço dele e o abracei, sentindo sua barba arranhar meu rosto. Pisquei entre as pernas ao lembrar da sensação dessa mesma barba me arranhando em outros lugares.

— Toda sua — respondi, mordendo a orelha de. — Pode fazer o que quiser comigo.

Arthur riu e apertou minha bunda, enquanto se curvava para me fazer descer de seu colo. Senti falta do contato assim que pisei no chão e me vi separada de seu corpo delicioso, encarando a trombeta que já não aparentava estar totalmente em descanso.

— Sua sorte é que sou um homem de princípios — resmungou, entortando a boca e tocando meu queixo. — Isso não é coisa que se diga, pelada enquanto divide um chuveiro com alguém.

Mostrei minha língua e olhei para o nicho embutido na parede, pensando se deveria continuar tomando banho. O que se fazia nessas horas? Porque eu não achava que seria capaz de lavar minha bunda na frente de Arthur.

Felizmente, ele meio que tomou a iniciativa e passou na minha frente para se molhar sob a ducha, pegando o

sabonete e o deslizando pelo próprio corpo, enquanto se virava para me encarar.

— Perdi a noção das horas, mas deve ser tarde. Quando acabarmos aqui, vou preparar algo para comermos.

Balancei a cabeça, concordando, porque concordaria com qualquer coisa que ele dissesse naquele momento, afinal, meu cérebro estava muito mais ocupado decorando aquelas imagens diante dos meus olhos. Arthur ensaboando o peitoral musculoso, descendo a mão pelo abdômen, depois dando atenção para os braços...

— Meu amor, eu não gostaria de cozinhar de pau duro — falou, rindo, e fechei a boca. — Ficar me olhando desse jeito causa um grande impacto na trombeta.

— Eu quero te lambar todo.

Arthur jogou a cabeça para trás, dando uma risada gostosa e voltando a fixar os olhos azuis em mim. Ele parecia mesmo excitado, e notei isso com um movimento sutil entre suas pernas.

— Dizer algo assim também não ajuda muito — comentou, finalmente segurando aquele órgão genital poderoso e o alisando com o sabonete. — Venha cá.

Eu fui, óbvio, como uma cachorrinha corre até seu dono quando ele o chama. Arthur beijou meu ombro e me virou de costas, grudando o corpo no meu e deixando sua

mão que segurava o sabonete escorregar pela minha barriga. Meu coração acelerou, ciente do local de destino, ansioso.

— Você é descomunal — sussurrou no meu ouvido, chegando até minha bacurinha. — É difícil vê-la desse jeito e não tocar. Naquele dia em que a flagrei nua na minha cama, quase sofri um AVC de tanto nervosismo. Queria pular em cima de você.

— Devia ter pulado — respondi, suspirando, adorando aquele toque.

Arthur esfregou o sabonete entre as mãos e o guardou, usando apenas seus dedos para me limpar, arrastando a palma toda aberta nos meus lábios e roçando um dedo pela minha fenda, atingindo em cheio meu clitóris. Encostei a cabeça no peito dele e fechei os olhos, inebriada.

— Tudo tem seu momento para acontecer. Ainda estava confuso demais aquele dia.

— Ainda está?

— Se estivesse, não teríamos transado. — Ele realmente só me limpou e me virou de frente para a água, dando um selinho em mim e depois beijando minha testa. — Vamos terminar o banho e comer alguma coisa. Antes de dormir quero que você goze mais um pouquinho na minha boca. Sentadinha, que nem da outra vez.

Quis dizer a ele que podíamos pular a parte da comida porque depois daquele discurso, eu não me concentraria em mais nada. Só podia ter perdido a vergonha na cara, porque durante todo o tempo que ainda demoramos no banho conversando assuntos banais, que usei para me secar e vestir uma camisa dele, eu só conseguia pensar no momento em que iria rebolar na cara do príncipe.



Jantamos no terraço, à luz da lua, um risoto de tomate maravilhoso que Arthur preparou rapidamente, e toda aquela noite seria muito romântica se eu não parasse de pensar que ele tinha lavado a minha bunda. Sério, onde eu fui parar? Tudo bem que era apaixonada pelo homem, que sonhei com ele todos esses anos, mas não estava preparada para tamanha falta de dignidade.

— Por que está com essa cara? — ele perguntou e eu saí do transe ao piscar e focar seu rostinho bonito.

Suspirei, peguei minha taça muito chique cheia de refrigerante e levei-a até a boca para aproveitar e me esconder um pouco dele.

— Você lavou minha bunda.

Pelo sorriso que se desenhou em seus lábios, ao contrário de mim, Arthur devia achar a lembrança encantadora. Dei três longos goles na minha bebida, achando que talvez tivesse sido mais inteligente aceitar o vinho caríssimo e me embebedar. E foi exatamente isso que fiz ao esvaziar minha taça e esticá-la na direção dele.

Arthur arqueou uma sobrancelha, surpreso pela minha decisão, mas não me negou seu elixir favorito. Ele só me serviu com uns dois dedos do vinho tinto e me olhou com uma cara de quem achava ser suficiente para alguém que colocava açúcar em safras caríssimas.

— Vamos deixar claro que eu não limpei sua bunda. Do jeito que fala, parece que estava no vaso. — Ele riu com aquele sorriso lindo e balançou a cabeça. — Sua bunda estava limpinha. Você só estava mesmo suja do meu gozo.

O safado era mesmo um safado. Quase desmaiei com ele dizendo de forma tão aberta e intensa, enquanto balançava gentilmente sua taça e a levava à boca como se estivesse fazendo sexo com o objeto.

Ele afastou sua cadeira da pequena mesinha e bateu na coxa, olhando para mim de forma muito lasciva.

— Vem cá.

Respirei fundo e me levantei, sentando-me de lado no colo dele e colocando minha taça sobre a mesa.

— Incomoda quando eu falo assim com você? — perguntou, colocando meu cabelo todo para o outro lado e expondo um dos meus ombros. — Não tenho muitos parâmetros para lidar com o que está acontecendo entre nós, minha experiência é toda baseada em mulheres bem mais velhas e nem um pouco tímidas. Sei que evoluímos em nível de intimidade, mas não quero forçar algo com o qual você não está acostumada.

— Não acho ruim quando você fala assim, eu até estava ansiosa pra ver isso acontecer — confessei, mordendo a bochecha dele e arranhando minhas unhas na sua nuca. — É que é mais forte que eu, a vergonha não vem porque eu quero. Acho que ainda é estranho demais você ser desbocado comigo, é só questão de costume.

Estremeci quando Arthur roçou o nariz em meu pescoço, depositando alguns beijos em minha pele, enquanto suas mãos passeavam pelas minha coxas nuas. Eu estava vestindo apenas uma camiseta dele, meu sonho de princesa se realizando, então nem fiz questão de me preocupar com mais nada.

— Tirando a parte da vergonha, você está confortável com tudo isso entre nós? — Ele quis saber, parando de mexer as mãos quase na altura da minha virilha. — Você ainda é minha garotinha, não quero que se sinta mal com nada.

Afundi meu rosto no pescoço dele e fiz carinho em sua barba, aproveitando cada segundo que tinha oportunidade de fazer isso. Acho que eu era muito apaixonadinha mesmo, porque ainda ficava boba com o fato de estarmos tendo uma conversa assim.

— Não é desconfortável — respondi, descendo minha mão pelo peitoral nu e apertando o abdômen dele até alcançar o cós da calça. — Mas vou me sentir muito mal se você não cumprir o que disse no banho.

A mão de Arthur arrepiou minha coxa e ele sorriu, inclinando a cabeça para o lado para deixar seu pescoço à mercê da minha boca.

— Sobre gozar na minha boca? Quem diria que estaria ansiosa... Não tinha um lance aí de vergonha?

— Passou.

O príncipe virou o rosto e me encarou, me dando um selinho e apertando a lateral da minha bunda.

— Vai gozar enquanto eu estiver lambendo sua bocetinha? — Ele era bipolar, pois uma hora dizia que não queria me envergonhar e no segundo seguinte, fazia uma pergunta daquela. — Ela é tão gostosa, Uni... Adoro tudo nela. Inclusive eu acho que mereço dar uma conferida agora. O que acha?

O safado mal terminou de falar e já estava levando a mão para dentro das minhas coxas, subindo a barra da

camisa e me fazendo arrepiar. Não ofereci nenhuma resistência, óbvio, porque ele podia tudo e era bom demais vê-lo falar assim de alguma parte do meu corpo. Eu sempre achei minha bacurinha estranha, mas se o principal interessado, que botava a boca lá, gostava, não ia mais reclamar.

Mordi o lábio com força quando ele enrolou toda a camisa e expos minha intimidade, só passando de leve o polegar entre minha fenda, para me provocar.

— Já pensou em fazer tatuagem? — perguntou.

— Não. Acho lindo em outras pessoas, mas não é para mim.

— Que pena. — Estalou a língua, olhando para minha boceta. — Ficaria lindo o meu nome gravado no lábio esquerdo e meu sobrenome no direito.

Meu queixo caiu com a ousadia do homem e até pensei em fazer alguma piada porque não queria ficar para trás, mas a trombeta ficando dura não me deixou terminar minha linha de raciocínio. Arthur também não ajudou muito, pois o vinho que tomou deve ter causado um efeito potente nele, causando o fogo no rabo que geralmente partia de mim.

Ofeguei quando ele puxou sua taça e serviu mais bebida nela, para enfiar o dedo indicador no líquido escuro

e, então, trazê-lo para dentro da minha boceta. Apertei meus dedos em sua nuca, chocada e excitada.

— Quero misturar minha comida favorita — disse, tocando meu clitóris e depois levando a mão lentamente de volta à taça. — Com minha bebida favorita.

Ele molhou dois dedos dessa vez e os trouxe novamente, penetrando minha vagina devagar. Não tive mais condições de manter olhos abertos e cabeça em pé, deixei-me descansar no ombro dele enquanto continuava com sua brincadeira, causando fortes arrepios pelo meu corpo.

— Pensando bem, esse vinho é comum demais para ser servido com você. — Ele me beijou e me tirou de seu colo ao se levantar. — Espere aqui.

Sério? Fiquei parada com a bacurinha piscando e o homem maluco entrou dentro de casa, caminhando na direção da adega. Não acreditei que Arthur fosse realmente abrir um outro vinho só para me masturbar com ele. Era o auge da obsessão.

De mãos na cintura, olhei em volta para a nossa paisagem bonita, o céu escuro e as luzes acesas na cidade, feliz por não termos nossa privacidade defasada por prédios próximos da mesma altura.

— Este sim combina com você. É um *Château Mouton Rothschild*, um dos cinco melhores vinhos

franceses, uma safra de 2008.

— Devo saber o preço?

Ele sorriu.

— Melhor não.

— Custa o preço de um carro popular?

— Não. — Arthur gargalhou, usando o saca-rolhas.

— Bem menos que isso, não vamos exagerar. Talvez o preço de um silicone...

O quê? Quanto desrespeito! Arranquei a garrafa das mãos dele e olhei para o rótulo, me perguntando como alguém gastava uma fortuna na porra de uma garrafa de rótulo feio. Ignorei o ataque cardíaco de Arthur quando cheirei o gargalo para ver se pelo menos tinha um aroma bom.

— Por que você não revende isso, príncipe? Pelo amor de Deus, nem eu bebo nada tão caro, não vou permitir que minha xoxota beba!

Dando-me um beijo na bochecha, ele pegou a garrafa de volta, com aquele seu sorriso de cavalheiro, e despejou dois dedos de vinho em sua taça. Fez todo aquele teatro de cheirar, balançar e a levou à boca. Esperei, com expectativa, para que ele dissesse ser a coisa mais maravilhosa que já tinha provado.

— Bom.

Francamente. Uma fortuna daquela para ser apenas... bom. Prendi o riso para o coroa não se irritar e pisquei para ele quando se aproximou, colocou a garrafa e a taça sobre a mesa, afastou nossos pratos e liberou um espaço na superfície de madeira. Sem que eu esperasse por isso, Arthur segurou minha cintura e me colocou sentada ali, afastando minhas pernas e enrolando minha camisa para cima.

— Eu achei que a gente ia entrar e ir para seu quarto — murmurei, nervosa.

— Para o que pretendo, o ideal é que seja aqui, faria muita sujeira no quarto.

Prendi a respiração quando o príncipe se sentou bem de frente para a bacurinha e puxou minhas pernas levemente para cima, colocando minhas panturrilhas sobre seus ombros.

— O que você vai fazer? — perguntei.

— Quietinha... — murmurou, espalmando uma das mãos grandes no meu ventre.

Respirei fundo e acompanhei seus movimentos, sentindo o coração bater acelerado quando Arthur pegou a taça e a encostou bem em cima do meu monte de vênus. Estremeci quando o líquido frio escorreu pela minha pele e ele logo caiu de boca em mim.

Arthur me lambeu e eu não sabia se ele estava muito feliz pelo vinho caríssimo ou por mim, mas sei que o homem usou aquela língua com vontade. Intercalando lambidas com vinho sendo derramado em cima de mim, meus pés pendurados balançavam no ar com os espasmos involuntários que a língua macia me causava. O príncipe conseguia ser muito delicado no sexo oral, sem pressa nenhuma, e então de repente acontecia uma explosão em seus toques que me faziam queimar.

Eu estava prestes a gozar sendo chupada ao gosto de um vinho de mais de cinco mil reais. Se isso não era a cara da riqueza, o que mais seria?

Agarrei os cabelos dele quando suas mãos apertaram meus seios, manuseando-os com firmeza, roçando os dedos em meus mamilos sensíveis, enquanto sua língua rodeava meu clitóris. Quando achei que estava me aproximando de um orgasmo, Arthur simplesmente se levantou e me pegou no colo, caminhando com pressa para dentro de casa e me jogando em sua cama.

— Fique de quatro — ordenou, sem me deixar entender direito o que estava acontecendo.

Enquanto obedecia a sua ordem, ele se deitou de costas entre minhas pernas e se posicionou com o rosto bem embaixo da bacurinha.

— Mantenha os cotovelos apoiados na cama e rebole para mim, porque só vou parar de chupar essa delícia de boceta quando você não se aguentar mais.

Meu Deus, subiu um fogo pelas minhas pernas e me queimou bem lá dentro, aumentando o meu tesão assim que me coloquei na posição que Arthur pediu, de pernas afastadas, sentindo minha intimidade ao vento. Estremeci quando ele tocou em mim com a boca e abaixei a cabeça, sentindo sua língua voltar a trabalhar incansavelmente.

Arthur não apenas me lambia, ele me comia, com toda a boca, como se minha boceta fosse mesmo uma refeição preparada para ele. Suas mãos em meus quadris fizeram eu me movimentar e cada vez que me balançava para frente e para trás, mais eu me contraía de prazer. Empinei um pouco a bunda, ao mesmo tempo baixando minha pelve na direção de sua boca, sentindo sua língua tocar toda minha extensão. Ele lambia de baixo para cima, como um cachorro bebendo sua água, e não satisfeito, ainda usava os lábios para me sugar. Eu ficaria constrangida pelo barulho que ecoava no quarto se não estivesse tão excitada, a ponto de gozar.

Senti que estava perdendo minhas forças quando meu corpo começou a tremer, a sensação de orgasmo que vinha lá de dentro, mas se concentrava em todos os cantos, sem que eu conseguisse controlar os espasmos.

Arthur agarrou minha bunda e não me deixou sair do lugar, continuando seus movimentos, sem pressa alguma.

— Prín... cipe... — Agarrei o travesseiro. — Ah... Meu Deus...

Afundi minha cabeça na fronha macia, tremendo demais, orgasmos que não pareciam acabar. Arthur continuava me lambendo e eu soltei meu peso sobre o rosto dele, sentando-me e me esfregando em sua língua.

— Ai... Que delícia... — gemi, de olhos fechados, jogando a cabeça para trás enquanto outro tremor me tomava. — Arthur!

Comecei a gritar, desesperada, me esfregando que nem uma louca em sua boca, até que fui sentindo meu corpo acalmar aos poucos e ele me dar um tapa forte na bunda. Ri de nervoso e de relaxamento, tudo junto, porque estava acabada. O príncipe se levantou e se deitou ao meu lado, agarrando minha nuca e me puxando para um beijo, com gosto da minha boceta.

— Paguei a promessa dos orgasmos múltiplos. Poucos, por enquanto, mas aos poucos você vai aguentando um tempo maior.

Respirei fundo, procurando seu rosto com meus dedos e me arrastando no colchão até encostar a cabeça no peito dele. O torpor estava me dominando e quando Arthur me virou para ficarmos de conchinha, meu corpo

entendeu que eu estava no lugar mais seguro do mundo e já podia descansar. Era meu príncipe, sem cobranças, sempre pressão, sem esperar por nada em troca. Mais do que nunca ele fez jus ao apelido e fechou a noite com chave de ouro.



Capítulo 47

Marina

Uma segunda-feira nunca foi tão triste por me fazer separar de Arthur logo pela manhã. Eu raramente acordava muito cedo, quando dormi com ele em outra ocasião que precisou levantar para trabalhar, sequer me dei conta de sua ausência repentina. Dessa vez, no entanto, eu senti sua falta no instante em que ele saiu da cama. Acabei despertando enquanto o príncipe se arrumava e me arrastei para o banheiro atrás dele.

O homem estava só de cueca diante do espelho, fazendo a barba com toda aquela espuma no rosto e eu o abracei por trás.

— Não vai, por favor — pedi de brincadeira, porque sabia que ele não podia simplesmente faltar reuniões. — Vou morrer sem você aqui.

— Pense que quando eu chegar, estarei com saudade e vou querer me aproveitar muito de você.

— Você não podia ser aquele tipo de milionário que passa o dia em casa?

Arthur se virou de frente para mim e caramba... Como ficava gostoso até com espuma no rosto? Fiquei nas pontas dos pés para roubar um selinho e ele me prendeu pela cintura, mordendo meu queixo e me sujando toda.

— Gosto de trabalhar, Uni. Além do mais, você me terá o dia inteiro em casa daqui a alguns anos, quando me aposentar.

Estreitei meus olhos enquanto pensava se valia a pena enfiar meus dedos nos dele para deixar de ser idiota. O sorriso estava ali no rostinho bonito e o príncipe ainda teve a ousadia de apertar minha bunda por baixo da camisa.

— Quando você se aposentar, a trombeta não estará mais funcionando — resmunguei, pisando no pé dele.

O homem gargalhou alto.

— Meu Deus, você me acha muito velho *mesmo*. — Ele me deu um tapa na bunda e não me deixou correr. Malditos braços gostosos e fortes. — Com quantos anos você acha que um pau para de funcionar?

Gostaria de estar com meu celular para fazer uma pesquisa, mas chutei:

— Sei lá... Uns sessenta?

— Inacreditável. — Arthur grudou a boca na minha, puxando-me para cima, rindo contra meus lábios. — Vamos fazer o seguinte, já que em vinte anos não conseguirei mais foder, quando chegar em casa hoje vou usar bastante meu pau em você, combinado?

Ele mordeu meu ombro e me soltou, dando mais um tapa forte na minha bunda antes que eu conseguisse fugir do banheiro. Ficaria toda marcada com aquele homem que, às vezes, parecia mais carrasco do que príncipe.

Não consegui mais dormir depois que Arthur saiu de casa, então usei a manhã para fazer as marcações médicas que eu tinha prometido a ele, com a gastro e o nutricionista indicados por Gabriela. Também falei com ela pelo telefone, avisando que começaria a me cuidar porque sabia que também estava de olho em mim.

Sentia-me estranha fazendo tudo isso porque era como marcar um obstetra sem estar grávida, mas estava focada em mostrar para Arthur que ele podia confiar em mim quando eu dava a minha palavra.

Não era fácil, no entanto, parar diante do espelho com a roupa de ginástica e ver minha gordurinha marcada pelo cóis da calça. Ele me achava linda e maravilhosa, mas será que pensava assim apenas pelo fato de me amar? Dizem que o amor é cego e talvez Arthur fosse capaz de

gostar de mim com vários defeitos. O que não significava que eu era linda e perfeita.

Meu celular tocou e vi o nome de Jean na tela. Atendi e coloquei no viva-voz, enquanto tirava a calça e a substituí por uma de cintura mais alta, avisando ao *personal trainer* que eu desceria para a academia em cinco minutos. Agora sim! A calça rosa *pink neon* ficou perfeita em contraste com o *top* branco.

Desci para encontrar Jean e antes de começar os exercícios, pedi que ele tirasse uma foto minha para mostrar o *look*. Fiz uma pose bem espontânea e postei em meus stories, largando o celular para treinar com foco.

— Ganhei muitos seguidores por sua causa, Marina — disse o personal. — Parceria incrível!

— Sério? Que bom, fico feliz em saber disso.

— Estou pensando em começar a postar vídeos de mini treinos no IGTV para interagir, o que acha?

— Sua audiência vai amar, provavelmente — respondi, pensando em quantas inúmeras vezes eu já tinha feito exercício em casa enquanto assistia algum vídeo na internet. Quando não se tem grana, a gente se vira de todo jeito. — Você poderia me filmar enquanto me orienta. A gente seleciona sequências curtinhas que sejam boas para o formato do *Instagram*.

Jean arqueou as duas sobrancelhas e sorriu.

— Você é boa demais nisso, garota. Não quero me aproveitar da sua imagem, mas seria incrível.

— Eu não me importo de me expor, até porque já faria os exercícios normalmente, você só estaria gravando. Também seria legal se você fizesse isso com um cliente homem, para que os dois públicos pudessem se identificar.

Jean assentiu enquanto parecia muito pensativo com todas as ideias que deviam estar enchendo sua cabeça. E eu ficava muito feliz em ajudar, adorava dar opiniões sobre o que entendia e ajudar as pessoas nesse mundo digital.

— Você devia trabalhar com *marketing* — disse ele, colocando uma música para tocar no celular.

Fiz as séries de exercícios pensando no que ele disse para mim e em como eu me identificava com isso. Talvez fosse esse o caminho, mudar meu curso na faculdade para algo que realmente me interessava e estava presente em minha rotina.



Precisava tomar um banho rápido antes de sair para a auto escola assistir quatro aulas seguidas, mas parei para conferir meu celular e vi que tinha mensagem de Arthur. Abri a conversa e dei logo de cara com um print da minha foto na academia. Mais ou menos, porque a foto não

estava inteira. Ele tinha apenas dado um *zoom* gigante na minha bacurinha, que aparecia levemente rachada pela calça. Não satisfeito com o *zoom*, Arthur também tinha circulado a região com canetinha azul.

Pensei que veria alguma reclamação bombástica ou ameaça ao Jean, mas me surpreendi com o que li e me joguei na cama, chocada.

“Se eu estivesse aí, essa calça estaria toda molhada porque ia chupá-la por cima do tecido até que gozasse.”

“Gostosa pra caralho.”

Acho que alguém tinha perdido o controle de vez e só para deixá-lo mais maluco, tirei minha roupa toda, deitei na cama e abri as pernas, mirando a câmera na direção da bacurinha e batendo uma foto. Enviei para Arthur e esperei com o aplicativo aberto.

O príncipe visualizou, mas não respondeu e fiquei encucada com isso. Esperei um pouco mais e comecei a cogitar ir logo tomar meu banho, quando surgiu uma chamada em vídeo na tela do celular.

Puxei o lençol para cima do corpo antes de atender, porque mesmo vendo o nome de Arthur, não sabia se ele

estava sozinho. Mas fui arrebatada por seu rosto cheio de prazer quando atendi e ele entrou em foco.

— Oi!

— *Caralho, Marina* — murmurou, com a cabeça relaxada no encosto do banco de seu carro. — *Quer me matar de tesão? Estava indo para o fórum e precisei entrar num estacionamento para fazer isso.*

E então, querendo mostrar exatamente o que estava fazendo, Arthur abaixou o celular até que seu pau enorme entrasse em foco, a única parte do corpo exposta no meio do terno.

— Devo pedir desculpas? — provoquei, empurrando o lençol para longe e deixando que visse que eu estava pelada.

— *Ah, porra.* — Arthur fechou os olhos quando virou o celular de novo para o rosto. — *Me deixa ver sua boceta, meu amor. Quero esfregar meu pau nela.*

Minha nossa senhora misericordiosa, o homem estava mesmo muito empolgado. Fiz o que ele pediu imediatamente, apoiando os pés no colchão e me abrindo o máximo que conseguia enquanto me contorcia com o celular na mão.

— *Putá que pariu, deliciosa...*

A conversa estava me deixando toda molhada e somente o fato de estar daquele jeito, com as pernas

afastadas, ouvindo os gemidos de Arthur, já era suficiente para me fazer estremecer. Comecei a piscar lá embaixo e tentei mostrar para ele a umidade que se intensificava, passando a mão livre pelos lábios internos e tentando capturar um fio de baba.

— *Está assim para mim?* — perguntou, com uma certa dificuldade.

— Aham — respondi, mexendo meus dedos. — Queria que estivesse aqui, príncipe.

Arthur soltou um gemido forte e, de repente, seu pau novamente substituiu seu rosto na tela. Ele estava batendo uma punheta forte, do jeito que devia gostar mais, e me deixou acompanhar cada movimento enquanto eu só ouvia sua voz.

— Goza pra mim, príncipe — incentivei, aumentando o ritmo dos meus dedos ao redor do meu clitóris porque estava ficando louca com aquele acontecimento.

Não vi o rosto de Arthur, mas vi que o celular tremeu e saiu um pouco de foco, então vi surgir uma camisa, que foi colocada no colo dele enquanto continuava se masturbando.

— *Continue falando, Uni...*

— O quê? — perguntei, inebriada de prazer.

— *Qualquer coisa... Só quero ouvir sua voz.*

Estremeci com a chegada de um orgasmo intenso e gemi bem alto para que ele escutasse, soltando gritinhos agudos enquanto meus músculos tremiam.

— Queria você aqui pra lamber ela toda — falei, fechando os olhos por alguns segundos, enquanto esfregava meu corpo no lençol. — Queria você entrando dentro de mim, príncipe.

— *Porra.*

— Você é tãooooo grosso e eu sou tão apertada...

Arthur soltou um grito forte e isso por si só já era um anúncio do seu orgasmo, porque ele costumava ser impactante até para gozar, mas mesmo que estivesse em silêncio, seria impossível não ver o jato de esperma caindo bem na direção da câmera do celular, borrando a tela de gosma branca e me deixando com um pouco de água na boca.

— *Amo você, Uni* — murmurou ele, voltando a filmar seu rosto e passando a mão pela tela. Sua boca entrou em foco e ficou enorme quando beijou o aparelho e piscou. — Obrigado por isso. Não existe mais perfeita.

— Você é um depravado! — Ri, filmando também o meu rosto e mostrando a língua para ele.

— *Um príncipe depravado* — falou, com um olhar preguiçoso.

— Vou repensar esse apelido. Um príncipe não me ligaria enquanto toca a trombeta.

Ele riu e passou o antebraço pelo rosto, levando-o para trás até os cabelos.

— *Não faça isso, acostumei com o príncipe durante o sexo. É excitante.*

— E com trombeta e bacurinha?

— *Essas palavras você pode esquecer.* — Ele suspirou e olhou em volta por uns segundos antes de voltar a encarar a câmera. — *Amor, preciso desligar. Tenho que me limpar direito aqui e ir para o fórum.*

— Tá bom, também preciso tomar banho e ir pra auto escola.

— *Boa aula, meu bem.* — *Ele jogou um beijo.*

— Amo você também, príncipe — respondi e Arthur sorriu antes de desligar.

Ah, meu Deus. O que tinha sido esse momento maluco? Sério que eu tinha feito sexo virtual e por chamada de vídeo?

Ainda fiquei largada na cama por mais uns cinco minutos antes de tomar coragem e entrar no banho. Fiquei até agradecida por estar fazendo auto escola, só assim me ocuparia por bastante tempo e não ficaria morta de ansiedade em casa, esperando a chegada de Arthur.

Meu dia foi cheio porque depois de sair da auto escola, ainda passei numa clínica de depilação à laser porque estava sentindo falta das minhas sessões e usar barbeador era uma desgraça. Também decidi comprar um celular novo e um *notebook*, coisa que nunca tive, com o cartão de Arthur, já que o tal do meu dinheiro eu não tinha autorização para usar ainda.

Estava dentro de uma loja do shopping provando alguns sapatos quando meu celular tocou com o nome do príncipe na tela.

— Oi!

— Oi, Uni. Estou em casa e preciso saber quanto tempo você ainda vai demorar na rua.

Arthur já tinha saído do trabalho? Afastei o celular do rosto para olhar o relógio e achei surpreendente que ele tivesse chegado antes das seis horas. O homem levava a palavra *workaholic* muito a sério.

— Vou só terminar de experimentar uma sandália e ir embora do *shopping* — respondi, observando o salto alto contra o espelho. — Dependendo do trânsito, acho que até as sete eu tô em casa. Por quê? *Tá* tudo bem?

— Tudo maravilhoso. Boas compras.

Eu me despedi dele, achando tudo muito estranho e minha curiosidade foi atiçada. Avisei para a vendedora que

levaria o sapato e quinze minutos depois já estava aguardando pelo meu *Uber*.

Cheguei dentro do horário que imaginei e quando abri a porta, encontrei o apartamento silencioso e uma surpresa logo na entrada. Uma cadeira tinha sido colocada diante da porta, com um envelope branco sobre o assento e uma daquelas capas de vestido pendurada no encosto. Abri primeiro o envelope.

“Tira a roupa e coloque o que comprei para você. Depois venha me encontrar aqui fora.”

Quase soltei um grito carregado de ansiedade e larguei minhas sacolas ali mesmo no chão, desabotoando meu jeans e puxando a camisa. Fiquei só de calcinha e sutiã e peguei a capa pesada, puxando o zíper para revelar um vestido branco de seda. Eu o vesti com cuidado, impressionada por ser do meu tamanho certinho. Ele tinha um decote enorme nas costas e nos seios, além da fenda na lateral da coxa.

Passei pela cadeira e pela cozinha, me surpreendendo ainda mais ao encarar pétalas de rosa branca no chão da sala, formando a palavra:

QUER

Pulei por cima delas e continuei meu caminho, sorrindo até encontrar a palavra seguinte:

NAMORAR

Dali em diante eu nem consegui mais ser tão paciente. Saí correndo lá para fora, passando direto sem parar na palavra:

COMIGO?

O príncipe estava de terno todo engomadinho e com um unicórnio de pelúcia gigante nos braços. Eu me joguei nos braços dele, agarrei seu pescoço e me pendurei, obrigando-o a soltar o bicho e me segurar.

— Quero quero quero quero!

Talvez os vizinhos tenham escutado a minha resposta de tão alto que gritei, totalmente descontrolada. Arthur enquanto suas mãos apoiavam minha bunda e minha boca babava todo o seu rosto com meus beijos.

— Acho que nunca ganhei uma batalha tão rápido — falou, rindo na minha boca quando o beijei. — Você é muito doidinha.

— E você é o melhor homem do mundo!

Escorreguei do colo dele só para pegar meu unicórnio e fiquei chocada com o tamanho. Eu já tive várias pelúcias ao longo da vida, mas nenhuma daquele tamanho. Ele esticado no chão devia ter quase um metro de comprimento e ficaria lindo na minha cama.

— Mulheres normais ganham rosas — disse o príncipe, deslizando uma mão pelas minhas costas e beijando meu ombro. — Mas isso combina mais com você, meu ser humano mágico.

— Eu amo rosas, mas elas morrem. — Abracei a pelúcia e me virei para Arthur, que tinha um sorriso enorme no rosto. — Esse foi o segundo melhor presente que já ganhei.

— Qual foi o primeiro?

— A sua Mercedes — respondi e encolhi os ombros quando ele estreitou os olhos para mim. — Amei o vestido também. Nós vamos em algum lugar?

Coloquei o unicórnio sobre uma das cadeiras e me aproximei de Arthur, que envolveu minha cintura e me encarou com seu olhar intenso. Ele devia ter me dado sapatos também, porque como tinha ido para a rua de tênis, precisei ficar descalça ao colocar o vestido.

— Vamos ficar aqui mesmo — disse ele, balançando lentamente nossos corpos, mesmo que nenhuma música estivesse tocando. — Só queria que você estivesse

deslumbrante ao responder meu pedido. Depois que saí da loja com a pelúcia, vi o vestido em uma vitrine e não consegui deixar de imaginá-lo no seu corpo.

— Devia ter deixado minha maquiagem lá na cadeira também, porque estou sem nada, até o cabelo tá bagunçado.

— Está perfeita. Maquiagem é muito legal e a deixa ainda mais maravilhosa, mas é assim que vou ver você quando acordar depois de uma noite inteira fazendo amor.

— Essa ideia foi depois do nosso telefonema no carro? — perguntei, mordendo meu lábio e segurando o vestido para mostrar minhas pernas para ele. — Só queria avisar que deixei a calcinha lá na cadeira.

Passei a mão no meu unicórnio e me virei de costas, entrando na sala e esperando que Arthur viesse atrás de mim. Estava com fogo no rabo, doida para sentir a trombeta mais uma vez e soltei um gritinho quando ele me agarrou por trás e meus pés saíram do chão.

Arthur mordeu meu ombro e desceu uma mão até minha virilha, empurrando o tecido do vestido e encontrando a bacurinha livre.

— Quer me matar, Marina? — sussurrou em meu ouvido. — Esse é seu desejo? Porque seu nome está no meu testamento, você vai ficar muito milionária.

— Me solta, príncipe! — pedi, sendo colocada de novo no chão e jogando a pelúcia sobre o sofá. Virei-me para ele e segurei sua gravata, começando a desfazer o nó. — Como assim meu nome está no seu testamento? E por acaso pretende morrer?

— Sou saudável — disse ele, puxando as alças do meu vestido e as abaixando para que meus peitos saltasse pelo decote. — Mas tudo meu será seu um dia, só vamos torcer para que você não me enterre em alguns meses.

— Quanto exagero!

Meu cérebro queria surtar com aquela informação, afinal, não era todo dia que a gente escutava do amor da nossa vida sobre fazermos parte de seu testamento. Meu corpo, porém, só conseguia pensar em outra coisa. O fogo me consumia quando tirei a gravata do príncipe e comecei a abrir os botões da camisa dele, com um pouco de dificuldade, já que seus dedos brincavam com meus mamilos.

De repente, o príncipe me deixou sozinha na sala e entrou pelo corredor, retornando alguns segundos depois com um frasco de plástico na mão, que deixou no sofá.

— Você podia me pegar bem forte, né? Tipo daquele jeito que eu sei que você gosta, mas não faz comigo.

Arthur se livrou da camisa e a deixou pelo chão, desabotoando a calça ele mesmo, enquanto o volume se

formava diante dos meus olhos. Sua mão me puxou pela cintura e me virei de costas só para poder esfregar minha bunda ali, mas a diferença de altura entre nós me permitia, no máximo, sentir a trombeta cutucar minha coluna.

— Muito forte não dá. Não posso pegar você como realmente quero — murmurou, lambendo atrás da minha orelha e me empurrando na direção do sofá. — Ainda temos que ser um pouco cuidadosos com a bacurinha. Mas hoje, neste momento, preciso perder um pouco de controle e comer você.

Caí sentada no sofá no instante em que o príncipe abaixou o zíper da calça e a tirou por completo, levando junto a cueca e ficando totalmente nu diante dos meus olhos. Eu não me acostumaria tão cedo em vê-lo daquele jeito tão lindo, viril, com o pênis ereto e grosso, cheio de veias volumosas espalhadas por ele.

— Você já não fez isso ontem? — perguntei, levantando o vestido.

— Ontem nós fizemos amor, bem devagar e delicado. — Seu joelho se enfiou entre minhas pernas e aquele corpo todo se agigantando sobre mim me fez cair de costas no sofá. — Hoje, eu quero tentar foder com você.

Arthur se esfregou em mim, embolando o vestido branco até minha cintura e grudando o quadril no meu, deixando que eu sentisse todo o tamanho da trombeta

dura. Estava piscando com aquele esfrega-esfrega enquanto sua boca chupava a minha devagar e gemi ao sentir seus dedos me tocarem lá embaixo.

— Tão molhadinha, Uni — sussurrou, lambendo meu pescoço. — Estou morto de tesão desde essa manhã.

Abri minhas pernas para ele quando senti seu dedo me penetrar e estremeci no primeiro contato. Não estava mais tão sensível, mas ainda era estranho ter algo dentro de mim.

— Ai, príncipe... — Virei o rosto de lado, fechando os olhos enquanto ele mexia o dedo, até que colocou mais um.

Arthur tocou naquele ponto alucinante, me fazendo gemer e precisei levantar a cabeça para olhá-lo. Minha boca abriu conforme eu era consumida por aquela sensação deliciosa e quando ele começou a roçar outro dedo em meu clitóris, não aguentei me sustentar e desabei de novo no sofá.

— Pensei muito nela hoje — disse ele, enfiando e tirando os dedos de dentro de mim. — Estava louco para chegar em casa e fazer isso.

— Você hoje está bem inspirado — murmurei entre um gemido e outro, rebolando um pouco os quadris contra a mão dele.

Então, quando eu achava que gozaria em breve, Arthur parou, lambeu os dedos e puxou minhas mãos para que eu me levantasse. Fiquei de joelhos, colada ao corpo dele, enquanto suas mãos desciam pela minha bunda e me apertavam. Ele realmente gostava muito daquela parte do meu corpo.

— Pode dar vergonha, mas quero você deitadinha de bruços — sussurrou contra minha boca. — Topa?

Ele não precisava me pedir duas vezes. Sorri e me virei, deitando novamente e balançando minha bunda para ele, que me deu um tapa em cada nádega. Logo senti a trombeta deslizar ali entre elas e acho que meu corpo se defendeu do ataque, contraindo tudo.

— Não é anal, fique tranquila. Vou passar um lubrificante em você, para deslizar com mais facilidade.

Arthur afastou minhas pernas e me tocou como se estivesse me besuntando com algum óleo. Apertei seus dedos dentro de mim quando fez o mesmo no interior da minha vagina e ele depois se deitou sobre meu corpo, ajeitando o pau na minha entrada e enfiando devagar.

— Ahhh... — gemi e abafei meu rosto no sofá, sem acreditar que ainda era tão difícil.

— Empurre a bunda na minha direção — murmurou ele perto do meu pescoço e deixou um beijo ali. — Se você achar muito ruim, prometo que paro.

Arthur segurou minhas mãos e as esticou acima da minha cabeça ao mesmo tempo em que empurrava um pouco mais para dentro de mim. A sensação de preenchimento era estranha, ardia um pouco conforme ele enfiava e sempre dava um pouquinho de medo de ser rasgada ao meio.

Porém, precisava admitir que era tudo muito diferente da primeira vez, por mais que eu ainda me sentisse tão sensível.

— Somos só nós dois aqui — Arthur sussurrou, beijando minha orelha e rebolando em cima de mim. — Você está com o homem que você ama, que a ama, que ama você de qualquer jeito. Relaxe para mim, amor.

Virei meu rosto de lado para ter acesso a ele e apertei seus dedos nos meus, tentando relaxar o máximo que conseguia e empurrando minha bunda.

— Deliciosa... Ah, Nina...

Eu o senti entrando e saindo de dentro de mim, devagar, e Arthur não estava tentando ir muito mais fundo. Afastei mais as minhas pernas e o ouvi gemer, o que me deixou com bastante tesão.

— Unicórnios foram feitos para serem montados — disse ele, me fazendo rir. — E o meu é muito gostoso...

— Você é um pervertido.

— Hm... — Ele lambeu minha pele das costas, causando-me arrepios. — Está doendo?

— Assim não.

Foi só eu responder que o príncipe empurrou mais um pouco e me tirou todo o ar dos pulmões. Gritei de olhos fechados, mas foi uma dor prazerosa, como se o fato de estar sendo penetrada por ele fosse especial. Isso não me impediu de gemer, mas me fez tentar rebolar e o senti escorregar mais para dentro.

— Ah, Marina... Caralho.

Seus quadris se chocaram contra os meus quando ele puxou tudo para fora e enfiou de novo, me causando calafrios pelo corpo. Arthur me alargava de um jeito que eu achava que ficaria inutilizada, mas era tudo tão excitante, que mesmo incomodando eu não conseguia parar de rebolar.

— Ai meu Deus! — gemi, e ele empurrava mais forte e um pouco mais rápido, afundando o sofá com o peso dos nossos corpos. — Príncipe...

Pah. Pah. Pah. Era o único som que se repetia e ecoava pelo apartamento, nossas carnes se chocando uma contra a outra e me deixando morta de vergonha e alucinada de tesão com a mesma intensidade.

Então, Arthur saiu todo de dentro de mim e me deu um tapinha na bunda, puxando meu corpo para me virar de

frente para ele. Mal consegui piscar antes que se ajoelhasse no sofá e arrastasse as minhas costas pelo assento, deixando meus quadris levemente inclinados e me penetrando de novo. Minhas pernas ficaram soltas ao redor do corpo dele e seu dedo estimulava meu clitóris, enquanto seus olhos se mantinham fixo na minha boceta.

Deixei que ele ditasse as regras e me larguei em suas mãos, fazendo o possível para relaxar mesmo com seu pau me esticando toda. No entanto, o contato com meu clitóris tornou tudo muito gostoso e não demorou para que começasse a estremecer com ele dentro de mim. Quando minha vagina começou a se contrair, a trombeta parecia que era o dobro do tamanho de antes.

— Meu Deus, Marina... — ele gemeu, mordeu o lábio e apertou minha cintura, se enterrando ainda mais fundo. — Quero gozar com você. Bem aqui dentro.

Deixei que meus olhos se fechassem e gritei alto, procurando onde me agarrar porque a sensação que estava chegando era indescritível. Todo o meu corpo convulsionava e meus dedos dos pés se esfregavam no sofá enquanto eu tentava me mexer mais na direção de Arthur. Então, sem me tirar da posição, ele se inclinou sobre mim e arregalei os olhos automaticamente quando o senti me rasgar.

— Entrou todo? — perguntei, chocada, arranhando as costas dele.

— Sim.

Ele me beijou na boca e estocou em movimentos curtos, mas profundos, gemendo entre meus lábios e estremecendo comigo. Soltei meus braços moles no sofá, sem força nenhuma sobrando pelo meu corpo, até que Arthur parou de se mexer e colocou o rosto no meu peito suado.

— Acho que não vou conseguir fazer meus agachamentos amanhã na academia — murmurei, com uma vontade enorme de dormir.

— Use a energia para treiná-los comigo. — Ele levantou a cabeça e me deu um selinho com um sorriso malicioso. — A recompensa é muito melhor.

— Você é muito safado, príncipe. Desconhecia esse seu lado.

— Por isso me controlei tanto e enrolei para transarmos — revelou, suspirando e franzindo os lábios. — Dividindo o mesmo teto com você, sabia que ficaria igual cachorro com a fêmea no cio. E por falar nisso, acho que ficou menstruada, gatinha. Não quis contar quando vi porque você ia ficar com vergonha.

Horrorizada, apoiei-me nos cotovelos quando Arthur saiu de dentro de mim e se ajoelhou, exibindo a trombeta

toda suja de sangue. É tipo, muito sangue, porque quando minha menstruação descia, vinha tanto sangue que eu podia fazer doação pela xoxota.

— Arthur! — Fechei as pernas e bati meu pé na barriga dele, mas o safado me segurou e beijou minha panturrilha. — Para! Não acredito...

Ele se levantou e me puxou pela mão, ainda olhei para trás para ver se tinha sujado o sofá, mas como o vestido ainda estava no meu corpo, tinha protegido o estofado.

— Não tem nada demais, pare de bobeira — comentou, entrelaçando os dedos nos meus e me puxando pelo corredor. — Moramos juntos e estamos numa relação, vai rolar muito sexo durante o período menstrual.

Arthur me puxou pela cintura quando entramos em seu quarto e caminhou comigo até o banheiro.

— Você não vai lavar minha bacurinha sangrenta.

— Não vou. Usarei o seu banheiro enquanto isso. — Ele riu e enfiou as mãos em meus cabelos, me colando em seu corpo. — Deixarei que tenha um pouquinho de privacidade, não sou tão troglodita assim.

— A ardência entre minhas pernas dizem exatamente o contrário.

Levei um tapa na bunda quando me virei e mostrei meu dedo do meio a ele antes de entrar no banheiro e

fechar a porta.



Capítulo 48

Arthur

Não conseguia desgrudar meus olhos da porta do consultório, mesmo sabendo que Marina ainda ficaria lá dentro pelos próximos quinze minutos, quando sua primeira sessão chegaria ao fim. Tinha desmarcado todos os meus compromissos do dia para acompanhá-la à consulta com o psicólogo, para que se sentisse apoiada o máximo possível.

Nossa relação estava indo bem na medida do possível, a parte mais gostosa da minha rotina era tê-la em meus braços, com ou sem sexo. Na verdade, praticamente não fizemos nada desde que ela ficou menstruada, porque respeitei sua insegurança em transar durante esse período. Nina vinha se soltando cada vez mais, só que estava iniciando suas experiências e ainda não tinha tanta malícia para algumas coisas. Não era algo que me incomodava, eu já estava acostumado com todas as nuances de sua personalidade, mas isso ainda mexia muito com ela.

Não sei se tinha algo a ver, mas junto com esse momento, vieram também os dias um pouco turbulentos. Por duas vezes em quatro dias eu a peguei em situações nada agradáveis e não consegui evitar brigar com ela. Inclusive, um dos motivos para estar com sono era que justamente nesta madrugada, Marina foi vomitar no banheiro.

Tinha acordado no meio da madrugada e encontrado seu lado vazio na cama. Ela estava na cozinha e a descobri sentada no chão, escondida atrás do balcão, tomando o sorvete que comprei na véspera, direto do pote. Tentei fingir que não tinha nada demais alguém levantar às três da manhã para assaltar a geladeira, pois não queria que ela entrasse numa onda de culpa e arrependimento.

Quando voltamos para o quarto e eu me deitei, ela foi usar o banheiro. Só que se ela tivesse simplesmente entrado no meu e se trancado lá dentro não chamaria tanta atenção do que indo até o quarto dela. Óbvio que esperei alguns segundos e fui atrás, entrando sem avisar e a pegando curvada sobre o vaso. Avancei contra ela e puxei seu braço antes que fizesse merda, segurando-a pela cintura e a abraçando com força.

— Não é possível, Nina! — reclamei, tirando-a de dentro do banheiro. — Parece que eu falo as coisas e você

ignora completamente. Não acredito que me deixou na cama para fazer isso!

Seu corpo delicado tremeu quando me sentei com ela em meu colo e me arrependi imediatamente pela forma como falei, mas no calor do momento, o desespero de vê-la tão afetada me deixou muito mal.

— Por que faz isso, meu amor? — Segurei seu rosto e apoiei minha cabeça na dela. — Sua consulta é amanhã, por que está fazendo isso a essa hora?

Ela começou a chorar e me lançou um olhar magoado que doeu em meu peito, mas sabia que essa reação fazia parte do psicológico tentando se proteger.

— Nina...

— Não vou conseguir dormir — falou, soluçando e tentando enxugar o rosto com as costas das mãos. — Estou cheia...

— Então ficaremos acordados juntos. Vamos deitar e escolher um filme para assistir até seu corpo ceder para o sono.

Decidi que ficaríamos ali mesmo pelo quarto dela e fui pegar o controle da televisão enquanto Marina se ajeitava debaixo das cobertas. Quando voltei para a cama e me juntei a ela, puxei seu rosto e dei um beijo na testa, passando meu braço ao redor de sua cintura e a puxando para mais perto.

— Você não confia mais em mim — ela murmurou em tom de chateação.

— Quem disse isso? Claro que confio.

— Se confiasse não teria ido atrás de mim no banheiro.

— É diferente, Nina. — Alisei seu cabelo quando ela deitou a cabeça em meu peito. — Sei que você está doente, apesar de ainda não ter percebido isso. Lembra quando teve catapora e minha vó ficava o dia inteiro brigando com você para não se coçar? Ela até dava uns tapas na sua mão. É mais ou menos o que estou fazendo. Às vezes, precisamos de outra pessoa olhando por nós, quando não temos estrutura para lidar sozinhos com a doença.

— Ainda bem que não fiquei com nenhuma marca...

— Porque ela não deixava você coçar — respondi, feliz por ter me recordado dessa época. — Imagine se ninguém tivesse cuidado de você? E eu também vou ficar no seu pé igual vovó ficava, nem que eu precise me sentar para assisti-la fazer xixi.

Não me lembrava em que momento ela tinha dormido, porque acabei pegando no sono antes. Acordamos com o despertado do meu celular tocando aos berros e já senti meu corpo todo moído só em abrir os olhos, porque pegamos no sono naquela posição nada

agradável para ver televisão, com as costas contra a cabeceira da cama.

A primeira consulta do dia foi com o nutricionista, que era um médico amigo de Gabriela, a quem ela já tinha deixado avisado sobre Marina. Apesar de um pequeno protesto no início, ela deixou que eu a acompanhasse dentro do consultório e pude expor meu ponto de vista sobre o que vinha acontecendo, ignorando suas tentativas de dizer que eu estava exagerando.

— Vamos lá, Marina. Vou explicar o que pode acontecer — disse o homem, tirando os óculos de leitura e cruzando as mãos sobre a mesa, após terminar de pesá-la. — Seu IMC está um pouco abaixo do ideal para sua altura, mas também está longe de ser o pior quadro possível. Para encaminhar um paciente com bulimia para internação, geralmente, ele já se encontra com um IMC abaixo de 14 e um quadro grave de desnutrição, que não é seu caso. Mas vocês quase sempre conseguem chegar a esse patamar, principalmente as meninas da sua idade. Então, vamos sim iniciar um acompanhamento nutricional porque seus exames estão mesmo com algumas alterações e precisamos reverter o quadro de anemia.

Ela ouviu tudo calada, apenas balançando a cabeça vez ou outra quando ele fazia alguma pergunta. Estiquei minha mão e segurei a dela, fazendo carinho em seus

dedos, enquanto ouvia o nutricionista indicar algumas mudanças que eu precisaria impor em casa. Como evitar comprar alimentos que desencadeiem a compulsão dela, eliminar principalmente o refrigerante por causa do gás que causa sensação de inchaço e substituir doces comuns pelos *lights* para que ela não sinta tanta culpa ao comê-los. A lista era grande, mas achei que esses eram os pontos principais para dar atenção logo de início.

Ela ainda receberia um cardápio completo montado por ele, em alguns dias pelo e-mail, e teria consultas mensais até que estivesse apta para receber alta de seu quadro.

Saímos do consultório e fomos almoçar em um restaurante que eu gostava de frequentar e meu peito se encheu de orgulho quando ouvi Marina pedir uma Coca e logo depois se consertar, substituindo por suco de laranja.

— Você me acha muito magra igual o doutor Antônio falou? — perguntou ela enquanto olhava o cardápio.

— Sim, meu amor. É que você engana porque tem os seios grandes e a bunda empinada, mas está bem magrinha. Quando começar a se tratar direito, vai ganhar uns quilinhos que vão deixá-la ainda mais gostosa.

— Pensei que gostasse — murmurou ela, mexendo no guardanapo. — A Renata é magérrima.

— Esquece a Renata, Nina. O que ela tem a ver com você? Absolutamente nada. Eu sequer sou desse tipo de homem que fica ou deixar de ficar com uma mulher pelo tipo de corpo que ela tem.

— Mas você só começou a me notar por causa do meu corpo.

Não estava gostando do rumo que a conversa tinha tomado porque Marina, sem querer, começava a revelar algo que eu temi muito desde que descobri seu distúrbio alimentar. Sempre que tinha oportunidade estava pesquisando sobre a bulimia e era algo recorrente em todos os textos, a indicação de um momento, um episódio ou um trauma, que pudesse ter sido o pontapé inicial para desencadear o distúrbio. No fundo, vinha temendo que eu fosse o motivo de ela estar passando por isso hoje, mas tentei ao máximo não ficar remoendo essa culpa.

Até agora.

— Se está se referindo a sentir tesão, eu realmente não conseguia enxergá-la dessa forma, mas não por causa do seu antigo corpo e sim porque era uma criança. Você sabe como foi difícil, mesmo agora, eu aceitar me envolver. Nunca foi o seu corpo, Uni. Eu ainda a considero muito nova e de vez em quando me sinto um velho babão apaixonado por uma ninfetinha. Se soubesse antes o que

estava acontecendo, teria ido até o Rio para conversar com você. Sinto muito.

— Você não é culpado de nada...

O garçom chegou com nossas bebidas e Marina rodou o canudo dentro do copo, sem me encarar, enquanto ele me servia a água tônica. Quando o homem se afastou, ela levantou os olhos lindos para mim.

— Não emagreci por sua causa e sim porque estava gostando do retorno no Instagram — explicou e eu até acreditei um pouco, pois a pressão das redes sociais também contribuía muito para que a pessoa desenvolvesse vários tipos de transtornos, mas sabia que não era *apenas* por isso.

— O passado não podemos mudar, mas o futuro sim. Você vai passar por isso e vou acompanhar de perto cada mudança porque não é o seu corpo que eu amo desde que você me dirigiu seu primeiro sorriso banguela. Amo você, Nina. *Você*. Sua essência, suas brincadeiras idiotas, as coisas que fala sem filtro, o fato de não se importar em agir como uma criança perto de mim, o fato de ser safadinha nas horas certas — sorri — e nas horas erradas também. Amo que você odeia vinho e não faz questão de esconder porque sabe que não precisa fingir comigo. Amo que você chora por qualquer coisa boba, como agora.

Ela apertou os olhos e baixou a cabeça, deixando algumas lágrimas escorrerem pelas bochechas. Tínhamos sentado um de frente para o outro e precisei me esticar todo para secá-las, quando na verdade queria beijar todo o seu rosto.

— Só estou chorando porque você *tá* gastando o discurso do nosso casamento — murmurou, risonha.

— Assim você me ofende. Acha mesmo que eu diria algo tão simples com você vestida de noiva na minha frente?

Marina abriu um sorriso enorme e arrastou a cadeira sem cuidado algum, fazendo aquele barulho que chama atenção e faz todo mundo olhar. Mas não me importei nem um pouco de ser o alvo dos olhares alheios enquanto aquele unicórnio sorridente enroscava os braços nos meus atrás de mim e beijava o cantinho da minha boca.

— Amo você, príncipe — sussurrou ela, e então, me fez passar vergonha, gritando para todo mundo ouvir. — Eu amo esse homem!

Algumas pessoas ignoraram, outras sorriram e ainda tiveram umas poucas que bateram palmas, provavelmente achando que eu a tinha pedido em casamento ou algo importante do tipo. Quando Marina voltou a se sentar, seus olhos brilhavam intensamente e precisei respirar fundo para segurar a emoção. Eu a amava demais.



Gabriela e Bruno foram jantar lá em casa aquela noite e depois da sobremesa, deixei as mulheres conversando quando minha amiga começou a entrar no assunto dos médicos e chamei Bruno para a área externa. Sentei ao lado dele na beira do deck e coloquei a garrafa de vinho entre nós.

— Estou surpreso e muito feliz por vocês — disse ele, batendo o ombro no meu. — É impressionante ver como interagem naturalmente como um casal porque parece que estão juntos há anos.

— Eu a conheço como a palma da minha mão — respondi, sorrindo. — E também acho que não há muito de mim que passe despercebido por Marina.

— Como é essa sensação? De estar com alguém que conhece a vida toda?

Inspirei devagar, observando a paisagem à nossa frente, a cidade que ainda se agitava bem lá embaixo. Relembrei diversas fases da minha vida, as mulheres com quem já estive, tão diferentes umas das outras, as noitadas incansáveis, e até os momentos de solidão que eu também não deixava de curtir.

— É uma sensação de pertencimento — declarei, sendo o mais sincero possível. — Geralmente o casal se conhece, namora, casa e vai morar junto, que é quando algumas coisas começam a desandar pela rotina, pela vida sob o mesmo teto... Eu conheço os defeitos dela, ela os meus, e aprendemos desde cedo a lidar um com o outro. Sabe aquela frase bem brega que diz sobre o lar ser onde o coração está, algo desse tipo... Para mim é exatamente isso. Os piores anos da minha vida foram justamente os que estive afastado dela.

Bruno passou o braço por cima dos meus ombros e virou o rosto, encarando-me com aquele sorriso sacana e irônico.

— Está mesmo com os quatro pneus arriados por Marina, não é? Eu nunca o vi apaixonado, Salazar, não sabia que esse sentimento existia no seu coração viciado em trabalho. Espero ser convidado para o casamento. — Bruno esticou a taça vazia para mim. — Enche aí!

Servi um pouco mais de vinho e fiz o mesmo com minha taça, observando-o pelo canto do olho enquanto bebia um pouco mais.

— Quero pedi-la em breve, mas antes, quero ver alguma evolução em seu tratamento.

Meu sócio se engasgou e bati nas costas dele, que apoiou a taça no *deck* e se virou de frente para mim.

— Você está falando sério? — perguntou, com as sobrancelhas arqueadas. — Vamos com calma, meu amigo, vocês estão namorando há cinco horas.

— Muito sério — respondi, sorrindo e controlando minha ansiedade. — E daí? Nos conhecemos a vida toda. Ela é minha, Bruno, não há a menor possibilidade de correr o risco de perdê-la. E que eu saiba, você pediu Gabriela com dez meses de namoro, não seja ridículo.

Ele gargalhou e estalou a língua, pegando novamente sua taça e a encostando na minha.

— Mas eu fui esperto, fiz o pedido só para garantir a vaga. O casamento demorou um ano e meio para sair.

— Alguém falou em casamento? — Gabriela perguntou ao chegar com Marina logo atrás e vi os olhos do meu unicórnio brilharem na minha direção. Ela infartaria no dia que eu fizesse o pedido.

— Seu marido só está me contando como a enrolou para se casar — respondi, tirando qualquer suspeita do ar. — Francamente, Gabi, não sei como você aguenta esse paspalho.

— Como foi o casamento de vocês? — perguntou Nina, se aproximando de mim.

— Ah... Enorme, né? — Gabriela revirou os olhos. — Meus pais não me deixariam casar sem mostrar pra toda a

sociedade paulistana, tivemos quase quatrocentos convidados e nossas famílias são muito grandes.

Marina tinha se sentado ao meu lado e pela forma como a cabeça dela encostou no meu ombro, com um suspiro pesado, eu sabia que estava sentindo o mesmo que eu. Não tínhamos famílias, nunca saberíamos o que era um casamento para tantas pessoas. Beijeí sua cabeça e envolvi sua cintura com meu braço, aconchegando-a em mim e sussurrando em seu ouvido:

— Você é minha família, Uni.

Ela levantou o rosto e sorriu para mim, com os olhos molhados, e beijeí cada um deles antes de tocar em seus lábios.



Capítulo 49

Marina

Uma das partes que eram mais chatas do meu dia, quando eu tinha que sentar na mesa para almoçar sozinha e mandar a foto para Arthur, acabou se tornando uma das mais legais. Tudo porque o príncipe tinha adotado comigo uma rotina interessante nos dias em que não tinha audiência, ele passou a almoçar no escritório e fazia chamada em vídeo comigo, então nós dois comíamos enquanto conversávamos.

Meu cardápio era montado pelo *Sky Bar* de acordo com o que o nutricionista tinha passado e assim eu não podia reclamar de que estava comendo mal, porque nada que era feito pelo restaurante estava próximo de ser razoável.

— *Hoje é mesmo o último dia?* — perguntou ele, enquanto enrolava o macarrão no garfo.

— Sim! Graças a Deus!

Estávamos nos referindo às minhas aulas teóricas da auto escola, que eu terminaria naquela tarde. Depois, era só começar a pegar o carro para fazer as aulas práticas e torcer para passar na prova. Arthur tinha prometido para mim que quando eu comesse a treinar, ele me levaria para algum estacionamento e também treinaríamos balizas até minha exaustão, pois era uma das coisas mais complicadas da prova.

— Príncipe... — engoli o frango grelhado que estava mastigando e descansei o talher —, você pode me emprestar um dinheiro? Eu prometo que pago assim que completar vinte e um anos.

Ele riu e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— *Você sabe que não empresto nada. Não quero nada de volta, porque tudo que é meu é seu também. De quanto precisa?*

— Ainda não sei, estou dando uma olhada no site...

— Encolhi os ombros e sorri. — Mas as Mercedes que tenho visto e gostado custam em torno de quatrocentos mil.

Arthur gargalhou e se jogou para trás na cadeira, tapando o rosto com a mão e esfregando os dedos pela barba que eu gostava de sentir em minhas pernas.

— *Você não existe* — murmurou, rindo.

— Estou falando sério, não pense que vou passar por todas essas aulas chatas pra continuar usando *Uber*.

— *Mas você vai ter seu carro, meu anjo. Vamos sair para comprá-lo quando pegar a habilitação. Prometo. Só acho que dar uma Mercedes nas mãos de quem está começando a dirigir é um pecado. No mínimo, vai acabar com as rodas.*

— Está querendo dizer que vou ser uma má motorista?

— *Não, apenas que será uma recém-habilitada. E todo mundo, sem exceção, faz merda quando começa a dirigir.*

— Eu sou rica, Arthur. — Apontei meu garfo para a tela do meu celular lindo e novo. — Posso comprar rodas novas quando quiser.

Ele sorriu, mas arqueou aquela sobrancelha irritante como fazia quando queria discordar de mim.

— Vamos conversar mais tarde sobre responsabilidade financeira — declarou e olhou o *Rolex* no pulso. — Tenho que desligar, Uni. Termine de almoçar e vá escovar os dentes!

Era uma rotina que eu também tinha sido forçada a adotar, para não ficar muito tempo sentindo o gosto da comida na boca e ter vontade de vomitar. Acho que eu merecia um voto de confiança, porque já não fazia mais com tanta frequência.

Joguei um beijo para ele e encerrei a ligação, colocando na boca o último pedaço de frango e deixando no prato o que eu sentia que não cabia mais. Era difícil me controlar para não comer tudo quando a comida estava muito gostosa, o que era o caso de todas as refeições que chegavam do *Sky Bar*, mas de vez em quando conseguia parar de comer antes de ficar cheia demais.

Cheguei na auto escola animadíssima e ao terminar de assistir a última aula, dei até um abraço apertado no professor. Saí de lá feliz por estar conseguindo encerrar mais uma etapa e atendi meu celular quando Milena me ligou. Eu estava dentro do *Uber*, indo até a *Caixa Preta*.

— *Oi, amiga. Tudo bem?* — perguntou ela.

— Tudo ótimo. Tô na rua e você?

— *Eu também estou, queria saber se quer fazer alguma coisa hoje ou se agora só tem tempo pro príncipe.*

— Gosto de passar todo o nosso tempo livre juntos, porque você sabe que ele vive naquele trabalho — respondi, sorrindo. — Mas quer me encontrar agora? Vou dar um pulo na Caixa Preta.

— *Como assim?* — Milena gritou no meu ouvido. — *Quer dizer que você já frequenta normalmente?*

Eu tinha deixado Milena a par de tudo que envolvia o estabelecimento, inclusive sobre o fato de Arthur nunca ter sido dono de puteiro nenhum, pois a dona era eu. Primeiro

ela ficou chocada, depois se animou e me implorou para deixá-la conhecer algum dia. O que não seria fácil, porque Arthur tinha sido irredutível sobre permitir a entrada de mulheres lá.

Ele, inclusive, sequer sabia que eu estava indo até o lugar, mas como recebi passe livre da vez que fui em sua companhia, não queria nem saber. Estava com vontade de rever as meninas e pelo horário que era, imaginei que já teriam chegado.

— Não frequento, mas quero mudar isso — respondi à Milena que esperava na linha. — E você é minha amiga, posso muito bem abrir uma exceção e quebrar essa regra tosca do Arthur.

— *Chego lá em quinze minutos!*

Milena ficou toda animada e eu também, estava empolgada para mostrar tudo a ela, porque, afinal, era tudo meu. Precisava dar o braço a torcer para o príncipe e admitir que não me enxergava administrando o lugar, mas estava muito pronta para brigar com ele pelos meus direitos de ir e vir quando bem entendesse.

Esperei por minha amiga no saguão do prédio, sentada bem bonita e confortável numa poltrona larga e chique, ignorando a atenção que recebia por parte das recepcionistas curiosas demais. Quando Milena chegou, eu me dirigi com ela até a recepção e sorri.

— Boa noite, vou ao trigésimo andar — anunciei, encarando com firmeza o olhar da moça que me atendia.

— É proibida a entrada de mulheres que não sejam funcionárias, senhora.

Continuei sorrindo porque não valia a pena mostrar o dedo do meio para ela, pois eu a veria muitas outras vezes.

— Ligue para Francine, da Caixa Preta, e avise que Marina Leão está aqui na recepção — pedi, apoiando meus braços no balcão. — Eu espero.

Não podia negar que a funcionária era solícita, pois pegou o telefone no mesmo instante e ligou, passando o recado exato que eu dei e assentindo em silêncio.

— Ela está acompanhada de outra moça — disse a mulher ao telefone, observando Milena.

— É minha amiga e vai subir comigo — expliquei.

A recepcionista murmurou uma concordância e encerrou a ligação, digitando rapidamente no teclado do computador e estendendo dois cartões sobre o balcão.

— Estão liberadas, o elevador é o...

— Eu sei, obrigada — respondi e peguei a mão de Milena. — Estive aqui outras vezes.

— Você é muito louca — sussurrou minha amiga quando passamos pelas catracas.

Empurrei-a para dentro do elevador, rindo, feliz por Francine ter liberado a nós duas. Porém, queria ter uma

conversa muito séria com Arthur porque era inadmissível ficar sendo barrada na recepção sempre que quisesse dar um pulo aqui.

— Então, tem uma coisa que eu não contei. A mulher que você vai conhecer, a Francine, ela já transou com o Arthur.

Milena arregalou os olhos e eu balancei a cabeça para cima e para baixo. Bem que adoraria dizer que era mentira, que estava inventando, mas não era. Nós dois estávamos tentando deixar aquele passado para trás, tanto de minha parte com Francine quanto de Arthur com Miguel, mas era bem difícil mesmo. Seria a primeira vez que veria a gerente depois daquela revelação e não sabia como me sentiria ao ficar cara a cara com ela.

— Tudo bem pra você eles trabalharem juntos? — Milena perguntou quando chegamos à cobertura e a puxei para fora do elevador.

— Ele me garantiu que foi só uma vez e nas pouquíssimas vezes em que estive diante dela, nunca me pareceu que Francine tem algum interesse nele — respondi, encolhendo os ombros. — Mas o Arthur também não passa muito tempo aqui, a *Caixa Preta* só funciona às quintas, sextas e sábados e ele nem vem todos os dias.

— Olha só pra você toda empreendedora me dando aula sobre o lugar — debochou a minha amiga que corria o

risco de levar uns tapas, enquanto olhava tudo ao nosso redor. — Que lindo isso aqui!

— É o *Sky Bar*, o restaurante do Arthur. Diz ele que com o que fatura aqui, nunca mais precisaria advogar pra ninguém.

Parei de falar ao notar a gerente debruçada sobre o bar do restaurante e ela logo se virou para trás. Veio em nossa direção usando uma saia-lápis roxa que moldava o corpo extremamente musculoso e uma camisa social branca.

— Francine, esta é minha amiga Milena — apresentei as duas e a gerente até que foi simpática, esticando a mão para a outra.

— Arthur sabe que está aqui, Marina?

— Não — respondi, sorrindo. — Não vou demorar.

Ela apoiou as mãos na cintura e me encarou, depois jogou a cabeça para trás e quando voltou a me olhar, estalou a língua.

— Você tem o jeito do Felipe mesmo, quando cisma com uma coisa, inferniza a vida de todo mundo.

— Ela sabe que está falando com a dona do lugar? — perguntou Milena, com o rosto virado para mim, mas não se deu ao trabalho de falar baixo, parecia fazer questão de que Francine ouvisse.

— Sim, eu fui apenas a última a saber da história toda. — Sorri para minha amiga e depois encarei a gerente. — Nós duas podemos conversar rapidinho? Não vim só para isso, queria rever as meninas, não sei se elas já estão aqui, mas também vou aproveitar e falar com você.

Francine franziu os lábios e concordou, gesticulando com a cabeça e nos chamando para segui-la pelo corredor. O *Sky Bar* já estava funcionando, pois passava das sete horas da noite, então notei o olhar de alguns homens para cima da gente, tentando ignorar todos eles. No entanto, avistei o *chef* que eu tinha conhecido da outra vez em que vim com Arthur e desviei do caminho para ir falar com ele.

Jules devia ser um pouco mais velho que Arthur e tinha mãos excelentes que criavam os melhores pratos, das mais variadas texturas e sabores. Abri um sorriso quando ele me notou, afastando-se de uma mesa com alguns clientes e se aproximando de mim.

— Bem-vinda de volta — falou, simpático, com um leve sotaque francês. — Salazar não veio?

— Hoje estou sozinha — respondi. — Só queria agradecer a comida que tenho recebido, está tudo muito gostoso.

Ele uniu as pontas dos dedos e as levou aos lábios, jogando um beijo no ar e sorrindo.

— Tudo preparado exclusivamente para a senhorita Leão.

— Devo estar dando trabalho, mas obrigada.

— Não há trabalho nenhum — disse o homem, tocando meu ombro, muito gentil. — Espero sempre agradar.

Ele foi chamado pelo maître e eu me despedi rapidamente para seguir com Milena e Francine que me esperavam do outro lado. Isso me lembrava que eu precisava ainda contar tudo para minha amiga sobre o que estava vivendo ultimamente a respeito da minha saúde. Nós passamos facilmente pela segurança, visto que estávamos na companhia da gerente, e comecei a ouvir os assobios de minha amiga quando entramos na *Caixa Preta*.

Inclusive, eu gostaria muito que Arthur me explicasse o motivo de um nome tão estranho para um lugar magnífico como aquele. De quem teria sido a péssima ideia?

— Cacete, eu estava imaginando um lugar bem inferninho mesmo, como aqueles clubes de quinta categoria que a gente vê nos filmes.

— Você conhece o Arthur — falei. — Ele tem cara de alguém que guardaria a sete chaves um inferninho fedorento?

Milena me encarou, com a testa franzida e as mãos na cintura, pensativa.

— Bom, para ser sincera, o seu príncipe encantado nem tem cara de alguém que administraria um lugar promíscuo como esse. Ele é um ótimo ator, isso sim.

Nós paramos no meio do salão e minha amiga caminhou pelo espaço, indo até uma das barras de pole dance e a tocando como se visse tudo aquilo pela primeira vez. Bem, deveria ser mesmo.

— Quer conversar agora? — perguntou Francine, indicando o corredor com a cabeça.

Eu assenti e ela foi na frente, retirando um molho de chaves do bolso e abrindo a sala de Arthur. Passei a mão pela mesa escura, observado suas coisas arrumadas de forma metódica como ele adorava fazer e dei a volta para me sentar na cadeira macia. Francine observava a tudo, até que puxou a cadeira do outro lado da mesa e se sentou, parecendo pouco à vontade.

— Você gosta dele? — perguntei e ela arqueou uma sobancelha, surpresa.

— De Arthur? — Franziu a testa e riu. — Sim, ele é um ótimo patrão e uma pessoa incrível. Como homem, não tenho o menor interesse.

— E por que transou com ele?

Ela suspirou e cruzou as pernas, enquanto ajeitava o cabelo atrás das orelhas e me encarava com seriedade. Eu não conseguia sentir falsidade da parte dela e era só por isso que estava ali, cara a cara, querendo conversar.

— Pelo que entendi da conversa quando vocês estiveram aqui, você é ou era virgem. Então acho que talvez ainda não tenha vivido tantas experiências, pode não entender como é a sensação de apenas querer muito transar num determinado momento, com determinada pessoa. É coisa de tesão mesmo, só isso.

Realmente desconhecia essa vontade. Eu tinha sim fogo no rabo como o próprio príncipe costumava dizer, mas não era uma necessidade de fazer sexo de fato. Antes de perder a virgindade, tudo em que pensava era em dar vários amassos, mão naquilo e aquilo na mão, até porque, eu sequer sabia como era a sensação da penetração. Nunca consegui olhar para um cara, por mais que o quisesse beijar, e pensar algo como *“nossa, preciso dar para ele agora”*.

Mesmo depois de transar pela primeira vez com Arthur, eu ainda não sentia isso. Cada momento com ele era perfeito, não podia negar, mas o sexo, por enquanto, não era a coisa mais gostosa do mundo. Desde que minha menstruação chegou e foi embora, só tínhamos transado uma vez de ladinho na cama e eu ainda sentia bastante

incômodo com o tamanho dele. Ele me fez gozar duas vezes antes da penetração, mas na hora mesmo, eu senti um desconforto muito grande e chorei de frustração por não conseguir dar conta do meu namorado. Acho que isso o traumatizou, porque estava há três dias sem encostar em mim.

— Arthur sempre foi extremamente profissional, durante todos os anos que nos conhecemos ele nunca me faltou com o respeito nem demonstrou o mínimo interesse. E o jeito todo sério dele acaba dando o que falar num lugar como esse, porque jamais se envolveu com nenhuma das funcionárias, por mais que várias dessem em cima dele.

Será que seria muito ridículo eu pedir para saber o nome de todas elas?

— Se teve uma coisa que eu aprendi nos últimos meses, é que Arthur talvez seja filho de monges tibetanos. Não conheço ninguém com mais autocontrole do que ele.

— Não mesmo — disse Francine, sorrindo. — Enfim, então ele chega um dia aqui e começa a olhar pra mim de um jeito bem estranho e intenso. Que mulher não se interessaria?

Suspirei, fechando os olhos e girando a cadeira. Arthur tinha me contado que transou com Francine no dia em que chegamos em São Paulo, explicou que tinha passado os dias comigo cheio de tesão e encontrou na

gerente da *Caixa Preta* a oportunidade perfeita de aliviar a vontade de sexo, sem se comprometer, pois sabia que ela era muito desprendida com esse tipo de atitude.

— Sinceramente, eu nunca me interessei por Arthur porque ele é exatamente o tipo de homem para quem me vendi por muito tempo. — Eu a encarei com curiosidade, não imaginava algo do tipo. — Mais velho, muito rico, solteiro convicto. Para me relacionar, gosto de homens mais novos que eu.

— Obrigada por ter contado — falei ao me levantar e me aproximar dela. — Naquele dia... Não sei se ele pretendia me contar e me sentiria muito mal se descobrisse depois de um tempo.

— Eu nunca transaria com ele se soubesse dessa possibilidade entre vocês — disse, franzindo os lábios. — Até porque eu sabia que um dia a conheceria. Mas... Na vida a gente comete alguns erros pelo caminho, faz parte. Meu tempo por aqui foi bom, estou preparada para a próxima etapa.

— Não vou demitir você, Francine — declarei e vi o quanto ela ficou surpresa.

— Não?

Neguei e encolhi os ombros. Peguei o porta-retratos sobre a mesa, com a minha foto que eu gostaria de trocar, e olhei para ela.

— Vou morrer de ciúmes por algum tempo, mas vai passar. O Lipe era uma pessoa muito sensível, quando ele não gostava de alguém, geralmente tinha motivo para isso. E se ele gostava de você, acho que tenho obrigação de dar um voto de confiança. Não vou mexer em algo que deu certo todo esse tempo.

Estiquei minha mão para selarmos um acordo de paz e ela a encarou, parecia desconfiada. Estava prestes a recolhê-la e desistir de ser simpática quando Francine me abraçou e afagou meu cabelo antes de me soltar.

— Obrigada — disse ela, tocando meu rosto. — Prometo que não vou decepcionar.

Saímos da sala enquanto ela me explicava sobre a busca incessante da tal mulher diferente que Arthur queria e eu me lembraria depois de comentar isso com ele. Não ia deixar que contratasse alguém por quem ele próprio sentiria tesão ao ver dançando. Nem mesmo sobre o meu cadáver!

Depois bati na porta do camarim e coloquei a cabeça para dentro, mas nem Sara nem Diana pareciam ter chegado. Apenas duas mulheres que eu não conhecia direito, lembrava apenas de ter visto naquela noite, estavam ali, conversando animadamente e parando quando interrompi. Pedi desculpas e fui atrás de Milena, que estava debruçada no balcão enquanto Francine mexia

nas garrafas do outro lado. Caminhei até o palco e subi pela lateral, sentando-me na beira e abrindo meu *Whatsapp* para fazer uma ligação em vídeo.

— *Oi, delícia* — Arthur atendeu no segundo toque já com um sorriso no rosto, mas logo franziu a testa. — *Onde você está?*

— Adivinha?

Girei um pouco o celular para poder mostrar um ângulo maior para ele, que balançou a cabeça com uma expressão nada amigável.

— *O que está fazendo na Caixa Preta e como entrou?*

— Ora, como, eu sou a dona — respondi, piscando para ele. — Francine não podia se recusar a me receber. Quer vir me buscar?

O príncipe praguejou baixinho e deve ter apoiado o telefone em algum lugar no painel do carro, porque de repente seu rosto foi substituído por um pedaço do encosto do banco e metade da sua bochecha.

— *Estava piscando a seta para entrar no prédio, Marina. Vou matar você.*

— Não vai não — murmurei, fazendo um dengo. — Só se for com muitos beijos porque eu sei que você não resiste ao meu charme. Ah, e temos que dar carona pra Milena.

— *Você levou sua amiga pra Caixa Preta?*

Ele praticamente gritou e tanto ela quanto Francine ouviram e viraram suas cabeças na minha direção, que sorri. Revirei meus olhos ao voltar a encarar Arthur e dei um beijo na câmera antes de acenar para ele.

— Vou ficar esperando, príncipe.

Quando desliguei, a gerente já estava quase aos meus pés, fuzilando-me com seu olhar.

— Não acredito que você contou ao Arthur que estava aqui — disse, tocando a testa. — Meu Deus, você pode não querer me demitir, mas em algum momento ele vai fazer isso.

— Não vai, não. Cão que ladra não morde.

Ela arregalou os olhos e eu me levantei, rebolando pelo palco e me lembrando da minha estreia naquele lugar.

— Se ele a escuta falar assim... — Ela riu.

— Mereço uns belos tapas, eu sei. Estou contando com isso.

Milena riu alto e se jogou numa das poltronas pretas de tecido chique, cruzando as pernas sobre o braço dela e apontando seu copo com alguma bebida para mim.

— Gostaria de ver seu *show*, moça. — Brincou. — Por favor, dance para mim.

Coloquei as mãos nos joelhos e balancei rapidamente a bunda, endireitando-me logo em seguida e

puxando meu vestido para baixo.

— Sinto muito, eu me aposentei — respondi, descendo os degraus para sair do palco. — Agora me apresento somente para meu namorado. Você, porém, poderia fazer um teste. Francine está contratando.

Milena balançou as pernas no ar quando Francine revirou os olhos e saiu de perto de nós. Com certeza devia pensar na perda de tempo que era fazer recepção para a dona irresponsável do lugar.

— Seria o orgulho de papai assistir uma apresentação minha de... balé.

Minha amiga estava rindo, mas ficou imediatamente séria quando uma das dançarinas subiu no palco para treinar, vestindo apenas calcinha e sutiã. Observei Milena acompanhar os passos dela com atenção e fiquei pensando que mulheres também gostavam de putaria tanto quanto os homens. Por que na Caixa Preta não podia existir uma noite apenas voltada para o público feminino? Se a questão era prezar o acesso exclusivo a uma pequena parcela privilegiada da sociedade, por que não? Tinha certeza que muitas mulheres riquíssimas e poderosas poderiam se interessar.

Tentei me imaginar sentada ali numa poltrona e vendo Arthur todo delicioso sobre o palco, arrancando a

roupa lentamente. Acabei caindo na gargalhada porque isso não era nem um pouco a cara dele.

— Posso saber do que acha tanta graça? — Arrepiei dos pés à cabeça com a voz em meu ouvido me pegando de surpresa.

Joguei minha cabeça para trás e encontrei os olhos azuis e um príncipe lindíssimo dentro de um terno cinza-claro. O homem era muito desleal com o resto da humanidade.

— Estou imaginando você dançando pra mim nesse palco — respondi, formando um biquinho com os lábios e sendo beijada por ele. — Seria o auge da minha vida.

— Tem certeza que quer me ver tirar a roupa aqui em público? — perguntou, sussurrando de um jeito capaz de molhar minha calcinha.

Eu soltei um suspiro forte e levantei minha cabeça, flagrando uma loira que tinha subido no palco para treinar, observando a gente achando que estava sendo discreta. Não consegui evitar pensar no que Francine falou sobre as mulheres da *Caixa Preta* sempre darem em cima de Arthur, mesmo que ele ignore as investidas. Com certeza eu seria o assunto entre elas, então, para dar um material de mais qualidade para as próximas conversas, eu me levantei e me pendurei no pescoço dele. Beijeí sua boca de forma muito cinematográfica, ouvindo até um assobio por parte

de Milena. Senti as mãos do príncipe segurarem minha cintura para me pressionarem contra seu corpo e quando afastei nossos lábios, ele sorriu.

— Marcando território, Uni? — perguntou ele, alisando minhas costas e pousando a mão bem sobre minha bunda.

— Só usufruindo do que é meu por direito — respondi, mordiscando o queixo dele.

Arthur piscou e me deu um tapa antes de se virar, entrelaçando os dedos nos meus e olhando para Milena que tentava passar despercebida por ele.

— Tudo bem? — perguntou a ela, que deu um sorriso amarelo e assentiu. — Vamos deixá-la em casa.

Minha amiga me lançou um olhar desesperado e eu sabia que ela ainda estava sem graça até agora por causa do dia em que Arthur nos flagrou dentro do ofurô. Como era bem branca, ficou fácil demais notar o rosto vermelho e a puxei pela mão, obrigando-a a se levantar.

— Não precisa, gente. Vou pegar o metrô.

Meu príncipe era mesmo o melhor do mundo, porque ele nem deu espaço para que Milena ficasse constrangida. Apenas apoiou a mão no ombro dela e a fez se virar, forçando-a a andar conosco em direção à saída, bem como costumava fazer comigo quando eu era mais nova e tentava fugir de alguma tarefa.

— Está ficando tarde — disse ele, abraçando minha cintura. — Não é problema nenhum levá-la em casa. Se sua amiga doida a arrastou até aqui, ela pode perder uns minutos do dia para deixá-la no seu endereço.

Quando passamos pelo bar, onde Francine fingia que não existia, Arthur parou e apoiou um braço sobre o balcão, encarando a loira. Ela baixou o caderno onde anotava alguma coisa, talvez o estoque, e ergueu as mãos no ar.

— Não me olhe com essa cara — disse a loira. — Ela apareceu na recepção, o que você queria que eu fizesse?

— Mandasse voltar para casa.

— Ei! — Dei um tapa no braço dele. — Estou bem aqui do seu lado. Não pode me proibir, Arthur.

— Concordo com ela. — Francine apontou a caneta para mim. — Marina é maior de idade e já descobriu tudo, agora pare de ser tão neurótico.

Foi a minha vez de puxar o homem para sair de lá porque queria dar na cara dele e também porque não gostaria de estar presente quando ele e Miguel se vissem novamente.

— O que veio fazer aqui, afinal? — perguntou enquanto descíamos no elevador.

— Queria ver minhas amigas.

— Suas... — Ele franziu a testa e passou a mão pelos cabelos. — Amigas?

— Sara e Diana — respondi, observando pelo espelho, Milena dar uma risadinha atrás dele.

— As strippers agora são suas amigas. — Não foi uma pergunta, mas o olho dele estava tremendo. — Jura?

— Ah, pare de ser tão dramático, príncipe. — Nossas mãos ainda estavam unidas quando saímos no saguão do prédio. — Não é como se eu fosse convidá-las para um jantar em casa, mas são sim minhas amigas. Elas me ajudaram quando precisei.

Seu carro estava estacionado numa vaga privativa na frente do edifício e Arthur acenou para um dos seguranças ao destravar o alarme e abrir a porta para mim e, em seguida, para Milena. Não existia igual esse homem.

— Gostaria mesmo que não frequentassem nossa casa, levando em consideração que deve ser estranho jantar ao lado de pessoas que eu vejo dançarem nuas sobre um palco.

Pensando por esse lado, talvez não fosse mesmo uma boa ideia. Não por causa delas, mas eu realmente não queria Arthur enchendo uma taça de vinho para Sara e pensando na cor do mamilo dela ou qualquer outro pensamento sórdido do tipo.

Milena passou o caminho inteiro até sua casa no mais completo silêncio, balbuciando respostas monossilábicas quando eu tentava puxar assunto e quando a deixamos em sua porta, ela desceu do carro e baixei meu vidro para falar com ela.

— Obrigada por me levar lá — disse, piscando. — Foi interessante. E desculpa, prin... Arthur.

— A culpa é da sua amiga maluca, não sua — respondeu ele. — Boa noite, Milena.

Arthur manobrou o carro assim que minha amiga entrou em casa e eu aproveitei o caminho para levar minha mão à nuca dele e fazer um carinho. Sempre via casais trocarem esses gestos de intimidade e morria de vontade de ter alguém para recriar o ato. Funcionou com o príncipe, que respirou fundo e apoiou a mão com a palma virada para cima, no console do carro. Apoiei a minha sobre a dele e seus dedos se fecharam nos meus.

— Se eu conceder entrada autorizada a você na *Caixa Preta*, vai me prometer que não ficará indo lá toda hora só para matar a vontade?

— Sim — respondi, sincera. — Eu nem pretendo passar a frequentar, príncipe. Só quero poder ir até lá sem precisar implorar na recepção. Foi um pouco humilhante não poder esfregar meu cartãozinho de dona na cara das recepcionistas hoje.

Ele riu e apertou meus dedos.

— Conte-me como foi seu dia — pediu, muito tranquilamente como o homem controlado que era, enquanto eu pensava qual seria o momento ideal para pular em seu colo. Decidi que esperaria chegarmos em casa.

Arthur dirigiu pela noite paulista e eu o coloquei a par dos acontecimentos nada surpreendentes da minha vida. Mas lembrei de não deixar de fora um detalhe importante: minha decisão de trocar realmente o curso da faculdade e começar a estudar Publicidade e Propaganda.



Capítulo 50

Arthur

Quando desliguei o carro na garagem do prédio e tirei meu cinto de segurança, Marina se lançou por cima do console central do carro, toda desajeitada enquanto driblava o obstáculo, para vir se sentar em meu colo. Ela mesma estava rindo por toda a falta de desenvoltura e quando se ajoelhou em mim, segurou meu rosto na mão e lambeu meus lábios.

— Nossa! Estava morta de vontade de fazer isso!

— É mesmo? — perguntei, deslizando minhas mãos pelos quadris, olhando ao nosso redor para procurar por possíveis testemunhas.

Todos os meus carros tinham películas escuras, mas era do nosso inconsciente nos preocuparmos com flagras quando se fazia qualquer coisa no carro.

— Sabe desde quando eu quero sentar em você assim? — ela questionou, enquanto meus dedos tocavam o final do vestido curto e encontravam sua pele. — Desde

que você alugou um carro no Rio de Janeiro para ir ao meu aniversário.

Ela conseguiu me surpreender na resposta, pois achei que fosse puxar alguma memória mais recente. Sorri ao lembrar de como eu mesmo fiquei naquele dia, ouvindo Marina falar despretensiosamente sobre sexo. Todo duro, igual começava a ficar neste exato momento.

— Agora eu posso me esfregar na trombeta — declarou, fazendo exatamente isso e roçando no volume em minha calça.

— Pode se esfregar à vontade — respondi, tocando sua calcinha de modelo um pouco maior do que costumava usar. — Só não vamos transar aqui dentro.

— Que absurdo! Por que não?

— Porque você ainda não vai conseguir me receber por cima.

Cada toque de Nina conseguia me tirar completamente do sério e ela parecia saber muito bem onde e como fazer isso. Seus dedos arrastando por trás das minhas orelhas e descendo para se encontrarem em minha nuca, enviavam calafrios por todo meu corpo, que acabavam se concentrando na ponta do meu pau.

Deslizei minha mão pelo seu decote recatado e apertei um dos seios por cima do vestido, brincando com o mamilo durinho sob meu toque. Marina grudou o corpo no

meu e lambeu o contorno da minha orelha, arrancando um gemido meu. Puta que pariu, a filha da mãe era diabólica.

— Eu e a bacurinha estamos tristes porque você não quer mais a gente — murmurou ao pé do meu ouvido, sem deixar de se esfregar em mim.

— Quem disse essa loucura?

— Tem três dias que a gente não faz nenhuma safadeza e minha menstruação já foi embora.

— Safadeza? — Ri quando ela me encarou, com o biquinho nos lábios.

Marina apoiou as costas no volante e deslizou suas mãos pela minha barriga, puxando minha camisa e tocando minha pele, fazendo-me arrepiar. Seus dedos desceram até o botão da minha calça e deixei que fizesse o que tanto desejava, puxando meu pau pelo elástico da cueca e tocando a glândula.

— Pelo menos ele não se desinteressou de mim — resmungou ela, alisando toda minha extensão.

— Estou um pouco frustrado, Uni — confessei, encostando a cabeça no banco e observando sua expressão se modificar de surpresa. — Nunca quis tanto ter um pau menor para poder comer você direito. Sei que para quem está começando a vida sexual agora, meu tamanho não é tão agradável.

Ela o apertou de forma delicada entre os dedos e precisei puxar o ar devagar, sentindo o tesão me consumir com aquele toque.

— Eu o acho muito agradável, príncipe.

Marina cuspiu em meu pau, exatamente como a ensinei a fazer e começou a me masturbar lentamente, sem tirar os olhos dele, como se fosse seu instrumento favorito. Não consegui manter minha sanidade e procurei por sua boceta escondida pela calcinha, chegando-a para o lado e tocando os lábios pequeninos. Ela estava tão ensopada que meu dedo escorregou pela fenda sem nenhuma dificuldade.

— Você se excita com o perigo, não é? — Brinquei, sentindo seu clitóris sob meu toque.

— Me diga você — ela sussurrou, já perdendo o controle da masturbação porque não conseguia se concentrar nas duas coisas ao mesmo tempo. — Isso é perigoso?

— Você me provocar dentro do carro? Bastante.

O unicórnio abriu um sorriso safado e eu me deixei levar pelo momento, permitindo que ela comandasse a situação e ganhasse um pouco de controle. Não seria o ideal, porque sentado ali a única forma de transarmos seria com Marina por cima e ela não tinha ainda nem habilidade para isso nem preparo, portanto, não seria tão prazeroso.

Mas eu entendia que, às vezes, o tesão falava mais alto e realizar fantasias já era por si só um momento de grande prazer.

Quando ela começou a se ajeitar em cima de mim, pronta para que eu me encaixasse, a doida me deu um tapa no ombro e gritou:

— Já sei! Tive uma ideia ótima!

E abriu a porta do carro, pulou para fora abaixando o vestido e sorrindo para mim, com os olhos escuros brilhando.

— O quê? — perguntei, atônito, quase infartando, com o pau duro para fora da cueca.

— Vamos deixar o carro pra outro dia, o que tenho em mente é muito melhor!

Puxei o ar, soltei, puxei de novo e soltei mais uma vez para que a vontade de esganar Marina passasse completamente. Ela ficou me encarando de forma impaciente enquanto eu me ajeitava, tremendo de tesão, e passava a mão em sua bolsa que tinha ficado no outro banco.

— Você um dia vai me matar de verdade — resmunguei ao trancar o carro e ser puxado por ela. — Esses seus rompantes me assustam, Marina.

— Eu sei, eu sei, mas vamos logo porque *tô* com muito tesão.

Felizmente eu morava em um prédio com apenas um apartamento por andar e não tinha tantos vizinhos, porque aquele era o momento em que a gente entrava em um elevador e rezava para mais ninguém aparecer. Pelo espelho, eu me sentia ridículo com a ereção monstruosa dentro da calça, impossível de esconder, ciente de que na câmara de segurança isso devia estar bem visível. Por isso, puxei Marina para perto de mim e grudei meu pau em sua bunda provocadora.

— Você vai me pagar por isso — prometi, sentindo-a rebolar discretamente contra mim. — E vai gritar implorando por perdão.

— Vai ser hoje esse acontecimento?

Ri da ousadia e dei um tapa em sua bunda, aliviado ao pararmos na cobertura sem termos cruzado o caminho de mais ninguém. Eu praticamente fui rebocado para dentro de casa pela gravata e quando Nina me soltou no meio da sala, começou a mexer no celular.

— Vai tirando a roupa — disse ela, totalmente elétrica.

Mesmo sem entender porra nenhuma do que se passava naquela cabecinha, óbvio que obedeci prontamente porque eu era tão louco por ela que compraria todas as suas ideias. Depois, se desse errado ou fosse ruim demais, a gente improvisava.

Só não acreditei quando comecei a escutar um *funk* — desconhecido para mim porque todos eram — alto para caralho e vi Marina se virar para mim, começando a dançar. Ela tirou o vestido e ficou só com a calcinha branca, recatada, daquele tipo que era quase um shortinho. Deliciosa de qualquer jeito, especialmente assim, pois me fazia pensar que não tinha saído de casa no modo sedutora. Somente eu podia vê-la daquele jeito simples, bem minha menina, rebolando sensualmente com as mãos segurando os seios.

Terminei de tirar minha calça quando ela me puxou e apontou para o tapete da sala. A música, se é que podia ser chamada disso, falava muito sobre sentar, quicar, descer e todos os outros sinônimos que podiam existir que indicavam a mesma coisa: cavalgar o pau de um homem. Normalmente, eu ficaria horrorizado por ver Marina dançando algo tão grotesco, como fiquei em seu aniversário, mas meu tesão era grande demais para pensar nisso.

Eu me deitei, alisando meu pau, sentindo-o babar enquanto meu unicórnio gostoso pra caralho posicionava meu corpo entre suas pernas e me olhava de cima. Ela ainda estava de calcinha, mas na posição em que me encontrava, podia ver o tecido encharcado e estava doido para meter minha língua ali.

Respirei fundo quando Nina começou a agachar, rebolando lentamente, com toda a sua desenvoltura para dançar funk. Estiquei minha mão para tocar a bocetinha deliciosa, estremecendo ao sentir que estava ainda mais molhada do que no carro.

— Tira logo essa calcinha para mim — pedi, puxando para o lado e deslizando meu dedo pela fenda. — Me mostra essa preciosidade.

Ela sorriu e se levantou, fazendo o que pedi, tirando a peça e a jogando sobre o sofá, só para voltar a agachar de novo.

— Finalmente eu vou poder usar toda a minha experiência — comentou, rindo, mordendo o lábio, naquele seu modo safada e tímida. — Sempre quis colocar meu aprendizado de bailes *funks* em prática.

Eu vinha evitando falar de forma muito depravada quando estávamos juntos porque sabia que, às vezes, quase a matava de vergonha, mas com a letra da música que estava tocando, senti que poderia extravasar um pouco mais o meu tesão e busquei as mãos dela no ar.

— Vai sentar muito no seu macho hoje? — perguntei, recebendo um olhar surpreso e uma confirmação com um aceno. — Saiba que se sentar, eu vou me enterrar em você.

A filha da mãe rebolou e desceu um pouco mais enquanto eu segurava meu pau pela base, enlouquecido para praticar tiro ao alvo. E Marina se aproximou o suficiente para esfregar a boceta na cabeça dele, obrigando-me a ranger os dentes de tanto tesão.

— Desce mais essa bocetinha, amor.

Ela apoiou as mãos no meu abdômen, ficando de cócoras, toda aberta me concedendo a visão do paraíso. Puta que pariu, Marina era uma divindade.

— Primeiro tem que entrar gostosinho e devagar, não nessa posição — avisei, segurando seu pulso para puxá-la para mim.

— Eu consigo.

— Nina, vem aqui primeiro. — Sem soltar seu pulso, forcei que se ajoelhasse e se inclinasse na minha direção. Segurei seu rosto entre minhas mãos e a beijei. — Você vai fazer como quer, mas calma, preciso abrir caminho para não entrar rasgando. Segure meu pau e o leve até sua boceta — ensinei, alisando suas curvas no corpo com a bunda empinada para o alto. — Por cima é você que tem o maior comando, pode aprender a me controlar para o seu próprio prazer. Aos poucos, você vai achar a posição ideal para esfregar esse grelinho em mim.

Ah, porra. Fechei os olhos para absorver a sensação com um maior impacto quando minha glândula encontrou o

calor do interior de sua vagina e Nina já começou a me apertar.

— Afaste bastante as pernas — pedi, alisando sua bunda macia. — Desça devagar para não machucar.

Ouvi seu gemido gostoso e a olhei, notando uma expressão de puro prazer em seu rosto lindo. Marina apertou os olhos e deixou a boca abrir conforme sua boceta apertada engolia meu pau.

— Quero tudo — disse ela, voltando a me olhar. — Posso?

— Quem está sentindo é você — falei, alisando sua bochecha. — Só não quero que ultrapasse seus próprios limites.

Mas era minha namorada e era doida. Por isso, ela abriu um sorriso diabólico e se sentou, de uma vez só, deslizando por todo o meu comprimento e me atolando em sua boceta.

— Ahhhh, caralho — gemeu, resmungando de olhos fechados ao mesmo tempo em que ria. — Isso dói.

Não tinha condições de pronunciar nada, pois era a primeira vez que a sentia inteira ao meu redor e meu autocontrole estava por um mísero fio. A vontade de apertar meus dedos naquela bunda e fodê-la com força era enorme. Ela se levantou rápido, sem me tirar totalmente, puxando o ar entre os dentes e gemendo.

Percebi que tinha ficado insegura, mas montar de cócoras não era a posição mais tranquila para quem era inexperiente, a mulher precisava dominar o ritmo de seus movimentos para ter o controle da penetração, principalmente quando o homem tinha o pau grande.

Para não deixar Marina se sentir desconfortável por não conseguir me montar, desisti de ser bonzinho e me sentei, abraçando sua cintura e a pegando de surpresa.

— Chega — falei, arrastando minha bunda pelo tapete até encostar minhas costas no sofá. — Você ainda vai aprender isso, não se frustre, teremos todo o tempo do mundo. Mas agora, vou comê-la sentadinha assim, bem gostoso.

— Tô ansiosa — disse ela, gemendo com nosso contato, ajoelhada com as coxas apertando minha cintura.

Deslizei meu corpo um pouco para baixo só para ficar levemente inclinado e dar um suporte melhor para Nina, que encostou em meu peito. Agarrei sua bunda, separando suas nádegas e empurrando meu quadril para cima, enfiando meu pau devagar em sua boceta escorregadia. Ela estava tão excitada, que eu me sentia todo melado pelo pouco que se esfregou em mim.

— Ai meu Deus... — Nina gemeu quando fui até o fim, sentindo-a abertinha para minha naquela posição e

puxei devagar o quadril para baixo, fazendo-a estremecer.
— Hoje eu morro.

— Gostosa.

Ela fechou os olhos quando enfiei novamente, devagar, e dessa vez dei um cutucada mais curta e forte lá no fundo, arrancando um gritinho. Surpreendi-me ao sentir seu corpo relaxando em meus braços e ela se abrindo mais, empinando aquela bunda maravilhosa. Isso me fez arriscar um pouco e aumentei a velocidade, buscando movimentos mais curtos, comandando sua montaria com minhas mãos em sua bunda.

Naturalmente, Marina começou a gritar porque eu estava enfiando bem fundo. Segurei com força em seus cabelos, puxando a cabeça dela para trás e lambendo seu queixo, enquanto explorava o burquinho intocado do seu cu conforme metia naquela maravilha de boceta.

— Ai príncipe... — ela gaguejou e fechou os olhos quando puxei seu rosto para beijar sua boca. Apertei meus dedos em sua nuca, estimulando mais um gemidinho dela e gemi junto.

— Aguenta mais um pouco? — perguntei, começando a enterrar meu pau só pela metade, aproveitando que a própria Marina tinha iniciado uma dancinha lenta em meu colo. — Vai me deixar meter até eu gozar? Use seus dedos, Uni, toque uma siririca gostosa,

vou tentar pegar um ângulo agora que seja gostoso para você.

Ela me obedeceu como sempre fazia, aceitando meus conselhos, levando a mão entre nossos corpos e se tocando. Desci meu corpo um pouco mais e praticamente me deitei, e empurrei devagar meus quadris contra ela, segurando sua bunda para que não descesse tanto. Então, lentamente, entrei por completo e rebolei devagar, arrancando seu gemido. Nina parou de se tocar e apoiou os cotovelos ao redor da minha cabeça, fechando os olhos e esfregando a barriga na minha.

— Rebola, sinta ele todo dentro de você — falei, baixinho. — Tem um ponto aí bem no fundo, que se você conseguir alcançar, vai achar gostoso. Esfrega sua boceta em mim.

Marina era uma boa aluna, reproduzindo perfeitamente os ensinamentos que recebia e apertando meu pau conforme mexia os quadris em movimentos circulares.

— Ai príncipe... você é muito grande...

— Relaxa, abre bem as pernas, deixa meu pau se acomodar enquanto você rebola.

Segurando em sua bunda, podia sentir seus músculos se contraindo conforme ela me engolia e me apertava ainda mais. Marina abaixou a cabeça totalmente e

a encostou em meu peito, roçando o corpo todo em mim e gemendo baixinho. Era um sacrifício ficar parado daquele jeito, deixando que se divertisse, mas queria que tivesse boas experiências.

— Está gostoso? — perguntei, alisando seu cuzinho fechado.

— Uhum...

— Que delícia, Uni... — Nina começou a me comer um pouco mais rápido, fazendo meu pau deslizar com um pouco mais de facilidade. — Como é bom sentir sua bocetinha assim, toda cheia de mim.

Seus gemidos aumentaram conforme ficava mais ofegante, sua bunda se empinava num ângulo maior enquanto Marina passava a me cavalgar deitada. Gemi junto com ela quando comecei a sentir que sua vagina me apertava cada vez com mais força e puxei-a pelos cabelos, trazendo sua boca até a minha.

— Goza com meu pau dentro de você, Marina.

Seus gemidos começaram a ficar mais curtos e ela já tinha perdido a linha completamente, descendo e subindo a boceta por toda minha extensão até seu corpo começar a convulsionar. Senti meu pau quase explodir com os gritos que ela soltou, livre, sem vergonha, curtindo ao máximo o orgasmo lindo. Sem aguentar me segurar por mais um segundo sequer, envolvi sua cintura com meus

braços e a fodi forte, aproveitando sua dilatação e o relaxamento que dominava seu corpo.

— Mete com força — ela pediu, enfiando o rosto no meu pescoço e rindo, quase me matando de tesão. — Me sinto poderosa assim.

— Porra, Marina!

Enfiei fundo mais uma última vez antes de gozar, aproveitando as últimas contrações que ainda tomavam o corpo dela e me apertavam junto. Estremeci dos pés à cabeça com a ideia de estar enchendo aquela bocetinha com a minha porra, doido para poder vê-la toda gozada.

Nossos corpos suados ficaram abraçados no tapete, e eu tinha certeza que Marina podia sentir meu coração batendo acelerado com tanta adrenalina que aquele momento causou. Demorei um pouco para sair de dentro dela, mesmo me sentindo sensível, porque era ali que eu queria estar para o resto da vida. Daquele jeito, com meu unicórnio todo suado em cima de mim, presa entre meus braços, ofegante e sorrindo como se aquela fosse a melhor brincadeira do mundo.



Capítulo 51

Arthur

Surreal era a forma como eu me sentia há alguns dias, como se tivesse atingido o ápice da minha vida. Namorar Marina, como eu tinha dito uma vez ao Bruno, era como estar em casa, como finalmente saber que eu pertencia a alguém. Para quem estivesse de fora podia parecer extremamente meloso e exagerado pensar assim, afinal, estávamos oficialmente juntos há pouco mais de dois meses, sem contar toda aquela enrolação de minha parte durante as primeiras semanas em que o clima começou a mudar entre nós.

Ali, durante o chá de revelação do bebê de Bruno e Gabriela, eu conseguia observar a Marina sorridente ao meu lado, ansiosa, na expectativa de todos nós para que eles estourassem logo as bolas e descobrissem o sexo da criança. Pela primeira vez em muitos anos eu sentia que poderia passar pelo mesmo que meus amigos estavam passando. Paternidade nem era mais uma ideia impossível

para mim. Nina ainda era muito nova, mas daqui a alguns anos, se ela quisesse, eu não me sentia mais despreparado.

— Três, dois... — O casal furou os balões e milhares de minúsculos papeis azuis voaram para todos os lados, enquanto todo mundo comemorava a descoberta do Levi, o nome escolhido para o caso de ser um menino.

Marina pulou ao meu lado e levantou os braços, pendurando-se em mim e pulando junto comigo. Girei com ela no colo, beijando sua boca, feliz demais por saber o sexo do meu afilhado. Eu já amava tanto aquele moleque que obriguei Bruno a assinar um termo me dando o direito de levá-lo para minha casa quando eu quisesse. O que não passava de uma brincadeira, é claro, mas já estava ansioso para comprar um videogame e curtir um domingo ao lado de Levi.

Quando Marina se soltou de mim para ir falar com Gabriela, eu abracei meu amigo e o parabeneizei pela revelação. Bruno era um cara sempre divertido e descontraído, mas naquele dia estava muito emocionado e começou a chorar no meu ombro.

— Coloque para fora, cara — falei, dando uns tapinhas em suas costas. — Sei que a emoção é grande demais.

— Na verdade, estou feliz por não ser uma menina — confessou, fazendo-me soltá-lo para controlar minha vontade de dar um soco nele. — Estava nervoso pensando que morreria com o primeiro que aparecesse pra meter a mão na saia da minha filha.

Se não estivéssemos em público, eu simplesmente largaria um belo “vai se foder” para ele e seguiria com minha vida, mas em um chá de bebê não era a coisa mais indicada a falar. Portanto, dei um tapa mais forte em suas costas e o soltei para não agredir o pai do meu afilhado. Parabenizei Gabriela enquanto Marina falava com Bruno e depois os deixamos serem abordados pelos outros convidados.

— Eles são muito pacientes — disse o unicórnio ao se sentar do meu lado. — O dia que eu engravidar, vou fazer todos os testes online para tentar descobrir o sexo e atazanar a vida da médica até ela descobrir. Por que está me olhando desse jeito?

— De que jeito? — Sorri ainda mais, apaixonado.

— Para com isso, príncipe! — Marina tocou meu rosto ao se inclinar e grudar o ombro no meu. — Tá me olhando como se eu estivesse nua. Estamos em público e eu sou moça de família.

— Você sente verdade nas coisas que diz?

Ela se levantou, ajeitou o vestido rosa na altura dos joelhos e se sentou de lado em meu colo, passando os braços pelo meu pescoço e aproximando o rosto do meu.

— Eu ia pedir para beber leiteinho essa noite — sussurrou —, mas acho que você não está merecendo.

Meu pau sofreu uma pontada quando imaginei os lábios cheios deslizando por ele, sem conseguir colocar tudo na boca, mas fazendo um trabalho excelente no que era suficiente.

— Ficou nervoso? — perguntou, arranhando minha nuca com suas unhas.

— Você percebe que o lance de moça de família acabou de perder todo o sentido, né? Estamos num chá de bebê, sua safada.

— Tem evento mais propício que esse? Eu quero brincar de fazer bebês!

Bruno e Gabriela nos olharam e nos chamaram para tirar foto. Marina fez menção de se levantar, mas agarrei sua cintura e a mantive bem ali, quietinha, em cima de mim.

— Você não ouse sair e deixar a trombeta exposta — ameacei, querendo matá-la pela reboladinha discreta que acabara de dar em cima da minha ereção.

Gesticulei para Bruno, sorrindo, negando o pedido do casal que não entendeu nada. Ou melhor, Gabriela

provavelmente não entendeu, mas meu amigo parecia compreender o que estava acontecendo ali, pois deu um sorrisinho muito sacana na minha direção e se virou para conversar com o fotógrafo.

— Se eu não conseguir tirar foto no chá de bebê do meu afilhado, você vai gritar muito esta noite.

— Eu sempre quis fazer sexo no banheiro... — murmurou ela, baixinho, sorrindo para mim. — Lembra do dia da sua mão boba no meu vestido?

Então Nina se levantou do meu colo e sentou na cadeira ao lado, enquanto fui obrigado a me virar rapidamente na direção da mesa e disfarçar o máximo possível. Não existia a menor possibilidade de ir até banheiro algum naquele momento, porque eu estava vestindo uma calça social de cor clara que chamaria mais atenção do que a revelação do sexo do bebê.

— Força, guerreiro — disse Bruno ao apertar meus ombros e sussurrar em meu ouvido antes de passar pela mesa.

Marina seria o motivo da minha morte precoce, eu tinha certeza. Estava numa faixa etária propensa a sofrer ataques cardíacos e desde que a trouxe para São Paulo, vinha sofrendo uma provação por dia. Às vezes, várias numa mesma noite.

Bebi todo o restante do vinho em minha taça quando a vi levantar de forma muito plena e piscar para mim, enquanto se direcionava para a parte interna da casa. Não estava acreditando que ela ia mesmo me esperar na porra do banheiro.

Contei até dez, tentando relaxar, rezando para que meu pau descansasse um pouco, e quando percebi que a festa tinha voltado ao seu normal, com os convidados entretidos em suas próprias conversas, tirei meu paletó, dobrei-o sobre o braço e me levantei, usando a peça de roupa para me tapar de forma bem despretensiosa.

Segui até o banheiro social mais próximo da área externa, onde acontecia o evento, mas a porta estava aberta e nada de Nina. Praguejei, sem acreditar que ela ia brincar de se esconder. Encontrei o segundo e último banheiro do primeiro andar, aquele onde ela tinha ido pela primeira vez em que esteve nesta casa, mas quando bati na porta fui respondido por uma voz masculina.

Encostei-me contra a parede e alisei minha nuca que começava a esquentar, até que vi Bruno descer as escadas com um sorriso no rosto.

— Está procurando por alguém?

— Fala logo se você viu a doida da Marina — pedi.

— Bem que achei estranho quando a vi andar esfregando uma perna na outra, então dei uma dica a ela...

— ele respondeu, piscando para mim. — Talvez você a encontre na suíte de hóspedes. Terceira porta à esquerda.

Mas que ótimo, agora o dono da casa sabia exatamente o que eu ia fazer. E sendo Bruno, pior ainda, porque seria munição para que usasse isso contra mim por muito tempo. Piadinhas eternas durante vários encontros de casais, com certeza.

— É bom, não é? — perguntou quando eu já estava subindo os degraus.

— O quê?

— O fogo das novinhas — respondeu, rindo. — Elas não cansam. Às vezes eu termino de dar a segunda da noite, esgotado, e a Gabi está lá, fazendo contorcionismo em cima da minha cara, gritando para eu me animar logo de novo. Depois vou passar a receita de um *shake* que tomo que dá mais energia durante o dia.

— Porra, Bruno! — Virei-me de costas e subi as escadas antes que ele dissesse mais alguma merda. Eu não queria ficar com a imagem da Gabriela, grávida, gravada na mente, parecia aterrorizante.

Alcancei o corredor que levava aos quartos e contei a terceira porta, entrando e a trancando logo em seguida, enquanto encarava uma Marina nua na minha frente.



Deixei meu unicórnio em casa, pois ela tinha começado a sentir dor de cabeça por causa da menstruação, e fui para a *Caixa Preta*, pois sexta-feira era o único dia em que eu pisava lá, por ser a folga do filho da puta do Miguel. Apesar de Marina ter se acertado com Francine e era até impressionante ver como as duas se davam bem, eu odiava o *barman* com todas as minhas forças. Minha raiva não era nem devido ao fato de ter quebrado a confidencialidade sobre seu emprego, mas sim pelo que fez com Marina. Não ia nunca conseguir olhar para a cara do infeliz, sabendo como ele a tinha causado mal, e ficar tranquilo por vê-lo trabalhando ali. Nem do babaca do Maurício, que ainda estava preso graças aos meus contatos, eu tinha tanto rancor. Porque eram homens como Miguel que passavam despercebido pela sociedade. O típico que fode a garota, física e psicologicamente, e consegue virar o jogo ao seu favor com conversa barata e postura de filhote arrependido.

Qual não foi a minha surpresa com gosto amargo na boca quando entrei no estabelecimento, pouco depois das onze da noite, e encontrei o infeliz trabalhando no bar. Estaquei no meio do caminho, sem conseguir tirar os olhos dele, ciente de que não podia criar um tumulto com a casa cheia daquela forma. Então, fui atrás de Francine porque

precisava gritar com alguém e a culpada por ter trocado o plantão dele, só podia ser ela.

A loira estava saindo do camarim quando me viu e ergueu as mãos para o alto.

— Não me olhe desse jeito! Já sei que está com raiva e não tenho culpa de nada.

— Por que a porra do Miguel está trabalhando hoje?

Um pigarro soou além das minhas costas e eu me virei para saber quem ousava me interromper num momento de fúria. O próprio diabo estava parado diante de mim, com as mãos nos bolsos da calça e um olhar relaxado demais para quem estava prestes a ser assassinado.

— Podemos conversar rapidinho? — perguntou no auge do abuso. — Não vou demorar.

Francine apareceu rapidamente do meu lado e segurou meu braço, virando-se para o *barman*.

— É com o próprio Arthur que você quer falar?

O babaca assentiu e eu respirei fundo, contei até dez e pensei em Nina dormindo em minha cama. Nossa cama. Bruno estava comemorando o sexo do seu filho, não poderia destruir a felicidade dele obrigando-o a ir me tirar da delegacia quando eu fosse preso por quebrar os dentes de Miguel. Por isso, respirei fundo mais uma vez e tirei a mão de Francine do meu braço.

— Entre na sala — ordenei ao homem, que passou por nós como um foguete e entrou em meu escritório.

— Pelo amor de Deus, Arthur, estamos em funcionamento — a gerente sussurrou, amedrontada. — Olhe lá o que vocês vão fazer.

Entrei na minha sala sem me dar ao trabalho de responder e bati a porta, indo me sentar atrás de minha mesa e encarar Miguel. Ele tinha se sentado também e mantinha os ombros eretos, demonstrando não sentir medo algum de mim.

— Então? — perguntei, sem fazer questão de ser cordial.

— Sim, então, eu vim hoje porque sabia que o senhor estaria aqui. Juro que não quero arranjar problema, só gostaria de conseguir minha demissão.

Se ele tinha a intenção de me surpreender, conseguiu. Porque de tudo que eu estava esperando, aquele pedido era a última coisa. Depois de toda a luta de Marina para manter Miguel e Francine com seus respectivos empregos, ele pedia demissão? Sorri internamente, ansioso para chegar em casa e contar isso a ela.

— Não precisava falar diretamente comigo para isso — expliquei, apontando na direção da porta. — É o tipo de tarefa de Francine.

— Eu sei, mas não é só isso. — Miguel apoiou os braços sobre a mesa ao se inclinar. — Olha, eu sei que você me odeia e acho que eu sentiria o mesmo se estivesse no seu lugar. Não me orgulho da forma como as coisas com Marina aconteceram e me arrependo muito de ter perdido minha chance com a menina de ouro que ela é.

Chance? Ele algum dia achou que tinha chance com Nina?

— Você é muito confiante — falei, estalando os dedos.

— Só quero deixar isso pra trás — disse ele, levantando as mãos. — Sei que ela também não se sente muito à vontade ao vir aqui nos meus dias, então pensei em sair e deixar vocês em paz.

— O que exatamente você quer, Miguel?

— Ser demitido — respondeu, encolhendo os ombros — e que você faça uma indicação bacana pra mim. Sei os conhecimentos que possuo, só quero trabalhar num lugar legal, ter um salário decente porque ganho bem aqui.

Conseguiria um emprego novo para ele em um estalar de dedos, e por mim faria isso naquele instante, bastava pegar o celular e discar algum número na agenda. Mas antes, pensei que isso poderia me trazer problemas com Marina, pois ela nunca acreditaria que foi o próprio Miguel que decidiu sair.

— Temos um acordo, desde que você mesmo faça contato com Marina e avise que pediu demissão ou ela pode achar que eu o matei.

— Posso fazer isso, sem nenhum problema.

Eu me levantei e ele me imitou. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria estendido a mão para cumprimentar, mas se tratando de quem era, apenas gesticulei para a porta.

— Fale com Francine, envie seu currículo atualizado para que ela me repasse e arranjarei um bom trabalho para você.

Acompanhei-o até a porta e antes de sair, pareceu querer dizer mais alguma coisa, porém, acenou e passou por uma Francine curiosa do outro lado. Deixei a porta aberta porque sabia que ela entraria e voltei para a mesa, tinha contratos para colocar em dia.

— O que aconteceu? O que Miguel queria?

— Pedir demissão e sumir da minha vida.

— Sério? — Olhei para ela, que jogou seu celular sobre minha mesa e escorregou na cadeira, encarando-me chocada. — Sério?

— Pergunte a ele.

— Uau. — Observei a gerente enquanto esperava o computador ligar. Seu olhar estava perdido sobre a mesa. — Nossa, não esperava por isso.

— Quer se demitir também? — perguntei. Francine levantou o olhar para mim, boquiaberta, e revirei meus olhos para ela. — Imaginei que não, então volte a trabalhar e vá resolver as coisas com o Miguel.

Ela pigarreou ao se levantar e ajeitar a roupa, saindo da sala sem coragem de falar mais nada. Não sei o que faria se Marina não tivesse passado por cima do que rolou entre nós dois, pois a loira era realmente uma ótima funcionária e uma boa pessoa.

Abri o programa de planilhas e selecionei o de finanças para dar uma conferida no caixa do mês passado, quando um telefone que não era meu começou a tocar. Estiquei a mão para pegar o aparelho que Francine tinha esquecido e vi o nome de Milena no visor, além da foto dela.

A ligação caiu sem que eu atendesse, mas resolvi ir atrás da gerente e a interrompi no meio de uma conversa com Amanda, uma das dançarinas. Quando viu seu celular em minha mão, esticou a mão para pegá-lo e eu recuei.

— O que a amiga da Marina quer com você? — perguntei, confuso. — O que vocês estão aprontando?

— Nada! — Ela arrancou o aparelho de meus dedos e mexeu na tela.

— Francine, desembucha.

— Eu não devo satisfação da minha vida pessoal a você, Arthur — disse ela, ao sairmos de perto de Amanda.
— Faça-me o favor de me deixar em paz.

— Quando envolve a melhor amiga da minha namorada, eu quero saber do que se trata. O que vocês duas teriam em comum além de uma criatura de um metro e sessenta que adora se meter em confusão?

Francine parou e encostou na parede, fechando os olhos e balançando a cabeça. Encarei-a sem pressa, poderia pressioná-la a noite toda para revelar a merda que estava acontecendo, quando falou:

— Estamos saindo. Eu e Milena. Ok? Satisfeito?

— Saindo?

Tive dificuldade de ter certeza se ela se referia ao mesmo que eu imaginava.

— Estamos nos pegando, Arthur. Beijando, transando, lambendo, chupando. Entendeu?

Ah, pelo amor de Deus. Muita informação numa frase só. Eu a deixei falando sozinha, enquanto citava vários outros sinônimos que podiam ser usados para representar o que acontecia entre as duas.

Voltei para meu escritório e passei a próxima hora trancado ali dentro, colocando tudo em dia, pois tinha uma viagem para fazer no domingo com Marina e passaria quinze dias fora do país. Quando cheguei em casa, tomei

um banho e me deitei ao lado dela na cama, de conchinha, passando meu braço por sua cintura e acariciando a barriga que devia estar sofrendo com as cólicas. Ela se mexeu contra mim, aninhando-se em meu corpo e virou a cabeça de lado.

— Não pretendia acordá-la — sussurrei, beijando seu rosto. — Já passa de meia-noite, volte a dormir.

— Senti saudade...

— Eu também. A dor de cabeça passou?

Soube que tinha algo errado quando seu corpo estremeceu e logo ouvi um soluço. Marina se virou de bruços, apoiando os braços em meu peito e deixando algumas lágrimas escorrerem pelo rosto lindo.

— Vomitei hoje — confessou, apertando os olhos e deitando o rosto em meu corpo. — Tive uma recaída, juro que tentei resistir.

— Tudo bem. — Beijeí sua cabeça e enterrei meus dedos nos cabelos macios, chorando junto com ela.

Não era fácil e a luta parecia ser infinita. Marinha vinha se tratando desde o início do nosso namoro, seguindo o acompanhamento do nutricionista e indo a todas as sessões com o psicólogo. Até pelo psiquiatra ela tinha passado quando nos foi indicado, e estava testando o segundo antidepressivo, já que com o primeiro ela reagiu mal. O problema era que, de acordo com os médicos, o

tratamento era longo e árduo, uma batalha que precisaria ser lutada diariamente por algum tempo.

Nina tinha diminuído bastante os comportamentos compensatórios, que, no caso dela, se apresentavam mais na forma de indução do vômito e obsessão por exercícios físicos. O acompanhamento com o Jean também se tornou fundamental, pois ela mesmo um dia tinha me confidenciado que quando morava no Rio de Janeiro, costumava frequentar a academia na parte da manhã e da noite, para compensar pelas coisas que comia.

— Não fique assim — pedi, alisando suas costas. — Olha que evolução que você teve, só em ter me contado isso. Podemos tentar um atendimento amanhã com o Dr. Fernando, o que acha?

Era o psicólogo, um excelente profissional, que desde o início conseguiu acesso à Marina de forma que sempre a deixava muito confortável. Como sua última sessão tinha sido na quarta-feira e ele estava ciente da viagem, pensei em tentar conseguir um encaixe só para que ela conversasse sobre o que aconteceu.

— E se ele disser que eu não posso viajar porque estou piorando?

— Ele não diria isso — respondi, puxando seu rosto para dar um selinho em sua boca. — Ele sabe como você

está ansiosa pela viagem e em como tem sido uma paciente exemplar. Amanhã acordarei cedo e ligarei, ok?

— Ok.

Marina passou uma perna por cima da minha e apoiou um braço sobre minha barriga, deitando na posição que mais gostava de dormir, como se eu fosse seu travesseiro de carne e osso. Ajeitei o edredom que estava descobrindo meus pés e inspirei com o nariz colado nos cabelos de Nina, sentindo seu cheirinho e esperando que ela se acalmasse, deixando-me embalar junto com sua respiração.



Capítulo 52

Marina

Um mês depois

Estava me sentindo importante demais, posando para uma marca de *lingerie* famosa numa mansão com cenário paradisíaco em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Desde que fiz o trabalho para a clínica de Gabriela, que bombou nas redes sociais dela, comecei também a me profissionalizar um pouco mais. Parei de aceitar fazer um monte de divulgação em trocar de recebidos e passei a cobrar pelo meu tempo e minha imagem, coisas que eu mesma fui aprendendo nos cursos que fiz sobre influência digital. A faculdade de Publicidade e Propaganda também ajudava bastante, apesar de ainda estar cursando o primeiro semestre, mas eu me sentia empolgada.

No *Instagram*, desde que me mudei para São Paulo ganhei mais de cem mil seguidores usando mão de todas as táticas de engajamento e por mais que o príncipe ainda torcesse um pouco o nariz pela minha exposição, era o que

eu amava fazer de verdade. Eu sabia que perto do dinheiro que a *Caixa Preta* me rendia, aqueles meus trabalhos avulsos não significavam nada, mas me fazia muito bem saber que estava mesmo ganhando dinheiro com o meu suor, não somente com algo que meu irmão deixou para mim.

Olhei na direção de Arthur quando o fotógrafo mandou fazer cara sensual e ele sorriu. Com as mãos na cintura, flexionei um dos joelhos à beira da piscina enorme e de água cristalina, deixando que o vento agitasse meus cabelos. O príncipe até que estava bem calmo, só parecia ficar um pouco tenso quando alguém da equipe se aproximava para ajeitar as peças em meu corpo ou mexer em algum braço, perna, qualquer coisa que me posicionasse da forma correta.

Para ser sincera, ele nem tinha muito o que reclamar, pois todos os conjuntos que estava fotografando eram recatados perto do que eu costumava usar entre quatro paredes. Só tinha uma peça de fio-dental e a sessão que fizemos com ela foi bem rápida.

Quando o responsável pelo ensaio decidiu fazer um intervalo, a galera se dispersou e Arthur veio com meu roupão, passando-o pelos meus braços e dando um nó apertado na frente. Muito possessivo e protetor, como sempre.

— É permitido ficar excitado? — perguntou ele, me dando um selinho. — Porque se você continuar me olhando enquanto faz as poses, vou ficar de pau duro.

— Sabia que você já foi um homem mais controlado? — Passei as mãos pelo pescoço dele, aproveitando que estava de salto. — Hoje você nem consegue resistir a um olhar... Lembra quando me flagrou nua na sua cama e nem fez nadinha?

Senti as mãos dele deslizarem pelas minhas costas e dei uma conferida ao nosso redor para ver se tínhamos alguma plateia cativa, mas todo mundo estava muito mais preocupado em ir ao banheiro, esticar as pernas ou procurar um canto para comer. Só mesmo Arthur estava pensando em putaria.

O safado apertou minha bunda em público por cima do roupão, um lugar que ele vinha gostando muito de explorar. O príncipe demonstrava sempre ter uma fixação enorme por essa minha parte do corpo e Milena dizia que em breve ele ia tentar uma nova exploração. Quando a questioneei se estava se referindo a sexo anal, deixei bem claro que eu jamais faria isso porque Arthur estava muito longe da média em tamanho de pênis.

— Você sabe muito bem em que momento eu perdi o controle — disse ele, beijando a ponta do meu nariz. —

Primeiro, ao vê-la no palco. Segundo, ao ver sua bocetinha de perto.

— Ei! — Dei um tapa nele e tapei sua boca depravada.

O homem gargalhou e me apertou entre os braços, enfiando o rosto nos meus cabelos. Tudo entre nós sempre acontecia de forma muito normal, mas eu sempre estranhei que Arthur nunca falava coisas muito pornográficas para mim, a não ser durante o sexo. No entanto, de umas semanas para cá, ele parecia ter perdido completamente o filtro e estava se tornando cada vez mais obsceno.

— Você está linda — elogiou, sorrindo, sempre sendo o mais perfeito do mundo.

— É estranho fazer esse tipo de trabalho — comentei. — Uma coisa sou eu mesma tirar minhas fotos, escolher a mais bonita e editar, outra bem diferente é deixar que uma outra pessoa tenha todo o poder de decisão. E se eles elegerem fotos horríveis?

O vento jogou cabelo no meu rosto e alguns fios grudaram no meu *gloss*, então Arthur tirou um por um com paciência, os olhos fixos em meus lábios que ele não podia beijar para não tirar a maquiagem.

— Para início de conversa, é impossível você sair feia em qualquer foto, mesmo que esteja coçando a bacurinha. Além disso, não acha que a empresa gastaria

uma grana para montar todo esse aparato e no fim, escolher fotos que não a favoreçam, né?

— Por falar em bacurinha, ela não ficou marcando em nenhuma calcinha? — perguntei, desatando o nó do roupão para dar uma conferida no material. — Teve uma hora que senti incomodar um pouco, mas como ia ficar metendo a mão lá?

Arthur sorriu e agarrou meu rosto, lascando um beijo na minha testa e esmagando minha cintura.

— Meu Deus, você é fofa demais, Marina. Não, nada marcou e eu seria o primeiro a reclamar.

Logo ouvi um estalar de dedos, mania que eu já tinha percebido que o fotógrafo possuía e me roubaram de Arthur para poderem me retocar inteira. O cabelo mudou de penteado, agora num coque frouxo mas milimetricamente arrumado e mudaram a cor e textura do batom para algo com uma pegada mais romântica.

Fotografei com uma linha de camisolas sensuais, seis modelos ao todo, e depois com dois conjuntos de espartilho que obrigou Arthur a se afastar. Pela postura dele ao sair de perto com a mão na cabeça, eu podia jurar que estava excitado demais. Quando o trabalho acabasse, perguntaria ao chefe da equipe se poderia ficar com aqueles conjuntos de presente.

O sol terminava de se despedir quando saímos direto para nosso hotel. O príncipe até queria esticar e ir jantar em algum restaurante para aproveitar que eu estava toda maquiada, mas me sentia um pouco cansada por ficar o dia inteiro em pé, mudando de uma pose para outra. Não sabia que vida de modelo podia ser tão cansativa nesse aspecto e como aquele tinha sido meu primeiro trabalho nesse estilo, não estava acostumada.

Quando fotografei para Gabriela, a maioria das fotos foi tirada deitada, simulando procedimentos estéticos, e levei no máximo umas três horas para fazer tudo. Com a *lingerie* não, eu precisava fazer várias trocas de roupa e como tudo aconteceu ao ar livre no jardim de uma casa, a iluminação atrapalhava bastante.

— Quer uma massagem quando chegarmos? — perguntou Arthur, apertando meu ombro.

— Quero — respondi, fechando meus olhos e deitando a cabeça no ombro dele. — Massagem e muitos beijinhos, por favor.

Ele pegou minha mão e a levou até a boca, depois a apoiou sobre sua coxa e voltou a se concentrar no caminho.

— Amanhã antes de voltarmos, podemos dar uma parada naquela feirinha de artesanato que vimos mais

cedo? Queria levar alguma coisa daqui pra Milena. Para o Levi também.

— Claro — respondeu ele, apertando minha mão. — Mas Levi ainda nem nasceu e já possui um *closet* mais completo que nós dois juntos. Não sei o que poderia comprar para ele numa feira de artesanato.

— Você tá pensando com cabeça de rico, príncipe. Volte a ser uma pessoa simples por um dia, tem um monte de coisa legal nessas feirinhas. E a gente ainda apoia o trabalho dos artesãos.

Admirei a paisagem que começava a escurecer e iluminava mais as ruas com suas luzes e senti o carinho de Arthur em meus dedos.

— Não existe mais perfeita que você. De verdade. Até paro para pensar, às vezes, que talvez eu seja muito babão, mas aí você vem e se diz preocupada com os artesãos. Aí me quebra completamente.

— Gosto da opção de ser babão. Por falar em Levi, você acha que ele vai nascer na data prevista?

— Espero que sim porque ainda faltam três meses para o nascimento e o Bruno já está me deixando louco. Tem sido difícil aturar os surtos dele.

— Admite que você tá ansioso pra pegá-lo no colo, isso sim.

— Também — disse, sorrindo.

Puxei minha mão e a levei até sua nuca, acariciando sua pele e raspando minhas unhas nela, como sabia que ele gostava. Arthur delirava quando eu o fazia arrepiar daquele jeito e de vez em quando até brigava comigo porque tirava um pouco de sua atenção do volante.

— Príncipe? — chamei e ele me olhou de canto de olho. — Você quer ser pai? Sei que eu falo essas coisas de filho brincando, mas queria saber se você pensa nisso ou não.

— Nunca pensei — respondeu, virando o rosto ao pararmos no semáforo vermelho. — Para ser muito sincero, não tinha a menor vontade, Uni. Não me enxergava com alguma mulher com quem quisesse me casar e ter filhos.

— Isso mudou? — Revirei os olhos e corri para me consertar. — Claro que não tô querendo que me peça em casamento nem me engravide, mas... Se a gente ficar junto...

— Se? — Ele franziu a testa. — Tem dúvidas disso?

— Eu não, mas você pode enjoar de mim.

— Você sabe que isso não vai acontecer, Nina. Nós não estamos juntos porque somos um casal que deu certo no sexo e que vive de atração física. Já vivi esse tipo de relação. E mesmo que fosse esse o caso, seria mais fácil você me largar do que o contrário. Tenho que me cuidar o

dobro do que me cuidava antes para dar conta de acompanhá-la e não deixar a desejar.

— É diferente. Não compreende a minha obsessão por você...

— Posso dizer o mesmo sobre mim — ele rebateu, arqueando a sobrancelha ao voltar a acelerar o carro. — Se eu a pedisse em casamento hoje, você aceitaria?

Meu coração parou, literalmente. Senti uma pontada forte dentro do peito e mesmo nunca tendo sofrido de nenhuma condição cardíaca, eu tinha quase certeza que isso era uma paradinha. Quando ele voltou a bater, puxei o ar com força e me virei de lado no banco para poder observar todos os gestos faciais de Arthur.

— Calma, unicórnio — pediu, rindo da minha cara. — Ainda não é a hora. Só fiz uma pergunta e gostaria que respondesse.

— É claro que aceitaria! Isso significa que você vai pedir? Porque eu já até imagino meu vestido, príncipe, tipo o modelo da Cinderela. Quero algo com duzentas camadas e uma cauda gigante e todo o brilho do mundo.

Arthur me encarou como se estivesse muito chocado e ao chegarmos no hotel, ele saiu do carro rindo baixinho. Quase dei um tapa na nuca para ver se se tocava que eu não estava achando nenhuma graça.

— Qual é o problema hein?

O filho da mãe beijou minha mão enquanto abria a porta do quarto.

— Fui pego de surpresa, só isso — respondeu. — É que juro que esperava um vestido grudado no corpo e cheio de transparência ou, numa outra pegada, algo colorido como unicórnios.

— Primeiro, eu não vou me casar mostrando a bunda ou os peitos — avisei, jogando-me na cama macia e tirando as sandálias. — Segundo, já pensei em vestido colorido, mas aí bate uma vontade de casar de branco...

Arthur sorriu e se curvou sobre mim, beijando minha boca e trilhando um caminho de pequenos beijos pelo meu pescoço.

— Você ficaria linda com qualquer cor — disse ele, aquecendo meu coração. — Agora que tal tomarmos banho juntos na banheira e você dar uma sentadinha bem gostosa no pau do seu príncipe? Depois a gente pede a janta e dorme para acordar cedo amanhã.

Gargalhei, levantando-me e correndo atrás dele, apertando sua bunda por cima da calça e já sentindo a bacurinha piscar de ansiedade.



Acordei com uma preguiça enorme e fiquei enrolando na cama enquanto Arthur fazia a barba no banheiro. Teríamos que sair do hotel um pouco antes do previsto se quiséssemos passar na feirinha, pois não podíamos perder a hora do nosso voo, porém, já estava triste por ter que ir embora. Sentia falta da praia, dessa vibe de litoral maravilhosa e nem pude aproveitar, a gente só conseguiu chegar na noite da véspera do ensaio fotográfico.

— Gatinha, é melhor levantar logo. — Ouvi a voz de Arthur, mas não me mexi. — Você demora duas horas no banho, Marina.

Eu chutei o lençol e me descobri, estava apenas com uma calcinha enfiada na bunda e dei uma reboladinha enquanto virava o rosto para trás e encarava o príncipe.

— Tenho direito a ganhar uns beijos?

Ele largou a toalha que estava amarrada em sua cintura e se aproximou da cama, ajoelhando ao meu redor e mordendo uma de minhas nádegas. Em seguida, pulei com o tapa que ele me deu e ri de nervoso, excitada.

— Não acho que seja hora de me provocar — avisou, deitando sobre meu corpo e me deixando sentir a trombeta em minha bunda. — Se nos atrasarmos, não vamos parar em nenhuma feirinha.

Quem estava se importando com feirinha naquele momento? Levi seria muito rico e teria tudo do bom e do

melhor, e Milena... Eu podia comprar alguma coisa para ela no aeroporto e mesmo assim minha amiga ia amar.

O importante mesmo, era a trombeta roçando minha bunda enquanto em me contorcia embaixo do príncipe. Ele alisou meus braços e segurou meus dedos, deslizando nossas mãos pelo lençol até esticá-las acima da minha cabeça.

— Já que resolveu atazanar meu juízo hoje, não vou ser delicado.

Senti sua ausência quando nossos corpos se separaram e recebi um tapa na bunda. Virei a cabeça para ver Arthur ajoelhado, alisando com uma mão o pau que endurecia e puxando minha perna com a outra.

— Quero você de quatro — ordenou, agarrando meus quadris e os levantando. — Essa bundinha bem empinada para mim, enquanto chupo sua boceta deliciosa.

Agarrei o travesseiro quando o príncipe grudou a boca em mim e começou a deslizar os lábios pela minha abertura, usando os dedos em sintonia com a língua e me fazendo perceber o quanto estava excitada. Rebolei bem na cara dele, alucinada, porque se tinha uma coisa que Arthur fazia bem feito, além de tudo que já fazia, era sexo oral. Uma vez ele me disse que tinha passado em segundo lugar no vestibular, mas acho que se houvesse um ENEM de como chupar uma xoxota, ele ficaria em primeiro.

Gozei quando ele começou a intensificar os movimentos circulares em meus lábios internos e, sem força, acabei deslizando com os cotovelos pelo colchão e deitando a cabeça no travesseiro. Levei mais um tapa e soltei um grito quando o príncipe safado segurou firme em meus cabelos e puxou minha cabeça.

Não chegou a machucar, mas como era um Arthur que eu desconhecia, levei um choque. Depois acabei rindo de nervoso quando o senti posicionar o pau na minha entrada e empurrar.

— Ai, príncipe... — reclamei, sendo preenchida e alargada por todo o seu tamanho exagerado e ele deslizou até o fundo de uma vez só.

Deixei um gemido escapar entre os dentes e Arthur soltou meu cabelo para segurar minha bunda. Senti uma mão pressionar meu corpo na altura do meu cóccix enquanto ele entrava e saía rápido de dentro de mim. Enfiei o rosto no travesseiro, tentando abafar meus gemidos, ao mesmo tempo em que empinava mais e mais a bunda, como se isso permitisse que entrasse mais fundo em mim.

— Tem tempo que quero pegá-la desse jeito — murmurou ele atrás de mim, afastando minhas nádegas com as mãos. — Ah, Nina... Sou viciado em cada pedacinho seu.

Não conseguia pronunciar uma frase sequer, pois minha voz saíria entrecortada por causa dos meus gritos e do meu corpo que sacolejava enquanto carne batia contra carne. Não havia um cantinho dentro de mim que não estivesse sentindo a presença grossa de Arthur, seu ritmo acelerado e intenso, selvagem, eu diria. E o pior é que eu estava gostando de vê-lo descontrolado daquele jeito, deixando o lado romântico de lado.

Levei mais uns tapas e senti seus dedos se enterrando em meus quadris quanto mais forte ele me comia. Por fim, quando alcançou o orgasmo gemendo de forma gutural, ele se jogou contra mim e nós dois desabamos no colchão. Seu peso me deixou momentaneamente sem ar, mas não me incomodava de ficar daquele jeito por algum tempo, só para poder senti-lo.

Eu ainda me contraí um pouco ao redor da trombeta e Arthur gemeu de novo, dessa vez, lambendo minha orelha.

— Amo você — declarou, saindo de dentro de mim e passando as mãos sob meus joelhos.

Fui carregada para o banheiro e recebi um banho gostoso e cuidadoso, com os dedos do príncipe se ocupando bastante em lavar minha bacurinha ardida. Por sorte, perderíamos algumas horas entre a ida para o

aeroporto, embarque, viagem e etc, isso significava que eu teria um descanso por um tempo.

— Fui muito agressivo? — Arthur perguntou quando me enrolava numa toalha e saía comigo do banheiro. — Merda, devo ter sido, né?

— Eu não tô machucada nem nada — respondi, penteando meus cabelos com os dedos. — Gosto quando você deixa de ser tão certinho, é gostoso.

Joguei a toalha sobre a cama e desfilei nua na frente dele porque achava que ele ainda merecia sofrer muito por todos os anos de paixão não correspondida.



Capítulo 53

Arthur

Marina estava em cima do palco quando cheguei à *Caixa Preta* naquele sábado, ensinando Sara, uma das dançarinas, a fazer aquele passo de dança estranho que chamam de quadradinho. Lancei um olhar de aviso na direção de um dos seguranças até que ele percebesse minha atenção e se virasse para o outro lado. Nina tinha passado a frequentar mais o local desde que Miguel saiu e mesmo que ela não tivesse o menor interesse na parte administrativa, gostava de saber tudo que acontecia por lá.

Acabou que Francine nunca encontrou a tal garota que eu queria, porque ela sempre existiu apenas na minha cabeça, na versão Marina Leão. No entanto, o unicórnio vinha modificando as danças de Sara e ensinando os bons truques que só uma jovem frequentadora de baile *funk* conhece.

Quando me viu, parado com um braço apoiado no bar, falou alguma coisa com Sara e desceu, vindo até mim

com um vestidinho curto e branco para lá de provocante.

— Oi, príncipe! — Ela deslizou as mãos pelo meu peito e sorriu. — Quer uma dança no colo?

— Adoraria, mas não aqui.

— No seu escritório ou no meu?

Ela colou o corpo pequeno ao meu e os saltos me possibilitaram deslizar as mãos até sua bunda. Infelizmente, por estarmos em público não pude enfiar os dedos por sua calcinha.

— Você não tem um escritório, Nina.

— Exatamente — resmungou, revirando os olhos. — Não acha isso um absurdo?

— Não.

Dei um gole na minha dose de uísque e devolvi o copo ao balcão quando ela me puxou pela mão e saiu me rebocando para dentro do corredor, enquanto a música alta começava a ecoar pelos alto-falantes.

Quando entramos e Marina fechou a porta, cheguei a pensar que ela estava com ideias safadas e queria transar ali dentro, mas o que saiu de sua boca me surpreendeu mais do que se tivesse dito que queria me chupar.

— Quero empreender, príncipe.

Sorri, porque era difícil levar aquele meio metro de gente a sério, com as mãos na cintura e os mamilos durinhos sob o tecido do vestido. Mas apoiei uma perna

sobre minha mesa e me sentei ali, observando sua empolgação.

— Explique-me — pedi quando ela se aproximou e encostou o corpo em mim.

— Já venho pensando nisso há algum tempo e parecia besteira, mas agora a ideia tá bem forte mesmo e acho que pode dar certo. Quero criar uma noite exclusiva para mulheres aqui na *Caixa*.

Realmente não esperava por aquela ideia. Achei que Nina estivesse se referindo a qualquer coisa relacionada ao trabalho que já fazia nas redes sociais, não algo daquele nível.

— Impossível — fui sucinto, não queria ter que entrar numa discussão com ela e sabia o quanto era teimosa.

— Não é. Pode ser aos domingos.

— Marina, o dia que eu abrir a casa para mulheres, a *Caixa Preta* perde todo o sentido e ideal de exclusividade. Você não estará colocando apenas o seu negócio em jogo, mas o meu também, porque o acesso se dá pelo *Sky Bar*.

— Você podia escolher um dia para não abrir e...

— Nina — eu a interrompi, pegando sua mão. — Sabe que a apoio em tudo, sou sempre o primeiro a incentivar todas as suas decisões, mas não nisso. Não estamos falando de um barzinho qualquer que, se não der certo, é só fechar as portas.

— Tudo bem, eu entendo, pode não dar certo. — Ela encolheu os ombros e franziu os lábios. — Mas pode dar e só saberemos testando. Uma única noite como experiência.

Levantei-me e dei a volta na mesa, puxando-a junto comigo. Eu me sentei na minha cadeira e a coloquei no meu colo enquanto ligava o computador.

— Você não entende. A partir do instante em que os clientes descobrirem que a casa foi aberta para outro tipo de público, encerrarão seus contratos. A maioria tem rabo preso, não pode ser dar a esse luxo de correr o risco de se expor.

Abri a pasta sigilosa com senha e entrei nos arquivos de sócios, clicando sobre alguns deles para abrir seu cadastro e mostrando os nomes de alguns políticos que eu sabia que ela conhecia.

— O nosso diferencial é justamente a confiança em meu trabalho que lhes garantem sigilo absoluto. Somente eu tenho acesso a essa pasta.

— Entendi.

Beijei seu ombro, afastando os cabelos ao redor e abraçando-a pela cintura. Sabia que tinha ficado frustrada, mas precisava aprender a lidar com os negócios sem misturá-los com vontades impulsivas.

— A ideia é boa, Uni, mas não serve para nós. Sou muito cuidadoso com tudo que envolve a *Caixa* e o *Sky Bar* e você precisa ter em mente que a renda dos dois estabelecimentos interfere bastante no futuro dos nossos filhos.

— Filhos? — Ela arregalou os olhos com um sorriso no rosto. — Você encomendou algum e eu não sei?

— Ainda não — respondi, beijando sua testa. — Mas agora que aceitei a ideia de tê-los, gosto de brincar com a hipótese.

Marina passou uma perna para o outro lado e se sentou de frente para mim, fazendo com que o vestido enrolasse com aquela posição e sua calcinha ficasse toda exposta. Resisti à vontade de tocá-la porque tinha esquecido de trancar a porta e tudo que não queria era Francine ou qualquer outra pessoa nos flagrando em um momento íntimo.

Estremeci quando Nina raspou as unhas em minha nuca e abriu um sorriso meigo, mordendo o cantinho do lábio.

— Quando a gente se casar, podemos nos mudar para uma casa? — perguntou, fazendo um biquinho. — A cobertura é incrível, mas eu queria ter um cachorro e queria uma daquelas piscinas tipo a da Gabi.

Eu amava que a gente conversava sobre filhos e casamento com naturalidade, porque ambos sabíamos que ia acontecer em algum momento. Apesar de, obviamente, existir aquele suspense por trás de tudo, Marina tinha ciência que eu pediria sua mão em algum momento, porque estava claro que não viveríamos mais separados um do outro.

— Podemos pensar nisso — respondi. — Até porque você quer cinco filhos e a cobertura só possui dois quartos. Não posso abrir mão do meu escritório.

— Deus me livre, príncipe! Eu falei dos cinco filhos quando ainda era inocente — disse ela, apertando minha boca com os dedos. — Agora que sei como é ter uma garrafa pet enfiada na bacurinha, não quero sentir cinco projetos de Arthur passando por ela.

— Ainda acho que você é muito inocente — murmurei, alisando suas coxas macias e deslizando sutilmente meus polegares para o interior delas. — Não fiz muita coisa que desejo fazer com a senhorita... Inclusive conhecer a parte de trás.

— Meu fiofó? — Gargalhei com a escolha de palavra, enquanto Marina franzia a testa. — Nunca! Só depois que eu morrer e se você gostar de manipular defuntos.

Abaixei o rosto e beijei sem ombro nu, arrastando meus lábios e a ponta da minha língua por sua pele que se

arrepiava com meu toque.

— Você vai ver como é bom — murmurei, mordiscando sua orelha. — Prometo que vou ser carinhoso e sabe que cumprio minhas promessas.

— Nunca vai acontecer — Nina respondeu e eu levantei a cabeça para encará-la, sem conseguir parar de sorrir porque ela era fofa demais quando ficava com medo de mim. — De jeito nenhum. Essa passagem não existe.

— Não tenho pressa. — Beije a ponta de seu nariz. — Tenho todo o tempo do mundo.

— Hm... Sabemos que não é bem verdade, não é, coroa?

Explodi numa risada espontânea e Marina grudou o corpo no meu, enchendo meu rosto de beijos molhados. Sua bochecha roçou contra minha barba, ela amava fazer isso, e a senti estremecer sob minhas mãos, apertando as pernas ao meu redor.

De olho na porta, desci minhas mãos até a barra do vestido e as coloquei por baixo, apertando sua bundinha redonda e gostosa. Era viciado em manter minhas mãos ocupadas com qualquer parte do corpo de Nina, mas aquela, em especial, mexia demais com o meu coração. Acho que tinha a ver com o fato de ter olhado muito para ela antes, sem poder de fato tocar, sendo provocado a todo instante.

— Vamos embora? — perguntou ela, alisando minhas sobrancelhas. — Tenho minha última aula da auto escola amanhã bem cedo pra poder conciliar com uma prova na faculdade.

— Você tem prova amanhã? Se eu soubesse disso, teria proibido sua entrada aqui.

Desliguei o computador com pressa e a tirei do meu colo para me levantar também.

— Não é nada de outro mundo, príncipe — disse Nina, enquanto eu apagava as luzes do escritório e a puxava para fora dali. — É uma matéria bem teórica sobre fundamentos da publicidade e eu tô sabendo tudo.

— Ótimo, sinal de que se descansar e tiver uma boa noite de sono, pode tirar a nota máxima.

— Também não exagera — resmungou atrás de mim enquanto chamava o elevador. — Acho que consigo uma nota oito.

— Isso é saber tudo?

— Vai cagar, senhor segundo lugar!

Virei-a de costas contra meu corpo e a apertei com meus braços quando entramos no elevador, descansando meu queixo em seu ombro e roubando um beijo do rostinho enfezado.

— Eu só fiquei em segundo no vestibular porque o primeiro lugar da minha vida já estava reservado no quesito

amor.

— Nossa, tem horas que penso que vou engravidar só de ouvir você falar essas coisas. — Ela tocou minhas mãos e jogou a cabeça para trás, encostando-a no meu peito. — Amo você, príncipe.



Tinha terminado uma reunião para alinhar questões importantes com os supervisores dos estagiários e me vi aliviado quando voltei para minha sala, pois estava uma pilha de nervos. Não ficava desse jeito nem mesmo ao encarar um juiz em algum caso com grande exposição de mídia, mas estava suando de ansiedade à espera da ligação de Marina. Era o dia de sua prova prática na auto escola e eu sabia o quanto tinha ficado nervosa na hora de dormir.

Nina conseguiu terminar as aulas teóricas muito rápido, mas acabou se atrasando nas provas de carro porque coincidiu com o início de seu tratamento e isso mexeu bastante com seu psicológico. Até ajustarem seu caso com o antidepressivo certo para ela, também passou alguns dias com muita sonolência e isso a obrigou a adiar o sonho da habilitação.

Aqui no trabalho, talvez estivesse mais nervoso do que ela, porque meu sentimento era diferente. Sabia que Marina receberia um choque se fosse reprovada e agora que ela estava indo tão bem, sem quase nenhum episódio de regressão, temia que isso a afetasse severamente. Queria muito que ela conquistasse esse feito, que fosse mais uma realização resultante de seu próprio esforço.

No instante em que tirei o celular do bolso do paletó e toquei na tela, fui surpreendido com a ligação. Atendi a chamada de vídeo antes mesmo do primeiro toque cessar e o rosto de Nina tomou conta de tudo, assim como os seus gritos. Não consegui ver nada direito porque ela estava pulando e a câmera só tremia, mas sorri e senti meus olhos arderem com a felicidade dela.

— Passei, príncipe! Passeeeeeeee!

— Você mereceu — respondi, querendo beijar aquela boca. — Parabéns, Uni. Estou tão orgulhoso que você nem imagina.

Quando ela parou de pular, beijou a tela do aparelho e voltou a me olhar pela câmera. Notei que seus olhos estavam um pouco vermelhos também e sabia que tinha se emocionado.

— Perdi um ponto na hora de começar a baliza, mas depois deu tudo certo.

— Acontece. O que importa é ser aprovada e agora, São Paulo que se cuide. — Olhei meu relógio de pulso para ter noção da hora. — Qual o endereço daí? Quero ir buscá-la para almoçarmos.

Anotei o que ela me passou e encerrei meu expediente para ir pegar meu unicórnio feliz. Tinha programado tudo com a esperança de que ela passaria e Marina nem fazia ideia de nada. Naquela manhã, dirigi com meu carro até a casa de Bruno, onde tinha guardado o presente de Marina uma semana antes, pois na garagem dele era o único lugar que ela nunca encontraria a Mercedes que eu tinha comprado. Não era do mesmo modelo que a minha, porque não tinha coragem de dar um carro conversível nas mãos de Marina, para que ela dirigisse numa cidade violenta como São Paulo. Minha mente criou mil e um cenários onde ela era assaltada.

Deixei minha SUV lá e fui trabalhar no automóvel dela, um modelo branco e *hatch*, mais compacto e ótimo para que ela iniciasse sua experiência como motorista.

Quando saí do meu escritório, coloquei o endereço que me deu no GPS e fui buscá-la, ansioso para fazer a surpresa. Percebi que a prova ainda não tinha acabado, pois havia uma longa fila de carros de auto escola aguardando sua vez, mas logo avistei Marina sentada numa mureta, mexendo no celular.

Parei o carro um pouco antes do local de concentração dos fiscais, para não atrapalhar em nada, e mandei mensagem para ela, avisando que estava dentro de um carro branco. De longe, não conseguia ver sua expressão, mas ela levantou e veio correndo na minha direção, com a bolsa sacolejando em seu corpo.

— Ah, meu Deus! — gritou quando eu saí do carro, rindo, sem conseguir mais me controlar. — Ai caralho!

Ela não diminuiu a velocidade, simplesmente veio como um míssil para cima de mim e se jogou nos meus braços. Eu me desequilibrei porque não consegui me preparar para o impacto e bati com as costas no carro, pensando que ela tinha acabado de causar sua primeira morsa.

— Surpresa — falei, sem fôlego, com uma boca me beijando até nos olhos. — Nossa... Vou comprar um carro por mês.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo! — Toquei sua cintura quando me soltou, chorando, toda manteiga derretida como sempre. — Não acredito que você fez isso!

— Só vai dirigir quando pegar a habilitação, mas já pode tirar uma casquinha.

Nina deu a volta para olhar a frente do carro e se jogou sobre o capô quente, encostando a cabeça ali e me olhando com um sorriso bobo.

— Tira uma foto! — pediu, com o sorriso congelado.
— Rápido que estou queimando meus peitos.

Prendi o riso para a porcaria da foto não sair tremida e tirei umas três, aproveitando para bater várias outras quando ela relaxou e começou a namorar o automóvel.

— Tô na dúvida se você comprou porque me ama muito ou porque é apegado demais à sua e não queria me dar.

— Vamos focar na primeira opção.

Ela abriu a porta do lado do motorista e se sentou, fazendo pose ao segurar o volante e sorrindo para a câmera. Tirei mais uma foto e guardei o aparelho, segurando sua mão e a incentivando a sair do meu lugar.

— Em casa você namora mais um pouco. Quem vai dirigir sou eu. Ainda vou mandar blindar e colocar a película, não quero você dando mole por aí. Já sei que toda vez que pegar o carro sem mim, surgirão vinte fios de cabelo branco na minha cabeça.

— Vai ficar um charme — disse ela ao se sentar do lado do carona e dobrar as pernas sobre o banco. — É o presente mais lindo que já ganhei na vida. Obrigada.

Peguei sua mão e a levei aos lábios, manobrando para irmos para casa comemorarmos a conquista dela. Marina ao meu lado começou a mexer no celular com uma só mão e de repente, eu a ouvi gritar.

— Bom dia, garota! — Estava numa chamada de vídeo com Milena, que parecia ter acabado de acordar. — Sabe onde estou?

— *Nossa... Se você gritar assim da próxima vez, eu juro que não atendo.*

— Por que você ainda tá na cama? Já é quase meio-dia, agita esse corpo aí, Milena.

— *Porque hoje eu não tive aula* — a menina respondeu e parecia estar bocejando. — *Posso me dar ao direito de dormir até mais tarde. Mas enfim, onde você está? Só consigo ver que é dentro de um carro. Arthur está dirigindo.*

— Estou aqui — falei, apesar de ela não poder me ver, mas então Marina virou o celular na minha direção. — Oi.

— *Nossa, obrigada por isso, Nina* — a amiga resmungou. — *Estou me sentindo bem íntima dele. Já me viu de calcinha e sutiã e agora com remela nos olhos.*

Ri baixinho ao me lembrar da cena das duas no ofurô, na maior pegação, um momento memorável para mim porque fui bater punheta no banho.

— Marina é mestre em criar situações constrangedoras. Fique tranquila, Milena.

— *Imagina se eu dormisse pelada?*

— Vocês dois estão desviando o foco da minha notícia.

— *Qual é a notícia, amiga?* — perguntou a menina.
— *Fala logo porque quero voltar a dormir, fiquei até tarde ontem na casa da Jaine.*

— Vocês estão ou não estão namorando?

— *Nem eu sei, mas acho que não. Ela é uma safada que fica me enrolando. Vai contar a novidade ou não?*

— Então, sim, vou. Passei na prova do DETRAN. — Coloquei a mão contra minha orelha quando as duas começaram a gritar. — Vamos pra *night* motorizadas, amiga! São Paulo que nos aguarde!

— Vão? — perguntei, fazendo uma curva fechada de propósito para ela escorregar.

— Bem, quer dizer — pigarreou. — Eu iria se estivesse solteira. Mas podemos ir para os *shoppings*.

— Quero ir pra qualquer lugar. Vai ser tão bom, você tem que vir me buscar em casa. Aliás, o Arthur vai dar a Mercedes dele?

— Essa é a parte mais emocionante da história! — disse Nina, virando a tela do celular na direção do painel do carro. — Ele me deu uma novinha, só minha! Vou mandar a foto!

Fui agredido com mais um grito escandaloso e pensei em como Bruno era sortudo por Gabriela estar

esperando um menino. Os agudos das mulheres deviam ser enlouquecedores no formato de choro de bebê.

Paramos para almoçar em um restaurante francês que Marina gostava e quando chegamos em casa, senti que sua mão estava suada e gelada.

— Está se sentindo bem? — perguntei, no meio da sala, segurando seu rosto.

Os lábios de Nina tremeram de leve e ela suspirou, baixando o rosto e tocando minha cintura. Levei a nós dois até o sofá e me sentei, puxando-a para um abraço, sem entender que mudança de humor era aquela.

— Fala comigo, Uni.

— Desculpa. — Ela enfiou o rosto em meu braço. — Bateu uma vontade de ir ao banheiro e... você sabe.

A doença maldita. Fechei meus olhos ao encostar meus lábios em seu cabelo e deixei que ela ficasse ali, quietinha, aconchegada. Nossas respirações até entraram em sintonia conforme os minutos se passavam e quando Marina levantou a cabeça, os olhos não estavam mais marejados como antes.

— Você não exagerou na comida — falei, alisando seu rosto. — Por que se sentiu assim?

— Acho que foi por causa do *crème brulée*... Sabia que não devia ter comido tudo, mas estava tão bom e tem tempo que não como nada tão doce assim...

— Não tem problema, não é o fim do mundo. —
Levei sua mão até meu peito e sorri, feliz por ela ter se controlado. — Estou orgulhoso demais por ter resistido à vontade que bateu. Sabemos que será assim mesmo, devagar, com alguns altos e baixos, mas você já evoluiu demais.

Empurrei as almofadas para o lado e me deitei no sofá com Nina envolvida pelos meus braços. Minhas pernas contornaram as dela e enfiei meu rosto em seu pescoço para sentir o cheirinho que amava.

— Obrigada por ser o homem mais perfeito do mundo — sussurrou, alisando meus dedos. — Você é meu conto de fadas todinho, príncipe. Quero esmagar você e colocar dentro de um potinho bem pequeno.

— Parece um pouco dolorido. Há outras formas de declarar seu amor por mim e posso fazer uma lista, começando por sua bundinha gostosa, de quatro para mim, com um buraquinho bem pequeno e apertado piscando em meu...

— Vai cagar, Arthur! — ela me interrompeu. — Não vou liberar o fiofó, desista!

— Você é muito desrespeitosa com os mais velhos...

— Sou apenas sensata. Não quero passar os meus próximos oitenta anos usando absorventes anais.

— Absorventes anais? Você acabou de inventar isso, não é?

Marina se virou, montando em cima de mim e apoiando os braços em meu peito. Pude ver seus pés delicados balançando para o alto enquanto sorria.

— Sim, anais. Tipo o interno que a mulher usa durante a menstruação, só que esse seria pra enfiar no fiofó e impedir a merda de descer pelo buraco arrombado.

Ri tão alto e forte que até voou saliva no rosto dela. Surreal, mas a boboca sabia o quanto era engraçada e estava rindo junto comigo, com a cabeça deitada no meu peito, balançando o corpo contra o meu. Não consegui controlar minha risada porque era muito ridículo o que Marina tinha falado.

— Meu Deus... — Puxei o ar com força, esfregando meus olhos, pois cheguei a lacrimejar. — Marina!

Ela continuava gargalhando e quando me encarou, o rosto estava vermelho como um pimentão.

— *Tá* rindo porque não é com você! Seu grosso!

E riu ainda mais. Alisei suas costas gentilmente e apoiei minhas mãos sobre a bunda bonita, dando um tapinha de leve e cessando minhas risadas.

— Estou brincando sobre isso — declarei. — Eu gosto de sexo anal, mas não tanto a ponto de pressioná-la. Você já me satisfaz por completo com tudo que me dá. Se

um dia a gente fizer, vai ser somente por você querer muito e não para me agradar.

Nina grudou os lábios nos meus e sussurrou o quanto me amava, enquanto eu enfiava meus dedos por dentro de sua calcinha só para deixá-los descansando ali, em um dos meus lugares favoritos do mundo.



Capítulo 54

Arthur

Bruno olhava para mim com cara de apaixonado e eu precisei me virar de costas, porque era incômodo demais ficar sendo encarado daquele jeito.

— Lindo demais — murmurou o adulto bobalhão e eu encarei a coisinha pequena em meu colo.

Levi era um ursinho fofo de apenas três meses que babava muito na camisa bem cara do padrinho. Que no caso, era este corujão aqui. Acabei me sentando no sofá para ficar com ele no colo, o bebê de olhos verdes mais lindo que eu conhecia, mas Bruno ficava me secando doido para pegar o filho de volta.

— Como estão os preparativos? — ele me perguntou, aproveitando que Gabriela e Marina estavam conversando à beira da piscina, curtindo o final de tarde daquele domingo. — Desculpa, parceiro, com a gripe que o Levi pegou, acabei ficando ocupado até para me atualizar nisso.

— Você tem um filho de três meses, Bruno. Minha última preocupação seria o quanto de atenção você me dá.
— Sorri para o bebê que me encarava com uma bolha de cuspe se formando na boca minúscula. — Quem é o dindo? Quem é?

— Constrangedor...

— Você faz muito pior que eu sei — respondi, afiado, lançando um olhar perigoso para meu sócio. — Sua esposa me mandou um vídeo de você engatinhando na cama e falando com voz de criança.

— Porque estava falando com meu filho.

— No vídeo a única coisa que consegui ver foi a sua bunda numa cueca horrorosa. Nem mostrei para Marina porque não queria que ela tivesse pesadelos.

Levi riu e eu ri com ele, mesmo sem saber o motivo, mas quando um bebê olha para você e ri, é preciso se sentir muito importante.

— Quem é o dindo? Tutu?

— Quer me contar como andam as coisas do casório, caralho? Estou ficando enjoado em ver você desse jeito.

Ajeitei Levi em meus braços, não lidava com bebês há muito tempo e tinha perdido um pouco o jeito, mas ele era encantador e adorava colo, então estávamos nos dando muito bem. Tirando o dia em que eu estava com o rosto enfiado na bunda dele, fazendo cócegas em seus

pequenos pés, e o pestinha se cagou, fazendo o cheiro entranhar no meu nariz por alguns dias.

— Estou correndo contra o tempo — respondi a pergunta de Bruno. — Nesta altura do campeonato, nada pode dar errado e sair da programação. Tenho usado todo o meu tempo livre no trabalho, porque dentro de casa não dá para fazer muita coisa sem levantar suspeitas.

— Então, preciso contar uma coisa. Ela reclamou com a Gabi sobre você ter jogado algumas roupas fora. Disse que não estava encontrando alguns vestidos e desconfiava de você ou da faxineira ter roubado.

Ri com aquela revelação, porque era algo bem típico de Marina, achar que eu estava me desfazendo de suas roupas.

A verdade era que eu estava planejando nosso casamento. Desde que fizemos a nossa primeira viagem juntos, comecei a pensar nisso. Eu a levei para a Disney no meio do ano passado, porque sempre foi um lugar que ela sonhava conhecer e até mesmo eu aproveitei bastante pois também nunca tinha ido. Marina, que já era uma eterna criança, transformou-se durante aqueles dias na pessoa mais feliz que eu tinha visto na vida.

Ela aproveitou cada segundo em todas as atrações possíveis e cada vez que encontrava com algum personagem, seus olhos brilhavam de emoção. Num

desses dias, enquanto estávamos caminhando pelo parque, testemunhamos um pedido de casamento em público. Ela ficou encantada com aquilo e a cena não saiu da minha cabeça pelos dias seguintes.

Quando retornamos ao Brasil, comecei a fazer algumas pesquisas. É claro que eu podia me dar muito mal e ela sentir ódio por não ter participado de um momento tão importante como esse, mas eu queria que fosse o acontecimento mais especial de sua vida. E nada como uma boa surpresa para facilitar tudo.

Naquele dia em que conversávamos sobre o assunto de forma bem despretensiosa — completamente armada por mim —, quando ela descreveu o tipo de vestido que gostaria de usar, eu me decidi por completo. Daria a ela o casamento de uma princesa, com direito a castelo e seu príncipe encantado.

Fui ai fundo nas minhas pesquisas e descobri que a Disney promovia cerimônias exclusivas por valores nem um pouco atrativos, mas que eu podia pagar. Comecei a mover céu e terra para fazer todos os contatos com a empresa especializada e conversei com Bruno e Gabriela, pois não poderia dar aquele passo sem eles ao meu lado. Eu teria que levar todo mundo para a porcaria da Disney, mas não tínhamos família e podia fazer isso com nossos

poucos amigos. Queria algo especial, inesquecível e intimista.

O mais difícil era manter a língua de Milena quieta dentro da boca, porque toda vez que ela me via, seu corpo já tremia de expectativa para me encher de perguntas. Uma vez, quando estava almoçando lá em casa, Marina flagrou a nós dois na cozinha, Milena milagrosamente me ajudando a lavar louça, e ficou bem desconfiada. Eu só não diria que rolou ciúmes, porque a amiga de Nina estava namorando firme, pasmem... a porra do Miguel. O Miguel, caralho. E vou abrir uma observação aqui para falar dessa situação grotesca. Arranjei um emprego para o *barman* idiota justamente na empresa em que Milena começou a estagiar. Através de Marina, descobri que os dois se odiavam inicialmente, por toda a história que envolvia o babaca. Não muito surpreendente, foi quando Nina chegou em casa me contando que os dois estavam se pegando. E essa porra deu em namoro.

Namoro.

Agora eu era obrigado a me relacionar com Miguel porque Milena era a melhor amiga de Marina e não desgrudava dele. Tudo bem que a vontade de cortar sua garganta tinha ficado para trás, mas era bem inconveniente ter que aguentar o idiota de volta à nossa vida. Sempre que ele estava por perto, eu terminava meu dia com enxaqueca

de tanto tempo que passava o encarando, pronto para enfrentá-lo se olhasse com interesse para Marina.

Nunca vi acontecer, graças a Deus. Ele parecia bastante enfeitiçado pela diaba da Milena, que era tão louca quanto meu unicórnio. Até passei a sentir um pouco de pena dele quando Nina me confidenciou que a amiga ainda era virgem e não queria liberar para ele por trauma dos dedos. Achava pouco, precisava sofrer muito mais e esperar por dois anos até conseguir tirar a virgindade da garota.

— Obrigado por me avisar sobre os vestidos — falei para Bruno, devolvendo Levi para ele quando este começou a choramingar. — Vou deixar a faxineira avisada sobre a situação, para que ela não se assuste caso seja acusada de roubo.

— Tem certeza que ela não desconfia de nada?

— Absoluta. Ela está, inclusive, enchendo meu saco para irmos para a Europa.

Tinha escolhido o mês de março para o casamento, pois não pegaríamos muito frio nem muito calor em Orlando. Como a cerimônia seria realizada à noite diante do Castelo da Cinderela, o ideal era que o clima estivesse bem ameno.

A maior dificuldade de todos os preparativos secretos ficava a cargo do vestido de noiva. Quando eu fizesse o

pedido dois dias antes do casamento, ninguém teria muito tempo hábil para ajustes grandes, portanto, Marina precisaria experimentá-lo e ficar perfeita com ele. Para isso, realmente precisei roubar alguns vestidos de seu closet e enviá-los para os Estados Unidos. Também entrei em contato com a loja que tinha mandado o vestido longo vermelho, que Nina usou no evento de gala, e pedi para que me mandassem uma peça igual, do mesmo tamanho. Até mesmo um par de sapatos dela eu mandei para o exterior, pois os que Marina usaria seriam confeccionados exclusivamente para seus lindos pés, com meu nome escrito em diamantes cravejados nas solas. Para não deixar faltar uma piada interna nossa.

De tudo isso, só tinha certeza de duas coisas: ou ela amaria toda essa parafernália ou odiaria com todas as suas forças. Eu estava apostando na primeira opção, pois até Milena chorou quando viu as fotos dos casamentos que eram feitos diante do Castelo.

O vestido... Ah, o famoso vestido. Sabia que só casaríamos uma vez e seria para sempre, portanto, queria que ela tivesse a experiência mais incrível de sua vida. Marina usaria uma joia caríssima, digna do cenário da cerimônia, nada além do que uma princesa deveria usar. Rodei muito atrás do modelo perfeito, pois queria algo impactante para não ser esquecido.

O design escolhido era um *Elie Saab* com um corpete sem mangas ligado a uma gola por bordados e botões, e uma saia volumosa, com cauda de quatro metros de comprimento. O luxo ficava por conta dos cento e cinquenta mil cristais *Swarovski* costurados à mão por todo o vestido e véu, além das quinhentas mil lantejoulas, o que daria o efeito luminoso incrível no meio da noite. Era uma obra de arte e eu me emocionava toda vez que recebia vídeos de como estava ficando.

— Sobre o que vocês dois estão fofocando?

Nós dois nos assustamos ao sermos interrompidos pelas duas mulheres e Marina parou ao lado de Bruno para brincar com Levi

— Estava dizendo a ele que só poderemos nos casar quando essa criança aprender a andar para levar as alianças.

— Pelo amor de Deus, Arthur, faltam alguns anos para o Levi poder entrar sozinho numa igreja. — Gabriela estalou a língua. — Não faça Marina esperar tanto assim.

— Depois leva um pé na bunda e não sabe o motivo... — disse Bruno, muito cara de pau.

— Você me daria um pé na bunda, Uni?

Ela revirou os olhos e parou de apertar as mãos de Levi, vindo sentar sobre minha perna com a bunda molhada do biquíni. Graças a Deus estava usando uma

saída de praia comportada, porque eu não pretendia ficar de pau duro na frente do meu afilhado.

— Você tem o prazo até eu me formar pra me pedir em casamento — disse ela, alisando meu cabelo. — Se passar disso, aí o príncipe começa a virar sapo.

— Se minha opinião vale de alguma coisa — Bruno comentou, piscando para Marina —, eu se fosse você o levaria para Las Vegas, embebedaria o homem e o faria se casar numa dessas igrejas com um padre vestido de Elvis Presley.

— De jeito nenhum! — Nina cruzou os braços e me encarou. — Ele que se ajoelhe e implore pela minha mão. Se não for um pedido emocionante, nem tente. Tô dando bastante tempo justamente pra poder pensar em algo legal.

A vontade era dar um beijo naquela boca, arrastá-la para a cama, transar até nos esgotarmos e depois, abraçados, contar todos os meus planos a ela. Mas não podia, só depois que dissesse sim.

— Posso pegar um pouco o neném mais bonito da tia? — Ela se levantou, esticando os braços na direção de Bruno, que entregou Levi em seu colo.

Sempre achei que Marina, por ser muito nova e destrambelhada, não levaria muito jeito com crianças, principalmente sendo um bebê. Mas ela andava me surpreendendo com isso, toda babona para cima do meu

afilhado. Vivia comprando presentes para ele e em momentos como esse, enquanto o ajeitava com o maior cuidado em seus braços, eu enxergava a linda mãe que ela seria um dia.

Levi abriu um sorriso para ela, abrindo e fechado a pequena mão na tentativa de agarrar os cabelos de Nina. Eu o entendia, também sempre sentia aquela mesma vontade, o que significava que o garoto nem tinha aprendido a falar e já sabia reconhecer uma mulher bonita.

E por falar em bonita, ela estava um espetáculo. Desde que o tratamento da bulimia começou a mostrar resultados, Marina engordou uns cinco quilos. Antes, todas as suas roupas eram de manequim trinta e quatro, e agora ela possuía algumas peças no armário que vestiam trinta e seis. Seu corpo continuava o mesmo, não dava para visualizar mudança alguma, mas meus dedos conseguiam sentir uma carne mais gostosinha na região dos quadris.

No entanto, estava na torcida para que não ganhasse um único quilo a mais ou teríamos sérios problemas com o vestido. Logo eu, que sempre a incentivei a não se preocupar com a balança.

— Do que está rindo? — perguntou Bruno, com a testa franzida para mim.

— Nada... — Sorri. — Pensando em uma coisas aqui.

Ele me deixou quieto porque sabia que eu tinha segredos a esconder e passamos o resto da tarde agradável em meio a risadas e histórias cabulosas. Bruno e Gabriela ainda se surpreendiam toda vez que eu contava sobre o episódio de caganeira de Nina e em como me desesperei correndo com ela no colo. O melhor era que ela mesma ria da sua desgraça e tratava tudo de forma muito natural. Como o casal estava por dentro de todo o processo da bulimia, Nina não tinha vergonha de abrir o jogo com eles.

Estávamos deitados na cama, no final da noite, tínhamos acabado de transar e eu ainda sentia sua bocetinha melada em contato com a minha barriga. Amava quando ficávamos naquela posição, com Nina em cima de mim, seu corpo todo colado ao meu, pois eu conseguia acesso a ele inteiro.

— Por que não me deixou morar com você quando o Lipe morreu? — ela quis saber, quando conversávamos sobre nosso passado.

— Tive medo de não saber criá-la — respondi, sincero. — Uma coisa era dividir a responsabilidade com o seu irmão, que era a pessoa que mais a amava. Outra bem diferente era tomar tudo para mim. Sei que adolescência não é um período fácil porque já passei por ela. E

sinceramente, acho que tenha sido a melhor decisão que tomei.

Ela franziu a testa e os lábios, provavelmente discordando da minha opinião e eu a entendia. No início, quando a trouxe para São Paulo, cheguei a pensar que tinha errado ao afastá-la, mas hoje eu enxergava tudo de uma forma diferente.

— Nina, adolescentes estão com os hormônios em ebulição e você mesma sabe que já era apaixonadinha por mim. Se tivéssemos morado juntos, cedo ou tarde suas investidas começariam e, você sendo menor de idade, o que conseguiria seria me afastar completamente. Imagine se eu ficaria dando trela para você com dezesseis anos? Isso estragaria muito a nossa relação e, talvez, hoje não estivéssemos juntos.

— Eu não ficaria me jogando em cima de você, senhor gostosão — resmungou, passando a ponta do dedo em meu mamilo.

— Você tentou me beijar na boca quando veio passar o Natal comigo, Marina. — Fiz questão de lembrá-la do episódio.

— Ah... Verdade.

— Ainda colocou roupinha sensual. — Ri, apertando a bunda nua. — Eu só conseguia me perguntar o motivo

para que meu unicórnio estivesse usando algo daquele tipo.

— Eu só queria sensualizar — disse ela, sorrindo como uma safada. — Ficou com medo da trombeta levantar, né? Porque eu lembro que você até me jogou no chão.

— Foi sem querer, não faria isso. Sabe quando foi a primeira vez que você me deixou de pau duro?

— Dançando *funk*.

— Não. Não foi em um momento apropriado, você tinha acabado de ser atacada pelo Maurício. Mas foi dentro do carro, quando começou a relatar suas péssimas experiências sexuais.

— Quando contei do meu *ménage* falido? — Ela revirou os olhos, sorrindo. — Homem é tudo igual, não pode ficar sabendo de duas mulheres juntas.

— Fiquei excitado, mas também fiquei muito preocupado quando começou a falar de tamanhos de paus. Só conseguia pensar na sua cara se soubesse o tamanho do meu.

Soltei um suspiro quando Nina se mexeu e se esfregou em meu pau, encaixando-o entre suas pernas e o acolhendo naquele espaço quentinho.

— Eu amo a trombeta! Se um dia ela tocar em outra banda, saiba que a quebrarei ao meio.

— De jeito nenhum — respondi, mexendo meus quadris. — Essa trombeta só gosta de bacurinha. Foi feita para ela. Percebe como se encaixa direitinho, sem sobrar nenhum espaço?

— Sim, parece até aqueles tomadas duras, né? Que é difícil de enfiar no buraco e mais difícil ainda de tirar. Eu só via desse tipo em vídeo pornô, até agora tô sem acreditar que tenho um pau desse de carne e osso.

Fechei os olhos, o cansaço me abatendo, mas uma ninfeta perigosa querendo me cavalgar de novo a todo custo.

— Fico preocupado com você assistindo pornô — falei, brincando com ela. — Não sei o que será de mim se começar a querer reproduzir posições de malabaristas.

— Eu não assisto, mas já assisti. Inclusive, tem dois gringos que são irmãos gêmeos e eu era doidinha por eles.

— É mesmo?

— Uhum. Meu sonho de princesa era esbarrar com dois loiros no meio da rua e eles me fazerem de sanduíche.

— Está falando sério, Marina?

Não esperava aquele tipo de confissão, mas ela teria que tirar essas ideias da cabeça, porque eu não era homem para aceitar dividir mulher com ninguém, nem mesmo com outra mulher. Era até muito excitante ver ou

imaginar duas bocetas juntas, mas a prática não me interessava.

Nina apertou minhas bochechas e riu.

— Claro que não, só falei para irritar você. É verdade sobre os gêmeos loiros, eles realmente existem e usam o nome artístico de SS PLEASURY, minhas amigas sempre compartilhavam uns vídeos deles. Mas óbvio que não tenho interesse em fazer isso. Prefiro deixar para mulheres mais esfomeadas do que eu. Você tá numa idade perigosa, príncipe, não acho que aguentaria o impacto se me visse com outro homem.

— Ah, pelo amor de Deus. Chega desse assunto.

Virei meu rosto para o lado, porque seria terrível se a cena de Marina com qualquer outro ficasse impregnada na minha mente. Ela me encheu de beijos enquanto eu resmungava sobre suas péssimas brincadeiras.

Quando finalmente fomos dormir, primeiro rezei para não ser acometido por nenhum pesadelo. Depois, pedi para que nenhum loiro com irmão gêmeo cruzasse o caminho do meu impulsivo unicórnio.



Capítulo 55

Marina

Dois meses depois

Nunca imaginei que um homem de — agora — quarenta e um anos pudesse ser tão criança quanto Arthur. Porque só isso mesmo para explicar a fixação dele pela Disney, sendo que tínhamos viajado para cá no ano passado.

Não que eu estivesse reclamando, pelo contrário, tinha amado a minha primeira vez ali e amaria a segunda. Mas quando ele me disse que tiraria férias em março e nós poderíamos aproveitar e viajar para comemorar meu aniversário de vinte anos, imaginei que fosse me levar para algum lugar romântico como Paris. Porém, o homem veio com ideia de ir de visitar novamente o parque quando Gabi e Bruno anunciariam que levariam Levi para lá.

Um pouco estranho, já que a criança ainda nem tinha seis meses e não aproveitaria porra nenhuma, mas quem era eu para me meter em criação alheia, certo? Portanto,

acabei entrando no espírito da viagem, afinal, eu amava o casal e sabia que com a companhia deles as nossas férias seriam perfeitas. Só faltaria Milena para completar minha felicidade, pois ela sim saberia aproveitar cada segundo e cada atração como eu. Arthur dizia que não tinha coração para ir em duas montanhas-russas seguidas e isso me frustrava porque na Disney eu sentia vontade de sair correndo para todos os lados.

— Ainda não entendi porque eles não vieram — resmunguei pela terceira vez dentro do carro alugado, a caminho do nosso passeio de balão em Orlando. — Com certeza a Gabi foi esperta e ficou dormindo.

Era cedo demais, a gente precisava chegar ao local marcado antes do nascer do sol e quando Arthur puxou minha coberta, eu pensei seriamente em pedir para que cancelasse aquele programa terrível. Devia ser o máximo andar de balão, mas de que adiantaria se eu estivesse com tanto sono que não conseguiria prestar atenção na paisagem?

— Bruno acordou com muita dor de cabeça — explicou o príncipe, apertando minha coxa. — Provavelmente foi por toda a cerveja que tomou ontem à noite.

Ah, sim, ainda tinha esse detalhe. Assim que chegamos no hotel, tomamos um banho rápido e

encontramos com Bruno e Gabi para curtirmos a noite. Ou seja, eu estava acabada por causa de todo o esquema de fuso horário mais bebidas.

— Você vai curtir, deixe de ser chata — disse ele, beijando minha mão. — Nem parece que o velho aqui sou eu.

Suspirei e virei meu rosto para encarar Arthur, todo arrumadinho, cheiroso e cheio de disposição para dar e vender. Eu realmente não podia reclamar da vida com um homem daquele ao meu lado. E ele era sempre tão interessado em organizar tudo para a viagem perfeita. Tão metódico. Tão lindinho.

— Obrigada por me aturar — falei, inclinando-me e beijando seu rosto. — Você é mesmo um príncipe.

Minha rabugice não demorou a passar. Bastou chegarmos ao local de saída dos balões e eu perder o fôlego com o tamanho dele. Nunca nem tinha chegado perto de um e sempre parecia que a parte onde as pessoas entravam era pequena. Pelo menos no nosso, daria para dividirmos o espaço com mais umas dez pessoas. No entanto, subimos apenas nós dois, o responsável por operar aquele treco e mais dois homens que estavam juntos.

Lá do alto, eu finalmente entendi porque era tão necessário sair cedo demais. A paisagem belíssima

parecia ser abençoada quando os primeiros raios de sol começavam se estender pelo céu. Apoiei minha cabeça no ombro de Arthur, emocionada com o que via.

— É lindo, príncipe. Obrigada por isso.

Ele beijou minha cabeça como adorava fazer e se afastou de mim. Virei o rosto para entender o que estava fazendo e meu coração parou de bater quando se ajoelhou.

Arthur se ajoelhou.

Era o acontecimento do século.

— Ah, não! — gritei, tapando o rosto e caindo no choro quando ele sorriu e tirou uma caixinha preta do bolso. — Vou morrer.

— Olha pra mim, Uni — pediu e eu destapei só um olho. Lá estava, um brilhante enorme brilhando junto com o sol. — Não posso, fisicamente, dar a lua a você, nem o céu... Mas posso levá-la para perto deles. Meu objetivo de vida é fazer você feliz e para isso... Preciso saber se quer casar comigo.

Solucei e me joguei de joelhos na frente dele, passando meus braços pelo seu pescoço e ensopando sua camisa com minhas lágrimas.

— Amo você — sussurrou em meu ouvido, enquanto me abraçava. — Minha pequena mulher, amo você.

Assim ficava difícil responder qualquer coisa e eu não conseguia parar de soluçar. Não acreditava que estava

mesmo acontecendo, um dos momentos mais esperados da minha vida. E Arthur não podia ser menos perfeito do que era. Como assim, fazer um pedido de casamento enquanto estamos voando num balão?

— Nina, se não responder vou ficar preocupado.

Então eu ri e chorei ao mesmo tempo, levantando minha cabeça e fechando os olhos quando seus dedos limpavam meu rosto.

— Preciso mesmo responder? — perguntei, fungando para não escorrer coriza no dia em que era pedida em casamento. — Você é meio lento, príncipe.

— Quero ouvir — disse ele, sorrindo, com os olhos marejados. — Eu não movi o mundo para fazer isso aqui e ficar sem ouvir o famoso sim.

— Sim! — respondi, sorrindo e me levantando. Debrucei-me no balão e gritei com toda a força em meus pulmões, para que outros balões ao redor de nós pudessem ouvir: — Sim! Eu me caso com você, príncipe!

Pulei no colo dele e só então reparei nas poucas pessoas ao nosso redor. Os dois homens que tinham iniciado o passeio conosco e que eu pensei serem um casal, na verdade estavam filmando e fotografando todo o nosso momento. Fiquei chocada ao compreender que Arthur, todo avesso ao mundo digital, tinha pensado até mesmo nesses pequenos detalhes.

— Eu sou a mulher mais feliz do mundo, príncipe — murmurei no ouvido dele e dei um beijo em seu rosto.

Mas como estávamos sendo registrados, ele fez questão de me puxar pela nuca, inclinar meu corpo para trás e me dar aquele beijo tipo de cinema. Eu já conseguia imaginar a foto maravilhosa que essa cena registraria e só podia pensar no quanto amava aquele homem.

No final de tudo, os fotógrafos nos deram parabéns e voltaram para seu canto, enquanto eu continuei a apreciar a vista panorâmica com os braços de Arthur ao redor da minha cintura.

— Você nem suspeitou? — perguntou ele, com o queixo apoiado na minha cabeça. — Jura que não? Porque eu me lembro do seu teatrinho no aniversário surpresa. Fiquei com medo o tempo todo de deixar escapar alguma pista.

— Nem imaginava, de verdade. Você sabe que não tenho problema em ser sincera.

— Foi tão emocionante como você queria que fosse?

— Foi tão emocionante que eu quase vomitei quando o balão começou a subir. Fiquei com medo de a gente cair em solo estrangeiro. Pensa no trabalho que Bruno e Gabi teriam.

Ele riu e apertou os braços em mim, mordendo minha bochecha enquanto eu roçava minhas costas na trombeta

maravilhosa, que infelizmente não estava pronta para tocar. Deviam inventar balão por controle remoto para que os casais pudessem transar nas alturas.

— Fico feliz que tenha gostado do pedido inusitado, porque o casamento será ainda mais.

— Como assim?

— Vamos nos casar em dois dias — respondeu o homem que quase me fez infartar.

Precisei me virar para frente porque seria mais fácil de apertar meus dedos em seu pescoço ou enfiá-los em seus olhos azuis. Como assim? Que diabo de casamento seria esse?

— Ficou louco, príncipe? — perguntei, quase aos berros, surtada demais. — Eu não posso me casar em dois dias! Não acredito que você me pede em casamento num balão e quer que eu compre um vestidinho branco na primeira loja da esquina. Quem vai casar a gente? O Mickey?

Ele estava rindo. Rindo! Inacreditável! Se eu não o amasse tanto, agarraria a gola daquela camisa engomadinha e o jogaria para fora do balão.

Inspirei, expirei, repeti o processo e fechei os olhos. Precisava me acalmar e fazer isso dar certo. Eu me casaria com aquele homem até mesmo dentro de uma piscina,

então não seria o lugar nem a maneira que me impediria de me tornar Marina Leão Salazar.

— Bem, eu vou abortar a ida aos parques, você pode fazer a vez de guia turístico pra Gabi e pro Bruno — avisei.
— Preciso comprar um vestido minimamente aceitável, tenho que procurar por uma maquiadora porque não vou fazer a minha própria maquiagem e... Ah, meu Deus, a Milena vai me matar!

Arthur enfiou os dedos por dentro dos meus cabelos e segurou meu rosto, me obrigando a parar e olhar para ele. O sorriso continuava em seu rosto e quando me deu um beijo, meu coração acalmou um pouquinho. Só um pouquinho mesmo.

— E se eu dissesse que você já tem vestido, sapato, equipe de maquiagem e cabelo... Enfim, tem tudo o que precisa.

— Eu tenho? — Meu coração voltou a acelerar.

— Seu noivo tem cara de quem a traria para Disney à toa?

— Eu... — Olhei em volta, confusa. — Não sei. Achei que tivesse gostado muito das atrações.

O príncipe riu e cruzou as mãos atrás das minhas costas, beijando minha testa. Só então eu me dei conta de que ele usou uma nova palavra em nossa conversa. Noivo. Noivo! Arthur era meu noivo. Ah, puta que pariu!

— Eu tô noiva!

— Por pouco tempo — disse, rindo. — Nina, organizei durante meses o casamento mais incrível que poderia dar a você. Talvez não seja o melhor do mundo, mas garanto que fiz o possível para que seja. Será um pouco inusitado, mas quando voltarmos para o Brasil, se você quiser algo mais tradicional, também podemos fazer.

— Por que inusitado? — perguntei, curiosa.

— Em dois dias você saberá.

Arthur me deu um selinho quando começamos a descer no balão. O único e melhor passeio de balão que eu faria na vida, porque nunca ia querer substituir essa lembrança especial. E era com aquele homem que eu colecionava os melhores dias da minha história, ciente de que ele tinha sido feito para ser meu príncipe.



Como perdemos uma parte da manhã, nós fomos com Gabi e Bruno ao *Hollywood Studios* e passamos o resto do dia por lá, pois o advogado nunca tinha ido. Era incrível ver a amizade dele com Arthur e eu ficava muito emocionada com isso, porque sempre pensava que seria ainda mais legal se meu irmão estivesse no meio, formando um trio. Ele e o Bruno teriam sido ótimos amigos.

Levi tirou novecentas e cinquenta e duas fotos em um único dia e eu fiquei responsável de deixá-las ainda mais lindas quando chegasse no hotel. Antes de nos despedirmos do outro casal, acusei os dois mais uma vez de serem ótimos mentirosos, principalmente Gabriela. Ela tinha ficado extremamente surpresa e contente quando Arthur disse que faríamos a viagem com eles. Cheguei até a pensar que a médica podia ter sido somente simpática, quando na verdade deveria estar doida para viajar só em família.

Quando voltamos à nossa suíte e me sentei numa poltrona, senti que a compreensão finalmente tinha caído sobre minha cabeça. Eu ia casar.

Por mais que toda ou a maioria das mulheres sonhem com esse momento, eu achava que nunca aconteceria comigo antes de começar a ficar com Arthur. Era apaixonada por ele há anos e mesmo quando achei que o tinha esquecido e superado, não conseguia me apaixonar por mais ninguém. Sentia-me um caso perdido, que me tornaria uma senhora ranzinza de oitenta anos que vive somente com os cinco gatos e três cachorros. Não que a companhia dos animais não fosse boa, pelo contrário, estava doida para ter um cão. Porém, meu sonho era formar uma família. Talvez por não ter curtido direito a

minha própria, por perder meus pais muito cedo, acho que sentia essa necessidade latente dentro de mim.

— Ei... — Arthur ajoelhou diante de mim e tocou meus joelhos. — O que foi?

— Nada — murmurei, respirando fundo.

— Acha que não a conheço, Marina?

Fechei os olhos e senti uma lágrima solitária escorrer pelo meu rosto. Não queria chorar nem estragar nossa noite.

— Só estava pensando coisas bobas. — Quando abri meus olhos, Arthur me encarava daquele jeito complacente, tocando minhas sobrancelhas. — Príncipe, vai ter altar? Porque não tenho ninguém pra me levar até você.

Eu sabia que ele também era sentimental e lá estava, Arthur começou a lacrimejar e tocou os cantinhos dos olhos.

— Bruno se ofereceu para a tarefa — disse ele, apertando meus dedos. — Mas não acho que você precise. Você é tão forte, Uni. Não vejo a hora de vê-la caminhando na minha direção, com o vestido mais lindo do mundo.

Enxuguei o rosto e funguei, encarando meu noivo.

— Se você sabe que é lindo, então você viu. Vai dar merda nesse casamento.

— Eu não vi depois de pronto e mesmo assim, fui eu que aprovei o desenho. — Arthur riu e se levantou, puxando-me junto com ele e me abraçando. — Engole esse choro de tristeza porque o momento é feliz. Você vai pegar sua mala, e vai me deixar levá-la até a suíte da noiva. Vamos dormir separados, mas é por um ótimo motivo. Essa noite você se encontrará com seu vestido para os ajustes necessários e amanhã passará o dia todo sendo mimada por uma ótima equipe.

— Você existe? De verdade?

Ele riu e me pegou no colo, girando-me no ar enquanto beijava minha boca. Se estive triste, já tinha esquecido do motivo e tudo em que conseguia pensar era no momento em que diria o sim definitivo para meu príncipe.

Fiz tudo como estava previsto e Arthur me levou até o outro lado do hotel, onde minha suíte master me esperava. Ele não entrou comigo, apenas paramos na porta e tocou a campainha, esperando com os dedos entrelaçados aos meus. Um homem de moicano e óculos de grau abriu e nos encarou, sorrindo ao fazer uma reverência para mim. Pela fresta aberta, vi que tinha mais gente dentro do quarto e já comecei a ficar nervosa com todo aquele movimento. Logo chegou uma mulher ao lado

dele, que também parecia simpática, e esticou a mão para mim.

— Bem-vinda, Cinderela — disse. — Sou Alessandra, trabalho num dos braços de Elie Saab e fui destacada para esta equipe por ser brasileira e poder atendê-la melhor. Este é o Duran, um dos estilistas responsáveis pela confecção do seu vestido e, obviamente, ele veio de Dubai conferir de perto os últimos retoques.

— O que você disse? — perguntei, escorando meu corpo no de Arthur porque minhas pernas tinham perdido a força.

— Sobre o quê, exatamente? — A mulher pareceu confusa e deu aquele sorriso que todo mundo dava quando não sabia o que responder.

— Você disse... Elie Saab?

— Claro!

Virei-me para Arthur, segurando firme em seus antebraços porque estava tremendo por inteira. O homem me encarava com sua expressão convencida de quem tinha acertado em cheio na loteria.

— Vou usar um Elie Saab?

— Está em negação, amor? — Ele riu, beijando minha testa e me envolvendo nos braços. — Falei que não medi esforços por você. Vá ser feliz lá dentro, vou esperar ansioso do outro lado.

Não tinha palavras para respondê-lo quando segurou minhas mãos e beijou cada uma antes de piscar e levar sua palma ao peito, afastando-se enquanto andava de costas só para poder continuar me encarando.

— Vamos entrar? — perguntou a voz feminina atrás de mim. — Precisamos que você se vista para decidirmos quais retoques serão feitos.

Assenti, ainda em choque, aceitando o braço que Alessandra me estendia e me deixando guiar para dentro do quarto.

Estavam todas as cinco pessoas além de Duran e Alessandra, reunidas na antessala da minha suíte, mas o que chamava mesmo a atenção era o vestido, a coisa mais deslumbrante que eu já tinha colocado meus olhos. No mínimo devem ter me achado uma louca, porque geralmente a noiva deixa para chorar quando se olha no espelho ou quando está caminhando até o altar. Eu estava chorando ao ver meu vestido pela primeira vez.

Ele era uma obra de arte e enquanto Alessandra foi me explicando sobre todo o processo de confecção, meu peito transbordava de amor e a vontade de correr atrás de Arthur era enorme. De quem tinha sido a ideia de passarmos a noite separados? Eu só queria beijá-lo e repetir dez mil vezes o quanto o amava, e agradecer por tudo que ele tinha feito.

— Você gostou? — a mulher fez a pergunta óbvia enquanto o preparavam para que eu entrasse nele. — Foi a peça mais impressionante que a marca já produziu. Claro, depois do vestido de casamento da noiva de um dos *sheiks* de Dubai, pois aquele foi bordado com fios de ouro.

— É perfeito.

Senti meu rosto esquentar com as lágrimas e Alessandra tocou meu braço como se quisesse me passar um pouco de apoio. Ainda não conseguia encontrar palavras para descrever o que estava sentindo e tinha medo do que viria em seguida. Se Arthur tinha mandado fazer um vestido tão divino, o que mais ele tinha aprontado? Porque nem em mil anos eu teria me imaginado casando com algo assim.

— Preciso que tire a roupa para provarmos o vestido, tudo bem?

Mais ou menos, né? Fui obrigada a sair do transe para entender o pedido dela. Além de Duran, a equipe contava com mais três homens e eu não me sentia muito à vontade para ficar de calcinha e sutiã na frente de nenhum deles. Franzi meus lábios, pensando em como dizer aquilo sem ser mal educada, mas ela deve ter percebido porque sorriu e estalou os dedos para todos eles.

Os homens saíram da antessala e ficaram apenas as mulheres, que começaram a me ajudar enquanto eu me

livrava do jeans e da camiseta. Quando entrei dentro daquela maravilha, por um segundo tive medo de não fechar, porque o filho da mãe do meu noivo mandou fazer um corpete justíssimo. Felizmente, tudo coube sem que eu precisasse prender a respiração e passei as mãos pela saia enorme ao me olhar no espelho, de pé sobre uma pequena plataforma.

Alessandra foi chamar os homens, que voltaram com ela e todos se puseram ao meu redor, ajeitando a saia enquanto avaliavam o que deviam fazer. Para mim, no reflexo do espelho, eu estava perfeita. Não mexeria em nada, mas meus olhos não eram treinados para trabalharem com Elie Saab.

— Olha, seu noivo é incrível, viu? — disse Alessandra. — Duran me contou que ele negou dois desenhos antes de aprovar esse e partiu dele próprio a exigência dos cristais.

— Como conseguiram fazer do meu tamanho exato?

— Ele enviou vestidos seus para o ateliê.

Não! Meu queixo caiu. Era Arthur o responsável pelo sumiço dos meus vestidos? Se eu não estivesse com centenas de milhares de dólares em meu corpo naquele momento, iria até seu quarto para dar na cara dele por ser tão cara de pau. Ainda teve a ousadia de perguntar se eu

não tinha emprestado para Milena, como se ela vestisse o meu tamanho.

A quem eu estava querendo enganar? Eu me casaria todos os dias com Arthur, para o resto da minha vida.

Sorri para meu reflexo no espelho, agradecendo em silêncio por ter tanta sorte de ter conhecido a minha pessoa favorita com tanta facilidade.



Capítulo 56

Marina

Só consegui pegar no sono depois das duas da manhã, pois fiquei trocando mensagem com Arthur até altas horas, sem sono algum. Acordei um pouco depois das dez horas com meu celular tocando estridente e só atendi a ligação porque vi que era meu príncipe me ligando.

— Bom dia — murmurei, espreguiçando-me na cama.

— *Bom dia, meu amor. Dormiu bem?*

— Podia ter dormido melhor se fosse em cima de você — respondi, feliz da vida. — Não acredito que vamos nos casar de verdade.

— *Preferia casar com outro? Dá tempo de desistir.*

— De jeito nenhum! E minha curiosidade fica como? — Ouvi a risada dele do outro lado. — Príncipe, eu tô mais ansiosa pra ver tudo que você aprontou do que pra ver você propriamente.

— *Nossa, obrigado!* — Eu ri, porque ele sabia que eu só falava da boca para fora. — *Se tivesse dito isso antes, eu teria usado o dinheiro da sua poupança para pagar pelo seu vestido.*

— Quanto ele custou? Príncipe, é a coisa mais linda que já vi.

— *Sabe o carro que ganhou? Daria para comprar mais três.*

— Arthur! — Meu coração até disparou com o choque. O homem era completamente louco. — Não acredito nisso!

— *Vai valer cada centavo investido quando você parar diante de mim e eu puder tirá-lo lentamente do seu corpo.*

— Não sei o que exatamente você acompanhou durante a confecção do vestido, mas não é a roupa mais fácil de tirar, príncipe. Precisei da ajuda de três pessoas para me vestir ontem durante a prova.

— *Eu dou um jeito mais tarde.* — Ele suspirou e eu suspirei junto, doida para tocar nele. — *Uni, curta seu dia, relaxe, aproveite ao máximo. Fiz tudo pensando em você, quero que aprecie cada etapa dessa noite mágica. E por favor, não fuja, porque estou velho para correr atrás da noiva.*

— Amo você — declarei antes de desligar.

Ainda enrolei mais alguns minutos na cama, mas fui obrigada a me levantar quando tocaram a campainha da suíte e fui atender. Eu gritei e ela gritou, mas Milena saiu invadindo o quarto junto com Gabriela, que parecia horrorizada com nossa gritaria. Era uma diva elegante, totalmente diferente de nós duas, da ralé.

— Não acredito que você veio — falei, abraçando-a mais uma vez. — Foi o príncipe que pagou?

— O que você acha, minha querida? — Ela sorriu. — Ele faz jus ao apelido. Meus pais também estão aqui, a Francine veio, até o Miguel veio, mas o Arthur não pagou para ele não.

Gargalhei, porque era bem a cara do meu noivo guardar o ranço eterno, mesmo que Miguel não significasse mais absolutamente nada para mim. Ele e Milena estavam namorando há alguns meses e tinham uma interação ótima, eu até passei a me sentir à vontade depois de tudo que aconteceu.

— Sua tia e seus primos também vieram, Nina — disse Gabriela, me surpreendendo. — Sabe como o Arthur é politicamente correto. Ele achou que não seria certo deixar seus únicos laços familiares de fora desse momento.

— Ah, tudo bem, não ligo — respondi, porque não me importava mesmo. Não sentia raiva de tia Marta nem nada, ela nunca roubou meu dinheiro, eu cedia porque não

sabia dizer não. — Nada nem ninguém é capaz de tirar minha felicidade hoje.

E nada tirou. Nem mesmo a dor de barriga que senti, de tanto nervoso e ansiedade, meia hora antes de começar a me arrumar.

Quando chegou o momento e eu me olhei no espelho, arrumada, maquiada e com o mesmo penteado da Cinderela, precisei apertar firme os olhos para não cair no choro. Queria pelo menos chegar com tudo intacto até o príncipe, mesmo ciente de que toda aquela maquiagem era à prova d'água. Nunca se deve subestimar a emoção de uma mulher realizando um sonho.

Milena ficou comigo até o final, mas quando parei na entrada do *resort*, sendo seguida por todo o aparato de fotografia e filmagem, ela apertou minha mão e se afastou, pegando outro caminho. Não consegui mais segurar o choro porque diante de mim havia uma carruagem igual a do desenho, com quatro lindos pôneis brancos e peludos, todos ostentando chifres de unicórnio no meio da testa.

O cocheiro se aproximou para me ajudar, porque outras pessoas estavam ocupadas com a cauda do meu vestido, que eu não tinha a menor noção de como caberia ali dentro. Respirei fundo ao me sentar e arregalei os olhos, tentando controlar o choro. Tinha medo de levar os dedos ao rosto e borrar a maquiagem, então fiquei quieta.

Meus unicórnios começaram a trotar lentamente, como se ninguém tivesse pressa para nada. Passamos pelas ruas do *Magic Kingdom*, o parque onde ficava o Castelo de Cinderela, e ao me dar conta disso, meu corpo gelou. Seria possível isso acontecer de verdade? Era possível avistar suas torres altas e iluminadas, mesmo com o parque vazio àquele horário. E conforme fui me aproximando do local, meu coração foi se agitando junto comigo.

Sentia que estava com taquicardia e não conseguia mais manter minha respiração controlada. O breve passeio de carruagem trazia um ventinho até o meu rosto e os meus braços, que me deixava ainda mais nervosa. Quando os meus unicórnios foram quase parando, as lágrimas me cegaram ao visualizar a alameda que tinha o Castelo ao fundo e na parte central dela, um tapete branco tinha sido estendido, algumas cadeiras douradas serviam para os poucos convidados permanecerem sentados e arranjos de flores brancas com candelabros davam o toque final.

Além de toda a decoração, o Castelo iluminado roubava quase toda a cena, mas não era mais impressionante que meu príncipe encantado encarnando o personagem, vestido todo de branco com as mãos para trás das costas.

Ajudaram-me a descer da carruagem quando “*A Dream Is A Wish Your Heart Make*”, tema de Cinderela, começou a tocar. Não pela orquestra posicionada à lateral das cadeiras. O som vinha diretamente do *show* particular que o Castelo proporcionava, começando a brilhar em suas mais diversas cores e tocando a minha entrada para o parque inteiro escutar.

Tive medo de cair porque minhas pernas estavam fracas demais e eu não parava de chorar. Não acreditava ainda que Arthur tinha criado um conto de fadas para ser nosso casamento. Não acreditava que ele pudesse ser tão mais perfeito do que eu imaginava. Que tinha pensado em tudo aquilo e tinha acertado em cada detalhe mesmo sem me envolver. Eu realmente me sentia uma princesa da Disney, enquanto caminhava devagar em sua direção.

Bruno e Gabriela eram os padrinhos e ela usava um vestido com as cores do arco-íris, todo em tons pasteis, combinando com a gravata do seu marido e do meu príncipe, nas mesmas tonalidades.

Respirei fundo várias vezes e quando parei diante dele, o homem reverenciou todo pomposo, com uma mão no peito e outra atrás das costas, antes de me estender uma delas e eu aceitar. Eu só não estava me sentindo pior por chorar tanto porque o rosto dele estava igualmente molhado.

— Perfeito — murmurei, quase gaguejando. — Amo você.

Arthur

Bruno tinha enxugado minha testa dez vezes enquanto esperávamos pela chegada da carruagem, pois no fundo eu temia que desse uma louca em Marina e ela não aparecesse. Podia esperar tudo do meu unicórnio encantado.

Olhei mais uma vez na direção de Milena, a última que estive com Nina, e a loirinha levantou os polegares para mim pela terceira vez, como se indicasse que estava tudo bem. E então, descobri que estava mesmo e que meu coração já podia se acalmar.

A carruagem parou lá na outra ponta, a uns vinte metros de distância, e a música do castelo atrás de nós começou a tocar. Não que eu tenha me importado com isso, podia estar tudo em silêncio e pegar fogo em alguma das torres que nem assim eu desviaria meus olhos daquela perfeição.

Não consegui conter o choro por tantos motivos. Minha menina, minha mulher, meu amor. Por tantas vezes imaginei ver Marina vestida de noiva, mas não dessa

posição. Quando em meus mais loucos sonhos eu poderia imaginar isso acontecendo? Meu bem mais precioso deslizando lentamente na minha direção, atraída como um ímã até mim. Queria muito saber o que estava passando naquela cabecinha, porque sabia que devia estar um turbilhão de emoções.

Funguei, impactado demais pela visão. O vestido... Era algo descomunal, que brilhava tanto no meio da noite que parecia até usar alguma tecnologia em *LED*. A saia volumosa dançava ao redor dela conforme caminhava segurando o buquê de lírios brancos. Era uma princesa de carne e osso, que se aproximava cada vez mais.

— Perfeito — disse ela, quase gaguejando, quando peguei suas mãos. — Amo você.

— Eu sou, definitivamente, o homem mais sortudo do mundo. Amo você, Uni.

Depositei um beijo casto em sua testa e a guiei de frente para o juiz de paz que celebraria nossa união. Não foi uma cerimônia longa porque existia horário cronometrado para tudo ali no parque, então quando chegou a hora de trocarmos nossos votos, me dei conta de como tinha passado rápido.

— Fui pega de surpresa e não tive tempo de preparar nada — disse ela, sorrindo, e enxuguei uma lágrima acumulada em cima de seu lábio. — Acho que todo mundo

que me conhece um pouco sabe da minha fixação pelo meu príncipe encantado, mas assim como as histórias criadas aqui nesse lugar mágico, a minha também era puramente baseada na ficção. Eu não podia ter tanta sorte de conquistar o coração do homem mais gentil, mais carinhoso, mais romântico que existe e que, ainda por cima, era quase um irmão para mim. Queria muito que o Lipe estivesse aqui porque, de certa forma, não nos conheceríamos se não fosse ele.

Marina fechou os olhos e parou de falar, estava muito emocionada e a maquiagem em suas bochechas começava a borrar. Apertei os dedos que eu segurava e toquei seu rosto, enxugando-o um pouco.

— Enfim... — Ela respirou fundo e ergueu o braço para o alto. — Chupa, Walt Disney! Eu tenho meu príncipe da vida real!

Os convidados gargalharam junto comigo e antes de começar a falar, me dei um tempo para enxugar meus próprios olhos. Marina me olhava com expectativa e ao voltar a tocá-la, deixei suas mãos de lado e segurei sua cintura. Tinha gastado uma verdadeira fortuna naquele vestido e ela estava maravilhosa demais para manter meus dedos longe por muito tempo.

— Demorei um tempo para entender e aceitar meus sentimentos, você sabe disso. Achava errado demais, até

que me dei conta de que não era. Eu sou apenas o homem mais sortudo de todos, porque enquanto muitas pessoas passam a vida inteira procurando a alma gêmea delas, a minha esteve perto de mim desde que nasceu. Fui privilegiado por acompanhar cada fase da sua vida e vê-la desabrochar nessa linda mulher. Fui arrebatado quando a segurei no colo pela primeira vez, mesmo que jamais tivesse imaginado o que aconteceria quase vinte anos depois. Eu estive do seu lado e você do meu, nos momentos mais importantes das nossas vidas. Perdemos e ganhamos juntos, e fomos essenciais para a superação um do outro, porque nós sempre fomos família. Você sempre foi minha segunda parte, Marina. E Felipe, talvez tenha vindo com esse propósito, de juntar duas almas que se completavam. Você é minha luz, meu unicórnio, e esse momento, sem dúvida, é o nosso arco-íris.

Ignoramos o juiz de paz e nos abraçamos por vários segundos, nos apoiando e nos dando esse momento que era tão forte para nós dois.

Depois de todo o choro e o restante da cerimônia, selamos o final com um beijo nada padrão de Disney e unimos nossas mãos. A orquestra começou a tocar “*A Whole New World*” enquanto os fogos de artifício do Castelo iluminavam o céu acima de nossas cabeças. Tomando cuidado para não cair em cima do vestido muito

volumoso, abracei Marina pela cintura e tirei seus pés do chão, enquanto ela olhava embasbacada para a chuva de brilho e cores que encerrava nosso momento de conto de fadas.

Ela segurou meu rosto e sorriu, com os lábios trêmulos pela emoção.

— Você não acha que a Disney devia fazer uma história sobre o príncipe e o unicórnio?

— Acho que seria impróprio para crianças — respondi, colocando-a de volta ao chão e ajeitando o véu torto em sua cabeça. — Nós já fizemos nossa história, Uni. Não precisamos de mais ninguém para contá-la. Porém... Dá só uma olhada.

Apontei na direção do céu quando eu soube que a última leva de fogos de artifícios foi estourada, exatamente no tempo em que me foi informado previamente. Marina levantou o rosto mais uma vez e eu a acompanhei. Em meio aos jatos de cores brilhantes, os desenhos de uma coroa de príncipe e um chifre de unicórnio se sobressaíam em cores vivas até começarem a esmaecer lentamente, enquanto eu a puxava em direção à carruagem.

Depois de nos acomodarmos, ela apoiou a cabeça em meu ombro e segurou minha mão. Beijeí sua cabeça por cima do véu e abracei minha mulher, aquela que eu

amaria até mesmo nas próximas vidas. Mas nesta, por enquanto, ainda tínhamos muita história para escrever.



Arthur

Dois anos depois

Quais são as chances de você ter um filho e ele nascer no mesmo dia do aniversário de um dos pais? E quais são as chances de isso acontecer com sua filha e sua esposa? Porque se não era uma pegadinha muito forte do destino, o que mais seria aquilo?

Olhei para as duas mulheres da minha vida, ambas vestidas de unicórnio, porém, com suas respectivas proporções. Alice era um bebê de um ano de idade e usava um *body* branco com uma saia de tule toda colorida, que deixava enorme sua bunda com fralda, e ainda tinha a cabeça enfeitada com um arco de unicórnio. Marina estava vestida praticamente igual, a diferença ficava por conta da bunda sem fralda, mas arrebitada igual a da filha.

Todos tinham se reunido ao redor da enorme mesa do bolo toda colorida para cantarmos os parabéns. Um aninho de Alice contra os vinte e dois de Nina, a desculpa

perfeita para minha mulher fazer uma festança para quase duzentos convidados e poder comemorar com o tema pelo qual era obcecada.

Dois meses antes de nossa filha nascer, tínhamos nos mudado para uma casa perto de Bruno, com um jardim enorme, bem do jeito que Marina sonhava, e me vi sendo obrigado a alugar a porcaria de um carrossel de unicórnios para enfeitar o evento. Com a desculpa de fazer tudo por Alice, minha esposa já tinha se enfiado cinco vezes naquela coisa giratória e fui forçado a tirá-la de lá para podermos cantar os parabéns, antes que os convidados fossem embora.

Posicionei-me atrás dela, tocando sua cintura com uma mão e balançando os dedinhos da minha mini Uni, que estavam enroscados no meu polegar. Eu era o verdadeiro macho babão totalmente de quatro pela minha família e depois do nascimento de Alice, não tinha mais espaço para nada em minha vida além daquelas duas mulheres.

— Rá! Ti! Bum! Alice! Marina! Alice! Marina!

Nossos amigos cantavam enquanto as velas jorravam aquelas chamas coloridas e minha pequena soltava gritinhos animados. Apesar de ter nascido com meus olhos e minha boca, ela tinha a personalidade

idêntica a da mãe, totalmente agitada e sorridente, uma criaturinha mágica.

Marina virou o rosto e me deu um selinho, muito feliz, balançando nossa filha nos braços. Ela passou Alice para o meu colo porque eu era mais alto e poderia incliná-la com mais facilidade na direção do bolo, depois que retiramos a vela de chamadas. Minha princesa bateu as mãos minúsculas uma na outra e, sem querer, meteu os dedos gordinhos no topo da cabeça do unicórnio de pasta americana, arrancando algumas risadas. Deixei que o fotógrafo registrasse aquele momento antes de sairmos de trás da mesa para que os garçons pudessem iniciar o serviço de servir os pratos.

Com Alice apoiada em meu braço direito, toquei as costas de Nina com a outra mão e a apoiei sobre sua bunda que a saia não escondia totalmente. Como não era nem louca de ficar mostrando o material assim para todo mundo ver, ela tinha vestido um *shortinho* branco por baixo.

— Está feliz? — perguntei, sorrindo quando ela deslizou os dedos pela minha barba.

— Muito! Já estou pensando na festa de dois anos — disse, gesticulando com os braços. — Acho que ficaria o máximo cobrirmos todo o gramado com espuma siliconada para imitar as nuvens e dá para montar um arco-íris que...

— Você quer outra festa de unicórnio?

Ela me encarou como se eu tivesse perguntado o óbvio e só consegui rir daquela maluca que carregava meu nome.

— Qual o problema? — Nina cruzou os braços e franziu os lábios. — Por acaso eu reclamo quando você compra vinhos de dez mil reais mesmo sabendo que eu detesto o sabor?

— Você sabe que me apaixono mais cada vez que você me olha com essa carinha enfezada?

— Caros amigos, a festa está lindíssima! — Bruno nos interrompeu, segurando um Levi meio sonolento no colo. — Mas Gabriela pediu para avisar que assim que comer o bolo, nós vamos embora. Ela já passou da cota diária.

Lancei um olhar na direção de minha amiga, sentada na mesa com cara de derrota, cheia de motivos para estar esgotada, afinal de contas, carregava uma barriga de sete meses de gravidez. Eles estavam esperando pelo segundo filho, novamente um menino, e quando me contaram, eu não sabia se felicitava ou oferecia uma vodca para os dois. Filhos eram maravilhosos, mas davam um trabalho danado.

— Vou pedir para levarem logo bolo e docinhos para a Gabi, assim vocês podem ir logo embora — disse Nina.

Nossa atenção foi desviada para a saia de Alice que estava sendo puxada pelos dedos ágeis de Levi. Minha princesinha chegou a ficar com a fralda de fora porque a prole do safado do Bruno estava puxando ao pai.

— O que você anda ensinando para o seu filho? — perguntei, bagunçando o cabelo do pequeno e puxando a saia da minha filha de volta para o lugar.

— Ele gosta de mulher. O que posso fazer?

— Ensinar boas maneiras — respondi, segurando a nuca de Alice e me virando para Marina. — Já deixo avisado que não quero Levi brincando de médico com minha princesa. Você fique de olho nisso quando ela crescer.

— Eles serão grande amidos — disse Nina, sorrindo para o pequeno sedutor. — Não é, Levi? Você tem que ser o protetor da Alice quando ela precisar.

— Ela tem pai — intervi naquela conversa absurda. — Não precisa de nenhum homem ciscando no terreno.

— Meu garoto vai ensinar a ela as melhores coisas da vida.

Bruno tinha perdido a noção do perigo, exibindo aquele sorriso ridículo e patético. Resisti à vontade de dar um pontapé em suas bolas porque estava segurando Alice, mas aquela brincadeirinha não seria esquecida.

— Ele sempre foi meio ciumento comigo, mas acho que a situação triplicou depois que Alice nasceu — Marina comentou, piscando para Bruno e pedindo licença ao nos deixar a sós.

— Gatinha — disparou Bruno, jogando um beijo para minha filha antes de voltar à sua mesa.

— Perverso! — gritei, chamado a atenção de Gabriela, que riu e revirou os olhos.

Abracei minha filha, colando-a ao meu peito e beijando sua testa tão delicada.

— Papai nunca vai deixar que esses abutres se aproximem de você. Pode confiar.

Ela soltou um gritinho e riu, concordando com minha promessa e a apertei mais em meus braços, rezando para que continuasse daquele tamanho pelos próximos vinte anos.

Não a soltei pelo restante da festa, até que todos os convidados fossem embora e eu encontrasse Marina deitada no tapete branco da sala de televisão, toda relaxada e de pernas abertas. Naquele momento, queria que o *short* branco não estivesse ali para que eu pudesse ter uma visão privilegiada, mas me contentei somente em me deitar ao seu lado, colocando Alice sentada entre nós.

— Eu sou o velho e você que cansou?

— Tenho motivos para isso — respondeu, virando-se de lado e passando uma perna por cima da minha. — Amo você, príncipe. E estou esperando mais um filho seu.

Graças a Deus estava deitado ou teria desmaiado. Precisei me sentar, segurando Alice para ter onde apoiar minhas mãos, e encarando uma Marina sorridente. Ela se ajoelhou diante de mim e passou os braços pelos meus ombros, me enchendo de beijos no rosto.

— Você e Gabriela estão combinando? — perguntei.

— Ela tem sido um pouco mais rápida. Mas acho que tem alguma coisa contaminando a água da firma de vocês.

Enquanto Alice se soltava de mim e começava a engatinhar pelo tapete, eu empurrei Nina para trás e a fiz se deitar de costas, subindo em seu corpo com cuidado e beijando sua boca gostosa.

— Estou preparado para os cinco — avisei, dando um selinho nela. — O segundo vou tirar de letra. Amo você, Uni.

Puxei a saia do pequeno e levado unicórnio quando Alice começou a se afastar demais e a trouxe para junto de nós. Suas mãozinhas tocaram o rosto da mãe, o primeiro amor da minha vida, e beijei as duas antes de escorregar um pouco para baixo e baixar a saia de tule de Nina. Deitei minha cabeça em sua barriga e tentei sentir alguma coisa, mas a gravidez ainda devia estar muito no início.

Somente algumas semanas depois é que fui descobrir que o unicórnio estava carregando nosso primeiro menino. O ser encantado e mágico era ela, minha pequena mulher, mas eu era o felizardo que tinha sido presenteado com um pote de ouro no final do arco-íris.



Agradecimentos

Começo agradecendo especialmente a Papai do Céu por me conceder a oportunidade de iniciar e terminar mais este trabalho num momento tão delicado na história do nosso mundo. Passei por muitos sentimentos durante a escrita desse livro e ele me segurou no início de tudo, quando a crise de ansiedade atacou forte.

Queria poder abraçar cada uma das minhas meninas do Wattpad, meus *calos fofos* mais lindos que arrebutaram dessa vez. O que vivi com vocês nessas metas batidas com comentários foi surreal. Obrigada por fazerem parte de cada pedacinho dessa história, por acolherem o príncipe e o unicórnio, por me animarem todos os dias. O mesmo vale para minhas maravilhosas do Whatsapp (e agora tem até Telegram), das redes sociais que pipocam por aí. Sério, vocês são demais! Vou sentir uma saudade danada da meia-noite.

Minhas betas queridíssimas que aturaram meus surtos e minha memória inexistente, Geisa e Jessica,

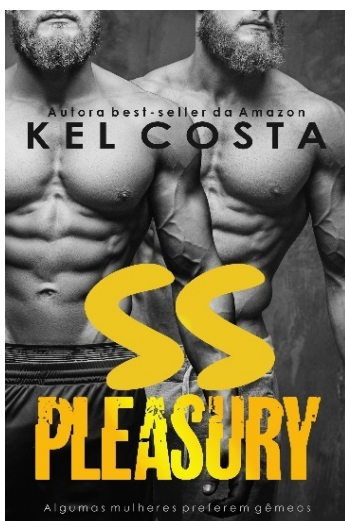
obrigada!

Minha mãezinha, desculpa por fazê-la surtar sem companhia justo na quarentena. Sei que não foi fácil me aguentar trancada 24h no quarto. Amo você!

A cada um que comprar, ler e compartilhar a experiência com outros leitores, um “obrigada” do tamanho da trombeta do Arthur.

A gente se vê no próximo!

Para conhecer meus outros trabalhos:



[Compre na Amazon](#)

SS PLEASURY

Romance erótico – Livro único

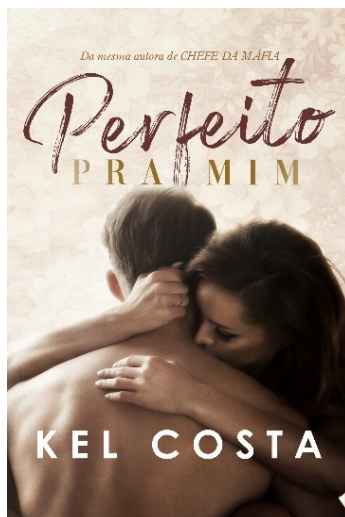
Algumas mulheres preferem gêmeos!

Sexo nunca foi tabu para Alex Simmons, filha do astro pornô mais famoso da indústria americana nas décadas de 80 e 90. A jovem de 23 anos cresceu ciente da profissão de seu pai e sempre manteve uma boa relação com os profissionais desse nicho. Não é à toa que depois da morte dele, ela foi trabalhar como chef particular dos gêmeos mais disputados da atualidade.

Conhecidos pelo nome artístico "SS PLEASURY", a dupla de loiros alemães ganha rios de dinheiro fazendo o que mais gosta: atuando nas maiores produções da indústria pornô. Stephan e Sven Heidemann são os melhores patrões que Alex poderia desejar, mesmo que desde a adolescência ela seja apaixonada por eles, donos de um estilo de vida totalmente promíscuo.

Eles a tratam como "apenas" uma boa amiga, uma menina de quem eles devem tomar conta. Porém, tudo muda quando uma proposta indecente (e alcoolizada) surge entre os três. Será que vale a pena se jogar de cabeça numa situação tão fora dos padrões?

- *Este livro possui uma proposta diferente e trata sobre relacionamento a três. Se é contra relações poliamorosas, talvez não seja a história certa para você.*



[Compre na Amazon](#)

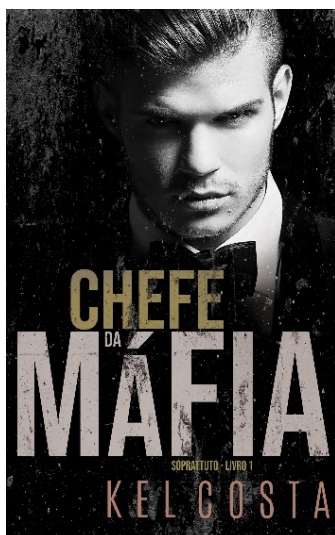
Perfeito pra mim

Romance de volume único

Rosa é uma médica veterinária porto-riquenha, moradora do Brooklyn, que trabalha numa multinacional da construção naval para pagar as contas. A jovem não tem sorte no amor, suas experiências sexuais e amorosas foram desastrosas, e ela tem o grave defeito de se apaixonar facilmente. Quando conhece o cadeirante Christopher no elevador da empresa, Rosa se impressiona por ele ser tão comunicativo, engraçado e charmoso. Os dois vão se envolvendo naturalmente e ela não faz a menor ideia do pequeno segredo que ele esconde por motivos pessoais.

Rosa não gostaria de se apaixonar de novo porque sabe que tem o dedo podre e só se ferra em relacionamentos. Mas é impossível não se encantar pelo dono do sorriso mais impressionante de todos. Sem saber o que esperar de uma relação com um paraplégico sedutor, a veterinária acaba descobrindo que a perfeição está muito além do que a sociedade enxerga.

Um romance sobre superação, amor e altas doses de cenas quentes. Conteúdo para maiores de 18 anos.



[Compre na Amazon](#)

Chefe da Máfia

Volume 1 da trilogia Soprattutto

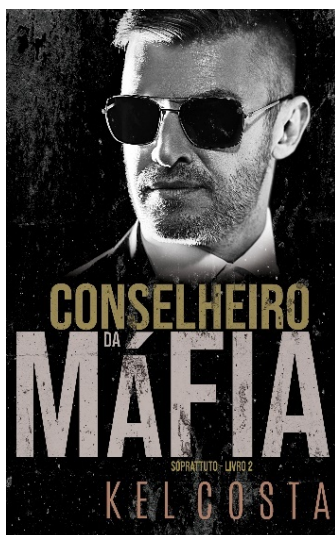
Aos sete anos, Giovanna Mancini foi apresentada ao homem com quem um dia se casaria, dezesseis anos mais velho. De uma família tradicional da Sicília, ela crescera sendo treinada para respeitar e obedecer ao futuro marido. Aos doze, um sentimento novo começou a brotar no coração da adolescente. Mesmo que ele só a enxergasse como uma criança boba, ela se sentia apaixonada por aquele que, um dia, seria o chefe da máfia siciliana. Aos dezessete, a única coisa que desejava era ser livre, principalmente bem longe do noivo arranjado.

Pietro Fillipo Greco se tornara o chefe dos chefes após a morte do pai. A vida seguia os passos esperados e, assim que a jovem completasse vinte e um anos, o Don se

casaria com Giovanna. Gostava das mais velhas e experientes, mas conhecia a beleza da jovem e sua educação exemplar. O que não estava em seus planos foi a ligação que recebeu de sua mãe, pedindo que resgatasse Giovanna dos problemas em que ela mesma se metia e a mantivesse sob seus cuidados até o dia do casamento, quando se tornasse maior de idade. Contrariado em ter que levar uma garota de dezessete anos para dentro de casa e ter que lidar com a rebeldia dela, Pietro se dá conta de que terá que domar a fera de olhos azuis, nem que seja a última coisa que faça em vida.

O romance da máfia com mais de 18 milhões de leituras!

Conteúdo adulto +18. Contém linguagem adulta, gatilhos emocionais e cenas eróticas. Não se trata de um romance dark.



[Compre na Amazon](#)

Conselheiro da Máfia

Volume 2 da trilogia Soprattuto

Traições. Amores proibidos. Tráfico humano.

Tudo cai como uma bomba na cabeça do novo consigliere da Soprattuto antes mesmo que ele consiga sentir o gostinho do poder. Ele foi treinado para ser o melhor e mais discreto naquilo que nasceu para fazer: ser um soldado da máfia, o homem que guarda a vida do Don ao se tornar a sombra dele, o que envolve muito mais que apenas força física. Carlo Moretti por muito tempo escolheu abdicar dele mesmo em prol de ser o melhor homem da Soprattuto. Dono de elegância e educação que chamam a

atenção das mulheres, ele também se tornou o mais sagaz, perigoso e mortal para seus inimigos.

Sendo obrigado a encarar novos desafios, principalmente sobre os assuntos do coração, Carlo se vê no meio de uma das maiores crises pela qual a família Greco já passou. Ele se sente perdido entre a razão e a paixão, ao mesmo tempo em que luta para fazer jus à sua nova posição e trazer justiça a quem merece - e sofrimento aos responsáveis.

Este livro possui conteúdo que pode acionar gatilhos emocionais. Conteúdo para maiores de 18 anos.

Não se trata de romance dark.



[Compre na Amazon](#)

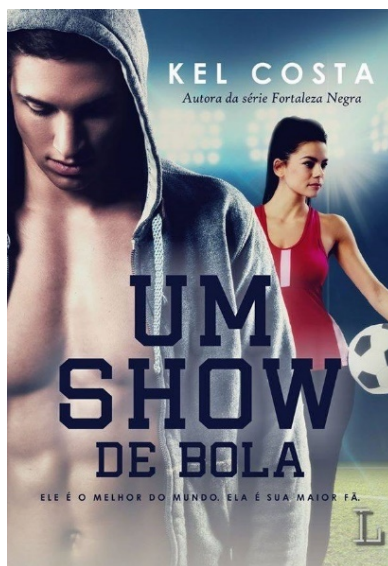
Sedutora Amizade

Romance de livro único

Sarah é uma jovem que gosta de viver a vida intensamente e não costuma se amarrar a homem nenhum. Michael é um escritor nerd, tímido e dono de livros que se tornaram best-sellers mundiais. Os dois são melhores amigos, muito íntimos, até dividem o mesmo apartamento. Mas relação tão sólida e quase fraternal começa a se modificar quando Michael cria Melanie, a protagonista de seu novo livro, inspirada fisicamente em Sarah. Não seria nada tão absurdo, se a personagem não fosse uma garota de programa.

Onde acaba a ficção e começa a realidade, nem mesmo Michael consegue controlar, pois ele descobre não ser fácil manter a tensão sexual apenas dentro das páginas de seu livro, quando a tentação dorme no quarto ao lado.

Sedutora Amizade possui uma narração diferenciada. O leitor contará com capítulos narrados pelos dois amigos e, ainda, por Melanie vivendo sua própria história dentro do livro.



[Compre na Amazon](#)

Um Show de Bola

Volume 1 da duologia Artilheiros

Tudo que a carioca Duda Ferrari mais desejava na vida era ser jogadora de futebol e assinar contrato com um grande clube. De quebra, ela também adoraria conhecer o seu maior ídolo, aquele por quem era obcecada: o brasileiro Leo Becker, jogador do Barcelona e um dos melhores do mundo.

Os obstáculos da vida, no entanto, não deixaram que Duda seguisse o sonho de criança. Foi preciso desistir da carreira como jogadora, mas, em contrapartida, ela passou por cima de muitos tabus que cercam o mundo do futebol e conseguiu um estágio como preparadora física no maior clube carioca, o Gladiadores Atlético Clube.

Logo ela descobre que o Barcelona acordou um empréstimo para que Leo Becker possa jogar por seis meses no Gladiadores e a garota nem consegue acreditar na sorte que tem. De volta ao Brasil, um dos jogadores mais caros do mundo está prestes a mudar totalmente a vida de uma fã.

Gostou do livro? Espero que sim! Por favor, não deixe de avaliar a história na Amazon. É muito importante para mim, pois dessa forma outros leitores poderão ler sua opinião e decidir se querem ou não conhecer a história desse trisal quente.

Fique à vontade também para indicar o livro para outras pessoas!

Se quiser falar comigo, vem de rede social:

Instagram: [@kelcosta.oficial](#)

Facebook: [Kel Costa](#)
[Meu site](#)

Um beijo,
Kel

[1] Caio, Ramon e Gabriela são personagens do livro “À Sua Espera”, da autora Tamires Barcellos, com previsão de lançamento na Amazon em maio/2020.